

Programa Interuniversitário de Doutoramento em Sociologia

Conhecimento para Sociedades Abertas e Inclusivas

*TRANSBORDER HIMALAYA: PROCESSOS DE TRANSNACIONALISMO NOS  
EMPRESÁRIOS E TRABALHADORES NEPALESES EM LISBOA*

VOLUME I

Alexandra Cristina Santos Pereira

Orientador: Prof. Doutor João Alfredo dos Reis Peixoto

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor em Sociologia

Júri:

Presidente: Doutor Nuno João de Oliveira Valério

Professor Catedrático e Presidente do Conselho Científico (Instituto Superior  
de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa)

Vogais:

- Doutor João Alfredo dos Reis Peixoto (orientador)  
Professor Catedrático (Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa)
- Doutor José Carlos Laranjo Marques  
Professor Coordenador Principal (Escola Superior de Educação e Ciências Sociais  
do Instituto Politécnico de Leiria)
- Doutor Jorge da Silva Macaísta Malheiros  
Professor Associado (Instituto de Geografia e Ordenamento do Território  
da Universidade de Lisboa)
- Doutor João Filipe de Jesus Marques  
Professor Auxiliar (Faculdade de Economia da Universidade do Algarve)
- Doutora Catarina dos Reis Oliveira  
Professora Auxiliar Convidada (Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas  
da Universidade de Lisboa)
- Doutora Cláudia Patrícia da Cruz Pereira  
Investigadora Integrada (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa  
do Instituto Universitário de Lisboa )

Instituto Superior de Economia e Gestão

Universidade de Lisboa

2019

## RESUMO

No âmbito deste estudo, procuramos analisar os processos de transnacionalismo implicados nas actividades desenvolvidas pelos empresários e trabalhadores nepaleses imigrantes em Lisboa. Em particular, detalhamos as características gerais da recente imigração nepalesa para Portugal e a saliência das redes coétnicas transnacionais, entre os empresários e trabalhadores nepaleses em Lisboa. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e quantitativa, juntando, à observação participante, diário de campo e método etnográfico, a realização de entrevistas semiestruturadas com 36 empresários e 30 trabalhadores nepaleses na cidade de Lisboa. Descrevemos perfis de empresários e trabalhadores nepaleses, nas semelhanças e diferenças registadas entre uns e outros, procuramos determinar se há reconstrução ou reprodução dos grupos étnicos nepaleses na imigração nepalesa e averiguamos as práticas transnacionais entre eles. Escrutinamos os factores determinantes da iniciativa empresarial da imigração nepalesa em Lisboa, e o papel específico das redes coétnicas transnacionais nesse empresarialismo, assim como na inserção dos imigrantes no mercado de trabalho. Traçamos conclusões acerca das características particulares dos empresários nepaleses, detalhamos estratégias de financiamento e o modo de desenvolvimento do seu empreendedorismo, além de justificarmos o uso da designação "economia(s) étnica(s)", para descrever as suas actividades de negócio. Ponderamos, ainda, os modos de transnacionalismo observados e as formas de ajuda ao desenvolvimento do Nepal declaradas. Enfim, comparamos os nossos resultados com aqueles obtidos para outras imigrações sul-asiáticas em Lisboa, e para outras imigrações nepalesas na Europa e no mundo, além de sintetizarmos os nossos contributos e indicarmos algumas vias de pesquisa e indagação futuras.

Palavras-Chave: Transnacionalismo, redes coétnicas, economia(s) étnica(s), imigração nepalesa, empresarialismo imigrante

## ABSTRACT

In this study, we analyze the processes of transnationalism involved in the activities of the Nepalese immigrant entrepreneurs and workers in Lisbon. In particular, we detail the general characteristics of the recent Nepalese immigration to Portugal and the salience of transnational coethnic networks, among Nepalese entrepreneurs and workers in Lisbon. This is a qualitative and quantitative research, combining participant observation, the field diary and ethnographic method, with semi-structured interviews to 36 Nepalese entrepreneurs and 30 Nepalese workers in the city of Lisbon. We describe, in detail, the profiles of the Nepalese businessmen and workers, their similarities and differences, aiming to determine whether there is reconstruction or reproduction of the Nepalese ethnic groups in the Nepalese immigration and exploring transnational practices among them. We scrutinize the main determinants of entrepreneurship for the Nepalese immigration in Lisbon, as well as the specific role of transnational coethnic networks in such entrepreneurship and on the insertion of Nepalese immigrants in the local labor market. We draw conclusions about the particular characteristics of the Nepalese entrepreneurs, detailing their financing strategies and specific ways of entrepreneurial development, and we also justify the use of the term "ethnic economy(ies)", to describe their business activities. Furthermore, we ponder the modes of transnationalism observed and the forms of aid to the development of Nepal, declared by our interviewees. Finally, we compare our results with those obtained regarding other south-asian immigrants in Lisbon, as well as other Nepalese immigrations in Europe and the world - in addition to synthesizing our contributions, and indicating some useful pathways for future research and inquiry.

**Keywords:** Transnationalism, coethnic networks, ethnic economy(ies), Nepalese immigration, immigrant entrepreneurship

## DEDICATÓRIA

Aos amigos, colegas e familiares que incentivaram esta pesquisa,  
apesar das dificuldades humanas, materiais e temporais.

Ao Professor Doutor João Alfredo dos Reis Peixoto, por ser um guia.

À imigração nepalesa em Lisboa, que me acolheu.

«Se não receio o erro, é porque estou sempre disposto a corrigi-lo.»

*Bento de Jesus Caraça*

## AGRADECIMENTOS

A minha profunda gratidão ao professor doutor João Peixoto, que aceitou ser meu orientador de tese, quando este era ainda um sonho muito embrionário. Os seus conhecimentos, indicações precisas e anos de experiência foram fundamentais, assim como a constância do seu apoio, sobretudo nos meus momentos de dúvidas maiores. Muito obrigada pela paciência, confiança, direcção e ensinamentos. Obrigada, ainda, pela persistência e rigor nas indagações e correcções, pelo intransigente e contagiante entusiasmo analítico, como pela amizade - que espero vir a merecer.

Agradeço a toda a equipa do programa doutoral OpenSoc e dos seminários de acompanhamento de tese pelos conhecimentos transmitidos, discussões profícuas e questionamentos construtivos. Também aos meus colegas de doutoramento, pela partilha.

Um agradecimento especial àqueles pesquisadores que amistosamente incentivaram e indagaram sobre o desenvolvimento deste projecto. Como a doutora Cláudia Pereira, que demonstrou confiança em mim para discutir dissertações de mestrado e artigos científicos - assim como para ajudar a desenvolver, entretanto, um outro projecto sobre a imigração nepalesa a trabalhar na agricultura, em Portugal. Lembro ainda os conhecimentos generosamente partilhados pelas doutoras Sara Falcão Casaca, Maria das Dores Guerreiro, Joana Azevedo, Inês Lourenço e Raquel Matias, como pelos doutores Rafael Marques, João Graça, Luís Baptista, Renato Carmo, Fabrizio Cossutta, José Mapril e João Filipe Marques.

Agradeço aos meus familiares pelo esforço enorme dispendido e àqueles amigos que apoiaram esta investigação, mesmo em condições adversas, proporcionando afabilidade e bons conselhos: como François Titov, Khamal Bhattarai, Rodrigo Teló ou Pedro Bartilotti.

Por fim, quero agradecer a todos os participantes deste estudo, que me receberam e aceitaram colaborar nesta pesquisa, demonstrando envolvimento e uma simpatia permanente. Muito obrigada, as informações que me transmitiram foram essenciais e, sem elas, esta tese não se concretizaria.

# ÍNDICE

<b>Introdução</b> .....	1
<b>Capítulo 1: Migrações, Diásporas e Diversidade Cultural</b> .....	4
1.1 Migração, Fronteira, Casa, Territorialidade e Localidade .....	4
1.1.1 Definições e Tipologias de Migração e Migrantes .....	4
1.1.2 Fronteira, Casa, Territorialidade e Localidade .....	14
1.1.2.1 Quebra de Localidade e Desespacialização.....	20
1.2. Raça, Etnicidade e Construção da Identidade Imigrante .....	23
1.2.1 Raça e Etnicidade .....	23
1.2.2 Construção da Identidade Migrante .....	26
1.3. Lugares de Encontro, Identidade e Sentimentos de Pertença.....	30
1.3.1 Lugar, Identidade, Pertença e Estrangeiros .....	30
1.3.2 Lugares de (Des)Encontro, Linguagem e Identidade Cultural .....	33
1.4 Discussões Relativas ao Uso do Conceito de Diáspora .....	35
1.4.1 Definições de Diáspora .....	35
1.4.2 Tipos de Diáspora.....	49
1.4.3 Fases dos Estudos Sobre Diásporas.....	50
<b>Capítulo 2: Transnacionalismo</b> .....	57
2.1 Transnacionalismo, Desterritorialização e Novas Formas de Transnacionalismo Migrante .....	57
2.1.1 Transnacionalismo e Desterritorialização .....	57
2.1.2 Novas Formas de Transnacionalismo Migrante .....	73
2.2 Transnacionalismo Económico.....	76
2.2.1 Indústria da Migração.....	79
2.2.2 Remessas, Comércio Internacional e "Transnational Living" .....	82
2.2.2.1 Remessas .....	82
2.2.2.2 Comércio Internacional .....	86
2.2.2.3 "Transnational Living" .....	90
2.2.3 Empreendedorismo Migrante, Negócio Étnico e Economia Étnica .....	92
2.2.3.1 Empreendedorismo Migrante .....	92
2.2.3.2 Negócio Étnico .....	100
2.2.3.3 Economia Étnica .....	102
2.2.3.3.1 Papel das Redes Coétnicas Transnacionais .....	108

2.2.3.4 Financiamento .....	112
<b>Capítulo 3: Redes Sociais e Redes Migrantes .....</b>	<b>117</b>
3.1 Redes Sociais e Capital Social .....	117
3.1.1 Redes Sociais.....	117
3.1.2 Capital Social .....	122
3.2 Redes Migrantes.....	128
3.2.1 Redes e Trajectórias Migratórias.....	131
3.2.2 Redes e Adaptação no Destino .....	134
3.2.3 Redes, Recursos, Actividades Migrantes e Economia Étnica .....	137
3.2.4 Laços Sociais e Laços Migrantes .....	138
<b>Capítulo 4: Metodologia .....</b>	<b>144</b>
4.1 Abordagem à Investigação .....	144
4.2 Pergunta de Partida e Perguntas-Chave da Pesquisa .....	144
4.3 Hipóteses de Trabalho.....	146
4.4 Passos, Estratégia e Design de Pesquisa .....	148
4.4.1 Passos .....	148
4.4.2 Estratégia de Pesquisa .....	149
4.4.3 Design de Pesquisa.....	151
4.5 Descrição Detalhada da Metodologia .....	153
4.5.1 Indicadores a Pesquisar .....	153
4.5.2 Etapas e Potencialidades e Limitações dos Instrumentos Empíricos .....	158
4.6 Questões de Confidencialidade e Preservação do Anonimato .....	167
4.7 Problemas Encontrados e Revisão de Estratégias.....	167
4.7.1 Problemas Encontrados nas Etapas de Revisão Bibliográfica e Planeamento da Pesquisa.....	168
4.7.2 Problemas Encontrados no Terreno .....	168
4.7.3 Problemas Encontrados na Análise e Interpretação de Dados .....	169
4.7.4 Revisão e Mudança das Estratégias de Pesquisa.....	170
<b>Capítulo 5: Caracterização Geral do Ambiente de Partida, Fluxos Migratórios e Diáspora Nepalesa .....</b>	<b>172</b>
5.1 Ambiente de Partida .....	172
5.1.1 Geografia, Economia e História Política .....	172
5.1.1.1 Geografia.....	173
5.1.1.2 Caracterização Socioeconómica do Nepal .....	174
5.1.1.2 Perspectiva Histórico-Cultural .....	179



5.1.1.2.1 Perspectiva Histórica.....	179
5.1.1.3 História Recente do País .....	187
5.1.1.4 Notícias do Ano 2072.....	188
5.1.2 Sociografia do Nepal .....	192
5.1.2.1 Dados Gerais Sobre a População, Perfis de Género e Perfis Etários .....	192
5.1.2.2 Grupos de Casta e Grupos Étnicos, Perfis Religiosos e Perfis Étnico-Linguísticos .....	196
5.1.2.3 Perfis Profissionais, Sectores de Actividade, Taxas de Actividade e Produtividade .....	202
5.1.2.4 Vida Familiar, Grupos Sociais e Indicadores Específicos.....	203
5.1.2.5 Aspectos Relativos Ao Género.....	204
5.2 Fluxos Migratórios e Diáspora Nepalesa.....	206
5.2.1 Fluxos Migratórios .....	207
5.2.1.1 Fluxos Permanentes.....	207
5.2.1.2 Fluxos Sazonais.....	214
5.2.2 A Diáspora Nepalesa no Mundo .....	217
5.2.3 Modelos de Transnacionalismo e Redes Migrantes na Diáspora Nepalesa .....	223
<b>Capítulo 6: Resultados – Sociografia dos Nepaleses em Portugal .....</b>	<b>233</b>
6.1 Características da Imigração Nepalesa Para Portugal.....	233
6.1.1 Origens, Motivações e Dimensão.....	233
6.1.2 Percursos e Trajectos.....	236
6.2 Caracterização Geral dos Empresários Entrevistados.....	239
6.2.1 Sexo, Idade e Estado Civil .....	239
6.2.2 Grupo Étnico .....	242
6.2.3 Região e Cidade/Aldeia de Origem.....	244
6.2.4 Subcasta, Religião e Grupos Linguísticos .....	247
6.2.5 Tempo de Permanência em Portugal.....	250
6.2.6 Composição do Agregado Familiar.....	251
6.2.7 Viveu ou Trabalhou Noutros Países Europeus (ou Outros) Antes de Portugal? .....	253
6.2.8 Formação e Trajectórias Profissionais .....	253
6.3 Caracterização Geral dos Trabalhadores Entrevistados.....	255
6.3.1 Sexo, Idade e Estado Civil .....	255
6.3.2 Grupo Étnico .....	257
6.3.3 Região e Cidade/Aldeia de Origem.....	257
6.3.4 Subcasta, Religião e Grupos Linguísticos .....	258

6.3.5 Tempo de Permanência em Portugal.....	260
6.3.6 Composição do Agregado Familiar.....	261
6.3.7 Viveu ou Trabalhou Noutros Países Europeus (ou Outros) Antes de Portugal.....	262
6.3.8 Formação, Heterogeneidade, Trajectórias Profissionais e Trabalho Contínuo ou Sazonal .....	262
6.4 O Contexto no Destino .....	265
6.4.1 Contexto Legal e Institucional e Oportunidades Estruturais .....	265
6.4.2 Mercado de Trabalho, Recepção Social e Adaptação no Destino.....	266
6.4.2.1 Mercado de Trabalho Formal .....	267
6.4.2.2 Mercado de Trabalho Informal.....	267
6.4.2.3 Recepção Social e Adaptação no Destino .....	267
6.4.3 Sistema Económico e Bancário, e Estado Social .....	274
6.5 Redes de Sociabilidade.....	274
6.5.1 Redes Comunitárias e Recursos Comunitários .....	275
6.5.2 Associações Étnicas, Redes Étnicas e Recursos Étnicos.....	282
6.5.3 Redes Familiares e Recursos Familiares .....	284
6.5.4 Internacionalização das Redes e Envolvimento Lisboa-Nepal .....	286
6.6 Questões de Género.....	290
6.7 Perspectiva Comparativa em Relação a Outras Imigrações.....	296
6.7.1 Imigrações Sul-Asiáticas em Portugal .....	296
6.7.2 Imigrações Nepalesas e Sul-Asiáticas na Europa.....	297
6.7.3 Imigrações Nepalesas e Sul-Asiáticas no Mundo .....	298
6.8 Conclusões Relativas aos Resultados no Capítulo 6.....	299
<b>Capítulo 7: Economia Étnica e Transnacionalismo Económico .....</b>	<b>301</b>
7.1 Transnacionalismo Económico.....	301
7.1.1 Indústria da Migração.....	301
7.1.2 Empresas e Comércio Étnico .....	302
7.1.2.1 Financiamento .....	302
7.1.2.2 Empreendedorismo Migrante .....	303
7.1.2.2.1 O Pequeno Empreendedorismo de Base Coétnica e Familiar .....	303
7.1.2.2.2 O Grande Empreendedorismo .....	304
7.1.2.3 Comércio Internacional Relacionado com a Migração .....	304
7.1.3 Desenvolvimento, Incluindo Remessas.....	305
7.2 Empresas Étnicas e Transnacionalismo.....	306

7.2.1 Caracterização das Empresas .....	306
7.2.1.1 Heterogeneidade.....	306
7.2.1.2 Número de Empregados .....	306
7.2.1.3 Recrutamento .....	307
7.2.1.4 Investimentos e Financiamento .....	310
7.2.1.5 Parceiros e Estratégias Empresariais Imigrantes.....	313
7.2.1.6 Relações com o Nepal .....	314
7.3 Remessas e Transnacionalismo .....	318
7.3.1 Trabalhadores Étnicos e Transnacionalismo.....	318
7.3.1.1 Para Quem Trabalham e Quem os Recrutou, Com Quem Trabalham .....	318
7.3.1.2 Condições de Trabalho.....	319
7.3.1.3 Percursos e Trajectos Migratórios, e Indústria da Migração .....	320
7.3.1.4 Transnacionalismo .....	323
7.4 Conclusões Relativas aos Resultados no Capítulo 7.....	327
<b>Capítulo 8: Considerações Finais.....</b>	<b>334</b>
8.1 Síntese Geral .....	334
8.2 Conclusões.....	336
8.2.1 Factores Determinantes da Iniciativa Empresarial em Lisboa .....	336
8.2.1.1 Condição Social dos Empresários .....	338
8.2.1.2 Modo de Desenvolvimento do Empreendedorismo .....	338
8.2.1.3 Estratégias de Financiamento.....	340
8.2.1.4 Estratégias Empresariais dos Imigrantes Nepaleses em Lisboa .....	340
8.2.2 Diferenças entre Trabalhadores e Empresários .....	346
8.2.3 Reconstrução dos Grupos Étnicos Nepaleses em Lisboa e Redes Coétnicas Transnacionais.....	348
8.2.4 Economia(s) Étnica(s) .....	352
8.2.5 Transnacionalismo .....	354
8.2.6 Ajuda ao Desenvolvimento do Nepal.....	356
8.2.7 Perspectiva Comparativa - Outras Imigrações Sul-Asiáticas em Lisboa .....	357
8.2.8 Perspectiva Comparativa - Outras Imigrações Nepalesas na Europa e no Mundo ..	358
8.3 Vias de Pesquisa e Indagação Futura .....	359
8.4 Reflexões Finais .....	361
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>365</b>

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1.1 - TIPOS DE MIGRAÇÃO PRIMITIVA .....	11
QUADRO 1.2 - MIGRAÇÃO FORÇADA E MIGRAÇÃO IMPELIDA.....	11
QUADRO 1.3 - CARACTERÍSTICAS COMUNS DAS DIÁSPORAS .....	40
QUADRO 1.4 - SÍNTESE DE ATRIBUTOS DO CONCEITO DE DIÁSPORA.....	48
QUADRO 1.5 - SUMÁRIO A RESPEITO DE ALGUNS ASPECTOS RELEVANTES, PARA INVESTIGAR OS CONCEITOS DE MIGRAÇÃO E MIGRANTES .....	53
QUADRO 1.6 - RESUMO 1: CONCEITO DE DIÁSPORA - DEFINIÇÕES ANALISADAS .....	54
QUADRO 1.7 - RESUMO 2: CONCEITO DE DIÁSPORA - QUATRO VISÕES COMPARADAS .....	55
QUADRO 1.8 - ESPECIFICIDADES SOBRE A EXPERIÊNCIA DIASPÓRICA .....	55
QUADRO 3.1 - CAPITAL SOCIAL: TIPOS E CARACTERÍSTICAS .....	125
QUADRO 3.2 - ANTECEDENTES E EFEITOS DE DOIS TIPOS DE CAPITAL SOCIAL, NAS COMUNIDADES IMIGRANTES .....	137
QUADRO 4.1 - OPERACIONALIZAÇÃO DAS ETAPAS TEÓRICO-PRÁTICAS DA PESQUISA.....	159
QUADRO 4.2 - RESUMO DOS INDICADORES DE FIABILIDADE-FIDELIDADE .....	167
QUADRO 5.1 - INFORMAÇÃO-CHAVE DEMOGRÁFICA, INCLUINDO ASPECTOS POR SEXO - NEPAL, 2016... 195	
QUADRO 5.2 - O PAPEL DA NRNA - OBJECTIVOS E FINS ESTRATÉGICOS.....	220
QUADRO 6.1 - TÓPICOS ESPECÍFICOS RELACIONADOS COM CARACTERÍSTICAS DA IMIGRAÇÃO NEPALESA PARA PORTUGAL .....	233
QUADRO 6.2 - A IMIGRAÇÃO NEPALESA EM LISBOA.....	238
QUADRO 6.3 - FACTORES POTENCIADORES DO FLUXO MIGRATÓRIO NEPALÊS COM DESTINO A PORTUGAL .....	238
QUADRO 6.4 - ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS PARA A IDADE DOS EMPRESÁRIOS NEPALESES ENTREVISTADOS (N=36) .....	241
QUADRO 6.5 - ESTADO CIVIL DOS EMPRESÁRIOS NEPALESES ENTREVISTADOS, EM FREQUÊNCIA E EM FUNÇÃO DO SEXO (N=36).....	242
QUADRO 6.6 - ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS PARA A IDADE DOS TRABALHADORES NEPALESES ENTREVISTADOS (N=30) .....	256
QUADRO 6.7 - ESTADO CIVIL DOS TRABALHADORES NEPALESES ENTREVISTADOS, EM FREQUÊNCIA E EM FUNÇÃO DO SEXO (N=30).....	256
QUADRO 6.8 - ORGANIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO E NEGOCIAÇÃO DE PERTENÇAS PELA IMIGRAÇÃO NEPALESA EM LISBOA: CATEGORIAS DE GRUPOS .....	277
QUADRO 6.9 - FORMAS DE CONSTRUÇÃO E NEGOCIAÇÃO DE PERTENÇAS .....	278
QUADRO 6.10 - REPRESENTAÇÕES DOS SERVIÇOS COMUNITÁRIOS NEPALESES NOS UTENTES E DIRIGENTES ENTREVISTADOS (N = 26) – SÍNTESE DE RESULTADOS.....	279
QUADRO 6.11 - PAPEL DAS RELAÇÕES DE LONGA-DISTÂNCIA E ENVOLVIMENTO LISBOA-NEPAL DA IMIGRAÇÃO NEPALESA EM LISBOA.....	288
QUADRO 6.12 - IDENTIDADE TRANSNACIONAL E CAMPOS SOCIAIS TRANSNACIONAIS DA IMIGRAÇÃO NEPALESA EM LISBOA .....	289

QUADRO 6.13 - O CONCEITO DE DIÁSPORA E A DIÁSPORA NEPALESA .....	290
QUADROS 6.14, 6.15 e 6.16 - COMPARAÇÕES ÚTEIS COM OUTRAS	
IMIGRAÇÕES SUL-ASIÁTICAS RESIDENTES EM LISBOA.....	297

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 5.1 - IMPORTÂNCIA COMPARADA DAS REMESSAS EM PERCENTAGEM DO PIB .....	175
GRÁFICO 5.2 - NÚMERO TOTAL DE AUTORIZAÇÕES DE TRABALHO NO EXTERIOR, EMITIDAS ANUALMENTE NO NEPAL, ENTRE OS ANOS DE 2008/09 E 2014/15 .....	176
GRÁFICO 5.3 - EVOLUÇÃO DO PIB DO NEPAL ENTRE OS ANOS DE 2006-2015 .....	176
GRÁFICO 5.4 - EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DO NEPAL - 1950 A 2100 .....	193
GRÁFICO 5.5 - PIRÂMIDE POPULACIONAL DO NEPAL EM 2016 .....	194
GRÁFICO 5.6 - PERCENTAGEM DE POPULAÇÃO NEPALESA POR SEXO, EM 2011 .....	195
GRÁFICO 5.7 - PERFIL DEMOGRÁFICO RELIGIOSO, EM 2011 .....	197
GRÁFICO 5.8 - 10 PRINCIPAIS LÍNGUAS-MÃE NO NEPAL, EM PERCENTAGEM DA POPULAÇÃO .....	201
GRÁFICO 5.9 - ATRACTIVIDADE DO DESTINO PARA OS MIGRANTES NEPALESES, EM FUNÇÃO DO QUINTIL DE RIQUEZA .....	208
GRÁFICO 5.10 - PERFIS COMPARADOS DA POPULAÇÃO TOTAL DO NEPAL E DO SEU STOCK DE MIGRANTES, POR IDADE E SEXO, EM 2013 .....	212
GRÁFICO 5.11 - PRINCIPAIS DESTINOS DOS TRABALHADORES EMIGRANTES NEPALESES, EM 2009 .....	214
GRÁFICO 6.1 - POPULAÇÃO ESTRANGEIRA COM ESTATUTO LEGAL DE RESIDENTE EM PORTUGAL: TOTAL E POR CONTINENTES (1980-2009) .....	237
GRÁFICO 6.2 - INFLUXO DE MIGRANTES NEPALESES PARA LISBOA, POR SEXO (2008-2013) .....	237
GRÁFICO 6.3 - SEXO DOS EMPRESÁRIOS NEPALESES ENTREVISTADOS, EM PERCENTAGEM (N=36) .....	240
GRÁFICO 6.4 - INTERVALOS ETÁRIOS DOS EMPRESÁRIOS NEPALESES ENTREVISTADOS, POR SEXO E EM FREQUÊNCIAS (N=36) .....	241
GRÁFICO 6.5 - GRANDES REGIÕES ONDE SE INTEGRAM AS CIDADES/ALDEIAS DE ORIGEM DOS EMPRESÁRIOS NEPALESES ENTREVISTADOS, EM FREQUÊNCIA (N=36) .....	246
GRÁFICO 6.6 - RELIGIÃO AUTO-DECLARADA PELOS EMPRESÁRIOS NEPALESES ENTREVISTADOS, EM FREQUÊNCIA (N=36) .....	249
GRÁFICO 6.7 - GRUPOS LINGÜÍSTICOS AUTO-DECLARADOS PELOS EMPRESÁRIOS NEPALESES ENTREVISTADOS, EM FREQUÊNCIA (N=36) .....	250
GRÁFICO 6.8 - TEMPO DE PERMANÊNCIA EM PORTUGAL DOS EMPRESÁRIOS NEPALESES ENTREVISTADOS, EM FREQUÊNCIA E POR INTERVALO DE ANOS (N = 36) .....	251
GRÁFICO 6.9 - ANOS DE ENTRADA EM PORTUGAL DOS EMPRESÁRIOS NEPALESES ENTREVISTADOS, EM FREQUÊNCIA (N=36) .....	251
GRÁFICO 6.10 - COMPOSIÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR DOS EMPRESÁRIOS NEPALESES ENTREVISTADOS, EM FREQUÊNCIAS E POR TIPO DE AGREGADO (N=36) .....	252

GRÁFICO 6.11 - EMPRESÁRIOS NEPALESES ENTREVISTADOS QUE VIVERAM OU TRABALHARAM NOUTROS PAÍSES EUROPEUS / DO MÉDIO ORIENTE ANTES DE PORTUGAL, EM FREQUÊNCIA (N=36) .....	253
GRÁFICO 6.12 - ÁREAS DE ACTUAÇÃO AUTO-DECLARADAS PELOS EMPRESÁRIOS NEPALESES ENTREVISTADOS, EM FREQUÊNCIA (N=36).....	254
GRÁFICO 6.13 - SEXO DOS TRABALHADORES NEPALESES ENTREVISTADOS, EM PERCENTAGEM (N=30)..	255
GRÁFICO 6.14 - INTERVALOS ETÁRIOS DOS TRABALHADORES NEPALESES ENTREVISTADOS, POR FREQUÊNCIA E SEXO (N=30).....	256
GRÁFICO 6.15 - GRUPO ÉTNICO DOS TRABALHADORES NEPALESES ENTREVISTADOS, EM FREQUÊNCIA (N=36) .....	257
GRÁFICO 6.16 - CIDADE/ALDEIA DE ORIGEM DOS TRABALHADORES NEPALESES ENTREVISTADOS, EM FREQUÊNCIA (N=30) .....	258
GRÁFICO 6.17 - SUBCASTA DOS TRABALHADORES NEPALESES ENTREVISTADOS, EM FREQUÊNCIA (N=30) .....	258
GRÁFICO 6.18 - RELIGIÃO DOS TRABALHADORES NEPALESES ENTREVISTADOS, EM FREQUÊNCIA (N=30) .....	259
GRÁFICO 6.19 - GRUPO LINGUÍSTICO DOS TRABALHADORES NEPALESES ENTREVISTADOS, EM FREQUÊNCIA (N=30).....	260
GRÁFICO 6.20 - TEMPO DE PERMANÊNCIA EM PORTUGAL DOS TRABALHADORES NEPALESES ENTREVISTADOS, EM FREQUÊNCIA E POR INTERVALOS DE ANOS (N=30).....	260
GRÁFICO 6.21 - ANOS DE ENTRADA EM PORTUGAL DOS TRABALHADORES NEPALESES ENTREVISTADOS, EM FREQUÊNCIA (N=30).....	261
GRÁFICO 6.22 - COMPOSIÇÃO AGRUPADA DO AGREGADO FAMILIAR DOS TRABALHADORES NEPALESES ENTREVISTADOS, EM FREQUÊNCIA (N=30).....	261
GRÁFICO 6.23 - TRABALHADORES NEPALESES QUE VIVERAM OU TRABALHARAM NOUTROS PAÍSES EUROPEUS /DO MÉDIO ORIENTE ANTES DE CHEGAR A PORTUGAL, EM FREQUÊNCIA (N = 30).....	262
GRÁFICO 6.24 - ÁREAS DE ACTUAÇÃO AUTO-DECLARADAS PELOS TRABALHADORES NEPALESES ENTREVISTADOS, EM FREQUÊNCIA (N=30).....	264
GRÁFICO 6.25 - TRABALHO CONTÍNUO OU SAZONAL DOS TRABALHADORES NEPALESES ENTREVISTADOS, EM FREQUÊNCIA (N=30).....	264
GRÁFICO 6.26 - DECOMPOSIÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES DOS SERVIÇOS COMUNITÁRIOS NEPALESES PARA DIRIGENTES ENTREVISTADOS EM LISBOA/PRESENCIALMENTE E NA EUROPA E NEPAL/ONLINE (N = 11).....	280
GRÁFICO 6.27 - MAPEAMENTO DAS COMUNIDADES IMIGRANTES E SEUS MEIOS DE INFORMAÇÃO EM PORTUGAL.....	281
GRÁFICO 7.1 - NÚMERO DE EMPREGADOS DECLARADOS PELOS EMPRESÁRIOS NEPALESES ENTREVISTADOS, EM PERCENTAGEM E EM FUNÇÃO DO TAMANHO DOS NEGÓCIOS RESPECTIVOS (N=36) .....	307
GRÁFICO 7.2 - PRINCIPAIS CRITÉRIOS DE RECRUTAMENTO DECLARADOS PELOS EMPRESÁRIOS NEPALESES ENTREVISTADOS, EM FREQUÊNCIA (N=36).....	308

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 3.1 - DENSIDADE E CENTRALIDADE NAS REDES SOCIAIS - A.....	118
FIGURA 3.2 - DENSIDADE E CENTRALIDADE NAS REDES SOCIAIS - B .....	119
FIGURA 3.3 - ENQUADRAMENTO EXPLORATÓRIO PARA COMPREENDER AS REDES E LAÇOS TRANSNACIONAIS .....	140
FIGURA 5.1 - MAPA POLÍTICO DO NEPAL .....	172
FIGURA 5.2 - MAPA TOPOGRÁFICO DO NEPAL .....	173
FIGURA 6.1 - REGIÃO E CIDADE/ALDEIA DE ORIGEM DOS EMPRESÁRIOS NEPALESES, EM FREQUÊNCIA (N=36) .....	245
FIGURA 6.2 - REGIÃO DE ORIGEM DOS TRABALHADORES NEPALESES ENTREVISTADOS, EM FREQUÊNCIA (N=30) .....	257
FIGURA 6.3 - LOGÓTIPOS DE DOIS GRUPOS COMUNITÁRIOS DA IMIGRAÇÃO NEPALESA EM LISBOA.....	278
FIGURA 6.4 - REPRESENTAÇÕES DOS SERVIÇOS COMUNITÁRIOS NEPALESES NOS UTENTES ENTREVISTADOS EM LISBOA/PRESENCIALMENTE E NO NEPAL/ONLINE (N = 15).....	280
FIGURA 6.5 - IMIGRANTES NEPALESES RECLAMANDO DIREITOS LEGAIS, INCLUINDO LÍDERES COMUNITÁRIOS – 03/07/2016, LISBOA.....	282
FIGURA 8.1 - MODELO ANALÍTICO DE ESTRATÉGIAS EMPRESARIAIS DE IMIGRANTES EM SOCIEDADES DE ACOLHIMENTO, BASEADO NOS DADOS RECOLHIDOS JUNTO DE EMPRESÁRIOS E TRABALHADORES NEPALESES EM LISBOA.....	344
FIGURA 8.2 - CLUSTERING (AGREGAÇÃO) E MULTIPLEXIDADE NAS REDES SOCIAIS IMIGRANTES NEPALESES EM LISBOA, COM BASE EM PORTES (1995) .....	348

## GLOSSÁRIO

ADB - *Asian Development Bank*

ACIDI/ACIME/ACM - Alto Comissariado para as Migrações, Portugal

BM - Banco Mundial

CBS - *Central Bureau of Statistics*, entidade sob tutela do governo nepalês, Nepal

Censos do Nepal - Recenseamento demográfico da população no Nepal

Censos de Portugal - Recenseamento demográfico da população em Portugal

CNAIM - Centro Nacional de Apoio ao Imigrante, Portugal

CNSUK - *Centre for Nepal Studies - United Kingdom*, em Reading, Inglaterra, Reino Unido

Coeficiente Gini - Indicador de desigualdade na distribuição do rendimento, que visa sintetizar num único valor a assimetria dessa distribuição, desenvolvido pelo estatístico italiano Corrado Gini, em 1912

COMPAS-Reino Unido - *Centre on Migration, Policy and Society*, centro de pesquisa da Escola de Antropologia e Museu de Etnografia, Universidade de Oxford

CSLM - *Centre for the Study of Labour and Mobility*, Catmandu, Nepal

ERY - *Eurostat Regional Yearbook*

ESS - *European Social Survey*

EUROSTAT - Gabinete de Estatísticas da União Europeia

HO - *Home Office*, Reino Unido

HS - *Homeland Security*, Estados Unidos

ICC - *International Chamber of Commerce*

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

INE - Instituto Nacional de Estatística, Portugal

ISCA - *Institute of Social and Cultural Anthropology*, Universidade de Oxford

ISCTE-IUL - Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa - Instituto Universitário de Lisboa

MAI - Ministério da Administração Interna, Portugal

MP - Ministério Público, Portugal

MPI - *Migration Policy Institute*, *think tank* com sede em Washington DC, Estados Unidos

NIDS - *Nepal Institute for Development Studies*, ONG nepalesa fundada em 1998, que promove pesquisa sobre padrões migratórios e vulnerabilidades, de maneira a informar



as políticas públicas, e procura implementar programas alternativos de desenvolvimento sustentável e erradicação da pobreza

NMS - *Nepal Migration Survey*, sondagem promovida pela NIDS em 2009

NRB - *Nepal Rastra Bank*

NRNs - *Non Resident Nepalis*: cidadãos nepaleses vivendo fora dos países-membros da SAARC ou PNOs (Pessoas de Origem Nepalesa) com nacionalidade estrangeira, que não das nações SAARC

NRNA - *Non Resident Nepalis Association*, ONG nepalesa agregando imigrações nepalesas em mais de 70 países do mundo

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

OIM - Organização Internacional Para as Migrações

OMT - Organização Mundial do Trabalho

Operações Catmandu 1 e Catmandu 2 - Operações policiais de combate ao tráfico de pessoas e exploração laboral, promovidas pela Polícia Judiciária (PJ) portuguesa, nos anos de 2014 e 2016

Operação Pokhara - Operação de combate ao tráfico de pessoas e exploração laboral, promovida pelo SEF, no ano de 2016

OTSH - Observatório do Tráfico de Seres Humanos, Portugal

PIB *per capita* - Produto Interno Bruto *per capita*

PJ - Polícia Judiciária, Portugal

PNO - *People of Nepali Origin* (Pessoas de Origem Nepalesa)

PNUD - Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento

SAARC - *South Asian Association for Regional Cooperation*

SEF - Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, Portugal

UKBA - *Border Agency*, agência do governo do Reino Unido, sob tutela do *Home Office*, que controla a atribuição de vistos, as fronteiras, e supervisiona a implementação das políticas de imigração

UKSA - *Statistics Authority*, corpo independente do governo do Reino Unido, funcionando como um departamento não-ministerial, sob tutela directa do Parlamento Britânico

UNWOMEN - Entidade das Nações Unidas, para a Igualdade de Género e o Empoderamento das Mulheres

WBG - *World Bank Group*

YIS - *Yearbook of Immigration Statistics, Homeland Security*, Estados Unidos

## Introdução

A presente pesquisa teve origem numa constatação de que a recente imigração nepalesa em Lisboa se encontrava, comparativamente, subestudada - quer por referência a outras imigrações sul-asiáticas em Lisboa, quer por referência, em especial, à imigração nepalesa no Reino Unido, com a qual a pesquisadora teve contactos e convivência prévios. Nesta sequência, procurámos uma via temática e metodológica original, que se enquadrasse tanto nas (muitas) necessidades de levantamento junto da imigração nepalesa em Lisboa, quanto nos nossos interesses. Foi assim que acabámos por seleccionar um tema que aplica questões de sociologia económica a esta imigração.

A importância do tema pesquisado conecta-se com questões de falta de visibilidade social e académica da imigração nepalesa em Portugal em geral e, simultaneamente, com um desconhecimento de questões científicas mais específicas, relativas ao empresarialismo, redes transnacionais e dados de economia étnica na imigração nepalesa de Lisboa. Esse desconhecimento tem impossibilitado comparações, quer com outras imigrações sul-asiáticas em Lisboa, quer com outras imigrações nepalesas na Europa e no mundo. Ao mesmo tempo, acreditamos que tal desconhecimento facilitará processos de exploração e discriminatórios contra esta comunidade, e abrirá espaço ao subreconhecimento de direitos legais e laborais, de qualificações ou de direitos de cidadania alargados. A nossa indagação é justificada pela ausência de pesquisa aprofundada sobre a imigração nepalesa em Lisboa e em Portugal, dado o carácter recente deste fluxo. Com efeito, e com a excepção de pesquisas pontuais e de natureza quadrimestral desenvolvidas, sob orientação das Prof<sup>as</sup> Maria das Dores Guerreiro e Prof.<sup>a</sup> Cláudia Pereira, por estudantes nepaleses do Mestrado Erasmus Mundus em Trabalho Social com Famílias e Crianças (*MFamily*<sup>1</sup>) no ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa - naturalmente mais centradas no trabalho social: questões de género, estilos parentais, adolescência, famílias ou ainda imigrantes não-documentados -, praticamente não existe investigação em Sociologia sobre a imigração nepalesa em Lisboa<sup>2</sup>. O carácter desafiante desta pesquisa residiu, portanto, em primeiro lugar, no largo desconhecimento do objecto de estudo e, num segundo plano, na ultrapassagem de barreiras culturais e linguísticas, e na construção de relações de confiança com a

---

<sup>1</sup> Programa de Mestrado em Consórcio Internacional entre ISCTE-IUL - Instituto Universitário de Lisboa / Universidade de Gotemburgo / Universidade de Makerere / Universidade de Stavanger.

<sup>2</sup> Embora exista raríssima investigação em Trabalho Social, incluindo sobre alguns imigrantes nepaleses da região de Albufeira, e em Ciências da Comunicação, ou aprendizagem da língua portuguesa por imigrantes nepaleses em Lisboa.

imigração nepalesa em Lisboa, prolongadas no tempo, alargadas, profundas e complexas.

Ressalvemos que, em virtude do método de amostragem utilizado, os nossos resultados não serão extrapoláveis para a totalidade da população de imigrantes nepaleses em Lisboa, embora as amostras diversificadas utilizadas possam ajudar a caracterizar esta imigração. Nem serão esses resultados extrapoláveis, note-se, para a população total de imigrantes nepaleses a residir em Portugal - tanto mais que se estima que o grosso da imigração nepalesa em Portugal resida fora de Lisboa, em situação mais frequentemente irregular<sup>3</sup>. O planeamento, implementação, concepção dos guiões de entrevista e grelhas de análise, condução das entrevistas, as opções metodológicas realizadas, a pesquisa bibliográfica e análise documental, bem como a recolha de dados secundários, beneficiaram sempre do suporte da equipa de investigadores que auxiliou a organização dos seminários de investigação doutoral e dos outros estudantes de doutoramento, ao longo dos três últimos anos. Já a revisão de estratégias e dos métodos de pesquisa veio a ocorrer previamente às fases de recolha e interpretação de resultados (análise, selecção e verificação dos resultados obtidos), durante as quais se deu a opção pela exposição de dados de teor mais qualitativo ou quantitativo.

O objectivo geral da nossa pesquisa é delinear as características gerais da recente imigração nepalesa para Lisboa e verificar a importância das redes coétnicas transnacionais nepalesas entre os empresários e trabalhadores nepaleses nessa cidade. Os objectivos específicos desta investigação têm que ver com a determinação dos factores que influem na iniciativa empresarial nepalesa em Lisboa e nas estratégias de inserção dos trabalhadores nepaleses no mercado de trabalho local. Pesamos a relevância das redes coétnicas transnacionais e seus modos de operação. Procuramos, ainda, delinear as características das empresas nepalesas e estabelecer um perfil comparado entre empresários e trabalhadores nepaleses, averiguar as formas de financiamento e investimento, as trocas de capital, produtos, serviços, mão-de-obra e outros recursos com o resto da Europa e com o Nepal, as iniciativas de ajuda ao desenvolvimento do Nepal, e estabelecer semelhanças e diferenças relativamente a

---

<sup>3</sup> Segundo indicações do Consulado Geral do Nepal em Lisboa (2017), relatórios do SEF (2016), do Ministério da Administração Interna (2017) e do Observatório para o Tráfico de Seres Humanos (2017). E, igualmente, de acordo com os dados recolhidos no âmbito do projecto de investigação *Imigração e Tráfico para Exploração Laboral. Nepaleses nas Estufas em Portugal*, no qual a autora recentemente se inseriu (Audax-IUL e CIES/ISCTE-IUL, em parceria com o Consulado do Nepal em Portugal, sob coordenação da Professora Doutora Cláudia Pereira, e com financiamento do Alto-Comissariado para as Migrações - Referência: PT72017/FAMI/158).

outras imigrações nepalesas na Europa, e a outras imigrações sul-asiáticas presentes em Lisboa.

A estrutura desta tese divide-se em dois volumes: o Volume I (corpo da tese) é constituído por oito Capítulos, Glossário e Referências Bibliográficas; o Volume II incorpora três Anexos (1: Documentos; 2: Quadros; 3: Gráficos e Mapas). No Volume I, o Capítulo 1 trata de temas relacionados com as migrações, diásporas e diversidade cultural. O Capítulo 2 debruça-se sobre tópicos de transnacionalismo em geral, e transnacionalismo económico em particular. O Capítulo 3 faz uma análise sobre redes sociais, capital social e redes migrantes. O Capítulo 4 expõe questões de natureza metodológica, incluindo perguntas-chave da pesquisa, hipóteses de trabalho, métodos e técnicas adoptados, problemas encontrados no terreno e revisão de estratégias. O Capítulo 5 efectua uma caracterização geral do ambiente de partida (Nepal), dos fluxos migratórios e da diáspora nepalesa. O Capítulo 6 é já dedicado aos resultados, apresentando uma breve caracterização da imigração nepalesa em Portugal e uma sociografia dos nossos entrevistados em Lisboa (com caracterizações gerais dos empresários e dos trabalhadores). O Capítulo 7 analisa os resultados obtidos sob os prismas da economia étnica e do transnacionalismo económico. Enfim, o Capítulo 8 é dedicado a uma síntese geral, conclusões, à sugestão de vias de pesquisa e indagação futuras, e ainda a algumas reflexões finais. Os três Anexos (1, 2 e 3) informam e complementam a leitura do corpo principal da tese.

# Capítulo 1: Migrações, Diásporas e Diversidade Cultural

## 1.1 Migração, Fronteira, Casa, Territorialidade e Localidade

### 1.1.1 Definições e Tipologias de Migração e Migrantes

Propomos iniciar este capítulo com uma revisão de algumas definições e tipologias referentes aos conceitos de migração e migrantes, visando indicar aquelas que nos parecem mais adequadas ao objecto em estudo e ao contexto da investigação que realizaremos. Segundo a definição proposta pelas Nações Unidas, um migrante internacional:

«É uma pessoa que se move para um país distinto daquele onde tinha residência habitual, e que vive nesse país por mais do que um ano.» (Kofman et al., 2000)<sup>4</sup>

De acordo com Maurizio Ambrosini, esta definição inclui, à partida, três elementos:

- «a) o atravessamento duma fronteira nacional e movimento para um outro país;
- b) a condição de que este país seja distinto daquele no qual o sujeito nasceu, ou viveu habitualmente, no período precedente à transferência;
- c) uma permanência prolongada no novo país - por convenção, de pelo menos um ano» (Ambrosini, 2011a: 17)

Necessitamos, contudo, notar que a definição acima tem um carácter essencialmente "estatístico" e é limitada à migração internacional. Ela não explicita questões relacionadas com o carácter voluntário ou involuntário do movimento migratório nem com o estatuto legal dos indivíduos que migram, tão-pouco considera migrações dentro das fronteiras de um mesmo Estado. Instituições como a Organização Internacional para as Migrações (OIM) definem, por seu turno, migrante da seguinte forma:

«Qualquer pessoa que se move ou moveu através de uma fronteira internacional ou dentro de um Estado, para fora do seu local habitual de residência, independentemente: 1) do estatuto legal da pessoa; 2) de o movimento ter sido voluntário ou involuntário; 3) das causas para esse movimento ocorrer; e 4) da duração da estadia dessa pessoa.» (OIM, 2016)

A definição adoptada pela OIM não estabelece, ao contrário da definição da ONU, a consideração de limites mínimos de estadia, e incorpora a mobilidade de indivíduos dentro de um Estado<sup>5</sup>. Assim como na definição da ONU, embora de forma mais explícita, é incluído o movimento involuntário de pessoas (logo, de refugiados, deslocados e daquelas pessoas sujeitas a processos de tráfico humano). Focando-se no

---

<sup>4</sup> Tradução da autora.

<sup>5</sup> Ou seja, considera as mobilidades de curta duração, que ocorrem tanto fora, como dentro das fronteiras de um determinado Estado.

movimento ou mobilidade dos indivíduos como eixo definidor fundamental, não serão, ainda, alheios à definição da OIM os objectivos específicos e o âmbito de actuação alargado daquela organização. Começemos por notar que a proposta da OIM é também, nalguns aspectos, facilmente compreendida, por contraste, à luz de uma observação feita por Heberle (1956), com mais de meio século. Este autor (referindo-se, na altura, ao movimento de refugiados) chamava a atenção para o facto de o olhar sociológico se focar, então, "preferencialmente sobre as causas e consequências das mobilidades, mais do que sobre questões territoriais, temporais, psicológicas ou eventos específicos na relação entre o Estado e os seus cidadãos" (Heberle, 1956a: 3). Esta afirmação, em boa verdade, é hoje pouco válida, tanto mais que sabemos da tónica que tantas definições posteriores de migração vieram a colocar na mudança de um espaço geográfico para outro, de um Estado-Nação para outro, nas alterações de residência e de um contexto social para um outro contexto diferenciado. Reconhecemos ainda, sem hesitação, a ênfase repetidamente dada, ao longo das décadas seguintes, ao atravessamento de fronteiras e o modo como alguns autores mais tardios detalharam, com tanto rigor, as formas de relação entre o Estado de origem e sujeitos deslocados, migrantes involuntários, ou ainda refugiados. Porém, aquela nota datada de Heberle permite-nos, por dissemelhança, contextualizar a definição abrangente de migrações adoptada pela OIM, inserindo-a numa determinada tradição de definição mais ampla do conceito de migrações, a qual frequentemente as considera como um exemplo específico de mobilidades<sup>6</sup>. Esta tendência continua a verificar-se na actualidade, com uma variedade de pesquisadores a preferirem, por mais abrangente, o termo "mobilidade", em detrimento da sua subcategoria "migrações".

Voltando a Heberle, segundo ele, muitos autores tendiam a adoptar uma perspectiva abrangente sobre os migrantes involuntários, pouco fina em termos de motivações possíveis e diferenciações étnico-minoritárias, e que "considerava todas as pessoas em fuga ou expulsas da sua comunidade de origem como migrantes involuntários, fossem elas membros de um dado grupo étnico, aderentes ou dissidentes em relação a determinadas crenças políticas e religiosas, aderentes ou minoritárias por referência ao sistema sociocultural predominante na origem" (Heberle, 1956, cit. por Beijer, 1969: 17). Este reparo visava chamar a atenção para a necessidade de ter em conta critérios como as questões político-étnicas, a livre escolha e o livre arbítrio dos indivíduos,

---

<sup>6</sup> Considerem-se, por exemplo, Jackson (1969) e Zelinsky (1971, 1983).

quando pesados por contraste a processos persecutórios e à vontade de uma maioria. De outro modo, a tendência das definições de "migração" à convergência para critérios estritos de mudança de residência (duma residência anterior para uma outra residência posterior, que resulta do processo migratório) ver-se-ia invertida por, entre outros, Brunet (1975), ao propor, como alternativa, a adopção do conceito mais abrangente de [mudança de] "espaço de vida", conceito esse que daria conta de uma complexidade crescente e abarcaria alterações de vivências relacionadas com o trabalho, as relações sociais, pessoais, laborais e económicas dos indivíduos migrantes, isto para além de colocar um foco nas mudanças de *habitat* (Brunet, 1975). Com efeito, o "espaço de vida" permite delinear entrecruzamentos e matrizes complexas, ao considerar as diferentes esferas da vida do sujeito que migra como partes de um todo interdependente, e ao analisar as dimensões tanto subjectivas, como objectivas, do processo migrante.

Ainda na senda das definições institucionais e procurando diferenciações mais finas, a Convenção das Nações Unidas para os Direitos dos Migrantes (2003) assumiu, mais especificamente, que as diferenças entre refugiados e migrantes laborais não são sempre definitivas, nem claras - se a condição de refugiado é mais comumente associada a situações de conflito armado e dissensão geopolítica, até certo ponto, e dependendo das condições presentes na origem, muitos migrantes laborais poderiam ser considerados como exemplos de "refugiados económicos", ou mesmo de "refugiados políticos". Estas afirmações confirmam o entrecruzamento de dimensões vivenciais, que complexificam definições demasiado peremptórias ou unívocas. Já um Relatório elaborado pelo Grupo de Peritos Intergovernamentais em Direitos Humanos Migrantes das Nações Unidas (1998) distinguiu e definira migrantes laborais (1) e migrantes (2), respectivamente, como:

«(1) Pessoas que estão, estiveram ou estarão envolvidas em actividades remuneradas num Estado do qual não são nacionais.»

«(2) [O termo migrante] cobre todos os casos onde a decisão de migrar é tomada livremente.» (UN, 1998)

Por conseguinte, no entender deste Grupo de Peritos, o livre-arbítrio e a tomada de decisão livre e consciente de migrar é um critério determinante a ter em conta (as situações de refugiados ou migração forçada não são consideradas). A Relatora Especial da Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas propôs, mais especificamente, e tendo ainda em consideração critérios jurídico-administrativos, que fossem considerados como migrantes (Pizarro, 2002):

«(A) Pessoas que se encontram fora do território do Estado relativamente ao qual são cidadãos ou nacionais (encontram-se, portanto, no território de outro Estado) e que não estão sob a sua protecção legal;

(B) As pessoas que não beneficiam do reconhecimento legal geral dos direitos inerentes à concessão, pelo Estado de acolhimento, do estatuto de refugiado, e que também não são pessoas naturalizadas ou com estatuto semelhante;

(C) Pessoas que não beneficiam de qualquer protecção legal geral dos seus direitos fundamentais em virtude de acordos diplomáticos, vistos especiais ou outros.» (Pizarro, 2002)

Os exemplos atrás indicados denotam grande divergência entre instituições e autores quando se trata de definir aquilo que se entende por "migrante". Estas divergências substantivas na abrangência do termo "migrante" tiveram um impacto significativo nas políticas e práticas resultantes. Distintas conceptualizações viriam, já ao nível das teorias científicas, a influir nas prioridades assumidas pela pesquisa em migrações. Tais divergências de cariz científico derivaram, em parte, de visões disciplinares ou de uma preocupação com problemáticas diferentes, que ocasionalmente se puderam sobrepor: abordagem social, económica, demográfica, cultural; aproximação geográfica, jurídica ou no âmbito dos direitos humanos; perspectiva antropológica, psicológica, entre outras. De seguida, explicitaremos algumas definições científicas contrastantes daquilo que se entendeu, ao longo do tempo, pelo conceito de "migrante" - de forma a retirarmos algumas conclusões próprias finais, acerca dessas definições, e a adoptarmos aquelas que nos parecem mais relevantes para o caso em apreço.

Derivada da palavra latina *migrare*, a qual significa uma alteração de residência, podemos afirmar que as acepções do termo "migração" propostas ao longo do século XX, começando por centrar-se em mudanças de residência, ver-se-iam todavia conectadas, com uma recorrência crescente, à mudança de comunidade, e não apenas de residência. John Archer Jackson (1969) considerava que:

«O migrante para um novo ambiente transporta consigo muito do velho ambiente; quanto [transporta], ao certo, dependerá da sua idade, socialização, das circunstâncias da sua partida, da sua personalidade e de muitos outros aspectos.» (Jackson, 1969: 3).

Heberle (1956, cit. por Beijer, 1969: 12) sugeriu alguns "tipos ideais" de migração, diferenciados por critérios significativos, de um ponto de vista sociológico, entre os quais destacou dois parâmetros fundamentais:

- «1) o modo como a migração afecta as relações sociais do migrante;
- 2) as diferenças nos sistemas socioculturais, entre áreas de origem e áreas de destino.»

O foco de Heberle foi, por conseguinte, nos sistemas socioculturais e nas relações sociais, os quais sofreriam modificações em decorrência da migração. No mesmo



sentido vai Eisenstadt (1954), tendendo a tomar a transição física como condição necessária para uma mudança social (ainda que encarando a primeira como secundária em relação à segunda):

«Definimos migração como a transição física de um indivíduo ou grupo, de uma sociedade para outra. Esta transição envolve, normalmente, o abandono de um ambiente social e a entrada noutra ambiente diferente.» (Eisenstadt, 1954)

Esta ênfase é, muito mais tarde, recolocada por Archer Jackson (1986), ao descrever as migrações como o movimento de indivíduos ou grupos, entre duas sociedades diferentes (uma de origem e outra de destino), um processo social que implica movimento físico e alterações de residência (Jackson, 1986: 2). Este autor caracteriza a migração como um movimento significativo (com consequências demográficas, como atravessar fronteiras administrativas), que se sustém (não casual nem temporário), que envolve uma mudança de relações - não só com o ambiente como, igualmente, com o meio social (com alterações de *status* ou transições sociais envolvidas) (id., ibid.: 4). Assim, ele define, formalmente:

«1. Migração como o movimento, temporário ou permanente, de uma população, de uma localização física para outra.

(a) A migração temporária implica que o local de residência permanente é mantido, enquanto o migrante está ausente durante um período de trabalho noutra país, ou noutra parte do mesmo país. Esta migração pode ocorrer com base regular ou sazonal, como acontece com a transumância, ou nas migrações com o objectivo de fazer colheitas (...);

(b) A migração permanente implica uma clara mudança de residência, baseada na decisão de se mover. Pode haver alguma indeterminação entre estas duas categorias mas, em muitas ocasiões, os migrantes temporários acabam por tornar-se permanentes.» (id., ibid.: 5)

É por via desta mudança clara de residência que as alterações profundas nas relações com o ambiente físico e social sobrevêm. Enquadrando a avaliação dos efeitos da migração sob a designação de "periodização"<sup>7</sup>, Jackson (1986) especifica, ainda, o que entende por imigração, emigração, local de nascimento, migração voluntária ou forçada, bem como migração interna, migração de retorno, acomodação e assimilação e, finalmente, por migração internacional:

«[Um] movimento que envolve famílias ou indivíduos, deslocando-se através de fronteiras nacionais, para se estabelecerem num país diferente. A migração implica sempre mudança de residência. Tais migrações [internacionais], normalmente, envolvem mudança de trabalho; porém, isto não sucede no caso daqueles que vivem em regiões fronteiriças, e poderão deslocar-se diariamente para locais de trabalho fora do país de residência original.» (id., ibid.: 8).

<sup>7</sup> Com a *net migration* a corresponder sempre ao diferencial na ponderação entre taxa de nascimentos, taxa de óbitos e migração.

Spengler, Isaac ou Thomas produziram definições de "migração" orientadas por princípios de carácter económico, como se torna patente consultando a bibliografia produzida pelos autores, ou mesmo as Actas da Conferência de 1958 da *International Economic Association*. Spengler (1958) apontava como causa da migração sazonal uma maior necessidade, temporária, de mão-de-obra, por parte de determinada indústria. E discutiu os efeitos agregados da migração nos países de acolhimento recorrendo, para isso, a conceitos de Hick<sup>8</sup> ou Keirstead<sup>9</sup> (Spengler, 1958: 17; Hague, 1958: 392). Por seu turno, Malangam (1968) considerava que:

«A migração é um movimento de partida, relativamente permanente, de uma colectividade de migrantes, de uma localização geográfica para outra; movimento esse que é precedido por um processo de tomada de decisão da parte dos migrantes, com base num conjunto hierarquicamente organizado de valores, ou fins valorizados, o qual resulta em mudanças no sistema interaccional dos migrantes.»

Este autor valoriza, portanto, um movimento de partida que medeia entre um processo cognitivo prévio (a tomada de decisão baseada numa ponderação de fins valorizados), o qual determina, mais do que o movimento físico propriamente dito, as alterações interaccionais que resultarão da migração. Taylor (1969) detalhou, igualmente, os processos de tomada de decisão envolvidos na migração, associando-os a diversos "tipos migrantes" ("migrantes aspirantes", "migrantes deslocados" e "migrantes resultantes"). Já Senior (1968), definia migração e migrantes nos seguintes termos:

«Migração - como o movimento de uma pessoa ou [várias] pessoas, envolvendo uma mudança permanente de residência. Geralmente dividida em *Emigração*, movimento dos indivíduos através das fronteiras nacionais, para o exterior; *Imigração*, movimento através de uma fronteira nacional, para dentro; e *Migração Interna*, movimento dentro das suas fronteiras nacionais. Migrante é, em geral, uma pessoa que altera a sua residência, seja em decorrência de uma emigração, imigração, ou migração interna.» (Senior, 1968)

Mais uma vez, a mudança de residência voltaria a ser tomada como critério fundamental, enquanto as fronteiras nacionais surgiam, representando o eixo definidor dos diferentes tipos de migração. Também Beltramone (1962) tomou como seu "ponto de fixação" de referência a residência principal, ao conceptualizar tanto migrações internas, como migrações à escala internacional. Ao mesmo tempo, propunha diversas formas de medir o movimento entre pontos de fixação, a intensidade desse movimento, ou "a propensão de uma determinada população para se deslocar" (Beltramone, 1962). Na perspectiva deste autor, a mobilidade era o ponto de preocupação fundamental.

---

<sup>8</sup> *Substitution effect e income effect.*

<sup>9</sup> *Aggregative mode e real mode.*

W. Zelinsky (1971) apresentou a hipótese da transição da mobilidade (*mobility transition*), segundo a qual existiriam:

«(...) regularidades padronizadas e definidas no crescimento da mobilidade individual, através do espaço-tempo, durante a História recente, e estas regularidades [abarcavam] uma componente essencial do processo de modernização.» (Zelinsky, 1971: 221-222)

Zelinsky (1983) considerava a migração como uma sub-categoria do sector mais vasto das mobilidades territoriais, que abrangia muitos outros tipos de deslocação. Ele sintetizaria os padrões migratórios e de mobilidade aos quais se referia num modelo de cinco estádios, enraizados na experiência histórica europeia:

«1 - Sociedade tradicional pré-moderna: migração muito limitada, restringida a movimentos locais relacionados com, por exemplo, o casamento ou a comercialização de produtos agrícolas;

2 - Sociedade transicional precoce: migração rural-urbana em massa; emigração para destinos estrangeiros atraentes, com objectivos de assentamento e colonização;

3 - Sociedade transicional tardia: diminuição da força da migração rural-urbana e emigração; crescimento de diversos tipos de circulação, por exemplo, a pendularidade;

4 - Sociedade avançada: a migração rural-urbana é substituída por migração inter-urbana, imigração em massa de trabalhadores pouco qualificados vindos de países pouco desenvolvidos, circulação internacional de migrantes altamente qualificados e circulação interna intensa, tanto por razões económicas, como por razões de lazer;

5 - Futura sociedade super-avançada: a melhoria dos sistemas de comunicação e entrega pode conduzir a um declínio de algumas formas de circulação humana; a migração interna é intra- e inter-urbana; a imigração de força de trabalho pouco qualificada, vinda de outros países menos desenvolvidos, continua; há a possibilidade de serem colocados controlos estritos à imigração.» (Zelinsky, 1983, cit. por King, 2013: 15)

Vemos, assim, uma crescente preocupação dos investigadores com as questões da mudança de residência, alterações no campo das relações sociais e, finalmente, com problemas associados à mobilidade. Segundo King (2013), o modelo de Zelinsky antecipou aspectos importantes do paradigma das mobilidades do século XXI, e anteviu o papel das tecnologias de comunicação na substituição de alguns tipos de mobilidade, ao mesmo tempo que dava conta de diferentes tipos de migração e antecipava debates contemporâneos sobre as formas como o desenvolvimento produz migração. O modelo proposto por Zelinsky enquadra-se naquilo que King (2013) designou por modelos de migração, transições e desenvolvimento, diferindo dos modelos económicos neoclássicos e *push and pull theories*, dos modelos relativos a redes e sistemas, dos modelos histórico-estruturais e dos modelos que consideram e analisam a "nova economia da migração laboral".

A tipologia clássica da migração de Henry Fairchild (1949), por outro lado, a qual dividia a migração em invasão, conquista, colonização e imigração (de acordo com "diferenças no nível de cultura" e o carácter predominantemente pacífico, ou não, do movimento), foi criticada por Petersen, devido à sua natureza eminentemente etnocêntrica. W. Petersen (1958, 1970) propôs, por seu turno, uma tipologia geral da migração que distinguia cinco tipos (migração primitiva, forçada, impelida, de massa e livre), e refinou a polaridade *push-pull*, ao distinguir entre migração conservadora e inovadora, bem como ao tomar em consideração o nível de aspiração dos migrantes. Segundo este autor, a migração primitiva derivaria de um "empurrão ecológico", representaria um movimento ligado à incapacidade do sujeito para lidar com forças naturais - dentro desta, distinguem-se, ainda, diversos tipos (variação, errância, fuga do território) e, dentro daqueles tipos, subtipos adicionais. Conforme detalha o Quadro 1.1:

	Estratégia Assumida	Subtipo
<b>Migração Primitiva</b> (derivada dum "empurrão ecológico")	<b>Errância</b>	Errância de povos Errância marítima
	<b>Variação</b>	Recoleção Nomadismo
	<b>Fuga do território</b>	

**Quadro 1.1 - Tipos de Migração Primitiva**  
Fonte: Petersen, 1959, Adaptado pela autora, 2018

Na migração forçada (quando os migrantes não têm o poder de decidir partir) e impelida (quando esses migrantes retêm algum poder de decisão), por outro lado, o agente activador da migração é o Estado, ou alguma instituição social "funcionalmente equivalente" (Petersen, 1970: 58). Explicitamos no Quadro 1.2 as diferenças, registadas por Petersen (1959), entre migração impelida e migração forçada:

		<b>O Agente Activador da Migração É o Estado, Ou Instituição Social Funcionalmente Equivalente</b>	
<b>Migração</b>		<b>Impelida</b>	<b>Forçada</b>
<b>Refinamento da Polaridade</b>  <i>Push-Pull</i>	<b>Livrar-se dos Migrantes (Conservadora)</b>	Fuga	Deslocamento
	<b>Usar o Trabalho Migrante (Inovadora)</b>	Comércio <i>coolie</i> *	Tráfico de escravos

\* Trabalhador pouco qualificado na China, Índia e noutros países Asiáticos

**Quadro 1.2 - Migração Forçada e Migração Impelida**  
Fonte: Petersen, 1959, Adaptado pela autora, 2018

Finalmente, a migração livre descrita por Petersen (1959), diz respeito àquelas formas de migração onde a livre-vontade dos migrantes é a característica fulcral (exemplo: migração de pioneiros da Europa para o Novo Mundo, durante o século XIX); mas ela é, normalmente, levada a cabo por um pequeno grupo de indivíduos. A migração em massa institui-se em resultado da adopção, por largos grupos populacionais, dos padrões e atitudes estabelecidos pelos pioneiros - a migração torna-se, então, comportamento colectivo e padrão social. Lindberg (1930) notou, a propósito, como esses fenómenos de migração em massa encurtavam distâncias geográficas e sociais entre origem e destino, proporcionando, eles-próprios, oportunidades para o desenvolvimento de novos meios de transporte, e diminuindo as formas de ajustamento pessoal necessárias no destino, à medida que as comunidades iam crescendo. As tipologias destinadas a analisar processos migratórios sucederam-se ao longo de décadas, sublinhando diferentes ângulos de análise. Muito mais tarde, D. Jackson e A. Passarelli (2007) distinguem, entre os diversos tipos de migrantes, os refugiados, asilados, pessoas deslocadas internamente (que não atravessaram as fronteiras de um Estado) e os migrantes económicos. Entre os migrantes económicos, estes autores incluiriam:

«Migrantes altamente qualificados e com actividades executivas ou de negócios; migrantes laborais temporários; trabalhadores convidados; trabalhadores sazonais; indivíduos transferidos intra-empresas, fornecedores de trocas e serviços; migrantes não-documentados ou irregulares; migrantes com o propósito de reunificação familiar; e migrantes retornados, abarcando aqueles migrantes que regressam, ou são devolvidos, ao seu país de origem, [além de] refugiados repatriados.» (Jackson e Passarelli, 2007: 8).

Esta é uma tipologia mais sensível a determinadas especificidades, que tem em conta toda uma série de factores e ângulos de análise (desde as motivações para a migração, até ao tipo de vínculo laboral estabelecido pelos migrantes, e seu estatuto legal). Em qualquer caso, a diversidade de tipologias propostas, bem como todas as diferenças atrás descritas, ao nível da abrangência e significado dos conceitos de migração e migrante(s), tornam patentes as dificuldades em propôr um modelo sociológico para as migrações, que dê conta da variedade de nuances conceptuais e suas implicações. Cohen (1996) e King (2002, 2012) são apenas dois dos investigadores que sublinharam a necessidade de desconstruirmos uma série de binómios, os quais prevalecem nas tipologias de migração - são exemplos: "migração temporária vs. permanente, interna vs. internacional, migrantes económicos vs. refugiados, migração irregular vs. regular, migração voluntária vs. forçada" (Cohen, 1996 e King, 2002, 2012). Para King (2013),

na maioria dos estudos sobre migrações, poderíamos distinguir a classificação dos migrantes em três grupos fundamentais: "migrantes laborais - temporários e permanentes -, e refugiados".

Os movimentos populacionais globais formam um todo complexo (Martiniello e Rath, 2012), onde se multiplicam novos tipos de mobilidade internacional e migração (por vezes, nunca antes observados), com um alcance sem precedentes, e decorrentes da compressão do espaço-tempo e crescente interconexão derivadas do pós-fordismo, ou do chamado "modelo de acumulação flexível" (Harvey, 2008). Nestes novos tipos de mobilidade e migração, incluem-se fenómenos tão díspares quanto a migração transfronteiriça de carácter local, o voluntariado internacional, os movimentos populacionais decorrentes de alterações climáticas e conflitos, ou crises económicas contemporâneas, e as migrações de alcance global, sem precedentes históricos (exº: de sul-asiáticos para a Europa mediterrânica). Incluem-se ainda o "turismo residencial" de longa duração e migrações associadas ao estilo de vida, a migração crescente de estudantes (ligada a intercâmbios e programas de formação entre países), migrações por casamento e reunificação familiar, por circulação associada ao trabalho e aos negócios, migração de quadros qualificados e *brain drain*, migração relacionada com a reforma e aposentadoria, ou conectada com as áreas dos cuidados a crianças e idosos, ou ainda com os movimentos de pessoas decorrentes do tráfico e exploração de mão-de-obra. Neste sentido, enquadramentos conceptuais como o transnacionalismo (Glick Schiller et al., 1992), a *mobility turn* (Urry, 2007) ou os estudos das diásporas (Cohen, 2008) proporcionaram, portanto, um enriquecimento dos estudos das migrações (King, 2013). Também Castles e Miller (2009) vêm mencionando, há mais de duas décadas, aquilo que designam por "Idade da Migração": correspondente à "aceleração, globalização, politização, diversificação e feminização" dos movimentos migratórios internacionais. Mas, se é verdade que os movimentos de pessoas aumentaram exponencialmente, é ainda verdadeiro que a esmagadora maioria da população mundial permanece sedentária ou imóvel - ou não dispõe dos meios necessários para poder deslocar-se livremente.

Em síntese, verificamos que as definições de "migração" sucessivamente propostas por diferentes pesquisadores foram enfatizando, ao longo do tempo, aspectos como a mudança de residência, alterações nas relações com o ambiente físico e social, reestruturações dos campos sociais e "espaços de vida" e, finalmente, características associadas aos diferentes tipos de mobilidade. Em termos das tipologias de migração analisadas, observámos o papel pioneiro do modelo de Zelinsky (nomeadamente, o seu

impacto futuro ao nível dos estudos das mobilidades), a forma como Petersen (1959) faria uma crítica à tipologia de Fairchild (1949), distinguindo migração forçada, livre e impelida, bem como a importância de desconstruir criticamente toda uma série de díades bipolares, ainda presentes nas tipologias propostas para as migrações. A multiplicidade de definições de "migração" e tipologias organizadas denuncia a dificuldade em construir um modelo sociológico não-ambivalente, ou suficientemente englobante, para incorporar a heterogeneidade e as especificidades contidas em todo o fenómeno migratório. Destacam-se, ainda, os novos e diversificados tipos de mobilidade e migração que vieram, em grande medida, complexificar os movimentos globais de pessoas, naquela que alguns designaram por "Idade da Migração" (Castles e Miller, 2009).

No âmbito desta tese, seguiremos uma definição de "migrantes" mais próxima da definição institucional da ONU explicitada por Ambrosini (2011a) e adoptaremos as cautelas propostas por Pizarro (2002) para distinguir entre migrantes e indivíduos com estatuto legal de refugiado<sup>10</sup>. Optamos por seguir, mais de perto, as definições de migração propostas por John Archer Jackson (1986), e ainda a tipologia de D. Jackson e A. Passarelli (2007), pela sua sensibilidade ao tipo de trabalho desempenhado pelos migrantes e à sazonalidade (muito importante no caso dos migrantes nepaleses em Portugal).

### 1.1.2 Fronteira, Casa, Territorialidade e Localidade

É impossível abordar questões relacionadas com comunidades migrantes, diásporas e transnacionalismo sem analisarmos o conceito de fronteira e suas transgressões, bem como as noções de casa, territorialidade e localidade, em conexão com as trajetórias de migração seguidas. Especialmente nos movimentos migratórios cujos trajectos são de cariz internacional, está implícita uma quebra da continuidade de localidade, a qual tem repercussões ao nível da unidade de grupos, na origem. Por outro lado, o território engendra a unidade das comunidades imigrantes e das suas formas de organização, nos espaços de destino. Os fenómenos transnacionais implicam, justamente, multilocalidade e quebra dos constrangimentos fronteiriços. Muitos dos debates mais significativos, no âmbito dos estudos sobre migrações, centram-se em torno da rigidez, ou do carácter permeável, de diversos tipos de fronteiras (incluindo as fronteiras nacionais). Mas também da forma como essas fronteiras são delineadas ou marcadas, como e porquê tais

<sup>10</sup> Mesmo sabendo, à partida, que há outros países europeus, que não Portugal, onde os migrantes nepaleses podem requerer o estatuto de refugiados.



marcações mudam através do tempo (Donnan e Wilson, 1999, cit. por Brettell, 2007). Podemos afirmar que as fronteiras são locais de demarcação de Estados e de sistemas políticos. As fronteiras representam, ainda, lugares de produção cultural (Alvarez, 1995; Ganster e Lorey, 2005) e identitária; produção, essa, que se torna fundamental na manutenção de laços transnacionais (laços comunitários, étnicos, de tipo "altruísta"). Neste contexto, têm particular relevância os debates sobre a identidade e etnicidade situacional, e sobre a construção da raça (Nagata, 1974; Banks, 1996; Greenbaum, 2002), assim como as diferentes formas de definir as noções de "fronteiras" ou "limites".

Donnan e Wilson (1994) fizeram uma recolha das perspectivas antropológicas sobre as fronteiras e regiões fronteiriças: estes autores chamaram a atenção para o facto de os antropólogos ignorarem, demasiadas vezes, as fronteiras políticas, em favor das fronteiras "simbólicas" - o que teria empobrecido o estudo da "construção de limites", numa perspectiva estritamente antropológica. Eles partiram de uma tradição da antropologia social, baseada na construção local de fronteiras simbólicas e sociais, para analisarem as formas como comunidades fronteiriças são afectadas pela proximidade de fronteiras políticas entre nações<sup>11</sup>. Essas linhas abstractas são realidades concretas e culturais para os indivíduos que vivem nas proximidades da fronteira, e representam zonas de constante negociação cultural, ou campos para o estudo das formas de construção do Estado, e também da génese dos sentimentos nacionalistas. Arriscado Nunes (1995), citando Tucker (1990), reparou que as fronteiras têm sido definidas como as linhas que separam, ou segregam, grupos e indivíduos que são:

«(...) ignorados, trivializados, tornados invisíveis ou inaudíveis, percebidos como inconsequentes, desautorizados, "outros estranhos" ou "ameaçadores", daqueles [indivíduos ou grupos] que são valorizados.» (Tucker, 1990: 7; cit. por Nunes, 1995: 3).

Estes sujeitos valorizados constituem, de acordo com Lorde (1990), e seguindo ainda o raciocínio proposto por Arriscado Nunes (1995), parte integrante da "norma mítica" branca, masculina, heterossexual, magra, jovem, cristã e financeiramente estável (Lorde, 1990:282; cit. por Nunes, 1995: 3). Não obstante, as fronteiras podem, ainda, definir localizações de articulação cultural, ou de emergências de configurações culturais novas, bem como de novas identidades (baseadas em heterogeneidade e hibridização), em relação com histórias de vida complexas e entrelaçadas com todo um

---

<sup>11</sup> Na construção de si próprias e na construção que fazem das pessoas situadas "do outro lado da linha de demarcação".



"leque de outros generalizados" (Bhabha, 1994; Nunes, 1995). Esses "outros generalizados" delineiam fronteiras culturais e identitárias. Sob este ponto de vista, é possível analisar e explicitar os processos de construção e desconstrução dessas fronteiras culturais e identidades, assim como especificar as novas linguagens que elas introduzem, quer evoquem processos de contacto e transgressão, ligações entre lugares e movimento, formações identitárias, ou ainda localizações sociais (Nunes, 1995). À medida que o corpo é assumido como habitáculo de histórias de vida complexas, podendo transportá-las através de fronteiras sociais, culturais e territoriais (Ferguson et al., 1990), a articulação/criação de configurações culturais é crescentemente referida por relação a processos mais vastos de globalização económica, e aos movimentos de migrantes, refugiados, exilados e viajantes (Clifford, 1992; Wolff, 1993; Santos, 1994, Nunes, 1995). Dependendo dos contextos, as fronteiras políticas entre países podem ganhar substância e proeminência, ou (muito mais raramente, no âmbito das migrações internacionais) praticamente esvair-se e desaparecer, nas práticas diárias que entrecruzam as populações fronteiriças de nações distintas. Sobre a importância do Estado e das fronteiras para a "criação" e regulação de migrações internacionais, Zolberg (1983) afirmou que:

«Quer sejam nacionais ou multinacionais, as sociedades podem ser designadas por Estatistas se as fronteiras sociais coincidem, grosso modo, com as fronteiras delineadas pela lei internacional, como sendo aquelas do Estado. Sendo que a ocorrência de migrações humanas indica que estas diversas entidades não constituem sistemas fechados, é evidente que elas interagem, enquanto partes de um todo mais vasto.» (Zolberg, 1983: 5)

Nesta perspectiva, as migrações internacionais constituem um desvio em relação à norma mundial da organização sociopolítica, reificada no conceito naturalizado de Estado-Nação e no "mundo de sociedades" ("sociedades" essas baseadas num território, num sistema sociocultural auto-reprodutor e numa população que se renova indefinidamente, de forma endógena), o qual vigora nas perspectivas adoptadas no âmbito das ciências sociais. Repensar este modelo faz-nos introduzir o conceito de diáspora e reflectir sobre as características subversivas das migrações internacionais num "mundo de sociedades". As migrações internacionais têm uma componente fundamental relacionada com a "transferência de jurisdição" (sob o ponto de vista Estatista), o que implica, ao nível dos migrantes individualmente considerados, deixar de ser membro de uma sociedade, para tornar-se parte de uma sociedade outra (Zolberg, 1983). Contudo, o problema é que, podendo tais mudanças ser iniciadas pelo indivíduo

ou pelo Estado, essa distinção não parece coincidir de modo perfeito com as categorias tradicionais de migração voluntária e migração forçada, além de que as iniciativas migratórias podem ancorar-se numa variedade de motivações distintas. Especificando, e segundo este autor clássico, há a notar que, embora as fronteiras internacionais dividam soberanias mutuamente exclusivas, a pertença a diferentes sociedades pode ser parcelar, e a jurisdição dos Estados sobre os indivíduos pode não ser completa - estamos, portanto, perante "mudanças que se situam em contínuos, desde a migração temporária até à mudança permanente" (Zolberg, 1983: 5-6). Mais do que as motivações dos migrantes, este pesquisador parece, então, preferir como critério de análise a especificação de "mudanças situadas num contínuo".

O direito de saída de um país, dos migrantes internacionais, tem contraponto no direito de entrada dos mesmos migrantes, num país segundo ou terceiro. Esta é outra problemática que assume particular relevância no contexto das migrações internacionais. Segundo Zolberg, o carácter subversivo e desviante das migrações internacionais torna-se evidente de outro modo adicional, ou por uma via paralela à primeira: isto porque, embora o "direito de qualquer pessoa a deixar qualquer país, incluindo o seu, e regressar ao país de origem" seja unanimemente reconhecido (nomeadamente na Declaração Universal dos Direitos do Homem), não é, em contrapartida àquele, reconhecido o "direito de qualquer pessoa a entrar em qualquer país" (Zolberg, 1983: 8). Pelo contrário, há um relativo consenso internacional sobre o direito de qualquer Estado a restringir a entrada de estrangeiros no seu território; direito, esse, assumido como uma parte integrante da soberania política. Sociologicamente, este mecanismo é visto como necessário para assegurar a integridade das diferentes sociedades e evitar transformações radicais, ou profundas, a nível mundial. Evidentemente que uma "liberdade para sair" perde algum sentido na ausência de uma "liberdade para entrar" que a complete - a "liberdade para sair" tem uma aplicação legítima nas democracias liberais (interesses de grupos hegemónicos com destinos preferidos) e é parcialmente mantida nos regimes autoritários (devido aos benefícios económicos reconhecidamente derivados da emigração laboral).

Resumidamente, a natureza desviante das migrações internacionais repousa numa tensão entre os interesses individuais e sociais. Os indivíduos procuram exercer a sua livre escolha e maximizar o próprio bem-estar, o que parece legítimo. Simultaneamente, as sociedades (organizadas na qualidade de Estados) agem, amiúde, como se fossem mutuamente exclusivas, e tendem a controlar entradas e saídas dos sujeitos, ou

transferências de indivíduos migrando entre jurisdições políticas distintas. Reconheceremos que o controlo dos Estados é exercido por múltiplas vias: através de barreiras ou oportunidades legislativas e obstáculos à livre-circulação entre países, tanto por meio de incentivos como de regras, taxas, multas e sanções, regulações várias, políticas de cidadania e naturalização; ou, até mesmo, de uma indiferença e negligência activas, relativamente a possíveis saídas, passagens ou entradas. O espaço europeu é particularmente complexo a este respeito, conjugando acordos internacionais subscritos pela maioria dos Estados com iniciativas legislativas e políticas de controle de fronteiras de cariz nacional, que podem, ocasionalmente, ser unilaterais e contradizer os acordos supra-nacionais, antes assinados. Apesar da tensão política gerada e do confronto patente, entre interesses colectivos e individuais nas migrações internacionais, estes interesses podem, esporadicamente, coincidir (exemplo: liberdade de um sujeito para permanecer, partir ou regressar ao país de origem). Além de analisarmos as circunstâncias que fazem interesses colectivos e individuais divergir ou coincidir, é importante notar que as migrações internacionais "subentendem também uma tensão entre os interesses desencontrados, por um lado, da sociedade ou Estado de envio e, por outro lado, da sociedade ou Estado de acolhimento" (Zolberg, 1983: 7).

O conceito de "sistema social global", ou "sistema internacional", é um conceito supra-societal, que conjuga orientações das sociedades Estatistas, em conflito com preferências individuais sobre a afiliação societal e a jurisdição política. Aquela noção de sistema social global que mais ganhou terreno no âmbito das teorias das migrações foi o conceito de sistema mundial moderno, de Wallerstein (1974). Este sistema, gerado a partir do nascimento e expansão capitalista na Europa ocidental, seria constituído por um centro, uma semi-periferia e uma periferia, com Estados menos fortes, do centro para a periferia. Na visão de Wallerstein, os Estados surgiam, portanto, como meros instrumentos da dinâmica capitalista. Contudo, diversos autores mais sensíveis a questões jurídicas, geopolíticas e do direito internacional argumentaram que tal sistema não valorizava suficientemente os factores políticos, inextricavelmente associados aos factores económicos, na articulação e funcionamento dos Estados. Um exemplo desses factores políticos é a força estratégica de cada sociedade, que pode levá-la a resistir à incorporação num sistema capitalista. É plausível, ainda, pensar: quiçá Estados periféricos que não sejam potências económicas, nem se encontrem plenamente integrados no sistema capitalista, tendam a investir mais em factores políticos, de forma a afirmarem a sua influência por outra via, alternativa ou complementar, em contextos

internacionais. Tratando-se o sistema mundial moderno, de Wallerstein (1974), como um sistema útil para analisar migrações laborais temporárias e outros aspectos ligando a economia às migrações, ele não poderá, porém, dar conta de tendências nas migrações internacionais que modifiquem, ou contradigam, as previsões de mobilidade baseadas somente na estrutura económica. Os padrões globais das migrações internacionais são, inegavelmente, influenciados pelas políticas migratórias adoptadas nos Estados e, estas, pelas variações nos regimes políticos e geopolíticos - daí que se torne necessário conceptualizar um sistema social internacional fenomenologicamente mais sólido do que aquele proposto por Wallerstein, que tenha, igualmente, em conta outros factores relevantes. De um ponto de vista político, as soberanias dos Estados são formalmente equivalentes - elas relacionam-se como semelhantes e reivindicam integridade, porém encontram-se distribuídas numa "escala de poder estratégico" (Zolberg, 1983), que determina desigualdades profundas, e que não se encontra subordinada aos processos económicos. Quer as sociedades que regulam a migração, quer os indivíduos que migram têm, por conseguinte, necessariamente em consideração, pelo menos, dois aspectos ou dimensões: uma dimensão política e uma dimensão económica - às quais se juntam uma dimensão social e pessoal/familiar, no caso dos sujeitos migrantes. Para Sayad (1999):

«Os processos migratórios são especialmente eficientes ao revelarem incongruências e suposições implícitas no chamado pensamento de Estado.» (Sayad, 1999)

As sociedades, enquanto procuram manter a sua integridade, vêem os indivíduos que migram como actores políticos, que podem ser mais ou menos leais, de um ponto de vista ideológico. Nesta perspectiva, a consideração de características raciais ou étnicas dos migrantes, por parte das sociedades Estatistas, não derivaria de mero preconceito discriminatório, mas também de uma tentativa de preservação societal, contra orientações culturais distintas (Barth, 1969; Zolberg, 1983). O sistema social internacional revela-se tão complexo, que um grupo migrante poderia ser vantajoso para um Estado numa determinada perspectiva, e desvantajoso sob outro ponto de vista. Esses argumentos contraditórios deverão ser considerados. Todavia, o sistema internacional fornece uma moldura analítica para calcular tendências nas políticas migratórias adoptadas. Estas políticas resultam de um equilíbrio entre interesses do Estado e conflitos entre custos e benefícios da migração (para indivíduos e sociedades).

As regiões de fronteira (fluídas e ambíguas e, muitas vezes, periféricas dentro dos respectivos países) desempenham um papel relevante nos imaginários nacionais e

transnacionais. Fronteiras e diferenças são marcadas de formas diversas, nos contextos local, regional, nacional e transnacional. Donnan e Wilson (1998) enfatizaram o carácter permeável das fronteiras e a não-correspondência estrita entre Estados e nações, enquanto Driessen (1998) argumentava, usando um caso particular, que alguns governos sucessivamente "negavam e reprimiam o pluralismo étnico" - esse pluralismo étnico dificilmente seria, portanto, contido no âmbito das fronteiras políticas formais. Katherine Ewing (1998) disse-nos que a noção de regiões fronteiriças emergiu como forma de estudar a identidade, pelo processo de extensão metafórica; por exemplo, no trabalho de Gloria Anzaldua (1987):

«As regiões fronteiriças psicológicas (...) e espirituais não são particulares do Sudoeste [Americano]. De facto, as regiões fronteiriças estão fisicamente presentes, onde quer que duas ou mais culturas se abeirem, onde pessoas de raças distintas ocupem o mesmo território, onde classes miseráveis, baixas, médias e altas se toquem, onde o espaço entre dois indivíduos se encolha, pela acção ou efeito da intimidade entre eles.» (Anzaldua, 1987, cit. por Ewing, 1998: 262).

O trabalho de Rosaldo (1989) serviu - pela extensão metafórica da imagem de fronteira que operou - para pensar identidades negociadas de todos os tipos<sup>12</sup>. Contudo, o uso da metáfora das fronteiras para questões de negociação de identidades tornou-se tão pervasivo e hegemónico, que é necessária alguma cautela com essa estrita aderência (compreende-se que há outras formas de conceptualizar a diferença), aderência que nem sempre é verdadeira ou viável. A necessária separação entre uma questão e outra (fronteiras e negociação de identidades) revela-se, portanto, bastante prudente. A metáfora da fronteira não é, entretanto, a única com o poder de moldar experiências e constituir identidades (mesmo que essas identidades sejam mutáveis), tão-pouco tem ela correspondência na dicotomia centro-periferia, como pretenderam diversos autores no passado (Ewing, 1998: 266).

#### 1.1.2.1 Quebra de Localidade e Desespacialização

Aprofundaremos, em seguida, a análise das relações entre a noção de fronteira e os conceitos de casa, ou localidade. Pode não ser fácil a invenção de formas alternativas, deslocalizadas e desterritorializadas de comunidade, num mundo contemporâneo que assiste a uma acelerada circulação de pessoas, objectos e signos, entre pontos cada vez mais distantes (Lash e Urry, 1994). Para muitos trabalhadores migrantes, o lugar de origem, os papéis no trabalho, ou as relações ocupacionais, fornecem bases bastante

---

<sup>12</sup> Este autor argumentava que as fronteiras sociais se tornavam, frequentemente, salientes em torno de linhas, como as que são delineadas pelo género, classe, raça, grupo étnico, nacionalidade, preferência política, gosto, idade, comida ou orientação sexual.

limitadas, e não necessariamente portáteis, de identificação pessoal e cultural. A noção de casa (ou de não a ter) está conectada a variações identitárias; sendo que, estas, não flutuam livremente: são delimitadas por fronteiras e limites (além de haver limites, é claro, ao imaginário social). Essas fronteiras não estão necessariamente ligadas a lugares específicos, nacionalidades ou grupo étnicos: também podem demarcar campos de troca, movimento e interação, transnacionais e multiétnicos (Sarup, 1994; Amit-Talai, 1998). As velhas formas de pertença mostram-se, hoje, cada vez mais irrealistas e ineficazes, o que pode conduzir a uma busca de bases alternativas de identificação colectiva. Mas tal facto não significa que a *homelessness* seja uma condição suficiente, tão-pouco automática, gerando novas formas de afiliação (Amit-Talai, 1998)<sup>13</sup>.

Descreveu o clássico Simmel (1889):

«A partir de indivíduos vivendo lado a lado, isto é, separados uns dos outros, forma-se uma unidade social. (...) No caso de pessoas separadas espacialmente, esta unidade é efectivada pela reciprocidade mantida entre elas, através da distância que as divide. (...) No caso de pessoas separadas temporalmente, contudo, a unidade não pode ser efectivada desta maneira, porque há ausência de reciprocidade (a primeira pode influenciar a segunda, mas a segunda não pode influenciar a primeira). Assim, a persistência de unidade social, apesar de uma pertença que muda, representa um problema peculiar, não resolvido ao explicarmos como o grupo surgiu, num dado momento. O primeiro e mais óbvio elemento de continuidade da unidade de grupo é a continuidade de localidade, lugar, sítio, ou solo, no qual o grupo vive. O Estado, e ainda mais a cidade, e inúmeras outras formas de associação, devem a sua unidade, antes de mais, ao território.» (Simmel, 1889: 667, cit. por K. Wolff, 1950, 1964).

Poderemos, a partir desta análise com mais de um século, deduzir aquilo que se torna óbvio, ou está implícito, em todos os movimentos migratórios, sobretudo nos internacionais: há quebra da continuidade de localidade, com consequências ao nível da continuidade da unidade de grupos na origem. Por outro lado, cidades de destino e formas de associação das comunidades na diáspora devem a sua unidade, antes de mais, ao território. Quando falamos de território, deveremos ter em consideração não apenas questões fixas de concentração ou dispersão espacial, conceitos relativamente estáveis de unidade e interconexão (de curta ou longa distância) ou, mais problemáticamente, guetização e exclusão no ambiente de chegada; mas, igualmente, a noção mais complexa, maleável e matizada de "ambiente, ou paisagem étnico-cultural". Esta noção

---

<sup>13</sup> De facto, há também um contexto coercivo no qual se constrói uma casa (não restringido àqueles contextos que são fornecidos pelo Estado), decorrente da materialização de certos recursos sociais disponíveis e da construção de uma identidade de "casa", enquanto pilar para a formação de redes de vizinhos alargadas, que funcionam como uma espécie de super-ego colectivo (Bourdieu, 1994; Miller, 1998). Sob este ponto de vista, quaisquer diferenças reais entre as pessoas aparecem como, nada mais, do que marcadores de identidade potenciais, que serão unicamente mobilizados onde e quando essa diferença particular sirva o objectivo, e encaixe no contexto, da ocasião (Wallman, 1998).

implica distorções na estabilidade das ligações, das comunidades e das redes sociais, familiares ou de negócio (trata-se de uma "paisagem mutável"), que decorrem em função de processos de mobilidade humana ou, mesmo, somente em função da "fantasia/desejo" de querer mover-se. O novo mundo globalizado foi, aptamente, descrito por Appadurai (1990) através da sua noção de *scapes*<sup>14</sup>:

«Por *ethnoscape*, eu entendo a paisagem de pessoas que constituem o mundo mutável em que vivemos: turistas, imigrantes, refugiados, exilados, trabalhadores convidados, e outros grupos e pessoas em movimento, constituem a característica essencial do nosso mundo, e parecem afectar as políticas de, ou entre, nações a um nível sem precedentes. Não quero afirmar que não existem, em nenhuma parte, redes e comunidades relativamente estáveis, de afinidade, amizade, trabalho e lazer, assim como de nascimento, residência, e outras formas de afiliação. Mas pretendo dizer que a distorção dessas estabilidades está por toda a parte, em decorrência do movimento humano, à medida que mais pessoas e grupos lidam com a sua realidade, ou com fantasias de quererem mover-se. Tanto as realidades como as fantasias funcionam em escala alargada (...), e à medida que o capital internacional muda as suas necessidades, à medida que a produção e a tecnologia geram necessidades novas, à medida que os Estados-Nação modificam as suas políticas de refugiados, estes grupos em movimento nunca podem dar-se ao luxo de deixar a sua imaginação descansar por demasiado tempo, mesmo que assim o desejassem.» (Appadurai, 1990: 297)

Sob condições globalizadas, a localidade já não se encontra necessariamente ancorada a lugares específicos, e tornou-se problemática. Noutro sentido, o Estado-Nação encontra-se sob cerco: por um lado, pela desespacialização das relações sociais (ou melhor: subjectividade, relações sociais e território já não necessitam de coincidir de forma directa) e, por outro, pela separação dos chamados "bairros espaciais e visuais" (Appadurai, 1995; Kennedy e Roudometof, 2006). Reflectindo sobre territorialidade e localidade com um enfoque contemporâneo, não poderemos, assim, deixar de verificar senão que a desespacialização<sup>15</sup> emerge como consequência inevitável de uma mobilidade global aumentada, e de numerosas migrações. Migrações essas que dispersaram, deslocaram, misturaram e colocaram em contacto culturas e povos muito distintos, através das fronteiras de cidades, regiões, países e continentes (Bauman, 1998).

Em síntese, a rigidez, permeabilidade e delineamento de fronteiras são questões centrais nos estudos das migrações. Se os antropólogos privilegiaram tendencialmente as fronteiras simbólicas, outros autores centraram-se nas fronteiras económicas, políticas ou culturais-identitárias, bem como na maior ou menor permeabilidade das

<sup>14</sup> Appadurai, 1990; cit. por Castles e Davidson, 2000: 145.

<sup>15</sup> Deveremos igualmente ponderar, juntamente com aspectos concernentes ao espaço, aqueles relacionados com o tempo e a questão da temporalidade nas migrações.



fronteiras, e nas formas como os Estados definem e mantêm essas fronteiras. Sob uma perspectiva geopolítica, vimos que diferenças na disponibilização de condições universalmente desejadas pelos sujeitos migrantes (económicas e não-económicas: políticas, sociais, de saúde, educacionais e culturais) levariam à transferência de populações, com determinadas aspirações, de uns países para outros. A médio prazo, os países do núcleo do sistema mundial moderno procuram preservar os seus privilégios e restringir entradas, com algumas excepções feitas à entrada de mão-de-obra barata; por vezes, funcionando sob sistemas internacionais de exploração laboral (trabalhadores migrantes vindos de países periféricos e semi-periféricos). No contexto desta tese, seguimos de perto as considerações clássicas de Zolberg a respeito da importância dos aspectos políticos (além de económicos) no equilíbrio do sistema internacional, bem como na predição dos fluxos migratórios. Isto torna-se, para nós, tanto mais importante, quanto teremos como objecto de análise uma imigração resultante de um fluxo crescente de indivíduos sul-asiáticos, com destino a um país que esteve, até recentemente, em crise económica, no quadro do sistema capitalista europeu e mundial. O que apela, à partida, à consideração de variáveis outras, que não as meramente económicas, na base das motivações desses migrantes. Nos movimentos migratórios internacionais existe uma desespacialização patente: há quebra na continuidade da localidade e dos grupos sociais na origem; em contrapartida, o território e a "paisagem étnico-cultural" mutável engendram grupos e associações, no ambiente de chegada. Mas as relações sociais e o território não necessitam de coincidir: essa desespacialização ocasiona contactos e movimentos migratórios inéditos na história, como é o caso do movimento de sul-asiáticos com destino à Europa mediterrânica.

## **1.2. Raça, Etnicidade e Construção da Identidade Imigrante**

### **1.2.1 Raça e Etnicidade**

A raça e o grupo étnico, para além da língua e da religião, destacam-se como importantes marcadores de identidade das imigrações<sup>16</sup>. A construção da raça e da etnicidade, assim como a determinação da sua significância, correspondem a processos de delineamento de fronteiras por parte dos imigrantes, seus grupos e comunidades. Por conseguinte, em relação com trajectos migratórios, a raça e a etnicidade criam, sustentam ou transgridem, fronteiras e limites. Como afirma Brettell (2007), tais processos de delineamento de fronteiras:

---

<sup>16</sup> Ou, de um modo geral, para além das culturas nacionais, regionais e locais de origem, dos migrantes.



«(...) enfatizam a fluidez das identidades raciais e étnicas, que são moldadas, negociadas e contestadas em situações e contextos específicos. Esses processos captam o leque de espaços nos quais a etnicidade e a raça se tornam salientes - a universidade, o enclave imigrante, o centro de detenção, o local de trabalho, o clube nocturno e, até, a passagem transatlântica. Por vezes, estas identidades diferem entre a geração imigrante e as gerações dos seus filhos e descendentes (...). Enquanto processos de construção de limites ou fronteiras, a raça e a etnicidade tanto podem unir, como [poderão] dividir.» (Brettell, 2007: 1)

Brettell (2007) centra-se, portanto, na especificidade dos contextos e multiplicidade de espaços, nas diferenças intergeracionais, na fluidez ou na maleabilidade negocial da identidade racial e étnica de um grupo - mas, igualmente, na sua essência ambígua: raça e etnicidade "poderão unir ou dividir". Hall (2003) via a etnicidade como uma modalidade potencial da diferença e do hibridismo, eventualmente usada para desafiar as construções essencialistas das fronteiras de um grupo. A etnicidade reforçava, ainda, a especificidade da experiência colectiva de cariz histórico, político e cultural. Este investigador contestaria, todavia, no quadro de um discurso racista que apagasse realidades de repressão ou exclusão, o enraizamento da etnicidade na diferença. Fabricant (1998), em contrapartida e por contraste a Hall, sublinhou que a etnicidade e a viagem, em si mesmas, não garantiriam os ideais multiculturais tão celebrados pelos pós-colonialistas: este autor descreveu, por exemplo, os navios negreiros, não como locais de hibridização mas, antes, na qualidade de "microcosmos flutuantes de mundos racialmente divididos, na partida e na chegada" (Fabricant, 1998). Numa instância, a migração reproduz, a uma micro-escala, sociedades de origem e de destino racialmente segmentadas (a etnicidade é ideologia, ou resulta de constrangimentos estruturais); noutra perspectiva, a migração aparece como desafio a fronteiras essencialistas, e oportunidade de hibridização étnico-racial (a etnicidade é distintividade cultural). Sobre as diferenças entre etnicidade e raça, Nina Glick Schiller e Georges Fouron (1990) fizeram, entretanto, notar que:

«Quer a etnicidade seja definida em termos de distintividade cultural, explicada como reacção a constrangimentos estruturais ou abordada como ideologia, o conceito parece inadequado para lidar com a raça. A raça, por um lado, é uma "categoria social", cujos limites e significado diferem de sociedade para sociedade. Alguns pesquisadores enfatizaram a natureza ideológica da raça, para contradizer argumentos biologicamente deterministas. Mas, nos EUA, a raça não pode ser reduzida a uma categoria ideológica. Enquanto produto de uma construção histórica, a raça emergiu como categoria crítica, para compreender a manutenção da hegemonia da classe capitalista.» (Glick Schiller e Fouron, cit. por Brettell, 2007: 4).

Deste modo, e mais do que ideologia ou cultura, a raça é construção socio-histórica, além de característica biológica: enquanto "categoria social", ela difere entre sociedades distintas - mas pode explicar a manutenção do privilégio de classes hegemónicas, sob condições capitalistas. Esta análise mais fina contradiz a tentativa "antropológica",

protagonizada por alguns autores, para excluir o conceito de raça em favor do conceito de etnicidade. Avtar Brah (1996) considerou que a etnicidade definia a experiência de grupos racializados, em termos primariamente "culturalistas": ao ponderar a "diferença étnica" como a modalidade primária, em torno da qual a vida social é constituída e experienciada (Brah, 1996: 99). Harrison (1998) admitia, pouco tempo depois, que conceitos como o de formação de uma identidade racial, estratificação racial ou racismo "fariam justiça às experiências" de todos aqueles que são identificados, ou se auto-identificam, em termos raciais (Harrison, 1998: 613). Para Brubaker (2002), deveríamos:

«(...) pensar a etnicidade e a raça [e a nação], não em termos de grupos ou entidades, mas sob o ponto de vista das categorias práticas, idiomas culturais e esquemas cognitivos; rotinas e formas organizacionais, molduras discursivas, projectos políticos e eventos contingentes." (Brubaker, 2002: 167)

Segundo este autor, tanto a raça, como o grupo étnico, deveriam ser pensados em termos dinâmicos, relacionais e processuais. Em síntese, e no quadro desta tese, consideraremos o conceito de grupo étnico como distintividade cultural, associada a distintividade religiosa (um conceito essencialmente culturalista, focado em tradições e rituais, embora ligado a múltiplos grupos, mais ou menos racializados). Essa distintividade étnica surge, por vezes, exacerbada em conexão com constrangimentos estruturais. No caso dos migrantes internacionais, alguns desses constrangimentos podem relacionar-se com políticas de supressão étnica e da diferença na origem, ou ausência de redes de suporte e obstáculos vários à integração no destino. A nossa conceptualização é justificada pela utilidade deste conceito, tendo em consideração particularidades étnicas complexas, no caso nepalês específico. Por outro lado, na sequência de Glick Schiller e Fouron, encararemos a raça como uma característica biológica e uma construção socio-histórica, necessária para entender e explicar processos hegemónicos e de exclusão. Tendo em conta ainda o caso nepalês, uma articulação dos dois conceitos permitir-nos-á ver como uma raça pode corresponder a múltiplos grupos étnicos, e de que forma o conceito de etnicidade não é estritamente racializado (nem primariamente biológico), além de podermos, eventualmente, inferir sobre a influência relativa dos sistemas de castas intra-étnicos<sup>17</sup> e da raça, nesses processos hegemónicos ou excludentes. Sob este ponto de vista, o grupo étnico e a existência (ou não) de um sistema de castas intra-étnico, determinado por hábitos e tradições ocupacionais e história familiar, assumiriam um papel, eventualmente, mais

---

<sup>17</sup> Ou seja, diferenças de classe social e sistemas de ocupações hereditárias, intra-étnicas.

determinante do que a raça, em processos de discriminação, estratificação e formação identitária.

### 1.2.2 Construção da Identidade Migrante

As mudanças no significado simbólico da raça e da etnicidade, em populações imigrantes, têm consequências, ao nível do comportamento e das relações sociais dos indivíduos - porque a construção e desconstrução histórica dos grupos étnicos está conectada ao modo como os migrantes constroem as suas próprias identidades, em relação a lugares, grupos e países diferentes. Comparando diferentes gerações migrantes, em 1979, Gans argumentava (muito polemicamente) que, entre as terceiras e quartas gerações imigrantes nos EUA, a necessidade de uma "identidade étnica" não era frequente nem intensa. E que estes descendentes de imigrantes da primeira geração "não necessitavam" de culturas étnicas ou organizações, recorrendo, isso sim, ao uso de símbolos étnicos. Neste prisma, a etnicidade via-se, portanto, reduzida a uma condição simbólica empobrecida; podendo, contudo, persistir durante gerações (Gans, 1979). Mas Ebaugh e Chafetz (2002) lembram que pesquisas como a de Williams (1988) mostraram que a etnicidade se mantinha saliente, para muitos imigrantes, com o passar do tempo, e até das gerações. Enquanto isso, a religião servia, amiúde, como "marcador identitário" que ajudava os imigrantes a manter a sua identidade étnica intacta - contrariamente ao enfraquecimento dos laços étnicos, que muita pesquisa sociológica precoce, antecedente, havia predito. Também Basch, Glick Schiller e Szanton Blanc (1994, 1995) evidenciariam, depois de Williams, que numerosos imigrantes, mesmo se investindo social, económica e politicamente no destino, continuavam a participar na vida quotidiana da sociedade a partir da qual tinham emigrado. Ficou demonstrado que as redes de relações, a partir das quais os sujeitos imigrantes desenvolviam as suas identidades, tinham ligações a, no mínimo, dois Estados-Nação (redes articuladas, por exemplo, por meio das remessas, da comunicação frequente com a origem, da multiplicidade de viagens, actividades e trocas, do retorno, ou da sazonalidade).

De modo a iniciarmos uma discussão mais aprofundada sobre as formas de construção de uma identidade imigrante, começemos por notar que, para Homi Bhabha (1996), os imigrantes representam culturas *in-between*, porque negociam duas culturas diferentes que alicerçam a sua identidade e os posicionam, em termos sociais, como simultaneamente "diferentes e semelhantes" (Bhabha, 1996). Este hibridismo conduz à produção de um "terceiro espaço" pelos imigrantes - para si próprios, ou à descoberta

"dos outros dentro de nós mesmos" (Bhabha, 2004)<sup>18</sup>. Estas visões de comunidade e versões de memória histórica conferem uma forma narrativa às posições minoritárias, que as agências de hibridismo ocupam: a margem que vem de fora do que está dentro, a parte do todo (Bhabha, 1996). Para este autor, o hibridismo é uma forma de espaço *in-between* e representa a vanguarda da tradução-negociação, enquanto peças essenciais, significando cultura. Esse espaço foi designado por "terceiro espaço", o qual auxilia na exploração e emergência de uma consciência "dos outros de nós mesmos" (Bhabha, 2004). O "terceiro espaço" aparece em relação com a identidade: segundo este pesquisador, o "terceiro espaço" correlaciona-se com questões suscitadas pelo problema da autoridade, em situações nas quais as diferenças culturais são o foco da hierarquia social e da hegemonia - por exemplo, as minorias nas sociedades metropolitanas contemporâneas, que encaram a "crise de saber quem são e onde pertencem" (Hoeller, 1999: 54). Isto significa que a experiência e o desenvolvimento intercultural dos imigrantes no país de acolhimento podem afectar a sua identidade. A sua percepção do mundo modifica-se e desenvolve-se, o que, eventualmente, alterará a identidade destes imigrantes, de acordo com novos padrões, baseados na fundação de um novo sistema. Segundo Bhabha (2004):

«O "terceiro espaço", embora não representável por si só, constitui as condições discursivas de enunciação, que garantem que o significado e os símbolos da cultura não têm nenhuma unidade primordial ou fixidez e que, até os mesmos sinais, podem ser apropriados, traduzidos, deshistoricizados e lidos de forma original.» (Bhabha, 2004)

Para o investigador, a identidade está estruturada através do tempo, e surge associada à situação económica vivida, bem como à posição do *self* em diferentes contextos culturais. Mais do que a sociedade de origem, é relevante o contexto em que se vive no presente. Embora os indivíduos sejam livres de escolher a sua identidade, esse facto não previne algumas variações na nova identidade, resultantes de significados culturais e símbolos (a cultura é mutável, não tem uma unidade rígida). Por outro lado, e tendo em conta a posição do *self* em contextos espaciais distintos, Proshansky (1978: 57-83) e Fabian e Kaminoff (1983) introduziram o conceito de *place-based identity*, para dar conta, não apenas dos significados e significantes que habitantes e utilizadores associam aos lugares (por exemplo, o bairro ou a zona geográfica da cidade onde habita uma

---

<sup>18</sup> Diferentemente de Hoogvelt (1996), Bhabha considera que as agências de hibridismo não partem de uma busca de supremacia, ou soberania: elas circulam a sua cultura parcial, uma espécie de tecido conjuntivo entre duas culturas distintas, para construir visões de comunidade e versões de memória histórica.

determinada imigração), como também dos contributos que esses significados aportam às conceptualizações individuais do *self* de cada sujeito. Ainda no contexto da construção de uma identidade imigrante, a integração<sup>19</sup>, na sua dimensão normativa<sup>20</sup>, leva à aculturação, que corresponde a mudanças na orientação cultural e identificação dos imigrantes (Entzinger e Biezeveld, 2003). A integração cultural imigrante na sociedade de acolhimento apresenta alguns benefícios, como o desenvolvimento ou melhoria das relações entre imigrantes e nativos - com impacto, por exemplo, no acesso a melhores oportunidades de trabalho, e na redução de riscos em termos de saúde psicológica, riscos esses que são geralmente elevados em comunidades imigrantes (Rubin et al., 2011: 499). Noutras circunstâncias, os imigrantes são marginalizados e cingem-se à sua cultura de origem (por vezes, como reacção à marginalização). Relembremos, enfim, que Eisenstadt (1954) discutira classicamente os "índices de absorção" de imigrantes, em três vertentes: aculturação (aprendizagem de novos papéis, regras e costumes; internalização de novos padrões de comportamento), ajustamento pessoal (por oposição a índices elevados de desorganização pessoal, como a delinquência ou a doença mental) e dispersão institucional (a não-concentração de imigrantes num só sector da esfera económica, política, ecológica ou cultural - de forma a "deixarem de ter uma identidade separada", relativamente aos habitantes nativos).

Em conclusão, é indiscutível que os movimentos globais de pessoas surgem associados à construção de identidades locais (Hansen, 2001). A identidade do grupo migrante desenvolve-se, não somente por via de contributos da herança ou distintividade cultural da família e sociedade de origem, mas, igualmente, em virtude de ideologias, construções sócio-históricas, reacções a constrangimentos estruturais e circunstâncias presentes. Especialmente daquelas condições políticas, económicas e sociais actuais que

---

<sup>19</sup> Como característica societal, a integração tem sido recentemente substituída pela expressão "coesão social". Numa perspectiva individual e grupal, a integração tem diversas dimensões (Granovetter, 1973): como a incidência (que compreende a frequência, ou número de laços com o ambiente e contactos reais com outros; e a intensidade, ou sentimentos de pertença e familiaridade) e a identificação - quanto maior a identificação, mais próximos serão, tendencialmente, os laços, o que não significa necessariamente que haja contactos frequentes (Entzinger e Biezeveld, 2003). Deveremos diferenciar, ao menos, entre as dimensões institucional e normativa da integração. Já o conceito de assimilação, possui uma dimensão estrutural e uma dimensão cultural, que não têm obrigatoriamente de coincidir também (Gordon 1964; Hoffmann-Nowotny 1970, cit. por Entzinger e Biezeveld, 2003). Neste ponto, notemos que Rubin et al. (2011) definem as pessoas que se integram como envolvidas tanto na sua herança cultural, quanto na cultura da sociedade de acolhimento, enquanto Sam e Berry (2010) postulam que os imigrantes aculturados são aqueles que se orientam para uma ou outra das culturas, como forma de assimilação e separação (Sam e Berry, 2010: 472).

<sup>20</sup> Por outro lado, a dimensão institucional do conceito de integração remete para uma participação imigrante aumentada nas principais instituições de uma sociedade: como o mercado de trabalho, a educação, ou o sistema de saúde (Entzinger e Biezeveld, 2003).

rodeiam a família migrante e a comunidade - contrabalançando e gerindo relações de poder entre grupos distintos, os quais compartilham um mesmo espaço. Ou seja, a construção de uma identidade imigrante depende de noções de raça e etnicidade, de heranças culturais e históricas. Mas depende, outrossim, de matizes e especificidades relacionadas com os modos de acolhimento, recepção e aceitação locais dos imigrantes, na sociedade de destino, bem como da resposta "cosmopolita" que é dada por essa sociedade aos processos de globalização. Recordemos que Beck (2000) introduziu o conceito de "modernidade cosmopolita" para descrever novos constrangimentos e imperativos globais, exercendo pressão no sentido de uma ultrapassagem do eurocentrismo<sup>21</sup>. Na perspectiva de Beck, o "cosmopolitanismo" era uma resposta à globalização: a própria realidade tornara-se cosmopolita. Também para Sørensen (2014), os processos de globalização têm correspondência numa "cosmopolização multidimensional". Entretanto, a "superdiversidade" de Vertovec (2006) salientou que as novas vagas de imigração teriam vindo adicionar variáveis não exclusivamente étnicas à diversidade antes descrita<sup>22</sup>.

Em síntese, a conceptualização de etnicidade por nós adoptada, que atrás explanámos e que seguiremos no âmbito deste estudo, pretende-se em consonância com os resultados das pesquisas de Williams (1988), que expôs a manutenção de uma etnicidade saliente através de gerações, e de Basch, Glick Schiller e Szanton Blanc (1994), que demonstraram a manutenção de uma participação activa dos migrantes na sociedade de origem. Adoptaremos, ainda, a noção de "terceiro espaço" de Bhabha (2004), enquanto conceito útil para estudar minorias em ambientes metropolitanos. Além da raça, história, herança e grupo étnico, também os modos de recepção e acolhimento influem, decisivamente, na construção de uma identidade migrante - não apenas os migrantes aportam significados aos lugares, como tais significados alteram o *self* dos migrantes. Neste sentido, teremos em conta as diferenciações entre integração,

---

<sup>21</sup> Ele explanou disposições e práticas cosmopolitas como a "mobilidade extensiva" - através da qual as pessoas podiam viajar "na realidade, assim como na imaginação e virtualmente". O que ocorria a par da curiosidade por (e consumo de) outros lugares, pessoas e culturas, estruturando-os de um ponto de vista antropológico, geográfico e histórico - segundo o mapeamento de tais experiências, sua distinção estética, bem como da disposição a experienciar outras línguas e culturas na qualidade de "enriquecedoras" (Beck, 2000).

<sup>22</sup> Pelo que as tentativas contemporâneas de captar a diversidade não poderão já cingir-se apenas às noções de raça e etnicidade, ou suas implicações estritas, seja no escrutínio da adaptação imigrante ao destino, ou nas formas de conceptualizar a construção de uma identidade migrante. E, na consideração desta, o carácter modulador das respostas no destino, dos processos de aceitação, inclusão e pertença, insinua-se como cada vez mais fulcral.

aculturação, assimilação e marginalização, propostas por diferentes autores<sup>23</sup>. Finalmente, seguiremos, ainda, as notas avisadas de Vertovec, sobre a incapacidade dos conceitos de raça e de etnicidade, para darem conta de toda a diversidade presente nas imigrações, e sobre o carácter decisivo dos modos de recepção verificados no destino.

### **1.3. Lugares de Encontro, Identidade e Sentimentos de Pertença**

#### **1.3.1 Lugar, Identidade, Pertença e Estrangeiros**

No contexto das migrações internacionais, o país de destino constitui-se como lugar de encontro, por excelência - mas lugares de encontro temporário são, também, os locais de paragem ou descanso quando em trânsito, as etapas do trajecto migratório até alcançar o destino, ou o retorno pontual à origem, entremeado de reencontros. O lugar é um elemento central na definição do princípio de identidade (Augé, 2002) e, o próprio espaço, poderá ser definido como um lugar praticado e transformado pela acção dos sujeitos (De Certeau, 1999). A fulcral conexão entre contexto e formação de identidade depende dos valores culturais em diversos domínios (exº: no tipo de relação estabelecida com outras pessoas e grupos, no país de acolhimento). As relações sociais entre pessoas moldam a construção identitária, e a identidade colectiva desempenha um papel relevante, quando se trata de responder à questão: "Onde é que eu pertenço?" (Eder, 2009). A interacção "pessoa-contexto" determina, então, o papel essencial da cultura, incluindo a cultura associada ao grupo étnico, no desenvolvimento identitário (Ferrer-Werder et al., 2012: 64). Phinney e Baldelomar (2011) declaravam que "nenhuma identidade é livre de cultura": uma vez que a identidade pessoal, ou social, é preenchida pelo contexto cultural, a forma como essa identidade é construída e segmentada torna-se importante, para entender diversos aspectos do constructo (Phinney e Baldelomar, 2011: 163, cit. por Sulyman, 2014). Sabemos que todo o processo migratório é uma oportunidade de criação, reformulação, sustentação, mudança, transgressão ou (re)construção identitária. Os migrantes constroem as suas próprias identidades em relação a lugares, contextos, ambientes, grupos e países diferentes (Christiansen & Hedetoft, 2004; Sicakkan & Lithman, 2005). Sabemos, adicionalmente, pelo estudo dos diferenciais migratórios, que a migração está altamente relacionada com o estágio do ciclo de vida: adolescentes e jovens adultos são mais móveis do que outros grupos (Jansen, 1969). Contextos e discursos articulam-se de modos complexos e mutáveis com as dimensões formais, participatórias e identitárias da cidadania

---

<sup>23</sup> Cf. Granovetter (1973), Entzinger e Biezeveld (2003), ou Rubin et al. (2011).



(Colombo, Domaneschi e Marchetti, 2011). Na sequência de processos migratórios, estão em jogo tanto as transformações da pertença, como aspectos relativos à pertença múltipla. Sendo que a pertença surge formada por diferentes camadas, sublinhando aspectos distintos: a recepção e aceitação, a identificação e o envolvimento<sup>24</sup>. Paralelamente à conjugação, e alterações, da pertença e da pertença múltipla, as migrações internacionais transportam riscos, desafios e conflitos, ligados a processos de segregação, discriminação ou exclusão<sup>25</sup>. Os migrantes aparecem, frequentemente, descritos como "fora do lugar" num novo ambiente, ou, como descreveu Simmel (1908), referindo-se ao "estrangeiro":

«Não se usa, destarte, a noção de estrangeiro no sentido habitual, em relação àquele que vem hoje e amanhã se vai, mas como aquele que vem hoje e amanhã pode permanecer - porque era possível mover-se e, embora não siga adiante, ainda não superou completamente o movimento do ir e do vir. Fixo dentro de um determinado raio espacial, onde a sua firmeza transfronteiriça poderia ser considerada análoga ao espaço, a sua posição neste [espaço] é determinada largamente pelo facto de não pertencer imediatamente a ele, e as suas qualidades não podem originar-se e vir dele, nem nele adentrar-se (...) o ser estrangeiro, ou o estranho, seria aquele que se encontra mais perto do [que é] distante.» (Simmel, 1908, trad. por Mauro P. Koury, 2005)

O estrangeiro é reconhecido, neste sentido, como uma parte integrante do tecido social - mas exterior a ele e, até certo ponto, contrária o suficiente, para nunca ser considerada como um "inimigo interno"<sup>26</sup>. Um processo que sintetiza proximidade e distância constitui, e estabelece, a posição formal do estrangeiro no grupo socialmente circunscrito. Continua o autor (Simmel, 1908):

«O estrangeiro é visto e sentido, de um lado, como alguém absolutamente móvel. (...) De outro lado, a expressão para esta constelação de significados encontra-se na objectividade do estrangeiro. Porque este não é determinado a partir de uma origem específica para os componentes singulares de um social, ou para as tendências unilaterais de um grupo. Vai além, faz frente a estes com uma atitude particular

<sup>24</sup> A recepção e aceitação salientam o desejo universal de ser tomado como igual e não excluído, com base em discriminação ou preconceito. A identificação conserva uma natureza essencialista, sublinhando a importância da "inevitabilidade" da diferença. E o envolvimento diz respeito aos estilos de vida e relações quotidianos, conferindo importância à possibilidade de participar em nome dum interesse específico, contribuindo para a vida e o futuro da comunidade (Marchetti et al., 2011).

<sup>25</sup> As cidades de destino são lugares privilegiados para o teste de identidades, para a negociação da pertença e para a reivindicação de direitos - mas elas "são igualmente marcadas por processos de segregação, exclusão e repressão" (Mitchell, 1995; Ruddick, 1996; Smith, 1997).

<sup>26</sup> O estrangeiro surge descrito como um estranho, isto é, enquanto "um outro não-proprietário do solo": nem do solo no sentido físico do termo, nem do solo como "substância da vida", que não se fixa num espaço determinado do perímetro social. Simmel nota como, ao longo da história da economia, aparecem os estrangeiros identificados como comerciantes, e os comerciantes como estrangeiros, sobejas vezes (com a actividade a fixar-se no estranho), por ser esse um sector indicado a "acolher sempre mais um homem do que a produção primária". E pelo facto de a intermediação dar o carácter simbólico da mobilidade do estrangeiro, encapsulando-o, frequentemente, numa espécie de sublimação que é "a pura arte da transacção monetária" - fornece, então, como exemplo, a história dos judeus europeus.



"objectiva", que significa, não uma simples distância e indiferença, mas um facto especial da distância e da proximidade. Facto especial dado pela relação ambígua entre insensibilidade e envolvimento.» (Simmel, 1908, trad. por Mauro P. Koury, 2005)

Esta descrição do estrangeiro como "absolutamente móvel e objectivamente desafiante" sintetiza dois aspectos cruciais, que denotam bem a complexidade da posição do estrangeiro, aos olhos de Simmel: o carácter "móvel absoluto" do estrangeiro, desvinculado de pessoas e normas locais, mas também a "objectividade" da sua atitude, descrita como "permanentemente ambígua" (entre a distância insensível e o envolvimento próximo). Ressalta destas constatações, numa primeira instância, a instabilidade identitária e a volubilidade dos sentimentos de pertença do estrangeiro. Não obstante e curiosamente, Simmel deduz delas, de forma mais optimista, aquela característica que designa por "liberdade do estrangeiro":

«Esta liberdade dá ao estrangeiro uma relação próxima da perspectiva da experiência e do deleite do pássaro para com as folhas, e contém certamente uma espécie de potencialidade perigosa. Indica-se sempre, por exemplo, por meio de rebeliões de todos os tipos, que a facção atacada teria começado uma agitação a partir do exterior, por mobilização de estrangeiros. Do mesmo modo que isso pode verificar-se, não deixa também de ser um exagero referente ao papel específico do estrangeiro.» (Simmel, 1908, trad. por Mauro P. Koury, 2005)

O estrangeiro aparece descrito como "mais livre" do que os nativos, inclusive para "medir os ideais" de forma mais desapassionada, não estando a sua acção condicionada por "costumes, piedade ou dependência" (Simmel, 1908). Pela cidadania, ou até pela profissão, o estrangeiro parece próximo, porque cria laços a outro; na medida em que não há, porém, laços de pertença mais profunda, mas somente uma relação de igualdade abstracta e geral com um outro, o estrangeiro aparenta encontrar-se mais distante. As proporções de distância e de proximidade são específicas a cada relação com esse ser "não-pertencente", embora sujeito aos mesmos condicionamentos sociais que os restantes indivíduos, e a tensão daí resultante solidificaria as relações formais com o estrangeiro. Os contactos com o estrangeiro são tidos por estreitos e remotos (descritos como "um não-relacionamento positivo"), baseados numa igualdade humana abstracta, que não o identifica como parte do grupo; sabendo-o, contudo, parte de outro grupo determinado.

Resumidamente, analisámos os modos de pertença - com transformações da pertença e pertença múltipla em jogo nos processos migratórios. Na senda de Marchetti et al. (2011), reconhecemos diferentes camadas na pertença: recepção, aceitação, identificação, envolvimento. No âmbito desta pesquisa e a propósito das idiossincrasias

da pertença migrante, recordámos as enriquecedoras notas de Simmel (1908), a propósito das características identitárias do "estrangeiro".

### 1.3.2 Lugares de (Des)Encontro, Linguagem e Identidade Cultural

Os migrantes são frequentemente descritos como "fora do lugar", em parte devido às suas competências linguísticas particulares, as quais nem sempre encaixam nas normas ou expectativas dos espaços que esses migrantes vêm a habitar, mesmo que eles se aventurem na língua local (Cresswell, 1996). As suas identidades são, então, prescritas e (re)formuladas por outros, como as de alguém que "não pertence" ao lugar. Mas a escola ou o lar representam "lugares de encontro": a primeira é um espaço produzido através da língua, o segundo é um lugar estabelecido por meio das normas e regras linguísticas dos pais, amigos ou familiares (vindos de determinado país ou região, pertencentes a dado grupo étnico, classe social, religião, subcasta<sup>27</sup> ou partido político). A linguagem, o espaço e as identidades constituem-se mutuamente e constantemente - a linguagem produz diferentes ordenações do espaço (Valentine, Sporton e Nielsen, 2008). A escolha linguística e o uso lúdico da linguagem desempenham um papel importante, no modo como os migrantes atribuem sentido à sua identidade e afiliações, no contexto situado dos encontros quotidianos em casa, na escola ou no trabalho (Valentine, Sporton e Nielsen, 2008). A língua surge como marcador de identidade; a linguagem e a fala são elementos de representação (Cameron, 1998; Delph-Janiurek, 1999). A linguagem é uma norma que estrutura os espaços quotidianos - os quais têm regras de comportamento comunicativo que afectam o que pode, ou não, dizer-se e legitimam formas determinadas de comportamento e identidades, todavia constringendo outras formas (Valentine e Skelton, 2007). Ao chamar a atenção para a troca de códigos linguísticos entre bangladeshianos (exº: do Bengali para o Inglês), Wilce (2000) notou que essa troca surgia mais associada à negociação de identidades, do que ao atravessamento de fronteiras: constituía uma escolha mais ou menos neutra, perante a necessidade de articular múltiplas relações, e aquilo que o autor designou por "identidades laminadas". Stuart Hall (2003), ligando enunciação e modo de representação da identidade, disse-nos que não deveríamos pensar a identidade como um fenómeno realizado, mas sim como uma produção sempre inacabada: dentro da representação, não fora dela (Hall, 2003). A identidade aparecia, portanto, como construção social dinâmica, moderada pelo acto de enunciação, e marcada pela relação sujeito-espaço-tempo. Nos grupos imigrantes, tanto as relações subjectivas

---

<sup>27</sup> Intimamente relacionada com a classe social, existindo algumas excepções.

estabelecidas, como as condições materiais do espaço, definem um novo território. Aqui, a diferença pode ser pensada como experiência, relação social, subjectividade ou identidade. No entender de Brah (1996):

«As identidades colectivas são irredutíveis à soma de experiências dos indivíduos. A identidade colectiva é o processo de significação, através do qual comunalidades de experiência, em torno de um eixo específico de diferenciação, como a classe, casta ou religião, são investidas de significados particulares. Neste sentido, uma determinada identidade colectiva apaga parcialmente, mas também carrega, traços de outras identidades.» (Brah, 1996: 124)

A partir de um exercício de significação da experiência comum e do espaço-tempo, o grupo constrói identidade<sup>28</sup>. Hall (2003) distinguiu duas formas de encarar a identidade cultural: em termos de unidade de uma cultura subjacente, verdadeira e colectiva, experiência histórica comum e códigos compartilhados; ou a identidade cultural como "aquilo em que o sujeito se torna ou vem a ser", considerando rupturas e experiências diferentes, "posição" dinâmica permanente, nunca estática nem imutável (Hall, 2003). Este autor vê, por inerência, a identidade cultural enquanto relação dialógica, entre um eixo de semelhança (continuidade e ancoragem no passado) e um eixo de diferença (descontinuidades surgidas de processos, tais como a escravidão, a migração ou a colonização). A identidade é, igualmente, articulada pelas representações sociais das minorias imigrantes, em vigor na sociedade de acolhimento, e pelas informações veiculadas através dos média étnicos e transnacionais. Quer essas informações sejam referentes ao ambiente de origem, quer se reportem à sociedade de destino, quer sejam respeitantes a outras imigrações que partilhem a mesma herança cultural. Afastando-se de visões estáticas da identidade, Hall (2003) e Gilroy (1993) consideraram a produção e reprodução constantes, por via da transformação e diferença, como características fundamentais da hibridização e das chamadas identidades diaspóricas (assumindo, de acordo com os seus críticos, o termo diáspora quase como metáfora para identidade híbrida). A confrontação de dois tempos e dois lugares, a tensão entre estabelecimento e deslocalização (mais num sentido relacional do que transformativo), assumem particular importância no âmbito dos debates sobre identidades diaspóricas. Visando um aprofundamento deste tema e uma clarificação de teorizações, consideramos necessário e

---

<sup>28</sup> E se, durante a modernidade, dominou uma concepção do espaço como elemento fixo e estável face ao tempo, teorizações recentes consideram o espaço como criado pelo ser humano, e como uma realidade configurada pelo cultural (Férrandez, 2008). No contexto de um processo de globalização que comporta dimensões culturais e identitárias, a produção cultural afigura-se como fundamento de identidade: a identidade grupal nasce da relação entre a cultura passada e a cultura presente (Isaac, 1989).

relevante detalhar, de seguida, as discussões relativas ao uso e características do conceito de diáspora.

## 1.4 Discussões Relativas ao Uso do Conceito de Diáspora

### 1.4.1 Definições de Diáspora

Analisaremos algumas das formas diversas como o conceito de "diáspora" foi definido ao longo do tempo, em função das conceptualizações de autores distintos; para, no final, podermos realizar uma breve síntese e optar por um autor em detrimento de outros, justificando a nossa opção. Muitas das tentativas para definir o que é uma diáspora, e os espaços que ela ocupa, colocaram o desejo, ou nostalgia, pela *homeland* como sua característica central, ou mesmo única (Safran, 1991; Tölölyan, 1996b; Cohen, 1997). Derivada da tradução grega do termo hebraico *galut* (utilizado para significar exílio colectivo) e seu correspondente arménio *gaghut*, a palavra "diáspora" (*speiro* + *dia*), que poderia traduzir-se, de modo literal, como um "semear de novo" ou "semear por cima", fazia, originalmente, referência a processos de migração e colonização<sup>29</sup>. No sentido hebraico, "diáspora" reportava-se ao assentamento de colónias judaicas, fora da Palestina, após o exílio Babilónico. Contudo, a palavra generalizou-se para designar qualquer povo estabelecido fora da sua Terra-mãe ancestral (Shuval, 2003). Amplamente debatido, descrito e utilizado no contexto das ciências sociais e humanas, por múltiplos pesquisadores, o conceito de "diáspora" evoluiu do seu significado grego original (dispersão de uma população por meio de colonização, ou trauma e exílio colectivos), para as acepções relacionadas com trocas e trabalho, associadas à mercantilização no alvorecer do mundo capitalista - estando, hoje, mais ligado a significações positivas e a uma relação contínua, e multidireccional, entre a origem dos migrantes e os seus múltiplos destinos (Cohen, 1997). A palavra "diáspora" progrediria, depois, dos significados identificados com uma mercantilização crescente, para múltiplos entendimentos associados à cultura e ao espaço, à herança histórica, à deslocalização, à raça e à política, os quais proliferaram, de tal maneira que, autores como Brubaker (2005), advertiriam contra o uso do termo. Na verdade, essa proliferação resultaria na utilização de expressões variadas, como as noções de

---

<sup>29</sup> A edição de 1958 da *Encyclopedia Britannica* derivava "diáspora" do verbo grego *diaspeirein*, ou dispersar (sementes), mas identificava a palavra com óxido de alumínio cristalino (o qual dispersa flocos a partir da sua superfície, quando aquecido), ao passo que a edição de 1982 da *Larousse* listava "diaspores" como esporos pelos quais os fungos se propagavam, e a *Encyclopedia of Social Sciences* de 1968 ainda não fazia qualquer referência ao termo (Tölölyan, 1996).

"diáspora virtual", "diáspora cultural" e "diáspora vítima" (Cohen), ou ainda a noção "diásporas do medo" (Appadurai).

Nos anos '60 do século XX, o historiador George Shepperson introduziu a noção de diáspora africana por correlação com, ou tomando como referência, a experiência judaica (Shepperson, 1966; Edwards, 2001). De facto, não apenas o caso judaico, mas também as diásporas grega e arménia foram frequentemente analisadas, enquanto tipos-paradigmáticos da "diáspora clássica". E, como contraponto, não obstante o modelo da experiência judaica, o povo palestino foi encarado, amiúde, como exemplo da "diáspora catastrófica", ou "diáspora-vítima". As "diásporas comerciais", das trocas, ou aquilo que Armstrong (1976) designaria por "diásporas mobilizadas", viram-se igualmente modeladas em certos aspectos das diásporas gregas, arménias e judaicas, e tenderiam a incluir grupos tão distintos como imigrantes chineses, indianos, libaneses, os Hausa nigerianos, ou os germânicos bálticos (Brubaker, 2005). Durante os anos '70 do século XX, demonstradas as fragilidades da teoria da assimilação, a palavra "diáspora" passa a ser, sucessivamente, empregue para designar grupos migrantes que possuem um forte sentido colectivista, e que fazem questão de manter as suas tradições étnicas (Shuval, 2003). Ainda na década de '70, surgem as primeiras teorias das diásporas associadas ao estudo das ciências das relações internacionais e políticas (Armstrong, 1976). Na década de '80, o conceito expande-se; todavia, alguns autores (Medam, 1993; Clifford, 1994) sustentam que é necessária maior precisão, dado que a noção passa a designar, correntemente, apenas a dispersão de migrantes a partir de uma origem ou Estado-Nação, para destinos múltiplos, e nações outras. No entender de Clifford (1994):

«Deveríamos ser capazes de reconhecer o forte envolvimento da história judaica na linguagem da diáspora sem, no entanto, tornarmos essa história num modelo definitivo. As diásporas judaica, mas também grega e arménia, podem ser tomadas como pontos de partida não-normativos para um discurso que viaja, ou que se hibridiza em novas condições globais.» (Clifford, 1994: 306)

Ou seja, o autor, a par de outros pesquisadores, nos anos '90, considera que as chamadas "diásporas clássicas" não devem ser tomadas como referência excessivamente próxima para outros modelos. A este propósito, Tölölyan (1996) descreve sucintamente as seis características da chamada "diáspora judaica paradigmática", que prevaleceu até cerca de 1968, tal como especificado no Quadro I (Anexo 2). Também Sheffer (1986) criticara, anteriormente, a associação demasiado estreita entre o termo diáspora e a comunidade judaica: pela sua coexistência, na Europa do séc. XIX, com grupos

similares, como a diáspora grega ou a diáspora chinesa, mas igualmente por olvidar o passado histórico de certos grupos, tais como os fenícios, os sírios ou os nabateus. Este investigador propõe, então, três critérios definidores, para a noção de diáspora:

- «1 - A manutenção e desenvolvimento de uma identidade colectiva no "povo diaspórico";
- 2 - A presença de uma organização, ou ordem interna, distinta daquela que existe no país de origem, mas também [distinta] daquela que prevalece no país de destino;
- 3 - Contactos significativos (reais ou simbólicos) com uma Terra-Mãe.» (Sheffer, 1986: 22)

Estes contactos podem assumir a forma quer de viagens reais e remessas, quer ainda de referências ou alusões simbólicas. Este autor traçou um perfil colectivo<sup>30</sup> para as diásporas etno-nacionais, que tinha em conta as características expostas no Quadro II (Anexo 2). Sheffer (2002) detalha que tal "perfil" se aplica à maior parte das "diásporas históricas" (formadas na Antiguidade e na Idade Média), às "novas diásporas" (formadas a partir da Revolução Industrial), assim como às "diásporas etno-nacionais incipientes" actuais, quer estas estejam ligadas a um Estado, ou não tenham Estado. O mesmo autor (Sheffer, 2003) sublinha, reiteradamente, e além de propôr a historicidade das diásporas como factor de análise nas negociações com a "Terra-mãe" e o destino, esta diferença: entre "diásporas ligadas ao Estado" (grupos com uma noção concreta e politicamente reconhecida de "Terra-mãe") e "diásporas sem Estado" (grupos para os quais essa noção está ausente). Os judeus, por exemplo, poderiam ser considerados como uma "diáspora histórica ligada ao Estado" - a qual, à semelhança de outras diásporas históricas, desenvolveu elaboradas redes de comunicação trans-Estados. De acordo com estes dois vectores (historicidade e ligação ao Estado), cada grupo diaspórico escolheria entre seis estratégias de integração no destino distintas (assimilacionista, autonomista, comunalista/corporatista, integracionista, irredentista e separatista), para expandir esferas de influência, conforme é detalhado no Quadro III (Anexo 2).

Seria, porventura, possível que algumas redes de relações políticas complexas formadas resultassem, ocasionalmente, num "desfazer" de diásporas. Apesar do perfil colectivo proposto para as diásporas etno-nacionais, a diáspora judaica teria alguns traços singulares<sup>31</sup>. Para Sheffer, era, finalmente, necessário ir além das categorizações

<sup>30</sup> Sheffer (2002, 2003) notava que qualquer definição satisfatória de diáspora deveria ser multivariada, e lidar com diversos níveis de análise, dado o carácter peculiar das diásporas, como entidades dispersas por numerosos países de destino, em ligação próxima com a "Terra-mãe" e com outras imigrações em diferentes países - daí que um "perfil" se revelasse mais apropriado do que uma definição.

<sup>31</sup> Nomeadamente, o seu papel *de facto* no estabelecimento de Israel (que levou à reivindicação do reconhecimento de múltiplos centros para a nação Israelita - na diáspora) e a abrangência (sem

tradicionais (exº: aquelas propostas por Safran ou Cohen) e atentar às condições de formação e desenvolvimento da diáspora, dentro de um determinado país, numa perspectiva "holística, primordialista e mito-simbólica" - de modo a podermos compreender, com rigor, o papel da política diaspórica num mundo globalizado. A fonte da identidade étnica (e da identidade das diásporas etno-nacionais em particular, que não é estática, nem baseada somente em considerações materiais racionais) seria uma combinação de factores simbólicos, instrumentais e primordiais (Armstrong, 1976; Connor, 1994; Smith, 1993, 2000). Tanto laços familiares, culturais e de clã, como factores simbólico-culturais, contribuiriam para a identidade dos grupos diaspóricos etno-nacionais, enquanto elementos-base - aos quais se adicionava uma componente instrumental-racional, derivada de necessidades, interesses e elementos ideológicos. As identidades resultantes poderiam oscilar, mas estavam balizadas por certas características, que distinguem um grupo etno-diaspórico de outro grupo etno-diaspórico<sup>32</sup>. Ocasionalmente, há indivíduos que pertencem a um grupo etno-diaspórico mas não querem expressar essa adesão publicamente, por medo de discriminação, perseguição, ou por qualquer outra razão (Sheffer, 2002).

Se, no entender de Gabriel Sheffer (1986), a identidade colectiva, a organização interna própria e os contactos significativos com uma Terra-Mãe, se revelam centrais na definição daquilo que pode ser considerado como uma diáspora, segundo Safran (1991) as diásporas poderão ser correctamente endereçadas se nos ativermos nas seguintes características, de algumas comunidades minoritárias expatriadas:

«1 - A sua dispersão, ou dos seus ancestrais, a partir de um "centro" original para, pelo menos, dois lugares ou regiões estrangeiras e "periféricas"; 2 - A manutenção de uma memória colectiva, visão ou mito a respeito da Terra-mãe original - da sua localização física, da história e dos feitos passados; 3 - A crença de que o colectivo não é (ou talvez não possa ser) completamente aceite na sociedade de acolhimento, sentindo-se, por isso, parcialmente isolado, ou alienado, em relação a ela; 4 - A Terra-mãe ancestral é vista como a casa verdadeira e ideal, e encarada como o lugar para um eventual (ou devido) regresso (seu, ou dos seus descendentes), no tempo devido e nas condições apropriadas; 5 - A crença de que devem, colectivamente, comprometer-se com a manutenção e a reabilitação da Terra-mãe original, sua segurança e prosperidade; 6 - Continuam a relacionar-se, pessoalmente ou de forma vicariante, com a Terra-mãe, de uma forma ou de outra; a consciência e solidariedade etnocomunitárias são "definidas de modo relevante" pelas relações continuadas com a Terra-mãe.» (Safran, 1991: 83-84)

---

precedentes) da migração de retorno de judeus para Israel, vindos de países subdesenvolvidos ou não-democráticos.

<sup>32</sup> A identificação seria a forma como indivíduos expressam, em público, a sua aderência, compromisso com, ou lealdade, a uma ou outra identidade.



Partindo da definição simples e generalista de Walker Connor (1986), de "diáspora" como "segmento de um povo, vivendo fora da sua Terra-mãe", este pesquisador procura, tanto quanto possível, expandir e detalhar o conceito. Note-se que Walker Connor considerava que, podendo uma nação ser recente em termos temporais, na percepção popular subjectiva (e, portanto, também na percepção da diáspora), ela seria "intemporal" ou "eterna" - e é essa percepção que molda o comportamento de um povo ou, no caso da diáspora, do "segmento" desse povo que vive fora da "Terra-mãe" (Connor, 2004). Este autor aperfeiçoou um corpo de trabalho original no âmbito do nacionalismo, em especial daquilo que designou por "etnonacionalismo" - o contacto crescente entre grupos étnicos distintos levaria os indivíduos a desenvolverem a sua identidade, e também a alimentarem sentimentos nacionalistas subjectivos (Connor, 1994; Conversi, 2002). Sob este ponto de vista, as diásporas são segmentos de grupos étnicos que, vivendo fora da sua "Terra-mãe", têm uma posição privilegiada, relativamente às possibilidades de contacto com outros grupos, potencializando sentimentos nacionalistas. Esta é uma visão primordialista do nacionalismo, que coloca as redes de parentesco e filiações étnicas a montante do Estado-Nação. Retornando à perspectiva de William Safran (1991), que parte de Connor mas acentua o lado simbólico da relação com a origem, segundo este autor, as relações continuadas (reais ou simbólicas) de um colectivo com uma "Terra-mãe" original, assumem-se como eixo central definidor do conceito de diáspora, a par de uma crença relativa à aceitação incompleta, ou impossível, no destino. "Memória", "visão", "mito", "nostalgia" e "crença" são expressões que dominam a relação simbólica desse colectivo com a "Terra-mãe" original. No mesmo sentido, sublinhando o desejo ou a nostalgia pela "Terra-mãe", vão as definições de "diáspora" de Tölölyan (1996) e Cohen (1997), embora com nuances distintas. No entender de Tölölyan (1996):

«O paradigma tradicional mais exigente [para aquilo que pode ser considerado como uma diáspora] enfatiza o *fazer* - actos individuais e colectivos que apoiam, e mantêm, instituições comunitárias e religiosas, ou língua e filantropia -, como o comportamento que subjaz à identidade escrita e que evita a assimilação. Esta exigência não é meramente teórica.» (Tölölyan, 1996: 15)

Por outras palavras, este autor identifica a diáspora paradigmática com acções concretas, e não somente com relações simbólicas e abstractas. Seguindo de perto a visão de Robin Cohen (1997), investigador que distingue quatro fases nos estudos diaspóricos (a diáspora prototípica, a fase do conceito expandido de diáspora, as críticas à diáspora pelo construcionismo social, e a fase da consolidação do conceito), uma



diáspora pode ser identificada, tendo em conta as características indicadas no Quadro 1.3:

<b>Características Comuns das Diásporas</b>	
<b>1.</b>	Dispersão a partir de uma Terra-mãe original, frequentemente traumática, para duas ou mais regiões estrangeiras;
<b>2.</b>	Alternativa ou adicionalmente, expansão a partir da Terra-mãe em busca de trabalho, trocas e comércio, ou em virtude de ambições coloniais;
<b>3.</b>	Uma memória colectiva e mitos acerca da Terra-mãe, incluindo sobre a sua localização, história, sofrimentos e conquistas;
<b>4.</b>	Uma idealização da casa ancestral real ou imaginada e um compromisso colectivo com a sua manutenção, restauro, segurança e prosperidade, e até com a sua criação;
<b>5.</b>	O desenvolvimento frequente dum movimento de retorno à Terra-mãe que ganha aprovação colectiva, ainda que muitos membros no grupo se encontrem satisfeitos apenas com uma relação vicariante ou visitas intermitentes à Terra-mãe;
<b>6.</b>	Uma consciência de grupo étnico forte, sustentada durante um longo período de tempo e baseada num sentido de distintividade, história comum, transmissão duma herança cultural e religiosa comum e crença num destino comum;
<b>7.</b>	Relação problemática com as sociedades de acolhimento, sugerindo uma falta de aceitação ou a possibilidade de que outra calamidade possa abater-se sobre o grupo;
<b>8.</b>	Um senso de empatia e co-responsabilidade com membros coétnicos noutros países de assentamento, mesmo naqueles onde a casa se assumiu mais como vestígio;
<b>9.</b>	A possibilidade de uma vida distintiva enriquecedora e criativa nos países de destino, com desenvolvimento de tolerância ao pluralismo.

**Quadro 1.3 - Características Comuns das Diásporas**  
**Fonte: Cohen, 1997, 1998; Adaptado pela autora, 2018**

Analisando o quadro, verificamos que os eixos centrais da definição de "diáspora" adoptada por Cohen (1997, 1998) giram em torno de uma dispersão a partir da Terra-mãe, em relação à qual é mantida uma memória colectiva, traços de idealização, e um compromisso duradouro, bem como uma consciência de grupo étnico forte e uma relação problemática, embora potencialmente enriquecedora, com a sociedade de acolhimento.

No entender de Brah (1996), o conceito de diáspora deveria ser entendido em termos de "genealogias historicamente contingentes", no sentido Foucaultiano:

«Como um conjunto de tecnologias investigativas que historicizam trajetórias de diferentes diásporas e que analisam a sua relacionalidade através de campos sociais, de subjectividade e identidade.» (Brah, 1996: 180)

Para este pesquisador, a noção de diáspora oferece uma crítica aos discursos sobre origens fixas, ao mesmo tempo que dá conta de um desejo de casa (já que nem todas as diásporas sustentam uma ideologia de retorno à "Terra-mãe"). Segundo Stuart Hall, em contrapartida, o conceito de diáspora é atravessado pela heterogeneidade, diversidade e hibridismo. Gilroy (1993), referindo-se especificamente à diáspora africana, entendeu a diáspora como:

«Uma erupção utópica do espaço na ordem temporal linear da política negra moderna, que obriga a uma consideração relacional de espaço e tempo, na sua interarticulação com o ser racializado.» (Gilroy, 1993)

São perspectivas opostas, uma enfatizando os laços com o espaço original e a preservação de uma identidade étnica (Brah), outra sublinhando a transformação na identidade do sujeito individual, e a diáspora como representação da identidade híbrida (Hall, Gilroy). Os críticos, destes últimos, notaram-lhes a visão pós-moderna da diáspora figurativa e universal, afastada de contextos históricos específicos, ou mesmo a "legitimação da linhagem e do patriarcado" (Helmrich, 1992). Eis, portanto, as duas formas distintas de entender a experiência da diáspora: privilegiando o surgimento de uma consciência colectiva em relação com o lugar de origem, ou enfatizando o desenraizamento que dá vida à nova comunidade e seu resultado (a identidade híbrida). Críticos de ambas as posturas chamam a atenção para o perigo de cair em essencialismos (culturais, étnicos, nacionais) e relativismos extremos, ou notam que a hibridização não é uma condição exclusiva dos sujeitos das diásporas. Importa, não obstante, lembrar os elementos básicos que intervêm na formação de uma diáspora: o espaço e a deslocalização como factores que desempenham um papel relevante, no nascimento de uma consciência diaspórica. Segundo Brubaker (2005), a dispersão, a orientação para a "Terra-mãe", e a manutenção de fronteiras, são os três critérios fundamentais a ter em conta, na definição daquilo que é uma "diáspora", conforme representado no Quadro IV (Anexo 2). A experiência da diáspora move-se entre o tempo da acção e o tempo da memória, o espaço da diáspora é um espaço complexo (espaço actual/"Terra-mãe"/deslocalização), caracterizado por um conjunto de práticas sociais que activam essa duplicidade tempo/espaço - deste jogo de relações, nascerá a nova comunidade distintiva (Brubaker, 2005; Fernández, 2008). Poderemos afirmar que esta concepção da diáspora, brotando da confrontação entre duas culturas, dois tempos e dois espaços/lugares, distancia-se tanto das visões puristas que lhe negam mudança, quanto do relativismo pós-moderno, que enfatiza a transformação em detrimento da necessidade de pertença.

Resumidamente, e fazendo uma comparação entre Sheffer e Brubaker, quanto à conceptualização da noção de "diáspora", podemos analisar diferenças entre os dois autores através do Quadro V (Anexo 2). Verificamos que Brubaker (2005) considera a "diáspora" como um caso específico de "comunidade étnica", que mantém a sua coesão devido à manutenção de fronteiras, a "uma solidariedade activa e distintiva, e a relações sociais densas, que atravessam fronteiras de Estados, ligando membros da diáspora em diferentes países a uma só "comunidade transnacional"" (Brubaker, 2005: 6). Ainda

quanto às diásporas, Brubaker (2005) nota que há uma tensão entre um movimento consensual de autores, que refere o delineamento e manutenção de fronteiras e preservação da identidade como aspectos centrais da diáspora (Armstrong, 1976; Safran, 1991, Tölölyan, 1996; Cohen, 1997), e um contra-movimento que sublinha, como já vimos atrás, a fluidez, hibridez, sincretismo e creolização, especialmente notável no âmbito de alguma literatura sobre transnacionalismo (exº: Hall, 1990). Ora, a sua perspectiva das diásporas, equilibrando dois tempos e um espaço complexo, distancia-se dos dois movimentos conceptuais antagónicos, enfatizando ora a fluidez, ora a preservação. O mesmo autor notava que, do ponto de vista do destino e mesmo quando amplamente assimilados, os emigrantes eram frequente, e abusivamente, tomados por "diásporas". Já Sheffer, propôs um Perfil original para aquilo que designou por Entidades Diaspóricas Etno-Nacionais, e considerou uma conjugação de factores simbólicos, instrumentais e primordiais em jogo, na construção da identidade étnica das diásporas. Fernández (2008) distingue também as duas acepções, já atrás mencionadas, do termo "diáspora" que dominam na contemporaneidade: uma que parte do significado etimológico e privilegia o lugar de origem como elemento definidor das diásporas, e outra que encara o conceito como metáfora de hibridização cultural<sup>33</sup>. O termo diáspora passou a ser utilizado para designar, quer pessoas que partilhavam uma mesma ideologia, língua ou religião (Sheffer, 2003), quer comunidades definidas ao longo da época moderna como exilados, refugiados, minorias étnicas ou raciais (Tölölyan, 1996), quer ainda minorias expatriadas, dialogando com o grupo étnico (tida como seu elemento definidor) ou o nacionalismo (Safran, 1991). Alguns grupos apropriaram-se, mesmo, do conceito de diáspora para se auto-definirem e mobilizarem apoio, tanto na sociedade receptora, quanto na "Terra-mãe" (Butler, 2001).

<sup>33</sup> A partir de ambas as acepções, depreende-se a importância que assume o espaço, a coincidência de lugar (sociedade de destino) e pelo lugar (sociedade de origem), na definição do conceito de diáspora, em termos contemporâneos. Se as viagens de exploração e conquista se intensificaram desde há cinco séculos, o século XX foi marcado pelo desenvolvimento de processos de globalização e meios de transporte e comunicação que proporcionaram a deslocalização de milhões de pessoas. Para Van Hear (1998), a migração de grandes massas humanas para pontos distintos do planeta, a conservação dos seus costumes e tradições, os laços permanentes com o lugar de origem e a adaptação ou assimilação parcial nas sociedades de acolhimento levam a definir estes grupos como diásporas - e a existência de diásporas coloca em causa as perspectivas teóricas que têm servido para definir os conceitos de nação, pertença ou identidade (Van Hear, 1998: 49-140). O peso político que o Estado-Nação havia adquirido como unidade de representação legítima, sob a premissa de "um só território, uma só língua, uma só cultura, e um só governo" passou a ser questionado (Tölölyan, 1991). A imagem de um mundo em reajustamento contínuo, sob influência de forças múltiplas (culturais, políticas, demográficas, tecnológicas e económicas) que cruzam fronteiras, substituiu a imagem homogénea do Estado-Nação (Tölölyan, 1991: 6). Sob este ponto de vista, as chamadas diásporas seriam um exemplo da acção destas forças transnacionais, e das mudanças ocorridas na definição das identidades, em decorrência de uma nova ordem mundial.

De realçar, ainda, que a progressiva extensão do significado de "diáspora" a qualquer categoria populacional dispersa no espaço tornou mais aparente a necessidade de destrinçar entre o conceito de "diáspora" e conceitos como "migração" (conceito por nós, atrás, revisto), "exílio" ou "comunidade étnica". Segundo Tölölyan (1991):

«O termo que outrora descreveu a dispersão judaica, grega e arménia partilha, agora, significados com um domínio semântico mais vasto, que inclui palavras como imigrante, expatriado, refugiado, trabalhador-convidado, comunidade no exílio, comunidade *overseas*, ou comunidade étnica.» (Tölölyan, 1991: 4)

De acordo com o mesmo autor (Tölölyan, 1996), desde os anos '60 ocorreu uma re-nomeação problemática de comunidades de dispersão formadas durante os cinco séculos da era moderna, sob a forma de "diásporas" (as quais eram anteriormente designadas recorrendo a outros termos distintos). Essa distensão do conceito leva a categoria "diáspora", emergida subitamente no discurso académico para significar "comunidades exemplares do momento transnacional" (Tölölyan), ou "condição exemplar da modernidade tardia" (Mishra), a tornar-se inútil - pela perda de poder discriminativo do conceito (Sartori, 1970, cit. por Brubaker, 2005). À dispersão do termo, associou-se uma proliferação de expressões correlativas, para designar processos ("diasporização"), condições ("diaspóricas"), atributos ("consciência diaspórica") e campos de estudo ("diasporologia") (Brubaker, 2005). No entender de Goulburne (2002), o amplo e indistinto uso do conceito de diáspora (exº: para designar migração, exílio, transnacionalismo ou globalização) levou a um desgaste da sua significação. Interrogemos, por isso, o conceito de diáspora, separando-o de outros conceitos afins, para melhor definir o seu alcance e precisar-lhe limites. Alguns exemplos de noções vizinhas ao termo "diáspora", são os conceitos de exílio, migração e comunidades étnicas, que procuraremos agora destrinçar.

O exílio (do latim *exillium* e *exul*, significando "pessoa que está banida") pode ser definido, segundo os *Oxford Dictionaries*, como uma estadia do indivíduo fora da "Terra-mãe", ou do país de origem (que não supõe orientação para ele ou formação de uma consciência diaspórica), devido a ameaça iminente (por razões políticas, ou outras) ou recusa explícita de autorização para regressar (razões punitivas). Enquanto o factor económico parece preponderante para muitas migrações ocorrerem, a segurança e a liberdade política são fundamentais, no caso dos sujeitos exilados.

Já a designação de migrante internacional, definida em detalhe no ponto 1.1.1, implica um atravessamento de fronteiras entre Estados, inclui migrantes voluntários (ao

contrário do exílio), permanentes e temporários; mas não implica, necessariamente, orientação para a "Terra-mãe", ou um delineamento de fronteiras (como é corrente citarmos relativamente às diásporas). Os migrantes são indivíduos, ou grupos, que se movem entre duas sociedades diferentes, uma de origem e outra de destino, acarretando essa mobilidade alterações de residência, ou no ambiente físico, além de mudança nas relações sociais, pessoais e profissionais dos sujeitos que se movem.

As comunidades étnicas mantêm fronteiras simbólico-comportamentais, por referência a uma maioria, e preservam coesão nas relações e solidariedade. Na aceção de Tölölyan (1996), tanto as diásporas, como as comunidades étnicas, "podem marcar e vigiar fronteiras simbólicas e comportamentais, que preservam uma identidade colectiva outra, que não a identidade hegemónica dominante no destino" (Tölölyan, 1996: 16). Não obstante, elas diferem - na medida em que o compromisso da diáspora em manter ligações à "Terra-mãe" e às suas comunidades de afiliação noutros Estados está ausente, enfraquecido, é intermitente ou manifesto somente por alguns indivíduos, no caso das comunidades étnicas.

Por outro lado, de modo a podermos fazer um claro contraponto do conceito de transmigração com a noção de diáspora, observemos que Matthews (2002) chamou a atenção para a forma como os membros das diásporas africanas e asiáticas que entrevistara se situavam *para lá* da definição clássica de transmigrantes, englobando "muitas conexões e relações dispersas (incluindo locais nos quais os indivíduos poderiam nunca ter morado, ou que poderiam nem sequer ter, alguma vez, visitado)" (Matthews, 2002: 73). Os respondentes de Matthews (2002) correspondiam, um pouco melhor, à descrição, proposta por Bhachu (1996), de:

«Povos transnacionais com conexões internacionais, nacionais e locais estabelecidas. Estas características são críticas para a reprodução das suas bases culturais e etnicidades, e para o seu envolvimento com as economias e políticas dos respectivos países de acolhimento.» (Bhachu, 1996: 290, cit. por Matthews, 2002: 73)

Matthews descreveu os casos de alguns respondentes em contacto com membros da família numa dúzia de países distintos, tornando patente a complexidade de conexões nas comunidades da diáspora, e mostrando, ainda, que a sociedade de origem, tal como identificada pelos próprios respondentes, não era territorial, mas desterritorializada.

Butler (2001) chamou, igualmente, a atenção para a necessidade de saber o que distingue as diásporas de outros movimentos migratórios e da globalização. A globalização pode ser definida como um fenómeno de crescente interdependência entre

actores sociais distintos, acarretando união dos mercados e facilidade de interconexão, em razão do uso de novas tecnologias, e rompendo condicionantes que separavam grupos de pessoas e unidades políticas, como o Estado-Nação (Goulburne, 2002). Mas o transnacionalismo designa um fluxo de pessoas, ideias, bens e capitais através de territórios nacionais, questionando categorias discretas de identificação, organização económica e constituição política, como a nacionalidade ou o nacionalismo. Ora, o termo diáspora refere-se antes, especificamente, à deslocalização forçada ou voluntária de pessoas, de um ou mais Estados-Nação para outros, não abarcando forças impessoais relacionadas com a globalização e o capitalismo. O conceito de diáspora diz respeito, sobretudo, a um fenómeno humano que não pode ser reduzido a correntes macroeconómicas e tecnológicas, e que poderá verificar-se sem um aumento das forças transnacionais (Goulburne, 2002; Evans e Mannur, 2003). Safran (1991) sublinhou um sentimento de alienação nas diásporas, resultante de uma rejeição por parte da sociedade de acolhimento, ao passo que Butler (2001) considera, no espectro das diásporas, grupos que existem há, pelo menos, duas gerações e em, no mínimo, dois lugares de destino (critério da multigeracionalidade). A consciência colectiva de pertença a uma comunidade fora do espaço de origem, presente nas diásporas, é, geralmente, articulada pelo importante trabalho de intelectuais, líderes políticos e religiosos, escritores e artistas (a cujo papel deveremos atentar).

Enquanto as diásporas constituem comunidades imaginadas (Anderson, 1993), nem todas as comunidades imaginadas poderão dizer-se diásporas (Butler, 2001): a "consciência diaspórica" e a construção de uma identidade, que recria na sociedade de chegada a cultura da sociedade de partida, facilitam a sobrevivência destas comunidades como unidade cultural. Anderson (1991), durante a sua análise dos movimentos nacionalistas, apresentou o conceito de "comunidades imaginadas", uma das formas pelas quais as minorias respondem a exercícios de poder, por parte das maiorias<sup>34</sup>. Kim C. Matthews (2002) escolheu empregar o termo de forma diferente de Anderson, por considerar que os movimentos nacionalistas são mais frequentemente parte de uma maioria, que impõe a sua vontade às minorias - contudo, no caso da diáspora, a "comunidade imaginada" é invocada, não para subjugar uma minoria, mas para forjar

---

<sup>34</sup> Ele examinou a forma como os movimentos políticos reforçam laços e as suas próprias causas, ao preencherem relações que têm um carácter fictício com emoções, e um sentimento de intimidade mais característicos das relações pessoais (Anderson, 1991). Isto conduz a um sentimento de afiliação dos membros que fazem parte do mesmo movimento, porque eles acreditam que partilham valores e crenças semelhantes. Deste modo, o agente social alimenta a impressão de ser parte de um grupo que compartilha esperanças, desejos ou aspirações (apesar de membros diferentes desse grupo nunca se terem conhecido).

um sentimento de pertença. E "esta necessidade torna-se saliente quando os membros encaram oposição à sua presença, ou simplesmente se deparam com culturas alternativas, ou que competem entre si" (Matthews, 2002: 75). As comunidades imaginadas permitem às diásporas libertarem-se de classificações arbitrárias, impostas por maiorias que pretendem situar as minorias, e podem fornecer algum empoderamento, quando associadas ao orgulho íntimo numa história, cultura ou, até, religião. Todavia, Guarnizo e Smith (1998) advertem que os processos de construção de uma "identidade subalterna" envolvem lutas constantes para produzir narrativas de significado pessoal (de pertença, resistência ou fuga), onde os espaços para a formação de identidades não-essencialistas, ainda que não estando inteiramente ausentes, só aparecem entre as dominantes discursivas do "Estado-Nação", da "comunidade local" e da "comunidade étnico-racial". As comunidades imaginadas (associadas a categorias socioculturais) desempenham um papel central na formação e manutenção da identidade (divorciada de descritores territoriais); sendo, isto, especialmente válido para as comunidades na diáspora.

Segundo refere Cohen (1997, 1998), os laços transnacionais das diásporas "já não têm que ser cimentados pela migração, ou moldados por reivindicações espaciais exclusivas baseadas no território e no Estado-Nação" (Cohen, 1998: 35). Avtar Brah (1996: 180) chamou a atenção, entretanto, para o facto de "nem todas as diásporas alimentarem uma ideologia de retorno", ao mesmo tempo que distinguia entre "desejo de *homing*" (desejo de casa/lar) e "desejo pela *homeland*" (desejo pela "Terra-mãe"). O que tem implicações na distinção, mais geral, entre *homeland* ("Terra-mãe") e *hostland* (terra de acolhimento): os termos duais do conceito de *betweenness* (o qual poderia ser traduzido por "ser, ou estar, no meio"; "ser, ou estar, entre"), que emergem de uma compreensão da cultura profundamente ligada à territorialidade, e a uma concepção nacionalista, baseada na congruência entre geografia, cultura e identidade (Fortier, 2002: 115). Para Clifford (1994):

«As diásporas, geralmente, pressupõem distâncias mais longas, e uma separação mais semelhante ao exílio, com um tabu associado à ideia de retorno, e o seu adiamento para um futuro longínquo. As diásporas também ligam múltiplas comunidades de uma população dispersa. O atravessar sistemático de fronteiras pode ser parte desta interconexão, mas culturas de diáspora multilocais não são, necessariamente, definidas por uma fronteira geopolítica específica.» (Clifford, 1994: 304)

Segundo este autor, o exílio, o "tabu do retorno" e as culturas multilocais eram, por conseguinte, características definidoras centrais no conceito de diáspora. Acepções mais



recentes do termo "diáspora" identificaram-no com grupos emigrantes que mantêm uma conexão persistente à "Terra-mãe", tal como sucede na categoria dos nacionalismos de longa-distância (Anderson, 1991).

Com base na revisão literatura atrás detalhada, poderemos sintetizar da seguinte forma aqueles aspectos que, no nosso entender, diferenciam o conceito de "diáspora" de outros conceitos próximos, a saber:

a) "Migração": Movimento de indivíduos ou grupos, entre duas sociedades diferentes, uma de origem e outra de destino. Processo social que implica movimento físico ou mobilidade, alterações de residência e mudança nas relações sociais, pessoais e profissionais. Migrantes permanentes ou temporários, não necessariamente "orientados para a Terra-mãe", nem delineando fronteiras, como é típico das diásporas.

b) "Comunidade Étnica": Pode marcar e vigiar fronteiras simbólicas e comportamentais, que preservam uma identidade colectiva não-dominante. O compromisso em manter relações com a "Terra-mãe" e com outras comunidades está enfraquecido, ausente ou é intermitente. Brubaker (2005) considera que as diásporas são um tipo de "comunidades étnicas", caracterizado pela coesão nas fronteiras, solidariedade distintiva e relações densas de tipo transnacional. Para Tölölyan (1996a), as diásporas são comunidades, podendo ser constituídas por minorias étnicas ou raciais.

c) "Grupo Étnico": Grupo com distintividade cultural, por vezes associada a distintividade religiosa. É um conceito essencialmente culturalista, focado em tradições e rituais, embora ligado a múltiplos grupos, mais ou menos racializados. Essa distintividade étnica surge exacerbada em conexão com constrangimentos estruturais.

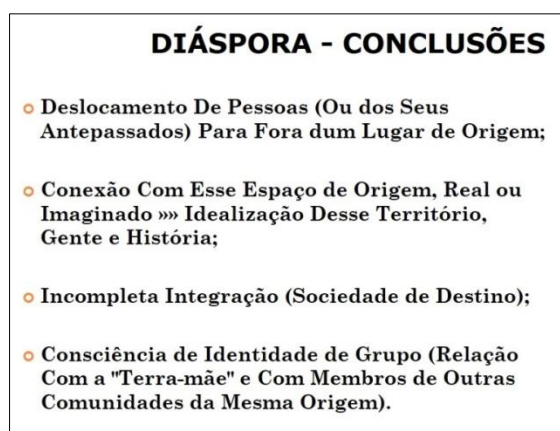
d) "Transnacionalismo": Designa um fluxo de pessoas, ideias, bens e capitais através de territórios nacionais. Revela-se um conceito mais útil para endereçar práticas como o empreendedorismo, redes de conhecimentos, participação política na origem e no destino, ou transferência e retransferência das práticas culturais. Questiona categorias de organização e identificação, como a nacionalidade ou o nacionalismo.

e) "Comunidades Imaginadas": Nem todas são diásporas; têm um papel fulcral na formação e manutenção de uma identidade divorciada da territorialidade. Há partilha de valores, crenças, desejos e aspirações. Forjam um sentimento de pertença e permitem às diásporas libertar-se de classificações arbitrárias, impostas por maiorias.

Estes aspectos diferenciadores de conceitos distintos são, por nós, sintetizados no Quadro VI (Anexo 2). Do nosso ponto de vista, os conceitos aqui tratados podem ser



entendidos da seguinte forma: é vital clarificar diferenciações entre noções adjacentes, além de discordâncias e concordâncias entre pesquisadores, para podermos tomar uma posição assente em critérios rigorosos. Resumidamente, a maioria dos investigadores considera que os seguintes traços definem uma diáspora enquanto tal: deslocamento de pessoas ou dos seus antepassados para fora de um lugar de origem; conexão com esse espaço de origem, real ou imaginado (com a consequência directa da idealização desse território, sua gente e história); relação com, e incompleta integração, na sociedade de destino; e surgimento e consolidação de uma consciência de identidade de grupo, em relação com a "Terra-mãe" e com os membros de outras comunidades, que partilham a mesma origem - conforme detalhado no Quadro 1.4:



**Quadro 1.4 - Síntese de Atributos do Conceito de Diáspora**  
Elaborado pela autora, 2018

Esta síntese conclusiva de atributos do conceito analisado não dispensa a consideração de que, para efeitos desta tese, seguiremos, especificamente, a definição de diáspora proposta por Robin Cohen (1997, 1998) - por nos parecer mais rigorosa, detalhada e adequada ao nosso objecto de estudo<sup>35</sup>. Os tipos de diáspora considerados seguirão igualmente, de muito perto, as conceptualizações deste autor, por razões que adiante especificaremos (vide ponto 1.4.2). Sumariamente, torna-se essencial reiterar a existência de duas correntes antagónicas na definição de "diáspora", uma conservadora, outra assente na fluidez e hibridização. Nesta sequência, parece-nos relevante que levemos em linha de conta as considerações originais de Brubaker (2005), uma vez que ultrapassam

<sup>35</sup> De facto, Cohen enfatiza a expansão a partir de uma "Terra-mãe" para duas ou mais localizações estrangeiras, por motivações que podem variar, e a formação de uma consciência de grupo étnico forte, baseada num sentido de distintividade, história comum, transmissão de uma herança cultural e religiosa partilhada, crença num destino colectivo - mas ele vai mais além, e detalha aspectos ligados à memória, à idealização, ao compromisso, à relação vicariante com a "Terra-mãe", ao contacto entre comunidades distintas; porém, também à integração problemática e ao enriquecimento do ambiente de destino, expresso na diversidade que a diáspora traduz.

essa bipolaridade estrita, e introduzem expressamente a complexidade do tempo e do espaço na definição de uma "diáspora".

#### 1.4.2 Tipos de Diáspora

Cohen (1997) salienta o carácter indicativo, ou normativo, das características por si descritas, reforçando que elas não estão todas presentes, nem da mesma forma, em grupos distintos - mas, seguindo um método Weberiano, permitem delinear "tipos ideais" de diásporas (diáspora-vítima, diáspora laboral, imperial, comercial e desterritorializada), como é patente no Quadro VII (Anexo 2). Esta tipologia edificada por Cohen (1997) teve por base observações empíricas e surgiu como contraponto à perspectiva territorial, havendo o autor fornecido alguns casos exemplares mais específicos: diásporas laborais e imperiais (exº: servidores indianos e britânicos), diásporas clássicas (exº: judeus), diásporas-vítima (exº: africanos e arménios), diásporas de comércio e negócios (exº: libaneses e chineses), diásporas com ligações especiais à "Terra-mãe" (exº: zionistas, sikhs) e diásporas desterritorializadas e culturais (exº: caribenhos e afro-caribenhos na Europa e na América do Norte, a tese do Atlântico negro, ou parsis e sindhis em Bombaim). A constatação de que as diásporas reais diferem das diásporas ideais prototípicas, avaliando os seus desvios, permitiria ao investigador adquirir *insights* sobre o fenómeno diaspórico. Aquela tipificação das diásporas segundo "tipos ideais" constitui uma das quatro ferramentas, apresentadas por Cohen, para auxiliar na determinação concreta daquilo que se entende por uma "diáspora". A ela, juntam-se três outras ferramentas das ciências sociais, para além dos "tipos ideais", conforme detalhamos no Quadro VIII (Anexo 2). Bruneau (1995) propôs, por outro lado, uma tipologia das diásporas baseada na organização diaspórica, e distinguiu três tipos: diásporas empreendedoras (exº: chineses ou libaneses), diásporas religiosas (exº: gregos ou judeus) e diásporas políticas (exº: tibetanos ou palestinianos). Desde logo, ressalta desta tipologia uma generalização que pode tornar-se simplista - mesmo que ela defina um núcleo de motivações ou práticas centrais e normativas, não abarca todos os propósitos individuais, nem será aplicável a imigrações em todos os destinos<sup>36</sup>.

---

<sup>36</sup> Lembremo-nos, nomeadamente, de excepções como a prevalência de libaneses-turcos (e seus descendentes) na classe política brasileira, ou constataremos o carácter empreendedor da diáspora grega em Inglaterra, ou ainda nos Estados Unidos.

Em síntese, enquanto a tipologia proposta por Cohen (1997) surge em oposição à perspectiva territorial, é sistemática e assumidamente prototípica (visando retirar conclusões das medidas de distanciamento em relação às diásporas reais), a tipologia de Bruneau (1995), mais generalista, baseou-se nos diferentes tipos de organizações diaspóricas, e parece insuficiente, nas suas generalizações. Nesta linha de raciocínio, escolhemos, mais uma vez, perfilhar a perspectiva de Cohen (1997, 1998); visto que, além de possuir a vantagem da minúcia e da comparação tipo ideal - realidade diaspórica, ainda propõe mais três ferramentas, complementando os tipos ideais, para determinar aquilo que é uma diáspora (análises das reivindicações etic/emic, dimensão temporal e características comuns). Este sublinhar da dimensão temporal vem também ao encontro das notas de Brubaker (2005), sobre a movimentação da diáspora entre o "tempo da acção" e o "tempo da memória". Já o escrutínio das reivindicações etic/emic, revela-se como uma ferramenta crítica importante, em nosso entender.

#### 1.4.3 Fases dos Estudos Sobre Diásporas

No que diz respeito às distintas fases dos estudos sobre diásporas, Cohen (1997, 1998: 2-14), considerou:

1) A fase da diáspora prototípica: é caracterizada pela ideia de que existe um evento traumático (definido em termos de escala e intensidade), que conduz à dispersão a partir da "Terra-mãe". Considera igualmente a existência de uma saliência característica da "Terra-mãe", na memória colectiva do grupo forçado à dispersão (restaurar ou retornar à "Terra-mãe" original é uma preocupação-chave)<sup>37</sup>.

2) A fase do conceito expandido de diáspora: relativamente a esta fase, refira-se que William Safran (1991), embora grandemente influenciado pelo paradigma da diáspora judaica, notou, em *Diasporas in Modern Societies: Myths of Homeland and Return*, que a experiência judaica "se expandia" para muitos outros grupos étnicos, que viviam situações semelhantes ou análogas às diásporas prototípicas, relacionadas com o modo de partida da origem, ou uma aceitação limitada no destino. Em verdade, enquanto Safran notava que os belgas flamengos da Valónia<sup>38</sup>, a massa de emigrados polacos para

<sup>37</sup> O autor forneceu exemplos como os da diáspora judaica, a diáspora africana iniciada com o comércio de escravos, as diásporas arménia, irlandesa ou palestiniana, inicialmente sempre marcadas por calamidades históricas (sob o ponto de vista da experiência histórica, elas são diásporas-vítima, embora possam exibir algumas características de outras diásporas também).

<sup>38</sup> Ao contrário daquilo que considerava Richard Marienstras, em virtude do seu deslocamento físico por referência a um centro linguístico particular - em Marienstras, R. (1985), "Sur la notion de la diaspora", in G. Chaliand (ed.): *Les Minorités à L'Âge de L'État-Nation*, Paris, Fayard, pp. 215-226.

os Estados Unidos em finais do séc. XIX<sup>39</sup>, ou os latinos na América do Norte, não constituíam exactamente diásporas, este autor entendia que "uma definição ligeiramente expandida incluiria os portugueses e os magrebinos em França, ou os turcos na Alemanha, na qualidade de diásporas, ou de grupos nos quais uma consciência de diáspora e o mito de retorno persistem, apesar de a sua condição em relação à "Terra-mãe" diferir marcadamente de arménios, judeus e palestinianos" (Safran, 1991: 86-87). Safran destrinçava, ainda, as diásporas judaica ou arménia, das diásporas indiana (pela relação com a "Terra-mãe" e o estatuto político assumido), corsa, parsi (concentrada na região indiana de Bombaim), chinesa (e sua relação com o chamado "capitalismo pária"), os negros americanos ou a diáspora cubana. De acordo com Safran (1991), há diásporas que persistem por não existir já "Terra-mãe" à qual retornar, ou essa "Terra-mãe" não ser acolhedora e os exilados não poderem identificar-se com ela, ou ainda pelo facto de a alternativa de abandonar a diáspora se poder tornar "demasiado disruptiva", nalgumas ocasiões. O mito do retorno serviria, assim, para solidificar a solidariedade e a consciência étnica, "quando a desintegração ameaçasse famílias e comunidades, e a religião já não pudesse servir esses propósitos" (Safran, 1991: 91). Bem-recebidos, tratados como "estranhos dentro de portas", ou explorados em função dos interesses domésticos ou diplomáticos do país de acolhimento, os membros de minorias mantêm-se, por vezes, como diásporas "de modo a salvaguardarem a unidade social interna do seu grupo" (Safran, 1991: 92). A fase dois dos estudos sobre diásporas agrupou-as, portanto, em sub-tipos e elencou, com maior sofisticação, as suas características.

3) A fase das críticas dirigidas pelos constructivistas sociais ao conceito de diáspora: quanto a esta fase, Cohen (1997) referiu que ela operou um rompimento com a análise que vinha sendo feita na fase dois, devido ao uso generalizado e indiscriminado do termo "diáspora", auxiliado pela desconstrução, que alguns investigadores operaram, das noções de casa, "Terra-mãe" (Brah, 1996) e comunidade étnica/religiosa<sup>40</sup>. Ou, como notou Brubaker (2005), "se toda a gente é diaspórica, então ninguém o será distintivamente". Foi o caso de Brah (1996), ao distanciar-se da noção de "Terra-mãe" para privilegiar o sentimento de nostalgia pela casa (tido como lugar mítico de desejo na imaginação diaspórica). Ou de Anthias (1998), ao criticar "noções absolutistas de

<sup>39</sup> Eles deslocaram-se para trabalho e colonização, a maioria dos seus descendentes assimilou-se rapidamente e optou por casamentos mistos, já não falavam polaco e não demonstravam preocupações políticas com a "Terra-mãe" dos progenitores.

<sup>40</sup> E pela forma como privilegiaram uma perspectiva *emic* sobre *etic* (Cohen, 1997).

origem e pertença" e Soysal (2000), pelas críticas que dirigiu ao conceito de diáspora. Cohen (1997) considerou simplesmente que, para estes autores, o termo "diáspora" não podia endereçar as suas agendas próprias da maneira desejada: "Anthias não via nele uma base para um movimento transétnico sensível ao género e anti-racista; Soysal não o tomava como forma de compreender convenientemente a cidadania pós-nacional na Europa" (Cohen, 1997: 11).

4) A fase da consolidação do conceito de diáspora: enfim, esta fase iniciou-se com as pontes construídas por alguns autores, entre a perspectiva dos sociais constructivistas e o ponto de vista dos teóricos da diáspora. Brubaker (2005) insistiu que três elementos-chave constituíam o termo "diáspora" (dispersão, orientação para a "Terra-mãe" e manutenção de fronteiras), enquanto Tölölyan (2005) aconselhava alguma moderação entre as duas posições, embora reforçando a importância do "lugar" na definição da diáspora. Para Brubaker (2005), a dispersão poderia ser entendida, no sentido estrito, como qualquer dispersão forçada ou traumática; e no sentido amplo, como qualquer tipo de dispersão no espaço, que atravessasse fronteiras de Estados; ou, no seu sentido metafórico, como dispersão dentro de um mesmo Estado. Alguns autores substituíram, no entanto, dispersão por divisão, e definiram diásporas como "comunidades étnicas divididas pelas fronteiras de Estados" (King e Melvin, 1998, 1999), ou "segmentos de um povo vivendo fora da Terra-mãe" (Connor, 1986, cit. por Brubaker, 2005). Há, além disso, nas diásporas, uma orientação para a "Terra-mãe" real ou imaginada, como fonte de autoridade, valor, lealdade e identidade, tendência enfatizada nas primeiras conceptualizações (Safran, 1991) e que tem perdido relevância, enquanto alguns autores valorizam as "conexões descentralizadas e laterais" (Clifford, 1994; Anthias, 1998; Falzon, 2003). O terceiro critério constitutivo das diásporas é a manutenção de fronteiras, que envolve a preservação de uma identidade distintiva em relação à(s) sociedade(s) de acolhimento, e que pode resultar de uma resistência deliberada à assimilação por via de endogamia, auto-segregação, ou exclusão social não-deliberada (Armstrong, 1976; Smith, 1986; Safran, 1991; Laitin, 1995; Tölölyan, 1996, Cohen, 1997; Brubaker, 2005). Esta fase final nos estudos diaspóricos terá ajudado a construir um melhor entendimento sobre os factores que levam à mobilização ou desmobilização da diáspora, e ao nascimento de formas de socialização com outras comunidades (exº: Sökefeld, 2006), articulando os estudos diaspóricos com os estudos pós-coloniais (exº: Chariandy, 2006), e compreendendo as alterações ocorridas na relação diáspora/"Terra-

mãe" que podem levar ao desenvolvimento de uma consciência dual (exº: Safran, 2005) (Cohen, 1997, 1998).

Em síntese, ainda na senda de Cohen (1997, 1998), atrás distinguimos, detalhando as suas especificidades, quatro fases dos estudos sobre diásporas: 1) A fase da diáspora prototípica; 2) A fase do conceito expandido de diáspora; 3) A fase das críticas pelos constructivistas sociais ao conceito de diáspora; e 4) A fase da consolidação do conceito de diáspora. Como vimos, este autor desconstrói criticamente as objeções levantadas pelos constructivistas sociais, relacionando-as com agendas de investigação próprias, às quais o conceito de diáspora não se ajustaria.

Ensaando, agora, uma síntese conclusiva deste Capítulo 1, comecemos por regressar brevemente ao ponto 1.1 e às definições e tipologias de migração e migrantes. O Quadro 1.5 introduz um sumário útil:

<b>MIGRAÇÃO E MIGRANTES</b>	
○	<b>Reinscrição Migração nos Processos de Transformação Social Mais Vastos</b> <i><u>OU</u> Influência da Cultural Turn</i> (King, 2013);
○	<b>Migrações P/ Investigar Alterações Provocadas no Ambiente de Partida</b> (Halfacree e Boyle, 1993; Mills, 1999; Penninx, 2006; Gardner e Osella, 2004);
○	<b>Complexidade Crescente:</b> Fluxos Migratórios Mistos; Migrante Como Figura Contestada; Migração Como Construção Social; Etnicização das Comunidades Migrantes

**Quadro 1.5 - Sumário a Respeito de Alguns Aspectos Relevantes, Para Investigar os Conceitos de Migração e Migrantes**  
Elaborado pela autora, 2018

Verificámos que alguns autores reinscrevem a migração nos processos de transformação social mais vastos, enquanto outros se debruçam sobre os processos migratórios para investigar alterações provocadas no ambiente de partida. Em qualquer dos casos, a complexidade do fenómeno é reconhecidamente crescente, tendo em conta problemáticas como a etnicização das comunidades migrantes, ou a contestação da figura do migrante. Abordámos a questão do delineamento de fronteiras, da desespacialização e quebra de localidade nos movimentos migratórios internacionais. No contexto das múltiplas definições de migração propostas, encontrámos características comuns, e subscrevemos as definições de John Archer Jackson (1986), e ainda a tipologia de D. Jackson e A. Passarelli (2007). No ponto 1.2, propusemos um conceito próprio de grupo étnico, com base na revisão de literatura efectuada, e seguimos Glick Schiller e Fouron, a propósito da noção de raça, justificando-o. O conceito de etnicidade proposto é

consonante com os resultados das pesquisas de Williams (1988) e de Basch, Glick Schiller e Szanton-Blanc (1994). Adoptámos a noção de "terceiro espaço" de Bhabha (2004) e enfatizámos, na sequência de Vertovec, os modos de recepção e acolhimento no destino, como variável complementar às noções de raça e etnicidade, e como um dos aspectos importantes a ter em conta na construção de uma identidade migrante. Finalmente, diferenciámos integração, aculturação, assimilação e marginalização. No ponto 1.3, analisámos os lugares de encontro e os modos de pertença. A pertença múltipla e as transformações da pertença estão envolvidas em todas as migrações: seguindo as conceptualizações de Marchetti et al. (2011), distinguimos camadas nessa pertença (recepção, aceitação, identificação e envolvimento). Descrevemos a forma como Simmel (1908) expôs as características identitárias do "estrangeiro". Nesta sequência, expusemos problemáticas relacionadas com a identidade cultural e a linguagem, as identidades dos migrantes e as chamadas "identidades diaspóricas", envolvendo uma negociação entre (pelo menos) dois tempos e dois lugares, assim como uma tensão relacional entre estabelecimento e deslocalização (Gilroy, 1993; Hall, 2003). No ponto 1.4, iniciámos uma exposição das discussões relativas ao uso do conceito de diáspora: suas definições, tipos e fases dos estudos sobre diásporas. O Quadro 1.6 resume sucintamente as principais definições de diáspora analisadas, e o Quadro 1.7 compara quatro visões distintas, a respeito dessa noção:

<b>DIÁSPORA</b>	
○	<b>Significados:</b> Grego / Hebraico Original »» Mercantilização »» Múltiplos (Cultura, Espaço, Raça e Política, Herança Histórica, Deslocalização)
○	<b>Diáspora Judaica Paradigmática:</b> Até 1968
○	<b>Definições de Diáspora:</b> Sheffer (Perfil), Safran, Connor, Tölölyan, Clifford, Cohen (Tipologia), Bruneau (Tipologia), Brah, Anthias, Brubaker, Falzon, King e Melvin, Armstrong, Anderson, Bhachu, Van Hear, Butler, Goulborne, Evans e Mannur, Hall, Gilroy, Helmrich

**Quadro 1.6 - Resumo 1: Conceito de Diáspora - Definições Analisadas**  
Elaborado pela autora, 2018



<b>DIÁSPORA</b>
<b>(A) Pessoas Compartilhando Ideologia, Língua ou Religião</b> (Sheffer, 2003);
<b>(B) Comunidades: Exilados, Refugiados, Minorias Étnicas ou Raciais</b> (Tölölyan, 1996);
<b>(C) Minorias Expatriadas: Dialogando Com Etnia (Elemento Definidor) ou Nacionalismo</b> (Safran, 1991);
<b>(D) Apropriação: Autodefinir-se e Mobilizar Apoio</b> (Butler, 2001).

**Quadro 1.7 - Resumo 2: Conceito de Diáspora - Quatro Visões Comparadas**  
Elaborado pela autora, 2018

Observamos que alguns autores encaram as diásporas como comunidades, outros como minorias expatriadas; outros, ainda, sublinham o aspecto de auto-definição e apropriação na definição daquilo que é uma diáspora; ou, enfim, o facto de haver uma religião, língua e ideologia compartilhadas. Clarificámos aquilo que a maioria dos investigadores considera como traços distintivos de uma diáspora (deslocamento para fora da origem, conexão com a "Terra-mãe", incompleta integração no destino e uma consciência de identidade de grupo), para perfilharmos a definição detalhada de Cohen (1997), justificando essa opção. Indicámos ainda as reflexões de Brubaker (2005) como forma de ultrapassar a oposição entre uma corrente conservadora, e outra que acentua a hibridez na definição de diáspora. Este autor introduziu, expressamente, a complexidade do tempo e do espaço na noção, dando continuidade aos contributos de Gilroy, Hall ou Cohen, a esse respeito. A dupla qualidade do tempo e a tripla qualidade/complexidade do espaço, na experiência diaspórica, são detalhadas no Quadro 1.8:

<b>NOTAS CONCLUSIVAS</b>
<b>(1) Experiência da Diáspora:</b> Tempo da Acção / Tempo da Memória
<b>(2) Espaço da Diáspora: Espaço Complexo</b> (Espaço Actual / "Terra-mãe" / Deslocalização)
<b>(3) Conjunto de Práticas Sociais:</b> Activa Duplicidade Tempo / Espaço »» Nasce Nova Comunidade Distintiva
<b>(4) Diáspora ≠ Transnacionalismo</b> ≠ Globalização ≠ Comunidades Imaginadas

**Quadro 1.8 - Especificidades Sobre a Experiência Diaspórica**  
Elaborado pela autora, 2018



Vimos que a nova comunidade distintiva nasce de um conjunto de práticas sociais, que activam esta duplicidade espaço/tempo. Com estas breves notas conclusivas, finalizamos o nosso primeiro capítulo sobre Migração, Diásporas e Diversidade Cultural.

## Capítulo 2: Transnacionalismo

Este Capítulo 2 (Transnacionalismo) organiza-se em torno de dois grandes eixos de análise: um primeiro, mais genérico, foca-se nos modos de transnacionalismo, campos sociais transnacionais, actividades transnacionais, relações entre transnacionalismo, Estado-Nação e desterritorialização, e discute novas formas de transnacionalismo migrante. Um segundo, mais específico, aborda três tópicos fundamentais, que nos importa desenvolver, conectados com o transnacionalismo económico, em particular: a) indústria da migração; b) remessas, comércio internacional e *transnational living*; e c) empreendedorismo migrante, negócio étnico e economia étnica. Este segundo eixo, dedicado ao transnacionalismo económico, constitui uma peça analítica fundamental, quando, adiante, tratarmos dos dados empíricos, por nós recolhidos no terreno (observações e entrevistas com empreendedores e trabalhadores nepaleses em Lisboa), analisando-os e discutindo-os à luz das questões de partida que visávamos responder (nos Capítulos 6 e 7). Na realidade, pretendemos, através desta pesquisa, centrar-nos em aspectos relacionados com o trabalho e empreendedorismo, e assuntos de transnacionalismo (transnacionalismo económico, com maior detalhe), na imigração nepalesa de Lisboa. Assim, poderemos retirar conclusões originais acerca da dinâmica empreendedora transnacional dos empresários e trabalhadores nepaleses, seus modos de financiamento e redes internacionais, bem como novas formas de transnacionalismo, patentes na imigração nepalesa de Lisboa.

### 2.1 Transnacionalismo, Desterritorialização e Novas Formas de Transnacionalismo Migrante

Iniciaremos este capítulo com uma discussão acerca das teorias do transnacionalismo, dos campos sociais transnacionais, das actividades transnacionais, e das relações entre transnacionalismo e Estado-Nação, bem como de aspectos associados aos processos de desterritorialização (subponto 2.1.1); para, em seguida, passarmos a um debate sobre as características de algumas novas formas de transnacionalismo migrante, estudadas em imigrações asiáticas e nepalesas (subponto 2.1.2).

#### 2.1.1 Transnacionalismo e Desterritorialização

No âmbito das investigações sobre migrações, podemos dizer que as teorias do transnacionalismo correspondem a uma alteração de paradigma, com mudança do estudo de fluxos unidireccionais visando um determinado destino, para a focagem de aspectos associados ao retorno, à circularidade, à pendularidade, à importância dos não-

migrantes e das actividades e relações transfronteiriças de longo-prazo dos migrantes - como notaram, com *nuances* e interesses próprios, diversos autores (exº: Kearney e Nagengast, 1989; Glick Schiller et al., 1992; Mau et al., 2010). Enquanto fenómeno, o transnacionalismo não é novo. Sabemos, por exemplo, que os migrantes europeus mais antigos nos EUA alimentavam e mantinham, já, laços com a origem através de remessas financeiras, migração de retorno, migração laboral de carácter sazonal, ou comunicações frequentes (Jones, 1992; Morawska, 2001). Mas todo um conjunto de alterações tecnológicas, e na acumulação-expansão do capital, terão levado a que os laços transnacionais dos imigrantes mais recentes nos EUA apresentem características certamente diversas e próprias (Glick Schiller, 1999; Portes, Guarnizo, Landolt, 1999). Sumariamente, significativas mudanças societais, nos meios de transporte, formas de comunicação e condições económicas, durante todo o século passado, conduziram a alterações quantitativas e, por consequência, também qualitativas, nos fenómenos transnacionais. Bourne, ainda no ano de 1916, definia transnacionalismo como:

«(...) um conjunto de relações diversas, mantidas pelos imigrantes, com o seu país de origem, nomeadamente através do envio de remessas monetárias, e de "sentimentos nacionalistas" presentes nas comunidades imigrantes [especificamente, nos Estados Unidos]» (Bourne, 1916, cit. por Vaughan, 1991)

Vimos, portanto, que o conceito abrange questões transfronteiriças, ou relações através de fronteiras, enquadrando um conjunto muito diferenciado de laços, que vão desde as questões económicas (remessas monetárias) até aos sentimentos nacionalistas, comunicações frequentes com amigos e familiares, retornos, actividades dos não-migrantes, parcerias em negócios transnacionais, ou criação de organizações transnacionais. Já a transmigração é conceptualizada por Basch et al. (1994), a propósito da interconexão de múltiplas imigrações e das suas ligações à origem, como:

«Os processos pelos quais os imigrantes forjam e mantêm múltiplas relações sociais, que ligam as suas sociedades de origem e acolhimento (...) os transmigrantes desenrolam acções, tomam decisões e desenvolvem subjectividades e identidades contextualizadas em redes de relações, que os conectam simultaneamente a dois, ou mais, Estados-Nação.» (Basch et al., 1994: 7)

Por outro lado, quase um século depois de Bourne, Smith e Guarnizo (1998) viriam a diferenciar:

«Transnacionalismo *from above* (actividades transnacionais encetadas por Estados, empresas e organizações), e transnacionalismo *from below* (actividades transnacionais levadas a cabo por pessoas, de forma a estabelecerem ligações duráveis que ultrapassam fronteiras nacionais)» (Smith e Guarnizo, 1998)

Tal diferenciação é importante, porque destrinça actores individuais ou grupais, de actividades que resultam de iniciativas oficiais, organizacionais e estatais (mais

estratégicas, com motivações distintas - sejam elas políticas, economicistas, geopolíticas, militares, ou outras). Por vezes, um e outro nível podem colidir ou contradizer-se, em termos de objectivos e interesses. É assim que um Estado ou uma empresa poderão, eventualmente, delinear prioridades de acção e negociação transnacional em clara contradição com os interesses, motivações ou laços transnacionais desejados, e mantidos, por certos indivíduos, dentro dessa mesma nação ou empresa. É também verdade que a literatura sobre migrações coloca, em clara evidência, a agência dos migrantes - eles não têm uma posição passiva, indo ao sabor de fluxos, sistemas, processos e macro-fenómenos que determinam o seu destino; mas, antes, desempenham um papel activo na escolha e selecção desse destino (Massey et al, 1998; Brettell e Hollifield, 2008). Não obstante a agência dos indivíduos que migram, detenhamo-nos, um pouco, nos fenómenos macro, para verificar e analisar a declaração de Boyd (1989), segundo a qual, uma vez iniciados, os fluxos migratórios se tornavam, frequentemente, auto-sustentados:

«(...) reflectindo o estabelecimento de redes de informação, assistência e obrigações que (...) ligam populações nos países de origem e chegada, e garantem que os movimentos não sejam necessariamente limitados no tempo, unidireccionais ou permanentes.» (Boyd, 1989: 641, cit. por Vertovec, 2001).

Vimos, então, que a sustentabilidade dos fluxos assenta na criação de redes transfronteiriças, que asseguram a expansão temporal e a não-linearidade dos movimentos. Relativamente às diferenças entre os conceitos de transnacionalismo e diáspora, Faist (2010, cit. por Lacroix, 2018) considera importante analisar a constituição e mudanças nas fronteiras do conceito de diáspora; porém, escolheu adoptar o termo transnacionalismo e seus derivados (espaços sociais transnacionais, campos e formações), como abordagem analítica mais útil, para endereçar as práticas quotidianas de migrantes envolvidos em diversos tipos de actividades: empreendedorismo, redes de conhecimentos constituídas, participação política na origem e no destino, ou transferência e retransferência das práticas culturais (Faist, 2010: 11, cit. por Lacroix, 2018). Ora, no decorrer das últimas três décadas, todo um conjunto de formulações e propostas teóricas concebeu e utilizou o termo "transnacionalismo", com o objectivo de designar múltiplas interacções e relações que conectam indivíduos, organizações e instituições através das fronteiras dos Estados-Nação. Tais interacções dão-se concomitantemente a processos de globalização mais sólidos, ao apuramento de mecanismos de comunicação e transporte, e a uma complexificação geral das relações transfronteiriças (Glick Schiller, Basch e Blanc-

Szanton, 1992; Portes, Guarnizo e Landolt, 1999). Sublinhemos, aqui, que a perspectiva dos campos sociais transnacionais abarca tanto migrantes, como não-migrantes, considerando a acção e políticas de instituições, associações, organizações, negócios, bem como modos de ser/pertencer, experiências transnacionais e simultaneidades registadas (Glick Schiller et al., 1992; Glick Schiller, Basch e Szanton-Blanc, 1995; Levitt, 2004). A este propósito, o autor Takeyuki Tsuda (2012) considera a simultaneidade como uma parte bastante relevante dos processos de transnacionalismo, constituindo um factor que o distingue do nacionalismo de longa-distância. Especificamente, este pesquisador alerta para o facto de necessitarmos de examinar, mais a fundo, de que modos a implicação transfronteiriça dos imigrantes no seu país de origem tem reflexos, ao nível das características da recepção no país de chegada (Tsuda, 2012: 632-633). Tsuda sugere, por conseguinte, quatro modos distintos de conceber a relação dinâmica de envolvimento dos migrantes com os seus países de origem e destino, conforme especifica o Quadro IX (Anexo 2). Verificamos a existência de quatro modalidades possíveis de envolvimento: a relação linear de soma-zero, a coexistência lado-a-lado, o reforço positivo e o reforço negativo. Representam, estas modalidades, quatro tipos de simultaneidade transnacional, verificáveis através de exemplos variados, que incluem modalidades de transnacionalismo socioeconómico, cultural, político e identitário, os quais apresentam implicações diferenciadas a longo-prazo (Tsuda, 2012: 636). Deste modo, no âmbito das pesquisas em transnacionalismo, um reforço ou manutenção de laços com o país de origem não implica já exclusão ou incompatibilidade com uma integração no destino, muito pelo contrário. De facto, observamos que é a variedade e multiplicidade de contextos nacionais que fundamenta as interacções, os laços, as trocas e comunicações, e, finalmente, as identidades dos sujeitos e dos grupos.

Não obstante algumas limitações com que possam, porventura, deparar-se as teorias transnacionais, elas permitem ponderar custos-benefícios, analisar influências múltiplas e recíprocas, interacções e isolamentos, relações e sobreposições, semelhanças, influências e diferenças. Isto viabiliza-nos uma comparação entre diferentes modelos de transnacionalismo - nomeadamente, é possível compararmos modelos de transnacionalismo na mesma imigração, ao longo ou através do tempo (ou em tempos distintos), entre imigrações com a mesma origem e destinos diferenciados, entre imigrações com origens diversas e um destino semelhante, ou, ainda, entre comunidades migrantes e não-migrantes (Peter Smith, 2001, 2005; Portes, 2003; Vertovec, 2009). No

âmbito do transnacionalismo, os campos sociais descritos e analisados são, por vezes, designados como "multilocalidades, comunidades, circuitos ou grupos de afinidade transnacionais" (Faist, 1999, 2000); outras vezes, são conceptualizados como "formações transnacionais" (móveis vs. diaspóricas), ou "*outsiders* transnacionais" (Dahinden, 2010, cit. por Dahinden e Fischer, 2018); outros autores ainda, nomeiam-nos como "translocalidades", que conferem significados particulares às práticas transnacionais (Glick Schiller et al., 1992; Guarnizo e Smith, 1998). Importa salientar que aquilo que é transnacional está, invariavelmente, contextualizado no que é local. Os processos de transnacionalismo (tido no sentido de um fluxo global de pessoas, bens e ideias) ancoram dimensões distintas: uma dimensão política, uma dimensão económica, uma dimensão cultural (Portes et al., 1997) e uma dimensão social. Em geral, entende-se que a dimensão social desses processos compreende, com regularidade, um desafio ou, no mínimo, uma certa relativização das relações sociais pré-existentes, associadas ao ambiente de origem do migrante (Levitt, 2001). As práticas transnacionais são, além disso, emolduradas, harmonizadas e guarnecidas por relações (mais ou menos previsíveis), e por um certo número de convenções estabelecidas pelos Estados, pelas comunidades e pelas redes migrantes e não-migrantes. Podemos afirmar que essa delimitação das acções e práticas transnacionais por convenções, bem como a existência de uma interligação robustecida, intensificada e verificável entre os níveis local, nacional, regional e global, de certo modo desafiam o conceito de "desterritorialização", se o tomarmos em absoluto.

Deveremos colocar em evidência, além disso, a existência de relações algo complexas entre os processos transnacionais, os Estados-Nação e o fenómeno do capitalismo global (ou os processos e mecanismos a ele estereotipicamente associados). Já na sua obra *Transnational Relations and World Politics* (1971), Keohane e Nye examinavam tipos distintos de actividades transfronteiriças, os quais prescindiam da intercessão de governos e Estados (Vertovec, 2001). Em *Global Networks* (2002), Wimmer e Glick Schiller distinguiram quatro fases na construção dos Estados-Nação (desde 1870, até aos nossos dias); tendo, entretanto, esclarecido de que modo o carácter das práticas transnacionais, o grau de migração transnacional e os discursos sobre imigração sofreram alterações, ao longo do tempo. Wimmer e Schiller (2002) referiram que os imigrantes "destroem o isomorfismo entre povo e nação" (Wimmer e Schiller, 2002: 309). Um grupo significativo de autores considerou, enfim, que, em vez do termo transnacionalismo, deveríamos, na realidade e com maior precisão, optar por utilizar a

expressão "processos transnacionais", sempre analisando as implicações teóricas associadas (Mato, 1998).

O trabalho de Szanton Blanc, Basch e Glick Schiller (1995a) centrou-se na "transmigração" como processo transnacional fulcral, no quadro da reorganização do capitalismo global. Estes pesquisadores viram na "transmigração" algumas vantagens, designadamente enquanto ponto de partida para um exame das relações sociais de imigrantes envolvidos com Estados-Nação capitalistas e pós-coloniais. A sobreposição de uma variedade de práticas que transcendem fronteiras (familiares e económicas, sociais e políticas, organizacionais e religiosas) proporciona, e desemboca, nas relações multifacetadas diárias, experimentadas por tais imigrantes. Outros autores, por seu turno, focaram-se em aspectos específicos dos processos transnacionais, com o intuito de conceptualizar o nascimento de novas formas de identidade, nos espaços transnacionais (exº: a "nação sem fronteiras" de Carter, ou as "identidades e redes desterritorializadas" de Mato, 1998). Pela mesma altura, Penninx, Stuart Hall e Wiltshire (1990) chamavam a atenção para a necessidade de separação entre os conceitos de "Estado" (aparelho estatal e sua maquinaria, incluindo obrigações que se alteram, como acontece no caso do estado social) e "nação" (conceito com uma componente fortemente ideológica). Por seu lado e um pouco mais tarde, Vertovec (1999), relacionando as noções de "transnacionalismo" e "nação" ou "nacionalismo" (ie, não as considerando como mutuamente excludentes), notava que:

«(...) o "transnacionalismo" (concebido enquanto redes de longa-distância) certamente precede a "nação". No entanto, hoje estes sistemas de laços, interacções, trocas e mobilidade funcionam intensamente e em tempo real, enquanto se espalham pelo mundo.» (Vertovec, 1999: 447).

Para além da interacção e simultaneidade estabelecida por Vertovec, entre "transnacionalismo" e "nacionalismo", notemos que Appadurai (1990) havia anteriormente mencionado as tensões criadas entre:

«(...) pluralismo diaspórico e estabilidade territorial no projecto do moderno Estado-Nação.» (Appadurai, 1990)

Enquanto Vertovec assinalava expansão e copresença, com predomínio crescente de sistemas transnacionais, Appadurai centrava-se nas tensões entre diásporas transnacionais e projectos de Estado-Nação. Miles e Sheffer (1998), por sua vez, preocuparam-se em distinguir, com utilidade, transnacionalismo e "trans-Estatismo". Tendo recordado que, inicialmente, prevaleceu a noção de que as organizações transnacionais deveriam operar através dos Estados e colaborar com eles, para depois se

reconhecer, progressivamente, o grande número, heterogeneidade de preocupações, interesses e domínios de actuação destas organizações (algumas delas dispostas, mesmo, a confrontar os Estados), os pesquisadores esclarecem:

«(...) Daí que o foco tenha mudado para a capacidade que as organizações transnacionais demonstram, de tornar políticas específicas que Estados, organizações regionais, e outras organizações governamentais, adoptam (Rosenau; Walker). (...) Além disso, como resultado da crescente interdependência e interacção entre actores estatais, locais e globais, e da emergência de grandes uniões regionais, as ONGs tornaram-se não apenas mais influentes, mas quase indispensáveis, tanto na política intra-Estado, como trans-Estados (...) Resumidamente, os analistas vieram, acertadamente, a encarar estas entidades como actores significativos na sociedade civil global emergente, capazes de contribuir para a sua estrutura e comportamento.» (Miles e Sheffer, 1998: 119-120)

Ou seja, estes autores fazem, até certo ponto, depender o trans-Estatismo da actuação de organizações transnacionais, pelo menos numa sociedade global. Eles compararam, a título exemplificativo, as naturezas trans-Estatista do Zionismo e transnacional da Francofonia, quer nos seus papéis "expressivos", quer "defensivos", para concluir que, ainda que preservando diferenças (na sua composição étnica, objectivos e número de membros), ambos os movimentos funcionariam, objectivamente, como diásporas (uma diáspora etnonacionalista-religiosa, no caso do Zionismo, e uma diáspora linguístico-cultural, no caso da Francofonia). Ambos os movimentos representarão um novo tipo de sistema político, actuando na ordem global, não restringido pelas fronteiras tradicionais dos Estados, e acrescentando pluralismo à ordem internacional. Os novos movimentos e sistemas políticos, podendo enfrentar ameaças como a perseguição ou a assimilação, contrapõem à rápida modificação de noções como cidadania ou fidelidade num mundo globalizado, propostas de comportamentos e organizações políticas futuras (Miles e Sheffer, 1998).

A par do transnacionalismo incrementado, as reestruturações e recomposições do capitalismo global engendraram, com especificidades de carácter regional, alterações (de formato, conteúdo e essência) na construção dos Estados-Nação. Recessões económicas ou ajustamentos estruturais das economias desencadearam novas formas de exclusão e desigualdade, carências ao nível dos recursos disponíveis, défices de toda a ordem no acesso a estruturas governamentais. Tais fenómenos levaram Carter, Keaney e Appadurai a questionar a viabilidade dos Estados-Nação contemporâneos. Por via oposta, Catherine Hall e Dominguez (1995) sublinharam o papel do Estado na acomodação de hegemonias nacionais, e na gestão e formação de "categorias essencialistas, associadas à semelhança e à diferença". Em todo o caso, parece ter-se



tornado consensual que aspectos relacionados com o papel do Estado têm sofrido metamorfoses. Contudo, se o Estado como princípio organizador *chave* desempenha, hoje, um papel mais subordinado, importa perguntarmos: Como se estruturam e reproduzem, então, as relações de classe, género ou raça? E as configurações regionais - que papel desempenham estas, enquanto meta-unidades, relativamente ao Estado-Nação? Wimmer e Glick Schiller (2002) consideram que, passado um primeiro "estádio de confusão" inicial, sobre a natureza e extensão dos processos contemporâneos de globalização, os cientistas sociais puderam:

«(...) ultrapassar generalidades retóricas sobre o declínio do Estado-Nação, e começar a analisar as formas como os Estados-Nação estão presentemente a ser reconfigurados, mais do que demolidos.» (Wimmer e Glick Schiller, 2002: 301)

Mais uma vez, o Estado-Nação em transmutação convive com o trans-Estatismo e com o transnacionalismo. Evidenciou-se que os Estados-Nação e o nacionalismo coexistem e, até certo ponto, são compatíveis com a globalização (pelo menos enquanto as ideologias nacionalistas que advogam o proteccionismo económico e sociocultural não confrontam, directa e abertamente, os processos associados à integração global). Assistimos, por exemplo, ao florescimento e à reestruturação de todo um conjunto de novos Estados na Europa de Leste, sob molduras nacionais, no meio de crescentes interconexões globais, e sem prejuízo do trans-Estatismo regional. Observámos um recrudescimento de sentimentos e apelos nacionalistas, de popularidade crescente na Europa e Estados Unidos, em reacção às pressões da globalização, à crise de representação das estruturas trans-Estatistas regionais, a crises económicas regionais e locais - isto, num contexto de actividades transnacionais expandidas. A concomitância e coexistência destes processos fornece-nos, sem dúvida, uma oportunidade única para reflectirmos sobre as "limitações dos nossos instrumentos conceptuais" (Wimmer e Glick Schiller, 2002). A explanação dos elementos-chave de um novo quadro analítico para o transnacionalismo deverá, então, considerar, segundo Basch, Glick Schiller e Szanton Blanc (1995a), os aspectos evidenciados no Quadro X (Anexo 2).

O transnacionalismo surge, portanto, associado a processos de globalização e desterritorialização (para os quais diversos autores propuseram respostas sociológicas, ao nível dos métodos e da epistemologia empregues pela disciplina<sup>41</sup>), e deve ser

---

<sup>41</sup> A sociologia centrada no Estado nacional faz equivaler a sociedade moderna com Estados-Nação delimitados territorialmente, e pode encetar generalizações perigosas, do local para o global. Segundo Beck e Grande (2010), a sociologia global ou cosmopolita era "a resposta legítima ao avanço da globalização". Encarando a sociologia pública global de Burawoy (2004) - aquela que considera a

encarado numa perspectiva histórica, que ponha em evidência reconfigurações. Segundo Vertovec (2004), grande parte da literatura sobre transnacionalismo migrante debruça-se, precisamente, sobre as formas "como instituições socioculturais específicas foram modificadas, à medida que se estendiam através do planeta" (Vertovec, 2004). Em 1999, o mesmo autor tinha encontrado uma grande variedade de análises em torno dos "significados, descrições, escalas e métodos respeitantes à noção de transnacionalismo", e sugerira todo um leque de diferentes acepções para o conceito: "como modo de reprodução cultural, morfologia social, tipo de consciência, avenida do capital, local para intervenção política, e enquanto reconstrução do lugar ou da localidade" (Vertovec, 1999). De outro modo mais simples, segundo Lima-Neves (2010), o transnacionalismo imigrante:

«(...) pode assumir muitas formas, sejam elas os telefonemas regulares de um motorista de táxi para parentes e entes queridos no seu país-natal, as transacções diárias de um empreendedor imigrante que continua a gerir esforços para fazer prosperar o seu negócio na Índia, as transferências de remessas, ou muitas outras [mais]» (Lima-Neves, 2010: 13).

Em geral, podemos dizer que o transnacionalismo imigrante faz referência ao envolvimento regular em actividades que incluem a transposição de fronteiras nacionais por residentes estrangeiros, como parte integrante das suas rotinas diárias. É importante salientar que esta definição distingue "engajamentos regulares" em termos económicos, socioculturais e políticos, de um "engajamento mais ocasional ou actividades únicas", tais como a rara viagem ao país de origem, ou uma única transacção monetária transfronteiriça (Lima-Neves, 2010). Portes (1999) definira as actividades transnacionais como:

«Aqueles que ocorrem numa base recorrente, através das fronteiras nacionais, e que requerem um compromisso regular e significativo de tempo, por parte dos participantes.» (Portes, 1999: 463)

A definição de Portes parte, portanto, do princípio de que os "engajamentos são regulares", como critério definidor das actividades transnacionais. Tais actividades poderiam ser conduzidas por actores relativamente poderosos, como representantes dos governos nacionais e corporações multinacionais ou, por outra via, ser iniciadas por indivíduos mais modestos, como os imigrantes e seus parentes, e relações duns e de

---

disciplina como força moral e política capaz de defender os interesses da sociedade civil em momentos cruciais, perante o "despotismo do Estado", ou a "tirania do mercado" - como mera perspectiva adicional, relativamente à sociologia centrada no Estado nacional, estes autores propuseram o cosmopolitismo epistemológico e metodológico, como "verdadeira superação do nacionalismo metodológico hegemónico na sociologia" (Perlatto, 2015). O cosmopolitismo metodológico implicaria uma perspectiva cosmopolita crítica, reorganização da investigação (para melhor compreender actores, instituições e conflitos da época cosmopolita), além de reestruturação conceptual, teórica e metodológica da disciplina sociológica.

outros, nos países de origem. Estas actividades não estavam limitadas a empreendimentos económicos, mas "incluíam iniciativas políticas, culturais e religiosas, igualmente" (Portes, 1999). Note-se que, no contexto da globalização, os processos de transnacionalismo poderão estender-se de "comunidades face-a-face prévias", que tinham por base a vizinhança, as relações ou o trabalho, para comunidades virtuais remotas, que comunicam à distância (Kastoryano, 2000).

A maior parte da literatura sobre transnacionalismo tem-se centrado na experiência dos novos imigrantes. Kennedy e Roudometof (2002) argumentaram que, por mais interessante que seja a ênfase nas relações diaspóricas nacionais, religiosas, étnicas e ligações transfronteiriças dos novos imigrantes (para sustentar que tais relações representam um fenómeno qualitativamente novo ou diferente, operando um corte com o passado, ou uma massificação de um fenómeno anterior), essa literatura em expansão não capta, realmente, o verdadeiro alcance da "forma como as comunidades transnacionais moldam, cada vez mais, o quotidiano" de pessoas através do globo (Kennedy e Roudometof, 2002). Em parte, porque muito pouca literatura sobre comunidades transnacionais é dedicada a temas outros, para além dos tópicos que incluem migrantes e diásporas (com excepções como: Sklair, 1995, 2001)<sup>42</sup>. Ora, na aceção destes autores, as comunidades e culturas transnacionais devem ser entendidas como um fenómeno muito mais abrangente, vasto e comum do que o grosso da literatura poderia subentender, que não se confina à experiência dos imigrantes. Os novos migrantes do mundo globalizado, descritos como "transmigrantes" ou "pessoas transnacionais", forneceram fundamentos para o estudo das ligações transnacionais a múltiplos investigadores (Schiller et al., 1992; Basch et al., 1994; Guarnizo e Smith, 1998; Portes, 2000). Uns autores sublinharam o modo como os novos meios de transporte e a velocidade das comunicações, alicerçados na evolução tecnológica (Smith e Guarnizo, 1998; Vertovec e Cohen, 1999; Portes, 1999), abrem "oportunidades sem paralelo para a perpetuação de relações transnacionais entre origens e destinos, em preferência à assimilação, devido às experiências de simultaneidade, consonância e validação que proporcionam" (Smith, 1998: 213). Outros pesquisadores, enfatizaram o facto de as segundas e terceiras gerações nas comunidades imigrantes poderem sentir-se

---

<sup>42</sup> E enquanto os investigadores americanos recorrem mais ao termo "transnacionalismo" para designar novas vagas de imigrantes, no pós-Segunda Guerra, para a América do Norte; os pesquisadores britânicos, tendem a empregar a palavra "diáspora", usada inclusive para descrever novos grupos imigrantes, expatriados e refugiados, como os curdos ou arménios (Safran, 1991; Anthias, 1998; Van Hear, 1998).

"empoderadas para reinventar as suas identidades culturais nacionais originais", quando seria esperado que esses sujeitos estivessem já, total ou maioritariamente, assimilados no destino (Schein, 1998). A análise da experiência transnacional tipificou, assim, as "comunidades deslocalizadas" em dois grupos diferenciados: "os novos imigrantes pós-1945", e os "grupos organizados em torno de culturas transnacionais" (Kennedy e Roudometof, 2002: 14). Esta divisão historicista torna-se um pouco falaciosa e artificial, porque opõe implicitamente os contextos global vs. local ou nacional - ao descrever as "verdadeiras comunidades globais", por contraposição às "novas comunidades nacionais de carácter transnacional ou local". Porém, tanto segundas e terceiras gerações, como "velhas comunidades diaspóricas", são consideradas, no entender de Kennedy e Roudometof (2002), como exemplos das chamadas "culturas transnacionais". Além disso, existe extensa literatura evidenciando que a "reprodução da diferença étnica" através das gerações sucessivas ocorre, e que esse não é um fenómeno de natureza recente (Jacobson, 1995; Morawska e Spohn, 1997; Hanagan, 1998). Estes autores advertem ainda para três factos, conforme ilustra o Quadro XI (Anexo 2). Como podemos observar, Kennedy e Roudometof não enfatizam apenas a transgeracionalidade das comunidades transnacionais. A pertença a uma comunidade diaspórica não implica exclusividade, nem o mesmo grau de fidelidade constante, ao longo do tempo. Uma mesma comunidade não é homogénea, podendo abarcar sujeitos e grupos com estilos de vida e concepções dos outros, e do mundo, muito díspares ou diversos entre si. Enfim, os laços transnacionais estabelecidos podem basear-se em origens territoriais, fidelidades familiares ou étniconacionais, ou em qualquer tipo de interesse mais vasto, inclusivo e comum.

As novas formas de transnacionalismo migrante envolvem todo um agregado de actividades, procedimentos e práticas, com consequências de nível macro-social relevantes: surgem novas formas de identidade, ligando pessoas através de fronteiras, e identidades que se observam fragmentadas. A par destas consequências macro-sociais, distinguem-se consequências macro-económicas (exº: no acesso ao crédito), e ainda consequências macro-políticas (exº: incremento da dupla cidadania) (Guarnizo, 2003). Segundo Portes (1997, 2000), as comunidades transnacionais de novos imigrantes representam um processo de empoderamento de grupos não-privilegiados, que ele designa por "globalização *from below*" e contrasta com a "globalização *from above*", resultante da expansão do capitalismo e da integração financeira global. As questões de classe são, nesta acepção, mais prementes. As políticas de identidade são arenas

adicionais de disputa transnacional: movimentos de mulheres, étnicos e indígenas, ecológicos, ou outros, apresentam-se como suportes, assentes nos quais pessoas, em diferentes localizações, podem contestar situações específicas de opressão, desigualdade e exploração. Todavia, o estudo dos processos transnacionais não consegue, facilmente, questionar o legado teórico antropológico sobre raça e etnicidade - como notaram Basch et al. (1994):

«Primeiro, nós argumentámos que, para perceber e analisar o transnacionalismo global, precisávamos de uma perspectiva global sobre migrações, que fosse para lá de categorias limitadoras, como o grupo étnico, a nação e a raça, e nos forçasse a reconceptualizar os conceitos de sociedade e cultura... mas também defenderíamos que os transmigrantes reinscrevem o seu novo "hiperespaço sem limites" em categorias reconceptualizadas de raça e Estado-Nação desterritorializados.» (Basch et al., 1994: 268).

Ou seja, mais do que uma abolição de categorias, haveria, na transmigração e no transnacionalismo, uma reconceptualização e reinscrição dessas categorias num espaço desterritorializado. Tendo a literatura sobre transnacionalismo sublinhado, durante muito tempo, tópicos como as diásporas, os migrantes e a construção do Estado-Nação transnacional<sup>43</sup>, tal facto conduziu a uma abordagem necessariamente lacunar da experiência transnacional dos migrantes, e suas ligações aos processos de globalização. Isto, apesar de algumas indagações produzidas, visando entender a globalização num sentido alargado<sup>44</sup>.

O transnacionalismo encarado como fenómeno novo, ligado às transformações sociais, económicas e culturais da nossa época tem, ainda, sido criticado por um conjunto de investigadores, que apontam a experiência transnacional como precedendo o mundo pós-moderno (exº: Hanagan, 1998; Danforth, 2000). Alguns trabalhos têm desafiado o conceito de transnacionalismo, pela sua "falta de inovação" e efeitos positivos frequentemente presumidos, tanto para os migrantes, como para os não-migrantes. Pesquisadores sublinharam que as teorias transnacionais têm na mira o papel do Estado, tanto na facilitação da circulação transnacional (ou das "transmigrações"), quanto na aceleração da incorporação dos migrantes no ambiente de destino. Foi também questionada a noção de "comunidades transnacionais" - ponderando que as relações sociais entre a origem e o destino são, muitas vezes, fragmentadas pela classe social, grupo étnico, ou por outras clivagens. Certos autores levantaram preocupações a respeito dos efeitos positivos supostos das relações transnacionais, sobre as questões da

<sup>43</sup> Cf. Basch et al., 1994; Cohen, 1997; Smith e Guarnizo, 1998; Kennedy e Roudometof, 2002.

<sup>44</sup> Cf. Appadurai, 1990; Giddens, 1990; Lash, 1994; Beck, 2000.

igualdade de género (considerando potenciais resistências e retaliações, de agentes a nível local e regional). Outros problemas levantados têm que ver com a capacidade da perspectiva transnacional e das suas premissas para esclarecer dados empíricos, considerando que: a) os resultados mais claros a respeito de processos transnacionais surgiram a propósito dos dados da migração México-EUA; b) alguns pesquisadores argumentam que apenas uma elite minoritária, dentro de cada grupo migrante, mantém laços transnacionais, na maioria das situações - enquanto a maioria dos migrantes se tornaria mais aculturada no contexto de acolhimento, do que necessariamente nutria ligações "transnacionais". Não obstante estas preocupações, grande parte dos investigadores concorda que a perspectiva transnacional, não sendo nova, fornece, contudo, um enfoque teórico e analítico útil à compreensão dos fenómenos migratórios e dos migrantes contemporâneos - encontrando-se, estes, em contacto quase diário, tanto com o contexto de partida, como com o contexto de destino -, das actividades por eles desenvolvidas, e da dinâmica implicada na formação e funcionamento das economias étnicas. Por contraste a abordagens prévias, que estudaram separadamente as causas e consequências da migração, ou ainda àquelas que analisaram somente processos de adaptação dos migrantes no contexto de recepção, a perspectiva transnacional incentiva a indagar de que modo processos sociais, económicos, políticos e culturais se ligam às causas e consequências da migração e são moldados por elas, tanto no contexto de envio, como no contexto de recepção.

Alguns autores reflectiram sobre a relação entre comunidades migrantes e o chamado "nacionalismo de longa-distância". Benedict Anderson (1983, 1993) sugeriu que "todas as comunidades mais extensas do que as aldeias primordiais do contacto face-a-face (e talvez até estas) seriam imaginadas" - por conseguinte, até entidades vastas, como "nações", representariam comunidades baseadas em laços imaginados. Enquanto comunidade imaginada erguida em redor da ideia de uma "camaradagem profunda e horizontal" seria, então, possível à "nação" experimentar comunalidade, objectivos comuns e uma fronteira (Anderson, 1983, Kennedy e Roudometof, 2002: 3). O advento da imprensa teria permitido aos membros de uma comunidade nacional experienciar "simultaneidade" com outros, para além da relação imediata e face-a-face (Anderson, 1983: 39), desenvolvendo aquilo que Hannerz (1996: 20) designou por "inteligibilidade comum", ou um "salto para lá do que é local". As novas tecnologias de informação e comunicação utilizaram novos códigos simbólicos, menos balizados e restritivos (Castells, 1998). É assim que Anderson (1993) postula que a migração em massa e a

mobilidade (estimuladas pelos avanços tecnológicos das últimas décadas) levam a "sentimentos pervasivos de nostalgia pela terra-natal", notórios nas comunidades e grupos imigrantes. Esses sentimentos dão origem ao chamado "nacionalismo de longa-distância", "das diásporas étnicas, dos refugiados, ou das grandes massas de imigrantes não-documentados"<sup>45</sup>.

Thomas Lacroix (2014, 2016) fala, por seu turno, do desenvolvimento como sendo "uma reinvenção da *villageness*" (do "ser aldeão") - ele elencou aspectos, tanto na sociedade de destino como na sociedade de origem, que facilitam a *long-distance villageness*, ou um "ser aldeão a longa-distância". Entre estes aspectos, encontram-se a liberalização das leis a respeito de associações para o desenvolvimento na origem, ou o facto de os migrantes provirem de regiões afastadas, ou em choque, com o poder central, na sociedade de partida<sup>46</sup>. Na verdade, a originalidade de Lacroix reside no facto de este pesquisador falar da integração da identidade (ou *identity integration*) como multilocalizada, em vez de se centrar apenas no destino<sup>47</sup>. Lacroix (2014, 2016) expõe que, para a aldeia ou cidade de origem, a emigração é um fenómeno ambivalente. Ela traz aspectos positivos, mas também acarreta dimensões negativas: os emigrantes questionam as estruturas e valores das suas sociedades de origem. Assim, ele propõe que as HTO - *Home Town Organisations* corresponderiam a formas, de que a sociedade de origem dispõe, para lidar com a emigração e suas ameaças, enquanto procura conservar os seus valores tradicionais. Ou seja, as HTO (organizações relacionadas com a cidade-mãe) representariam, simbolicamente, uma reacção conservadora da aldeia ou cidade de origem, à emigração. Parece-nos interessante comparar os dados obtidos por

<sup>45</sup> Na obra mais recente de Anderson, local de residência e localidade surgem dissociados.

<sup>46</sup> Este autor comparou a *long-distance villageness* de imigrantes marroquinos e argelinos em França, com a de imigrantes sikhs no Reino Unido, tendo por base as HTO - *hometown organisations* (associações ou organizações ligadas à cidade-natal dos migrantes), para considerar que nem as HTO como forma de aumentar o *status* social na origem (Piore, Goldring), nem as HTO como forma de lidar com barreiras à integração no destino (Glick Schiller) seriam explicações suficientes, ou justificariam, os dados que recolhera - tendo, antes, optado por um modelo contratual e dialéctico (Lacroix, 2016).

<sup>47</sup> No caso dos sikhs por ele analisados, as suas HTO eram caracterizadas por maior informalidade, devido à existência de recursos pessoais mais elevados, em média. No caso marroquino, os indivíduos tinham poucos recursos, mas apoiavam-se numa densa rede social e de associações, que captavam recursos estatais e municipais em França. No caso argelino, a guerra civil e a divisão da sociedade haviam desmantelado essas redes de apoio em França (as HTO tratavam, essencialmente, da repatriação de cadáveres). Para os sikhs, o volume de remessas dirigidas à origem alcançava milhões de dólares, com construção de hospitais e de todo o tipo de infraestruturas na cidade-natal, bem como nas cidades vizinhas (incluindo alas com o nome dos respectivos filantropos). Os fundos eram recolhidos porta-a-porta no Reino Unido; depois, o angariador apanhava um avião para o Canadá e para os Estados Unidos, acabando por recolher centenas de milhares de dólares, informalmente. No caso marroquino, a maior parte das HTO estavam ligadas a uma zona rural e a um grupo berbere específico, do sul de Marrocos (originário de uma região, tradicionalmente, de forte emigração marroquina).



Lacroix, em especial para os sikhs, com os dados obtidos junto de uma outra imigração sul-asiática residente na Europa - no caso, a nepalesa. E reconhecemos a importância das associações regionais nepalesas em Lisboa, pelo que procuraremos abordá-las pelo ângulo de uma integração de identidade multilocalizada.

Devemos elucidar que as actividades transfronteiriças transnacionais podem ser desrincadas das actividades transfronteiriças multinacionais e internacionais, a níveis diversos, objectivamente elencáveis e detalháveis: pela sua articulação e sistematização, na complexidade geral de tais actividades, na sua amplitude ou alcance e na implicação dos actores envolvidos, no recurso a planificações e métodos de cariz local, ou no grau de autonomia das actividades respectivas, realizadas em cada um dos países ou regiões envolvidos nessas actividades transfronteiriças. A título exemplificativo e ao nível das transacções económicas e negócios, poderemos falar, em função da abrangência e grau de interacção com as suas operações fora do país de origem, e conforme pormenoriza resumidamente o Quadro XII (Anexo 2), de: empresas multinacionais, internacionais, globais e transnacionais. Verificamos que, enquanto as empresas internacionais não possuem infraestruturas ou funcionários fora do país de origem onde produzem os seus produtos e serviços, as empresas globais, concentradas na economia de escala, possuem muitas delegações ou ramos noutros países (além da sede-mãe); contudo, tornam os produtos e mensagens globalmente homogêneos, por forma a reduzir os custos (Porter, 1990, 1998, cit. por Hines, 2007). As empresas multinacionais investem directamente em activos estrangeiros, mas limitam o número de países onde estão presentes, além de procurarem adaptar-se, um pouco mais do que as empresas globais, às preferências dos clientes em cada país ou região. Enfim, as empresas transnacionais podem ter uma sede global, mas delegam poderes noutras sedes em países diferentes, e investem em pesquisa e desenvolvimento nesses países, adaptadas aos mercados locais. Enquanto procuram responder às necessidades locais, procuram também articular-se e reduzir custos, num equilíbrio mais intricado. É importante que tenhamos estas diferenças em mente quando, mais à frente (Capítulo 7), analisarmos as actividades económicas internacionais e transnacionais da imigração nepalesa em Lisboa. Portes analisou as actividades transfronteiriças levadas a efeito por diferentes tipos de actores: actividades internacionais, multinacionais e transnacionais em áreas políticas, económicas e socioculturais (Portes, 2003). Apresentamos, no Quadro XIII (Anexo 2), uma versão pessoal de um outro esquema realizado por este autor, que detalha o processo de transnacionalismo imigrante - em relação com transformações políticas, económicas e



socioculturais múltiplas, que vão ocorrendo, tanto no país de origem, como no país de chegada (Portes, 2003). Observamos que o fluxo inicial de envio de remessas dá lugar a empreendimentos e actividades sociais transnacionais, à medida que os migrantes, no destino, consolidam a sua posição económica e social, estabelecendo as primeiras organizações comunitárias. Com a emergência final de comunidades transnacionais, os governos fazem diversas concessões às diásporas (em busca de apoio político e económico). O tráfego de bens, informação e pessoas expande-se, e as organizações migrantes estabelecem-se como interlocutoras, tomando parte na política local do país de chegada, e nas relações com governos da origem - produz-se, assim, um aumento do fluxo de investimentos.

Em jeito de síntese deste subponto, verificámos, atrás, que múltiplos investigadores (exº: Glick Schiller et al., 1995a; Pries, 1997; Faist, 2000; Portes, 2001; Vertovec, 1999-2009; Levitt, 2001; Nyberb-Sorensen & Olwig, 2002; Guarnizo, 2003) contribuíram para firmar o transnacionalismo migrante como uma área de pesquisa teórico-empírica relevante e em expansão (Bauböck et al., 2006). Este campo de análise ajudou-nos a compreender alterações e variações, mais ou menos recentes, nos padrões migratórios - bem como a avaliar carências interpretativas, e a necessidade de aprofundarmos o estudo de outros fluxos migratórios, ocorridos há mais tempo. De um modo genérico, os investigadores mencionados concordam que os contextos de saída e os ambientes de recepção do migrante interferem na extensão, forma, grau e tipo de transnacionalismo verificado.

Analizando as teorias do transnacionalismo, vimos que esse conceito abarca relações e actividades transfronteiriças muito diversas (remessas, contactos com amigos e familiares, parcerias em negócios, criação de organizações transnacionais, questões nacionalistas, regionais e locais), sublinhando a diferença estabelecida por Smith e Guarnizo (1998) entre transnacionalismo *from above* e transnacionalismo *from below*. Colocámos, adicionalmente, ênfase na concepção de Tsuda, segundo a qual a noção de "simultaneidade" permite diferenciar entre "nacionalismo de longa-distância" e "transnacionalismo". Vimos como as teorias do transnacionalismo nos permitiriam comparar modelos de transnacionalismo (na mesma imigração ou entre imigrações). Ao analisarmos os campos sociais transnacionais, verificámos que eles podiam ser concebidos como "multilocalidades", "formações transnacionais", ou ainda como "translocalidades". Estabelecemos que os processos transnacionais, cujas práticas são enquadradas por convenções, mantêm relações complexas com os Estados-Nação e com

o capitalismo global, com destaque para os trabalhos de Szanton Blanc, Basch e Glick Schiller (1995a) sobre "transmigração", autores cujos elementos-chave dum novo quadro analítico para o transnacionalismo aqui escolhemos adoptar - seguimos, ainda, de perto (e perfilhamos) as conceptualizações de Wimmer e Glick Schiller (2002) sobre as reconfigurações do Estado-Nação na era do capitalismo global. Escolhemos, na senda de Vertovec, assinalar a expansão e copresença "nacionalismo"/"transnacionalismo", com predominância crescente para os sistemas deste último, chamando a atenção para a distinção operada por Miles e Sheffer (1998) entre transnacionalismo e "trans-Estatismo" (que faz depender este último, em parte, da actuação de organizações transnacionais). Subscrevemos a definição de actividades transnacionais de Portes (a qual supõe a existência de "engajamentos regulares"), e distinguimos entre actividades transfronteiriças multinacionais, internacionais, globais e transnacionais. Seguimos o esquema de Portes (2003) para o processo de transnacionalismo migrante e a diferenciação, por ele estabelecida, entre globalização *from above* e globalização *from below* - relacionando globalização com transnacionalismo e desterritorialização. Salientámos a perspectiva de Kennedy e Roudometof sobre a heterogeneidade e diversidade dentro dos grupos migrantes, e notámos como o transnacionalismo tem consequências macro-sociais, macro-económicas e macro-políticas. Enfim, no âmbito desta pesquisa, escolhemos perfilhar uma combinação das perspectivas de Kennedy e Roudometof com as visões de Portes, por nos parecerem mais abrangentes e especificamente moldadas, ou adequadas, ao nosso objecto de estudo. Acompanhamos de perto as noções de "nacionalismo de longa-distância" (Anderson), mas também de *long-distance villageness* e de uma integração de identidade multilocalizada, proposta por Lacroix.

### 2.1.2 Novas Formas de Transnacionalismo Migrante

Neste subponto, abordaremos alguns tópicos-chave distintivos das novas formas de transnacionalismo migrante, e iniciaremos uma discussão sobre as características dessas novas formas, em particular em comunidades imigrantes asiáticas, ou nepalesas. À luz das análises prévias, facilmente perceberemos que a globalização proporcionou alterações nos processos de transnacionalismo migrante, com consequências de amplo alcance, a nível político, social e económico-financeiro. Neste sentido, a amplitude ou extensão, forma, grau e tipo de transnacionalismo verificado sofreu modificações (em parte, porque os ambientes de origem e de destino se alteraram, igualmente), e terá

resultado numa maior heterogeneidade, pelo menos dentro de uma fatia das imigrações possuindo um mesmo país como ponto de partida. Basch, Glick Schiller e Szanton Blanc (1994) demonstraram que muitos imigrantes, mesmo se investindo nos EUA, continuavam a participar na vida quotidiana da sociedade de origem: os migrantes transnacionais eram, assim, "pessoas com os pés em duas sociedades" em simultâneo (Chaney, 1979). Estas trocas recíprocas originam influências bidireccionais. Novas e velhas gerações de imigrantes continuavam a manter laços através de fronteiras, fossem eles estabelecidos por via de remessas, negócios e investimentos, comunicações de vária ordem, migração de retorno ou laboral/sazonal, entre outros múltiplos contactos (Foner, 2000; Morawska, 2001). Não obstante, as novas formas de acumulação do capital, desenvolvimentos tecnológicos e comunicacionais, terão proporcionado uma diferenciação - no mínimo, ao nível da escala - dos laços transnacionais estabelecidos pelas gerações mais recentes (Glick Schiller, 1999; Portes, Guarnizo, Landolt, 1999). Glick Schiller (1999) propôs encarar a migração transnacional e suas configurações, como roteiro para a pesquisa da migração, atravessando as fronteiras dos Estados-Nação - ao considerar, precisamente, que os transmigrantes desenvolvem redes de relações ligadas, simultaneamente, a dois ou mais Estados.

Uma dessas novas formas de transnacionalismo migrante tem um carácter mais acentuadamente económico: surge associada às novas maneiras de remeter capital e à amplitude das remessas enviadas, ao tipo e grau de empreendedorismo inovador e à extensão verificável, bem como às formas indagáveis, de modificação dos arranjos institucionais na origem e no destino. Estas novas formas de transnacionalismo económico migrante são operacionalizadas, quer por meio de empresas étnicas transnacionais híbridas, quer por via de negócios que ligam comunidades étnicas transnacionais umas às outras, e ao país de origem. Os processos de aculturação, por exemplo, geram crenças, normas e comportamentos híbridos que são transportados para as instituições - na origem, como no destino; como, até, em países terceiros. Ainda reportando-nos às novas formas de transnacionalismo migrante económico, deveremos considerar os estilos correntes de inserção dos migrantes no mercado global e na classe trabalhadora mundial.

Adicionalmente, distinguem-se novas formas de transnacionalismo migrante de natureza política e de cariz sociocultural. As novas formas de transnacionalismo sociocultural caracterizam-se pela amplitude e extensão do envio de remessas sociais, e pela construção faseada de campos sociais transnacionais, mais ou menos vastos, e teias

complexas de laços fortes e fracos, que atravessam fronteiras. Aqui, a multiplicação de associações e organizações étnicas desempenha um papel muito relevante, assim como a localização da rede de segurança pessoal dos migrantes, e a retoma e modificação dos seus laços, através do tempo e do espaço. Estes campos sociais transnacionais envolvidos, como dissemos antes, nas novas formas de transnacionalismo migrante sociocultural, efectivam-se através de uma troca de ideias, símbolos, práticas, rituais, significantes e significados - troca, essa, que pode variar em extensão, amplitude, modo, grau e tipo. É assim que, campos sociais transnacionais com trocas mais intensas e frequentes, gerarão formas originais de transnacionalismo migrante sociocultural. As novas formas de transnacionalismo migrante político, por seu turno, aparecem associadas à dispersão alargada de ideologias, às diversas modalidades de intervenção possível (nas esferas públicas administrativa, legislativa, executiva ou governamental - mesmo que à distância), e aos tipos, graus e conformações de pertença a partidos políticos, organizações, *think tanks* e outros grupos activistas na diáspora, ou ligando a diáspora entre si, e a diáspora à origem. Estas novas formas de transnacionalismo migrante político dizem respeito, não esqueçamos, ao modo, extensão e amplitude pelos quais o aparelho de Estado e as elites migrantes, de uma dada origem, operam a sua própria transnacionalização. Autores diversos descreveram novas formas de transnacionalismo em comunidades migrantes asiáticas, incluindo empresas étnicas transnacionais híbridas e campos sociais transnacionais ligando continentes, politizações do processo migratório e misturas religiosas na diáspora, o surgimento de instituições híbridas ou nichos profissionais, o transporte de entendimentos, comportamentos, sistemas de castas e sistemas patriarcais através de fronteiras, o desenvolvimento de profissões "eticizadas", *ethnoscapes* e fenómenos de activismo civil transnacional *grassroots* - descreveremos estes processos em detalhe mais adiante, nos Capítulos 5 a 8.

De forma sintética, finalizaremos este ponto 2.1 sublinhando que o transnacionalismo migrante está ligado a reconfigurações dos processos de globalização e a transmutações na construção dos Estados-Nação. As relações globais intensas e complexificadas que enquadram actividades transnacionais coexistem com relações e estruturas trans-Estatistas regionais, e com ondas periódicas de sentimentos nacionalistas aumentados, ou de vigores proteccionistas renovados. Os processos de desterritorialização surgem associados aos fenómenos de globalização (que testam as fronteiras e legitimidade dos Estados-Nação) e ao transnacionalismo - muito embora as

práticas enquadradas deste, e as conexões entre os níveis local-regional-global que ele promove, questionem a desterritorialização como um conceito absoluto. Quanto às novas formas de transnacionalismo migrante (ponto 2.1.2), podemos concluir que elas se diferenciam, grosso-modo, em novas formas de transnacionalismo político<sup>48</sup>, económico e sociocultural.

O ponto 2.1 deu-nos ideia de diversos aspectos a ter em consideração, ao analisarmos a imigração nepalesa em Lisboa e os laços por ela estabelecidos: tipo de actividades transfronteiriças desenvolvidas, sua qualidade e amplitude, forma e grau, saber se o transnacionalismo ocorre *from above* e/ou *from below*, se há copresença de nacionalismo de longa-distância, *villageness* de longa-distância e "trans-Estatismo", além de se registar, ou não, transnacionalismo. Esperamos poder examinar os campos sociais transnacionais nepaleses, bem como as relações entre os processos de transnacionalismo nepalês, os Estados-Nação envolvidos (Portugal/Nepal) e os processos de capitalismo global. Deveremos adoptar, como referência, o quadro analítico para o transnacionalismo proposto por Szanton Blanc, Basch e Glick Schiller (1995b). Descreveremos a heterogeneidade dentro da comunidade nepalesa em Lisboa, a frequência dos engagements registados nas actividades transnacionais nepalesas, e poderemos destringir entre actividades transfronteiriças nepalesas multinacionais, internacionais, globais e transnacionais. Questionaremos o papel da *long-distance villageness* e de uma integração de identidade multilocalizada na imigração de Lisboa. Finalmente, poderemos comparar como é que os modelos de transnacionalismo verificados na imigração de Lisboa se diferenciam de modelos de transnacionalismo na mesma imigração (no passado), e de modelos verificados noutras imigrações nepalesas espalhadas pelo mundo.

## 2.2 Transnacionalismo Económico

Neste ponto 2.2, vamos abordar questões relacionadas com o transnacionalismo económico, dedicando particular atenção à indústria da migração (subponto 2.2.1), tópicos associados às remessas, comércio internacional e *transnational living* (subponto 2.2.2), e empreendedorismo migrante, negócios étnicos e economia étnica, além de diversos aspectos conectados com o financiamento dos negócios, organizações e empreendimentos étnicos (subponto 2.2.3).

---

<sup>48</sup> Com uma concomitante reconfiguração das "identidades-fronteiras-ordens", segundo Vertovec (2004).

O transnacionalismo económico reporta-se a actividades transnacionais de cariz económico, ou à criação de estratégias contextualizadas, actividades e instituições económicas transnacionais, inseridas em formações sociais transnacionais mais vastas. Ele pode incluir, por isso, a gestão de recursos económicos, aspectos relativos à indústria da migração, importações e exportações para o país de origem dos migrantes, investimento directo estrangeiro em países de origem, medidas dos governos na origem para captar moeda estrangeira migrante (como benefícios fiscais, ou promoção da poupança), desenvolvimento económico local e formas de financiamento em geral, remessas monetárias migrantes e outras modalidades de transferência financeira, empreendedorismo migrante, negócios étnicos e economia étnica, comércio internacional e *transnational living*. Sendo o valor das remessas dos imigrantes em países desenvolvidos superior ao dobro da ajuda internacional<sup>49</sup>, as perspectivas de desenvolvimento de algumas nações ao redor do mundo encontram-se, indubitavelmente, associadas à robustez económica, ao vigor dos laços comerciais e às actividades promovidas pelas suas diásporas e imigrações. Ou seja, de facto, a migração internacional surge como uma indústria fundamental nalguns países em desenvolvimento, onde as remessas internacionais constituem fonte de financiamento indispensável de agregados familiares, cidades e regiões inteiras. Gammeltoft-Hansen e Sorensen (2013) propõem que a migração internacional ter-se-á tornado "um negócio", sendo inclusive "comercializada": um conjunto de novas oportunidades de negócio nascidas nas últimas décadas exploram, comercializam e capitalizam o desejo de migrar dos indivíduos, bem como a gestão das migrações por parte de instituições, organizações, intermediários da migração e governos. Surgiram, nos decénios mais recentes, empresas especializadas na migração de trabalhadores, "multinacionais que têm a seu cargo a segurança fronteiriça ou a gestão de centros de detenção para imigrantes, empresas intermediárias, empresas de transportes e, até mesmo, redes criminosas organizadas", que lucram com o contrabando, com as redes de trabalho ilegal, ou com o tráfico de seres humanos entre países (Gammeltoft-Hansen e Sorensen, 2013). Zolberg mencionou os "facilitadores da migração"; outros autores, como

---

<sup>49</sup> Terá ultrapassado os 325 biliões de dólares, em 2010. Segundo Landolt (2001), as remessas mundiais foram calculadas em 43,3 mil milhões de dólares em 1980, 65,6 mil milhões em 1989, e 71,1 mil milhões em 1990 (Stanton-Russell, 1992). Entre 1991-1996, as transferências monetárias internacionais vindas dos Estados Unidos aumentaram 20%. Em 1998, as remessas imigrantes, dos EUA para o México e América Central, eram de 8 mil milhões de dólares (Orozco, 2000). Este aumento consistente e exponencial das remessas migrantes sugere que mais migrantes estarão envolvidos em relações sociais transnacionais, porém os níveis de participação (e a qualidade dessa participação) diferem entre indivíduos.

Hernández-León, identificariam quatro tipos de intermediários envolvidos na chamada "indústria da migração", e Betts explicou o papel de diversos actores associados à "indústria da migração" na governança global da migração. Alguns pesquisadores, como Guarnizo, fizeram referência ao transnacionalismo económico para sublinhar relações económicas que ultrapassassem o vínculo estático, linear e unívoco, implícito na ênfase colocada sobre o envio de remessas monetárias na direcção Norte-Sul. Bonacich e Modell, Portes, Wilson, Waldinger ou Landolt debruçaram-se, em particular, sobre questões relacionadas com a economia étnica, o empreendedorismo migrante e os negócios étnicos, enquanto formas particulares de transnacionalismo económico. No âmbito dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos por uma grande quantidade de autores, o transnacionalismo económico é, sobretudo, encarado sob o ponto de vista das remessas (económicas e não só) e seus impactos importantes e multidimensionais, no contexto de origem. Na realidade, as remessas surgem como vectores essenciais dos processos de transnacionalismo económico, produzindo vastas alterações nas relações sociais, práticas institucionais, hierarquias, comportamentos e valores do país de partida dos migrantes. Já Smith, Olwig e Sørensen e Guarnizo, entre outros, dedicaram estudos ao transnacionalismo económico, analisado sob os pontos de vista do "comércio internacional", *transnational livelihood* e *transnational living*.

No contexto desta tese, encararemos o transnacionalismo económico como um fenómeno associado a actividades e práticas, estratégias e instituições económicas de natureza transnacional. A economia globalizada potenciou um volume de trocas através de fronteiras sem precedentes, invocando reconfigurações a diversos níveis. Esta posição segue de perto as observações de Vertovec (2004), uma vez que este autor associou os processos transnacionais a transformações nas identidades, fronteiras e ordens. Simultaneamente, conectou esses processos transnacionais a aspectos económicos fundamentais como o volume das remessas migrantes, a facilitação do comércio internacional por parte dos migrantes, ou outros tipos de práticas transnacionais, como a venda de bens da origem às diásporas, ou os incentivos económicos que os governos nos ambientes de partida proporcionam aos seus expatriados. Desta forma, poderemos afirmar que o transnacionalismo económico se reporta a um conjunto de transformações económicas e institucionais, que resultam de actividades económicas associadas a processos migratórios contextualizados em campos sociais mais alargados, e que se reflectem numa alteração das práticas e estratégias



económicas adoptadas<sup>50</sup>. Procederemos, de seguida, a uma análise mais detalhada de diversos subtemas correlatos ao grande "chapéu-de-chuva" do transnacionalismo económico, pelo facto de focarem detalhes específicos, que merecem parágrafos autónomos, e também assuntos escrutinados no âmbito das nossas entrevistas com empreendedores e trabalhadores nepaleses em Lisboa, a saber: a indústria da migração (subponto 2.2.1), as remessas, o comércio internacional e o *transnational living* (subponto 2.2.2), o empreendedorismo migrante, os negócios étnicos e a economia étnica (subponto 2.2.3) e, por fim, o financiamento dos negócios e organizações (subponto 2.2.3.4).

### 2.2.1 Indústria da Migração

Dedicaremos este subponto à indústria da migração, detalhando o seu alcance, especificidades e características, além de procurarmos fornecer pistas sobre a relevância do seu estudo, no contexto de uma análise das actividades económicas desenvolvidas pela imigração nepalesa residente em Lisboa.

A comercialização da migração deve ser associada a transformações estruturais que, de algum modo, se conectam com modelos de governação global de natureza neoliberal. Verificamos, hoje, que até a própria "indústria da migração informal" está articulada, de forma mais ou menos próxima, com estruturas de natureza legal e política, tanto nos países de destino, quanto nos países de origem dos migrantes. A acumulação de remessas e empreendimentos transnacionais estimula iniciativas governamentais na origem, para captar e dirigir recursos adicionais remetidos pelos expatriados, bem como o investimento directo na origem, processos de reinstitucionalização de estruturas de desenvolvimento locais e fidelidades políticas. Por sua vez, estes investimentos e remessas alargam o mercado para negócios locais e multinacionais, que se poderão expandir às comunidades na diáspora (Portes, 2002). De forma a analisarmos com maior profundidade a chamada "indústria da migração", teremos de compreender, tanto a crescente comercialização da migração internacional, como um conjunto de "mercados para a gestão da migração" emergentes, nos quais essa "indústria da migração" opera (Gammeltoft-Hansen e Sorensen, 2013: 13). Entre os actores da "indústria da migração", distinguem-se cinco conjuntos que parcialmente se sobrepõem, definidos de acordo com o seu grau de organização e formalização, conforme o Quadro XIV (Anexo 2) detalha.

<sup>50</sup> Exº: captação e transformação de remessas migrantes por parte de instituições de microfinanciamento, ou reinstitucionalização de estruturas de desenvolvimento locais, por via dessas remessas.



Zolberg (1999) mapeou as posições dos actores políticos em relação à imigração, tendo podido descrever alguns *strange bedfellows* da política imigratória americana: os actores que percebem efeitos económicos, culturais ou políticos positivos decorrentes da migração tendem a adoptar posições favoráveis ou "imigracionistas" (exº: coétnicos ou empregadores). Já os actores que vêem os imigrantes como fonte de competição económica ou ameaça cultural, adoptam posições de restrição. Aqueles que beneficiam economicamente da imigração aparecem juntos, permitindo-nos fazer inferências sobre relações económicas e alianças prováveis entre "indústria da migração", as partes interessadas e as políticas de imigração, segundo o autor (Zolberg, 1999). Além dos agentes tradicionais (contratadores, agentes de remessas, transportadores, outros) que beneficiam economicamente com a imigração, também actores "coétnicos" e "cosmopolitas" aparecem como susceptíveis de alterar posições e apoiar a imigração, por interesse económico próprio. Por outro lado, os facilitadores da imigração guiados pelo lucro e os empregadores aparecem como *familiar bedfellows*: "empreendedores da migração" formais e informais, legais e ilegais, fornecem trabalhadores imigrantes documentados e não-documentados às empresas. Contudo, um segmento importante da "indústria da migração" opera de modo informal ou clandestino, impedindo (tal como, frequentemente, o Estado, outros empreendedores legais, ou outras partes interessadas na imigração) os facilitadores de formarem "coligações imigracionistas legítimas" (Hernández-León, 2013: 36). O mapeamento traçado por Zolberg não contempla, porém, actividades de controlo e resgate presentes na "indústria da migração", além das actividades facilitadoras, nem grandes alterações no posicionamento dos mesmos indivíduos face à migração, ou formas de conexão não-antecipadas entre actores e infraestruturas da "indústria da migração" (Hernández-León, 2013: 32).

Os facilitadores da migração motivados pelo lucro valorizam a "indústria das remessas" como objectivo primordial da própria migração - e como estratégia de financiamento de migrações futuras. Esta "indústria das remessas" abarca mecanismos formais (relacionando os migrantes com instituições financeiras no seu contexto de chegada) e um conjunto diversificado de negócios formais e informais, mais ou menos complexos e mais ou menos validados social, cultural e politicamente, que funcionam como intermediários das transferências monetárias ocorridas. Estes facilitadores guiados pelo lucro da "indústria das remessas" estão conectados a outras partes interessadas na migração - exº: organizações migrantes, representantes consulares dos países de origem

no destino, que procuram aumentar o fluxo de remessas, entre outros (Hernández-León, 2013: 37). De forma sumária, este autor introduz, portanto, na "indústria da migração" quatro tipos de intermediários, com objectivos distintos, conforme o Quadro XV (Anexo 2) especifica. Todos estes actores mantêm relações diferenciadas com as partes interessadas mais importantes na migração, como as "instituições estatais, empregadores, organizações pró e anti-imigração", e com os próprios imigrantes (Hernández-León, 2013: 39). Betts (2013a) argumenta que a "indústria da migração" e os mercados migratórios não operam só dentro e entre Estados-Nação, mas têm igualmente um impacto na governança migratória a um nível mais global. Baseando-se numa tipologia própria, este pesquisador demonstra que os actores envolvidos na "indústria migratória" impactam, de modo fulcral, a governança global - em domínios tais como a migração irregular, a migração laboral ou a protecção aos refugiados. Betts toma "governança", como:

«As normas, regras, princípios e procedimentos de tomada de decisão, que regulam o comportamento dos Estados (e de outros actores transnacionais).» (Betts, 2013a: 47)

Os Estados desenvolveram uma cooperação institucionalizada para o desenvolvimento de políticas ligadas aos movimentos transfronteiriços (exº: ao nível do comércio, trocas e finanças internacionais); contudo, a migração internacional, tendo um carácter transfronteiriço, não é regulada por protocolos multilaterais coerentes. O Quadro XVI (Anexo 2) ilustra o papel de diversos actores privados, associados à "indústria da migração" na governança global da migração, segundo Betts (2013b)<sup>51</sup>. Para este autor, portanto, não podemos sustentar que, simplesmente, não existe governança global da migração - apenas pelo facto de ela permanecer muito limitada, ao nível das instituições formais multilaterais (como é o caso das Nações Unidas). Essa governança global da migração assumirá "formas distintas e, eventualmente, mais complexas, a cinco níveis (multilateralismo, governança contextualizada, regionalismo, bilateralismo e unilateralismo de alcance extra-territorial)", nos quais os actores privados ligados à "indústria da migração" desempenham diversos papéis (Betts, 2013a: 47).

---

<sup>51</sup> Verificamos que a governança multilateral, característica de instituições como a Organização Internacional para as Migrações ou o Alto-Comissariado para os Refugiados das Nações Unidas, aparece ligada a actores privados com papéis de financiamento e parceiros de implementação. A governança contextualizada, apoia-se no *lobbying* e no desenvolvimento de padrões. A governança regional participa em discussões sobre padrões técnicos e formula contratos. O bilateralismo envolvido na gestão de fronteiras procura gerir a migração irregular através de contratos privados. Enfim, no unilateralismo característico das políticas imigratórias e emigratórias, actores privados como os grupos na diáspora ou grupos de *lobbying* e implementação, desempenham o seu papel.

Em síntese, neste subponto, detalhámos o alcance e características da "indústria da migração", procurando apresentá-la no âmbito de uma análise dos facilitadores e das actividades económicas levadas a efeito pelas comunidades migrantes, nomeadamente pelos seus empreendedores, negociantes, trabalhadores e firmas intermediárias. Distinguímos cinco grandes conjuntos de actores da "indústria da migração", em função do seu grau de organização e formalização. Mencionámos quatro tipos de intermediários, com objectivos distintos e mantendo relações diferenciadas com as partes interessadas na migração. Verificámos que a "indústria da migração" envolve actividades de controle e resgate, além de actividades facilitadoras. Enfim, analisámos o papel de diversos actores privados, associados à "indústria da migração" na governança global da migração. Podemos, assim, afirmar que a inexistência de acordos formais multilaterais, de amplo alcance, dedicados à governança global da migração não impede a existência de uma governança com cinco níveis de articulação distintos, onde uma variedade de actores privados desempenham papéis fundamentais. No âmbito da análise dos nossos dados, procuraremos diferenciar os actores operando na "indústria da migração nepalesa", tipos de intermediários envolvidos, actividades facilitadoras promovidas, e a interacção dessa "indústria" com os actores privados associados à governança global da migração (segundo Betts), aos níveis unilateral, bilateral, regional, contextual e multilateral.

#### 2.2.2 Remessas, Comércio Internacional e "Transnational Living"

Neste subponto, abordaremos tópicos relacionados com o peso e importância das remessas migrantes (2.2.2.1), o comércio internacional promovido por comunidades migrantes em diferentes países e suas características (2.2.2.2), bem como factores componentes e definidores do chamado *transnational living* (2.2.2.3).

##### 2.2.2.1 Remessas

Analisámos, anteriormente, a ascendência e autoridade das considerações sobre a "indústria das remessas", nas análises ao transnacionalismo. As remessas encontram-se entre os factores que promovem uma transfiguração e desenvolvimento mais relevantes, quando falamos dos diversos componentes que integram o fenómeno do transnacionalismo económico. As remessas monetárias migrantes promovem alterações profundas na sociedade de origem, que não podem, de modo nenhum, ser restringidas à esfera económica e ao estímulo financeiro que elas proporcionam, nomeadamente aos pequenos e médios empreendimentos, ou negócios, no contexto de partida. As remessas

monetárias modificam significativamente o ambiente de origem, desde as perspectivas em termos da educação, saúde, oportunidades de progressão e qualidade de vida geral da família de origem, até às mudanças no equilíbrio de poderes no seio familiar e no contexto local, até à modificação de valores tradicionais, relações hierárquicas e de género, mudanças nas instituições locais, nos padrões de comportamento e consumo locais. Já vimos, atrás, que instituições de microfinanciamento podem captar as remessas e transformá-las, reinstitucionalizando estruturas de desenvolvimento locais. Segundo Vertovec (2004), podem, por outro lado, resumir-se, da seguinte forma, alguns dos impactos negativos das remessas monetárias ou, de forma mais lata, das remessas económicas:

«De entre os impactos negativos reportados, as remessas económicas, alegadamente: deslocalizam trabalhos e salários locais, induzem as despesas associadas ao consumo (frequentemente, ao consumo de importações), inflacionam os preços locais de terrenos, casas e comida, criam disparidades e invejas entre recipientes e não-recipientes [das remessas económicas], e geram uma cultura de dependência económica.» (Vertovec, 2004: 985)

Tipicamente, as remessas económicas são enviadas por diferentes tipos de actores migrantes, utilizando uma variedade de meios e firmas intermediárias ao seu dispôr, para as encaminhar e fazer chegar ao destino: desde os serviços especificamente dedicados à transferência de dinheiro e envio de poupanças através de fronteiras internacionais (mais ou menos complexos), até às transferências *online*, expedição com recurso a parentes e amigos, remessa por meio dos correios e serviços de entregas, ou recorrendo às instituições bancárias formais. No entanto, é necessário notar que as remessas migrantes que compõem a "indústria das remessas" não possuem somente uma componente financeira/monetária (embora esta seja deveras relevante, e tenha efeitos impactantes): as remessas apresentam também vertentes culturais, simbólicas, sociais, pessoais ou políticas. A "indústria das remessas" não se restringe, além disso, ao envio de recursos a partir de países desenvolvidos (de destino), para países de partida em desenvolvimento. No entender de Guarnizo (2003), uma abordagem ao transnacionalismo que saliente somente as remessas Norte-Sul e se limite a questões monetárias, revela-se "limitadora e limitada" - uma vez que não tem em consideração "efeitos macroeconómicos múltiplos" das ligações transnacionais estabelecidas pelos migrantes (sejam essas ligações de natureza económica ou de outro tipo), assim menosprezando a agência real desses migrantes e as suas modalidades de influência a nível global. Recorrendo a uma perspectiva transnacional informada pela sociologia

económica, este autor questionou noções estabelecidas sobre as relações entre mobilidade do trabalho e mobilidade do capital. De forma sintética, Guarnizo argumenta que o envolvimento transnacional dos migrantes tem efeitos transformativos relevantes, não apenas nas localidades e país de origem da migração, mas igualmente em processos macroeconómicos globais, incluindo "arranjos financeiros e comércio internacionais, consumo e produção de cultura" (Guarnizo, 2003: 667). Desta forma, ele ultrapassa aquilo que outros designaram por "nacionalismo metodológico" (Wimmer e Glick Schiller, 2002); ou seja, a tendência a estudar exclusivamente transferências monetárias Norte-Sul e o impacto dessas actividades económicas dos migrantes nas suas localidades de partida. Para estarem envolvidos de forma transnacional, os migrantes necessitam de uma multitude de bens e serviços, fornecidos por agentes conacionais e não-conacionais, pequenos produtores, assim como grandes produtores e corporações transnacionais. "Os bens e serviços exigidos pelo envolvimento transnacional dos migrantes fluem, não só no sentido Norte-Sul, mas também [nos sentidos] Sul-Norte, Norte-Norte e Sul-Sul", afirma o autor (Guarnizo, 2003: 667-668). Por outro lado, o estudo dos fluxos tende a privilegiar o sentido Sul-Norte. Segundo Hayes (2015), quer o foco da análise esteja no envio ou recepção de migrantes, ou comunidades:

«(...) os estudos [sobre migrações] quase sempre discutem a migração da América Latina para os Estados Unidos, Canadá e outros locais no Norte Global (cf. Chavez-Arellano 2014; Herrera 2003, 2011; Izcarra 2012; Klooster 2013; Nava-Tablada 2013; Otterstrom e Tillman 2013; Radel e Schmook 2008; Yarnall e Price 2010). Nos últimos anos, os estudiosos de migrações, especialmente da América Latina, têm produzido um trabalho importante, centrado na migração Sul-Sul, ou migração entre países em desenvolvimento, às vezes com a deliberada intenção de desafiar o domínio de análise da migração no sentido Sul-Norte dos fluxos (cf. Cerruti e Parrado 2015; Stefoni 2013; Torres e Hidalgo de 2009).» (Hayes, 2015: 7-8)

É provável que a migração de norte-americanos para destinos latino-americanos venha a aumentar (Dixon, Murray e Gelatt 2006; Rojas, LeBlanc e Sunil 2014); porém, até recentemente, pouca atenção foi dedicada à migração ligada ao estilo de vida e conforto nas Américas, um fluxo que ocorre principalmente no sentido de Norte-Sul, assim como na Europa. Com efeito, enquanto que as mudanças culturais são relevantes, é importante notar que a crise financeira de 2008 produziu novos tipos de estilo de vida, associados à mobilidade, em particular para aposentados, que viram a economia decair, como resultado da crise (Hayes 2015). As mobilidades ligadas ao estilo de vida também podem, assim, ser motivadas por factores económicos, desafiando alguns dos

fundamentos das distinções traçadas entre estilos de vida migrantes e trabalhadores migrantes (Matossian, Zebryte e Zunino 2014, cit. por Hayes, 2015).

Retornemos à questão das remessas. O investigador nepalês Pramod Dhakal (2008), imigrante no Canadá, considerou que, mostrando-se as comunidades nepalesas na origem "sedentas de financiamento e remessas" para construir infraestruturas básicas, fomentar a agricultura, ou para incentivar outras formas de desenvolvimento no país de partida, as contribuições da diáspora em tais áreas poderiam ter uma "influência positiva de longo-prazo", tanto social, como económica e politicamente. Não são apenas as instituições de microfinanciamento que podem captar e transformar remessas, reinstitucionalizando estruturas de desenvolvimento locais (Vertovec, 2004). Lembremos, por exemplo, como Riddle e Brinkerhoff (2011) utilizaram um estudo de caso do Nepal, para demonstrar que a aculturação institucional e as remessas migrantes podem inspirar um empreendedor na diáspora a transformar os "arranjos institucionais" no seu país de origem, e gerar uma mudança dramática nas expectativas da sociedade, a respeito dos papéis do governo, fornecedores e compradores. Note-se, enfim, que as "mercadorias mais valiosas", possuídas pela diáspora nepalesa, seriam, de acordo com Dhakal (2008), os seus conhecimentos, habilidades e experiências - mercadorias, até então, "esquecidas no Nepal", em detrimento de um envio de remessas monetárias (Dhakal, 2008). Afirmava este autor, sobre a diáspora nepalesa e seus recursos:

«Nós somos pessoas capazes de criar uma rede entre nós e com outros indivíduos e organizações. Somos capital humano útil para qualquer sociedade, que pode oferecer a máxima utilidade e retorno a partir do nosso conhecimento, habilidades, experiência e dinheiro. Assim como Taiwan prospera sobre o capital humano disponível na sua diáspora, tal como a China prospera em capital-dólares e comércio de maquinaria através da sua diáspora, e do mesmo modo que a Índia prospera em investimentos, transferência de tecnologia e *outsourcing* por via da sua diáspora, também o Nepal tem algo tangível para descobrir entre nós [membros da diáspora nepalesa], e assim faz o Canadá.» (Dhakal, 2008)

No entanto, o mesmo pesquisador lamentava: apesar de sucessivos governos nepaleses terem imaginado e planeado um "progresso impulsionado pelas remessas", a história da Índia ou das Filipinas bem demonstrava como "as remessas representam uma colheita temporária, de alegria insustentável". Também no Nepal, a maioria das poupanças eram "devoradas com o intuito de comprar o mesmo terreno que estava lá desde tempos imemoriais, ou activos não produtivos, como roupas, jóias e ouro" (Dhakal, 2008). O *World Bank Group* (2011) adicionava, à sua análise da emigração nepalesa, detalhes sobre o impacto da emigração na economia do país:

«A migração internacional tornou-se (...) a mais importante actividade económica no Nepal. O total das divisas estrangeiras obtidas através da migração é maior do que as receitas da exportação e a ajuda oficial recebida, quando combinadas. A ubiquidade da migração nepalesa é confirmada pela sua distribuição uniforme.» (World Bank Group, 2011)

Sucintamente, podemos considerar que as remessas migrantes assumem diferentes formas, sejam elas o envio de remessas monetárias ou remessas sociais, capital humano com conhecimentos, habilidades e experiências valiosas. Retenhamos o peso da "indústria das remessas", enquanto factor que promove as transfigurações mais evidentes, rápidas, profundas e extensivas, no âmbito dos processos de transnacionalismo económico. A captação e transformação de remessas reinstitucionaliza e transforma estruturas de desenvolvimento locais, tem efeitos macroeconómicos e inspira a transformação de arranjos institucionais na origem, e das expectativas societárias regionais e locais. Entretanto, se as remessas migrantes apresentam múltiplos efeitos positivos, Vertovec (2004) apontou alguns impactos negativos dessas remessas económicas. Examinámos o modo como uma análise das remessas Norte-Sul é limitadora, e vimos que as remessas não possuem apenas uma componente monetária, mas também cultural, simbólica, social, pessoal ou identitária e política (são as chamadas "remessas sociais").

#### 2.2.2.2 Comércio Internacional

Neste subponto traçaremos, em linhas gerais, os requisitos e estruturas necessárias, para a promoção de actividades de comércio internacional, e descreveremos as características associadas ao comércio internacional promovido por imigrações distintas, em países diversos.

O comércio internacional, regulado por via da Organização Mundial do Comércio<sup>52</sup>, que governa e controla a gestão de conflitos mercantis entre nações e a supervisão do modo como os acordos estabelecidos e os tratados bilaterais são implementados, pode ser definido como uma troca de bens e serviços que ocorre através de territórios, estados e fronteiras (e adicionalmente, embora numa menor escala, como troca de trabalho, capital, ou outros factores de produção, entre países). Enquanto algumas nações defendem e postulam o comércio livre em termos internacionais (assim sucedendo com certas democracias ocidentais modernas e estados orientados por ideologias neoliberais,

---

<sup>52</sup> Organização criada no final do século XX (1993), para substituir o Acordo Geral das Tarifas e Comércio (GATT), um acordo provisório que resultara da necessidade de regular o comércio internacional uma vez finalizada a II Guerra Mundial, à semelhança de outras instituições financeiras globais criadas pela mesma altura, como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial.



por exemplo), as nações autocráticas, ou regimes mais conservadores, tendem a sublinhar o isolamento mercantil e o proteccionismo económico (embora nenhum estado seja, em termos de trocas, plenamente autónomo, facto que se torna patente, sobretudo, quando atendemos à dependência dos diferentes países em relação a um sistema financeiro global). O comércio internacional divide-se, então, em importação (entrada de produtos, serviços, capital, trabalho ou outros factores de produção, provenientes de outra nação, num determinado país) e exportação (saída desses produtos, serviços, capital, trabalho ou outros factores de produção de um país, com destino a uma outra nação). Entre o destino e a origem, há uma série de países que podem funcionar como intermediários das trocas internacionais. Em geral, o termo "comércio internacional" diz respeito à compra e venda de bens e serviços, e a expressão *international trade* aplicar-se-ia, preferencialmente, à troca desses bens e serviços. O comércio internacional apresenta alguns riscos, tanto de cariz político como económico, nomeadamente aqueles riscos que se encontram relacionados com questões de soberania das nações envolvidas, incumprimento de pagamentos por parte de países devedores, sanções e expropriações de bens ocorridas num outro país ou, ainda, com as flutuações em termos cambiais. Riscos e custos frequentemente associados ao comércio internacional são aqueles que se prendem com a expedição, tarifas, transporte, custos de tempo, seguros, custos ligados a diferenças culturais e legais entre países, atrasos nas fronteiras entre nações, e riscos de perda, extravio, confisco ou roubo de mercadorias diversas.

Podemos afirmar que o comércio internacional distingue-se do comércio doméstico, não só pelo facto de apresentar mais custos em geral, como também pelo motivo de revelar factores de produção (exº: trabalho, capital) menos móveis do que aqueles que existem dentro das fronteiras de uma mesma nação (daí que o comércio internacional tenda a privilegiar a compra e venda de bens e serviços). O comércio internacional relaciona-se com o comércio *online*: numa economia digital, é frequente que a expansão internacional dos negócios e empresas ocorra por via do comércio electrónico transfronteiriço. O comércio *online* requer ambientes institucionais favoráveis e uma certa abertura à competição internacional, porque é tipicamente desespacializado, de livre-concorrência; quebrando, numa mesma localização virtual, barreiras físicas, de acessibilidade e fiscais (ou taxação) reais, fronteiras nacionais, discórdias geopolíticas ou divisões simbólicas, e distâncias geográficas significativas. A Câmara do Comércio Internacional (ICC) foi fundada em 1919: trata-se da mais importante organização



mundial para o comércio internacional<sup>53</sup>, assumindo a missão de estreitar os laços económicos entre nações e promover o comércio livre, negócios e empreendimentos privados, melhoramentos na qualidade de vida das populações ou, de forma mais abrangente, a paz por via das trocas comerciais. Esta instituição define regras de conduta para o comércio internacional e defende um sistema de comércio e trocas multilateral, como garantia de previsibilidade e consistência, para as empresas que investem e comerciam através de fronteiras. Além disso, ela sustenta que o investimento transfronteiriço é um motor fundamental do crescimento económico global, beneficiando negócios e governos locais, pelas oportunidades de importação e exportação que proporciona, pelo influxo de competências, capital e tecnologia que gera, e pela ligação a cadeias de valor global que oferece (ICC, 2016).

Estima-se que o comércio internacional terá aumentado mais de vinte vezes, desde meados do século XX até hoje. O avanço tecnológico e a industrialização, os processos de globalização, a expansão das corporações multinacionais e fenómenos como o *outsourcing*, conduziram a mudanças fundamentais no sistema mercantil internacional e proporcionaram contactos de países e consumidores muito variados, com novos mercados e produtos distintos. Os laços económicos internacionais foram conceptualizados, definidos e detalhados nas suas especificidades por diferentes autores, que propuseram modelos de compreensão alternativos para o fenómeno do comércio internacional. Destacam-se, entre esses autores, David Ricardo, que propôs um modelo de vantagens comparativas (segundo o qual cada país se especializa num pequeno número de bens ou serviços que produz melhor, decorrendo a sua internacionalização comercial da especialização respectiva), ou Heckscher-Ohlin, cujo modelo compete com o primeiro (introduz o preço e o investimento directo estrangeiro na teoria do comércio internacional, propõe a importação de bens cuja produção depende de factores escassos e a exportação de bens cuja produção depende de factores abundantes, numa determinada localização ou país). Outras propostas de análise, explicação e predição do comércio internacional são o modelo dos Factores Específicos de Jacob Viner, Paul Samuelson e Ronald Jones, ou modelo de Ricardo-Viner (que associa, ao modelo ricardiano, diversos factores de produção: factores móveis como o trabalho e factores imóveis, específicos a uma determinada indústria), e o modelo da Gravitação, um

---

<sup>53</sup> Trabalha em áreas tão distintas como a banca, a lei e a prática comercial, a arbitragem, a taxação, a economia digital, as políticas económicas, as políticas de comércio e investimento, a facilitação das trocas e alfândegas, o *marketing*, a competição e propriedade intelectual, ou a responsabilidade corporativa anti-corrupção.

modelo empírico que considera o tamanho das economias e a distância entre os países respectivos, enquanto bons preditores dos fluxos de comércio internacional e suas características (mas junta-lhes também outros aspectos moduladores, tais como as políticas comerciais nacionais e regionais, diferenciais nos níveis salariais e rendimento entre países, e natureza das relações diplomáticas entre as nações).

Diferentes comunidades migrantes desenvolvendo laços económicos de cariz internacional foram estudadas e analisadas, ao longo do tempo. Destacamos, aqui, os estudos de Patricia Landolt sobre o comércio internacional, envolvendo comunidades salvadorenhas nos Estados Unidos, em contacto com o país de origem (São Salvador), ou comparando actividades económicas de dominicanos, salvadorenhos e colombianos nos EUA (Portes et al., 2002; Guarnizo et al., 2003) e laços económicos de mexicanos nos EUA (Fitzgerald, 2000). Ou, focando em particular as comunidades sul-asiáticas, os trabalhos de Light (1972) sobre chineses e japoneses nos EUA, ou Smith e Zhou (1995) sobre os chineses em Nova-Iorque e a sua captação de capital em Taiwan e Hong-Kong, de Fong (1994) sobre a imigração chinesa em Los Angeles, ou de Portes e Rumbaut (2006) sobre actividades económicas de chineses, coreanos, filipinos e vietnamitas nos EUA. Ou ainda, as pesquisas de Ballard sobre sul-asiáticos no Reino Unido (1994; 2002), de Gopal Shrestha sobre actividades económicas de nepaleses na Europa (2014) e de Adhikari e Hobley (2015) sobre nepaleses no Golfo Pérsico, de Helweg (1979) e Shaw (1988) sobre paquistaneses e sikhs em Inglaterra, de Vertovec (2008) sobre laços transnacionais de natureza económica entre os imigrantes no Reino Unido, e de Lacroix (2016) sobre actividades de recolha de fundos e investimento na origem, por parte de punjabis no Reino Unido e na América do Norte. Destacam-se, analisando estes autores, algumas características do comércio internacional estabelecido por essas imigrações, nomeadamente a maior propensão, de umas comunidades do que doutras, a estabelecer laços económicos fortes e dinâmicos com a origem, os determinantes sociais envolvidos nas actividades económicas migrantes, incluindo laços com países terceiros, e a diversidade de estratégias, intermediários e reconfigurações institucionais proporcionadas pelas actividades económicas desenvolvidas.

De modo resumido, neste subponto debruçámo-nos sobre as formas de comércio internacional, tendo em consideração as suas peculiaridades e características, além dos seus promotores e beneficiários, condições e estruturas necessárias para que esse tipo de comércio floresça e se intensifique, bem como obstáculos que é necessário ultrapassar para que ele frutifique. Registámos que o "comércio internacional" se reporta à compra

e venda de bens e serviços, e que ele compreende custos e riscos, tanto económicos como políticos. Notámos a sua relação vantajosa com o comércio *online* e a forma como o comércio internacional se destaca, enquanto factor crucial do desenvolvimento económico a nível global. Concluímos, pois, que o comércio internacional promovido por comunidades migrantes assenta em campos sociais fluídos mais vastos, na diversificação de estratégias, na reconfiguração institucional com consequências macroeconómicas e, com frequência, em relações com países terceiros, que funcionam como intermediários das trocas internacionais. Os laços económicos internacionais estabelecidos deverão ser examinados ponderando factores de produção móveis e imóveis, e aspectos moduladores associados a diferenciais salariais, políticas comerciais, distâncias geográficas e relações diplomáticas entre os países envolvidos. No âmbito desta tese, nós tomaremos como definição de comércio internacional as actividades comerciais estabelecidas entre países distintos e envolvendo, sobretudo, a compra e venda de bens e serviços através de fronteiras, por iniciativa da imigração nepalesa em Lisboa. Estenderemos a nossa análise às trocas internacionais de capital, trabalho, ou outros factores de produção, através de fronteiras, nas quais a imigração nepalesa em Lisboa se veja envolvida. Os nossos entendimentos e conclusões serão informados, do ponto de vista das teorias sobre o comércio internacional, pelo modelo dos Factores Específicos e, mais empiricamente, pelo modelo da Gravitação, que considera outros factores moduladores respeitantes, por exemplo, às relações entre nações. Seguiremos, enfim, as considerações de Landolt, Portes, Lacroix, Vertovec e Gopal Shrestha, no que diz respeito ao estabelecimento de laços económicos internacionais, por parte de minorias e grupos migrantes.

#### 2.2.2.3 "Transnational Living"

Neste subponto, trataremos de diferenciar entre comércio internacional e comércio transnacional, além de sumarmos aquelas características que entendemos como definidoras do chamado *transnational living*, ou "viver transnacional" - nomeadamente, o "viver transnacional" dos membros de algumas imigrações sul-asiáticas.

Vimos, no ponto prévio, que o comércio internacional pode ser definido como a compra e venda de bens e serviços, através das fronteiras nacionais. Ora, o comércio transnacional diferencia-se do comércio internacional porque implica, de acordo com a nossa perspectiva, uma maior complexidade, articulação, reciprocidade e contextualização das trocas comerciais em campos sociais transnacionais mais vastos e dinâmicos, resultando em consequências macroeconómicas mais profundas e

duradouras, e na reconfiguração de instituições, práticas, expectativas e valores, tanto na origem, como no destino. Importa, adicionalmente, que nos detenhamos um pouco no escrutínio da noção da *transnational living*, o chamado "viver transnacional". O crescente volume e importância, em termos macroeconómicos, das remessas monetárias dos migrantes levou a um interesse incrementado, por parte de investigadores e analistas, durante as últimas décadas, quanto ao contexto em que se desenvolvem tais actividades e trocas. É neste âmbito que assume particular relevância o conceito de *transnational living*: definido, partindo de trabalhos de Smith (2001) e Olwig e Sørensen (2002), como:

«(...) uma condição que implica um conjunto de relações e práticas transfronteiriças, ligando os migrantes com as suas sociedades de origem.» (Guarnizo, 2003: 670)

*Transnational living* ("viver transnacional") equivale, por conseguinte, a um campo interactivo e dinâmico de relações sociais, que poderão ser iniciadas por indivíduos migrantes ou não-migrantes, e que afectam e envolvem actores em países distintos. Esse campo do "viver transnacional" é evolutivo e contingente aos recursos dos migrantes, sua posição socioeconómica, contexto histórico e local. Ao contrário da *transnational livelihood*, de Olwig e Sørensen (2002), o *transnational living* preocupa-se com a contextualização estrutural do envolvimento transnacional dos indivíduos. Ele pondera consequências económicas intencionais e não-intencionais, levadas a cabo por actores migrantes e não-migrantes. Dois conjuntos de processos estão envolvidos e são gerados pelo *transnational living*, isto é, por uma vida que se reparte ou se estende através das fronteiras nacionais, de acordo com o Quadro XVII (Anexo 2). Verificamos que o primeiro conjunto de processos está associado à reprodução de práticas sociais e culturais, enquanto o segundo conjunto se reporta à manutenção de relações de diverso tipo, com a origem. Seguindo uma tipologia padronizada para os laços económicos transnacionais, Guarnizo reviu discussões associadas ao empreendedorismo transnacional, remessas monetárias migrantes e apoio ao desenvolvimento comunitário, na origem e no destino. As remessas monetárias representam laços sociais solidários, de reciprocidade ou obrigação de longa-distância, que unem migrantes aos seus parentes e amigos, para além das fronteiras nacionais controladas pelos Estados. É assim que, para este autor:

«O volume e estabilidade das remessas monetárias globais transformou esta transacção íntima [as remessas monetárias privadas] numa das mais importantes transacções privadas da economia global.» (Guarnizo, 2003: 671-672)

E os actores financeiros globais passaram a tê-la em consideração nas suas transacções económicas, ou seja, a *bounded solidarity* íntima tornou-se um factor macroeconómico com efeitos nos países de origem, e além deles.

Resumidamente, neste subponto abordámos a questão do "viver transnacional", enquadrando-o como contexto, no espaço do qual florescem laços de diversa natureza, incluindo laços económicos transnacionais, fomentados por algumas comunidades migrantes ao redor do mundo (e, no nosso caso, especificamente por algumas imigrações sul-asiáticas). No âmbito desta tese, adoptaremos como definição de *transnational living*, ou do chamado "viver transnacional", aquela que o encara como um campo de relações sociais interactivas em evolução, com consequências económicas intencionais e não-intencionais, provocadas por actores migrantes e não-migrantes, recorrendo a processos de reprodução e manutenção de relações com a origem - subscrevendo assim, parcialmente, a perspectiva de Guarnizo.

### 2.2.3 Empreendedorismo Migrante, Negócio Étnico e Economia Étnica

Neste subponto, abordaremos consecutivamente algumas questões e especificidades conectadas ao empreendedorismo de indivíduos e grupos migrantes (2.2.3.1), aos chamados negócios de natureza étnica (2.2.3.2) e, ainda, àquilo que poderemos considerar como uma "economia étnica" (2.2.3.3), segundo diferentes autores - e destrinchando-a de conceitos correlativos como os de enclave, *embeddedness*, ou redes migrantes. Especificaremos a nossa perspectiva e tomada de posição própria, no que diz respeito à discussão destes temas, procurando enquadrá-los devidamente, em relação ao nosso objecto de estudo.

#### 2.2.3.1 Empreendedorismo Migrante

Comecemos por analisar aquilo que entendemos por empreendedorismo migrante. As definições de empreendedorismo migrante têm origem na teoria apresentada por Bonacich (1973), sobre "minorias intermediárias" - minorias, essas, posicionadas entre os actores do mercado (instituições que fornecem empréstimos, investidores, especuladores, financiadores e negociadores) e outras classes bem definidas, como as massas ou as elites. Portes e Wilson (1980) propuseram, por seu turno, a teoria do "enclave económico", como uma terceira via alternativa aos mercados de trabalho primário e secundário - viesse essa via a significar uma forma de lidar com obstáculos e discriminação, uma estratégia de ascensão e mobilidade social, ou uma variedade, quase sub-reptícia, de exploração capitalista (Portes e Jensen, 1989).

Quanto ao empreendedorismo migrante, notemos, em primeiro lugar, que algumas características pessoais dos empreendedores desenvolvendo a sua "descoberta criativa"<sup>54</sup> (Schumpeter, 1934) se sobrepõem, em parte, às dos migrantes (com destaque para as capacidades de assumir riscos, ou lidar com incertezas e ambiguidades). Em segundo lugar, observemos a existência de vasta literatura documentando a maior probabilidade de imigrantes possuírem negócios próprios - isto, quando comparados com os nativos, numa multiplicidade de países industrializados. Em terceiro lugar, consideremos que os imigrantes que iniciam o seu próprio negócio e "empreendem", corporificam o fenómeno da globalização e assumem papéis distintos, quer em relação aos imigrantes trabalhando por conta doutrem, quer em relação aos próprios empresários nativos (Rath, 2006). A maior parte da literatura assume, então, que um imigrante, que abra ou funde um negócio no país de acolhimento, se torna um empreendedor imigrante (Dalhammar, 2004). Rath (2006) considera que, tanto a definição de "imigrantes", quanto a definição de "empreendedores", diferem em função das políticas reguladoras no destino e, portanto, de país para país. Já outros autores, preocuparam-se em distinguir "empreendedor imigrante" (todos os empreendedores imigrantes de todos os grupos étnicos de um dado país) de "empreendedor étnico" - este, um empreendedor imigrante de dado país e dado grupo étnico (Waldinger et al., 1990). Um empreendedor imigrante gera oportunidades de emprego próprias e para terceiros, apoiando-se fortemente em recursos, mão-de-obra, e até mercados, familiares e coétnicos, com vista a desenvolver o seu negócio. Ele pode iniciar um negócio por necessidade ou por vontade própria, e o tipo de negócio que vem a criar é influenciado por factores familiares, étnico-culturais, económicos, religiosos e locais ou contextuais (Basu e Altinay, 2002). Na nossa perspectiva, uma definição de empreendedores imigrantes que abarque simultaneamente a característica de "imigrantes temporários" que, na origem, Bonacich atribuía necessariamente às "minorias intermediárias", a noção de "enclave económico" de Portes e Wilson (1980), e estes diversos factores que interferem com o tipo de negócio criado (Basu e Altinay, 2002), revela-se como satisfatória e adequada ao objecto de estudo sobre o qual aqui nos debruçamos, uma vez que tem em conta as suas especificidades étnicas, culturais e outras, o facto de Portugal constituir, sobretudo, um "abrigo" para os imigrantes nepaleses que se dizem "de passagem"; e, finalmente, explora facetas que procuraremos especificamente entender -

---

<sup>54</sup> Timons (1996) considerou, por seu turno, que os processos envolvidos no fenómeno do empreendedorismo eram constituídos por: recursos, oportunidades e equipas.

como examinar se os empreendedores imigrantes nepaleses em Lisboa formam, com os seus negócios, um enclave económico e, em caso afirmativo, que funções esse enclave desempenha.

Por outro lado, o empreendedorismo transnacional dos migrantes "tem também preocupado os investigadores interessados nas transferências monetárias migrantes" (Guarnizo, 2003: 675). Estabeleceu-se, extensivamente, que uma larga fatia das remessas migrantes é gasta no consumo de bens, mais do que no investimento produtivo. Mas pesquisas mais recentes (sobretudo baseadas em métodos etnográficos) documentaram a existência de uma vasta gama de actividades empresariais transnacionais engendradas por migrantes. O investimento através de fronteiras e a progressiva transigência e banalização da movimentação transfronteiriça de capital (até por via das ferramentas e modalidades virtuais), as identidades transnacionais formadas na diáspora e a estrutura social que lhes é correlativa, deram origem a um "caso especial de empreendedorismo étnico internacional: o investimento empreendedor da diáspora" (Gillespie, Riddle, Sayre e Sturges, 1999, cit. por Riddle e Brinkerhoff, 2011). Por vezes, os ambientes institucionais são muito distintos, entre o país de origem e o país de recepção. As pesquisas sobre negócios internacionais têm-se debruçado cada vez mais, de facto, sobre a forma como as instituições locais afectam a estratégia internacional seguida pelos negócios, as operações e desempenho das empresas (Mudambi e Navarra, 2002). Instituições fracas ou informais, que prevalecem em países em desenvolvimento, favorecem estratégias ligadas às iniciativas empreendedoras privadas (mas também podem estar presentes nalguns destinos). Esta fraqueza pode traduzir-se de diversos modos: desde "espaços vazios institucionais", até à "infância institucional formal", "corrupção institucional", ou "predominância de instituições informais" (Child e Tse, 2001; Banco Mundial, 2002; Kwok e Tadesse, 2006).

A maior parte da pesquisa sobre empreendedorismo étnico tendeu a centrar-se no impacto que os empresários e os seus empreendimentos têm no país de acolhimento. Contudo, investigações mais recentes apontam para a migração circular (que proporciona e expande redes sociais transnacionais), como geradora de um conhecimento de mercado e de recursos culturais singulares, para os empreendedores da diáspora (Portes, Guarnizo e Haller, 2002). Mas o grosso destas investigações gira em torno do "comércio de trocas da diáspora" - exº: empresas de circuito (transferência de remessas e mercadorias entre país receptor e país de origem) e empresas culturais (venda de mercadorias a partir do país de origem, para coimigrantes no destino) - ou do



investimento directo estrangeiro, por parte da diáspora (Gillespie et al., 1999; Landolt, Autler e Baires, 1999). Um terceiro tipo de transacções económicas, para além das remessas monetárias que visam apoiar familiares e amigos, ou conseguir investimentos rentáveis, é o apoio ao desenvolvimento comunitário local, a projectos filantrópicos, projectos de assistência e socorro pós-desastre na sociedade de origem dos migrantes. Esta transferência de recursos é, geralmente, motivada por:

«(...) uma combinação de factores socioculturais e políticos, incluindo a identidade dos migrantes e sentido de solidariedade com o seu lugar de origem (o nacionalismo local ou regionalismo), a reciprocidade com a pátria e, muitas vezes, uma ânsia para ganhar *status* e reconhecimento no local de origem (Goldring, 1998, 2002; R.C. Smith, 1998).» (Guarnizo, 2003: 677)

O Quadro XVIII (Anexo 2) apresenta uma tipologia heurística das actividades económicas transnacionais, segundo o mesmo autor. Verificamos, através desta tipologia, a complexidade das ligações macroeconómicas envolvidas no chamado *transnational living*. O *transnational living* migrante origina demandas por bens e serviços - que, por sua vez, geram um conjunto complexo de ligações económicas recíprocas, captadas por actores não-imigrantes (incluindo o Estado, o capital corporativo e as empresas de pequena escala) nos países envolvidos:

«Como resultado, os recursos dos migrantes fluem, não só [no sentido] Norte-Sul, mas também Sul-Norte, bem como [no sentido] Norte-Norte.» (Guarnizo, 2003: 680)

Ou seja, ao contrário do que poderiam indicar análises exclusivistas e parciais do empreendedorismo transnacional, das remessas, do fenómeno do investimento directo estrangeiro e das iniciativas de apoio ao desenvolvimento promovidas pelos migrantes, os efeitos económicos da migração são, na realidade, muito mais complexos e multidireccionais do que unívocos, ou lineares. Bens de consumo, serviços, bens culturais e étnicos (Sul-Norte), transferências monetárias ou outras, viagens e telecomunicações, mídia étnicos (Norte-Norte), contam-se entre esses efeitos económicos complexos que poderemos observar. As actividades transnacionais ditas *from below* surgem potenciadas pela evolução das novas tecnologias e transportes, incluindo aquelas actividades que têm custos associados (exº: chamadas de longa-distância, turismo étnico ou remessas monetárias). Produtores nos países de origem vêem expandir os seus negócios e carteiras de clientes, através de fronteiras. Os seus serviços transnacionalizam-se, à medida que os imigrantes (mercado apetecível para alguns sectores económicos do destino) procuram bens e serviços que reproduzam as suas culturas de origem, no país de acolhimento. Para Guarnizo, os novos papéis que as



remessas têm nas finanças internacionais e, mais em geral, a importância dos efeitos económicos multiplicadores do *transnational living* migrante:

«(...) podem, muito bem, virar um antigo axioma económico de cabeça para baixo: aquele segundo o qual a mobilidade de capitais segue a mobilidade dos trabalhadores. Desta vez, os migrantes não são seguidos como uma fonte de mão-de-obra barata, mas antes como um mercado rentável.» (Guarnizo, 2003: 688)

Por outra via, os migrantes fornecem, através das remessas ou transferências monetárias para o seu país de origem, recursos indispensáveis ao desenvolvimento e reforma dessas nações em desenvolvimento. Estes recursos facilitam a construção e modernização de infraestruturas de todo o tipo, o consumo, a importação de outros bens e serviços, e proporcionaram maior demanda de produtos na diáspora. Nas análises aos efeitos económicos da migração, esta arquitectura complexa de resultados, que se auto-alimenta, é frequentemente esquecida: "Especificamente, a relação entre capital corporativo, *transnational living* migrante e políticas neoliberais patrocinadas pelos Estados, deveria ser mais investigada", conclui Guarnizo (2003: 688-689)<sup>55</sup>.

A influência dos empresários étnicos, as repercussões dos seus negócios étnicos, e a forma como estes impactam a sociedade e a economia do país de destino, constituíram um fundo inicial de preocupações, motivando as pesquisas sobre empreendedorismo étnico. Não obstante, os negócios étnicos encontram-se associados a fenómenos singulares, que dizem respeito à influência de aspectos culturais nas transacções e actividades económicas (e à sensibilidade para percepcioná-los), bem como à pertinência de fenómenos como a migração circular, à importância do capital social envolvido, das redes de contactos erigidas e das ligações transnacionais estabelecidas (Portes, Guarnizo e Haller, 2002). Isto coloca os empresários étnicos como actores originais, com especializações, conhecimentos e capacidades particulares. Aqui, a investigação tem girado em torno do chamado "comércio de trocas da diáspora", ou do investimento directo estrangeiro por parte da diáspora. Dentro do "comércio de trocas

---

<sup>55</sup> Landolt (2001) examinou a relação entre transnacionalismo económico e assentamento imigrante em imigrantes salvadorenos, tendo identificado consequências não-intencionais e cumulativas do transnacionalismo económico, para os lares imigrantes e para as instituições económicas, e tanto no país de destino, como no país de origem (exº: reorientação do investimento e estratégias de crescimento dos actores, na origem). Podemos dizer que a produção tem um carácter transnacional, quando os *inputs* são colhidos através de um circuito que se estende por lá das, ou ultrapassando as, fronteiras. Contudo, a distinção entre um mercado local e transnacional parece muito menos clara: de modo genérico, "um mercado é transnacional quando o produto tem de atravessar fronteiras nacionais para ser consumido" (Landolt, 2001: 229).

da diáspora", poderemos, ainda, distinguir conceitos como os de "empresas de circuito", ou "empresas culturais"<sup>56</sup> (Gillespie et al., 1999; Landolt, Autler e Baires, 1999).

Em termos de estratégias de negócio ou empresariais, alguns investigadores esmiuçaram a iniciativa e estratégias empresariais de diversos grupos imigrantes em Portugal, e os seus contributos para a economia nacional - cruzando-os com aspectos culturais e de género, níveis de qualificação, representações interraciais, competitividade das regiões portuguesas, ou fenómenos de precariedade e exploração laboral, no segmento secundário do mercado de trabalho/economia informal: são os casos de Baganha et al., 1999, 2002, 2007; Baganha, 2000, 2003; Dias, 2002; Ferreira et al., 2004; Oliveira, 2005, 2008, 2017; Carvalho, 2007; Góis e Marques, 2007; Malheiros, 2003, 2008; Padilla, 2008; Peixoto, 1999, 2008; Neves e Rocha Trindade, 2008; Rodrigues et al., 2011, entre outros. As estratégias empresariais de imigrantes em mercados locais são um fenómeno que se tornou mais visível nas últimas décadas (embora a visibilidade dos empresários migrantes não se revele uniforme, através de países e cidades distintas), devido ao crescimento dos fluxos migratórios, ao declínio de pequenas e médias empresas, e ao pós-fordismo e crise petrolífera de 1973-74, que conduziram a um aumento da procura de produtos exóticos no ocidente. Deveremos começar por reflectir sobre o impacto das estratégias empreendedoras imigrantes adoptadas, nas interdependências de escala e nos contextos locais - porque, não só essas estratégias estão enquadradas pelos contextos, como elas recebem ajustamentos comunicantes a partir dos impactos gerados. As estratégias empresariais dos imigrantes, não sendo homogéneas, deverão ser analisadas, igualmente, segundo uma perspectiva que é relacional (Oliveira, 2017). Ou seja, tomando em consideração políticas permissivas, passivas ou omissas, níveis de mobilidade do capital e investimento estrangeiro, o suporte público autóctone e os incentivos à iniciativa empresarial imigrante, o sistema económico e bancário no ambiente de chegada, mas também os perfis sociogeográficos e urbanísticos das cidades de destino respectivas - assim como os casos daqueles imigrantes que se mostram indiferentes às próprias condições do contexto.

Em Portugal, as taxas de empreendedorismo dos imigrantes são superiores às dos nacionais, e essa importância tem aumentado - situam-se na ordem dos 12% (Oliveira e

---

<sup>56</sup> As "empresas de circuito" dedicam-se à transferência de remessas e mercadorias entre o país receptor e o país de origem; as "empresas culturais" dedicam-se à venda de mercadorias a partir do país de origem para coimigrantes no destino.

Gomes, 2017: 136). A taxa de empreendedorismo é maior entre imigrantes chineses, e menor entre imigrantes africanos ou oriundos da Europa de Leste, além de que o empreendedorismo imigrante tem um impacto maior no Algarve (onde se assinalam investimentos significativos de imigrantes de classe social mais elevada), mas a região de Lisboa apresenta um número total superior de empreendedores imigrantes. No contexto de acolhimento português, as leis do trabalho e de estrangeiros vieram permitir um incentivo às iniciativas empresariais imigrantes depois de 2007, o que viria a ser reforçado no ano de 2012. O "Programa de Apoio ao Empreendedorismo Imigrante", de 2009 (reavaliado com muitas recomendações no ano de 2013), teve 500 beneficiários - mas, destes, só 200 indivíduos (menos de 50%) viriam a tornar-se empresários. Nessa reavaliação de 2013, foi proposto, entre outras coisas, que alguns grupos imigrantes tenderiam a adoptar mais estratégias empresariais étnicas (exº: chineses); outros, mais estratégias empresariais comunitárias (exº: indianos); e, outros ainda, mais estratégias empresariais pessoais (exº: cabo-verdianos), além de se sublinhar a necessidade de incentivar estratégias para o empreendedorismo feminino nos grupos imigrantes.

Waldinger et al. (1985, 1990, 2004) salientaram a "estrutura de oportunidades" no destino, em especial na esfera económica, como factor determinístico (além dos recursos comunitários), quando propuseram o seu modelo interaccionista para as estratégias empresariais imigrantes. Já Kloosterman e Rath (2000, 2001, 2002), no seu modelo de contextualização mista, ponderaram, igualmente, o peso do contexto legal e normativo no ambiente de destino, que facilitaria ou constrangeria juridicamente o investimento e o acesso aos recursos, por parte dos empresários imigrantes. Isto é, estes últimos autores postularam uma certa universalidade na contextualização social dos imigrantes, independentemente da origem étnica ou especificidades culturais daqueles; contextualização, essa, que constrange as suas possibilidades de inserção económica (Oliveira, 2008). Entre outros pesquisadores, Kerr e Mandorff (2015) propuseram, entretanto, que as relações não-profissionais dos imigrantes empreendedores facilitariam a aquisição de competências num sector de actividade específico:

«Nós desenvolvemos um modelo das interacções sociais, onde as relações fora do trabalho facilitam a aquisição de competências específicas de um determinado sector. As economias de escala resultantes geram estratificação ocupacional através de linhas étnicas, consistente com o fenómeno recorrente dos pequenos grupos socialmente isolados, que alcançam um considerável sucesso económico por meio do empreendedorismo concentrado. A evidência empírica proveniente dos Estados Unidos apoia os mecanismos subjacentes ao nosso modelo.» (Kerr e Mandorff, 2015: 2)

Parece-nos legítimo inferir que a pertença étnica influi, portanto, especificamente, na adopção da estratégia do empreendedorismo concentrado, e favorece a aquisição de recursos pessoais e competências em sectores de actividade particulares, por via das relações coétnicas e das interacções sociais que elas promovem. As oportunidades para desenvolver estratégias empresariais não estão ao dispor de todos os imigrantes ou grupos étnicos da mesma forma, pelo que tais estratégias antes resultam de "negociação, adaptação, imaginação e reprodução" (Oliveira, 2008: 120). Waldinger (1989) demonstrou que a aspiração à empresarialidade não desemboca, necessariamente, no sucesso do empreendimento, tão-pouco na desejável capacidade para investir nos negócios. Há uma diferença substantiva, também ao nível das estratégias, entre os imigrantes que tomam a iniciativa de desenvolver a actividade empresarial, e os imigrantes que precisam de, ou são forçados, a desenvolvê-la, por questões de sobrevivência, embora estes últimos possam vir a imitar as estratégias dos empresários bem-sucedidos.

Em síntese, abordámos, acima, questões relativas ao empreendedorismo migrante, detalhando características típicas e oportunidades empreendedoras, bem como estratégias de negócio e estruturas de oportunidades nos destinos. Optámos por seguir de perto uma definição de empreendedorismo migrante que considerasse os contributos de Bonacich, Portes e Wilson, bem como os de Basu e Altinay - por considerarmos que ela focaria alguns aspectos idiossincráticos básicos relevantes do nosso objecto de estudo, detalhados atrás -, como a variedade de grupos étnicos. Isto, além de permitir analisar tópicos que nos interessam, como são os que concernem à "economia de enclave" e às razões para um imigrante constituir um determinado tipo de negócio, em detrimento de outro. Vimos, em seguida, que Guarnizo associa o transnacionalismo migrante à reestruturação neoliberal global, e analisámos uma tipologia heurística das actividades económicas transnacionais pelo mesmo autor, que nos auxiliará a tipificar as ditas actividades imigração nepalesa de Lisboa. Landolt (2001) identificou consequências não-intencionais e cumulativas do transnacionalismo económico - tanto para lares como para instituições, e no país de origem, como no destino. A mesma autora, especificou o que entende por produção transnacional, e as diferenças entre mercados nacionais e transnacionais, que auxiliarão a aprofundar a nossa análise. Seguindo as orientações de Landolt et al. e Gillespie, poderemos distinguir se as empresas e negócios étnicos analisados se constituem como um "comércio de trocas da diáspora", com "empresas de circuito" e "empresas culturais". A título conclusivo deste

subponto 2.2.3.1, realcemos a tipologia proposta por Guarnizo e as considerações tecidas por Landolt como especialmente úteis, no contexto da análise dos nossos dados empíricos. Em seguida, abordaremos as características diferenciadoras do negócio étnico, e daquilo que poderemos considerar como uma economia étnica.

### 2.2.3.2 Negócio Étnico

Na sequência da discussão prévia, detalharemos, agora, aquilo que diferentes autores entendem por "negócio étnico", suas características, relevância e estratégias. A presença de "pequenos negócios propriedade de, e operados por, comunidades étnicas" é um fenómeno que ocorre por todo o mundo; sendo que, nalguns países, os negócios étnicos dominam importantes sectores de actividade, em particular nos países em desenvolvimento (Rapley, 1996). Com fluxos migrantes aumentados, veio uma "presença crescente de negócios étnicos nos países industrializados, onde eles enfrentam desafios particulares" (Tracogna, 1998). Os donos de negócios étnicos têm normas e expectativas de negócio diversas:

«(...) podem sofrer falta de financiamento, não possuir algumas competências de gestão, ou não conseguir aceder a mercados *mainstream* cruciais, não estar familiarizados com a cultura de negócio dominante no país de recepção ou com a língua, ou o seu negócio pode operar em sectores do retalho e serviços relativamente marginais, sem ligação às principais redes de negócio no país de acolhimento.» (Dyer e Ross, 2007a: 117).

No comércio internacional, torna-se necessário salientar o papel desempenhado pelas redes étnicas, em particular - elas são uma forma de superar as barreiras informais (custos da informação, riscos e incertezas) para o comércio, através da "construção de confiança, ou substituindo dificuldades no cumprimento de contratos internacionais" (Epstein e Gang, 2009). Redes étnicas ligando migrantes ao país de origem, e a não-migrantes, existem quando a assimilação no destino não é completa - em tais casos, poderá ser vantajoso para os migrantes que se dedicam ao comércio investirem, a dado ponto, mais em actividades anti-assimilação, que preservam as preferências dos imigrantes pelos produtos do país de origem. Simultaneamente, o migrante dedicado ao comércio internacional beneficia da assimilação dos seus coimigrantes (com um aumento dos rendimentos destes, virá maior capacidade aquisitiva, e maior consumo de bens e produtos do país de origem). As redes de negócio étnico são necessárias, tanto no país de origem, quanto no país de destino: "os agentes importadores têm de cultivar relações na, ou com a, origem, bem como no destino, para poderem diminuir os custos de importação (ou de exportação para a origem)" (Epstein e Gang, 2009).

Light (1972), estudando os negócios étnicos de asiáticos e africanos nos EUA, pôs em evidência a importância da filiação e do lugar de origem, no desenvolvimento de negócios étnicos imigrantes. Ao passo que Wong (1979), analisando os negócios da imigração chinesa nova-iorquina, sublinhou o papel das obrigações sociais e das regras de retribuição mútua, envolvidas no "guanxi". Mas uma análise meramente culturalista não nos permitirá chegar a uma definição de negócio étnico satisfatória - que tenha, igualmente, em conta critérios e variáveis económicas essenciais, ou que valide e descreva um contexto de acolhimento. Para isso, deveremos resgatar outras perspectivas, que não se limitem a enfatizar as solidariedades intraétnicas, ou os laços coétnicos reforçados, e a assumpção de riscos, presentes nas iniciativas destes empreendedores. As análises de Bonacich e Modell (1980) sobre os elementos que constituem uma "minoridade intermediária" podem, neste sentido, auxiliar-nos. Também Waldinger e Aldrich (1983) declararam que o ambiente de chegada deveria colocar à disposição dos donos de negócios étnicos uma série de recursos, oportunidades, e um nicho de negócio rentável. Finalmente, as perspectivas de cariz ecológico analisam a forma como uma minoria se sucede a outra, nos negócios étnicos de um dado destino - encastrando e limitando estas iniciativas empreendedoras, no âmbito de "pequenas oportunidades lacunares", que nascem dentro de uma estrutura económica moderna, mais ou menos rígida.

Em conclusão, verificámos, neste subponto, que o aumento do número de negócios étnicos pode ser contextualizado num cenário de fluxos migrantes aumentados. Estes negócios encontram-se dependentes de redes étnicas, mais ou menos complexas, e os seus donos enfrentam uma série de dificuldades particulares, mas possuem também qualidades e características próprias. Uma definição completa do conceito de negócio étnico deve, portanto, ter em consideração, não apenas importantes aspectos de natureza culturalista, que influem na especificidade e idiossincrasia do negócio (como nas qualidades dos seus donos e trabalhadores), mas também um contexto facilitador, e determinantes económicos vitais. Neste sentido, a estrutura económica na qual o negócio étnico assenta, a função que o negócio desempenha dentro dela (e para quem/através de quem), os recursos (económicos, humanos, informativos, agilizadores) disponíveis no ambiente, as oportunidades de posse de um empreendimento no país ou cidade de chegada, e os nichos de negócio promissores presentes dentro dela, contam-se entre os factores que deveremos, inevitavelmente, examinar. Por negócio étnico, entenderemos, aqui, aquele negócio que se desenvolve num ambiente que proporciona

recursos e nichos de negócio com um potencial a explorar, cuja propriedade e direcção são familiares e/ou coétnicas, cujos empregados podem ser familiares, coétnicos e não-coétnicos, e cujos clientes são maioritariamente coétnicos (podendo também pertencer a outras minorias, ou à sociedade de acolhimento). Por sua vez, os fornecedores destes negócios poderão ser coétnicos, outras minorias e/ou indivíduos pertencentes à sociedade de acolhimento<sup>57</sup>. Procederemos, em seguida, a uma análise, simultaneamente mais abrangente no espectro e minuciosa nos pormenores, daquilo que se considera como uma "economia étnica", no quadro do estudo das iniciativas empreendedoras em comunidades imigrantes.

### 2.2.3.3 Economia Étnica

Faremos uma breve revisão do conceito de economia étnica, procurando clarificar as suas relações com os conceitos correlativos de enclave, capital social, redes migrantes e *embeddedness*, ou contextualização da actividade económica. O conceito de economia étnica deriva da sociologia histórica de Max Weber e Werner Sombart e, depois deles, da literatura sobre minorias *middleman*, ou minorias intermediárias (Zenner, 1991; Light e Karageorgis, 1994). Enquanto alguns autores defendem que o auto-emprego pode reflectir condições adversas no destino, e surgir como única opção económica para os imigrantes (Waldinger et al., 1990; Barrett et al., 1996); outros, vêem nele uma "oportunidade para a mobilidade social ascendente" desses mesmos imigrantes (Light, 1972; Werbner, 1984) - muitas vezes, salientando a importância das redes de sociabilidade e das relações de confiança e solidariedade dentro das comunidades migrantes, enquanto recursos valiosos (Portes e Sensenbrenner, 1993; Waldinger, 1996). A validade de uma ou de outra perspectiva dependerá, obviamente, de especificidades contextuais e temporais. Outros autores mais, propõem abordagens combinadas de agência e estrutura (interaccionistas) e postulam que, desta interacção (entre características dos grupos imigrantes e estrutura de oportunidades no destino), emergem estratégias adoptadas pelos grupos étnicos, que são "notavelmente semelhantes [através das] sociedades capitalistas ao redor do mundo" (Waldinger, Aldrich, Ward et al., 1990). Já Piore (1979), considerou que "os problemas ocasionados pelas migrações de trabalhadores, tanto nos ambientes de partida como de chegada, ultrapassavam os benefícios", embora reconhecendo a possibilidade de ganhos para os

---

<sup>57</sup> A nossa opção por esta definição é justificada com base nas especificidades descritas por um conjunto de investigadores, entre os quais se destacam os já mencionados atrás, e ainda Strüder (2003).



migrantes, quando individualmente considerados - e acabou por sugerir uma diminuição da dependência das sociedades industriais, em relação àquele tipo de oferta migrante (Piore, 1979).

Bonacich (1973) faz referências à literatura sobre minorias intermediárias, enquanto Modell (1977) usa o termo "economia étnica" para descrever "uma espécie de capitalismo de bem-estar, ao nível do grupo étnico". Estes dois autores operacionalizaram o conceito de economia étnica pela primeira vez, em 1980, definindo-a como:

«(...) qualquer grupo imigrante ou étnico auto-empregado, os seus empregadores, os seus empregados coétnicos e os seus membros familiares não-pagos.» (Bonacich e Modell, 1980<sup>58</sup>)

Também em 1980, Reitz descreve "cenários de trabalho segregados", ao passo que Light (1984) afirma, anos mais tarde, que os efeitos do trabalho por conta própria são muito mais fortes em comunidades de minorias étnicas e imigrantes, do que na economia geral - no seguimento de uma nota de Sullivan (1981), declarando que os estudos do mercado de trabalho não podiam continuar a ignorar o auto-emprego, como se se tratasse de uma qualquer "anomalia", que seria seguro deixar de parte (Reitz, 1980; Sullivan, 1981; Light, 1984).

Considera-se, geralmente, que os trabalhadores por conta própria ganham maior retorno, ao nível do capital social, do que os seus pares que trabalham por salários no segmento secundário<sup>59</sup> do mercado de trabalho. Contudo, existe controvérsia acerca da vantagem relativa da economia de enclave étnico, para os coétnicos empregados nela. Alguns autores postulam que há vantagens no que concerne ao capital humano ajustado, sobre os seus parceiros nos segmentos primário e secundário do mercado de trabalho. Outros pesquisadores pensam que essa vantagem só é válida para os donos dos negócios, enquanto os empregados estariam em desvantagem. Zhou e Logan (1989) sustentam que um ou outro padrão prevalece, em função de localização, género e afiliações de grupo específicas (Zhou e Logan, 1989). Logan, Alba e McNulty (1994) formularam o conceito mais abrangente de "economia étnica", ao tornarem a partilha de

<sup>58</sup> Cf. Bonacich (1973), Modell (1977) e Light e Karageorgis (1994).

<sup>59</sup> Teoria da segmentação do mercado de trabalho: primário independente, primário dependente e secundário. O segmento primário independente compõe-se de ocupações ligadas à gerência ou supervisão administrativa e financeira de grandes empresas, indústrias ou serviços, sob administração governamental directa ou indirecta, e corresponde a empregos que exigem criatividade e iniciativa. O segmento primário dependente compreende ocupações na linha produtiva de empresas, serviços e indústrias, por regra rotineiras e burocráticas, respeitando hierarquias, metas de produção e regras de promoção. Ao mercado secundário, correspondem empregos que exigem mínima qualificação, com alta rotatividade, salários e produtividade relativamente baixos, onde o contrato formal de trabalho é quase uma excepção.



um traço étnico na característica definidora de uma economia étnica, que permite aos seus membros ganharem vantagem económica. Essa proposta inclui relações entre donos coétnicos, empregados coétnicos em empresas coétnicas, e empregados coétnicos no mercado de trabalho geral (Logan, Alba e McNulty, 1994).

Imigrantes e membros de minorias activam, frequentemente, uma mistura de recursos de classe e recursos étnicos, para estabelecer o seu negócio. Light e Gold (2000) exploraram as contribuições dos recursos étnicos, para a sobrevivência económica de grupos etnorraciais e imigrantes:

«(...) valores partilhados, competências, orientações, informação, laços sociais, ideologia da solidariedade étnica, a "herança do intermediário", subemprego, trabalhadores coétnicos em condição desfavorável, e outras características socioculturais de todo o grupo, que os coétnicos utilizam para facilitar a construção de "*ethnic ownership economies*".» (Light e Gold, 2000).

De acordo com Light e Gold (2000), as economias étnicas auxiliam os coétnicos a "manter bairros, apoiar instituições da comunidade, assistir os indigentes, treinar os recém-chegados, educar e proteger as crianças, desenvolver poder político, e preservar a sua integridade cultural" (Light e Gold, 2000: X). Tal como definida por Bonacich e Modell, a economia étnica é étnica, simplesmente porque o pessoal, donos e empregados, são coétnicos. Light e Gold retêm a definição de economia étnica proposta por Bonacich e Modell (1980); porém, mudam o nome do conceito para *ethnic ownership economies*, as quais distinguem de *ethnic controlled economies* (Bonacich e Modell, 1980; Light e Gold, 2000), conforme explicitado no Quadro XIX (Anexo 2). Vemos que, enquanto a Economia de Propriedade Étnica se baseia no direito de propriedade, na pertença e na coetnicidade ou familiaridade de empreendedores, trabalhadores e ajudantes em negócios de tamanho pequeno ou médio, a Economia Etnicamente Controlada resulta do controlo, poder, preponderância ou hegemonia de coétnicos, em certas ocupações ou indústrias do mercado *mainstream* - abrindo, desse modo, oportunidades adicionais para coétnicos, e contribuindo para a melhoria das suas condições de trabalho futuras.

Strüder (2003) apresentou um modelo próprio para a *ethnic ownership* (propriedade étnica) de negócios, onde articula alguns critérios relativos ao negócio (propriedade e direcção coétnica, com empregados coétnicos e não-coétnicos), fornecedores e clientes (coétnicos, de outras minorias e da sociedade de acolhimento), e uma ponderação de factores externos, juntamente com a consideração de coétnicos auto-empregados, conforme o Quadro XX (Anexo 2) detalha em pormenor. A *Ethnic ownership economy*

(economia de propriedade étnica) difere da *ethnic enclave economy* (economia de enclave étnico): nesta última, existe *clustering* espacial dos negócios ou empresas étnicas. Enquanto a primeira pode estar espacial, e mais ou menos uniformemente, distribuída por múltiplos bairros e indústrias, a última corresponde a um espaço geograficamente definido (tem um centro territorial), com actividade económica e identidade cultural características. Além disso, ela requer interdependência económica e trabalhadores coétnicos, ao passo que a primeira não os exige. Finalmente, a economia de enclave étnico obtém vantagens de monopólio através da "profunda integração horizontal e vertical" nas actividades de negócio em comunidades coétnicas (Wilson e Martin, 1982; Strüder, 2003).

O Quadro XXI (Anexo 2) ilustra o *clustering* espacial dos negócios étnicos numa economia de enclave étnico. Verificamos que, na economia de enclave étnico, os negócios interdependentes de coétnicos são delimitados e contidos num espaço geográfico, com uma actividade económica característica e uma identidade étnico-cultural única, incorporando uma economia de "malha fechada", e transversalmente integrada. O conceito de economia de enclave étnico deriva da teoria do mercado dual de trabalho, em si mesma, produto da economia institucional (Averitt, 1968). Portes e Wilson (1980) introduzem a expressão "enclave imigrante", antecedente conceptual da economia do enclave étnico: reportava-se ao emprego de trabalhadores imigrantes no mercado de trabalho do enclave (isto é, com empregadores coétnicos). Portes (1981) expandiu, depois, o mercado de trabalho do enclave, para incluir auto-emprego (tratou-se da primeira vez que os teóricos do mercado dual de trabalho assim fizeram), e atribuiu duas características ao enclave étnico: *clustering* espacial e numerosos negócios propriedade de imigrantes, que empregam numerosos trabalhadores coétnicos (Portes e Wilson, 1980; Portes, 1981). Portes e Bach (1985) aprofundam esta ideia da necessidade de um *cluster* local de negócios, cujos donos e empregados são coétnicos e cujas empresas empregam um número significativo de trabalhadores coétnicos. Afirmava Portes (1981):

«Os enclaves consistem de grupos imigrantes que se concentram numa localização espacial distinta e que organizam uma variedade de empresas ou iniciativas, que servem o seu próprio mercado étnico e/ou a população em geral. A sua característica básica é que uma proporção significativa da força de trabalho imigrante trabalha em empresas ou negócios que são propriedade de outros imigrantes.» (Portes, 1981)

A "hegemonização étnica" foca-se no *clustering* de coétnicos num sector industrial ou de negócio; porém, o *break-out* é, já, visar clientes não-coétnicos e integração

económica (Portes, 1981; Jiobu, 1988; Waldinger et al, 1990; Jones et al, 2000). Strüder (2003) recusa as expressões "negócios migrantes", "imigrantes" ou "étnicos", porque considera esses termos enganadores e porque eles excluem negócios que partilham a religião como traço comum (exº: negócios judaicos). Ou excluem negócios de terceiras e quartas gerações migrantes, com características bastante diferentes dos negócios de migrantes recém-chegados. Ela escolhe quatro aspectos para descrever as características mais significativas dos MEB's (*minority ethnic businesses*, ou negócios étnicos de minorias): 1) recursos humanos no negócio (incluindo propriedade do negócio); 2) fornecedores; 3) clientes; 4) contexto e localização.

Comum a todos estes conceitos (os quais a teoria da assimilação descuida), é o colectivismo com base no grupo étnico e as suas repercussões. Ao contrário dos autores que afirmam que a etnicidade é economicamente neutra e nunca confere vantagem económica, Light e Gold (2000) postulam que a etnicidade é vantajosa e que "o colectivismo de base étnica interfere com o estatuto económico dos grupos minoritários e imigrantes nos EUA" (Light e Gold, 2000). Há uma relação forte entre os conceitos de economias étnicas e redes imigrantes (Massey, 1988), no quadro mais amplo da estrutura e dinâmica das redes sociais (White, 1970; Laumann e Knoke, 1986; Marsden, 1991), pois as economias étnicas assentam, precisamente, na força relativa e na coesão dos laços coétnicos das redes que as sustentam. Além do papel das redes, que serão nosso objecto de análise no próximo ponto 2.2.3.3.1 e no Capítulo 3, muitos autores estudaram o papel das remessas e da migração de retorno nas economias de origem (Massey, 1988): parece indiscutível, neste ponto, que as migrações internas e internacionais reestruturam, em maior ou menor profundidade e escala, tanto as economias de envio, como as de chegada. As redes facilitam e encorajam a criação e expansão de oportunidades de trabalho para "migrantes prospectivos", na sociedade de acolhimento (Brown e Sanders, 1981). São úteis, em especial, para estabelecer e desenvolver empresas étnicas e enclaves migrantes (Boyd, 1989), e na concentração de certos grupos étnicos em "nichos ecológicos e ocupacionais" particulares (Hugo, 1981; Light, Bhachu e Karageorgis, 2004). Adida (2006) formulou uma englobante teoria em rede do sucesso económico, para minorias étnicas imigrantes (segundo a qual o sucesso de uma minoria no nicho económico não é suficiente para garantir bem-estar), resumida no Quadro XXII (Anexo 2). Compreendemos que a autora pesa o destino socioeconómico das estruturas de rede das minorias étnicas imigrantes, não só em função da densidade das redes sociais, mas também da riqueza económica e da

segurança sociopolítica - e o sucesso da minoria no nicho económico é encarado como insuficiente para garantir o seu bem-estar socioeconómico. O neosubstantivismo aplicara, antes, o conceito de "contextualização social da actividade económica" às sociedades de mercado, demonstrando que, mesmo aí, as trocas comerciais "racionais" são influenciadas por laços sociais pré-existentes. Defendeu também que as estruturas sociais, em especial as redes sociais, afectam os resultados, ou desfechos, económicos. E criticou, tanto visões neoclássicas, como substantivistas, da acção económica, pelas suas abordagens sub ou sobressocializadas (Mark Granovetter, 1985).

Ora, Portes e Sensenbrenner (1993) encaram o conceito de capital social como uma operacionalização da contextualização social da actividade económica, e redefinem-no<sup>60</sup>. Para estes autores, o estudo de algumas fontes de capital social, como a solidariedade confinada (*bounded solidarity*), tem aplicações modernas na investigação dos laços de solidariedade em comunidades imigrantes e étnicas, ao passo que a confiança exigível (*enforceable trust*) conhece aplicações na dinâmica do empreendedorismo étnico (Portes e Sensenbrenner, 1993). Eles sugerem, adicionalmente, toda uma série de proposições ligadas aos conceitos de contextualização (*embeddedness*) e capital social (enquanto operacionalizador da primeira), conforme indica o Quadro XXIII (Anexo 2). Contextualização (*embeddedness*) distingue-se, ainda, do conceito de contextualização mista (*mixed embeddedness*): este último, combina perspectivas estruturais e de agência, para ultrapassar o enunciado neoclássico que postula que os empreendedores étnicos "só têm que detectar as oportunidades que ocorrem" (uma visão que se revela muito simplista). Realça-se que os imigrantes estabelecem "relações entre a sua contextualização social-cultural, e a integração económica-institucional de si próprios" na sociedade de destino (Portes e Sensenbrenner, 1993; Kloosterman et al., 1999, 2001).

Os fenómenos de internacionalização e globalização vieram facilitar o desenvolvimento de empresas e negócios étnicos; e, por conseguinte, também de economias étnicas, agindo como uma espécie de segunda linha ou via paralela, relativamente aos grandes processos de globalização promovidos pelas multinacionais e pelas grandes corporações<sup>61</sup>. Desde há trinta ou quarenta anos, os ambientes

<sup>60</sup> "Expectativas para a acção dentro de uma colectividade, que afectam os objectivos económicos dos seus membros, bem como o comportamento orientado para tais objectivos, mesmo que essas expectativas não sejam orientadas, elas-mesmas, para a esfera económica" (Portes e Sensenbrenner, 1993).

<sup>61</sup> Cf. Mars e Ward (1984), Boissevain (1984), Sassen (1991), Reis Oliveira e Rath (2008) e Malheiros (2008).

cosmopolitas europeus viram aumentar a demanda de produtos étnicos (Castles e Miller, 1998). Mas essa não é a única razão para um crescimento do número de empresas e negócios étnicos, dentro do espaço europeu: dificuldades no acesso ao mercado de trabalho, barreiras linguísticas, ou desemprego e discriminação, contam-se entre os factores que contribuem para uma busca de alternativas de integração económica, na Europa. De notar que os serviços europeus de acolhimento aos imigrantes tendem a privilegiar a agência do empresário imigrante, em detrimento de outros agentes presentes, e auxiliares, na sociedade de acolhimento (Reis Oliveira e Rath, 2008). Enquanto Levitt (2001) descreve o impacto das tecnologias (exº: telemóveis e viagens aéreas) nas vidas transnacionais quotidianas dos sujeitos migrantes, Portes et al. (1999) ressaltam, como factos novos na transmigração contemporânea, a elevada intensidade das trocas, a multiplicação das actividades que exigem viagens transfronteiriças e contactos sustentados, bem como os novos modos de transacção e negócio.

#### 2.2.3.3.1 Papel das Redes Coétnicas Transnacionais

Há diferenças de opinião polémicas e substanciais, entre os investigadores que estudaram as estratégias empresariais de imigrantes, quanto ao papel desempenhado pelas oportunidades "étnicas" e pela variável "etnicidade", nos modelos empresariais ou de negócio adoptados por indivíduos de comunidades imigrantes em geral, e de algumas imigrações em particular. Nos EUA, os modelos teóricos que explicam o empreendedorismo imigrante sempre se focaram no factor etnicidade ou "enclave étnico", por considerarem que a etnicidade explicava, em grande medida, a iniciativa empresarial (exº: teoria dos recursos étnicos) - tendência que Ivan Light (2000) veio criticar, ao ponderar a reflexividade dos agentes também. Na Europa vingou, por sua vez, a teoria interactiva (que pesava não só a oferta e a procura, como também a estrutura de oportunidades presente no destino), e ênfases renovadas foram atribuídas ao Estado, às estruturas institucionais e aos determinantes locais (Kloosterman e Rath, 2000; Rath, 2001) sobre a etnicidade: em suma, postulou-se, mais assiduamente, que o contexto (jurídico-legislativo e económico) pode incentivar, ou inibir, as estratégias empresariais dos imigrantes.

Quando pretendemos explicar a diversidade que encontramos nas estratégias empresariais imigrantes, a posição clássica e *weberiana*, leva alguns pesquisadores a atribuir a integração económica de imigrantes a valores culturais específicos de certos grupos étnicos, particularmente em contextos de chegada agressivos. Contudo, a

ponderação de factores culturais não será, em si só, suficiente - pois não explica, transversalmente, o peso relativo (oscilante) dos empresários imigrantes, através de destinos diferentes e em localizações geográficas diferenciadas. Ainda que estes destinos diferenciados aportem paisagens imigrantes próprias e contextos histórico-culturais e institucionais únicos, que interagem de maneiras diversas e originais com a cultura de uma mesma comunidade imigrante, e com os diferentes grupos étnicos dentro de uma mesma imigração multiétnica.

Pesquisadores como Portes (1999) e Light e Gold (2000) sublinharam a relevância da comunidade imigrante na inserção económica dos empreendedores. O primeiro realçou que o "enclave étnico" e a construção de uma economia étnica garantiam rendimentos mais substanciais do que uma mera adesão à economia aberta; e os segundos enfatizaram a proeminência dos recursos étnicos (mão-de-obra, acesso a capital financeiro, redes e associações étnicas, fornecedores, investidores e co-empresários, internacionalização das redes étnicas) nos projectos empresariais imigrantes. Contudo, as estratégias empresariais imigrantes também são afectadas e determinadas pela sociedade de acolhimento, com enquadramentos legais, estruturas político-jurídicas e institucionais inibitórias, ou de incentivo (Kloosterman e Rath, 2000, 2002), promovendo oportunidades ou levantando desafios (crises económicas, racismo e discriminação, níveis de desemprego locais), quanto à inserção no mercado de trabalho (Jones et al., 2000). Waldinger et al. (1985, 1990, 2004) viriam a integrar a estrutura de oportunidades no destino e o acesso aos recursos da comunidade imigrante, num único modelo explicativo do empresariado imigrante, que Kloosterman e Rath (2000, 2001) subsidiaram, com o seu modelo de contextualização mista.

Destaca-se, a este ponto, uma ausência de ponderação dos projectos, aspirações e recursos pessoais dos próprios empresários imigrantes, nos modelos teóricos explicativos do empresariado imigrante preponderantes. Ponderação, essa, que serviu a outros pesquisadores (Oliveira, 2005) para explicar a iniciativa empresarial, por exemplo, de alguns empreendedores cabo-verdianos em Portugal, cuja cultura de base não incentivava o empreendedorismo, e cujo contexto de recepção canalizava, somente, para o trabalho subordinado<sup>62</sup>. Salienta-se, nomeadamente, que indivíduos de um mesmo grupo étnico, sujeitos a factores contextuais semelhantes no destino, podem adoptar estratégias de inserção económica diferentes, o que dependeria dos seus

---

<sup>62</sup> Mesmo sabendo nós que há diferenças culturais, históricas e linguísticas entre as ilhas cabo-verdianas de origem, e entre os grupos Sotavento e Barlavento dessas ilhas, que importaria aprofundar e pesar.

recursos pessoais (Oliveira, 2006) e das suas características individuais, como as aptidões linguísticas e a qualificação de que dispõem, a sua idade e sexo, ou a sua experiência profissional prévia e aptidão individual para empreender (Portes e Zhou, 2012). As condições de legalização e acesso à cidadania, para cada grupo imigrante num dado país de acolhimento, deverão constituir factores elucidativos do modo de inserção económica migrante (Machado, 1993) - estas fazem parte das estruturas de oportunidades e contexto de acolhimento, já referidos pelos autores europeus.

Oliveira (2005) explica, assim, as disparidades na iniciativa empresarial imigrante, tendo em conta a intervenção integrada dos seguintes factores: contexto de acolhimento, recursos pessoais do imigrante, e recursos ou oportunidades favorecidas pela comunidade imigrante. Esta autora propôs um modelo analítico (2005) e um modelo heurístico (2017<sup>63</sup>) das estratégias empresariais dos imigrantes. Todavia, o seu modelo de 2017 considera apenas estratégias pessoais/recursos pessoais, estratégias grupais/oportunidades comunitárias (em vez da designação "oportunidades étnicas", que surge na maior parte da literatura), estratégias empresariais de imigrantes (pessoais e grupais, diferindo no seu nível de articulação, e não sendo as estratégias grupais necessariamente étnicas), e estratégias contextuais (contexto legal e institucional, recepção social, oportunidades estruturais, mercado de trabalho e sistema económico). Podemos, mesmo, afirmar que se, para Waldinger (1989, 1990, 1995), "todas as estratégias empresariais imigrantes são étnicas", para Oliveira (2016, 2017), por contraposição, "nenhumas estratégias empresariais imigrantes [passam a ser, ou] são, étnicas" (Machado, 2017<sup>64</sup>). Há uma tentativa desta última para, na herança europeia de Kloosterman e Rath, desetnicizar o processo empreendedor, apagando a cultura por detrás dele, e para desconstruir a expressão "empresário imigrante" como pejorativa. Note-se que muitos empreendedores imigrantes têm já a nacionalidade portuguesa, além de haver algumas distinções de *background* racial, e mesmo de classe social, que nos parecem, de certo modo, negativamente subentendidas no uso distinto das expressões "empresários imigrantes" (incluindo sul-asiáticos, africanos e sul-americanos em geral, com ou sem formação de uma economia étnica) *versus* "empresários estrangeiros" (esta expressão parece incluir mais empresários europeus, norte-americanos e "brancos", além de outros beneficiários gerais dos chamados "vistos *gold*", em Portugal).

<sup>63</sup> No contexto da defesa da sua tese de Doutoramento, Lisboa, ISCTE-IUL.

<sup>64</sup> F. L. Machado, na defesa da tese de Doutoramento de Catarina Reis Oliveira, Lisboa, ISCTE-IUL.



Em síntese deste ponto 2.2.3.3, adoptamos as definições de economia étnica de Bonacich e Modell (incluindo a sua discriminação de diversos tipos de recursos étnicos) e Light e Karageorgis. De Light e Gold, escolhemos reter a sua distinção útil, entre Economia de Propriedade Étnica e Economia Etnicamente Controlada. A partir das perspectivas de Strüder, diferenciámos também Economia de Propriedade Étnica e Economia de Enclave Étnico, em função do *clustering*/aglomeração espacial dos negócios coétnicos interdependentes, num território com actividade económica e identidade sociocultural características, constituindo uma economia integrada. Estes conceitos operativos hão-de ajudar-nos a analisar os negócios étnicos nepaleses em Lisboa e o seu grau de integração, no Capítulo 7. Vimos como Adida liga o destino socioeconómico das estruturas de rede das minorias étnicas imigrantes, não só à densidade das redes sociais respectivas, como igualmente à riqueza económica e à segurança sociopolítica (postulando um bem-estar socioeconómico, não somente determinado pelo sucesso da minoria naquele nicho económico). Nesta sequência, salientámos a importância dos conceitos de capital social, solidariedade confinada e confiança exigível de Portes e Sensenbrenner, que utilizaremos para analisar os laços de solidariedade na imigração nepalesa em Lisboa e o seu empreendedorismo étnico, conforme as Proposições sugeridas por estes autores. Preferiremos o conceito de contextualização mista ao de mera contextualização. Observámos, por fim, que o conceito de economia étnica se distingue de definições adjacentes, como as de enclave (*clustering* espacial num espaço definido, grande interdependência económica e integração estrutural), redes migrantes (estas, sustentam as economias étnicas através da força relativa e coesão dos laços coétnicos que as compõem, são sistemas de segurança mútua e uma forma de capital social), ou o conceito de *embeddedness* (expectativas de acção que afectam os objectivos económicos e comportamento dos membros de uma dada colectividade). No essencial, uma economia étnica distingue-se pela existência de diversos negócios de propriedade étnica e relações entre donos coétnicos, empregados coétnicos e familiares em empresas coétnicas, que sobrevivem economicamente, graças ao contributo de todo um conjunto de recursos étnicos. Uma economia étnica inclui, por vezes, empregados coétnicos e familiares no mercado de trabalho geral, igualmente. Concluindo este ponto 2.2.3.3, podemos afirmar que a economia étnica engloba múltiplos negócios de propriedade étnica, e detalhámos o papel das redes coétnicas transnacionais. Analisaremos, agora, os modos de financiamento das fórmulas empreendedoras migrantes (sejam elas negócios étnicos, organizações não-



governamentais, organizações com fins assistenciais, de apoio ao desenvolvimento, ou outras), no âmbito de uma economia étnica.

#### 2.2.3.4 Financiamento

Trataremos, neste subponto, de aspectos relacionados com o financiamento das diversas fórmulas empreendedoras migrantes nepalesas (organizações de apoio ao desenvolvimento, negócios étnicos, organizações assistenciais e associações, delegações de partidos políticos, entre outras). Torna-se importante salientar que podemos, à partida, distinguir oito grandes vias de financiamento, para estas organizações: utilização de investidores ou sócios-investidores, requerimento de empréstimos a instituições públicas ou privadas, recurso às redes facilitadas pelas associações nepalesas com delegações internacionais, utilização de poupanças pessoais e familiares, financiamento oficial aos níveis internacional ou nacional e municipal para determinadas iniciativas, venda de bens, propriedades e prédios familiares no país de origem, campanhas de angariação de fundos (expressas ou por meio da organização de eventos, como encontros, festivais e conferências), e contributos regulares (quotas/taxas), provenientes de associados e simpatizantes.

Quanto aos negócios étnicos em especial, eles obtêm, mais comumente, financiamento, quer através do investimento de poupanças e ganhos resultantes da venda de bens particulares dos seus proprietários e família associada, quer por via de empréstimos bancários, quer por meio do investimento privado realizado pelos diferentes sócios envolvidos no negócio. Eventualmente, contactos estabelecidos através das redes proporcionadas pelas associações nepalesas poderão, adicionalmente, constituir uma alternativa de financiamento viável, para alguns negócios étnicos (Gellner, 2014a). Os sócios dos negócios étnicos podem ser apenas sócios-investidores no estrangeiro, que recebem uma percentagem dos lucros ou detêm cotas nos negócios, sócios-parceiros estabelecidos noutra localização geográfica que não o destino, ou no destino (quando os projectos abarcam a importação-exportação de produtos e seu transporte) - estes, detendo negócios paralelos ou intermediários -; ou, enfim, sócios-originais investidores, gerentes e trabalhadores a cargo da implementação e administração local do negócio propriamente dito, ou dos diferentes estabelecimentos e infraestruturas que o compõem localmente, no contexto de chegada dos migrantes. É corrente encontrarmos, nas imigrações nepalesas, negócios dos quais participam diversos sócios originais e parceiros no destino, administrando e gerindo uma ou mais instalações e actividades, que compõem o negócio étnico (K. Bhattarai, 2007, 2008). Os

sócios originais (investidores, gerentes, trabalhadores, em separado ou cumulativamente) participam, em maior ou menor escala, nas tarefas e diligências quotidianas e na gestão do negócio, têm ocupações diversificadas e é-lhes conveniente e devida a participação no empreendimento, por um leque de razões que podem ser enumeradas. Esse amplo leque de justificações e motivações abarca, desde relações de parentesco, afinidade étnica ou região geográfica de origem similar, complementaridade de funções e capacidades, ou complementaridade de *expertise*, até amizade, perspectivas de expansão e rede de contactos e fornecedores-distribuidores associados àquele sócio, até à inclusão como sócios de determinados indivíduos com mais capital para investir, com maior facilidade de aceder a financiamento bancário para o negócio, ou necessários à formalização deste (legal, tributária, imobiliária, contabilística), sócios-trabalhadores que conhecem e solucionam problemas mais práticos, e lidam com os recursos humanos ou empregados, entre outras.

Por vezes, a este grupo de sócios originais podemos, reconhecidamente, adicionar um grupo de sócios-parceiros locais ou noutras localizações, dedicados ao transporte, fornecimento-importação e/ou exportação de bens e serviços, requeridos ou produzidos pelo negócio étnico. Estes sócios-parceiros podem morar no destino ou fora dele, são donos de negócios paralelos, interdependentes daquele negócio étnico, e funcionam como intermediários. Finalmente, pode suceder que, aos sócios originais e sócios-parceiros, se juntem sócios-investidores no estrangeiro, residindo num ou mais países. Estes sócios-investidores no estrangeiro podem habitar no país de origem dos migrantes, ou num país terceiro, e podem ter laços de negócios, políticos, étnicorregionais, de afinidade ou familiares, com os sócios locais que gerem o negócio, em termos práticos. Eles podem deter mais ou menos cotas no negócio, e angariar uma maior ou menor percentagem sobre os seus lucros. Finalmente, é fundamental percebermos se os sócios originais (no destino) mantêm empréstimos formais noutros países, enviam capital para outros países, ou têm investimentos, redes de relações, interesses empresariais e propriedade noutros países, fora do destino, ou no Nepal. Torna-se importante determinar o alcance e natureza da sua rede de negócios com parceiros, fornecedores (incluindo fornecedores de mão-de-obra) e financiadores, sejam eles privados ou institucionais, de modo a tipificar o negócio, e aclarar se se trata de um empreendimento nacional, internacional ou transnacional. Malheiros (2008), expondo e analisando algumas iniciativas empresariais da imigração indiana na região de Lisboa, destacou a forma como os negócios étnicos estabelecem pontes com outros países,

nomeadamente com a origem, através da importação de produtos - facto particularmente sublinhado pelos investigadores que, em Lisboa, se debruçaram sobre o estudo dos negócios étnicos de asiáticos, grandemente suportados pela importação de produtos a partir da China, e de outros países na Ásia (Malheiros, 2008: 158-59).

No que diz respeito às organizações de apoio ao desenvolvimento e ONGs, elas surgem, com frequência, como iniciativas paralelas dos empresários nepaleses na diáspora, destinadas a apoiar o desenvolvimento do país de origem, a fazer *lobby* junto do governo nepalês - e com objectivos que procuram melhorar, de um modo geral, as condições de vida dos nepaleses, todavia também captar recursos internacionais na área do apoio ao desenvolvimento e, eventualmente, obter algumas vantagens fiscais (Gurung, 2003). O seu financiamento resulta de fundos internacionais com diversas proveniências (desde governos estrangeiros e instituições, até "ONGs-chapéu"), apoios de instituições oficiais locais, donativos privados, grupos de interesse particulares, venda de bens no país de origem ou países terceiros, campanhas de recolha de fundos e venda de *merchandising*, bem como quotas pagas pelos membros dessas organizações.

As associações de vários tipos que encontramos nas imigrações nepalesas ao redor do mundo obtêm financiamento, quer através de contribuições dos seus associados e das comunidades nepalesas locais, quer por meio da injeção de fundos a partir de uma sede-mãe da associação localizada no Nepal, ou num outro país, quer através de financiamento distribuído pelas delegações nacionais daquela associação, a partir de uma plataforma supra-nacional regional ou continental, quer aceitando contribuições de *sponsors*, filantropos e doadores privados, empresas e negócios étnicos; ou, enfim, procurando algum tipo de apoio das autarquias e instituições estatais, no destino (K. Bhattarai, 2007).

As organizações assistenciais da diáspora nepalesa, nomeadamente as que são estabelecidas por empresários enquanto organizações paralelas aos seus negócios, têm como motor fundamental um desejo de auxiliar comunidades imigrantes, mas também o país de origem, além de permitirem legitimar um *status*<sup>65</sup>, ou obter vantagens fiscais (K. Bhattarai, 2007, 2008). Com frequência, estas organizações assistenciais denotam preocupações específicas, como a educação de um determinado nível escolar ou género, uma obra particular a desenvolver em dada região, ou auxílio no tratamento de

---

<sup>65</sup> A actividade filantrópica é considerada uma obrigação e uma forma de aumentar, ou confirmar, o estatuto social das castas nepalesas mais elevadas, mas também um dever social para jovens empresários bem-sucedidos, numa sociedade com uma acentuada matriz colectivista.

indivíduos com certas doenças. O financiamento das organizações assistenciais fundadas por migrantes nepaleses é misto e assenta fortemente na mobilização de capital social: contribuições dos empresários étnicos fundadores, recolha de fundos junto da comunidade nepalesa local, e noutros países onde a organização assistencial mantenha ramos ou delegações, uso das redes internacionais facilitadas por outras associações, além da recolha de fundos no país de partida. A expansão deste tipo de organizações, mais proximais e ligadas a uma rede mais apertada de laços, é, muitas vezes, feita por via familiar ou intra-étnica. As delegações de partidos políticos da diáspora nepalesa recorrem também a fontes diversas, para assegurar financiamento: contribuições do partido político original e seus membros na origem, contribuições de membros e simpatizantes do partido no destino e em países terceiros, eventos organizados na comunidade nepalesa local, contribuições de filantropos e empresários, eventuais contactos políticos estabelecidos no país de chegada e noutros países. Além da missão, finalidades e tipo de organização, interferem com os modos de financiamento predilectos: o tamanho, complexidade e estrutura dessa organização, e as condições que ela encontra no país de acolhimento.

Sumariamente, neste subponto, detalhámos as formas de financiamento dos diversos tipos de organizações envolvidas em projectos de empreendedorismo migrante, fossem elas negócios étnicos, associações de diversa índole, organizações assistenciais e organizações de apoio ao desenvolvimento/ONGs ou, ainda, delegações de partidos políticos. Especificámos fórmulas e estratégias de financiamento que diferem ligeiramente, em função do tipo de organização criada e das suas exigências próprias. No Capítulo 7 analisaremos quais delas prevalecem para cada tipo de organização, no contexto da imigração nepalesa em Lisboa. Para os negócios étnicos, delineámos, num quadro de clarificação das vias e oportunidades de financiamento, as diferenças entre: sócios-investidores estabelecidos no estrangeiro, sócios-parceiros estabelecidos no destino ou noutra localização geográfica que não o destino, e sócios-originais investidores, gerentes e trabalhadores no destino. A título conclusivo, podemos indicar como vectores essenciais, a retirar deste Capítulo 2 sobre Transnacionalismo (em particular, sobre Transnacionalismo Económico), os seguintes: a) as novas formas de transnacionalismo económico migrante podem variar em amplitude, extensão, grau, modo e tipo; b) procuraremos determinar se o transnacionalismo da imigração nepalesa em Lisboa ocorre *from above* e/ou *from below*, e se há copresença de nacionalismo de longa-distância, *villageness* de longa-distância e "trans-Estatismo", além de

transnacionalismo; c) conseguiremos analisar os campos sociais transnacionais nepaleses e a sua heterogeneidade em Lisboa; d) deveremos determinar a interacção destes campos sociais com os Estados-Nação envolvidos e com o capitalismo global; e) poderemos diferenciar os actores operando na "indústria da migração nepalesa", tipos de intermediários envolvidos, actividades facilitadoras promovidas, e a interacção dessa "indústria" com os actores privados associados à governança global da migração; f) analisaremos o peso da "indústria das remessas" nepalesa, os seus modos de captação e transformação, bem como os impactos ao nível das reconfigurações institucionais na origem e destino; g) examinaremos o comércio internacional e transnacional promovido pela imigração nepalesa em Lisboa, seus promotores e beneficiários, condições, estruturas e obstáculos, assim como os laços económicos internacionais envolvidos; h) escrutinaremos o *transnational living*, ou "viver transnacional", tido como campo de relações dinâmicas, com consequências económicas intencionais e não-intencionais; i) é fundamental a análise das características específicas dos negócios étnicos nepaleses em Lisboa, bem como um exame dos diferentes componentes dessa economia étnica, das redes sociais coétnicas que a sustentam, dos recursos étnicos mobilizados, da contextualização da actividade económica, do capital social envolvido (incluindo solidariedade confinada e confiança exigível) e do bem-estar socioeconómico; j) podemos afirmar que as organizações nepalesas na diáspora, incluindo os negócios étnicos, recorrem a oito vias de financiamento principais, diferindo, essas estratégias de financiamento, em função da natureza e objectivos da organização a que nos referimos, do seu tamanho e complexidade, e das condições e oportunidades detectadas no país de acolhimento; k) os negócios étnicos de nepaleses imigrantes tendem a invocar, preferencialmente, formas de financiamento que envolvem empréstimos bancários, investimento privado de sócios e investimento de poupanças e ganhos obtidos através da venda de bens e propriedades próprias e familiares, assim como financiamento informal; l) teremos em conta que os sócios dos negócios étnicos nepaleses podem ser sócios-originais (investidores, gestores, trabalhadores), sócios-parceiros intermediários no destino ou noutra localização, ou sócios-investidores residentes no estrangeiro; m) as formas de financiamento privilegiadas pelos negócios étnicos, e por outras organizações nepalesas na diáspora, encontram-se relacionadas com o tipo de sócios envolvidos; n) destaquemos, finalmente, a importância dos principais conceitos operativos agregados ao transnacionalismo económico, neste capítulo descritos, enquanto ferramentas que se revelarão muito úteis, na nossa análise e interpretação de dados posteriores.

## Capítulo 3: Redes Sociais e Redes Migrantes

### 3.1 Redes Sociais e Capital Social

#### 3.1.1 Redes Sociais

Um estudo sobre modelos de transnacionalismo exige uma contextualização prévia, acerca das redes sociais e do capital social envolvidos. Uma questão fundamental para os pesquisadores das migrações transnacionais é saber se as práticas e relações transnacionais são de natureza efémera ou duradoura, e também determinar se as redes que se estabelecem são reproduzidas - tornando-se, assim, "característica estrutural da organização social global" (Guarnizo e Peter Smith, 1998: 16). Para Tilly, "as redes migram":

«(...) as unidades efectivas de migração foram e são, não indivíduos nem famílias, mas grupos de pessoas ligadas por conhecimentos, amizade e experiência de trabalho» (Tilly, 1990: 84).

Vamos guiar-nos por esta ideia, que concebe as redes como grupos de pessoas ligados por laços de tipos variados. As redes podem, então, ser encaradas como "representações de relações sociais": algumas relações sociais serão fortes ou influentes, embora possam não abranger um grande leque de actores. A força dessas relações sociais variará (Granovetter, 1973), com:

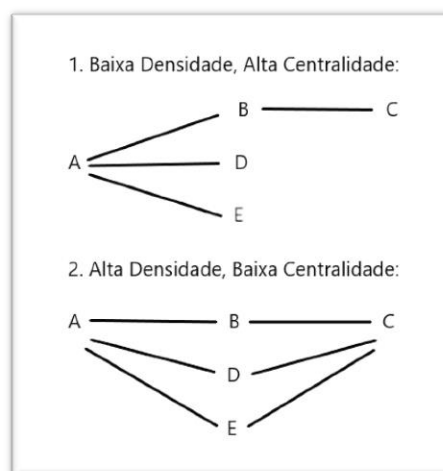
- a) a intensidade emocional;
- b) a confiança;
- c) o tempo passado em conjunto;
- d) a reciprocidade.

Portes (1995) considera que:

«As redes sociais encontram-se entre os mais importantes tipos de estruturas, nas quais as transacções económicas estão contextualizadas. Elas são conjuntos de associações recorrentes, entre grupos de pessoas que estão ligadas por laços ocupacionais, familiares, culturais ou afectivos. As redes são importantes na vida económica, porque elas são fontes de aquisição de meios escassos, como capital e informação, e porque, simultaneamente, elas impõem constrangimentos eficazes à busca irrestrita de ganhos pessoais.» (Portes, 1995: 8)

Reconhece-se que algumas características das redes sociais, como o seu tamanho (número de participantes numa rede) e densidade (número de laços entre os participantes dessa rede), têm consequências directas no comportamento económico. Autores como Bossevain (1979) verificaram que, quanto maior uma rede, menor tende a ser a sua densidade (pois, nesse caso, é mais difícil que todos os seus membros estejam interconectados), muito embora redes amplas e densas se revelem mais eficazes, tanto na aquisição de meios, quanto na imposição de obrigações e reciprocidade (Portes,

1995). Os modelos de redes sociais podem, portanto, ser baseados em várias das suas dimensões, como a densidade ou a centralidade (Portes, 1995). A Figura 3.1 ilustra a importância da centralidade relativa dos membros de uma rede social (a qual se correlaciona com questões de poder), e mostra como a violação de obrigações recíprocas tem menos custos associados - é mais atractiva -, em função do isolamento de um dado membro da rede, do que da sua conexão (Portes, 1995):



**Figura 3.1 - Densidade e Centralidade nas Redes Sociais - A**  
**Fonte: Portes, 1995; Adaptado pela autora, 2018**

No diagrama 1, podemos observar que A controla os fluxos de informação entre os outros membros da rede, e é objecto de pouco escrutínio social - também poderá violar as suas obrigações para com o sujeito B com menos custos e mais vantagens do que no diagrama 2, onde C se encontra mais interconectado com outros membros da rede. No diagrama 2, sendo a centralidade da rede muito menor, a sua eficácia é bem maior, ao corresponder a expectativas normativas dos membros, e ao impor obrigações e reciprocidade.

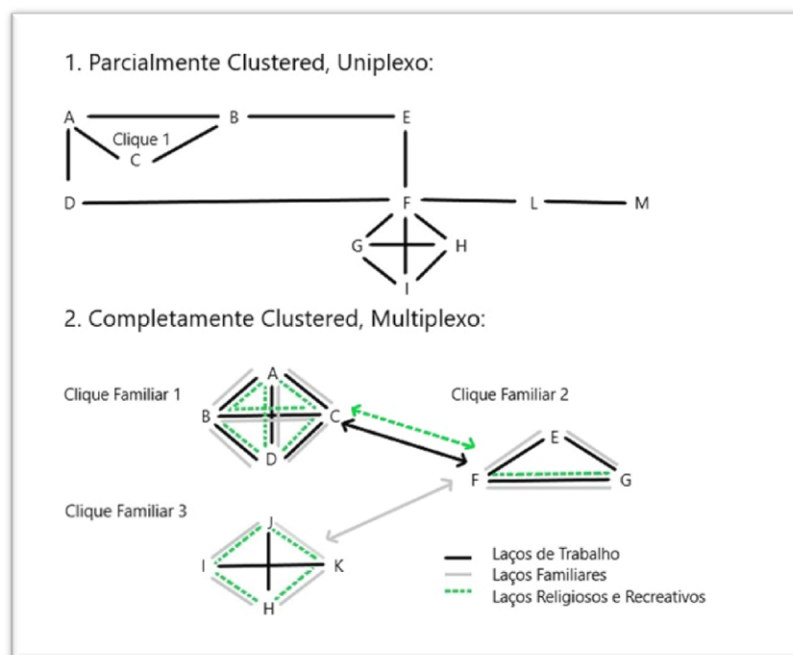
Segundo Portes, outros dois elementos fundamentais das redes são o seu *clustering* e a multiplexidade:

«O *clustering* diz respeito ao grau em que subsecções da rede têm mais densidade do que a rede, tomada como um todo. A estes subconjuntos chama-se, por vezes, *cliques*. A multiplexidade é o grau em que as relações entre participantes incluem esferas institucionais que se sobrepõem. Por exemplo, indivíduos que são colegas de trabalho também podem estar relacionados por laços familiares, afiliações políticas, ou pela pertença a clubes.» (Portes, 1995: 10)

Neste sentido, ele apresentou diagramas nos moldes dos ilustrados na Figura 3.2, para representar uma rede uniplexa relativamente densa e parcialmente agregada - exº:



escritórios corporativos<sup>66</sup> (diagrama 1) -, e uma rede multiplexa densa e altamente agregada<sup>67</sup> (diagrama 2):



**Figura 3.2 - Densidade e Centralidade nas Redes Sociais - B**  
**Fonte: Portes, 1995; Adaptado pela autora, 2018**

Vemos como, no diagrama 1, são formadas cliques horizontais (indivíduos com graus semelhantes de poder e centralidade) ou verticais (uma figura mais poderosa concede favores especiais a subordinados, em troca de deferência e colaboração), que "defendem interesses comuns ou perseguem agressivamente um maior controlo sobre os recursos" (Portes, 1995: 10). No diagrama 2, os *clusters* familiares são sobrepostos por laços de trabalho, familiares, religiosos e recreativos múltiplos:

«(...) as cliques familiares estão fortemente ligadas por proximidade residencial, interesses ocupacionais comuns e actividades religiosas. Nestas situações, onde "todos se conhecem", as normas comunitárias proliferam e a violação de obrigações de reciprocidade tem custos elevados. A solidariedade dentro de cada clique familiar é reforçada, como forma de diferenciação (e, por vezes, de protecção dos seus membros) relativamente a uma rede, já densa, de relações exteriores» (Portes, 1995: 12).

É assim que as redes sociais podem conectar indivíduos dentro e através de organizações e comunidades - embora elas estejam longe de constituir a única estrutura social na qual o comportamento económico é contextualizado (as redes são, com frequência, parte de agregados maiores). Porém, elas influenciam de modo mais imediato, em função das suas características e do posicionamento dos sujeitos dentro

<sup>66</sup> Cf. Morrill (1992), Morrill e Fine (1997), Morrill e Smith (1998), Dalton e Daily (1994), Dalton e Wilson (1998).

<sup>67</sup> Do tipo encontrado por Bossevain (1962, 1968, 2001) nas cidades de Malta, por ele estudadas.



delas, os objectivos, meios e constrangimentos com os quais esses indivíduos se deparam (Portes, 1995).

Existe, portanto, um conjunto de variáveis influentes nas redes e grupos de elementos, que auxilia à sua diferenciação. Em função das suas particularidades, poderemos diferenciar: redes sociais, redes laborais e redes pessoais, redes étnicas e redes familiares, redes imigrantes e redes comunitárias. Deveremos saber distinguir entre redes migrantes e redes autóctones, bem como analisar cruzamentos e sobreposições entre estas. Alguns autores propuseram uma atenção particular à espacialidade das redes, nas suas variações através do tempo, e às implicações desta espacialidade na coesão/dissolução, ou sustentabilidade, da rede respectiva (Bosco, 2001). As redes migrantes, em especial, se encaradas como "teias de laços sociais" entre indivíduos no país de origem e migrantes no país de destino, ajudam-nos a determinar a magnitude e a direcção de um determinado fluxo migratório, bem como os resultados adaptativos para os migrantes envolvidos (Garip e Asad, 2015).

Granovetter (1973, 1977, 1983) explorou a "força dos laços fracos", para demonstrar que estes são, com alguma regularidade, mais importantes do que os laços fortes, para explicar certos fenómenos (como as actividades económicas), que ocorrem nas redes sociais, e propôs as redes como base da nova sociologia económica (Granovetter, 1985). De acordo com este autor,

«(...) o conjunto de pessoas formado por qualquer indivíduo e os seus conhecidos abrange uma rede de baixa densidade (onde muitas das possíveis linhas relacionais estão ausentes), enquanto o conjunto formado pelo mesmo indivíduo e pelos seus amigos próximos estará estreitamente interligado (...) O laço fraco entre o indivíduo e o seu conhecido torna-se, então, não um laço de conhecimento trivial, mas uma ponte crucial entre dois emaranhados sociais densos de amigos próximos. Estando a asserção anterior correcta, de facto, estes dois agrupamentos não se conectariam de todo, um ao outro, se não fosse a existência de laços fracos.» (Granovetter, 1983: 201-202)

Assim, em termos de implicações macro dos laços fracos:

«(...) O lado macroscópico deste argumento comunicacional é que os sistemas sociais com poucos laços fracos serão fragmentados e incoerentes. Novas ideias espalhar-se-ão lentamente, empreendimentos científicos serão amputados e subgrupos separados por raça, grupo étnico, geografia e outras características, terão dificuldade em alcançar um *modus vivendi*.» (Granovetter, 1983: 201-202)

A força de um laço estaria relacionada com a quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade (confidências) e serviços recíprocos que caracterizariam esse laço (Granovetter, 1973). Para este autor, que demonstrou a validade do seu argumento

para uma variedade de fenómenos e relações entre grupos sociais<sup>68</sup>, enquanto os laços fortes se apresentam como mais eficazes na promoção de fluxos de informação sobre actividades dentro de um determinado grupo (fornecendo informação mais redundante, e ligando sujeitos mais semelhantes entre si); os laços fracos são relevantes, na medida em que promovem fluxos de informação sobre actividades fora do grupo ou, mais provavelmente, nova informação, vinda de partes diferentes do sistema social - e podem ser instrumentais, ao assegurar novas oportunidades económicas. Já Levin e Cross (2004), sublinharam que a confiança tem um papel mediador na "força dos laços fracos" - ou, no caso da sua pesquisa particular, na eficácia da transferência de conhecimentos. E Krackhardt, Nohria e Eccles (2003), ao investigarem o papel das redes na economia do conhecimento, falaram-nos da "força dos laços fortes". Notando que a intimidade e intensidade relacional são variáveis afectivas difíceis de medir, tal como os serviços recíprocos, enquanto o peso relativo das quatro variáveis referidas por Granovetter para a força dos laços também foi pouco estudado, propuseram o nome de *philos*<sup>69</sup> para uma forma de laços fortes (compreendendo interacção, afecto e tempo), e sugeriram que a componente afectiva dos laços fortes dentro de uma organização é importante para compreender a dinâmica das crises e mudanças, nessa mesma organização. O próprio Granovetter (1982) sublinhara anteriormente a importância dos laços fortes - por exemplo, em termos de protecção e redução da incerteza para os sujeitos.

Explorando ainda a contextualização do comportamento económico (ao sugerir as redes sociais como fundamento da nova sociologia económica), Granovetter (1985) propôs uma divergência em relação a duas escolas de pensamento, criticando visões "sobre e subsocializadas da acção humana" (ou substantivistas e formalistas), "paradoxalmente semelhantes" na sua negligência relativamente às estruturas de relações sociais onde o comportamento económico é contextualizado, defendendo que:

«o nível de contextualização do comportamento económico é menor em sociedades que não a moderna sociedade de mercado, menor do que acreditam os substantivistas e os teóricos do desenvolvimento, e mudou menos com a "modernização" do que eles acreditam; mas argumento, também, que este nível sempre foi, e continua a ser, mais substancial do que o admitido por formalistas e economistas.» (Granovetter, 1985: 482-483).

Depois de analisar concepções sobre e subsocializadas da acção humana (na economia, sociologia, antropologia, ciência política e história), bem como a relação entre contextualização, confiança e prevaricação na vida económica e o problema dos

<sup>68</sup> Sendo que grande parte das pesquisas posteriores reafirmaram as suas perspectivas.

<sup>69</sup> Ou "amigo".

mercados e das hierarquias, este autor ilustrou a importância do conceito de contextualização [do comportamento económico], ao atender ao debate sobre a questão de saber que transacções são levadas a cabo na sociedade capitalista moderna, e que transacções são levadas a efeito no interior de firmas organizadas hierarquicamente: defendeu que a maior parte do comportamento está estreitamente contextualizado em redes de relações interpessoais, focou-se em causas proximais, criticou a interpretação da actividade económica à luz de teorias atomizadas da acção humana e da economia neoclássica, propôs que todos os processos do mercado são sujeitáveis a uma crucial análise sociológica e que as redes intrafirmas permitem verificar, por exemplo, que "o comportamento dos gestores é não só racional e instrumental, movendo-se por objectivos económicos, mas também sociais: como a aprovação, o estatuto ou o poder" (Granovetter, 1985: 506).

### 3.1.2 Capital Social

Portes (1998) diz-nos que o conceito de capital social não é uma característica intrínseca ou inerente ao indivíduo, procedendo, antes, da sua rede de relações; e que ele pode facilitar o acesso a certos recursos, mas também constranger algumas liberdades individuais (Portes, 1998). Já Bourdieu (1983) o definira como:

«(...) agregado dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações, mais ou menos institucionalizadas, de conhecimento e reconhecimento mútuo» (Bourdieu, 1983).

O capital social baseia-se, assim, em expectativas de natureza colectiva, que afectam o comportamento individual e grupal, "como a reciprocidade normativa, os valores partilhados e a confiança, de forma a que a lealdade e a moralidade resultem salvaguardadas numa rede de relações" (Vertovec, 2001: 11). Coleman (2000) considera que o capital social é definido pela sua função e representa uma variedade de entidades, que têm em comum o facto de consistirem de algum aspecto das estruturas sociais e facilitarem certas actividades dos actores dentro das estruturas. Ele considera que o capital social contempla a estrutura de relações dos actores, e entre actores. Segundo este autor, embora o capital físico possa ser estendido de maneira a abranger o capital humano<sup>70</sup>, o capital social tem valor na criação de capital humano (na família e fora dela) e define-se, por contraste, como:

«Acontecendo através de mudanças nas relações entre as pessoas que facilitam a acção. Se o capital físico é totalmente tangível, corporificado sob forma materialmente observável, e o capital humano é

<sup>70</sup> Cf. Schultz (1961) e Becker (1964).

menos tangível, corporificado nas competências e conhecimento adquiridos por um indivíduo, o capital social é ainda menos tangível, porque ele existe nas relações *entre* as pessoas. Tal como os capitais físico e humano, o capital social [exº: credibilidade e confiança dentro de um determinado grupo] facilita a actividade produtiva.» (Coleman, 2000: 100-101)

E, especificando o valor do conceito, o autor prossegue:

«(...) O valor do conceito de capital social reside primeiramente no facto de que ele identifica certos aspectos da estrutura social pelas suas funções (...) a função identificada pelo conceito de capital social é o valor destes aspectos da estrutura social para os actores, enquanto recursos que eles podem usar para alcançar os seus interesses.» (Coleman, 2000: 100-101)

Já o conceito de capital social transnacional remete, por sua vez, para os recursos que indivíduos e outras unidades sociais derivam de redes de relações e contactos que atravessam fronteiras de dois ou mais países; podendo esses recursos ser tangíveis ou intangíveis, por definição, o capital social não é tangível.

Coleman (2000) refere, com exemplos ilustrativos, diferentes formas de capital social: as obrigações (e seu "repagamento") e expectativas associadas criadas (dependentes da credibilidade das estruturas sociais relacionadas), os canais de informação ou a capacidade da estrutura social para promover o fluxo de informação (ou o potencial para a informação que está inerente nas relações sociais - a aquisição de informação tem um custo e ela é importante, por fornecer uma base para a acção), e ainda as normas acompanhadas de sanções eficazes. Para ele, certos tipos de estrutura social são fundamentais na facilitação de algumas formas particulares de capital social: como o fechamento [*closure*] das redes sociais (a acção que impõe efeitos externos nos outros facilita a emergência de normas eficazes) e a existência de organizações sociais passíveis de serem apropriadas. Algumas estruturas sociais nas quais o capital social é relevante, e onde apresenta formas particulares, são aquelas que se estabelecem com base em laços próximos (familiares, comunitários, de afiliação religiosa): a cidade-natal, a zona de residência, os ambientes de trabalho, as escolas, os mercados, os círculos de estudo, os grupos políticos, os grupos étnicos, as associações desportivas, os grupos de pais e de crianças, os grupos ligados ao género, ou grupos de lazer. O aspecto de "bem público" do capital social diferencia-o de outros tipos de capital - tende a haver subinvestimento no capital social porque, geralmente, os actores que o geram colhem somente uma parte dos seus benefícios (Coleman, 2000: 119).

No que diz respeito aos subtipos de capital social, Portes e Sensenbrenner (1993), redefinem o conceito de capital social<sup>71</sup> como:

«aquelas expectativas para a acção dentro de uma colectividade que afectam os objectivos económicos e o comportamento orientado para os objectivos dos seus membros, mesmo se essas expectativas não são orientadas para a esfera económica. Esta definição difere da de Coleman, onde a ênfase é nas estruturas sociais que facilitam as buscas racionais dos indivíduos» (Portes e Sensenbrenner, 1993: 1223).

Tal como já vimos em 2.2.3.3, estes autores descrevem, depois, os tipos de capital social, ao distinguirem quatro fontes, ou espécies de expectativas economicamente relevantes, com características próprias: a introjecção de valor ou *value introjection*<sup>72</sup> (que leva os indivíduos a terem comportamentos que vão além da ganância, e que são apropriáveis por outros, ou pelo colectivo, como um recurso); as transacções de reciprocidade ou *reciprocity exchanges*<sup>73</sup> (acumulação de créditos baseados nas boas acções para com outros - favores, informação, aprovação -, baseando-se na norma da reciprocidade de bens sociais intangíveis, ao contrário do comportamento de mercado normal, fundamentado nos bens tangíveis); a solidariedade confinada ou *bounded solidarity*<sup>74</sup> ("circunstâncias situacionais que levam à emergência de comportamento grupal orientado por princípios, e distinguível de qualquer introjecção de valor prévia"<sup>75</sup>, ou seja, a crença num destino colectivo intragrupo leva à transformação dos laços de rede em fontes de capital social e meios para aceder aos recursos da rede, enquanto uma identidade étnica emergente predispõe à partilha de recursos e favores, entre os membros desse mesmo grupo); e a confiança exigível ou *enforceable trust* (os indivíduos de um grupo subordinam os seus desejos presentes às expectativas colectivas, em antecipação de "serviços" ou vantagens de mercado de longo-prazo, proporcionados em virtude da pertença a esse grupo)<sup>76</sup> (Portes e Sensenbrenner, 1993). Estes autores descreveram, então, os tipos e características do capital social, conforme o Quadro 3.1:

<sup>71</sup> Cf. Light (1970), Bourdieu (1983), Light e Bonacich (1988), Eccles e White (1988), Bailey e Waldinger (1991).

<sup>72</sup> Cf. Weber (1904, 1958) e Durkheim (1893, 1984).

<sup>73</sup> Cf. Simmel (1908, 1955).

<sup>74</sup> Cf. Marx e Engels (1848, 1948).

<sup>75</sup> Portes e Sensenbrenner, 1993, pp. 1324.

<sup>76</sup> Cf. Weber (1922, 1947).

Fontes	Princípio Operativo	Motivação Individual para o Cumprimento	Referentes Clássicos	Aplicações Modernas
Introjecção de Valor	Socialização para crenças socialmente estabelecidas	De princípio/ética	Análise dos fundamentos sociais dos contratos legais (Durkheim, [1893], 1984)	Sociologia económica funcionalista (Parsons e Smelser, 1956)
Trocas de Reciprocidade	Normas de reciprocidade em interacções face-a-face	Instrumental	Análise das trocas em díades e tríades (Simmel, [1908], 1955)	Trocas e poder na vida social (Blau, 1964)
Solidariedade Confinada	Sentimentos situacionalmente reactivos	De princípio/ética	Análise da emergência de uma consciência de classe na classe trabalhadora (Marx e Engels, [1848], 1948; [1846], 1947)	Laços de solidariedade em comunidades imigrantes e étnicas (Tilly, 1990; Yancey et al., 1976)
Confiança Exigível	Recompensas particularistas e sanções ligadas à pertença ao grupo	Instrumental	Análise da racionalidade substantiva nas transacções económicas (Weber, [1922], 1947)	Dinâmicas do empreendedorismo étnico (Light, 1972; Aldrich e Zimmer, 1986)

**Quadro 3.1 - Capital Social: Tipos e Características****Fonte: Portes e Sensenbrenner, 1993; Adaptado pela autora, 2018**

No Quadro 3.1, entende-se capital social como "expectativas colectivas que afectam o comportamento económico individual" (Portes e Sensenbrenner, 1993: 1326). Este quadro descreve princípios operativos, motivações individuais, referentes clássicos e aplicações modernas dos diferentes tipos de capital social. Quanto à solidariedade confinada, note-se que existem múltiplas descrições de confrontações<sup>77</sup> de imigrantes com sociedades de acolhimento, que levaram à criação de comunidades solidárias entre grupos imigrantes<sup>78</sup>, como foi o caso dos chineses nos Estados Unidos. Porém, nem todos os grupos imigrantes dispõem de oportunidades idênticas para reforçar essa solidariedade. Segundo os autores (que avançam seis proposições, sob a forma de hipóteses, para orientar pesquisas futuras), o capital social que emerge de confrontações situacionais é mais forte quando a solidariedade confinada resultante não se restringe

<sup>77</sup> Confrontações cuja magnitude é mediada pela distância linguístico-cultural entre ambientes de partida e chegada, e pela distintividade dos imigrantes em relação aos nativos do ambiente de destino (segunda proposição apresentada por Portes e Sensenbrenner, 1993).

<sup>78</sup> Cf. Glazer (1954), Nee e Nee (1973), Boswell (1986) e Zhou (1992).

aos eventos, mas leva à criação de uma definição alternativa da situação, baseada na reencenação de práticas passadas, e numa memória cultural comum. No que concerne à confiança exigível, ela baseia-se na existência de uma comunidade e na sua capacidade de sanção interna. Coleman (1988) faz equivaler este mecanismo à diferença entre estruturas sociais abertas e fechadas, ao destacar "o fechamento [*closure*] da estrutura social como importante para a existência de normas eficazes, mas também para outro tipo de capital social: a credibilidade das estruturas sociais que permite a proliferação de obrigações e expectativas" (Coleman, 1988; cit. por Portes e Sensenbrenner, 1993: 1332). Se a solidariedade confinada partilha com a introjecção de valor um elemento de obrigação moral, que independe de recompensa ou castigo (a motivação individual para o cumprimento é de princípio/ética), a confiança existe nas transacções económicas, precisamente, porque ela é "exigível" por meios que transcendem os indivíduos envolvidos", e:

«(...) se as recompensas e sanções aplicadas por comunidades étnicas são, geralmente, de natureza não-material, elas têm igualmente efeitos materiais no longo-prazo<sup>79</sup>.» (Portes e Sensenbrenner, 1993: 1332)

A confiança exigível é altamente dependente das características e recursos comunitários:

«(...) quanto maior a capacidade de uma comunidade para dar recompensas únicas aos seus membros, e mais desenvolvidos os seus meios internos de comunicação, maior a força da confiança exigível e mais capital social emanará dela.»<sup>80</sup> (Portes e Sensenbrenner, 1993: 1337).

A este argumento, sobre a confiança exigível, e ao argumento sobre a relação entre a solidariedade confinada e o capital social que emerge de confrontações situacionais, os autores adicionaram outras quatro proposições:

- primeira proposição: «quanto mais distinto for um grupo, em termos de características fenotípicas e culturais, do resto da população, quanto maior o nível de preconceito associado com estes traços, e quanto menor a probabilidade de saída desta situação; então, mais fortes serão os sentimentos de solidariedade intra-grupo entre os seus membros, e maior o capital social apropriável baseado nesta solidariedade»;

- terceira proposição: «enquanto fonte de capital social, a confiança exigível é directamente proporcional à força da discriminação externa, e inversamente proporcional às opções disponíveis fora da comunidade para assegurar a honra social e a oportunidade económica»;

<sup>79</sup> Cf. Ivan Light (1972) e as suas descrições das associações de crédito rotativo - usadas para demonstrar a relevância da contextualização (Granovetter, 1985), da solidariedade de grupo (Hechter, 1987) ou do capital social (Coleman, 1988).

<sup>80</sup> Vejam-se, a este propósito, as análises do enclave empreendedor dos imigrantes dominicanos em Nova Iorque, da autoria de Portes e Guarnizo (1991), do enclave empreendedor dos cubanos em Miami, da autoria de Portes e Wilson (1980) e Wilson e Martin (1982); ou da segunda geração de haitianos em Miami, da autoria de Portes e Stepick (1993).



- quinta proposição: «quanto maior o capital social produzido por solidariedade de laços e controles de comunidade, maiores as exigências particularistas colocadas em empreendedores bem sucedidos, e mais extensas as restrições à expressão individual»;

- sexta proposição (e final): «quanto mais tempo a mobilidade económica de um grupo tenha estado bloqueada por meios coercivos, que não os de mercado, mais provável a emergência de uma solidariedade confinada, que nega a possibilidade de avanço através de uma competição de mercado justa, e que se opõe aos esforços individuais nesta direção» (Portes e Sensenbrenner, 1993: 1329-1344)

Granovetter (1985, 1993) chamou a nossa atenção para o facto de que a solidariedade confinada encontrada nas comunidades estreitamente interrelacionadas, como as imigrantes, não tem só vantagens - podendo, adicionalmente, originar um elevado número de problemas: membros do grupo menos diligentes podem impor aos membros bem-sucedidos todo o tipo de exigências, com base na mesma estrutura normativa que torna possível a existência de confiança<sup>81</sup>.

Além disso, Portes e Sensenbrenner (1993) consideram que "períodos prolongados de opressão, em particular numa situação sem saída, minam os recursos linguístico-culturais disponíveis num grupo, para construir uma definição alternativa da sua situação" (segunda proposição), e que "uma situação de subordinação permanente também priva um colectivo dos recursos necessários para recompensar e punir os seus membros independentemente" (quarta proposição), de maneira que "a sua capacidade de imposição está inteiramente dependente da discriminação exterior, que força os seus membros a agregar-se" (terceira proposição). O grau de capital social está, assim, conectado ao fechamento/abertura de determinada imigração ou comunidade imigrante, na medida em certos tipos de capital social são favorecidos pelo fechamento das estruturas sociais de determinada imigração à sociedade de acolhimento, ao passo que, outros ainda, serão favorecidos pela sua abertura à sociedade de destino. Isto, além de o capital social ser fulcral na criação de capital humano e na educação da juventude imigrante, bem como das segundas gerações<sup>82</sup>.

Salienta-se uma outra distinção que nos importará considerar, no âmbito de uma reflexão sobre redes sociais e redes migrantes: a diferença entre capital social de "ligação" e capital social de "ponte" (Putnam, 2000). O capital social de ligação está contextualizado numa rede de "laços fortes", fornecendo acesso a recursos profissionais,

<sup>81</sup> Weber (1922) tocou indirectamente nessa questão, por contraste, ao identificar transacções impessoais guiadas pelo princípio do universalismo como uma das razões para o sucesso dos empreendimentos Puritanos.

<sup>82</sup> O capital humano do tipo produzido nas escolas, por exemplo, espera uma transformação em capital social e nos seus bens públicos, de futuro.



suporte emocional e social, e informação de qualidade (Bian, 1997; Granovetter, 1973; Krackhardt, 1994). Por outra via, o capital social de ponte diz respeito a recursos reais e potenciais, contextualizados numa rede de "laços fracos", usados para aceder a recursos profissionais e de negócios, informação e apoio (Granovetter, 1973; Lin, 1999; Seibert et al., 2001; Chua et al., 2009). Notemos que, acedendo ao capital social migrante fornecido pelas suas redes (incluindo os membros não-migrantes dessas redes), os migrantes acedem igualmente a múltiplas informações sobre o(s) seu(s) destino(s) e preparações para a viagem, recursos, ajuda, entre outros benefícios (reduzindo, portanto, os custos; e aumentando os benefícios da própria migração).

Em relação às possibilidades de análise e desenvolvimentos futuros do conceito de capital social, ponderemos que as seis proposições sugeridas por Portes e Sensenbrenner (1993), que antes detalhámos, aguardam teste empírico adicional, e que ainda não foi levada a cabo uma análise mais refinada do carácter das relações entre factores antecedentes e consequentes, nelas expostos - incluindo, por exemplo, se eles envolvem efeitos aditivos ou interactivos (Gulati, 1995; Woolcock e Narayan, 2000). Tais refinamentos e possíveis conexões ao grupo de relações hipotetizadas por aqueles autores, devem ser explorados, aguardando trabalhos subsequentes nesse sentido.

### 3.2 Redes Migrantes

Massey (1988) define as redes migrantes, como:

«Conjuntos de laços interpessoais que ligam migrantes, antigos migrantes e não-migrantes em áreas de origem e destino, através de conexões de conhecimento, amizade e origem comunitária partilhada.» (Massey, 1988: 396).

Ele considera ainda que:

«(...) as redes tornam a migração internacional extremamente atractiva, como estratégia de diversificação do risco, ou maximização da utilidade.» (Massey et al., 1998: 43).

Segundo Portes e Bach (1985), os fenómenos migratórios tanto dependem das redes sociais, como criam, eles mesmos, novas redes: a migração surge, então, como um "processo de construção de redes que depende de, e reforça, as relações sociais através do espaço". Quando visamos determinar factores, a nível micro (individuais) e a nível macro (globais, nacionais, regionais), que influem nos processos migratórios, é essencial que consideremos as redes migrantes<sup>83</sup>. Nesta perspectiva, os actores que tomam as suas decisões individuais sobre o processo migratório são contextualizados

---

<sup>83</sup> Cf. Burawoy (1976), Portes e Walton (1981), Gardner (1981), Williamson (1988), Sassen-Koob (1989), Light, Bhachu e Karageorgis (2004).

em grupos, os quais se localizam num ponto intermédio, entre condições macro que afectam as migrações, e a migração concreta dos sujeitos. Os pontos de origem e destino da migração são ligados por redes de informação e de auxílio mútuo, gerando fluxos migratórios progressivamente auto-sustentados (Boyd, 1989). Se, num estágio inicial, tendem a migrar indivíduos de estrato socioeconómico mais elevado, com o passar do tempo, a migração torna-se mais "democrática" e representativa da população, num dado país de origem. Os laços sociais prévios com outros migrantes também aparecem como um forte determinante da migração de um determinado indivíduo (embora matizados pelas condições económicas e políticas de migração no destino) - em especial, laços sociais prévios com outros homens migrantes, para indivíduos do sexo masculino, e laços sociais prévios com outras mulheres migrantes, para indivíduos do sexo feminino. Os contextos específicos da migração individual (alto risco ou baixo risco) determinarão se os laços fortes ou laços fracos serão mais importantes, para o migrante em causa.

No contexto da pesquisa sobre redes sociais, tem-se prestado uma atenção significativa aos factores pessoais, sociais, culturais e estruturais que podem influenciar a composição e o tamanho da rede pessoal de determinado indivíduo, pré-migração<sup>84</sup>. Em especial, determinou-se que a idade influencia positiva e significativamente o tamanho da rede dos sujeitos, com um pico registado entre os 50 e os 60 anos (Hill e Dunbar, 2003). Outros factores, influenciando positivamente o tamanho das redes individuais pré-migração, são o estrato socioeconómico e o nível de qualificação do indivíduo, enquanto a sua estrutura familiar de base influencia a composição da rede do sujeito (Hill e Dunbar, 2003). O estado civil é um outro factor que influi nas redes pessoais dos indivíduos: sujeitos casados tendem a apresentar mais laços com familiares, do que os sujeitos solteiros. Já ter filhos pequenos tende a afectar negativamente as redes pessoais, enquanto o ambiente e bairro de residência dos indivíduos, inclusive a classe social predominante nesse bairro, interferem significativamente na composição e no tamanho das redes pessoais (Paul, 2018).

Poderemos subdividir a pesquisa a respeito das redes migrantes em três grandes ramificações, ou tendências: a pesquisa da sua relação com a migração (incluindo com as trajetórias migratórias), a indagação da sua relação com a adaptação num destino, ou a investigação da sua relação com as actividades transnacionais de certos grupos

---

<sup>84</sup> Cf. Roberts, Wilson, Fedurek e Dunbar (2008), Vaisey e Lizardo (2010), e Paul (2018).

migrantes. As redes são úteis aos migrantes também, por exemplo, em termos de oportunidades laborais e empreendedorismo<sup>85</sup> - ao estruturarem ligações com recrutadores, fornecedores, colegas, financiadores e clientes (coétnicos ou não, relativamente ao sujeito). Alguns pesquisadores descobriram, nomeadamente, que as redes sociais migrantes contribuem para "conectar o activismo local através de contextos distintos, e criar redes transnacionais que facilitam a eficácia da acção colectiva" de determinadas diásporas (Bosco, 2001: 307). Importa aqui afirmar, em particular, que uma análise de contextos macro (políticos, económicos, jurídicos) no país de envio e no país de recepção dos migrantes não bastará para compreender as motivações da migração - sendo vital analisar laços sociais e os processos transnacionais envolvidos nessa mesma migração. As redes migrantes podem originar pressões que tornam uma migração mais provável, ou ajudar a estabelecer instituições migrantes que facilitam a ocorrência de migração adicional, para um dado destino.

Entre as funções da rede social migrante, poderemos indicar: funções no acesso ao mercado de trabalho, na informação e apoio social recíproco, no suporte psicológico e no apoio emocional do migrante. Herz (2015) analisou a constituição relacional do suporte social em comunidades transnacionais de migrantes. Já Vertovec (2001) resumiu assim os conceitos-chave empregues, na perspectiva das redes sociais, que serão de especial utilidade para os pesquisadores das formações sociais transnacionais: tamanho, densidade, multiplicidade, *clusters*, força dos laços, intensidade, conteúdo, acessibilidade (compactez), durabilidade e frequência (Emirbayer e Goodwin, 1994; Vertovec, 2001). Investigações contemporâneas analisam de que forma as redes de migrantes se distribuem no "espaço transnacional", e desenvolvem diversos tipos de actividade (económica, política, cultural) através de fronteiras, indo além de uma focagem exclusiva no contexto de origem ou no contexto de recepção e, simultaneamente, além de explicações exclusivamente económicas (diferenças salariais, mercados de crédito), ou políticas, para o fenómeno da migração (Garip e Asad, 2015).

Finalmente, também Portes (1997) elencou cinco vias de investigação das migrações, promissoras, onde a aplicação dos conceitos de capital social e redes sociais se revela útil:

---

<sup>85</sup> Cf. Hugo (1981), Boyd (1989), Light, Bhachu e Karageorgis (2004).

a) na pesquisa das comunidades transnacionais<sup>86</sup>: "elas são redes densas que atravessam fronteiras políticas, criadas pelos imigrantes na sua busca de progresso económico e reconhecimento social" (Portes, 1997: 812);

b) na pesquisa do processo de adaptação das segundas gerações<sup>87</sup>;

c) no estudo do género nas migrações, aplicado a ambos os sexos<sup>88</sup> e com recurso a unidades de análise mais complexas, como famílias, agregados e comunidades;

d) na análise do papel dos Estados, e da sua construção, na origem dos fluxos de refugiados<sup>89</sup>;

e) nas comparações transfronteiriças (análise comparada, através de países) dos dados empíricos independentemente obtidos, no âmbito da sociologia das migrações - de modo a desenvolver conceitos, proposições, teorias compreensivas válidas e políticas públicas eficazes - e não somente pesquisa aplicada, ao sabor das necessidades imediatas.

Em seguida, analisaremos, em concreto e resumidamente, as redes migrantes nas suas relações com as trajectórias migratórias seguidas (3.2.1), com a adaptação dos migrantes no destino (3.2.2), com os recursos, actividades migrantes e economia étnica (3.2.3), e com a distinção laços sociais/laços migrantes (3.2.4).

### 3.2.1 Redes e Trajectórias Migratórias

As redes migrantes surgem ligadas às migrações internacionais: uma análise dos padrões migratórios e canais migratórios relacionados com as redes migrantes permitiu verificar que a probabilidade de migração aumenta, se existirem relações entre migrantes no país de acolhimento e não-migrantes no país de origem (Koser, 1997). Essas relações permitem, igualmente, transferir conhecimentos e recursos através das fronteiras de diversos países, quer a nível individual, quer grupal<sup>90</sup>. Massey (1987) falou-nos do fenómeno da "migração cumulativamente causada", ou expandida para além das condições originais que a forjaram, através de redes que reduzem os riscos económicos ligados à migração (esta última seria encarada como uma estratégia de diversificação do risco). Assim, as redes fortaleceriam a independência dos fluxos migratórios, por duas vias:

<sup>86</sup> Cf. Glick-Schiller et al. (1992), Goldring (1992), Basch, Glick-Schiller e Blanc-Szanton (1994), e Guarnizo (1994).

<sup>87</sup> Cf. Portes e Rumbaut (1996).

<sup>88</sup> Cf. Pessar (1996).

<sup>89</sup> Cf. Zolberg, Suhrke e Aguayo (1986), e Zolberg (1989).

<sup>90</sup> Cf. Boyd (1989), Portes e Böröcz (1989), Koser (1997), Palloni et al. (2001), Meyer (2001), Wimmer (2004), Gold (2005) e Herz (2015).

1) Uma grande densidade das conexões de rede equivaleria a uma estrutura social autónoma, apoiando o processo migratório;

2) Diversificando a localização dos membros de uma família, diminuiríamos o risco de rendimento total insuficiente dessa mesma família (Massey, 1987).

Deste modo, as estruturas familiares e comunitárias surgem apoiadas em laços sociais mais ou menos densos, e de menor ou maior alcance. Estudos anteriores, com muitos migrantes, incluindo sul-asiáticos, revelaram que as redes pessoais de amigos e familiares constituem um apoio fulcral à migração<sup>91</sup>. Deveremos, adicionalmente, distinguir entre redes autóctones, redes étnicas e redes migrantes. As redes autóctones correspondem a um conjunto numeroso e diverso de redes de relações, existentes no ambiente de origem dos migrantes e estabelecidas por actores locais (podendo possuir conexões internacionais), apresentando ligações e graus de interacção variáveis, tanto com redes étnicas, como com redes migrantes, das diversas imigrações presentes no ambiente de acolhimento. Por princípio, quanto melhor um imigrante souber navegar as redes autóctones, conhecer o seu funcionamento e estabelecer contactos ou relações com elas, tanto melhor será a sua adaptação e destreza naquele contexto. As redes étnicas ligam indivíduos com a mesma herança étnico-cultural, religiosa e linguística, entre si - podendo estabelecer conexões, não apenas entre os membros de determinado grupo étnico num dado destino, mas também entre indivíduos desse mesmo grupo étnico, em diferentes destinos ou países, e destes com as mesmas redes étnicas no ambiente de partida. As redes migrantes têm um papel fulcral no auxílio à emigração/imigração, e são mais abrangentes do que as redes étnicas - pelo facto de, em geral, terem ramificações na origem, destino e países intermediários, e de não se centrarem numa herança étnico-cultural, religiosa e linguística muito específica, mas antes numa herança e afinidade conacional (exº: nepaleses), ou numa afinidade entre indivíduos provenientes de nações correionais (exº: sul-asiáticos).

Consideremos o papel das redes na criação e sustentação de fluxos migratórios - é exemplo, disso mesmo, o conceito de cadeia migratória:

«A cadeia migratória pode ser definida como aquele movimento em que migrantes prospectivos sabem de oportunidades, têm quem lhes forneça transporte, e possuem alojamento inicial e emprego, arranjado por meio de relações sociais primárias com os migrantes anteriores ou prévios. A cadeia migratória é, assim, distinta da migração impessoalmente organizada, concebida como um movimento baseado em recrutamento impessoal e assistência. No período pós-guerra, a migração impessoalmente

---

<sup>91</sup> Cf. Nair (1998), Azam (1998) e Gunatilleke (1998).

organizada foi exemplificada pelos procedimentos de selecção, transporte, recepção, instrução e colocação, feitos pela Organização Internacional dos Refugiados; outros exemplos claros, são a sequência centenária de esquemas para migração oficialmente assistida, do Reino Unido para as suas colónias e domínios, e também do Sul da Europa para a Argentina e Brasil.» (MacDonald e MacDonald, 1964: 82-83)

Shah e Menon (1999) descreveram a cadeia migratória através da rede social na experiência dos trabalhadores imigrantes no Kuwait. Baseando-se numa sondagem com 800 migrantes sul-asiáticos do sexo masculino, concluíram que, apesar de uma maioria dos trabalhadores não conseguir enviar remessas para casa ou para os seus familiares, as redes sociais destes trabalhadores no Kuwait tinham-se expandido - primariamente sob a forma de patrocínio a trabalhadores imigrantes adicionais, por parte daqueles trabalhadores imigrantes que já se encontravam no país de acolhimento. Eles descreveram o modo como esse patrocínio funcionava, e delinearam preditores da migração através de um amigo ou parente<sup>92</sup>, ou do arranjo de patrocínio<sup>93</sup> para um trabalhador imigrante subsequente, e também para avaliar o "efeito multiplicador" de tal processo<sup>94</sup>.

As redes globais resultantes de ligações múltiplas entre uma origem e um destino estimulariam e perpetuariam as migrações. Normalmente, há migrantes pioneiros que estabelecem as primeiras ligações entre a origem e o país de acolhimento: o capital social dentro das redes migrantes tende a diminuir os custos e riscos da migração, para os migrantes que os seguem. Eventualmente, as redes migrantes e contactos estabelecidos podem tornar-se a principal razão pela qual as pessoas continuam a migrar para um dado destino (Dekker e Engbersen, 2012). Massey et al. (1998) defenderam que a migração altera os contextos socioeconómicos nos quais as decisões subseqüentes de migrar são tomadas (Massey et al., 1998) - migração cumulativamente causada. Muitos autores consideram que os migrantes, propriamente ditos, não se encontram passivamente à mercê dos processos macro que determinam os fluxos migratórios; são agentes activos, que escolhem destinos em função das redes, e de interesses e motivações singulares (Massey et al., 1998; Brettell e Hollifield, 2008). Outros

<sup>92</sup> Neste caso, o facto de o trabalhador ser paquistanês ou indiano, muçulmano e possuir determinadas competências, eram melhores preditores da sua migração através da rede social (Shah e Menon, 1999).

<sup>93</sup> Um quarto de todos os trabalhadores entrevistados tinham arranjado visto para outro trabalhador imigrante. A duração da sua estadia no Kuwait era um preditor muito forte do arranjo de visto para trabalhadores adicionais. O rendimento mensal, ser casado e muçulmano estavam positivamente associados ao arranjo de patrocínio, por parte do trabalhador imigrante (Shah e Menon, 1999).

<sup>94</sup> Os autores verificaram que 0,78 vistos tinham sido arranjados, em média, por trabalhador - já os trabalhadores paquistaneses, com maior duração média de estadia no Kuwait, tinham arranjado 1,6 vistos para outros, em média (Shah e Menon, 1999).

investigadores acrescentam que o carácter auto-sustentado dos fluxos migratórios permite que eles não sejam definitivos, nem estáticos ou unidirecionais - mas mutáveis, flexíveis e multidirigidos (Boyd, 1989: 641; Vertovec, 2001). A composição de género das redes migrantes também parece estar intimamente ligada ao padrão migratório observado<sup>95</sup>.

### 3.2.2 Redes e Adaptação no Destino

Neste ponto, teceremos algumas considerações a respeito das redes migrantes e sua articulação com a questão da adaptação migrante no contexto de acolhimento. Sabemos que as redes migrantes podem facilitar a adaptação migrante no ambiente de destino, por formas diversas (podem auxiliar, tanto a adaptação económica, quanto política, social e cultural). Entre as funções das redes migrantes, contam-se o suporte social por elas fornecido (exº: informação, entreajuda). As redes migrantes simplificam, em especial, a procura de alojamento e trabalho no destino, pelos imigrantes recém-chegados, assim como as iniciativas ligadas ao empreendedorismo migrante, e as formas de suporte e financiamento (formais e informais) encontradas. Além disso, elas favorecem o estabelecimento de redes de relações, negócios e amizades, a procura de trabalhos mais estáveis e com uma melhor remuneração por parte dos imigrantes, o seu aconselhamento quanto a aspectos de legalização, as suas ligações ao país de origem, entre outras relações úteis e diligências pessoais necessárias, que elas podem providenciar. Sendo que as redes migrantes desempenham um papel fundamental na adaptação ao destino, elas podem, no entanto, estar relacionadas, quer com processos de afiliação, quer com processos de segregação<sup>96</sup> (resulte esta de discriminação no contexto

<sup>95</sup> Cf. Garip e Asad (2015). Relativamente à trajectória migratória e destino preferencial dos migrantes, note-se também que, em particular na literatura económica, especificamente a migração urbana ou urbanização (mudança da população de zonas rurais para áreas urbanas, com aumento gradual da proporção de pessoas nestas últimas - e as formas como cada sociedade se adapta a essa mudança) tem surgido associada ao desenvolvimento económico e crescimento - as próprias Nações Unidas prevêem que quase todo o crescimento da população mundial, entre 2016 e 2030, seja absorvido pelas cidades: cerca de 1,1 milhões de novos habitantes urbanos, ao longo dos próximos 14 anos (ONU, 2016). Como uma força motriz fulcral por detrás da decisão de migrar, os modelos probabilísticos que examinam a migração (do tipo Todaro e Harris-Todaro) têm-se concentrado sobre as disparidades salariais previstas entre os mercados de trabalho rurais e urbanos (formais e informais - embora existam, obviamente, mais dados disponíveis sobre os mercados formais). Estas são as teorias neoclássicas da migração. Contudo, estes modelos praticamente ignoram os diferenciais de custo de vida entre regiões, que surgem pela presença de produtos regionais caseiros não-comercializados. Tanto estes modelos, quanto os modelos de equilíbrio geral dinâmico, ganhariam em considerar algumas variáveis, tais como: a escolha de residência e as competências que os trabalhadores transportam consigo de uma região para outra, ou factores como a modelação de imperfeições do mercado (que afectam o padrão de desenvolvimento económico espacial).

<sup>96</sup> Exemplo: uma segunda geração demasiado ligada aos grupos que celebram a sua herança cultural específica, fundados pela primeira geração imigrante, tende, mais provavelmente, a auto-segregar-se no contexto de recepção, do que uma segunda geração desapegada, ou indiferente, a esses mesmos grupos.



de recepção, de auto-fechamento de uma determinada imigração, ou de ambos os processos concomitantemente). Salienta a literatura que migrantes em situação mais precária e fragilizada (não-documentados, desempregados) parecem beneficiar particularmente das oportunidades disponibilizadas pelas redes migrantes, criadas num destino.

Enclaves étnicos e redes migrantes, comparativamente, proporcionam diferentes oportunidades de mobilização, suporte, manutenção de laços e contribuição económica para a origem. Enquanto os enclaves propiciam boas oportunidades económicas para migrantes e minorias num determinado destino, podendo, contudo, caracterizar-se por algum auto-fechamento e controle, ou mesmo pela exploração de trabalhadores por parte de outros indivíduos conacionais ou coétnicos; as redes migrantes oferecem laços mais amplos e menos próximos (ou menos codependentes), podendo estes ter um carácter transfronteiriço. As redes de migrantes revelam-se mais determinantes na empregabilidade de migrantes não-documentados, do que daqueles que já conseguiram documentos, do mesmo modo que aparecem como mais essenciais para imigrantes jovens, do que para seniores; para imigrantes desempregados, do que para imigrantes com ocupação; e para imigrantes menos instruídos, do que para imigrantes com mais qualificações. Mas a probabilidade de procura da rede migrante para obtenção de trabalho diminui com o passar do tempo (tende a haver um afastamento da economia de enclave, por parte do imigrante, à medida que permanece mais tempo no destino, e constrói outras ligações). Ao recorrerem às redes migrantes para recrutamento de trabalhadores, também os empregadores conacionais e coétnicos dos migrantes poupam tempo, dinheiro e recursos, e vêem os seus esforços de formação de pessoal, recrutamento e selecção reduzidos, pelas afinidades culturais e linguísticas partilhadas com aqueles.

As redes migrantes não têm apenas benefícios em termos de resultados adaptativos no destino - como se referiu a propósito dos enclaves, elas podem igualmente limitar as oportunidades dos novos migrantes, canalizando-os para ocupações menos rentáveis e para uma economia étnica informal sujeita a falhas, onde predominam a precariedade, as más condições de trabalho, o fechamento em relação à sociedade de destino, e uma grande (e pouco saudável) dependência em relação a patrões, colegas ou outros coétnicos (sendo, isto, especialmente verdadeiro no caso das mulheres imigrantes). A imersão em redes de migrantes coétnicas pode, assim, reduzir interações abrangentes com não-coétnicos e com a sociedade de acolhimento (até pela falta de proficiência



linguística dos migrantes), limitando as suas trajectórias de adaptação económica e social, no contexto de destino. Além disso, os efeitos negativos das redes podem ser cumulativos, e impedir a mobilidade económica e social da segunda geração, no contexto de acolhimento (Portes e Zhou, 1993)<sup>97</sup>. Portes e Zhou (1993), através do seu conceito de assimilação segmentada, descreveram resultados dissemelhantes da actuação das redes migrantes, na mobilidade económica das segundas gerações: se certos grupos podem conciliar aculturação através de redes étnicas com adaptação e integração no contexto de recepção; outros haverá cuja manutenção de laços coétnicos implica pobreza permanente, e serem relegados para as classes sociais mais baixas no destino.

A relação das redes migrantes com a adaptação migrante ao destino é, portanto, mediada pelo capital social que elas disponibilizam, na sua relação com os modos de incorporação imigrante. Tal como vimos anteriormente, nos pontos 2.2 e 3.1, Portes e Sensenbrenner (1993), ao descreverem os determinantes sociais da actividade económica, decompuseram os conceitos de contextualização e, em particular, de capital social, em componentes mais específicos, e puderam examinar os antecedentes e efeitos (positivos e negativos) de duas fontes de capital social específicas, nos grupos imigrantes:

Antecedentes Sociais	Fontes de Capital Social	Efeitos Positivos	Efeitos Negativos
Discriminação externa baseada em diferenças fenotípicas/culturais	<b>Solidariedade Confinada</b>	Preferência por coétnicos nas transacções económicas	Nivelamento de pressões  Parasitismo dos laços/normas da comunidade
Bloqueio da opção de saída		Apoio altruísta a objectivos e membros da comunidade	
Preservação dum repertório cultural autónomo			
Bloqueio de oportunidades sociais e económicas externas	<b>Confiança Exigível</b>	Flexibilidade nas transacções económicas, através da redução dos contratos formais	Restrições à liberdade individual e aos contactos exteriores
Disponibilidade de		Acesso privilegiado a	

<sup>97</sup> Esta ideia é, por outro lado, contrariada por Kasinitz et al. (2008).

recursos económicos intragrupo		recursos económicos	
Monitorização comunitária e capacidade de sanção		Expectativas fiáveis em relação aos efeitos dos actos ilícitos	

**Quadro 3.2 - Antecedentes e Efeitos de Dois Tipos de Capital Social,  
Nas Comunidades Imigrantes**

**Fonte: Portes e Sensenbrenner, 1993; Adaptado pela autora, 2018**

Verificamos que a mesma solidariedade que brota da discriminação externa no destino e cria as condições necessárias à formação de uma rede de negócios imigrantes e das economias étnicas, devido às transacções preferenciais com (e ao apoio altruísta a) coétnicos<sup>98</sup>, pode originar, também, uma série de efeitos negativos: nomeadamente, ao nível do parasitismo dos laços, das pressões internas descendentes e uniformizantes (que suprimem e sancionam aspirações individuais construtivas e legítimas<sup>99</sup>), e da restrição aos contactos exteriores e à liberdade individual. Também a confiança exigível, antecedida socialmente pelo bloqueio de oportunidades externas e pela disponibilidade de recursos económicos intragrupo (com capacidade de sanção correspondente para incumprimentos), que flexibiliza as transacções económicas e garante acesso privilegiado dos imigrantes a recursos económicos, pode ter como consequências os mesmos efeitos negativos supracitados.

### 3.2.3 Redes, Recursos, Actividades Migrantes e Economia Étnica

As redes de migrantes influenciam, tanto a decisão inicial de migrar a partir da origem, como os resultados da adaptação do migrante à chegada. Para alguns migrantes, elas decifram modos de integração no contexto de acolhimento, e representam um corte de laços com a origem; porém, para outros grupos, as redes de migrantes continuam a apoiar actividades económicas, políticas, sociais ou religiosas que abrangem ambos os contextos (de partida e de acolhimento). Essas redes de "transnacionais" proporcionaram uma nova perspectiva para a compreensão dos resultados da adaptação migrante no destino (como a constituição de economias étnicas), a qual corrige modelos anteriores, concentrados exclusivamente nas características do país de recepção - sem considerar as relações em curso dos migrantes com o seu país de origem. Lembremos que as transacções económicas de todo o tipo são contextualizadas, ou seja, "estão

<sup>98</sup> Que representam um mercado para bens culturais, mão-de-obra facilmente acessível, e potencial fonte de capital, para iniciar negócios coétnicos.

<sup>99</sup> Exemplo: estudo dos jovens porto-riquenhos no Bronx (Bourgois, 1991).

inseridas num leque de estruturas sociais, que afecta profundamente as suas formas e resultados" (Portes, 1995: 6). Deste leque de estruturas sociais fazem parte integrante as redes migrantes, e os recursos que circulam através delas não só alimentam as actividades migrantes no ambiente de recepção, como produzem mudanças, muitas vezes significativas, no ambiente de partida (pela transferência de capital, valores, práticas, conhecimento e estruturas, a partir dos destinos).

Tal como vimos nos Capítulos 1 e 2, Glick-Schiller e seus colegas conceptualizaram pela primeira vez o transnacionalismo, na década de 1990<sup>100</sup>. As revisões subsequentes deste processo sublinharam a fluidez do espaço social transnacional criado, constantemente reformulado. Os investigadores têm sugerido vários espaços sociais para estudo adicional, incluindo os circuitos de migração (redes de migrantes, bem como os recursos ou ideias que fluem através delas), as formações sociais transnacionais (o movimento de indivíduos, símbolos e recursos, entre as configurações) e as chamadas vidas transnacionais (Garip e Asad, 2015). Os pesquisadores também reconheceram as implicações socioeconómicas, políticas e académicas da abordagem transnacional: o movimento transnacional das pessoas (e os bens, ideias e símbolos que se movem com elas, ou que transcorrem através delas) pode facilitar a mobilidade socioeconómica ascendente de populações empobrecidas, tornar o conceito de Estado-Nação obsoleto e, eventualmente, conduzir a melhorias palpáveis nas condições de vida e nas relações de género, em contextos distintos. As remessas poderão reproduzir um ciclo de dependência mas, em geral, reduzem a pobreza e iniciam uma dinâmica de desenvolvimento, relaxando as restrições de produção e investimento na economia do país de origem - o impacto das remessas sobre a desigualdade tende a depender do custo, e nível passado, da migração registada. Também "remessas sociais", ou ideias, comportamentos, normas, significados culturais e práticas sociais, viajam do contexto de recepção para os contextos de origem, através de redes de migrantes transnacionais - o que pode ter impactos sociais, culturais e práticos significativos, e resultar em mudanças visíveis no país, ou cidade, de partida dos migrantes (Levitt, 1998).

### 3.2.4 Laços Sociais e Laços Migrantes

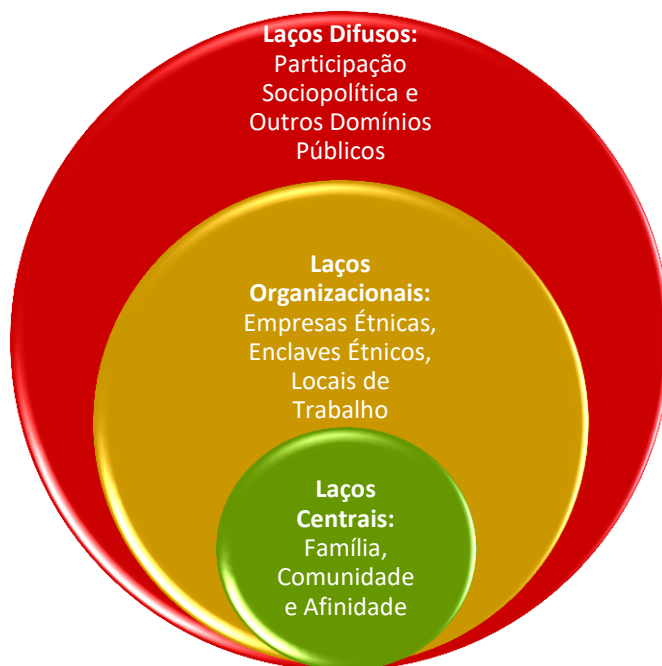
A noção de laços culturais, económicos e políticos migrantes foca a nossa atenção menos nas identidades, e mais nas relações e práticas, que estruturam as vidas

---

<sup>100</sup> Como um processo pelo qual os migrantes constroem um espaço social, interligando o seu país de partida e o seu país de acolhimento.

individuais e que podem ser directamente observadas. Esses laços serão designados por *stakes*, quando entendemos que eles ligam interesses individuais, àqueles de outras pessoas e comunidades, incluindo comunidades políticas de larga escala (Bauböck et al, 2006). Tornam-se especialmente relevantes as noções seminais de Granovetter (1973) de laços fortes e laços fracos nas redes sociais: os primeiros favorecem a coesão grupal, os últimos a distribuição de recursos. Os laços fracos estão ligados ao modo como as conexões sociais indirectas de uma pessoa se revelam canais importantes para alcançar ideias, influências e informação (Granovetter, 1973). Em muitos tipos de relações sociais, é mais provável a formação de laços entre entidades semelhantes, do que dissemelhantes.

Os laços simbólicos nas redes migrantes definem a abrangência de um grupo, criam um sentido de identidade partilhada, influenciam decisões individuais, e o seu conteúdo varia em função de variações culturais entre grupos. Pesquisadores como Massey et al., Radu, ou Granovetter, investigaram a utilidade dos laços no uso de relações interpessoais em benefício próprio (Boswell, 2008). As redes migrantes tendem a ser limitadas e específicas nos laços - os quais, além disso, mudam com o tempo. Na análise das redes migrantes, os laços são as relações entre actores, e os nódulos correspondem aos indivíduos. Na Figura 3.3, esquematizamos um enquadramento exploratório para a compreensão de redes e laços transnacionais em particular, com especificação de laços nucleares (comunidade, família e parentesco), organizacionais (enclaves ou organizações étnicas, e locais de trabalho) e difusos (participação sociopolítica, e outros domínios da esfera pública), da autoria de Sijapati (2010):



**Figura 3.3 - Enquadramento Exploratório para Compreender as Redes e Laços Transnacionais**

**Fonte: Sijapati, 2010; Adaptado pela autora, 2018**

Vemos, na Figura 3.3, que o enquadramento fornecido por Sijapati (2010) pondera três níveis (laços centrais, organizacionais e difusos) - de certo modo, correspondentes a laços mais e menos fortes, mais e menos abrangentes, na conceptualização das redes e laços transnacionais. Adicionalmente, a natureza dos laços relacionais entre actores pode dizer respeito a questões de: avaliação (exº: amizade), transferência de recursos materiais (exº: empréstimo), afiliação (exº: ser membro de um grupo ou organização), interacção comportamental (exº: troca de informação), movimento entre lugares (exº: migração), relações formais (exº: autoridade), ou biologia percebida (exº: parentesco ou descendência). Nohria (1992) relembrou, além do mais, que os laços não são fixos, mas mutáveis e evolutivos (Nohria, 1992; Wasserman e Faust, 1994; Vertovec, 2001).

Ainda no contexto das redes migrantes, importa-nos notar, para o caso dos migrantes nepaleses em apreço como para outros casos, o papel desempenhado pelos média étnicos, enquanto espaço social transnacional desterritorializado relevante, articulando laços organizacionais, laços pessoais e laços difusos, tal como concebidos por Sijapati (2010). Esse espaço facilita a comunicação entre pessoas geograficamente dispersas e a manutenção de relações entre origem e destino, o planeamento dos percursos migratórios ou a prospecção de oportunidades de trabalho e negócio; e o contacto com parentes, além da articulação de diferentes imigrações da diáspora nepalesa. Dekker e Engbersen (2012) consideraram que esses média não constituem apenas novos canais de comunicação dentro das redes migrantes. Na verdade, os média étnicos, ou média

migrantes<sup>101</sup>, transformam activamente a natureza das redes, e facilitam ou diminuem o limiar de migração, de quatro maneiras possíveis, a seguir elencadas (Dekker e Engbersen, 2012):

- 1) aumentam a possibilidade de manter laços familiares, e de amizade, fortes;
- 2) relacionam-se com laços fracos, que são relevantes ao organizar o processo de migração e de integração;
- 3) estabelecem uma nova infraestrutura, consistindo em laços latentes;
- 4) e oferecem uma fonte rica de conhecimento "vindo de dentro", sobre o processo de migração, que é discreta e não-oficial.

Repare-se que Dekker e Engbersen (2012) mencionam a estrutura de laços latentes proporcionada aos migrantes pelos média étnicos - laços disponíveis em potência e a serem activados, conforme as necessidades dos indivíduos.

Enfim, os laços migrantes e redes migrantes relacionam-se com as temáticas da igualdade e desigualdade, e com os modos de incorporação migrante, no quadro do fenómeno migratório. Alguns investigadores fazem notar que a tendência a centrarmos em correntes homogéneas de migrantes pode obscurecer o facto de que os migrantes têm de negociar complexas redes de dependência e reciprocidade; por vezes, elas são tão restritivas quanto facilitadoras, com indivíduos que dispõem de recursos abundantes, como os seus empregadores (Black et al., 2006). Para outros, as migrações não equilibrariam o fosso económico entre ricos e pobres, ao contrário das previsões das teorias económicas neoclássicas: de facto, estes encaram as desigualdades como, simultaneamente, causa e efeito dos movimentos migratórios (Lipton, 1977). Therborn (2006), ao estudar os mecanismos de desigualdade e igualdade, pode ter-nos fornecido pistas importantes para investigar o processo pelo qual as diferenças de uma determinada imigração se constituem socialmente como desigualdades<sup>102</sup>. Segundo Scott (2009):

---

<sup>101</sup> Noção mais abrangente, menos restritiva e talvez preferível, no nosso entender - porque sem conotação a grupos étnicos específicos, ou a coétnicos no sentido alargado (conacionais).

<sup>102</sup> A este propósito, e lateralmente, pondere-se que a tipificação de Tilly (2005) - conceptualiza as desigualdades categoriais, em quatro modalidades: 1) encontro (formas simbólicas de categorização recíproca); 2) imposição; 3) negociação; 4) transferência (de categorias, fronteiras e relacionamentos - de certos contextos e grupos, para outros) - poderá encontrar paralelismos e transferir consequências para as dimensões políticas de integração, assimilação, multiculturalismo ou "integração pela assimilação" das respectivas imigrações nos países de destino, em função da prevalência de uma ou de outra modalidade de desigualdade (Tilly, 2005). Para Scott (2009): «A noção de assimilação segmentada encaixa bem com o trabalho seminal de Portes e seus associados, sobre os modos de incorporação migrante (Portes e Böröcz, 1989; Portes e Rumbaut, 2006).».

«O tipo de assimilação experimentada pela segunda geração depende do capital social e humano, da estrutura familiar e do modo de incorporação da geração imigrante (Portes, Fernández-Kelly e Haller, 2005: 1011). Portes et al., argumentando que existem diferentes tipos e vias para a assimilação, rejeitam a assumpção (da teoria clássica da assimilação) de um caminho para a assimilação unificado e irreversível. De acordo com Portes e Zhou (1993: 82), há três padrões de adaptação para os imigrantes e seus filhos: "Um deles é a aculturação crescente com integração paralela na classe-média branca; um segundo, vai na direcção oposta da pobreza permanente, com assimilação entre os desfavorecidos; e um terceiro, associa rápido sucesso económico com a preservação deliberada dos valores da comunidade imigrante e de uma solidariedade confinada".» (Scott, 2009: 46)

Quanto à pesquisa futura sobre redes migrantes, a maior parte da investigação empírica desenvolvida continua a ser correlacional, apesar da natureza omnipresente e universal dos efeitos de rede no fenómeno migratório. Muitos estudos usam dados de sondagens para demonstrar os efeitos positivos da migração anterior, na tendência futura à migração, mas não conseguem observar, de modo directo, os processos e decisões subjacentes (Garip e Asad, 2015). Isto levanta dois tipos de problemas: por um lado, supõe-se que os efeitos das redes sobre as escolhas migratórias do indivíduo são necessariamente "sociais" (e não mais abrangentes, ou de outra qualidade e natureza, como "económicos"); e, por outro, as pesquisas realizadas tendem a discordar sobre o carácter dos mecanismos que subjazem a essas escolhas migratórias. As pesquisas futuras poderão vir a desenvolver uma análise causal de cariz estatístico e econométrico para endereçar o primeiro problema ou, possivelmente, e de modo a lidar com o segundo problema, basear-se nas tentativas recentes para estudar de forma sistemática os mecanismos de reprodução social nas redes (Garip e Asad, 2015). Investigações futuras, neste âmbito, poderão vir a considerar mecanismos alternativos, que orientem os efeitos de rede na migração, e a analisar o modo como as redes se desenvolvem através do tempo (discriminando interacções com sujeitos nativos no ambiente de destino, e relações ou laços, mantidos pelos migrantes com o contexto de origem).

Sinteticamente, neste Capítulo 3, começámos por abordar tópicos relacionados com as redes sociais e o capital social (3.1), para prosseguirmos com uma análise às redes migrantes (3.2). A título conclusivo, poderemos guardar as seguintes reflexões:

a) as redes sociais são representações de relações sociais (com maior ou menor força na ligação, e envolvendo um leque, maior ou menor, de actores), enquanto o capital social procede da rede de relações do indivíduo, e é o agregado de expectativas, recursos reais ou potenciais facilitados por essa rede, mas também poderá constranger

liberdades individuais (Bordieu, 1983; Portes, 1998). O capital social de ligação está contextualizado numa rede de laços fortes, e o capital social de ponte contextualiza-se numa rede de laços fracos (Granovetter, 1973; Putnam, 2000);

b) as redes migrantes são conjuntos de laços interpessoais que ligam migrantes, antigos migrantes e não-migrantes, em áreas de origem e destino, e que são úteis aos migrantes como estratégias de diversificação do risco (Massey, 1988; Massey et al., 1998) - a "migração cumulativamente causada" faz-se através de redes, que reduzem o risco económico associado à migração, para os migrantes;

c) as redes migrantes relacionam-se com as trajectórias migratórias, porque as redes fortalecem a independência dos fluxos migratórios e a probabilidade de migração aumenta, se existirem relações entre migrantes no contexto de recepção e não-migrantes no contexto de partida (Koser, 1997);

d) as redes migrantes relacionam-se com a adaptação no destino, porque podem facilitá-la de múltiplas formas, e migrantes em situação precária ou não-documentados parecem beneficiar ainda mais dos recursos proporcionados pelas redes migrantes;

e) as redes relacionam-se com os recursos, actividades migrantes e economia étnica, na medida em que a criação de economias étnicas no destino encontra-se frequentemente relacionada com a constituição e funcionamento de redes migrantes de tipo transnacional;

f) as redes e laços transnacionais podem ser compreendidos pela análise de três níveis de laços (laços centrais, laços organizacionais, laços difusos), que constituem as redes transnacionais dos migrantes (Sijapati, 2010).

Aqui terminamos as notas, a nosso ver, mais necessárias a respeito das relações entre redes migrantes e trajectórias migratórias, adaptação no ambiente de recepção, actividades migrantes e economia étnica, laços sociais e laços migrantes. Adiante, nos Capítulos 6 e 7, procuraremos aplicar estas considerações directamente aos nossos dados empíricos, concernentes às redes migrantes dos nossos entrevistados. Foi em função dos três grandes eixos expostos nos Capítulos 2 e 3 (transnacionalismo, capital social, redes migrantes) que orientámos a nossa pesquisa, no sentido de indagar modelos de transnacionalismo com origem nas duas amostras (de trabalhadores e empresários) da imigração nepalesa investigadas, bem como o modo pelo qual esses modelos de transnacionalismo se reflectem nas relações entre ambas, e são influenciados pelos contextos de recepção.



## Capítulo 4: Metodologia

### 4.1 Abordagem à Investigação

A nossa abordagem à investigação partiu de indagações a respeito do estudo de outras imigrações sul-asiáticas em Lisboa, nomeadamente de aspectos ligados ao empreendedorismo e inserção económica, e de um contacto prévio com a imigração nepalesa (bem como estudos sobre ela) no Reino Unido. Em particular, partimos da constatação de que existiria uma lacuna na literatura sobre imigração sul-asiática em Portugal, respeitante aos modos de inserção económica em Lisboa da recente imigração nepalesa, suas iniciativas empreendedoras e processos de transnacionalismo associados.

Genericamente, começámos por partir de duas abordagens temáticas distintas possíveis: uma caracterização das identidades-cultura, ou uma caracterização das práticas económicas da imigração nepalesa. Ou seja, tivemos que decidir entre duas temáticas: uma abordagem com vista a uma caracterização sobretudo identitário-culturalista e qualitativa da imigração nepalesa em Lisboa (de teor mais etnográfico, imersivo e descritivo), ou uma outra abordagem, que privilegiasse as práticas económicas, ou situada no interface entre questionamentos típicos da sociologia das migrações e da sociologia económica (contudo, esta última abordagem também poderá ser etnográfica). Acabámos por optar pela segunda via de análise. Ela pretendia, em particular, delinear um retrato sociográfico aproximado da imigração nepalesa em Lisboa, e ponderar aspectos de transnacionalismo económico e empresarialismo nepalês na cidade, aferindo a importância das redes coétnicas transnacionais nas actividades económicas nepalesas da capital, e detalhando as estratégias de negócio e inserção no mercado de trabalho preferenciais, adoptadas pelos imigrantes nepaleses estudados. Além de pesquisarmos tipos de transnacionalismo, quisemos testar um modelo para o empresarialismo migrante que ponderasse, debatesse e elucidasse o papel dos recursos étnicos, para lá das dimensões respeitantes às oportunidades comunitárias, oportunidades estruturais e recursos pessoais, nas iniciativas de negócio.

### 4.2 Pergunta de Partida e Perguntas-Chave da Pesquisa

A pergunta de partida que nos guiou poderá ser formulada do seguinte modo:

Quais são as características gerais da recente imigração nepalesa para Portugal (motivações, trajectos e perfis), e qual é a importância das redes coétnicas transnacionais nepalesas no empresarialismo nepalês registado em Lisboa?

Com base nesta pergunta de partida, afinámos, progressivamente, o foco da nossa indagação e formulámos, mais detalhadamente, as perguntas-chave da pesquisa, as quais sumarizamos deste modo:

1) Quais são os factores determinantes da iniciativa empresarial e das estratégias de negócio preferenciais, adoptadas pela imigração nepalesa em Portugal - em particular, na cidade de Lisboa?

2) Qual é o papel específico, e a relevância, das redes coétnicas transnacionais, quando estudamos o empresarialismo, e a inserção no mercado de trabalho, da imigração nepalesa em Lisboa?

3) Como poderemos descrever, em concreto, as características e modos de funcionamento das redes coétnicas transnacionais, das quais a imigração nepalesa em Lisboa participa? Haverá reconstrução ou reprodução dos grupos étnicos nepaleses na imigração nepalesa em Lisboa?

4) Como poderemos caracterizar as empresas nepalesas actuando em Lisboa?

5) Quais são as características gerais e os perfis, dos empresários e trabalhadores nepaleses imigrantes em Lisboa? Que diferenças e semelhanças encontraremos entre uns e outros? Haverá selectividade no acesso à propriedade e ao empresarialismo entre os nepaleses (exº: tenderão os empresários a ser de casta mais elevada ou mais qualificados)?

6) Como poderemos caracterizar os fluxos financeiros e as trocas de capital, produtos, serviços, mão-de-obra e outros recursos, que ocorrem entre as empresas de imigrantes nepaleses em Lisboa e o Nepal? E entre as empresas de imigrantes nepaleses em Lisboa e outros países europeus?

7) A que formas de financiamento e investimento preferenciais recorrem os empresários nepaleses em Lisboa?

8) Poderemos falar de "economia étnica", a propósito das actividades de negócio dos imigrantes (trabalhadores e empresários) nepaleses em Lisboa? Como justificaremos, então, o uso dessa designação?

9) De que formas a imigração nepalesa em Lisboa participa na ajuda ao desenvolvimento do Nepal (país de origem), e com que objectivos concretos?

10) Com que frequência os trabalhadores nepaleses em Lisboa recebem e enviam remessas, produtos e serviços - para/do Nepal, e para/da Europa?

11) Como poderemos comparar a imigração nepalesa em Lisboa com a imigração de outros sul-asiáticos em Lisboa, e também com as imigrações de outros nepaleses e sul-

asiáticos, estudadas noutras cidades, da Europa e do mundo? E como poderemos comparar o empresarialismo e o funcionamento das redes coétnicas transnacionais entre imigrações sul-asiáticas, presentes na cidade de Lisboa?

De modo a operacionalizar algumas destas perguntas de partida, formulámos um conjunto de hipóteses de trabalho, que auxiliaram e delimitaram a pesquisa.

### **4.3 Hipóteses de Trabalho**

As hipóteses de trabalho podem sintetizar-se da seguinte forma:

1) Os factores determinantes da iniciativa empresarial e das estratégias de negócio, preferencialmente adoptadas pela imigração nepalesa em Lisboa, são: o recurso a conacionais no recrutamento, colaboração e financiamento dos negócios, os maiores níveis educativos e as castas mais elevadas tendenciais dos empresários nepaleses, o suporte fornecido por redes de negócios coétnicas intraeuropeias, e a manutenção de ligações privilegiadas à origem. As empresas nepalesas actuando em Lisboa têm como supervisores, financiadores, trabalhadores, clientes e fornecedores, sobretudo outros nepaleses. Os empresários nepaleses em Lisboa recorrem, preferencialmente, a formas de financiamento e investimento informais, via outros coétnicos; ou ainda formais, noutros países europeus. Os fluxos financeiros e as trocas de capital, produtos, serviços, mão-de-obra e outros recursos, entre as empresas de imigrantes nepaleses em Lisboa e outros países europeus, são: intensos, essenciais à sobrevivência dos negócios, e maiores do que com o Nepal (pela distância geográfica e pelas especificidades comerciais do país de origem);

2) Os trabalhadores nepaleses entrevistados diferem dos empresários nepaleses estudados a diversos níveis, entre os quais: nas suas características sociodemográficas (idades e sexos, estados civis, grupo étnicos predominantes, castas, trajectos migratórios, qualificações, tempos de permanência em Portugal), na tendência à remigração e no seu estatuto legal, bem como nos modos de entender e comunicar relações e conflitos (quer dentro da imigração nepalesa em Lisboa, quer com a sociedade portuguesa em geral). Os trabalhadores nepaleses em Lisboa recebem e enviam remessas, produtos e serviços, com muita frequência - para/do Nepal, e para/da Europa;

3) As redes étnicas têm uma função-chave ao nível do financiamento, investimento, fornecimento e das relações de troca ou parcerias, estabelecidas pelos empresários. As redes coétnicas transnacionais, no âmbito do empresarialismo nepalês em Lisboa, têm

um papel de financiamento e fornecimento dos negócios, mas possuem também a capacidade de fazer circular capital humano e mão-de-obra, entre países europeus, e entre o Nepal e Lisboa. As redes coétnicas transnacionais, das quais a imigração nepalesa em Lisboa participa, têm como características definidoras a sua expansão global e a posse de recursos, e de um grau de formalização e articulação transfronteiriça, variáveis, de grupo étnico para grupo étnico nepalês; mas os seus modos de funcionamento revelam também uma articulação conacional de cariz supraétnico (ou coétnica no sentido alargado) e mais homogénea. Verifica-se reconstrução dos grupos étnicos nepaleses na imigração nepalesa em Lisboa - medida através da diversidade étnica dos imigrantes e do número/variedade de associações, destinadas a celebrar o orgulho cultural de cada grupo étnico;

4) Podemos falar de "economia étnica", ou de várias economias étnicas paralelas e convergentes, a propósito das actividades de negócio dos imigrantes nepaleses em Lisboa (sobretudo dos empresários) - designação justificada pelas características próprias das actividades produtivas e do empresariado registados: factores de financiamento, fornecimento, recrutamento, funcionamento e clientela dos negócios. Os empresários nepaleses em Lisboa empregam, principalmente, outros coétnicos (nos sentidos estrito e alargado<sup>103</sup>) nos seus negócios e têm fornecedores, financiadores, investidores e clientes finais maioritariamente coétnicos (nos sentidos estrito e alargado), igualmente. Já os trabalhadores nepaleses em Lisboa, têm por patrões, supervisores e colegas, preferencialmente outros coétnicos (nos sentidos estrito e alargado);

5) O transnacionalismo económico, social e político desempenha um papel relevante, no conjunto dos negócios desenvolvidos em Lisboa;

6) A imigração nepalesa em Lisboa participa na ajuda ao desenvolvimento do Nepal, por vias diversas: pelo envio de remessas e de capital via fluxos financeiros, como através da participação cívica, da representação política, ou via ONGs e projectos sociais, pela contratação de mão-de-obra, ou por meio da incorporação de modos de fazer e hábitos culturais europeus, na origem (remessas económicas e remessas sociais). Os objectivos dessa ajuda ao Nepal variam entre oportunidades de expansão económica, *marketing* e vantagens fiscais, a filantropia, um desejo de maior influência política e reconhecimento dos emigrantes, o ganho ou confirmação de um estatuto (exº: associado

---

<sup>103</sup> Coétnicos, no sentido estrito, são indivíduos pertencentes ao mesmo grupo étnico; e coétnicos, no sentido alargado, são indivíduos conacionais (nepaleses).

às obrigações de casta), e o desejo de desenvolvimento geral do país de origem. A imigração nepalesa em Lisboa partilha com outras imigrações nepalesas no mundo essas preocupações de ajuda e um sentido de obrigação em relação à origem;

7) A imigração nepalesa em Lisboa tem pontos em comum com outras imigrações sul-asiáticas na cidade (mas também algumas características próprias). Entre as diversas imigrações sul-asiáticas presentes na cidade, as formas de empresarialismo e o funcionamento das redes coétnicas transnacionais divergem, em qualidade e intensidade;

8) Porém, a imigração nepalesa em Lisboa expressa semelhanças, designadamente, com outras imigrações nepalesas na Europa e no mundo (embora se pareça mais, na sua estrutura e modo de funcionamento, com certas imigrações nepalesas, do que com outras). Ela partilha algumas características com outras imigrações nepalesas na Europa e está a elas ligada, bem como ao país de origem, por redes de natureza familiar, étnica, comunitária, de negócios, de amizade e políticas.

Formuladas estas hipóteses de trabalho, pudemos planear os passos, estratégia e desenho da pesquisa, com maior detalhe e rigor.

## **4.4 Passos, Estratégia e Design de Pesquisa**

### **4.4.1 Passos**

Os passos por nós seguidos, no decurso da investigação, para a qual escolhemos uma abordagem interpretativa e entrevistas semi-directivas em Lisboa, foram os seguintes:

- A) Planificação geral da pesquisa;
- B) Contactos, no terreno, com a imigração nepalesa em Lisboa;
- C) Observação participante (diários de campo), revisão bibliográfica e análise documental, complementadas pela recolha de dados secundários;
- D) Quatro entrevistas exploratórias e revisão da planificação geral da pesquisa;
- E) Formulação de guiões de entrevista específicos e diferenciados, para empresários e trabalhadores nepaleses em Lisboa;
- F) Realização de seis entrevistas-piloto, a empresários e a trabalhadores nepaleses em Lisboa;
- G) Reformulação dos guiões de entrevista;
- H) Revisão da planificação da pesquisa e revisão bibliográfica/documental, recolha de dados secundários adicionais;
- I) Realização de entrevistas, de 1 hora, com 36 empresários nepaleses em Lisboa;

- J) Transcrição das entrevistas aos 36 empresários nepaleses, e sua codificação;
- K) Realização de entrevistas, de 1 hora, com 30 trabalhadores nepaleses em Lisboa;
- L) Transcrição das entrevistas aos 30 trabalhadores nepaleses, e sua codificação;
- M) Construção de grelhas de análise, para as entrevistas a empresários e trabalhadores; análise de indicadores, cruzamento de variáveis, e construção de categorias agregadas para os resultados brutos obtidos;
- N) Análise qualitativa e quantitativa dos resultados das entrevistas;
- O) Interpretação dos resultados;
- P) Comparação e agregação da totalidade dos dados recolhidos: na revisão bibliográfica e análise documental, na observação participante e nas entrevistas;
- Q) Comparação dos resultados obtidos com dados de pesquisas respeitantes a outras imigrações sul-asiáticas em Lisboa, e na Europa;
- R) Conclusões a partir dos resultados, e sua verificação;
- S) Implicações da pesquisa e vias de indagação futuras.

#### 4.4.2 Estratégia de Pesquisa

A estratégia de pesquisa adoptada foi qualitativa e quantitativa (Krathwhol, 2004; Bryman, 2015), e o paradigma escolhido foi interpretativo<sup>104</sup> - embora com algumas influências baseadas na teoria crítica associada à escola de Frankfurt<sup>105</sup> e ao pensamento de Habermas<sup>106</sup> (nomeadamente, à sua utopia de uma "situação discursiva ideal": onde todos têm acesso à informação e ao debate público). A teoria crítica em sociologia pode, no entanto, ser acusada de reducionismo socio-histórico, retirando-se para o domínio do meramente filosófico (Honneth, 1987). Assim, a nossa escolha teve que ver com o facto de o paradigma interpretativo abrir a janela do relativismo cultural, e compreender cada cultura nos seus próprios termos, considerando a realidade como socialmente construída e múltipla, tendo por objectivos a compreensão e o estabelecimento de predições fracas (Pizam e Mansfeld, 2006). Entre as assumpções subjacentes ao interpretativismo, contam-se, ainda, as seguintes: a) considera o significado e a acção como objectos

<sup>104</sup> Cf. Weber (1904-17), Schutz (1932), Gadamer (1960), Wilson (1970), Giddens (1984), Winch (1970, 1990). Apesar de o paradigma interpretativo enquadrar abordagens que podem ir, mais ou menos, além da própria interpretação do actor, e que podem ver a interpretação como, mais ou menos, problemática: desde o interaccionismo simbólico e a sociologia Weberiana (o significado é interpretado a um nível de senso-comum), até ao estruturalismo, à sociologia fenomenológica, à hermenêutica e à etnometodologia.

<sup>105</sup> Cf. Adorno (1950), Horkheimer (1937, 1972), Marcuse (1955), Löwenthal (1926-68) ou Fromm (1922-79) e Held (1980). Partindo do princípio de que uma sociedade que exclua grupos imigrantes da participação económica ou política *mainstream* é uma sociedade, em certa medida, "irracional".

<sup>106</sup> Cf. *Knowledge and Human Interests* (1968), *Legitimation Crisis* (1973) e *Communication and the Evolution of Society* (1976).

primordiais da sociologia; b) o foco de interesse situa-se naquilo que é específico, único e desviante; c) o conhecimento gerado é relativo (ao tempo, contexto, cultura, valor associado); d) baseia-se em significados; e) a relação sujeito/investigador é interactiva, participativa, cooperativa; e f) a informação desejada centra-se naquilo que os indivíduos pensam e fazem, no tipo de problemas com que são confrontados e nas formas de lidar com eles (Pizam e Mansfeld, 2006). Já a teoria crítica, encara a realidade como interactiva, comparticipada e histórica, e coloca ênfase na relação dialéctica entre teoria e prática, emergindo as suas construções teóricas de forma cooperativa, e sendo a recolha de dados feita em co-gestão. O Quadro XXIV (Anexo 2) sintetiza, em termos metodológicos, as diferenças fundamentais entre interpretativismo, paradigma crítico e positivismo<sup>107</sup>.

Seleccionado o paradigma com os critérios mais apropriados e um sistema descritivo de registo de observações (Evertson e Green, 1986: 169-171; Lessard-Hebert et al., 1990: 144-145), procedemos a um afunilamento progressivo do objecto da pesquisa, focando-nos, concretamente, em questões ligadas ao empresarialismo da imigração nepalesa em Lisboa. Após pesquisa bibliográfica orientada e documental (incluindo notícias nos média sobre imigração nepalesa em Portugal), recolha de dados secundários (junto de fontes como INE, SEF, ACIDI/ACM, MAI, OCDE, Censos em Portugal e no Nepal, CBS-Nepal, CNSUK-Reino Unido, COMPAS-Reino Unido, Banco Mundial, ou EUROSTAT<sup>108</sup>), e trabalho etnográfico desenvolvido nos bairros lisboetas com mais imigração nepalesa, foram delineados os primeiros guiões de entrevista, e realizadas entrevistas exploratórias. Afinados os guiões e feitas as entrevistas-piloto, começámos por efectuar as entrevistas semi-estruturadas definitivas, de uma hora, a 36 empresários nepaleses em Lisboa, sua transcrição e codificação. Prosseguimos com 30 entrevistas semi-estruturadas, de uma hora, a trabalhadores nepaleses. Após transcrição e codificação destas últimas, houve análise indutiva e dedutiva dos indicadores recolhidos, cruzamento de variáveis, análise de dimensões, e alguma pesquisa de correlações. Por fim, procedeu-se à interpretação de resultados e verificaram-se as conclusões retiradas. Os dados recolhidos permitiram apresentar um modelo próprio para o empresarialismo nepalês em Lisboa, que ponderasse os recursos étnicos

<sup>107</sup> Vemos que o positivismo, por seu turno, é empírico-analítico, objectivista e racionalista, vê a teoria como norma para a prática, é interventivo, hipotético-dedutivo e gera conhecimento baseado em leis nomotéticas.

<sup>108</sup> Vide Glossário, para siglas concretas.



envolvidos na criação e desenvolvimento dos negócios nepaleses, e igualmente para as redes sociais migrantes envolvidas.

#### 4.4.3 Design de Pesquisa

Tivemos em conta a complementaridade de métodos no desenho da pesquisa, tendo realizado:

➤ Pesquisa bibliográfica e documental. Sobre questões de sociologia económica, migrações e transnacionalismo, e sobre outras imigrações sul-asiáticas e nepalesas, na Europa e no mundo; recolha de notícias nos média, em Portugal e no Nepal, por meio de pesquisa arquivística e *online*<sup>109</sup>, relacionadas com a imigração nepalesa em Portugal; assim como recolha de relatórios sobre imigrações, produzidos por entidades estatais, e dados secundários (estatísticos).

➤ Observação participante e diários de campo. A observação participante foi *activa*, no sentido de Evertson e Green (1986), com registo dos dados *após* o período de observação, e não *passiva/durante* a observação, excepto nos casos das fotos e vídeos, realizados em eventos comunitários (Lessard-Hebert et al., 1990: 151).

➤ Entrevistas exploratórias (quatro): com dois trabalhadores e dois empresários nepaleses em Lisboa.

➤ Entrevistas-piloto (seis): com três trabalhadores e três empresários nepaleses em Lisboa.

➤ Entrevistas individuais, presenciais e semi-directivas, de uma hora, com 36 empresários e 30 trabalhadores nepaleses em Lisboa (realizadas em inglês, e com consentimento informado). Todas as entrevistas tiveram duração média de uma hora, e foram realizadas até à saturação dos dados recolhidos - parámos de colocar questões quando conseguimos entrevistar, tanto grandes, quanto pequenos empresários, e as informações recolhidas se repetiam; ou quando conseguimos entrevistar um número equivalente de mulheres e homens trabalhadores, em Lisboa. E quando sentimos que os dados fornecidos pelos entrevistados eram redundantes, ou já não acrescentavam informações novas relevantes, ao nosso estudo. As entrevistas também servem para

<sup>109</sup> Além de existirem muitos jornais *online* da diáspora nepalesa, publicados em inglês ou nepalês e com sedes em vários países da Europa, foi-nos possível pesquisar as publicações diárias dos principais jornais nepaleses, na sua versão *online*, em versões inglesas, ou com *software* e *browsers* de tradução automática a partir do nepalês. São exemplos o *NepaliPatra*, *The Kathmandu Post*, *Kathmandu Tribune*, *Nepali Times*, *The Himalayan Times*, *Kantipur*, *Annapurna Post*, *Republica*, entre outros. Para publicações portuguesas, consultámos a Hemeroteca e arquivos digitais online, construindo pastas em Mendeley com os dados recolhidos.



contrariar alguns enviesamentos da observação participante, como o maior ou menor etnocentrismo do observador (Werner e Schoepfle, 1987: 78, cit. por Lessard-Hebert et al., 1990: 155).

➤ A amostragem foi não-probabilística, usando o sistema bola-de-neve. As amostras de empresários e trabalhadores nepaleses utilizadas foram amostras por conveniência, aproximadas (não eram representativas, porque não eram aleatórias), onde os primeiros entrevistados indicavam outros imigrantes a serem ouvidos. Apesar disso, foram amostras diversificadas em termos étnico-linguísticos, religiosos, nas origens geográficas-regionais dos entrevistados, no número de anos vividos em Portugal (desde 1, até 24 anos), nos estados civis e idades (indivíduos de nacionalidade nepalesa, com mais de 18 anos e menos de 65 anos), nos níveis educativos (desde o ensino secundário incompleto até ao pós-doutoramento, embora com sobrerrepresentação de trabalhadores e empresários nepaleses que frequentaram a universidade, ou cursos técnico-profissionais de nível superior); nos sectores de actividade (embora com clara prevalência do sector terciário), e nas trajetórias migratórias seguidas (desde sujeitos vindos directamente do Nepal; até outros, vindos dos países do Golfo Pérsico; ou de certos países na Europa, onde haviam morado anteriormente). A amostra de trabalhadores nepaleses foi equitativa, em termos de distribuição por sexos, o que não sucedeu com a amostra de empresários nepaleses (onde, em 36 entrevistados, só três eram mulheres). Isto deveu-se a uma certa dificuldade em encontrar mulheres nepalesas empreendedoras em Lisboa - a maior parte das mulheres imigrantes exerciam empregos subordinados, sendo que as empresárias estavam, comparativamente, há mais tempo em Portugal, eram fluentes em português, possuíam boas redes de suporte, eram mais qualificadas, e tinham estabelecido família nuclear no país. A amostragem não-probabilística por conveniência tem algumas vantagens, e desvantagens: mesmo não permitindo fazer inferências para a população (devido às fontes de possível enviesamento e à sua não-representatividade para a população), as unidades amostrais são, em geral, acessíveis e cooperantes, além de que ela consome menos tempo e é menos dispendiosa.

➤ Gravação, reprodução e transcrição das entrevistas, com tradução simultânea inglês-português.

➤ Codificação dos dados, seguindo o enquadramento analítico previamente delineado: características sociodemográficas gerais de trabalhadores e empresários entrevistados, fontes de financiamento, investimento, fornecedores e clientes dos

empresários, condições de trabalho e ambiente de trabalho dos trabalhadores, colegas e supervisores dos trabalhadores, modos de recrutamento dos empresários, trajectos migratórios de empresários e trabalhadores, sectores de actividade de empresários e trabalhadores, redes de sociabilidade de empresários e trabalhadores, relações de género e adaptação no destino dos trabalhadores, relações com o Nepal e com outros países europeus dos empresários e trabalhadores, e ajuda ao desenvolvimento do Nepal pelos empresários.

➤ A análise de conteúdo foi auxiliada com recurso a *software* MAXQDA - Versão 2018. O método das entrevistas foi complementado pelo uso de *software*, para análise qualitativa e quantitativa, das características dos entrevistados e conteúdo geral das entrevistas (códigos, temas, dimensões, categorias, variáveis, e estatísticas em análise).

## **4.5 Descrição Detalhada da Metodologia**

Uma descrição, mais detalhada, da metodologia utilizada inclui indicadores investigados, etapas de pesquisa e instrumentos empregues (compreendendo defesa e crítica destes últimos).

### **4.5.1 Indicadores a Pesquisar**

Os indicadores a pesquisar foram determinados a partir dos conceitos centrais em estudo, e informaram a elaboração dos guiões das entrevistas.

- No caso dos empresários nepaleses, os principais indicadores considerados, foram:

1) Para o conceito de economia étnica: avaliámos os indicadores agregados sob o conceito recrutamento (critérios e destino final do recrutamento, quem fazia esse recrutamento e onde, com que frequência, que pessoas recrutavam e porquê), indicadores relativos aos conceitos de sócios/co-investidores (critérios para estabelecer relações de negócio, contactos pessoais, envio ou recepção de mão-de-obra, bens de consumo ou serviços, parceiros, fornecedores e articulações com outras empresas, em Portugal, na Europa e no mundo), financiadores (financiamento para iniciar os negócios e financiamento adicional, empréstimos formais e informais, envio de capital via fluxos financeiros, investimentos e co-empresendadores), clientes (quem eram) e colegas/supervisores dos trabalhadores destes empresários (quem eram).

2) Para o conceito de transnacionalismo: ponderámos a dimensão económica e, em menor grau, as dimensões política, cultural e social. Na dimensão económica, investigámos indicadores como: saber se o empresário enviava/recebia capital via fluxos financeiros para/do Nepal, ou para/de outros países da Europa; o facto de já ter

recorrido a empréstimos formais em Portugal, no Nepal ou noutros países; ter investimentos no Nepal ou noutros países (género e tipo de capital investido); o envio e recepção de mão-de-obra, bens de consumo, ou outros serviços, para/do Nepal, ou para/de outros países na Europa; ter parceiros, fornecedores e/ou articulações com outras empresas na Europa, ou noutras partes do mundo (onde e de que tipo); e ter clientes no Nepal/noutros países, ou trabalhar com empresas que tivessem. Na dimensão política, analisámos os indicadores: participação activa em grupos ou partidos políticos nepaleses presentes em Lisboa e na Europa (frequência das reuniões, locais, objectivos); e manutenção, pelo empresário, de participação política e cívica activa, no Nepal e em Portugal, ou noutros países (como/por que formas). Na dimensão cultural, ponderámos os indicadores: tipo de relações mantidas pelo empresário com o Nepal; saber se o empresário participava activamente na ajuda ao desenvolvimento do Nepal (e como); e a participação do empresário em redes coétnicas ou organizações comunitárias nepalesas, presentes na Europa. Na dimensão social, pesquisámos indicadores, tais como: ter vivido ou trabalhado noutros países da Europa antes de Portugal; participação activa em organizações comunitárias nepalesas presentes em Lisboa e na Europa (frequência das reuniões, locais, objectivos); ser membro de alguma ONG (missão, sede, financiamento); promoção de ajuda ao desenvolvimento do Nepal; laços pessoais e de negócios mantidos com o Nepal, ou com outros países europeus.

3) Para o conceito de empresarialismo: examinámos indicadores como o(s) sector(es) de actividade do empresário e o número total de empregados nas suas empresas; além de indicadores agregados sob os conceitos de recrutamento, *business relations*, financiamento e investimentos.

4) Para o conceito de recrutamento: ponderámos os indicadores ligados aos principais critérios de recrutamento (confiança, lealdade, competência, amizade, qualificações, laços de família, laços étnicos ou laços corregionais); recrutamentos também para trabalhar fora da região de Lisboa; quem fazia os recrutamentos (onde e com que frequência); e que pessoas eram recrutadas para as empresas do empresário, e porquê (M/F, nepalês/outros, grupo étnico, qualificações, idades, regiões de origem).

5) Para o conceito de *business relations*: avaliámos indicadores como os principais critérios utilizados pelo empresário para estabelecer relações de negócio; a existência de contactos pessoais que facilitassem negócios (e de que tipo); o envio e recepção de mão-de-obra, bens de consumo, ou outros serviços, para/do Nepal e para/de outros países da

Europa; e o empresário ter parceiros, fornecedores e/ou articulações com outras empresas na Europa, ou noutras partes do mundo (onde e de que tipos);

6) Para o conceito de financiamento: pesquisámos indicadores como saber de que modo o empresário obteve financiamento para iniciar o(s) seu(s) negócio(s); saber a quem recorria quando precisava de financiamento adicional para este negócio ou outros (vias formais ou informais, coétnicos, familiares, redes de sociabilidade); saber se o empresário recorria, ou já tinha recorrido, a empréstimos formais em Portugal, no Nepal ou noutros países; saber se o empresário enviava/recebia capital via fluxos financeiros para/do Nepal ou para/de outros países da Europa; e saber se o empresário era membro de alguma ONG (missão, sede, financiamento).

7) Para o conceito de investimentos: ponderámos os indicadores ter investimentos na Europa, ou noutros países do mundo (onde, e quem eram os sócios nesses investimentos); saber como o empresário investia o seu capital (onde e com que objectivos); saber se o empresário tinha investimentos no Nepal (de que género, e tipo de capital investido); e saber se o empresário tinha clientes no Nepal ou noutros países, ou se trabalhava com empresas que os tivessem.

8) Para o conceito de trocas internacionais: avaliámos indicadores como as importações e exportações de bens, produtos, mão-de-obra e serviços (modos de pagamento e transporte); fluxos financeiros, de conhecimento e recursos humanos promovidos pelos empresários, através das fronteiras entre países; assim como o facto de os empresários terem clientes e parceiros noutros países.

- No caso dos trabalhadores nepaleses, os indicadores pesquisados a partir dos principais conceitos em análise, foram:

1) Para o conceito de transnacionalismo: ponderámos as dimensões económica, política, cultural e social. Na dimensão económica, investigámos indicadores como: relações, percebidas pelos trabalhadores, das organizações e empresas em Lisboa com a imigração nepalesa em Portugal, com o Nepal e com outras imigrações e empresas nepalesas na Europa; importação de produtos, serviços ou transferências financeiras de outros países (regularidade e por que formas); e envio/recepção de produtos, serviços, transferências financeiras ou remessas de/para outros países (regularidade e por que formas). Na dimensão política, analisámos os indicadores: participação activa em grupos ou partidos políticos nepaleses, presentes em Lisboa e na Europa (frequência das reuniões, locais, objectivos); e manutenção de participação política e cívica activa, no Nepal e em Portugal, ou noutros países (como/por que formas). Na dimensão cultural,

ponderámos os indicadores: participação dos trabalhadores em redes coétnicas nepalesas presentes na Europa; opinião pessoal sobre o papel desempenhado pela emigração nepalesa e empresas nepalesas noutros países; e ainda, opinião pessoal sobre a valorização do contributo dos emigrantes nepaleses, pelas instituições e pessoas no Nepal. Na dimensão social, pesquisámos indicadores, tais como: ter vivido ou trabalhado noutros países europeus antes de Portugal (quais); ter participação activa em organizações comunitárias nepalesas presentes em Lisboa e na Europa (frequência das reuniões, locais, objectivos); e importância pessoal de manter laços com indivíduos noutros países, incluindo no Nepal.

2) Para o conceito de condições de trabalho: analisámos os indicadores condições salariais; ambientes de trabalho; profissões; sectores de actividade; trabalhos contínuos ou sazonais; primeiros empregos em Portugal; regalias (prémios e férias); contratos de trabalho; e posse de números de segurança social.

3) Para o conceito de co-trabalhadores: ponderámos os indicadores associados aos colegas de trabalho, supervisores e chefes (nacionalidade, grupo étnico, idade, sexo).

4) Para o conceito de empregadores: analisámos os indicadores ligados aos primeiros empregadores, empregadores actuais e razões para as mudanças verificadas (nacionalidade, grupo étnico, idade, sexo).

5) Para o conceito de recrutamento: pesquisámos os indicadores "quem indicou primeiros trabalhos e trabalhos actuais"; "quem o recrutou para trabalho actual, e para trabalhos anteriores"; e o indicador "já aconselhou o recrutamento de alguém?".

6) Para o conceito de indústria da migração: examinámos os indicadores conhecer alguém em Portugal/Lisboa e na Europa antes de decidir migrar; informação prévia sobre a cidade e o país antes de vir (e quem a providenciou); razões da vinda dos trabalhadores; montantes investidos por eles na vinda; intermediários da vinda; ou "já ter auxiliado alguém a vir".

7) Para o conceito de trajectos migratórios: analisámos os indicadores rota, paragens, contactos e intermediários; meios de transporte utilizados; custo total da viagem; planos presentes de remigração; e "ter conhecidos que já tivessem remigrado".

8) Para o conceito de adaptação no destino: ponderámos os indicadores composição do agregado familiar; maiores dificuldades sentidas à chegada a Portugal; tipo de alojamento à chegada, e actualmente (em Lisboa); obstáculos colocados pela língua portuguesa e estratégias para os enfrentar; formas de aconselhamento (informações e materiais) de que os trabalhadores sentiam mais falta; modo como decorreu o processo

de legalização em Portugal; modo como decorreu a procura de trabalho em Lisboa; modo como decorreu a adesão a oportunidades de estudo em Lisboa; quem lhes indicou os procedimentos burocráticos a seguirem em Portugal (e em troca de quê); intervenção activa na sociedade portuguesa (e por que meios); e o indicador "aspectos positivos/negativos que vê na sociedade portuguesa".

9) Para o conceito de redes de sociabilidade: pesquisámos os indicadores frequência dos contactos mantidos com o Nepal (com quem e por que meios); família nuclear e alargada a viver no Nepal (frequência de contactos e por que meios); desejo de trazer familiares para Portugal (quem e porquê); acompanhamento de acontecimentos sociais e políticos no Nepal (por que meios); relações com outros familiares, amigos e conhecidos na Europa (de que tipo e onde); e relações com o Reino Unido (profissionais, de negócio, académicas, de amizade ou familiares, ou outro tipo de redes e contactos). Pesquisámos igualmente os indicadores: ter amigos portugueses; ser convidado/convidar amigos de outras nacionalidades e culturas (para festivais, eventos, outras ocasiões); grupos étnicos e regiões de origem da maioria dos nepaleses em Lisboa (tal como percebidos pelos trabalhadores nepaleses entrevistados); tipo, número e qualidade das relações mantidas com outros nepaleses em Lisboa; ou pertença a grupos comunitários nepaleses em Lisboa (quais e há quanto tempo). Também pesquisámos indicadores relacionados com as outras organizações nepalesas conhecidas pelos trabalhadores entrevistados em Lisboa (e com quantos membros); com a qualidade das relações percebidas entre essas organizações; com a prática de negócios, actividades culturais e lazer (ou outras) com outros nepaleses imigrantes em Lisboa; com ter amizades de outras castas, grupo étnicos e regiões de origem entre a imigração nepalesa em Lisboa; com o evitamento (ou não) da convivência com alguns grupos étnicos, ou subcastas nepalesas, residentes em Lisboa; com o nível de abertura dos trabalhadores nepaleses para o casamento (ou casamento dos seus filhos) com pessoas de outro grupo étnico, subcasta ou nacionalidade; e com a abertura para que houvesse líderes comunitários nepaleses pertencentes a qualquer grupo étnico, casta, região de origem, religião ou partido político, em Lisboa.

10) Para o conceito de relações de género: avaliámos os indicadores ter amigos de ambos os sexos em Lisboa (tanto nepaleses, como portugueses); qualidade das relações entre homens-mulheres nepaleses a residir em Portugal (tal como percebidas pelos trabalhadores nepaleses); pertença dos trabalhadores entrevistados a grupos nepaleses ligados a questões de género (funcionamento, benefícios, actividades concretas, nível de

participação do outro sexo, auxílio mútuo, entre membros, quando fora do grupo); modo de encarar os valores da sociedade portuguesa a respeito do namoro, divórcio, relações homens-mulheres, divisão de tarefas e trabalho das mulheres (vantagens e desvantagens percebidas em relação ao Nepal, incluindo nas diferenças ao nível da educação dos dois sexos); e o indicador mudanças percebidas (positivas ou negativas) na relação com homens e mulheres mais velhos da família, desde a saída destes trabalhadores do Nepal.

11) Para o conceito de trocas internacionais: utilizámos os indicadores transferências financeiras e remessas; produtos e serviços recebidos/enviados pelos entrevistados, entre países; e as compras internacionais (incluindo modos de pagamento e transporte) dos trabalhadores nepaleses em Lisboa.

Operacionalizámos os conceitos em categorias de análise e indicadores. Codificámos, posteriormente, os resultados obtidos, e agregámos os indicadores em categorias - de modo a obter resultados mais facilmente interpretáveis e comparáveis entre si, que iluminassem, simultaneamente, os conceitos e dimensões em estudo. Alguns dos indicadores acima são centrais à pesquisa e outros menos centrais (exº: relações de género). Eles foram recolhidos com o objectivo de contribuir empiricamente para a tese e para outros trabalhos a realizar posteriormente.

#### 4.5.2 Etapas e Potencialidades e Limitações dos Instrumentos Empíricos

As etapas da pesquisa poderão ser resumidas conforme o Quadro 4.1:

Operacionalização das Etapas da Pesquisa	
<b>1</b> - Planificação geral da pesquisa; revisão de literatura sobre imigrantes sul-asiáticos na Europa e no mundo, formas de empreendedorismo imigrante e tipos de transnacionalismo envolvidos	<b>13</b> - Realização de entrevistas, de uma hora, com 30 trabalhadores nepaleses imigrantes em Lisboa; transcrição, com tradução simultânea e codificação, das entrevistas aos trabalhadores nepaleses
<b>2</b> - Formulação da pergunta de partida e das perguntas-chave da pesquisa	<b>14</b> - Elaboração de grelhas de análise, para as entrevistas a empresários e trabalhadores; análise de indicadores, correlações de indicadores e cruzamento de variáveis, análise de resultado; e construção de categorias agregadas para os resultados brutos obtidos
<b>3</b> - Primeiros contactos, no terreno, com a imigração nepalesa de Lisboa; primeiras versões da estrutura da tese, hipóteses de trabalho; planeamento das etapas de investigação	<b>15</b> - Análise qualitativa e quantitativa dos resultados das entrevistas
<b>4</b> - Observação participante (diários de campo), revisão bibliográfica e análise documental, complementadas pela recolha de dados	<b>16</b> - Interpretação dos resultados



secundários; primeira abordagem à pesquisa (de cariz etnográfico e culturalista); revisão da estrutura da tese, revisão bibliográfica e revisão da abordagem à pesquisa; esboço dos primeiros capítulos teóricos da tese	
<b>5</b> - Segunda abordagem à pesquisa (focada em questões de sociologia económica e empreendedorismo migrante); diários de campo	<b>17</b> - Comparação e agregação da totalidade dos dados recolhidos: na revisão bibliográfica e na análise documental, na observação participante e nas entrevistas;
<b>6</b> - Quatro entrevistas exploratórias e revisão da planificação geral da pesquisa - replaneamento das etapas de investigação, em função da nova abordagem à pesquisa	<b>18</b> - Comparação dos resultados obtidos com dados de pesquisas respeitantes a outras imigrações sul-asiáticas em Lisboa, e na Europa;
<b>7</b> - Formulação de guiões de entrevista específicos e diferenciados, para empresários e trabalhadores nepaleses em Lisboa;	<b>19</b> - Reescrita de capítulos teóricos e primeira escrita de capítulos, com análise de resultados obtidos e conclusões possíveis
<b>8</b> - Realização de seis entrevistas-piloto com empresários e trabalhadores nepaleses imigrantes em Lisboa; aprofundamento do desenho da pesquisa e dos aspectos metodológicos mais pertinentes	<b>20</b> - Discussões aprofundadas com o orientador, ou nos seminários de doutoramento finais, e reescrita geral de capítulos de resultados e capítulos teóricos da tese
<b>9</b> - Reformulação dos guiões de entrevista, em função dos dados recolhidos durante as entrevistas-piloto; reformulação adequada das perguntas-chave da pesquisa e das hipóteses de trabalho	<b>21</b> - Revisão de literatura e documentos sobre transnacionalismos, economias étnicas e imigrações nepalesas, na Europa e no mundo
<b>10</b> - Revisão da planificação da pesquisa e revisão bibliográfica/documental, recolha de dados secundários adicionais; revisão de literatura mais focalizada em torno de aspectos de transnacionalismo económico e economias étnicas	<b>22</b> - Interpretação mais aprofundada dos resultados encontrados; análise quantitativa mais aprofundada
<b>11</b> - Realização de quatro entrevistas exploratórias, com empresários e trabalhadores em Lisboa; revisão dos guiões de entrevistas, em função dos dados recolhidos nas entrevistas exploratórias; reescrita e aprofundamento de capítulos teóricos da tese	<b>23</b> - Conclusões a partir dos resultados, e sua verificação
<b>12</b> - Realização de entrevistas, de uma hora, com 36 empresários nepaleses imigrantes em Lisboa; transcrição, com tradução simultânea, e codificação das entrevistas aos empresários nepaleses	<b>24</b> - Implicações da pesquisa e vias de indagação futura; reorganização de capítulos e apresentação da versão final (completa) da tese.

**Quadro 4.1 - Operacionalização das Etapas Teórico-Práticas da Pesquisa**  
Elaborado pela autora, 2018

Como se vê, houve reescrita frequente e revisão constante, quer da literatura disponível, quer de relatórios e documentos (incluindo notícias nos média portugueses



sobre a imigração nepalesa em Portugal, e nos média do Nepal sobre emigração para a Europa). Houve, ainda, reelaborações dos guiões das entrevistas, capítulos de resultados da tese e capítulos teóricos respectivos, em função dos dados progressivamente recolhidos, junto das amostras da imigração nepalesa em Lisboa, mas também de mudanças regulares na estrutura e organização final da tese. Para uma análise temporal detalhada, apresenta-se o Cronograma de tarefas no Gráfico I (Anexo 3).

De modo a iniciarmos uma análise das potencialidade e limitações dos instrumentos empíricos usados, notemos que foram utilizados, para inquirir os imigrantes<sup>110</sup>, dois guiões de entrevistas diferenciados, para os empresários e para os trabalhadores nepaleses imigrantes em Lisboa (Anexo 1: Documentos I e II). Abarcando secções específicas, esses dois guiões foram sujeitos a diversas revisões ao longo do tempo, após a realização das entrevistas exploratórias e entrevistas-piloto. Foram complementados, cada um, com uma Grelha de Análise (Anexo 1: Documentos III e IV): as categorias analisadas, para empresários e trabalhadores, estão nelas descritas. Foi, ainda, utilizado um diário de campo, e recorremos a *software* específico para análise de dados. Sumarizamos, em seguida, algumas críticas que poderão ser apontadas ao uso dos instrumentos.

➤ Entrevistas (Anexo 1):

\* Falhas do método: a sua flexibilidade pode levar a acreditar na espontaneidade do entrevistado, e na neutralidade do entrevistador (Quivy e Van Campenhoudt, 1998). É prudente ponderar elementos como a nacionalidade (portuguesa), *background* cultural (europeu) e sexo (feminino) da entrevistadora, e a possível adequação de respostas em função dessas características, pelos entrevistados. Deveremos levar em consideração aspectos associados à integração, e à relação dos entrevistados com a sociedade de destino, ou às relações de género muito assimétricas, verificadas na cultura e na sociedade nepalesas. Sobressaíram elementos como o machismo estrutural da sociedade nepalesa, declarado por uma parte dos entrevistados, e transposto, por uma fatia da imigração nepalesa em Lisboa, para o destino, através de discursos e práticas<sup>111</sup>. Além disso, as entrevistas foram realizadas em inglês e transcritas com tradução simultânea para português, com excepção de pequenos trechos - naqueles casos (minoritários) em que os imigrantes nepaleses já dominavam perfeitamente, ou com fluência, o português.

<sup>110</sup> Há outros instrumentos empíricos (exº: diário de campo, análise dos média).

<sup>111</sup> A entrevistadora procurou ultrapassar estes obstáculos com empatia redobrada e algum relativismo cultural.

Isto gerou algumas possibilidades de equívoco na tradução, pelo facto de as entrevistas não terem sido realizadas na língua-mãe dos entrevistados (nem da entrevistadora), e também pelas variações registadas, ao nível do seu (maior ou menor) domínio da língua inglesa, e riqueza vocabular respectiva. No entanto, é preciso sublinhar que não anotámos grandes dificuldades de expressão em língua inglesa, dado que os entrevistados eram maioritariamente qualificados (mesmo no caso dos trabalhadores nepaleses), ou já haviam morado, por diversos anos, fora do Nepal, em países onde tinham de dominar o inglês.

\* Complementaridade com outros métodos: procurámos complementar as entrevistas (Miller, 1991) com diários de campo, observação participante, pesquisa bibliográfica e documental, e análise de conteúdo. Pudemos assistir a discussões em grupo, especificamente de trabalhadores e mulheres nepalesas (no âmbito do funcionamento regular das organizações comunitárias daquela imigração), bem como frequentar reuniões de líderes comunitários e empresários nepaleses, organizadas pelo Consulado do Nepal em Lisboa. Enfim, a recolha de dados secundários foi efectuada junto de diferentes fontes, já anteriormente indicadas.

\* Seleccção dos dados recolhidos: registámos resultados respeitantes a uma grande variedade de temáticas, dada a franca escassez de pesquisas sobre a imigração nepalesa em Lisboa, e a inexistência de aproximações sociográficas prévias a esta imigração. Os dados diziam, nalguns casos, respeito às redes de sociabilidade em Lisboa, às organizações comunitárias, às questões de género entre trabalhadores, aos modos de adaptação no destino, aos ambientes de trabalho; ou, até, às necessidades e desafios, no âmbito da saúde comunitária. Muito embora esses dados auxiliem uma compreensão mais aprofundada e global da imigração nepalesa em Lisboa, a sua especificidade não justificou a sua inclusão aprofundada, numa pesquisa que se deseja focalizada em aspectos de economia étnica, empreendedorismo e modos de transnacionalismo.

➤ Diários de campos/observação:

\* Assistir a interacções significativas: é possível que as interacções a que assistimos não tenham sido suficientemente exaustivas ou significativas, em relação às dimensões e conceitos que pretendíamos examinar. Em todo o caso, é verdade que não poderemos, a partir delas, fazer extrapolações ou inferências para toda a população nepalesa imigrante em Lisboa, menos ainda em Portugal. É, por outro lado, possível que o facto de a observadora ser de nacionalidade portuguesa, possa ter levado os imigrantes a moldar as interacções, por ela observadas, segundo uma concepção própria e

idiossincrática de "desejabilidade social". O tempo que despendemos no terreno e a variedade de interações, eventos e reuniões que observámos (a nosso pedido, ou a convite) procurou, contudo, minimizar estes efeitos: desde as interações de familiares e amigos em casa, até reuniões de grupos religiosos, étnicos, de género, grupos de amigos em ocasiões sociais, festivais e outros eventos comunitários; até reuniões mais formais, no Consulado do Nepal, Newa Pucha, Sociedade de Mulheres Nepalesas, Grupos Sherpa internacionais ou NRNA. A participação regular em eventos e reuniões, as relações sociais dilatadas no tempo, e os contactos frequentes mantidos com a imigração nepalesa em Lisboa; ou, até, a determinado ponto, uma certa imersão nos círculos sociais desta imigração na cidade, terão garantido a espontaneidade e informalidade suficientes, requeridas nas interações observadas, para examinar os conceitos e dimensões em estudo. Cabe-nos, além do mais, notar que a presença assídua da investigadora não era encarada nos meios nepaleses de uma forma especial ou "artificial", e não ocorria de modo imposto, mas, muitas vezes, a convite - significando a presença de mais um elemento útil, porque autóctone, nas redes de contactos sociais dos imigrantes, entre outros elementos que fazem a conexão com a sociedade de acolhimento. Até porque, muitas informações inicialmente recolhidas, foram implicitamente trocadas por auxílio específico com traduções, com idas dos imigrantes a juntas de freguesia ou centros de saúde, ou com o preenchimento de formulários em português, entre outras intervenções solicitadas, e pedidos de ajuda feitos por aqueles imigrantes. Com a continuação do estudo e o estabelecimento de relações de confiança, mas também de limites mais claros, em termos de disponibilidade de tempo da investigadora, tais tarefas foram diminuindo. O contacto social frequente com esta imigração em Lisboa mantém-se, porém, até hoje.

➤ Método bola-de-neve:

\* Questões a respeito da representatividade das amostras: as amostras utilizadas foram amostras de conveniência, nas quais os primeiros empresários e trabalhadores nepaleses entrevistados referenciavam e indicavam outros sujeitos a entrevistar subsequentemente - seus contactos, e parte integrante das suas redes de relações. Isto levanta, necessariamente, questões de representatividade em relação à população de nepaleses imigrantes em Lisboa, mas, sobretudo, em relação à população de nepaleses imigrantes residentes em Portugal. Designadamente, em termos de grupos étnicos prevaletentes (em Lisboa, o grupo étnico Newar, oriundo de Catmandu, está sobre-representado), ocupações (sabemos que, fora da região de Lisboa, as ocupações

da imigração nepalesa são sobretudo ao nível das profissões agrícolas, e algum comércio) e níveis de formação dos trabalhadores entrevistados (os níveis de formação médios serão superiores, na região de Lisboa, relativamente aos imigrantes nepaleses dedicados aos serviços agrícolas em zonas rurais do país<sup>112</sup>). Contudo, o nosso estudo tem um carácter marcadamente qualitativo e interpretativo - pelo que, embora as amostras utilizadas tenham sido diversificadas por aproximação, a representatividade em termos estatísticos é, no nosso entender, uma questão secundária à riqueza de conteúdo dos dados. Não obstante, o facto de termos entrevistado muitos trabalhadores nepaleses com graus técnicos ou universitários, apresentou também algumas vantagens: como a sua maior proficiência linguística (na língua inglesa, portuguesa, ou ambas) e, consequentemente, a maior precisão, abundância e densidade das informações recolhidas em entrevista.

É provável que tenha existido uma sobrerrepresentação de qualificados - mesmo tendo em conta que, pelos elevados custos implicados (vistos, viagem, despesas correntes, habitação), são sobretudo as classes média, ou média-alta, nepalesas que emigram para a Europa. Não obstante, no caso dos trabalhadores nepaleses (e pelo facto de eles desempenharem, frequentemente em Lisboa, tarefas muito abaixo do seu nível de qualificação original), os problemas no trabalho, condições e ambientes de trabalho descritos, formas de recrutamento experimentadas, entre outros aspectos pesquisados, serão representativos das condições enfrentadas pela maioria dos trabalhadores nepaleses em Lisboa, independentemente do seu nível de qualificação. Quanto à sobre-representação de Newares entre os entrevistados, sobretudo quando comparados com os grupos étnicos prevaletentes na imigração nepalesa do Reino Unido, ela terá que ver com o facto de muitos imigrantes nepaleses em Lisboa provirem, precisamente, da zona de Catmandu, onde os Newares são o grupo étnico com maior rendimento, associado às profissões do comércio e turismo (CBS, 2016). Portanto, possuem mais recursos, competências e experiência para poderem emigrar e desempenhar profissões no sector terciário, num destino de matriz turística como Lisboa.

➤ MAXQDA:

\* Limitações associadas ao *software* de análise de dados: em primeiro lugar, pode argumentar-se que existirão outras alternativas, em termos de análise qualitativa, igualmente válidas (exº: NVIVO), para efectuar a análise dos dados recolhidos durante

---

<sup>112</sup> Segundo indicações do Consulado Geral do Nepal em Lisboa, e a nossa própria experiência.

as entrevistas. Contudo, as inferências possíveis, a partir de amostras de 30 trabalhadores e 36 empresários, serão sempre limitadas, pelo que não haverá grandes vantagens numa análise quantitativa ortodoxa e exaustiva das amostras - nem as extrapolações realizadas a partir daí, para a população, serão válidas. Repare-se que o instrumento escolhido (MAXQDA 2018) é uma ferramenta robusta de gestão de informação em constante desenvolvimento, permite uma análise aprofundada dos dados (tanto qualitativa, quanto quantitativa - sendo especialmente forte nos métodos mistos e análise qualitativa), garante replicabilidade e é, comprovadamente, aplicável a um grande espectro, ou tipo, de resultados: desde os dados numéricos, associados aos estudos quantitativos e inventários, no âmbito das ciências biofarmacêuticas e medicina; até às entrevistas em profundidade e à riqueza de conteúdos, mais típicas das ciências sociais e dos métodos etnográficos.

\* Fiabilidade dos resultados na análise de conteúdo com MAXQDA: analisaremos, aqui, três tópicos distintos (Krippendorff, 1980):

a) Estabilidade/grau de invariância no tempo, ou consistência intra-observadores: a observadora procura manter modos de registo e codificação dos dados estáveis e padronizados, através do tempo;

b) Replicabilidade, ou fiabilidade/acordo entre-observadores: os guiões de entrevista seguem um formato pré-estabelecido, disponível para investigações futuras, tal como as grelhas de análise, para empresários e trabalhadores. Os modos de registo e codificação, porque padronizados, serão replicáveis por outros observadores. E as entrevistas transcritas e anonimizadas permitirão uma análise cruzada de resultados, por investigadores distintos;

c) Precisão, ou comparação entre uma codificação individual e uma codificação-padrão, considerada "correcta": neste caso, porque a análise é de cariz sociológico, a precisão poderá ser, com maior rigor, avaliada se tivermos em consideração os desvios relativamente à codificação dos resultados por um painel de especialistas, eventualmente encarregado dessa tarefa. Não foi exactamente o caso, mas tivemos a oportunidade de comparar a nossa codificação com a de um cientista social do CES-Coimbra, especialista e formador em MAXQDA, e houve grande consonância na codificação das entrevistas<sup>113</sup> (92% de acordo), pelo que a precisão dos resultados é, indicativamente, elevada.

---

<sup>113</sup> Para este facto contribuiu, decisivamente, a precisão e objectividade na elaboração dos guiões de entrevista, bem como a multiplicidade de códigos utilizados.

\* Validade dos resultados, na análise de conteúdo com MAXQDA:

a) Validade de conteúdo - procura-se que os dados recolhidos se refiram sistematicamente, e de modo exaustivo, aos temas, conceitos e fenómenos que a pesquisadora visa analisar, de modo a que o conteúdo dos itens da prova diga respeito aos dados mais relevantes dos conceitos que se procura estudar, e cujas definições foram previamente operacionalizadas. O confronto entre uma análise dos guiões das entrevistas e as tabelas de especificação dos constructos (Anexo 1) elucidará a validade de conteúdo da pesquisa;

b) Validade de critério - pode ser averiguada, comparando os resultados obtidos para os mesmos sujeitos, no MAXQDA e noutro instrumento (como o NVIVO), e o tempo que medeia a comparação determina que se avalie a validade concorrente (exº: nepaleses em Lisboa vs. nepaleses em Portugal) ou a validade preditiva (exº: nepaleses em Lisboa, em diferentes momentos);

c) Validade de constructo, ou validade hipotético-dedutiva - engloba as anteriores, e consiste no grau de consonância verificado entre os resultados obtidos nas entrevistas, as teorias e a prática, a propósito dos temas e dimensões em avaliação. Avalia-se através de uma abordagem lógica (consistência entre a definição e operacionalização dos conceitos, ou itens redigidos no guião das entrevistas - por forma a precaver desvios, como efeitos do "socialmente desejável", a dissimulação, ou as questões indutoras), estatística e empírica (as entrevistas foram aplicadas a um grupo-piloto, que respondia consistentemente melhor ao instrumento, do que um grupo sem os temas e traços que se pretendia analisar).

\* Tratamento estatístico dos resultados obtidos: poderá ser considerado, nalgumas circunstâncias, como insuficientemente exaustivo. No entanto, não só tratamos os dados exaustivamente do ponto de vista qualitativo (a nossa abordagem sendo interpretativa), como também analisamos os dados estatisticamente, recorrendo a alguns métodos quantitativos como bipartição e  $\alpha$  de Cronbach, correlações entre indicadores e níveis de significância obtidos. Neste caso, e porque as amostras são por conveniência e não aleatórias, a análise qualitativa revela-se mais válida, rica e compreensiva, do que um mero tratamento estatístico - sendo, este, útil nomeadamente para efectuar comparações internas ao estudo, entre as amostras de empresários e trabalhadores nepaleses em Lisboa, ou, esporadicamente, comparações externas, entre os entrevistados nepaleses em Lisboa e amostras da imigração nepalesa no Reino Unido.

\* Análise do cruzamento entre categorias de análise: pode ainda levantar-se a crítica de que mais temas e categorias de análise são susceptíveis de sujeição a um cruzamento esclarecedor. A despeito disso, parece-nos que os temas e categorias analisados são os fundamentais, nomeadamente atendendo à grande extensão, riqueza, variedade e quantidade de dados recolhidos, e aos propósitos ou objectivos fulcrais da nossa pesquisa. As categorias seleccionadas centram-se nos dados demográficos das duas amostras e nos conceitos visados, por forma a caracterizar aproximadamente trabalhadores e empresários nepaleses em Lisboa. Já os indicadores considerados, reúnem maioritariamente informações relativas a aspectos de economia étnica, factores implicados no empreendedorismo migrante, e tipos de transnacionalismo correlativos. Além disso, a selecção de variáveis e indicadores procura termos comparativos possíveis, com os escassos estudos previamente realizados, sobre outras imigrações nepalesas na Europa - designadamente, as pesquisas publicadas pelo CNSUK e por Adhikari, no Reino Unido (2012, 2015, 2017).

➤ Validade interna/externa e confiabilidade da investigação:

\* Validade interna: coerência entre os resultados e conclusões do nosso estudo e a realidade estudada (Tuckman, 2012) - o *design* cuidadoso da pesquisa, atendendo às validades de conteúdo e de constructo (consistência), procura assegurar que os resultados obtidos são função mais do programa a testar, do que de outras causas, sistematicamente relacionadas ao estudo.

\* Validade externa: generalização do nosso estudo e possibilidade de aplicá-lo a outro grupo-alvo, com eficácia e praticabilidade - seria possível aplicar os guiões de entrevista e grelhas de análise a outros grupos de imigrantes sul-asiáticos em Lisboa, ou a outros grupos de imigrantes nepaleses na Europa - comparando depois resultados, com base em codificações e análises de categorias e itens semelhantes.

\* Confiabilidade: Uma ameaça à fiabilidade desta investigação é a possível mudança de comportamentos, opiniões, valores e atitudes dos sujeitos, aquando da replicação do estudo num tempo diferente (fidelidade diacrónica), já que a experiência de migração é passível de se repercutir fortemente nessas dimensões individuais, à medida que se prolonga no tempo - e já que é, igualmente, possível uma remigração, de muitos dos trabalhadores nepaleses, para outro país europeu, a médio-prazo.

Apesar de a nossa abordagem à investigação ser sobretudo qualitativa, o Quadro 4.2 sintetiza os principais indicadores quantitativos de fiabilidade e fidelidade, passíveis de pesquisa, no âmbito das entrevistas semi-estruturadas e da observação participante:



Tipo de Estabilidade			Interna			Acordo Observadores	
Consistência		Equivalência				Entre	Intra
(teste-reteste)(formas paralelas)							
Coefficiente	Pearson	Pearson	Bipartição (Spearman-Brown)	α de Cronbach	Kuder-Richardson	% acordo K de Cohen	Pearson
Desempenho/Aproveitamento							
Objectivo (escolha múltipla, V/F)	★	★	★		★		
Resposta Curta			★	★		★	★
Resposta Longa (ensaio)			★	★		★	★
Grelha de Observações			★	★		★	★
Atitudes/Opiniões							
Questionário (likert, rating)	★	★	★	★			
Observação			★	★		★	★
Entrevista Estruturada			★	★		★	★

**Quadro 4.2 - Resumo dos Indicadores de Fiabilidade-Fidelidade**

Fonte: Pereira Coutinho, 2014; Adaptado pela autora, 2018

Vemos que a bipartição de Spearman-Brown, o alfa de Cronbach e o coeficiente de correlação de Pearson são algumas das medidas mais úteis, nestas circunstâncias. Contudo, o facto de as amostras de empresários e trabalhadores, utilizadas nesta investigação, serem por conveniência, proporciona que não haja possibilidade de fazer extrapolações para a população - o mais relevante e interessante, de compreender e analisar é, neste âmbito, toda a profundidade e alcance dos resultados qualitativos.

#### 4.6 Questões de Confidencialidade e Preservação do Anonimato

As questões relacionadas com a confidencialidade e a preservação do anonimato merecem-nos uma atenção particular, dado que procuramos, por um lado, assegurar a confiança necessária, por parte dos entrevistados; e, por outro lado, garantir que nenhum deles possa, posteriormente, vir a ser identificado pelo seu nome, grupo étnico ou ocupação. Todos os sujeitos entrevistados dão o seu consentimento informado, antes de iniciar as respectivas entrevistas, sendo esclarecidos sobre as condições de anonimato e confidencialidade das mesmas. Na nossa pesquisa, o anonimato é assegurado atribuindo números aleatórios, a cada um dos 30 trabalhadores e 36 empresários nepaleses entrevistados, conforme consta do Anexo 2 (Quadros). Análises dos mesmos dados por outros investigadores, ou pela mesma investigadora utilizando instrumentos alternativos, são evidentemente possíveis, a partir das transcrições anonimadas das entrevistas realizadas.

#### 4.7 Problemas Encontrados e Revisão de Estratégias



Resumiremos, de seguida, alguns dos principais problemas encontrados no decurso da nossa pesquisa, bem como as estratégias fundamentais, adoptadas para os solucionar.

#### 4.7.1 Problemas Encontrados nas Etapas de Revisão Bibliográfica e Planeamento da Pesquisa

Os problemas encontrados na revisão bibliográfica e planeamento da pesquisa são concernentes, num primeiro momento, à necessidade de delinear com maior precisão o objecto de estudo e as perguntas de partida; enquanto, num segundo momento, estão sobretudo ligados à falta de termos comparativos, dada a escassez de investigações sociológicas prévias sobre imigrações nepalesas na Europa, ou mesmo de comparações entre essas imigrações. Ponderamos, igualmente, os poucos dados disponíveis sobre as suas iniciativas empreendedoras, os negócios étnicos típicos e os processos de transnacionalismo, implicados nas redes das imigrações nepalesas-europeias. Ao nível do planeamento, é necessário rever abordagens, até a pesquisa se centrar em aspectos de empresarialismo e trabalho, para os imigrantes nepaleses em Lisboa. Parece-nos que estas dinâmicas, além de recentes e não-estudadas anteriormente (bem ao contrário do empresarialismo das imigrações indiana ou cabo-verdiana em Lisboa, por exemplo), demonstrarão, mais consistentemente, a presença ou ausência de redes transnacionais, assim como a confluência conjugada dos diversos tipos de transnacionalismo envolvidos.

#### 4.7.2 Problemas Encontrados no Terreno

Um primeiro problema encontrado no terreno relaciona-se com a forma de apresentação da pesquisadora, e modos de justificação da pesquisa - por forma a saber gerir convenientemente as expectativas (por vezes, irrealistas) dos entrevistados e os seus pedidos. É necessária grande honestidade na explicação das limitadas implicações práticas directas da pesquisa, ou da sua pouca influência, possível, nas condições de vida quotidianas, e imediatas, dos entrevistados. Assim, não obstante a troca, inicial, de algumas informações por pequenas traduções ou encaminhamento prático, esclarecemos sempre que o nosso estudo, embora podendo trazer uma visibilidade, relativa e circunscrita, à imigração nepalesa em Lisboa, não poderá nunca resolver, de pronto, os problemas gerais mais prementes dessa imigração, tão-pouco as dúvidas pessoais de cada entrevistado, e seus respectivos contactos - nem tal empresa é, a nosso ver, exequível. Em suma, esclarecemos que o nosso trabalho faz levantamentos sobre a

imigração, todavia não poderá dedicar-se a questões mais próprias da assistência social, ou do apoio formal<sup>114</sup>.

Em segundo lugar e coextensivamente, outro problema específico encontrado no terreno, tem que ver com o acordo implícito de troca ou benefício mútuo, estabelecido com os nossos entrevistados. A natureza colectivista da cultura nepalesa<sup>115</sup> e a percepção de certa disponibilidade e preocupação com os problemas relatados, durante as entrevistas, leva alguns entrevistados a solicitarem, muito frequentemente, ajuda da investigadora para fazerem traduções, irem a repartições públicas, juntas de freguesia, centros de saúde e hospitais, ou para os seus familiares e amigos - em troca das informações recolhidas e da confiança, assim, ganha. Isto, embora recompensado com crédito e algum respeito recíproco, consome tempo e desgasta a pesquisadora, sobretudo durante os dois primeiros anos da investigação (até se alcançar um equilíbrio óptimo, entre disponibilidade e limites necessários, às solicitações). A pesquisadora torna-se parte das redes de sociabilidade expandidas de alguns entrevistados e informadores-chave, a sua comparência passa a ser solicitada frequentemente em eventos, reuniões e festivais da imigração nepalesa, nas reuniões de algumas organizações comunitárias (como das associações nepalesas no Consulado respectivo), nas diversas celebrações étnicas de Ano Novo, nos eventos culturais ou, ainda, nalgumas ocasiões sociais, como casamentos e aniversários. Embora tais convites sejam obviamente lisonjeiros, pela confiança que revelam e pela abertura demonstrada (das redes de sociabilidade nepalesas em Lisboa, à presença de autóctones nos seus eventos mais importantes - sociais ou, até, pessoais), torna-se impossível responder a todas essas solicitações, e manter um foco de atenção mínimo na investigação, em simultâneo. Pelo que temos de exercitar a arte de polidamente recusar convites e solicitações, sem ofender quem se nos dirija e, ao mesmo tempo, não descurando algum pedido mais urgente ou relevante, em termos simbólicos.

#### 4.7.3 Problemas Encontrados na Análise e Interpretação de Dados

A selecção das entrevistas a analisar é feita tendo em consideração a riqueza dos dados recolhidos, a saturação das categorias em análise e os detalhes fornecidos por cada entrevistado: deste modo, algumas entrevistas com indivíduos menos fluentes na língua inglesa, muito lacónicos, pouco disponíveis, ou muito pouco detalhados nas suas

<sup>114</sup> Nomeadamente, quando somos questionados sobre a facilitação de processos de legalização, ou sobre atalhos para relações mais informais com instituições públicas portuguesas, ou sobre a possibilidade de obter alguns benefícios sociais em Portugal, e as formalidades necessárias para o efeito.

<sup>115</sup> Recompensa marcada e visivelmente os comportamentos altruístas, em prol do grupo.

informações, são excluídas da análise, por não acrescentarem profundidade, complexidade ou novidade aos resultados finais. A transcrição das entrevistas, nomeadamente aos trabalhadores nepaleses, revela-se um processo bastante moroso, complexo e desgastante, com muitas informações paralelas não-relevantes, desaproveitadas. Alguns problemas pontuais, encontrados na análise e interpretação dos dados, têm que ver com a disponibilidade de todo o *software* indicado, no momento em que este é necessário. Mas também com a necessidade de sintetizar e sistematizar os dados, agregando-os ou desmembrando-os em categorias significativas, para interpretação. Este processo é demorado e intrincado, porque implica navegar os resultados brutos e fazer escolhas conceptuais e de indicadores, que determinam a exclusão parcial de um grupo de resultados encontrados, respeitantes às questões de adaptação no destino e género ou, ainda, a questões específicas de saúde comunitária, na imigração nepalesa.

#### 4.7.4 Revisão e Mudança das Estratégias de Pesquisa

A revisão e mudança de estratégias de pesquisa é uma actividade deliberadamente não-fechada, que visa adequar procedimentos e métodos às questões a investigar, ao foco e ao objecto do estudo. Nomeadamente a aspectos de internacionalização das redes, modos de transnacionalismo analisáveis e estratégias empreendedoras visíveis, na imigração nepalesa. É, além disso, um processo que visa manter sempre abertos os canais de comunicação e demonstrar sensibilidade às atitudes, valores e expectativas dos entrevistados - com uma cultura diferente, a qual pode levantar perplexidades ou resistências, nas sociedades europeias. A revisão das perguntas de partida e das perguntas-chave da pesquisa ocorre, especificamente, no sentido de conseguir aproximar, com rigor crescente, os objectos de estudo (transnacionalismo e economia étnica), sem nunca perder de vista a contextualização necessária e a possibilidade de efectuar comparações com outras imigrações sul-asiáticas, antes estudadas em Lisboa. Já a revisão da estrutura da tese, sucede (por diversas vezes, ao longo dos quatro anos) em função da pesquisa documental e bibliográfica realizada, progredindo para um enfoque crescente em questões de empreendedorismo, trabalho e economia étnica. A revisão dos guiões de entrevista segue a evolução do foco da tese, de uma caracterização mais geral e socioculturalista da imigração nepalesa em Lisboa, para aspectos associados ao trabalho e empreendedorismo; e sobrevém, igualmente, na sequência dos dados recolhidos durante as entrevistas exploratórias e entrevistas-piloto. Como referido no início do ponto 4.7.3, a selecção das entrevistas a analisar é feita

tendo em consideração a complexidade, profundidade e diversidade da informação fornecida por cada entrevistado: deste modo, de um total de 34 entrevistas finais realizadas a trabalhadores nepaleses (não considerando as entrevistas exploratórias e entrevistas-piloto), são aproveitadas 30, conforme mostram os Gráficos I e II (Anexo 3). Observa-se que levamos em consideração, para efeitos desta pesquisa (traduzimos e transcrevemos, codificamos, analisamos, comparamos e interpretamos) um total de 66 entrevistas presenciais, semi-estruturadas (com 48 homens e 18 mulheres nepalesas).

## Capítulo 5: Caracterização Geral do Ambiente de Partida, Fluxos Migratórios e Diáspora Nepalesa

### 5.1 Ambiente de Partida

#### 5.1.1 Geografia, Economia e História Política

Procederemos, e em primeiro lugar, a um enquadramento do caso nepalês, com base em dados relativos à história, economia e sociografia do Nepal. A sociedade nepalesa é multicultural, multiétnica, multirreligiosa e multilinguística. A Figura 5.1 é um mapa político do Nepal, que apresenta as principais regiões, capitais e fronteiras externas daquele país.



Figura 5.1 - Mapa Político do Nepal

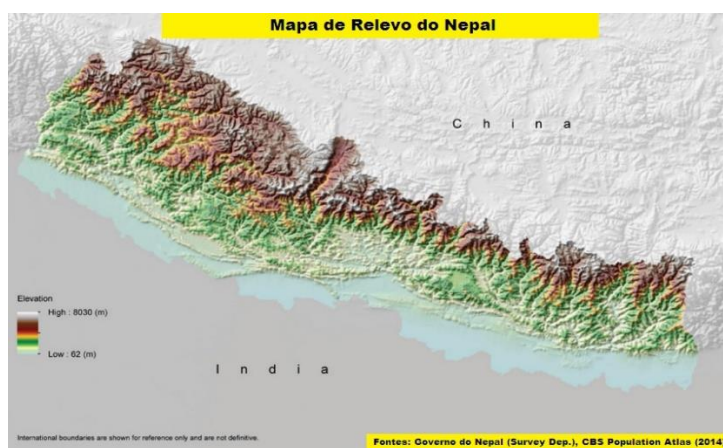
Fonte: *Netmaps.es Geographical Maps*, 2018

Cabe-nos destacar algumas características políticas contemporâneas fundamentais do Nepal, como a sua instabilidade governativa (com a queda recente do sistema monárquico, em 2007-2008), uma Guerra Civil que se prolongou por dez anos (entre 1996-2006), a organização da sociedade nepalesa em torno da obediência a sistemas de castas tradicionais e de natureza coétnica, bem como os elevados níveis de desemprego registados entre a população jovem do país (CBS, 2010-2015). Todos estes factores contribuíram, recentemente, para a pressão emigratória sobre a população nepalesa. Outros aspectos a ter em conta, que caracterizam o ambiente de partida e exercem forte pressão emigratória, estão relacionados com os grandes terremotos que assolaram o país no ano de 2015, ou com o bloqueio económico indiano, desse mesmo ano (prolongado até Fevereiro de 2016). A complexidade dos problemas políticos e socioeconómicos vividos dentro do Nepal nas últimas décadas, emparelhada com as condições de um ambiente de partida cuja sociedade está geopoliticamente muito dependente da Índia e

da China, sendo diversa e marcadamente heterogênea<sup>116</sup>, tornam o estudo de caso da migração a partir do Nepal num fenómeno singular, e atravessado por especificidades a entrecruzar.

#### 5.1.1.1 Geografia

Geograficamente, o Nepal é um país sem fronteiras de mar<sup>117</sup>, ladeado pela China/Tibete a Norte e pela Índia a Sul, Leste e Oeste - situado portanto nas proximidades regionais, também, do Tibete, Butão e Bangladesh. As altitudes, no país, variam entre os 59 metros acima do nível do mar e relevos superiores a 7 mil metros, como os 8,848 metros do Monte Evereste (CBS - Atlas Populacional, 2014). Isto ocasiona grandes variações de temperatura e precipitação anuais, entre o Norte e o Sul do país. O Gráfico III (Anexo 3) apresenta um perfil topográfico Sul-Norte do Nepal, pondo em evidência a existência de grandes diferenças de altitude a uma curta distância, dentro do país. O Nepal divide-se, assim, longitudinalmente, de Sul para Norte, e em função do seu relevo geográfico, em três regiões principais: Planícies (Terai), Montes e Montanhas. Por outro lado, de Leste para Oeste e ao alto, o país divide-se, geograficamente, segundo três grandes sistemas fluviais: Kosi, Gandaki e Karnali. Na Figura 5.2, visualizamos um mapa do relevo do Nepal, em função das suas grandes regiões geográficas:



**Figura 5.2 - Mapa Topográfico do Nepal**  
Fontes: Governo do Nepal e CBS, 2014

Este Mapa Topográfico evidencia, mais uma vez, as grandes diferenças de altitude entre o Sul (Terai) e a Cordilheira dos Himalaias, que atravessa longitudinalmente toda a região Norte do país. Os Mapas I e II (Anexo 3) definem o perfil do país, em termos

<sup>116</sup> Segundo o *Central Bureau of Statistics* (2014; 2018) e o último Censos nepalês (2011), existem no Nepal 125 grupos étnicos, 123 línguas e são praticadas, ao menos, 11 religiões no país.

<sup>117</sup> Ou *landlocked*, portanto sujeito a protecção jurídica especial, quando a Índia fechou as fronteiras em 2015-2016.



fisiográficos e geomórficos<sup>118</sup>. O clima nepalês divide-se em quatro estações, iniciando-se as monções no mês de Julho. Uma área de 83% do Nepal é constituída por zonas rurais, contra 17% de zonas urbanas.

De um ponto de vista administrativo, o Nepal está dividido em regiões de desenvolvimento, regiões de ecodesenvolvimento, distritos e zonas. O Mapa III (Anexo 3) evidencia a divisão actual do Nepal em cinco regiões<sup>119</sup>, catorze zonas<sup>120</sup> e setenta e cinco distritos, além de quinze regiões de ecodesenvolvimento. Este tipo de divisão administrativa nunca foi consensual no país, pelo que a Constituição nepalesa de 2015 veio adicionar sete estados, entre as regiões e as zonas administrativas nepalesas.

#### 5.1.1.2 Caracterização Socioeconómica do Nepal

Quanto à economia nepalesa, analisemos alguns dados gerais<sup>121</sup>. Notemos que há controlo parcial da saída de capitais do Nepal (e existem uma série de proibições a não-nacionais, como as que são relativas à posse de um negócio, dentro do território nepalês). De um ponto de vista económico<sup>122</sup>, as áreas de actividade com maior peso económico, a nível nacional, são a Agricultura e Florestas, Turismo, Comércio e Serviços, Energia Hidroeléctrica, Profissões Técnicas e Industriais, Militares, Artesãos e

<sup>118</sup> O Mapa Fisiográfico I, proposto pelo *Survey Department* do Governo nepalês, diferencia duas regiões de montanha, duas regiões de montes e as planícies (Terai). O Mapa II mostra um modelo de elevação digital (DEM) proposto por Hasegawa, Dahal, Yamanaka et al., em 2008, na sequência dos mapas geomórficos do Nepal da autoria de Hagen (1969), Upreti (1999) e Hasegawa e Dahal (2008). Este modelo, mais detalhado, distingue com refinamento três tipos geomórficos nas montanhas, quatro tipos geomórficos adicionais na região dos montes, e ainda o Terai nepalês.

<sup>119</sup> *Eastern, Central, Western, Mid-Western e Far-Western Development Regions* (ou Purbanchal, Madhayamanchal, Pachemanchal, Madhaya Pachemanchal e Sudur Pachemanchal).

<sup>120</sup> *Mechi Zone, Koshi Zone, Sagarmath Zone, Janakpur Zone, Bagmati Zone, Narayani Zone, Gandaki Zone, Dhaulagiri Zone, Lumbini Zone, Rapti Zone, Bheri Zone, Karnali Zone, Seti Zone e Mahakali Zone.*

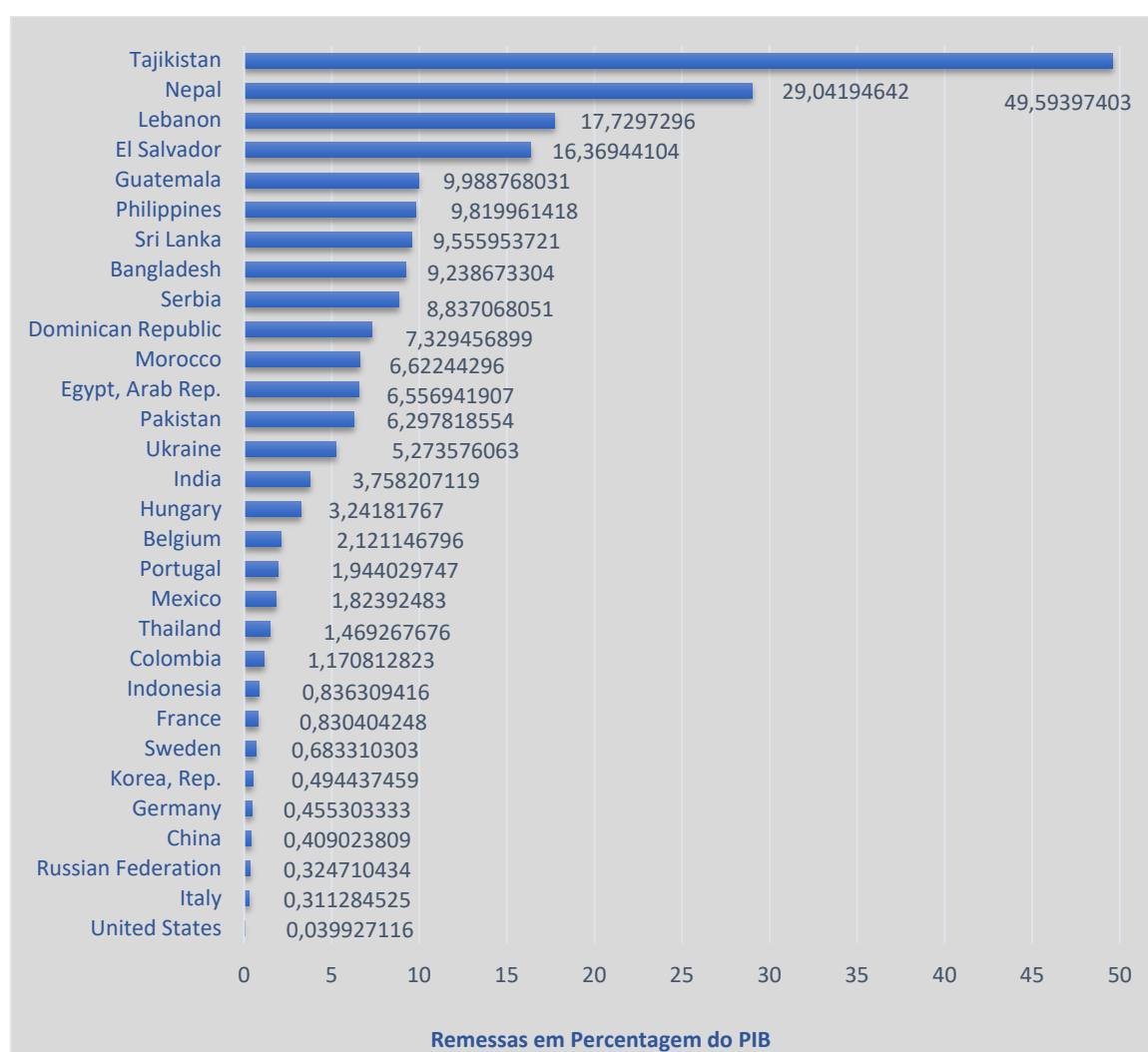
<sup>121</sup> A estimativa de 2017 para o PIB per capita do Nepal era de \$2,700. Para decomposições do PIB e outros indicadores recentes sobre a força de trabalho e perfil económico geral do país para 2018, pf. consulte-se: [https://www.indexmundi.com/nepal/economy\\_profile.html](https://www.indexmundi.com/nepal/economy_profile.html) (Fonte: CIA World Factbook). O Quadro CXX (Anexo 2) resume a distribuição da população activa nepalesa, em função do sexo e região (rural/urbana), pelos grandes sectores de actividade económica, entre os anos de 1971 e 2011 (CBS, 2014 - Censos Nepaleses 1971-2011). O Gráfico V (Anexo 3) apresenta a percentagem de agregados envolvidos em actividades económicas próprias, excepto a agricultura, em função da região nepalesa, em 2011 (CBS, 2014). Já o Gráfico VI (Anexo 3), mostra a percentagem de agregados nepaleses com pequenos negócios, excepto a agricultura, por tipo de negócio, em 2011 (CBS, 2014). O Quadro CXXII (Anexo 2) detalha a percentagem de agregados envolvidos em pequenos negócios, excepto a agricultura, e suas características, no Nepal, em 2011 (Censos do Nepal, 2011; CBS, 2014) e o Quadro CXXIII (Anexo 2) diz respeito à percentagem de agregados envolvidos em pequenos negócios, excepto a agricultura, por Região de Desenvolvimento, no Nepal, em 2011 (Censos do Nepal, 2011; CBS, 2014).

<sup>122</sup> Outras fontes fiáveis de indicadores económicos recentes sobre o Nepal são: o *Asian Development Bank* (<https://www.adb.org/countries/nepal/economy>), as Nações Unidas (<https://www.un.org/development/desa/dpad/wp-content/uploads/sites/45/CDP-PL-2018-6c.pdf>), o Banco Mundial (<https://www.worldbank.org/en/country/nepal/overview>) e o IIDS - *Institute for Integrated Development Studies* ([http://www.iids.org.np/sites/default/files/doc\\_publication/Main%20Page%20NEO%20\\_Special%20Edition.pdf](http://www.iids.org.np/sites/default/files/doc_publication/Main%20Page%20NEO%20_Special%20Edition.pdf)).



Profissões Não-Especializadas. Enquanto a Agricultura e Florestas predominam no Norte do país, o Comércio e Serviços, Artesãos ou Operários Fabris concentram-se no Sul do Nepal, ao passo que os Profissionais Liberais e Gestores prevalecem no Vale de Catmandu (CBS, 2014). Destaca-se também a importância do trabalho informal, que pode ser apreendida no Quadro CXXI (Anexo 2), com base nos dados de *NLFS II - Tabela 12.4* (2008), e CBS (2009).

No que diz respeito à dependência do país relativamente às remessas dos seus emigrantes, o Gráfico 5.1 apresenta, comparativamente, a dependência do PIB nepalês em relação às remessas dos emigrantes (Pires et al., 2015):

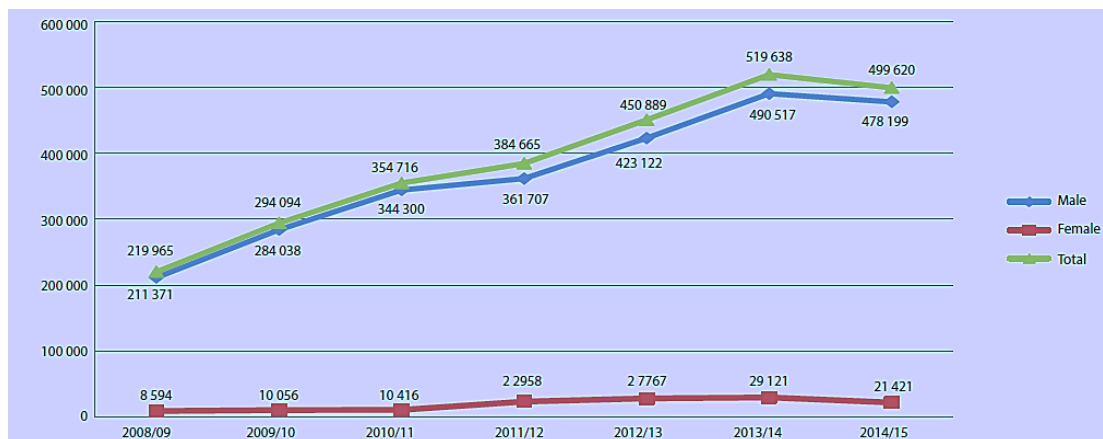


**Gráfico 5.1 - Importância Comparada das Remessas em Percentagem do PIB**

**Fonte:** Gráfico Elaborado Pelo Observatório da Emigração (Pires et al., 2015), a Partir de Dados do Banco Mundial, *World Data Bank, World Development Indicators, Economic Policy & Debt Series*; Adaptado pela autora, 2018

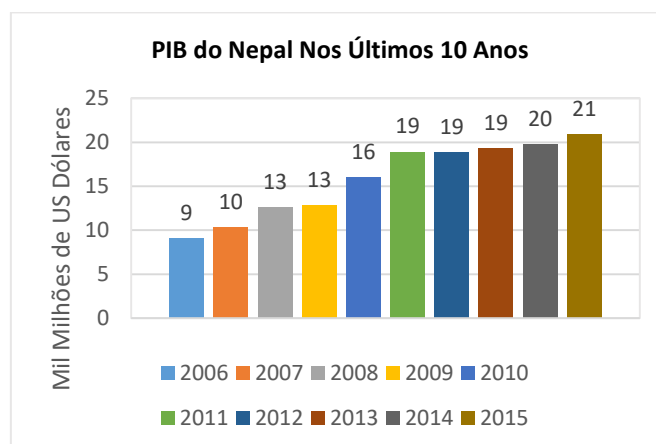
Verificamos que a economia do Nepal se situava, em 2015, apenas atrás da economia do Tadjiquistão, na dependência do PIB nacional em relação às remessas emigrantes - o PIB do Nepal foi de 20,9 mil milhões de dólares em 2015, sendo 29,04% desse valor

representado por remessas emigrantes. O Gráfico 5.2 complementa esta informação, com o número total de autorizações de trabalho no exterior emitidas anualmente, pelo *Department of Foreign Employment* nepalês, entre os anos de 2008 e 2015:



**Gráfico 5.2 - Número Total de Autorizações de Trabalho no Exterior, Emitidas Anualmente no Nepal, Entre os Anos de 2008/09 e 2014/15**  
**Fontes:** *Department of Foreign Employment - Nepal (2016)* e *Budal (Nepal Gov., 2018)*  
**Adaptado pela autora, 2018**

Verifica-se um aumento constante de pedidos de autorização para trabalho no exterior até 2014, com ligeira quebra em 2015<sup>123</sup>. O Gráfico 5.3 demonstra a evolução do PIB do Nepal, entre os anos de 2006 a 2015:



**Gráfico 5.3 - Evolução do PIB do Nepal Entre os Anos de 2006-2015**  
**Fontes:** *Banco Mundial* e *Trading Economics, 2016*  
**Adaptado pela autora, 2018**

O PIB *per capita*<sup>124</sup> do Nepal foi de 689,81 dólares em 2015 (Banco Mundial, 2015). O Gráfico VII (Anexo 3) especifica ainda a evolução do PIB *per capita* do Nepal, entre

<sup>123</sup> Saliente-se a grande disparidade registada entre sexos, no Nepal, quanto a pedidos de autorização para trabalhar no exterior, com os indivíduos do sexo masculino a representarem consistentemente mais de 95% dos pedidos.

<sup>124</sup> O PIB *per capita* é o Produto Interno Bruto por cabeça, ou seja, o valor de todos os bens e serviços produzidos numa determinada região ou país, por exemplo, durante um ano (produto, rendimento, despesa), a dividir pelo número dos habitantes desse país ou região. Países com um PIB elevado podem ter um PIB *per capita* baixo se a sua população for elevada, assim como países com um PIB médio

os anos de 2006-2015. Observamos que o crescimento do PIB *per capita* foi constante, alcançando uma subida de quase 200 dólares extra, num período de dez anos. O Quadro CXXIV (Anexo 2) resume alguns outros dados-síntese, económicos e sociográficos, acerca do Nepal, relativos aos últimos anos - como o Coeficiente de Gini, o IDH<sup>125</sup> e o PIB *per capita*. Verificamos que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) era, em 2013, de 0,551 (considerado baixo pela ONU, 145º) e, em 2015, de 0,558 (médio, 144º)<sup>126</sup>; o Coeficiente de Gini revelava-se médio em 2010 (32,8); e o PIB *per capita* estimado, em 2014, era de 698 dólares (FMI, 2014). O Mapa VIII (Anexo 3) apresenta o índice de desenvolvimento humano, por distrito, no Nepal, para o ano de 2013 - atingindo um máximo de 0,63 em Catmandu e um mínimo de 0,36 em Bajur; as regiões Central e Leste do país tinham melhores índices de desenvolvimento humano. O Mapa IXa (Anexo 3) esclarece-nos também a respeito do RNB *per capita*<sup>127</sup> no país em 2013, baseado na Paridade do Poder de Compra (PPP). Por meio do Mapa XXIII (Anexo 3), observamos que o acesso a computadores, internet e telefone era, em 2011, quase exclusivo da região de desenvolvimento que inclui a capital. A rádio é o meio de comunicação com maior alcance, chegando a metade da população nacional. Somente um terço da população, nas regiões de Catmandu e Terai Leste, tinha acesso a televisão, em 2011 (são os valores mais altos no país). A nível nacional, 64,6% da população possuía telemóvel - mas apenas um terço dos habitantes do Oeste nepalês tinham adquirido esse bem. Estes detalhes são relevantes para perceber a pressão migratória sobre a população nepalesa.

Temporalmente, a sociedade nepalesa guia-se pelo calendário nepalês, que é único no mundo<sup>128</sup> - a título de referência, esse calendário fez equivaler o ano, do calendário

---

podem ter PIBs *per capita* elevados, se a sua população for pequena em dimensão. O PIB *per capita* foi o primeiro indicador utilizado para analisar a qualidade de vida num determinado país.

<sup>125</sup> O Coeficiente de Gini é uma medida de desigualdade na distribuição do rendimento que procura sintetizar a assimetria dessa distribuição, e que varia entre 0 (completa igualdade) e 1 (completa desigualdade). Já o IDH é o Índice de Desenvolvimento Humano, uma medida utilizada para classificar os países em função do seu "desenvolvimento humano" (expectativa de vida ao nascer, educação e PIB *per capita*), utilizada pelo PNUD - Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento no seu relatório anual, desde o ano de 1993. Ele varia igualmente entre 0 e 1, e classifica os países em *países desenvolvidos* (IDH mais elevado), *países em desenvolvimento* e *países subdesenvolvidos* (IDH mais baixo). Note-se que esta aceção do grau de desenvolvimento dos países difere das aceções do Banco Mundial e do FMI.

<sup>126</sup> Tal como retirado de <https://countryeconomy.com/hdi/nepal>, em Março de 2018.

<sup>127</sup> O RNB é o rendimento nacional bruto. O RNB *per capita* baseado na PPP attingia um máximo em Manang (3166 PPP\$), e um mínimo em Bhang (487 PPP\$). Apresentava valores menores no Noroeste do Nepal.

<sup>128</sup> O Vikram Samvat é o calendário hindu histórico da Índia e Nepal, utilizado como calendário oficial nepalês (56,7 anos adiantado, relativamente ao calendário Gregoriano ocidental), enquanto na Índia o calendário oficial é o calendário Saka reformulado. Segundo a lenda, o Vikram Samvat foi estabelecido

Gregoriano, de 2018 (ocidental) aos anos nepaleses de 2074-2075. Culturalmente, o Nepal tem 125 grupos étnicos<sup>129</sup> identificados, no seu Censos de 2011 (CBS, 2014), grupos esses com diferentes proveniências, distribuições geográficas, culturas, religiões e ocupações tradicionais distintas. Grupos étnicos diferenciados podem ter calendários próprios que, por vezes, os situam séculos atrás, ou décadas à frente, relativamente ao calendário nepalês oficial (como os Newar, Gurung ou Sherpa). O mesmo Censos de 2011 identificou dez religiões maiores, além de 61,581 seguidores de "outras religiões" (CBS, 2014: 17-19). Identificou, ainda, 123 línguas<sup>130</sup> no Nepal (CBS, 2014: 53-54)<sup>131</sup>. O Mapa IV (Anexo 3) mostra a distribuição territorial das diferentes línguas-mãe no Nepal (SIL, 2011 e CBS, 2014). Desde os anos '50 do século XX, até ao ano de 2011, tanto o número de grupos étnicos, quanto o número de línguas identificadas, aumentaram, nos Censos realizados no Nepal. Postas estas considerações prévias, acerca das características gerais do ambiente de partida, delinearemos, nos subpontos que se seguem, algumas considerações em torno da história do Nepal e sua sociografia. Quanto à história nepalesa, detalharemos aspectos relacionados com a formação do país, as crises políticas, a queda da monarquia e a resistência maoísta, bem como questões ligadas ao papel da hierarquia religiosa hindu-budista, e sua intervenção nas esferas pública e privada nepalesas. Explicitaremos, além disso, o papel cultural e político dos grupos étnicos autóctones nepaleses (maioritariamente budistas), por contraste com as elites administrativas e políticas hindus, provenientes da Índia (onde se incluía a família real nepalesa).

---

pelo rei Vikramāditya, para comemorar a sua vitória sobre os Sakas, em batalha. Os meses nepaleses do calendário oficial são tantos quanto os meses do calendário Gregoriano ocidental, mas começam, normalmente, entre os dias 18-22 dos meses ocidentais. O dia de repouso é só um e os dias sagrados podem acontecer em diferentes dias da semana. O Ano Novo nepalês pode ocorrer em Abril ou Maio, mas também em Março: é variável, pois quem estabelece o calendário anual e os dias mais importantes dos festivais religiosos são, a cada ano, os sacerdotes e astrólogos relacionados com a hierarquia religiosa hindu-budista nepalesa. A diáspora nepalesa usa conversores de calendário *online*, para se orientar nos destinos. Dentro do país, é proibido o uso do calendário Gregoriano ocidental em quaisquer instituições oficiais, repartições ou serviços públicos. Desta forma, uma pergunta feita por um ocidental, que poderia mesmo, à partida, parecer simples - como a idade do seu interlocutor -, levanta questões complexas e peculiares, podendo gerar confusão, cálculos mentais variados e silêncios em entrevistados nepaleses, dependendo do seu grupo étnico. Deve o entrevistador ter sensibilidade e atenção às especificidades culturais, em particular no caso de desejar saber idades ou datas específicas.

<sup>129</sup> CBS *Population Monograph 2014*, volume 2 (2014). Embora o número de grupos étnicos nepaleses difira entre fontes, e mesmo entre Censos (não foi realizado nenhum estudo compreensivo, completamente abrangente, até hoje).

<sup>130</sup> Pertencentes a quatro grandes famílias (indo-europeias, sino-tibetanas, austro-asiáticas e dravidianas), e o Kusunda, língua isolada sem relação genética com as outras famílias linguísticas.

<sup>131</sup> CBS *Population Monograph 2014*, volume 2 (2014).

### 5.1.1.2 Perspectiva Histórico-Cultural

O Nepal teve as suas origens em três grandes fluxos de migrações humanas, claramente discerníveis: um fluxo a partir da China-Tibete, ou da China-via-Assam (no nordeste do subcontinente indiano), um outro fluxo a partir da Índia, em direcção a Norte, e um terceiro fluxo, partindo do Oeste-para-Leste (fluxos migratórios provenientes do actual Irão, dirigidos para Leste, em direcção ao Nepal central contemporâneo). O país tornou-se, assim, um mosaico de culturas e povos, com convivência mais ou menos tumultuada, ao longo da sua história. Já no século XXI, e após uma Guerra Civil que se prolongou por uma década (1996-2006), culminando com a queda aparatosa da monarquia nepalesa, trilhou-se caminho para erguer uma democracia sul-asiática jovem, ainda atravessada de fragilidades e desigualdades múltiplas, e manchada por problemas sistémicos como a corrupção, a crise económica ou a instabilidade sociopolítica recorrente, no país. A acumulação de vários factores, como as catástrofes naturais ocorridas em 2015 (o terremoto de 25 de Abril de 2015 - que matou 9,000 pessoas e feriu outras 23,000<sup>132</sup> -, suas centenas de réplicas, e ainda um segundo terremoto, registado a 12 de Maio de 2015<sup>133</sup>), o bloqueio económico não-oficial por parte da Índia (o principal parceiro comercial do Nepal) em 2015-2016, ou o facto de o sistema político multipartidário instável ter procurado, durante anos, aprovar uma Constituição nacional, sem sucesso (a qual, mesmo depois de aprovada, ainda é contestada por alguns grupos, assim como pela vizinha Índia), fez com que a pressão emigratória sobre a população nepalesa aumentasse consideravelmente nos últimos anos.

#### 5.1.1.2.1 Perspectiva Histórica

De um ponto de vista histórico, há referências documentadas a diferentes povos habitando as regiões do actual Nepal, que remontam ao primeiro milénio aC. Essas referências, mais consistentes a partir do reinado *Licchavi*, dão conta de dinastias tribais distintas - que, numa primeira instância, se encontravam ligadas a actividades pastoris<sup>134</sup> e, mais tarde, diversificariam as suas fontes de sustento e provimento, desde os *Gopal*

<sup>132</sup> De acordo com o *Incident Report of Earthquake 2015 - Nepal Disaster Risk Reduction Portal (2015)*, o *National Seismological Centre* (do Departamento de Minas e Geologia, Ministério da Indústria do Governo do Nepal, 2016) e Adhikari, L.B. et al. (2015). Segundo a *United States Geological Survey*, o terremoto teve magnitude de 7.8Mw. Ele foi seguido por centenas de réplicas de grande intensidade, nos meses subsequentes, e desencadeou uma avalanche no Monte Everest, a 25 de Abril, que mataria 19 pessoas.

<sup>133</sup> Segundo o Departamento Meteorológico da Índia, este terremoto teve magnitude de 7.3Mw, com epicentro localizado entre Catmandu e o Monte Everest.

<sup>134</sup> Criando vacas e búfalos.

*Bansa*, os *Kiratas* e os *Thakuri*, ou Reinos como os de *Licchavi* e *Jumla*, até aos governantes *Malla* do século XII, ao vasto império por eles erguido e aos diversos principados, nos quais esse império viria a desagregar-se, entre os séculos XV e XVIII (Regmi, 1952, 1969; Whelpton, 2005). A dinastia descrita e nomeada pelos especialistas históricos como *Gopal Bansa* (que significa, literalmente, "Dinastia dos Pastores de Vacas") parece ter sido a primeira dinastia do Nepal ancestral, e terá habitado o Vale de Catmandu num período situado entre 1400 aC-700 aC (Shaha, 1992). A esta dinastia, ter-se-ão seguido os governantes *Mahaiṣapālavaṃśa* (literalmente: "Dinastia dos Pastores de Búfalos"), estabelecida por um pioneiro de nome *Bhul Singh*. Além destas duas dinastias de monarcas governando povos ligados à pastorícia, distingue-se ainda a dinastia dos "Pastores de Ovelhas" *Kiratas*, composta por 29 reis<sup>135</sup>: eles governaram o Nepal por aproximadamente 1225 anos, entre 800 aC-300 dC (Shaha, 1992). Foi no período *Kirata* (o qual algumas fontes dizem incluir também governantes *Abhiras* e *Gopals*) que o Budismo entrou pela primeira vez no Nepal (Regmi, 1952, 1969; Whelpton, 2005)<sup>136</sup>. Sabe-se que o Reino *Licchavi*, constituído por um povo hindu vindo do norte da Índia, que conquistou e subjugou os *Kiratas*, existiu e prosperou no Vale de Catmandu desde 400 dC até 750 dC, ao passo que a dinastia *Thakuri* (uma dinastia Rajput) viria a governar o mesmo Vale até meados do séc. XII, altura em que uma dinastia de *Mallas* se lhe sobrepôs, dos pontos de vista administrativo e governativo (Petech, 1984; Bajracharya, Sharma e Bakshi, 1993)<sup>137</sup>.

Partindo da tomada do Vale de Catmandu pelos *Mallas*, os historiadores tendem a atribuir a fundação de Catmandu (cidade primeiramente designada pelo nome de *Kantipur*) a esta dinastia. Note-se, porém, que investigadores como Sukra Sagar Shrestha (2006: 1) questionam as versões tradicionais sobre a origem do nome "Catmandu", para considerarem que o Vale de Catmandu foi baptizado, especificamente, pelos habitantes do Reino *Jumla* (que floresceu no período medieval)<sup>138</sup>. A governação *Malla* iniciou-se, pois, no século XII e iria expandir-se, pelo

<sup>135</sup> Que chega a ser mencionada em lendas e épicos como o *Mahabharata*.

<sup>136</sup> Mas, até esta fase da história do país, dispomos maioritariamente de fontes como crónicas lendárias, por escrutinar cientificamente (como as crónicas *Vamshavalis*); poucos achados arqueológicos e descrições, ou relatos de algumas dinastias, não-confirmados.

<sup>137</sup> Pelos relatos documentais e prova arqueológica recolhidos, inferimos a coexistência de dinastias que se digladiavam (ou aliavam) periodicamente, pela posse dos territórios que constituem o actual Nepal.

<sup>138</sup> Mas esta tese, seguindo indícios linguísticos, esbarra, também ela, na ausência de relatos documentais: "o lugar cheio de templos de madeira torna-se, na sua língua, Kathkomandu, ou Kathmandu. Os templos do Nepal Ocidental são, até hoje, chamados simplesmente de Mandu ou Mandou (...) [Apesar disso] Infelizmente, não pudemos recolher quaisquer relatos de viagem dos Jitari, Ashoka e Aditya Mallas de Jumla, que chegaram ao Vale do Nepal, por esta ou por aquela razão" (Shrestha, 2006: 1-2).



Sul Asiático e Tibete Ocidental, durante aproximadamente dois séculos. No século XV, o império *Malla* foi dividido e quebrado em mais de vinte principados (*Baise Rajya*), acerca dos quais ainda hoje pouco se conhece. Três reinos independentes (Catmandu, Bhaktapur e Patan) passaram, então, a integrar o Vale de Catmandu - reinos, esses, constituídos no ano de 1484, conforme mencionam Petech (1984), Bajracharya, Sharma e Bakshi (1993), Michaels (2005), Gutschow (2003) e Bajracharya e Michaels (2017). Do séc. XV ao séc. XVIII, estes múltiplos principados independentes<sup>139</sup> ocuparam e governaram as diversas regiões correspondentes ao Nepal contemporâneo. Este período da história nepalesa permanece por desvendar a diversos níveis - nomeadamente quanto aos detalhes da organização social, episódios históricos específicos e rituais característicos, nos diferentes principados. Sabemos que guerras mútuas debilitaram esses governantes *Malla* e facilitaram a conquista do Vale de Catmandu pela dinastia *Chaubisi Shah*, do reino de *Gorkha*, que viria a subjugar, anexar e unificar todos os principados, durante três gerações consecutivas de monarcas (Brinkhaus, 1991; Bajracharya, Sharma e Bakshi, 1993). Nessa época, e vendo-se sob ameaça, o rei *Malla* de Catmandu buscou a ajuda dos britânicos contra as investidas dos *Shah*, os quais procuravam conquistar três reinos *Malla*. A *Companhia Britânica das Índias Orientais* enviou um exército, em 1767. Mas os *Malla* e os britânicos, inicialmente bem-sucedidos, foram, eventualmente, derrotados pelo exército do rei *Prithvi Narayan Shah*, considerado como o fundador da pátria nepalesa (Brinkhaus, 1991)<sup>140</sup>. A dinastia *Shah*, do reino *Gorkha*<sup>141</sup>, inaugurou, portanto, a História Moderna do Nepal (Stiller, 1973).

<sup>139</sup> *Baise Rajya* (formado por 22 principados a ocidente da Bacia Gandaki, ou na Bacia fluvial Karnali-Bheri) e *Chaubisi Rajya* (formado por 24 outros principados adicionais, a leste da Bacia Gandaki).

<sup>140</sup> Nobre de berço, *Prithvi Narayan Shah* (aprox. 1723-1775) nasceu prematuramente, de um relacionamento do rei de *Gorkha*, *Nara Bhupal Shah*, com *Kaushalyawati Shah*; porém, ficou aos cuidados de uma mãe mais velha, de seu nome *Chandra Prabhavati*. Ele ascendeu ao trono de *Gorkha* em 1743, aos 20 anos de idade, e rapidamente conquistou Nuwakot (1744), localizada entre o Distrito de *Gorkha* e o Vale de Catmandu (Stiller, 1973; Burghart, 1984; Bouillier, 1992). Em 1756, tomando Kuti Pass, *Prithvi Narayan Shah* impediu que trocas comerciais entre Catmandu e o Tibete se realizassem. Autoimpôs-se a tarefa de reunificar os principados do território nepalês, tanto nas colinas e montanhas, quanto no Vale de Catmandu. Mas, para isso poder suceder, *Narayan Shah* planeava impedir também as trocas comerciais entre os Newars de Catmandu e o império Mogul indiano - assegurando, desse modo, a sua vantagem estratégica e militar sobre os *Malla* (eventualmente, garantindo igualmente alguns favores britânicos, em troca de uma sabotagem do comércio Mogul). *Prithvi Narayan Shah* conquistou Kirtipur e entrou no Vale de Catmandu, depois de ter cortado as vias de comunicações do Vale, e as possibilidades de comerciar com o mundo exterior (Lévi, 1905).

<sup>141</sup> Fundado por Dravya Shah (1559-1570). O distrito *Gorkha* do Nepal adquiriu o seu nome do povo *Gorkha*, que terá migrado para leste em direcção ao Nepal, a partir da zona do actual Irão. Mas a dinastia *Shah* reivindicava ascendência do clã *Parmara* (Rajputs do Rajastão, Índia). Durante a governação dos *Shahs*, o Nepal foi, muitas vezes, designado por "Nação *Gorkha*".



Após a derrota dos britânicos aliados aos *Malla*, *Prithvi Narayan Shah* capturaria, finalmente, Catmandu, em 1768 - e, em 1769, a cidade tornou-se a capital do Nepal, reino unificado e independente (Stiller, 1973; Burghart, 1984; Bouillier, 1992). Ele tomou os três reinos *Malla* de Catmandu, Patan e Bhadgaon (Lévi, 1905). Fundado o Reino do Nepal, o monarca conquistou, a leste, os reinos *Sena* de Choudandi (1773) e Vijaypur (1773-74). Antes da sua morte, anexou metade de Chaubisi Rajya, o Vale de Catmandu, e, ainda, alguns principados mais para leste no território nepalês (sendo que o seu filho e o seu neto agregariam os restantes principados). Deixou, portanto, o legado de uma região unificada, com fronteiras (embora não unida, do ponto de vista administrativo), com quase o dobro do tamanho do Nepal actual, estendendo-se desde o Punjab até ao Sikkim (Stiller, 1973; Burghart, 1984; Bouillier, 1992). Este monarca reuniu com sucesso diferentes grupos religiosos, étnicos, regionais e linguísticos sob uma mesma nação, e adoptou uma política comercial restritiva em relação aos britânicos<sup>142</sup>, muito embora tivesse recebido armas e aconselhamento britânicos durante as suas campanhas militares. Essa relação com os britânicos, cordial mas distante, e sem possibilidades de comerciar, manteve-se até à morte do rei *Prithvi Narayan Shah*, aos 52 anos de idade (em 1775)<sup>143</sup>.

A Guerra Sino-Nepalesa (1788-1792) iniciou-se com uma disputa entre os exércitos nepalês e tibetano, relacionada com a qualidade das moedas produzidas, pelo Nepal, para o Tibete<sup>144</sup>. Em 1794, *Rana Bahadur Shah* assume o trono<sup>145</sup>. Durante o reinado do seu filho *Girvan* (Kumar, 1962), rivalidades entre o Nepal e a *Companhia Britânica das Índias Orientais*, a respeito dos estados-principados junto à fronteira entre o Nepal e a

<sup>142</sup> Vide, a título de exemplo, Michaels, Gutschow e Bajracharya (2015), na sua *História dos Reis do Nepal*.

<sup>143</sup> O seu filho, *Pratab Singh Shah* (1751-1777), foi morto precocemente, aos 26 anos, e logo sucedido pelo pequeno *Rana Bahadur Shah* (1777-1799), com apenas 2 anos e meio de idade. A rainha *Rajendralakshmi* tornou-se regente até 1785, altura em que *Bahadur Shah* (tio de Rana) assumiu o trono (1785-1794). Foi durante este período, marcado pela liderança frágil, conquista final de principados, discórdias entre os regentes e um tratado comercial com os britânicos, que ocorreu a Guerra Sino-Nepalesa (1788-1792).

<sup>144</sup> O Nepal invadiu e submeteu o Tibete; todavia, a dinastia chinesa *Qing* possuía poderes administrativos sobre o país - interveio com as suas tropas *Mongóis* e *Manchus*, conduzindo os nepaleses para fora do Tibete e assinando um tratado de paz com eles.

<sup>145</sup> Mas o seu reinado atribulado (aliás, abdicou do trono em 1799, para adiante tentar retomá-lo), marcado por escândalos e injustiças, dívidas, confrontos com a corte e a iminência de uma guerra civil, levou ao exílio de *Rana* em Varanasi, no ano de 1800. Regressou ao Nepal em 1804, após um corte de relações diplomáticas entre os britânicos e Catmandu, que se devera à interferência do diplomata britânico na política interna do Nepal. Auxiliado pelos britânicos, *Rana Bahadur Shah* foi, no entanto, decapitado por um meio-irmão, em 1806, e sucedeu-lhe o filho, *Girvan Yuddha Bikram Shah* (1797-1816) - por imposição do pai, pois não se tratava do herdeiro legítimo do trono -, que assinaria o *Tratado de Sugauli* e reinou até à sua morte precoce por varíola, aos 19 anos.

*Índia-Britânica*, levaram à Guerra Anglo-Nepalesa (1814-1816). Na guerra contra os britânicos, o Nepal saiu derrotado e foi forçado a assinar o célebre *Tratado de Sugauli* (1816), cedendo quase um terço dos territórios do país (distritos do Terai<sup>146</sup>, a Sul, e Sikkim, Kumaon, Garhwal) aos britânicos - que se comprometiam a pagar uma compensação monetária anual pela anexação -, além de verem, novamente, imposta a presença de um diplomata britânico em Catmandu. Mas não só os britânicos devolveriam alguns territórios do Terai ao Nepal, ainda em 1816, como desistiriam do seu plano de desagregar o país, por conta das investidas de tropas chinesas a Norte do Nepal, em reacção à hostilidade das campanhas britânicas (Kumar, 1962; Shaha, 2003).

A dinastia *Rana* (Hindu Rajput) seguiu-se aos *Shahs* de *Gorkha*, na governação do Reino do Nepal. Amputando, por inteiro, os poderes régios e tornando os cargos de Primeiro-Ministro hereditários, assim como outras posições executivas e governativas, os *Rana* subverteram o regime e governaram (por vezes, de forma despótica, com lideranças marcadas pela corrupção, nepotismo e algumas perseguições) até 1951 (Lohani, 1989; Sharma, 1990). Contudo, a dinastia *Rana* também modernizou a burocracia estatal e melhoraria o sistema judiciário, codificando leis e normas. O Primeiro-Ministro (PM) *Jung Bahadur Rana* (1817-1877), cujo nome de nascimento era *Bir Narsingh Kunwar*, iniciou a dinastia *Rana*, esta outra dinastia *chaubisi* (Prasad, 1996; Rana, 1998)<sup>147</sup>. Ele empreendeu uma viagem histórica à Europa, nomeadamente ao Reino Unido e a França, em 1850 (Whelpton, 1983), na qualidade de "Primeiro-Ministro do Nepal e Marajá de Kaski e Lamjung"<sup>148</sup>. Dois anos mais tarde, em 1852, o Nepal enviou uma missão diplomática a Pequim. Em 1855, as tropas nepalesas entraram

---

<sup>146</sup> Esta região do Terai é a mesma área que a Índia (reservadamente, através das suas políticas externas) e diversos grupos de origem indiana (aberta e expressamente) reclamam como uma única região autónoma, nos nossos dias (antecipando-a independente, ou defendendo, mesmo, que ela se torne parte da Índia actual).

<sup>147</sup> Ele assumira o poder em resultado do massacre de Kot (1846), após o reinado de *Rajendra Bikram Shah*, e seus regentes antecessores e sucessores. Do massacre de Kot resultara o exílio da família real *Shah* em Varanasi (mais tarde, na prisão domiciliária do rei, no Nepal) e o assassinato de 36 membros da corte. O rei *Rajendra* fora forçado a abdicar do trono pelo PM *Jung Bahadur Rana*, em favor do príncipe regente *Surendra* (cujo reinado se deu entre 1847 e 1881). No entanto, o rei *Surendra* encontrava-se completamente despojado de poderes legislativos e executivos (tornara-se uma figura simbólica e decorativa). O PM *Rana* governava o país, controlava os movimentos de *Surendra* e exigira eleger a sua própria família *Kunwar*, como segunda na linha ao trono (com direito aos epítetos e títulos reais), além de ter casado as três filhas com o filho herdeiro de *Surendra*.

<sup>148</sup> Nesta primeira viagem diplomática do Nepal à Europa, ele torna-se o primeiro *Primeiro-Ministro e Rajá* a obter honras de estado na corte da rainha Victoria (cujo reinado se estendeu desde 1837 até 1901).

no Tibete: a Guerra Nepalesa-Tibetana durou cerca de um ano e resultou num tratado de paz, negociado pelo embaixador chinês no Tibete (Kumar, 1962; Shaha, 2003)<sup>149</sup>.

Até meados do século XIX, grandes áreas da Índia moderna haviam sido anexadas pela *Companhia Britânica das Índias Orientais* (cerca de dois terços, em conjunto com a dominação dos chamados principados). Todavia, a coroa britânica decidiu administrar directamente as províncias, após a Rebelião Indiana de 1857<sup>150</sup>. *Jung Bahadur* revelou-se um aliado confiável dos britânicos, durante todo o processo de convulsão social e política que se verificava: em 1857, ele marchou com as suas tropas sobre o Norte da Índia, para auxiliar os britânicos, enquanto estes lutavam contra a Rebelião Indiana<sup>151</sup>, motim militar e civil que ficou também conhecido pelo nome de "Primeira Guerra da Independência Indiana" (Shukla, 2006). Os britânicos eram, por sua vez, apoiantes do governo de *Bahadur* e o Nepal transformou-se numa importante fonte de recrutamento militar, para o exército britânico. O *Exército Britânico-Indiano* (mais tarde, o Exército Indiano e o Exército Britânico, separadamente) incluiu batalhões de *Gurkhas* do Nepal nas suas tropas - reputados pela sua ferocidade no combate, resistência física em ambientes difíceis e aptidões estratégicas<sup>152</sup>. A totalidade do Terai é devolvida ao Nepal, como recompensa, em 1860, e termina, em 1877, a governação de *Jung Bahadur Rana* (Prasad, 1996; Rana, 1998)<sup>153</sup>. O Quadro CXXV (Anexo 2) detalha as datas de governação (início do mandato e final do mandato) dos nove Primeiros-Ministros, pertencentes à dinastia *Rana* nepalesa<sup>154</sup>. Em 1923, durante a governação de *Chandra*

<sup>149</sup> O Tibete foi forçado a pagar um tributo anual ao Nepal e a privilegiar comercialmente os negociantes nepaleses. O Nepal, em troca, cedeu os territórios conquistados e acordou que permaneceria como um estado tributário sujeito à China (tal como o Tibete) - algo que viria a mudar daí a um par de décadas (e para o caso do Nepal unicamente).

<sup>150</sup> Essa Rebelião, que durou até Julho de 1859, levou ao desmantelamento da *Companhia Britânica das Índias Orientais* em 1858, e a realza passou, então, a governar de forma directa o *Raj Britânico*, com uma agenda conservadora mais atenta às questões da economia e religião. A rainha Victoria é, mesmo, proclamada *Imperatriz da Índia* no ano de 1877, acumulando o título com o de Rainha do Reino Unido.

<sup>151</sup> Veja-se a análise das relações Índia-Nepal da autoria de Shukla (2006).

<sup>152</sup> O recrutamento de tropas Gurkhas para os *Batalhões Gurkha Britânicos*, realizado ainda nos nossos dias pelos oficiais britânicos, directamente no Nepal, é considerado como um dos recrutamentos mais difíceis, de entre todas as forças militares no mundo (com milhares de candidatos a disputarem poucos lugares e sujeitando-se a provas físicas extremamente exigentes). A sua reputação militar e destreza física faz com que os Gurkhas sejam candidatos cobiçados por diversos países e coligações, para integrar forças armadas.

<sup>153</sup> O nacionalismo indiano continuou a aumentar até finais do século XIX, mas o *Raj Britânico* (com a sua forma de administração directa pela coroa) viria a estender-se até meados do século XX (ano de 1947). Com a entrada no século XX, sucederam-se, no trono britânico, Eduardo VII, George V, Eduardo VIII e George VI (último *Imperador da Índia*, fundador da *Commonwealth*). Quanto a *Jung Bahadur*, seguiram-se-lhe no poder, ainda no séc. XIX, *Ranodip Rana* (assassinado por familiares), *Bir Shamsher Rana* e, na viragem do século, *Dev Shamsher Rana* (deposto por familiares e exilado na Índia).

<sup>154</sup> Como se torna patente, nove governantes Rana assumiriam o cargo *hereditário* de PM do Nepal, até à queda de *Mohan Shamsher Rana*, exilado na Índia. O segundo *Rana*, *Ranodip Singh*, fora também

*Rana*, a Grã-Bretanha e o Nepal assinariam um "Tratado de Paz Perpétua e Amizade" que substituiria, mais de um século depois, o *Tratado de Sugauli* (1816)<sup>155</sup>. Por alturas de 1924, o Nepal abolia a escravatura (Kumar, 1962; Shaha, 2003). As províncias britânicas seriam, posteriormente, divididas entre a Índia e o Paquistão, quando o *Raj Britânico* caiu e a Índia adquiriu a sua independência, em 1947<sup>156</sup>. Os *Rana* mantiveram-se no poder durante décadas<sup>157</sup>; em parte, devido à sua aliança estratégica com os britânicos enquanto potência colonial. Mas as independências da Índia e do Paquistão vieram alterar significativamente o equilíbrio geopolítico no Sul Asiático, além de alguns *Rana* se mostrarem crescentemente insatisfeitos com os cargos *hereditários* de segundo plano que obtinham, nas sucessivas governações do país. Um outro facto relevante, a salientar, é que muitos nepaleses participaram activamente na libertação indiana, e desejavam, também para o Nepal, o fim da dinastia *Rana*. Esses nepaleses fundaram, no exílio, partidos políticos clandestinos, como o *Praja Parishad* e o *Nepali Rastryia Congress*<sup>158</sup> (Shukla, 2006). A insatisfação com a governação dos *Rana*, criticada como autoritária, caracterizada pela exploração e perseguição (tanto na voz dos nepaleses mais proeminentes, quanto dos líderes dos partidos políticos, entretanto fundados no exílio) e a nomeação de um rei ilegítimo motivaram manifestações por todo o país. O *Nepali Congress Party*, um dos partidos mais relevantes, formou um braço-armado, aquando do exílio do rei *Tribhuvan*, cujos membros mais salientes foram executados pelos *Rana*. Em 1951, o rei *Tribhuvan*, o

---

deposto: num golpe de Estado, em 1885, quatro sobrinhos de *Jung Bahadur* e *Ranodip Singh* assassinaram *Ranodip Singh* e os filhos do primeiro, usurparam o nome de *Bahadur* e assumiram o controle político do país. Alguns historiadores contemporâneos apresentaram uma perspectiva crítica de *Jung Bahadur*, pelo facto de ele ter iniciado uma governação de natureza ditatorial que duraria 104 anos, outros tenderam a responsabilizar unicamente os seus sobrinhos, os *Ranas Shamsher/Shumsher* ou *Satra bhai* (uma família de 17 irmãos), planeadores maiores do golpe de Estado, verificado em 1885. No início do séc. XX, outro *PM Rana*, o reformista *Dev Shamsher Rana* (1901), deposto pelos próprios irmãos, não pôde implementar as suas políticas por mais do que 144 dias. Seguiu-se-lhe no poder *Chandra Shamsher Rana*, que governou o Nepal desde 1901 até 1929.

<sup>155</sup> Esse Tratado reconheceu, ainda, o estatuto do embaixador britânico em Catmandu.

<sup>156</sup> Embora a Índia e o Paquistão tenham então conquistado a autonomia, tornando-se Estados recém-formados no mesmo ano (e com 11 a 14 milhões de pessoas a migrarem entre os dois países num curto período de tempo), o Bangladesh só viria a separar-se do Paquistão 64 anos mais tarde, em 1971.

<sup>157</sup> Os *Rana* tinham subido ao poder através de um golpe, aproveitando um período de fragilidade nas décadas que se seguiram à derrota na Guerra Anglo-Nepalesa em 1816, período relacionado, igualmente, com crises da responsabilidade dos regentes, que sucederam a *Rajendra Shah*.

<sup>158</sup> O rei nepalês *Tribhuvan* (lembremo-nos de que a realeza tinha sido completamente extirpada de poderes pelos *Rana*) apoiou o *Praja Parishad* e conspirou no sentido da queda dos *Rana* - ameaçado, o rei buscou refúgio, em 1950, na Embaixada da Índia em Catmandu, juntamente com o filho e neto primogénitos. A reacção dos *Rana* não se fez esperar: proclamaram um outro neto de *Tribhuvan*, de três anos, como rei do Nepal, e *Tribhuvan* voou para o exílio na Índia, onde foi recebido e apoiado por *Nehru*. Referenciemos novamente as análises de Shukla (2006) a respeito das relações entre Índia e Nepal, nomeadamente questões e disputas políticas passadas entre os dois países, assim como perspectivas de futuro.

*Nepali Congress Party* e os *Rana* assinaram um acordo político em Nova Deli, para um modelo diferente de governação do Nepal (Shrestha, 1984)<sup>159</sup>.

Se, durante os anos '50 do século XX, foi delineada a base de uma Constituição nepalesa (Sharma, 1978), erguida à imagem da Constituição indiana, o ano de 1960 trouxe um golpe real, concretizado pelo filho do rei *Tribhuvan*, *Mahendra* (cujo reinado se estendeu desde 1955, até ao ano de 1972)<sup>160</sup>. Em 1991, o rei *Birendra*, seu filho, foi forçado, por uma coligação de partidos, a realizar as primeiras eleições parlamentares do Nepal, em 50 anos (Bhattachan, 2000). O *Nepali Congress Party* declarou-se, então, eleito e formou o primeiro governo nepalês em 32 anos, além de ter forçado o rei *Birendra* a aceitar um parlamento multipartidário, um conjunto de reformas administrativas e políticas estruturais (Rana, 1998). Mas a repressão do governo formado pelo *Congress Party* desagradou à esquerda nepalesa radical, bem como a sectores da população, que aguardavam reformas agrárias<sup>161</sup>. Em 1996, o *Partido Comunista do Nepal (Maoísta)* iniciou a "Guerra do Povo", a fim de substituir a monarquia parlamentar por uma nova república democrática popular, tendo estabelecido "governos populares" provisórios em diversos distritos do país (Rana, 1998; Mishra, 2004; Pradhan e Visweswaran, 2011). Esta guerra é comumente conhecida como a Guerra Civil do Nepal e prolongar-se-ia por toda a década seguinte.

De modo sintético, a história do Nepal moderno é caracterizada por períodos de monarquia autocrática e absolutista dos *Shahs*, aos quais se opuseram golpes reais, o golpe de uma dinastia despótica de primeiros-ministros *Rana* (que proporcionou mais de um século de interregno na governação dos *Shahs*), mas também resistência armada, quer do *Congress Party*, quer da extrema-esquerda. Se o fim do império britânico ditou, por vizinhança, descontentamento e maior apoio popular ao rei *Tribhuvan*, a queda da dinastia de PMs *Rana* e o questionamento posterior do poder dos *Shahs* criaram

<sup>159</sup> Esse acordo permitiu o regresso do rei *Tribhuvan* e de outros políticos exilados ao país, logo em 1951, mas também ditou a queda definitiva da dinastia *Rana*: o rei viu reforçados os seus poderes, formou-se uma assembleia, aprovou-se uma Constituição democrática e se, inicialmente, foi constituído um governo formado por cinco ministros *Rana* e outros cinco ministros pertencentes ao *Congress Party*, a demissão destes últimos, em Novembro de 1951, permitiria ao rei renomear um novo governo, inteiramente despojado de *Rana*. A dinastia dos *Shahs* voltava, assim, ao poder, mais de um século depois do massacre de Kot (Shrestha, 1984).

<sup>160</sup> O rei *Mahendra* rejeitou, na prática, a democracia parlamentar: mandou prender o governo eleito, os deputados, e elaborou uma nova Constituição, que declarou um regime de *Panchayati* (conselhos) sem partidos, no país. Este tipo de regime prolongar-se-ia por 30 anos, servindo o poder absoluto dos *Shahs* nepaleses. Finalmente, em 1980 e sob pressão crescente, o filho de *Mahendra*, *Birendra Shah* (reinando entre 1972 e 2001) agendou um referendo, pedindo à população nepalesa para escolher entre um sistema de reformas-e-*Panchayati* ou um sistema multipartidário: a opção *Panchayati* ganhou (Burghart, 1994).

<sup>161</sup> A repressão e a brutalidade policial deliberada, contra activistas ou reformistas agrícolas, desagradaram especialmente aos sectores mais radicais da esquerda nepalesa.



condições que desembocariam numa democracia pluripartidária frágil. Esta, foi pontuada por conflitos entre grupos de casta e grupos étnicos e, fora de Catmandu, também entre grandes proprietários e pequenos trabalhadores agrícolas. À instabilidade política, somou-se a instabilidade social, a precariedade laboral, o desemprego, a crise económica do país e a instabilidade geológica da região, que ocasiona desastres naturais periódicos. O *Congress Party* ascendeu ao poder em 1991, tomando, novamente, uma parte dos poderes reais em mãos - contudo, o conflito entre partidos agudizou-se, e esse governo foi criticado pelo não-cumprimento de reformas agrárias, o que culminou numa Guerra Civil de 10 anos.

#### 5.1.1.3 História Recente do País

Em Junho de 2001, em plena Guerra Civil, deu-se, no Nepal, o Massacre Real (Gregson, 2002)<sup>162</sup>: na sua sequência, o próprio assassino (*Dipendra*) tornou-se rei por apenas quatro dias, antes de morrer, devido a ferimentos auto-inflingidos. Após esse período, *Gyanendra*<sup>163</sup> (tio do atirador) herdou o trono, governando o país de uma forma autocrática. Restringindo muitas das liberdades civis nepalesas, o seu reinado, o último da monarquia no Nepal, ocorreu entre os anos de 2001 e 2008. Politicamente, os governos formados por *Gyanendra Shah* (frequentemente também desmantelados pelo próprio rei autocrático) tornaram-se bastante instáveis, anunciando o estertor indubitável da monarquia nepalesa e a descredibilização dos seus líderes (Hutt, 2004; Gellner, 2007). Associada a essa instabilidade dos governos centrais e da instituição monárquica, a rebelião que sustentava a Guerra Civil nepalesa acentuou-se gravemente e, em 2004, o Vale de Catmandu viu-se sitiado (Hachhethu, 2007)<sup>164</sup>. Mas só em Dezembro de 2007 a monarquia foi verdadeiramente abolida, e o Nepal declarado uma República Federal; em 2008, um Tratado de Paz veio consolidar a mudança e realizaram-se eleições - o

<sup>162</sup> O príncipe nepalês herdeiro do trono, *Dipendra*, filho do rei *Birendra Shah*, assassinou nove membros da sua própria família, incluindo pai e mãe (o rei *Birendra* e a rainha *Aishwarya*). Os relatórios oficiais atribuíram o acto desesperado de *Dipendra* ao consumo de drogas e álcool, bem como a divergências com a família real, a rainha em particular, a respeito de opções matrimoniais. Mas a jovem com quem *Dipendra* escolhera casar-se pertencia à mesma casta que ele (o casal estudara junto no Reino Unido) e a monarquia nepalesa encontrava-se, já, debilitada desde 1996, sob a pressão crescente do partido no governo e da rebelião comunista maoísta (Gregson, 2002).

<sup>163</sup> Neto de *Tribhuvan* já proclamado rei pelos *Rana* em 1950, durante os meses de exílio real na Índia; irmão do rei *Birendra*, e um dos poucos sobreviventes do Massacre Real.

<sup>164</sup> Em 2005, o rei, cercado, declarou "estado de emergência" no país, tomando medidas ainda mais drásticas: depôs novamente o governo, ordenou a prisão arbitrária de líderes políticos, atacou a liberdade de imprensa, cortou todas as comunicações. Enfim, no ano de 2006, uma coligação formada por sete partidos políticos, juntamente com o *Partido Comunista do Nepal (Maoísta)*, logrou despojar o rei de todos os seus poderes formais e executivos, tomando o controle efectivo do país.

Parlamento nepalês havia formalmente derrubado a monarquia (Shah, 2008)<sup>165</sup>. Depois de discórdias prolongadas entre partidos e interesses divergentes, quanto à nova Constituição nacional, em Maio de 2012, o Dr. *Baburam Bhattarai* dissolveu a Assembleia Constituinte nepalesa e convocou novas eleições, com o objetivo de seleccionar os membros dessa mesma Assembleia Constituinte do Nepal.

Resumidamente, podemos afirmar que o início do século XXI nepalês é marcado por uma grave crise da instituição monárquica e pelo desgaste profundo da credibilidade dos *Shahs*, que acompanhou o governo do *Congress Party*, a Guerra Civil, e culminou no dramático Massacre Real. Ironicamente, foi chamado a assumir o trono, após o Massacre, um membro da família real que os *Rana* tinham utilizado, já em 1950, para tentar manter-se no poder, quando desabava a sua dinastia. Reinando de forma despótica e no pânico da abolição da monarquia, *Gyanendra Shah*, ou aquele que viria a ser conhecido como o último rei do Nepal, viu-se esvaziado de poderes, graças a uma coligação de partidos favoráveis à República - coligação, essa, que resultara do fim da Guerra Civil, em 2006. Tendo a transição para a paz e para a democracia demorado, ainda, dois anos adicionais, a elaboração de uma Constituição nacional democrática nepalesa revelou-se bastante mais problemática, prolongada e complexa, pelo equilíbrio difícil dos interesses conflituais em jogo.

#### 5.1.1.4 Notícias do Ano 2072

O ano oficial nepalês de 2072 (2015-2016, no calendário Gregoriano ocidental) foi marcado pela catástrofe de um terremoto de grandes dimensões, com milhares de réplicas, que assolou o país e provocou comoção internacional - mas igualmente pela aprovação da nova Constituição nepalesa, pela polémica "Questão dos *Madhesis*" e, ainda, por um bloqueio económico, imposto pela vizinha Índia. Em Outubro de 2015, na sequência dessa catástrofe geológica-humanitária que abalou o país, e de um processo político conturbado (que se estendeu durante sete anos de impasses consecutivos<sup>166</sup>), a Constituição da República Federal do Nepal foi, finalmente, aprovada no Parlamento Nacional nepalês, devido ao sentido de urgência nacional que tal passo adquiria. Esta nova Constituição, de 2015, introduz "sete estados" - entre o "nível das zonas" e o "nível das regiões" administrativas (Suresh, 2015). De forma resumida, a

<sup>165</sup> O primeiro Presidente eleito do Nepal contemporâneo pertencia ao *Nepali Congress Party*, enquanto o primeiro Primeiro-Ministro eleito representava o *Partido Comunista Unificado do Nepal (Maoísta)*.

<sup>166</sup> Os impasses vividos ao longo de sete anos tinham envolvido várias disputas partidárias, a demanda de supremacia civil sobre o exército (pelos maoístas nepaleses), e também a exigência de estados autónomos para quase todos os grupos étnicos nacionais.



Constituição<sup>167</sup> considera dois aspectos amplamente debatidos, e não-consensuais, no Nepal: a dita divisão do país em sete estados administrativos; e o estabelecimento de quotas, de acordo com o grupo étnico e a casta dos indivíduos (no acesso aos cargos políticos, administrativos e educacionais nacionais).

Durante o mês de Agosto de 2015, 45 pessoas foram mortas no Nepal, na sequência dos protestos dos *Madhesis*<sup>168</sup>. Os *Madhesis* questionaram os novos limites administrativos (que a Índia também não aprovara oficialmente). Reclamaram uma representação mais equitativa no emprego público, condenando alguns parâmetros constitucionais, que conduziriam à sub-representação dos *Madhesis* no Parlamento Nacional nepalês<sup>169</sup>. Oficialmente, os sistemas de castas não existem e tornaram-se ilegais no Nepal, em 1962. Isto é: oficialmente nenhuma discriminação fundamentada no grupo étnico e/ou casta pode interferir com o acesso à educação, ou a cargos políticos e públicos - mas, sem dúvida, o sistema de castas ainda influencia a vida quotidiana no Nepal, especialmente nas áreas rurais e em domínios como os casamentos, o rendimento-base, a igualdade de género, e as oportunidades de acesso aos cargos oficiais, ao trabalho ou à educação. Polemicamente, o Primeiro-Ministro nepalês

---

<sup>167</sup> Secretariat, C. A. & Durbar, S. (2015), *Constitution of Nepal 2015*, Kathmandu: Constituent Assembly Secretariat.

<sup>168</sup> Os "*Madhesis* Indígenas" (não descendentes de influxos de populações indianas - especialmente aqueles vindos de Bihar e Uttar Pradesh, na Índia, para o Terai, dos anos '50 do século XX em diante) representam cerca de 30% da população do Nepal. 22% de *Madhesis* (contra 29% de não-*Mahdesis*) habitam as planícies do Sul, que fazem fronteira com a Índia, também conhecidas como Terai ou *Madhesh*, que constitui 17% do território do Nepal e é casa para 51% da sua população (Censos Nepaleses, 2011). Eles representam algumas castas mais baixas e, no Terai, muitos são de origem indiana, ou têm duplo passaporte (indiano/nepalês). Os seus protestos estavam relacionados com as disposições da nova Constituição, cuja conclusão tinha sido acelerada, depois da ocorrência do terremoto, de finais de Abril de 2015, e suas réplicas. Durante semanas, os *Madhesis* bloquearam as estradas na fronteira Sul do Nepal, impedindo camiões repletos de produtos básicos, gasolina, gás e gasóleo de entrarem no território nepalês, o que resultou em confrontos graves com a polícia local. Instalou-se o caos: a região do Vale de Catmandu consome cerca de 650 mil litros de combustíveis fósseis por dia (CSB, 2015). A escassez destes combustíveis impediu muitos nepaleses de trabalhar, além de ter parado geradores, escolas, hospitais, lares e outros serviços básicos.

<sup>169</sup> A este propósito, e sendo que os *Madhesis* indígenas correspondem a castas mais baixas, note-se que a adopção de sistemas de castas no Nepal subsiste, mas não é tão rígida como na maior parte da Índia - alguns viajantes e jornalistas mencionam e prevêm, mesmo, uma desintegração progressiva dos sistemas de castas no Nepal, embora isso seja, talvez, demasiado optimista, no curto prazo. Desde 2006, os partidos centrados no *Madhesh* e apoiados pela Índia também exigem que todo o *Madhesh* seja considerado como uma única província (planeando a independência, ou a integração na Índia), o que a maioria dos nepaleses considera problemático, ou recusa. O *Madhesh* nunca foi encarado como autónomo durante a elaboração da mais recente Constituição nepalesa - isto originou novos protestos e motins pelos *Madhesis*. Enquanto isso, várias notícias davam conta de um apoio da Índia à agitação política e protestos dos *Madhesis*, nas regiões que fazem fronteira com aquele país (Terai). Falou-se, mesmo, na tentativa de subornar deputados do Nepal para influenciar os seus votos finais, durante a eleição do PM nepalês (sendo, este, eleito pelo Parlamento nacional). O certo é que, curto tempo após a aprovação da Constituição, *Khadga Prasad Sharma Oli* (popularmente conhecido apenas como *KP Oli*), presidente do *Partido Comunista do Nepal-Unificado Marxista-Leninista* (CPN-UML), foi eleito por uma maioria dos deputados nepaleses, como o 38º Primeiro-Ministro do país.

*KP Oli* declarou à *Agence France Presse* (AFP), no final de Setembro de 2015, que o governo indiano, e não os manifestantes *Madhesis*, era o verdadeiro responsável pela paralisação das fronteiras Sul do Nepal, num protesto de cariz não-oficial relacionado com a insatisfação indiana, relativamente à Constituição nepalesa. Ele acrescentou:

«A Índia diz que esses manifestantes estão em terra de ninguém, mas isso não é verdade: eles estão a bloquear as estradas, por isso, os camiões indianos não estão a ser capazes de nos fornecer (...) Não há gás, nem combustíveis para veículos, nenhum combustível para as companhias aéreas, e a vida encontra-se congelada (...) Nós não queremos este tipo de amizade (...) a Índia não deve violar os tratados e acordos entre os nossos dois países, em primeiro lugar. Em segundo lugar, a Índia não deve minar e violar as normas internacionais e os direitos dos países *landlocked*.» (AFP, 2015)

Ainda em Outubro de 2015, a líder feminista comunista *Bidhya Devi Bhandari*<sup>170</sup> foi nomeada como a primeira mulher Presidente do país, por votos no Parlamento Nacional do Nepal, derrotando o candidato do *Nepali Congress Party*. Os grupos *Madhesis*, no Terai, argumentavam que a Constituição foi aprovada sem consulta prévia<sup>171</sup>. No entanto, um facto reconhecível, que fundamentou os seus protestos, é, como já mencionámos, a disparidade existente entre castas, e as desigualdades<sup>172</sup> verificadas dentro dos distritos *Madhesh*/Terai. Em 5 de Outubro de 2015,

«Uma delegação de funcionários nepaleses, incluindo o embaixador nepalês na Índia, *Kumar Upadhyay*, reuniu com as autoridades indianas e discutiu o "bloqueio não oficial" em curso, imposto pela Índia ao Nepal (...) A reunião foi realizada no Ministério Indiano das Relações Exteriores (MEA), em Nova Deli (...) Cinco funcionários nepaleses estavam presentes na reunião, enquanto *Abhay Thakur* e o vice-secretário *Priyanka Chauhan* representaram a Índia na reunião.» (*The Kathmandu Post*, 05 de Outubro de 2015)

Depois de negociações ao mais alto nível e de uma série de viagens à Índia, fazendo-se acompanhar por empresários nepaleses, o PM *KP Oli* logrou um levantamento do

<sup>170</sup> Presidente da *All Nepali Women's Association* e viúva de um político carismático, presumivelmente assassinado num acidente de automóvel encenado, em 1993 (*Madan Bhandari*), *Bidhya Bhandari* já havia servido como Ministra da Defesa do país. Não muito tempo depois, *KP Oli* era eleito, a China anunciava alguma assistência com bens e mantimentos ao Nepal, e acordos económicos (tais como a venda de *diesel* e gasolina) eram anunciados, para tentar atenuar os impactos do bloqueio indiano - no entanto, estas medidas paliativas mostraram-se insuficientes.

<sup>171</sup> Apesar de cidadãos nepaleses não serem, normalmente, autorizados a ter um estatuto de dupla cidadania (independentemente da sua região de origem, grupo étnico, ou do país no mundo no qual vivam), cerca de 250 mil cidadãos vivem actualmente, com um passaporte duplo, na região de fronteira Nepal-Índia - devido às políticas indianas de "ocupação suave", seguidas desde os anos '50 do século XX, e também aos fluxos significativos de população migrante dos estados indianos de Bihar e Uttar Pradesh, que auxiliaram na construção de infraestruturas e no desenvolvimento de negócios no Terai. Quando as autoridades nepalesas tentaram parar o estado de excepção no Terai e anunciaram que não iriam emitir mais passaportes nepaleses a cidadãos que não desistissem da sua nacionalidade anterior, os *Madhesis* reclamaram, denunciando a "negação da cidadania" e o "tratamento dual".

<sup>172</sup> Incluso maior desigualdade de género.

bloqueio, em Fevereiro de 2016<sup>173</sup>. Durante o bloqueio económico, a vida no país degradara-se gravemente, degenerando numa crise humanitária, que colocara milhões de crianças nepalesas em risco.

Como síntese geral deste subponto, sublinharemos que a história do Nepal é antiga, rica, complexa e remonta aos primeiros povos habitando as regiões correspondentes ao Nepal contemporâneo, com as suas dinastias de reis tribais, no primeiro milénio aC. Do século XII ao século XV, o império *Malla* governou o Nepal e, do século XV ao século XVIII, fê-lo com base em múltiplos principados independentes, nos quais se dividira. A dinastia *Shah* (séculos XVIII/XIX), sob a égide de *Prithvi Narayan Shah*, tomou Catmandu aos *Mallas*, unificou principados por todo o país, e inaugurou a História Moderna do Nepal. Datam, igualmente, do século XVIII a Guerra Sino-Nepalesa, a proclamação de Catmandu como a capital do país e as primeiras colaborações militares com exércitos britânicos. No século XIX ocorreu a Guerra Anglo-Nepalesa, o Massacre de Kot e a dinastia dos Primeiros-Ministros *Rana* tomou o poder aos monarcas nepaleses, mantendo a qualidade hereditária dos cargos (Lohani, 1989). Assinou-se o *Tratado de Sugauli*, cedendo territórios aos britânicos; *Jung Bahadur* fez, além disso, a primeira viagem de estado, organizada pelo Nepal, à Europa. Durante mais de um século e auxiliados pelos britânicos, os *Rana* governaram o Nepal, enquanto atribuíam à família real nepalesa um papel meramente simbólico. No entanto, as independências da Índia e Paquistão, em 1947, vieram alterar esse equilíbrio de forças, e questionar profundamente a perpetuação da dinastia *Rana* (Lohani, 1989; Sharma, 1990).

Em 1951, o rei *Tribhuvan* retoma o poder para os *Shahs*, mas o seu filho estabelece um regime centralizado, e pouco democrático, de *Panchayati*. Pressionada politicamente até aos anos '90 do século XX, para assumir uma assembleia multipartidária e delegar poderes, a monarquia nepalesa entra numa crise de legitimidade profunda, motivadora da (e agravada pela) Guerra Civil Nepalesa, onde uma das partes desejava fundar uma República Popular no país. Essa crise culmina no Massacre Real de 2001, e na governação acossada do último rei nepalês - que acaba por ser deposto em 2008, na sequência da paz civil, graças a uma coligação de partidos. Uma vez realizadas eleições em 2008, o processo de aprovação e negociação de uma nova Constituição revelou-se muito mais moroso e complicado - na verdade, apenas a urgência suscitada pelos terremotos ocorridos em 2015 veio resolver este impasse

<sup>173</sup> Após uma série de acordos comerciais prevendo investimentos indianos no Nepal, em áreas como a energia e barragens, saúde, educação, estradas e aeroportos (Cf. *The Kathmandu Post*, 2015).

político. Pese embora os custos que essa resolução teve: protestos de grupos insatisfeitos com as provisões constitucionais, como os *Madhesis*, bem como de países vizinhos (exº: a Índia - com subsequente bloqueio económico ao Nepal). Estas contestações vieram pôr a nu fracturas e desigualdades no tecido social nepalês, com grandes discrepâncias verificáveis, entre grupos distintos, cujos interesses frequentemente colidem. Adicionalmente, e do ponto de vista geopolítico, o bloqueio económico revelou a grande dependência do Nepal, em relação às duas potências vizinhas, a Norte (China) e a Sul (Índia), sendo um equilíbrio, entre as exigências de ambas, delicado e difícil de alcançar. Mas as afinidades culturais e a influência político-económica indiana sobre a sociedade nepalesa levaram, enfim, nos primeiros meses de 2016, o PM *KP Oli* a conseguir levantar o bloqueio, à custa de negociações bilaterais intensas, e da cedência de muitas áreas estratégicas do Nepal aos interesses indianos, fossem eles públicos ou privados. De certo modo, estas garantias vieram apaziguar os ânimos dos responsáveis indianos, após a eleição de um Primeiro-Ministro comunista marxista-leninista, no Nepal.

Economicamente, o Nepal lida com elevados níveis de desemprego, o que contribui para a grande pressão migratória sobre a sua população. Quanto à produtividade laboral, o Mapa IXb (Anexo 3) apresenta valores concretos, para o ano de 2013: a produtividade laboral era, então, maior no Sul do país, Catmandu e região Central do Nepal, mas muito menor no Noroeste, o que, mais uma vez, coloca em evidência as assimetrias territoriais.

### 5.1.2 Sociografia do Nepal

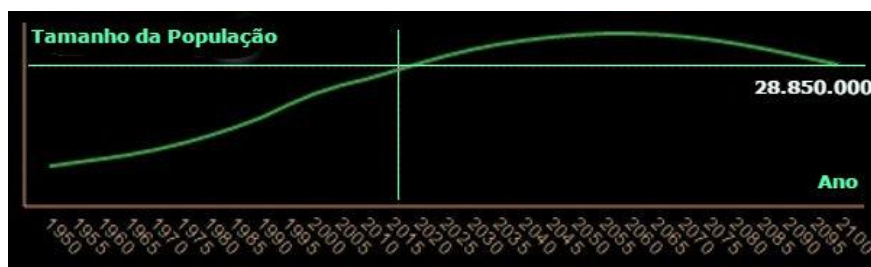
Debruçamo-nos, agora, sobre as questões relacionadas com a caracterização sociográfica do Nepal. Analisamos indicadores gerais e específicos, cruzando diversas variáveis com os grupos de casta, grupos étnicos, religiões e grupos sociais mais vastos, aos quais os indivíduos pertencem e que compõem a sociedade nepalesa. Desta forma, visamos uma caracterização mais rigorosa e aprofundada dos múltiplos agrupamentos sociais, suas condições e modos de vida, naquele país.

#### 5.1.2.1 Dados Gerais Sobre a População, Perfis de Género e Perfis Etários

A população do Nepal era, em 2016, de 28 milhões e 850 mil indivíduos (ONU, 2015, 2016). A *World Population Review*<sup>174</sup> situa a população do Nepal, em 2018, em 29,633,693 indivíduos. Apresentamos, no Gráfico 5.4, a tendência de crescimento da

<sup>174</sup> Cf. <http://worldpopulationreview.com/countries/nepal-population/>, consultado em Abril de 2018.

população nepalesa, desde 1950 - e também a expectativa, em termos de evolução da população total para o Nepal, até ao final do século XXI, segundo a ONU:



**Gráfico 5.4 - Evolução da População do Nepal - 1950 a 2100**  
**Fonte: ONU: *World Population Prospects – The 2015 Revision***

A análise prospectiva prevê uma estabilização da população nepalesa em meados do século XXI, para começar a descer a partir do ano de 2065, atingindo números semelhantes aos actuais (28 milhões) no final do século. O Mapa V (Anexo 3) expõe a densidade populacional (pessoas por km<sup>2</sup>), verificada nos diversos distritos do Nepal, em 2011: vemos que o Terai Leste e a capital Catmandu correspondem, de longe, às regiões com maior densidade populacional no país. O Mapa VI (Anexo 3) detalha a percentagem de mudança populacional verificada no Nepal, entre 2001 e 2011, em função de distritos e regiões de desenvolvimento ecológico: observamos que o distrito de Catmandu, e os distritos a Sul e Oeste, registaram a maior percentagem de mudança populacional, entre os anos de 2001 e 2011<sup>175</sup>. O crescimento anual da população nepalesa era de 1,2% em 2014 (Banco Mundial, 2016). O Mapa X (Anexo 3) analisa o índice de pobreza humana no Nepal, em 2013: verificamos que ele era de 31,1, com um máximo em Humla (49), e um mínimo em Kaski (16). A pobreza atingia mais fortemente o Noroeste do país, e alguns distritos do Terai. Enfim, o Mapa XI (Anexo 3) apresenta a percentagem de pobres, por distrito, em 2011<sup>176</sup>. Em relação à escolaridade, o Mapa XIV (Anexo 3), esclarece-nos sobre a percentagem de população escolarizada,

<sup>175</sup> Por contraste com o Mapa VI, atentemos na percentagem de mudança populacional entre 1981-1991 e entre 1991-2001, nos Mapas VII (Anexo Gráficos). Conforme estes mapas, as zonas de maior percentagem de mudança populacional mantiveram-se semelhantes nos últimos trinta anos, com excepção da região noroeste do país, que viu a sua percentagem de mudança populacional aumentar bastante entre 2001 e 2011.

<sup>176</sup> A percentagem de pobres, a nível nacional, era de quase um quarto da população (23,5%), em 2011. A região do Vale de Catmandu e os distritos centrais tinham menor percentagem de pobres, o Noroeste apresentava uma percentagem maior (o distrito de Bajura tinha 64,1% de pobres, em 2011).

por nível educativo e distrito<sup>177</sup>. No Mapa XV (Anexo 3) analisamos os níveis de literacia por sexo<sup>178</sup>.

Quanto ao sexo e idade, eis a pirâmide populacional do Nepal, para o ano de 2016, de acordo com a Divisão de População das Nações Unidas (Gráfico 5.5):



**Gráfico 5.5 - Pirâmide Populacional do Nepal em 2016**  
**Fonte: ONU: *World Population Prospects – The 2015 Revision***

Em termos de perfis etários, a idade média da população era, em 2011, de 21,6 anos. A população nepalesa é muito jovem, sendo que, no Censos de 2011, 34,1% da população tinha até 14 anos de idade (existiam mais de 9 milhões de crianças). Além disso, 19,8% (mais de 4 milhões de jovens) tinham idades entre os 15-24 anos de idade, e mais de 2 milhões (7,8%), idades compreendidas entre os 25-29 anos (CBS-Nepal 2016; Censos do Nepal, 2011). Observamos a existência de uma ligeira concavidade na pirâmide populacional do país (Gráfico 5.5), referente aos homens, com idades compreendidas entre os 20 e os 40 anos, e que é atribuível ao elevado número de indivíduos do sexo masculino emigrantes, nessas faixas etárias (ou migrantes sazonais, na Índia). Em termos de envelhecimento, o Mapa XII (Anexo 3) elucida-nos a respeito da percentagem da população nepalesa com 75 anos ou mais, em função das EDRs (regiões de desenvolvimento ecológico) e distritos, em 2011<sup>179</sup>. Quando comparados com os europeus, os níveis de envelhecimento, no Nepal, não são significativos.

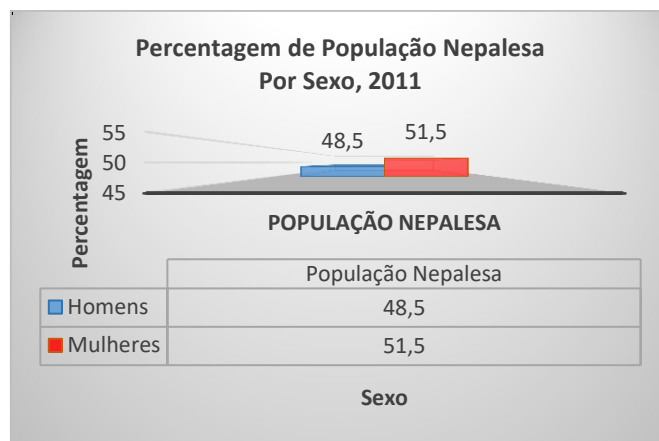
<sup>177</sup> Permanecendo a escolarização geral da população baixa, observamos maior (mas residual) prevalência de níveis universitários pós-graduados (mestrados e doutoramentos) no Vale de Catmandu, sendo o nível primário e a educação não-formal mais comuns - e nas regiões montanhosas, ou Noroeste do país. Portanto, a escolarização é muito desigual através do território nepalês.

<sup>178</sup> Registamos um valor nacional de 57,4% para as mulheres (rácio de população feminina que sabe ler e escrever, para o total de população do sexo feminino), por contraste com 75,1% para os homens. A taxa de literacia das mulheres atinge valores superiores em Catmandu (78,9%) e na região central do país, mas é menor nas montanhas da região *Mid-Western*.

<sup>179</sup> Observamos que os valores mais elevados de população idosa (2,5% ou mais) são registados nas regiões montanhosas Norte-centrais do país (e também nas EDRs de Leste). A população é menos envelhecida a Oeste, e no Terai.



Relativamente aos perfis de género, no Censos nepalês de 2011 havia 41,5% de mulheres e 38,5% de homens na população jovem e adulta do Nepal, além de 13% de crianças (sem especificação de sexo). O Gráfico 5.6 detalha a distribuição da população nepalesa (total) por sexo, em 2011:



**Gráfico 5.6 - Percentagem de População Nepalesa Por Sexo, em 2011**  
Elaborado pela autora, com Base em Dados da ONU (2016), 2018

Como referido, estes dados dizem respeito ao Censos de 2011 (CBS, 2014; ONU, 2016). O Mapa XIII (Anexo 3) indica o rácio por sexo<sup>180</sup> (0,94m/f), em função da EDR<sup>181</sup> e dos diferentes distritos nepaleses, também em 2011<sup>182</sup>. O Quadro 5.1, detalha informação-chave demográfica segundo a *UN Women* (Março de 2016), com alguns aspectos relativos ao sexo, que podem servir-nos de referência:

Informação-Chave Demográfica			
1,35% Taxa de Crescimento Populacional - 2011	170 Taxa de Mortalidade Materna (por 100,000 nados-vivos) - 2011	2,3 Taxa de Fecundidade Total - 2014	69,6 Esperança de Vida das Mulheres - 2011
28,31 População Total - Início 2016	0,94m/f Rácio por Sexo - 2011	49,7 Taxa de Prevalência Contraceptiva - 2014	67,3 Esperança de Vida dos Homens - 2011

**Quadro 5.1 - Informação-Chave Demográfica,  
Incluindo Aspectos Por Sexo - Nepal, 2016**

Fonte: *UN Women*, Março de 2016; Adaptado pela autora, 2018

Verificamos que a taxa de prevalência contraceptiva era de 49,7%, em 2014. A taxa de mortalidade materna era de 170 por 100 mil nados-vivos, em 2011. Com uma taxa de fecundidade de 2,3, em 2014, a esperança de vida das mulheres era, em 2011, e tal como sucede em muitos países, superior à dos homens. Atentando aos valores da taxa de mortalidade infantil, começamos por analisar o Mapa XVI (Anexo 3), que apresenta

<sup>180</sup> Rácio do número de homens pelo número de mulheres.

<sup>181</sup> Região de Desenvolvimento Ecológico (RDE).

<sup>182</sup> Observamos que o rácio era menor na zona central do país, e ultrapassava 110 em algumas regiões montanhosas, onde havia mais homens do que mulheres.



a taxa de mortalidade infantil do Nepal, há vinte anos atrás (1996), em função dos distritos nacionais<sup>183</sup>. Em 2011, a taxa de mortalidade infantil, no Nepal, mostrava-se conforme o Mapa XVII (Anexo 3). A região Noroeste permanecia mais afectada, em 2011 (bem como o Terai); contudo, podemos constatar que houve um decréscimo, em termos dos valores totais da mortalidade infantil, em 15 anos apenas<sup>184</sup> - em média, existiu uma diminuição de 100 mortes por cada 100,000 nascimentos nas áreas mais afectadas, nesse intervalo de anos. Os valores da mortalidade infantil permaneciam, ainda assim, comparativamente muito elevados, no ano 2011.

De forma sintética, neste subponto procurámos caracterizar a população do Nepal em termos de indicadores gerais: tamanho, densidade, mudança populacional, índices de desenvolvimento e pobreza, pirâmide populacional, perfis de género, etários, literacia e taxa de mortalidade infantil. Verificámos que a densidade populacional é maior em torno da capital e no Terai Leste. Regista-se maior percentagem de mudança populacional em Catmandu, e nos distritos a Sul e Oeste do país. A pirâmide populacional revela uma população jovem, embora com uma "dentada" para o sexo masculino entre os 20-40 anos, devido à emigração. Por outro lado, as regiões com população mais idosa situam-se nas montanhas centrais, a Norte. As mulheres são a maioria da população, mas continuam a ter taxas de literacia mais baixas. A generalidade dos indicadores aponta para uma melhoria considerável nos padrões de saúde materna e infantil, durante as últimas duas décadas (em parte, devido ao esforço de múltiplas ONGs presentes no país) - embora a taxa de prevalência contraceptiva ainda fosse inferior a 50%, em 2014.

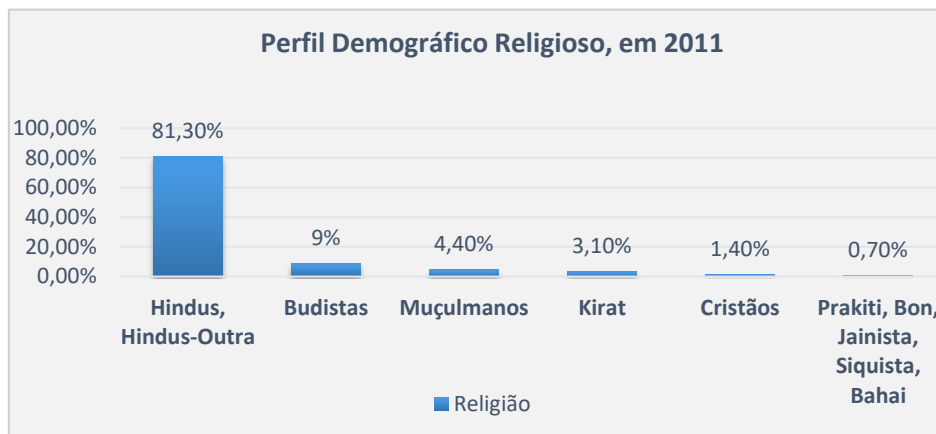
#### 5.1.2.2 Grupos de Casta e Grupos Étnicos, Perfis Religiosos e Perfis Étnico-Linguísticos

De modo a aprofundarmos, um pouco, a discussão sobre a questão dos grupos étnicos, castas e principais religiões no Nepal, apresentamos, no Quadro CXXVIa (Anexo 2), as principais castas e grupos étnicos nepaleses, assim como as principais religiões praticadas dentro do país (Censos Nepal - CBS, 2011; Adhikari, 2014). Ressalvemos que as minorias étnicas, incluindo grupos indígenas, constituem 37,2% da população nepalesa, um valor muito mais alto do que no caso da Índia (8%), e que representa um aspecto único do tecido social nepalês (Moran, 2010). Analisando o Quadro CXXVIa,

<sup>183</sup> Há vinte anos, as regiões Oeste e Noroeste eram grandemente afectadas, com áreas de valores acima de 151 mortes, por 100,000 nascimentos (CBS, 2014).

<sup>184</sup> As regiões com maiores valores, em 2011, tinham taxas iguais ou superiores a 58 mortes, por 100,000 nascimentos (Censos, 2011; CBS, 2014).

verificamos que, a toda uma diversidade de grupos de casta e grupos étnicos, se alia a grande variedade de religiões (ou combinações religiosas possíveis), entre a população nepalesa. O Gráfico 5.7 apresenta, sucintamente, o peso relativo das religiões do Nepal (Censos Nepal - CBS, 2011; *UN Women*, 2016):



**Gráfico 5.7 - Perfil Demográfico Religioso, em 2011**

**Elaborado pela autora, 2018, com Base no Censos Nepal - CBS, 2011 e *UN Women*, 2016**

Um dado, que introduz complexidade nos valores do Gráfico 5.7 (onde uma esmagadora maioria da população professa a religião hindu), está relacionado com o facto de muitos indivíduos se identificarem como "hindus" mas serem, na realidade, hindus-budistas, hindus-kirat, hindus-kirat-budistas, ou adicionarem a prática-crença de qualquer outra religião tribal ou étnica, à sua prática-crença hindu. O Mapa XVIII (Anexo 3) esclarece-nos sobre as percentagens das principais religiões, por distrito nepalês, na origem<sup>185</sup>.

Em relação aos grupos de casta e grupos étnicos, registre-se que estas duas dimensões são indissociáveis (os sistemas de castas são, em geral, intraétnicos, ou específicos para cada grupo étnico). Alguns autores exploraram a questão da multietnicidade, na sua relação complexa com um estado hindu e uma monarquia hindu (Ortner, 1978; Cox, 1990; Gellner, 1997; Gurung, 2001; Vishwakarma, 2002; Gellner, Pfaff-Czarnecka e Whelpton, 2012; Adhikari, 2014)<sup>186</sup>. O problema do nacionalismo e etnicidade no Nepal foi abordado com detalhe por pesquisadores como Pfaff-Czarnecka, Gellner e Whelpton (1997, 2012), Bhattachan (2000) ou Gellner (2001, 2007). Estes investigadores

<sup>185</sup> Revela que o Sul e Oeste são predominantemente hindus, ao passo que, no Norte do Nepal, o budismo tem maior expressão. Os Kirat encontram-se, caracteristicamente, no Leste do país, enquanto os indivíduos que perfilham o Islão vivem, sobretudo, no Terai - ou seja, nos distritos das fronteiras Sul do Nepal.

<sup>186</sup> Somente após a proclamação da República Nepalesa foi permitido aos diferentes grupos étnicos nacionais (sobretudo aos grupos étnicos budistas, ou animistas) celebrarem festivais e feriados próprios, usarem trajes, tocarem músicas, comerem refeições e conduzirem ritos tradicionais - sem a forte repressão, à qual décadas de monarquia absolutista, preocupada com uma certa "uniformização nacional" e com o apagamento da diversidade, votaram tais manifestações.

salientaram questões relacionadas com a política identitária nepalesa, os símbolos da "hinduização" do Estado (ou da unidade nacional) e a construção da nação, num contexto de múltiplas "identidades étnicas", parcelares e em mudança. O Quadro CXXVIb (Anexo 2) apresenta dados da NEFIN - Federação Nepalesa das Nacionalidades Indígenas<sup>187</sup>, citados por Pfaff-Czarnecka, Gellner e Whelpton (1997, 2012) e baseados, em parte, no Censos de 2001 (que identificava 59 grupos, sendo estes somente de Janajatis<sup>188</sup> - não considerando, portanto, outros grupos étnicos nepaleses). É inegável que os grupos étnicos continuam a desempenhar um papel agregador e identitário importante, na sociedade nepalesa - sob os pontos de vista cultural, religioso e político (existem partidos políticos estreitamente associados a determinados grupos étnicos, ou a regiões geográficas específicas)<sup>189</sup>.

Os Khas-Bahun, que ocupam posições superiores e qualificadas na sociedade civil do Nepal (médicos, professores, engenheiros, advogados), representam 41,3% da riqueza nacional, mas correspondem apenas a 13% da população total do país (Censos do Nepal - CBS, 2011; Banco Mundial, 2013). O grupo étnico dos Newar (fortemente representado na região do Vale de Catmandu) tem o maior rendimento *per capita*, entre todos os grupos étnicos (cerca de 326€/mês<sup>190</sup>), ainda que correspondendo, apenas, a aproximadamente 5% da população nacional (Censos do Nepal, 2011; Banco Mundial, 2013; FMI, 2014). Os Newar representam o sexto grupo étnico, em tamanho, do Nepal - atrás dos Kshatriya-Chhetri, Khas-Bahun, Magar, Tharu e Tamang<sup>191</sup>. Considera-se que os Khas-Bahun, Newar e Kshatriya-Chhetris ainda dominam os processos de tomada de decisão e gestão, na sociedade nepalesa, assim como os empregos ligados à formação,

<sup>187</sup> A NEFIN foi fundada em 1991, com o objectivo de agregar os povos e nacionalidades indígenas nepalesas sob uma mesma cúpula apartidária. Actualmente, é constituída por 48 organizações indígenas, e é membro do Grupo de Trabalho das Nações Unidas Sobre Populações Indígenas.

<sup>188</sup> O termo Janajati significa "grupos étnicos primitivos", na Índia. Porém, no Nepal, inclui já os Newar de classe alta, ao mesmo tempo que exclui outros grupos indígenas nepaleses. Pelo Quadro CXXVIb, é-nos dado compreender que os 59 grupos, de Janajatis apenas, identificados (nas montanhas, montes, Terai interior e Terai) foram classificados segundo as categorias "Em Perigo" (como os Bankariya, ou Raute), "Altamente Marginalizados" (por exemplo, os Thami ou os Santhal), "Marginalizados" (o caso dos Tamang, Tharu ou Gangal), "Em Desvantagem" (como Gurung, Magar ou Rai), ou "Em Vantagem" (o caso dos Thakali ou dos Newar).

<sup>189</sup> Esse papel das tradições étnicas também sobressai apesar de os jovens nepaleses sempre enfatizarem, nos seus discursos, as grandes mudanças sociais ocorridas no Nepal, nas últimas décadas (incluindo aquelas que se reportam às atitudes perante a intimidade e o casamento); alterações, essas, suscitadas por processos de globalização e pelo contacto directo de muitos migrantes nepaleses com realidades culturais e sociais diversas, relativamente ao seu ambiente de partida.

<sup>190</sup> Valores como estes ajudam-nos a compreender a dimensão da pressão emigratória para a Europa.

<sup>191</sup> No entanto, estes números sobre o rendimento *per capita* dos Newar poderão também, eventualmente, ser atribuídos à forte presença Newar numa área densamente urbanizada, industrial e turística do Nepal (a capital do país).

posições com melhores remunerações, ou associadas a cargos na economia e política nacional (FMI, 2014)<sup>192</sup>. Os Dalits (os chamados "intocáveis", ou castas mais baixas, de vários grupos étnicos) têm um rendimento mensal médio de 109€<sup>193</sup> - eles não estão representados no governo, e correspondem a apenas 2% da população do ensino superior nepalês (nível universitário), embora representem 12% da população total, ou seja, aproximadamente três milhões de pessoas (Censos do Nepal - CBS, 2011; Banco Mundial, 2013; FMI, 2014). "*Madhesis* Indígenas" (como os Maithili) são 30% da população do Nepal: eles representam algumas castas mais baixas e, no Terai, muitos são de origem indiana, ou têm um duplo passaporte indiano-nepalês (Censos do Nepal - CBS, 2011).

Ao examinar em detalhe a ascensão de uma classe média consumista na capital nepalesa, Liechty (2002) argumentou, especialmente para a região de Catmandu, que a classe social se havia tornado no mais determinante princípio de organização social nepalês e, certamente, essa posição faz sentido, no nosso entender. Vários autores referem, ou antevêm, um colapso progressivo do sistema de castas no Nepal sem, no entanto, especificarem um horizonte temporal, ou analisarem o surgimento da classe média profundamente, como Liechty propôs para a capital (Sharma, 1989; Cameron, 1998; Shrestha 2007c; Bhattarai, 2008). Embora os sistemas de castas tenham sido "oficialmente" abolidos por uma lei especial datada de 1962, a casta ainda influencia um bom número de indicadores sociais no Nepal.

Os apelidos nepaleses revelam *grupo étnico, subcasta dentro do sistema de castas específico*<sup>194</sup> e *região geográfica de origem*, sendo que, diferentes regiões, estão

<sup>192</sup> No Nepal, persistem ainda diferenças substanciais entre castas e entre grupos étnicos. Verificam-se, ademais, desigualdades de género importantes, sobretudo ao nível das castas mais baixas. A propósito das discrepâncias entre grupos de casta e grupos étnicos, apresentamos os Gráficos XII, XIII e XIV (Anexo 3), que reportam indicadores relativos aos grupos de casta e grupos étnicos nepaleses, com maior e menor percentagem de lares que usufruem de electricidade, energia limpa para cozinhar e telemóvel. Através de uma análise atenta dos Gráficos, registemos que os grupos de casta e grupos étnicos urbanos têm muito maior acesso a fontes de energia limpa, electricidade e meios de comunicação, do que os grupos de casta e grupos étnicos rurais (tanto ao Sul como ao Norte do Nepal, nas regiões de cultura tibetana) e do que as castas mais baixas, em geral. Estes dados são confirmados pelo Mapa XXIII (Anexo 3).

<sup>193</sup> Idem.

<sup>194</sup> Exemplo: tanto Adhikari como Bhattarai são apelidos Bahun (maior grupo étnico do país, proveniente de regiões geográficas específicas), considerados, pelo sistema de castas hindu, como Brâmanes. Ambos os apelidos indicam descendência do povo Khas [habitantes das encostas sul da cordilheira dos Himalaias, desde Caxemira até ao Butão, que seriam, por sua vez, descendentes de povos Iranianos]. Ambos os apelidos podem pertencer, tal como os Acharya ou os Sharma, e dependendo da sua história familiar, aos Jaisi Bahun ou aos Upādhyāya Bahun, subcasta mais alta, sendo ambos, ainda, distintos dos Chhetri, casta de origem Indo-Ariana que difere dos Brahmin, mas também pertence ao povo Khas. Os Bhattarai apresentam, por sua vez, quadro subdivisões: Sindhuley, Chiisungkhey, Saalukhey e Gamlangey.

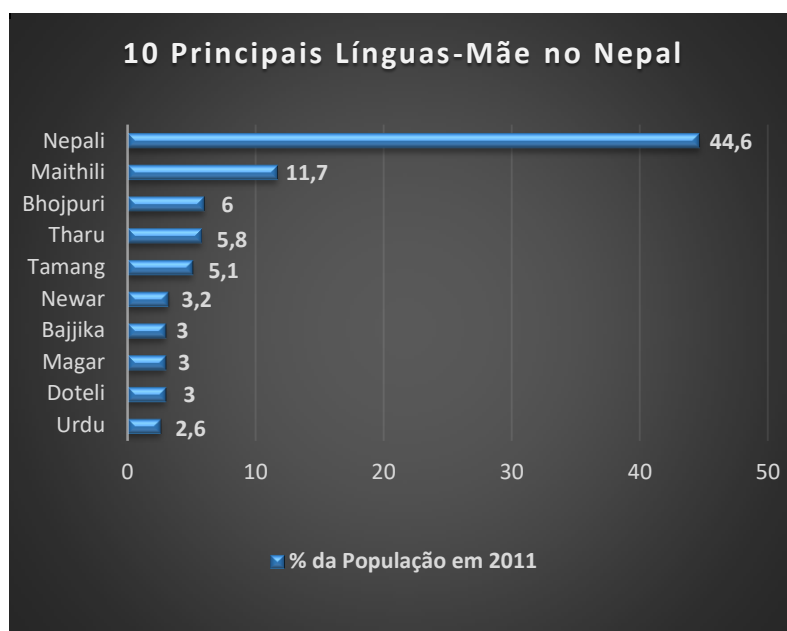
associadas a grupo étnicos, subcastas e línguas de origem concretas. O Mapa XIX (Anexo 3) elucida-nos sobre os grupos étnicos predominantes, em função dos distritos e EDRs nepaleses<sup>195</sup>. Observe-se que os Chhetri predominam no Noroeste e algumas partes do centro-Norte e Leste, os Gurung nas montanhas centrais, e os Brâmanes dos montes concentram-se no centro-Sul do Nepal e capital. Os Limbu prevalecem a Leste, os Yadav no Terai Leste e os Newar, sem dúvida, em Catmandu. Os montes centrais são também a região onde predominam os Magar, ao passo que os Musalman prevalecem em distritos do Terai que fazem fronteira com a Índia. A propósito dos sistemas de castas e comunalismo, Gellner (1997) descreveu a interacção entre sistemas de casta e orientação político-religiosa ou secularismo, e desenvolveu etnografias colaborativas de casta, expondo hierarquias, em particular entre os Newar (Gellner e Quigley, 1997). Muitos grupos étnicos nepaleses possuíam o seu próprio sistema de castas tradicional, o que ainda se reflecte nos nomes do meio, e apelidos, adoptados pelos indivíduos. Além disso, pessoas do mesmo grupo étnico, cultural e linguístico podem revelar que são crentes de religiões distintas<sup>196</sup>.

No que diz respeito aos perfis étnico-linguísticos e línguas faladas dentro do país, o Nepalês (língua oficial) é uma língua do ramo Indo-Ariano, da família de línguas Indo-Europeias (tal como o Maithili ou o Bhojpuri), mas a maioria das mais de 150 línguas do Nepal pertence à família Tibeto-Burmanesa (como o Newar, Magar, Tamang, e línguas Sunwar). A língua Khaskura, do povo Khas, evoluiu para a língua Ghorkali e, mais tarde, deu origem ao Nepali (ou Nepalês). O Nepalês é usado como língua oficial e franca, por 44,6% da população nepalesa (CBS, 2012, 2014)<sup>197</sup>, embora todas as línguas nativas sejam consideradas "línguas nacionais". No Nepal, mais de 77 mil pessoas falam Hindi (0,29%), mais de duas mil falam o Inglês (0,01%) e uma percentagem pequeníssima (1,669 pessoas, ou 0,01%) faz uso do Sânscrito (CBS, 2012, 2014: 57-60). O Gráfico 5.8 apresenta as 10 principais línguas-mãe do Nepal, em percentagem da população (Censos-CBS, 2011):

<sup>195</sup> Região de Desenvolvimento Ecológico (RDE).

<sup>196</sup> Exemplo: os Newar podem ser tanto hindus, como budistas (o seu sistema de castas tradicional é bicéfalo: há duas posições de topo possíveis, conforme se adopta uma, ou outra, das religiões); ou mesmo declarar-se "sem religião", ou conversos (exº: ao cristianismo ou islamismo). Os Newar são o 6º grupo étnico em tamanho, com um sistema de castas próprio muito complexo.

<sup>197</sup> Quanto às principais línguas-mãe no Nepal, por percentagem da população, o Quadro CXXVIII (Anexo 2) dá-nos uma ideia das línguas-mãe mais comuns dentro do país, a seguir ao Nepalês (que é língua-mãe para quase metade da população nepalesa). Verificamos que, em 2011, o Maithili (11,7%) era a segunda língua-mãe mais frequente, em percentagem de população total no Nepal, logo seguida pelo Bhojpuri (6%), Tharu (5.8%), Tamang (5.1%) e Newar (3.2%).



**Gráfico 5.8 - 10 Principais Línguas-Mãe no Nepal, em Percentagem da População**  
 Elaborado pela autora, 2018, com Base na CBS-Censos do Nepal, 2011

Conforme detalhado no Quadro CXXVII (Anexo 2), a maior parte dos indivíduos fala Nepalês, ou outra língua do Nepal (incluindo variedades do Tibetano), Hindi ou Sânscrito e, eventualmente, Inglês. Chinês, Malaio e Árabe são, hoje, mais frequentes, em razão das migrações laborais. Somente uma pequeníssima fracção da população fala outras línguas europeias, como o Alemão, Francês, Espanhol ou Português (CBS, 2015). Por outro lado, o Quadro CXXIX (Anexo 2) resume os dados para as dez línguas mais faladas. Note-se que, com as excepções do Nepalês e do Maithili, todas as outras línguas nepalesas são faladas por menos do que 6% da população nacional - o que assegura uma realidade linguisticamente muito rica, diversa e multiforme, quando consideramos que dezenas de línguas são faladas dentro do território nepalês. Em termos da distribuição das línguas mais faladas por região geográfica, atente-se aos Mapas XX<sup>198</sup>, no Anexo 3 (Gordon, 2005). De forma sumária, neste subponto, apreciámos os perfis religiosos, de casta e étnico-linguísticos do Nepal, na sua relação densa e não-unívoca, identificando as principais línguas da população do país; porém, sublinhando a grande diversidade da composição linguística e do mosaico étnico da região.

<sup>198</sup> Os Mapas XX permitem-nos captar a complexidade da distribuição das línguas nepalesas, em termos geográficos, e perceber a confluência de quatro grandes famílias de línguas, no espaço nepalês.

### 5.1.2.3 Perfis Profissionais, Sectores de Actividade, Taxas de Actividade e Produtividade

Os sectores de actividade mais comuns, no Nepal, surgem ligados à Agricultura e Florestas (60%)<sup>199</sup>, Profissões Não-Especializadas (10%), Comércio e Serviços (8,3%), Artesãos (8%), Profissões Técnicas e Industriais (4,3%), Profissionais Especializados (4%), Gerentes e Empregados de Escritório (2,7%), Clero (2%) e Carreira Militar (0,2%)<sup>200</sup>. De entre a população activa, em 2011, 27% eram empregados, 2% patrões, e 66% trabalhavam por conta própria, além de 4% reportarem estar a trabalhar há menos de 3 meses (Censos do Nepal - CBS, 2011; CBS, 2014). O Mapa XXI (Anexo 3) ilustra, concretamente, a percentagem de população activa, por ocupação e EDR, em 2011<sup>201</sup>. Já o Mapa XXII (Anexo 3), mostra a percentagem de população activa por distritos, em 2011: observamos nitidamente uma maior taxa de actividade nos distritos Norte do país, e menor no Terai. Além disso, as mulheres são menos activas do que os homens: 46,8%, contra 62,5% dos homens, em 2011, a nível nacional<sup>202</sup> - para a população com mais de 15 anos, a taxa de actividade geral é 63,5%, em 2011: 54% para as mulheres, e 74% para os homens (Censos 2011; CBS, 2014). Abaixo dos 25 anos e acima dos 60 anos, menos de 60% da população está activa - Gráficos VIII (Anexo 3). Mustang é o distrito com maior percentagem de população activa, para ambos os sexos (82,2% dos homens e 76,1% das mulheres). O distrito de Parsa revela-se aquele onde as mulheres são menos activas: 21,6%, segundo os dados do Censos de 2011.

Sinteticamente, há assimetrias regionais e distritais vincadas, na percentagem de população activa e correspondentes níveis de desemprego (em geral, os níveis de desemprego são maiores no Sul do país, onde as mulheres também têm maior dificuldade em aceder ao trabalho). Do mesmo modo, as actividades económicas mais desenvolvidas tendem a diferir bastante, de região para região. As diferenças entre os dois sexos, no acesso ao trabalho, permanecem vincadas.

<sup>199</sup> Apesar disso, a percentagem de população no sector primário (64%, em 2011) tem decrescido, ao passo que aumentou de 6%, em 1981, para 24%, em 2011, no sector terciário; e é somente de 9% no sector secundário, em 2011 (CBS, 2014).

<sup>200</sup> CBS - *Population Monograph*, vol. 3 (2014), pp. 26-29.

<sup>201</sup> Verificamos que a Agricultura e Florestas são os sectores de actividade predominantes, no Norte-Oeste e Leste do país, as Profissões Técnicas prevalecem na capital, e os Artesãos concentram-se no Sul do Nepal. Ocupações Não-Especializadas são muito comuns no Terai, enquanto os Militares dominam no Vale de Catmandu e Sul.

<sup>202</sup> Note-se que estas taxas incluem a população total (abrangem crianças e adolescentes). Por isso são tão baixas, no caso dos homens.



#### 5.1.2.4 Vida Familiar, Grupos Sociais e Indicadores Específicos

Na vida familiar nepalesa, devido à predominância de casamentos por arranjo, é regra a interferência das famílias alargadas na vida conjugal em geral e, até, no planeamento familiar. Tal intromissão é justificada com a necessidade de assegurar meios financeiros para criar e educar os filhos, numa sociedade de características colectivistas, onde o irmão mais velho é, frequentemente, sobrecarregado com a responsabilidade de prover à restante fratria. Mas a escolha de parceiro e as vicissitudes da vida do casal também se relacionam, culturalmente, com as tradições do grupo étnico e casta ou, até, com predições de astrólogos hindus-budistas, consultados pela família alargada (prática muito disseminada no Nepal). O Gráfico IX (Anexo 3) apresenta a média de idades, aquando do primeiro casamento, no Nepal, por sexo e segundo o grupo social mais vasto (2011). Podemos verificar que os homens Newar, e os das castas mais elevadas, são aqueles que tendem a casar mais tarde - ao passo que as mulheres Newar e Janajatis casam mais tarde, e as mulheres das castas mais baixas casam mais cedo (aos 16 anos, em média; porém, há casos reportados de casamentos que ocorrem bastante mais cedo, para o caso das noivas).

Nos Gráficos X e XI (Anexo 3), é-nos dado observar dados relativos à percentagem de população casada, em função do grupo social, e também ao rácio por sexo, em função de grupos de casta e grupos étnicos. Ao analisarmos esses gráficos, concluímos que as castas mais baixas e *Madhesis* são os grupos que mais casam, seguidas por Musalman e Janajatis do Terai. Quanto ao rácio por sexo (rácio de homens para 100 mulheres numa população), ele é muito desequilibrado a favor dos homens nos povos Bengali e de religião hindu do Sul do Nepal/Terai (onde também ocorrem mais casamentos), ao passo que as mulheres predominam, claramente, em grupos como os Dura (distrito Lamjun, zona Gandakhi, do Nepal Central), Nurang (povo do sul dos Himalaias), Athpahariya (povo de língua Tibeto-Burmanesa, do distrito de Dhankuta, Leste do Nepal), Lhomi (povo de origem tibetana e religião animista, próxima ao budismo - concentrado no nordeste do país e, nos últimos 20 anos, também em Catmandu) ou Chhantyal (grupo indígena do Oeste do Nepal).

Quanto ao tamanho médio dos agregados familiares nepaleses, esclareçamos algumas diferenças: existem, em alguns distritos do Terai, agregados com 6 ou mais membros, em média; logo seguidos pela região Noroeste do país. Os agregados mais pequenos situam-se nos montes e montanhas centrais (com menos de 4 pessoas, em

média). Estes dados devem ser cruzados com as religiões e grupos étnicos predominantes nesses distritos, para maior elucidação.

#### 5.1.2.5 Aspectos Relativos Ao Género

Analizando questões de género, por relação com o grupo étnico, verificamos que o estigma social que é associado às mulheres solteiras, divorciadas e viúvas ainda representa um fardo pesado, tanto para as mulheres nepalesas mais jovens, como para as mais velhas - mesmo que elas pertençam ao grupo étnico Newar, por exemplo, que tem a maior renda *per capita* do país e está concentrado em torno de uma área densamente urbanizada: o Vale de Catmandu. Na realidade, quanto mais elevada for a casta, mais pesada será a "responsabilidade social" atribuída aos casais nepaleses (exº: os Brâmanes são confrontados com todo um conjunto de normas rígidas, obrigações e deveres que devem cumprir) e os procedimentos adoptados e comportamentos esperados, ou seguidos, obedecerão a códigos mais estritos - associados com aquilo que é considerado aceitável ou não aceitável, de um ponto de vista social. Mencionem-se as regras respeitantes às oportunidades de casamento e divórcio, bem como às possibilidades que a viúva terá de se envolver em novos relacionamentos, ou de ter mais filhos. As relações de género no Nepal também afectam as possibilidades de migração das mulheres (e o destino final por elas escolhido) de diversas maneiras, que teremos oportunidade de explorar mais adiante (Gellner, 2007; Gellner et al., 2012).

Historicamente, a sociedade nepalesa é baseada num sistema patriarcal, o que significa que muitas mulheres colocam, com frequência e na prática, as suas decisões pessoais nas mãos dos homens da família - incluindo as decisões de trabalhar, estudar e migrar - ou da família alargada do marido, a cujo agregado familiar de origem as mulheres recém-casadas devem, por tradição, juntar-se: passando a viver na mesma casa que a família do seu novo marido<sup>203</sup>. O modo de organização social é patrilinear e patrilocal, para a esmagadora maioria das situações e grupo étnicos. Não temos conhecimento de sistemas matrilocais ou outros, a não ser em situações raras e através da literatura, somente (não por via de relatos pessoais), relacionadas com pequenos grupos étnicos, que habitavam em áreas remotas das montanhas nepalesas. Embora a grande maioria dos grupos étnicos nepaleses seja patriarcal e patrilinear, algumas excepções existem - por exemplo, entre os grupos étnicos de montanha e os Sherpas. Os

---

<sup>203</sup> Como parte de uma estratégia para poderem trabalhar e escapar ao casamento por imposição ou arranjo familiar, no Nepal há, actualmente, muitos jovens que migram dentro do próprio país também, para outra região (neolocais).

Sherpas praticam casamentos monogâmicos, mas há poliandria fraternal. Os Solo-Khumbu Sherpas são clãs patrilineares, para os quais as figuras do tio (irmão da mãe) ou cunhado são consideradas categorias expandidas e muito englobantes (podem corresponder a muitas pessoas diferentes). É necessário ter sempre presentes especificidades como esta, e salvaguardar alguns cuidados metodológicos, nomeadamente quando se entrevistam indivíduos Sherpas ou Limbu (Gellner, 2007; Gellner et al., 2012). O Mapa XXIV (Anexo 3) mostra a percentagem de agregados nepaleses com propriedade feminina da casa e do terreno, por regiões geográficas (2011). A nível nacional, somente 10.7% dos agregados nepaleses têm propriedade feminina da casa e do terreno (esse valor é tão baixo quanto 1%, nalguns distritos). O Norte/Oeste é a região com menos propriedade feminina. Para 80% dos agregados nepaleses, as mulheres não possuem terreno nem casa (em 9% dos agregados nepaleses, as mulheres são proprietárias somente do terreno). As regiões Central e Sul/Leste do Nepal parecem mais favoráveis à propriedade feminina.

Quanto ao trabalho das mulheres, o valor nacional, em termos de percentagem de empregados do sexo feminino, em áreas como a manufactura, é de 18,37% - 66,59% no distrito de Terhathum, e 0% em 17 outros distritos do país (Governo do Nepal e CBS, 2012-2013). Continuando a examinar a inserção feminina no mercado do trabalho, o Mapa XXV (Anexo 3) analisa a percentagem de mulheres professoras, em todos os níveis de ensino, em 2012 (Governo do Nepal - *Survey Department Flash Report*, 2012-2013). A percentagem de mulheres nepalesas professoras é igual ou superior a 40% somente em Catmandu e num distrito do Terai, mas muito baixa (menos de um quarto) no Noroeste do país.

Em síntese, analisámos características populacionais gerais da sociedade nepalesa, os seus índices de desenvolvimento e pobreza, perfis de género e etários, taxas de literacia e mortalidade infantil (5.1.2.1). A sociedade nepalesa é constituída por múltiplos grupos de étnicos e castas, com perfis linguísticos e religiosos diferenciados, que importa caracterizar e destringir (5.1.2.2) - e ter em consideração, ao estudarmos tanto o ambiente de origem, quanto as imigrações nepalesas residentes na Europa. Deveremos observar tradições, questões culturais e de género que contradizem, ou colidem, com aspectos e valores das sociedades ocidentais. Estes aspectos e valores diversos podem levar as imigrações nepalesas no exterior (sobretudo os grupos mais focados na preservação de valores tradicionais) a um fechamento sobre si próprias, ou à exclusão, por parte de uma maioria social no país de acolhimento, com valores distintos. O que

representa desafios complexos para os destinos, e para os investigadores dos processos migratórios sul-asiáticos. Ocupámo-nos de delinear os perfis ocupacionais no Nepal (5.1.2.3), e questões relacionadas com a vida familiar (5.1.2.4), como a dinâmica família alargada-casal, a média de idades aquando do primeiro casamento, a percentagem de população casada em função do grupo social, o rácio por sexo em função de grupos de casta-étnicos e o tamanho médio dos agregados familiares. Finalmente, descrevemos questões relativas ao género na sociedade nepalesa (5.1.2.5).

Em conclusão, podemos afirmar que o Quadro CXXX (Anexo 2) sintetiza as principais características que deveremos levar em consideração, após termos detalhado aspectos múltiplos da história e da sociografia do Nepal. Apesar de existir uma língua de unificação nacional (o nepalês), há ainda diversas línguas nacionais reconhecidas, pertencentes a grupos indígenas nepaleses. A queda da dinastia *Shah* marcou a transição definitiva para uma democracia contemporânea de tipo ocidental, ainda que frágil, já no nosso século. Simultaneamente, a queda da monarquia trouxe consigo possibilidades expandidas, em termos de afirmação de uma identidade ligada ao grupo étnico, a qual tinha sido proibida e reprimida, até aí. Enfim, o mosaico de grupos étnicos e castas, línguas e religiões, que dá corpo à sociedade nepalesa pôde, então, colorir-se, sem expectativa de represálias. Sendo o sistema de organização social nepalês patriarcal e patrilinear, a complexidade do tecido social exige de nós, entretanto, sensibilidade aos matizes introduzidos pelas múltiplas identidades étnicas, étnico-religiosas e étnico-linguísticas possíveis, no Nepal.

## **5.2 Fluxos Migratórios e Diáspora Nepalesa**

Neste ponto, efectuaremos uma breve descrição da evolução das migrações no Nepal, nas últimas décadas, e caracterizaremos a diáspora nepalesa no mundo, especificando, em particular, os modelos de transnacionalismo e redes migrantes, com ela envolvidos. O transnacionalismo sociocultural distingue-se do transnacionalismo económico ou político, por envolver um envio de remessas sociais e uma construção de campos sociais transnacionais associada. Mas comecemos por efectuar uma breve descrição da evolução das migrações no Nepal nas últimas décadas, focando fluxos permanentes e sazonais.

## 5.2.1 Fluxos Migratórios

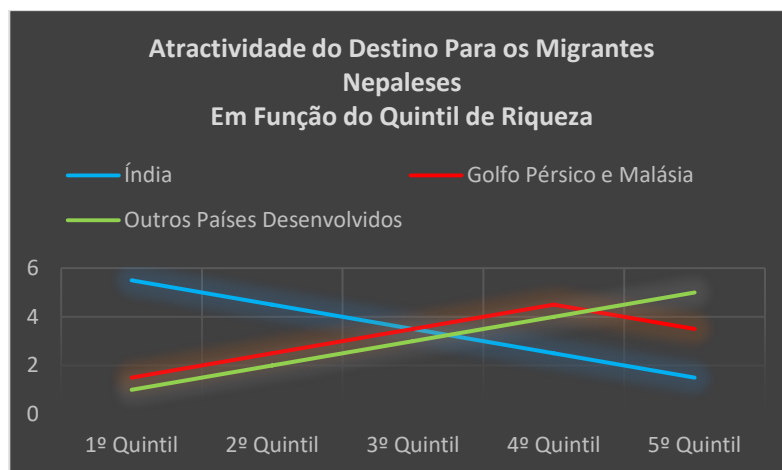
### 5.2.1.1 Fluxos Permanentes

A migração internacional nepalesa está ligada a um passado centenário: ela remonta ao período em que muitos nepaleses serviram o exército do rei de Lahore, Índia, ou se juntaram aos regimentos britânicos de Gurkhas, em 1815. Em razão dos lugares sagrados para hindus e budistas existentes dentro do Nepal, verificam-se múltiplos fluxos anuais de peregrinação vindos da Índia. A migração, dentro do país, conheceu um aumento a ritmo acelerado, após a década de '50 do século XX: migrações internas das regiões das montanhas nepalesas para o Terai (planícies a Sul), quando aí foi erradicada a malária e, por conseguinte, os terrenos se tornaram mais habitáveis, assim como migrações internas do campo para a cidade - estima-se que haja, hoje, mais de 2,6 milhões de migrantes internos no Nepal (CBS, 2014). Uma vaga mais recente de emigração laboral nepalesa disseminou-se rapidamente a partir dos anos '90 do século XX, facilitada por mudanças políticas e por um questionamento crescente do regime monárquico, associados à crise económica e à Guerra Civil no Nepal. Estima-se que 1700 nepaleses deixem o país diariamente (aproximadamente 620 mil por ano, entre 2014-2016), para trabalhar (*Nepal Department of Foreign Affairs*, 2016), sobretudo com destino aos países do Golfo Pérsico (Emirados Árabes Unidos, Qatar, Arábia Saudita, Dubai) e Malásia, mas também com destinos finais tão diversos como a Europa, Hong Kong, Austrália, EUA e Canadá (FMI, 2014; CBS, 2015; ONU, 2016)<sup>204</sup>. Esta vaga recente de emigração de trabalhadores nepaleses estabeleceu novas ligações transnacionais, conectando nações, sociedades, economias e culturas muito distantes. Por vezes, como no caso dos países Mediterrânicos e outros, sem história de imigração nepalesa prévia, essas conexões revestiram-se de um carácter inédito (Sharma, 2013). Já no século XXI, em virtude da grande instabilidade político-económica ainda vivenciada no país de origem, e tendo os militares Gurkhas visto os seus direitos de aposentadoria e reunificação familiar (conjugues, filhos) serem, finalmente, reconhecidos pelos britânicos, muitos optaram por permanecer, emigrar ou enviar familiares para o Reino Unido. Isto sucedeu também em virtude, ou na sequência, da mudança de estatuto político de Hong-Kong para *Região Administrativa Especial*, sob soberania Chinesa, já

<sup>204</sup> O Censos nepalês inclui questões sobre ausentes de cada agregado familiar. O Mapa XXVI (Anexo 3) apresenta a percentagem de população ausente, em função dos distritos nepaleses (2011). Constatamos que os distritos dos montes Centrais e região Sudoeste têm maior percentagem de ausentes. O valor nacional era de 6,8% ausentes em 2011, atingindo quase 20% no distrito de Gulmi, e um mínimo de 1,2% no distrito de Dolpa. Sem dúvida, o extremo Oeste e a região Central do país forneciam mais emigrantes, logo seguidos pelo extremo Leste do Nepal.

em 1997. Nesta região, um número significativo de Gurkhas (que mais tarde veriam os seus direitos reconhecidos e alargados) encontrava-se estacionado, ao serviço dos britânicos.

Gurung (2000) menciona diferentes factores que interferem com o destino escolhido pelos migrantes do Nepal: o seu nível educacional, as suas redes, as suas condições socioeconómicas e o seu acesso à informação. Em geral, e de acordo com os recursos económicos de que dispõem, os migrantes nepaleses escolhem como destinos: Canadá, EUA, Austrália, Hong Kong, Japão, Reino Unido (recursos elevados), outros Países Europeus, Malásia, Singapura, Coreia, Taiwan (recursos médios), Golfo Pérsico ou Índia (migrantes com baixas qualificações e baixos recursos) (Gurung, 2000). Algumas fontes referem, por outra via, que é maior a probabilidade de encontrar um emigrante num lar da "classe média" nepalesa (NMS, 2009). Certo, é que as famílias mais pobres enviam os seus membros para a Índia, ou para outros países sul-asiáticos vizinhos, cuja predilecção se vê reduzida à medida que a riqueza do migrante aumenta. Todavia, o oposto sucede com a escolha de um destino noutros "países desenvolvidos": a migração tende a aumentar com um aumento dos recursos disponíveis. Já para os países do Golfo Pérsico e Malásia, conforme atesta o Gráfico 5.9, essa relação é não-linear: a migração aumenta com a riqueza, e tem um pico no quarto quintil de riqueza, antes de declinar, nos emigrantes com mais recursos (*World Bank Group*, 2011):



**Gráfico 5.9 - Atractividade do Destino Para os Migrantes Nepaleses, em Função do Quintil de Riqueza**

Elaborado pela autora, 2018, com Base em *World Bank Group*, 2011

Em termos de qualificações e nível educativo, os migrantes nepaleses com menos educação e qualificações tendem a viajar também para a Índia, enquanto migrantes com mais qualificações, maior nível de ensino e recursos escolherão preferencialmente "outros países desenvolvidos". Os destinos seleccionados pelos migrantes tendem a

variar igualmente, de acordo com o seu lugar geográfico de origem: migrantes das regiões Ocidental-Central e Extrema-Occidental viajam mais para a Índia, migrantes das regiões Ocidental e Oriental dominam a força de trabalho no Golfo Pérsico e Malásia, e as regiões Central, Ocidental e Oriental do Nepal enviam mais emigrantes para "outros países desenvolvidos", o que também é comum na Região de Desenvolvimento Central, que inclui o Vale de Catmandu. Estes habitantes do Vale de Catmandu e sua Região de Desenvolvimento têm a menor tendência a emigrar, registada no país (22%), enquanto a maior probabilidade de emigração ocorre nas regiões Ocidental e Extrema-Occidental (*World Bank Group*, 2011). Enfim, em termos de grupo étnico e religião, a probabilidade de emigração situa-se acima da média (e por ordem decrescente) para: Muçulmanos/Outros, Hill Dalits, Hill Janajatis e Brahman/Chhetri. Os primeiros e terceiros tendem a escolher o Golfo Pérsico; os Hill Dalits, a Índia; os últimos, o Golfo Pérsico, Índia, Malásia, e ainda "outros países desenvolvidos", como destinos. Já os Newar, que têm a menor probabilidade de emigração (21%), apresentam uma preferência quase idêntica por todos esses destinos. No caso dos Sherpas, com redes de contactos no estrangeiro estabelecidas, desde há muito, a vinda para a Europa ou América do Norte tornou-se mais comum (e há mais tempo), do que para a maior parte dos outros grupos étnicos nepaleses.

Em relação à emigração por género, segundo o *World Bank Group* (2011), 6-7% dos trabalhadores emigrantes nepaleses são mulheres: com a Índia, Kuwait e Qatar como principais destinos. Dados do *Central Bureau of Statistics* (2014) estimam que cerca de 9% das mulheres nepalesas que emigram venham para a Europa, reportando como principais razões para o fazer, as seguintes: educação e estudos (33%), casamento (32%) e trabalho (28%) (CBS, 2014). Sabemos que entre 12-15% dos emigrantes presentes nas estatísticas oficiais nepalesas são mulheres - embora o livre-trânsito na fronteira com a Índia, e a realidade do tráfico humano de jovens e mulheres entre os dois países (que aumenta em períodos de conturbação sociopolítica), constituam factores que devam ser, aqui, também ponderados, porque circundam fenómenos dificilmente captados pelas estatísticas oficiais. Pesemos, além disso, a fácil manipulação das estatísticas oficiais por razões políticas ou ideológicas, que podem levar a subestimar o volume do tráfico humano. Sabemos que metade das mulheres nepalesas que emigram, fazem-no para a Índia: sobretudo por razões de casamento, ou reunificação familiar (CBS, 2014). No século XXI, este padrão de emigração feminina tem sido parcialmente substituído com emigração das mulheres nepalesas para os países do Golfo Pérsico onde,



frequentemente, desempenham funções assistenciais<sup>205</sup>. O *World Bank Group* (2011) considerou as mulheres migrantes nepalesas como fazendo parte de um grupo de migrantes mais vulneráveis a lesões, doenças ocupacionais, tráfico e exploração. Quanto à emigração nepalesa feminina para o Médio Oriente, Simkhada et al. (2018), estudando 1010 mulheres trabalhadoras emigrantes nepalesas retornadas ao Nepal, do Médio Oriente e Malásia, e recebidas num abrigo de emergência da ONG Pourakhi, descobriu que um quarto delas tivera problemas de saúde no destino, e 41% reportavam ter sofrido abusos no local de trabalho - incluindo, em 31% dos casos, tortura e maus-tratos<sup>206</sup>.

Se, até meados da década de 1980, a emigração nepalesa era dirigida, principalmente, para a sua potência vizinha a Sul (a Índia), depois disso, um *boom* na indústria do petróleo ocasionou grande demanda de mão-de-obra, no Médio Oriente. Esta tendência predomina até hoje, com a maioria da população emigrante nepalesa, ainda hoje, a trabalhar na Índia e Médio Oriente - contudo, a escolha de novos destinos é crescente (é o caso dos acordos bilaterais de migração com a Coreia do Sul). Sabemos que muitos indivíduos indianos ou bangladeshianos, a cargo dos canais de migração informais, fornecem serviços de voos para destinos proibidos<sup>207</sup> pelo governo nepalês. Durante longo tempo, as mulheres nepalesas deveriam receber cartas de garantia, relativas à segurança do seu trabalho, dos embaixadores nepaleses no seu destino. Quando isso não sucedia, também elas optavam por usar os canais informais indianos. Apesar de o *Central Bureau of Statistics* nepalês não produzir estatísticas relativas à diáspora e emigrantes<sup>208</sup>, segundo dados recentes, o trabalho manual pesado terá ocasionado a morte de 7500 emigrantes nepaleses na Malásia e Médio Oriente, só desde o ano 2000 - 3500 acidentes dos quais terão ocorrido na Arábia Saudita (*Asian Development Bank*, 2015). Presentemente, calcula-se que um emigrante nepalês faleça a cada dois dias, em acidentes de trabalho, em qualquer país do mundo (*Asian Development Bank*, 2015). A ONU estabeleceu uma parceria com o Governo do Qatar, que tem ajudado ao repatriamento de centenas de emigrantes nepaleses, explorados ou escravizados naquele país (ONU, 2017). O trajecto migratório mais comum dos emigrantes nepaleses, com destino à Europa, ocorre, de facto, via Médio Oriente - quer

<sup>205</sup> As chamadas *carers*.

<sup>206</sup> 11% destas mulheres tinham sequelas físicas e 9% tinham problemas de saúde mental, além de 3% delas terem ficado grávidas no local de trabalho, metade das quais em consequência de violação.

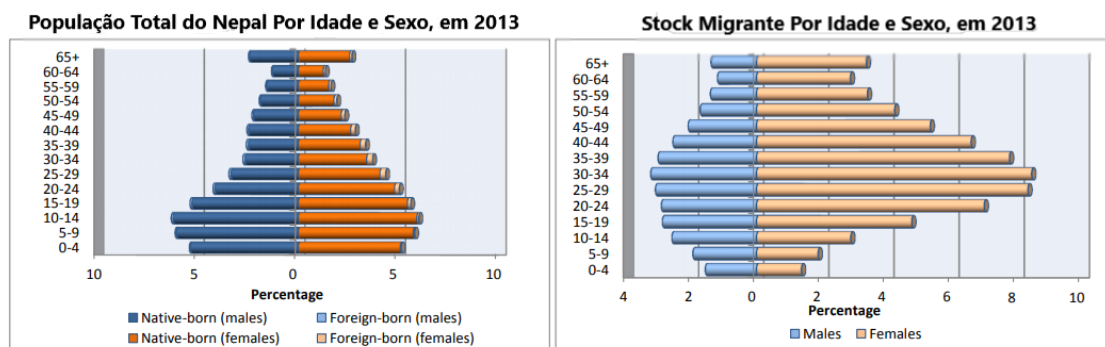
<sup>207</sup> Nomeadamente os países em guerra, ou instáveis, do Médio Oriente.

<sup>208</sup> Contudo, entidades como o NIDS – *Nepal Institute for Development Studies* e o CSLM – *Centre for the Study of Labour and Mobility* (Catmandu) produzem estatísticas parciais e relatórios periódicos sobre migração, remessas e trabalho, além de os Censos nepaleses inventariarem os indivíduos ausentes dos agregados familiares.

o Médio Oriente seja local de passagem em trânsito, quer sirva de morada durante anos, enquanto o emigrante trabalha para poder pagar um visto ou quantias elevadas a *smugglers*, com destino à Europa.

Sabe-se que a maioria dos emigrantes nepaleses são homens e têm entre 20-44 anos de idade (CBS, 2014-2016). Reconhece-se também que a emigração nepalesa provoca algumas crises de oferta de mão-de-obra, severas e recorrentes, em numerosas áreas rurais do Nepal. A emigração aumenta os salários reais dos trabalhadores; contudo, ela também parece diminuir o incentivo para trabalhar, nos homens de agregados familiares que recebem remessas do exterior (OCDE, 2015). Já em 1997, Michael Hutt falava de 2,25 milhões de imigrantes nepaleses, presentes somente na Índia, e considerando as estatísticas dos Censos indianos, das décadas anteriores (eles próprios, apresentando alguns critérios mais ou menos confusos, e algo questionáveis), além da língua-materna reportada pelos respectivos respondentes (Hutt, 1997). Cabe notar que, ao longo do tempo, ou da história, esse número de imigrantes nepaleses, na Índia, foi sendo bastante inflacionado, por diferentes partes e por razões diversas - estimado em 6 milhões por aqueles que exigiam a inclusão do Nepalês na Oitava Revisão Constitucional Indiana, ou em 10 milhões pelo governo Butanês em 1992, para enfatizar a ameaça representada pela imigração em massa - no caso, de nepaleses para a Índia (Hutt, 1997; CBS, 2015). Para estas variações contribuirão, com toda a certeza ainda, os fluxos sazonais de migrantes. Mais frequentemente, os números estimados, de imigrantes nepaleses na Índia, variam entre 1,5 e 3 milhões.

Em termos de peso relativo e evolução dos principais destinos, o Banco Mundial, em 2011, estimava o número total de emigrantes nepaleses em 4 milhões. Os principais destinos dos emigrantes nepaleses, no mundo, são a Índia (mais de 550 mil, em 2013), Malásia (mais de 201 mil, em 2013), EUA (mais de 88 mil, e mais de 5 mil refugiados, em 2013), Reino Unido e Irlanda (mais de 44 mil, em 2013), e o Bangladesh (mais de 38 mil, em 2013) (ONU, 2013). Na última década, vários destinos no Médio Oriente, como Kuwait, Qatar, Omã, Bahrain, Arábia Saudita, Dubai/Emirados Árabes Unidos e Líbano, têm adquirido proeminência (Williams et al., 2014) - são países de acolhimento para milhares de emigrantes nepaleses, sobretudo do sexo masculino, que trabalham, principalmente, no sector da construção e petrolíferas. O Gráfico 5.10 mostra os perfis comparados da população total do Nepal e do seu stock de migrantes, por idade e sexo (ONU, 2013):



**Gráfico 5.10 - Perfis Comparados da População Total do Nepal e do Seu Stock de Migrantes, Por Idade e Sexo, em 2013**

Fonte: ONU, 2013

Vemos que a maioria dos emigrantes nepaleses são do sexo masculino, e têm entre 20 e 50 anos de idade. Entre os destinos tradicionais, Singapura, Myanmar e Hong Kong são muito procurados. Há também a emergência de novos destinos, para os emigrantes nepaleses: casos da Austrália, da emigração de *carers* nepalesas e polícias nepaleses para Israel, ou dos acordos bilaterais estabelecidos desde 2007, entre o Governo do Nepal e a Coreia do Sul. Como o *Employment Permit System* (EPS), testado por cinco vezes entre 2008 e 2015, e que permitiu a emigração legal de quase 36 mil nepaleses, para a Coreia do Sul. Em 2018, o Governo Sul-Coreano aumentou a quota anual de trabalhadores imigrantes nepaleses, de 3200 para 10200 indivíduos. Os Gráficos XV e XVI (Anexo 3) apresentam os fluxos de emigrantes nepaleses legais para países da OCDE, em milhares (entre 2000-2012), bem como os fluxos de remessas dos emigrantes nepaleses, em milhões de dólares e percentagem do PIB (entre 2005-2014). O fluxo de emigrantes nepaleses legais para países OCDE conheceu um crescimento exponencial, em 12 anos (e para o seu principal destino, EUA, sobretudo a partir de 2009).

Em seguida, detalhamos, através dos Gráficos XVII e XVIII (Anexo 3), a percentagem de ausentes na população total nepalesa, por grupo social mais vasto (Censos, 2011), e os 10 grupos de casta-étnicos mais (e menos) representados, em termos de percentagem de ausentes na população nepalesa total (Censos, 2011). Podemos observar que as castas mais baixas das regiões montanhosas, e outras castas baixas indefinidas, são as mais ausentes, logo seguidas pelas castas altas das montanhas (Gráfico XVIII). Verificamos, ainda, em termos de percentagem de ausentes da população total, que os grupos de casta-étnicos mais representados são grupos budistas das regiões montanhosas, e os grupos menos representados são grupos hindus das planícies do Sul/Terai (Gráfico XVII). A percentagem de ausentes pode ser reafirmada

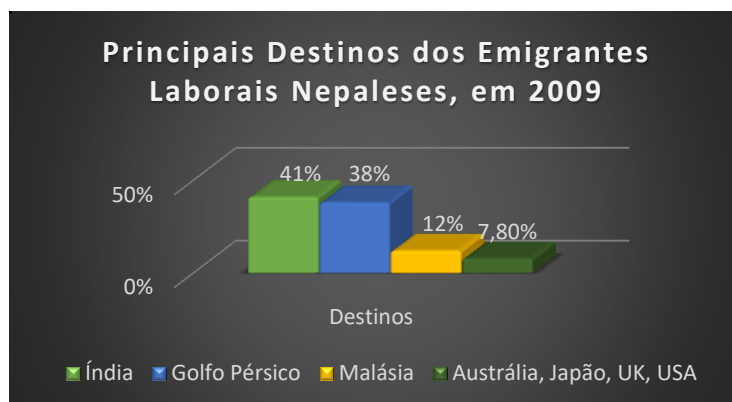
através do Gráfico XIX (Anexo 3). O Gráfico XV (Anexo 3), por outro lado, pretende ilustrar as características dos fluxos de cidadãos nepaleses com mais de 15 anos, para países OCDE: verificamos que houve um aumento exponencial em 10 anos, da migração de nepaleses altamente qualificados e com qualificação média-baixa para países OCDE, bem como da taxa de emigração dos qualificados. Os principais destinos em 2010-2011 (EUA, Reino Unido e Austrália) lideram as preferências, tanto de emigrantes nepaleses com qualificação baixa-média (em maior número), quanto de emigrantes nepaleses qualificados - Quadro CXXXI (Anexo 2). A Tabela acoplada ao Gráfico XVI (Anexo 3) revela que cerca de um terço dos nepaleses altamente qualificados e um quarto dos jovens entre os 14-25 anos desejavam emigrar de forma permanente (entre 2007-2013). Ou seja, é necessário considerarmos que estes são números anteriores aos terremotos de 2015 e ao bloqueio económico indiano, que durou até Fevereiro de 2016 - situações, essas, que aumentaram a emigração e o desejo de emigrar, entre os nepaleses. Muito provavelmente, estes números cresceram significativamente nos anos mais recentes.

Quanto aos emigrantes nepaleses que são estudantes, estes têm como principais países de emigração os Estados Unidos (tal como os refugiados nepaleses da Guerra Civil, ou de perseguições étnicas), seguidos pela Austrália, Índia, Japão e Reino Unido. Havia, nos Estados Unidos, 7196 estudantes nepaleses já em 2006, representando a 6ª nacionalidade de estudantes estrangeiros no país (*US Immigration and Customs Enforcement*, 2006), e o fluxo tem crescido. O Quadro CXXXI (Anexo 2) indica os principais destinos OCDE, por nível educativo, em 2010-2011 (população nepalesa com mais de 15 anos), com percentagem de mudança desde 2000-2001, bem como os países da preferência dos estudantes internacionais nepaleses em países OCDE, entre os anos de 2008-2012. Constatamos aumentos de mais de 1000% no fluxo de emigrantes nepaleses qualificados para a Austrália e Reino Unido (desde 2000-2001 até 2010-2011); aumentos de mais de 600% no fluxo de nepaleses menos qualificados para o Reino Unido (entre os anos de 2000-2001 e 2010-2011); e de quase 400% para o Canadá e EUA, no mesmo período (Tabela 1 do Quadro CXXXI). Verificamos que os emigrantes nepaleses com menor nível educativo e mais de 15 anos preferiram o Reino Unido (em 2010-2011), enquanto os emigrantes nepaleses mais educados e com idade superior a 15 anos, tiveram como destino predilecto os EUA (em 2010-2011). Para qualquer nível educativo, a percentagem de crescimento, em 10 anos, foi, em todo o caso, maior para o Reino Unido (e também para a Austrália, no caso dos emigrantes

mais qualificados). Quanto aos estudantes internacionais do Nepal em países OCDE, segundo estes dados, EUA e Austrália foram os países preferidos, entre os anos de 2008 e 2012 (Tabela 2 do Quadro CXXXI), muito embora os dados oficiais britânicos não condigam com os números da OCDE, e apontem o Reino Unido como destino preferencial (*UK Home Office*, 2014-2015).

#### 5.2.1.2 Fluxos Sazonais

Temos, assim, que a Índia surge como principal destino dos fluxos migratórios sazonais nepaleses (designadamente, de trabalhadores rurais e trabalhadores da construção), a nível regional. Tal como demonstrado através do Gráfico 5.11, a *Nepal Migration Survey (NMS) 2009* (NIDS, 2009)<sup>209</sup> colocava o número de trabalhadores emigrantes nepaleses em 2,1 milhões, em 2009, com a Índia (41%), países do Golfo Pérsico (38%) e Malásia (12%) como os seus destinos-chave, e números significativos de trabalhadores (8,7%) noutros países desenvolvidos adicionais - como a Austrália, Japão, o Reino Unido e os Estados Unidos:



**Gráfico 5.11 - Principais Destinos dos Trabalhadores Emigrantes Nepaleses, em 2009**  
Elaborado pela autora, 2018, com Base em NMS - NIDS, 2009

Segundo o NIDS, algumas diferenças verificadas, entre os resultados da sondagem NMS (2009) e outras estimativas de fontes diferentes, poderão ser explicadas, em parte, por um retorno sazonal de muitos emigrantes ao Nepal - a sondagem NMS foi realizada no pico da época agrícola nepalesa (durante os meses de Maio e Junho), período escolhido pelos emigrantes que, habitualmente, residem na Índia, para regressarem a casa e trabalharem os campos, antes da época das monções acontecer (NMS - NIDS,

<sup>209</sup> A *Nepal Migration Survey (NMS)* foi uma sondagem promovida pelo NIDS - *Nepal Institute of Development Studies*, em 2009, que compreendeu 3200 agregados familiares, de 199 concelhos do Nepal, seleccionados através de amostragem sistemática, em dois estágios (16 agregados por concelho, e 32 agregados em Catmandu). As variáveis estudadas centavam-se no número de emigrantes, origens, destinos, corredores migratórios, perfis dos migrantes, probabilidade individual de migração, fluxo e distribuição de remessas através de estratos económicos e regiões, redes migratórias e ocupações antes e após a migração (NIDS, 2009; J. Sharma e S. Sharma, 2011). Cf. <https://www.nids.org.np/publications.htm>.

2009). Em 2014, Malla e Rosenbaum (2017) indicavam como principais destinos dos trabalhadores emigrantes nepaleses a Malásia (41%), Arábia Saudita (23%), Qatar (20%)<sup>210</sup>, EAU (11%) e Kuwait (2%) (Ministério do Trabalho e Emprego Nepalês, 2013-2014). O Gráfico XX (Anexo 3) indica o número de trabalhadores emigrantes e seus 5 destinos principais, por distrito (2014). Registamos a Malásia, como destino principal dos trabalhadores emigrantes, de todos os distritos analisados (atingindo mais de 18 mil emigrantes, num ano, em Kavrepalanchowk, Makawanpur, Sindhuli ou Dhading), à excepção de Catmandu (Emirados Árabes Unidos, como destino preferencial) e Lamjung (Qatar, como principal destino). O Kuwait é, consistentemente, o 5º destino eleito pelos emigrantes nos distritos analisados, com excepção de Sindhupalchowk, onde o 5º destino predilecto é o Líbano.

Quanto aos novos destinos dos emigrantes nepaleses, e como já mencionámos a propósito dos fluxos permanentes, Austrália, Coreia do Sul, Japão ou Israel aparecem como países de chegada crescentemente procurados. A emigração nepalesa para a Europa<sup>211</sup> também tem vindo a crescer: ela é maior no Reino Unido e Irlanda - onde cresceu abruptamente a partir de 2004, com a mudança de estatuto legal dos Gurkhas, e também a partir de 2009, quando mais direitos foram reconhecidos aos Gurkhas que tivessem um mínimo de 4 anos de serviço (CNSUK, 2012). Contudo, esta tendência inverteu-se nos últimos anos, com milhares de estudantes nepaleses a deixarem o Reino Unido. Assim, a CNSUK estimava, no final de 2012, que o número de imigrantes nepaleses no Reino Unido fosse de 80 mil indivíduos. Porém, já em 2014, Pariyar, Gellner e Shrestha admitiam 100 a 150 mil nepaleses no Reino Unido, sendo dois terços deles Gurkhas, ex-Gurkhas e seus dependentes (Pariyar, Gellner e Shrestha, 2014). O grosso do fluxo é do século XXI, só sendo antecipado por alguns médicos e enfermeiros, nos anos '80 e '90. Eles representam mais de 26 grupos étnicos, correspondendo sobretudo aos grupos de Janajatis integrados nos batalhões Gurkhas, e concentram-se quase exclusivamente em Inglaterra, com 40% no Sudeste e 37% em Londres (ONS UK - Censos Inglês, 2011). Três em cada dez nepaleses no Reino Unido

<sup>210</sup> Martin (2007) afirmava que 76% dos custos migratórios dos nepaleses regressando a casa do Qatar, em 2014-15, eram devidos a pagamentos a agentes (intermediários) e quase dois terços desses nepaleses tinham pedido empréstimos, de modo a partirem rumo ao Qatar - eles eram maioritariamente jovens e tinham muito baixas qualificações.

<sup>211</sup> As relações diplomáticas da União Europeia com o Nepal têm sublinhado a promoção da educação, saúde, paz e estabilidade, no Nepal. A EU foi também, em Julho de 2018, a primeira parceira a financiar directamente a estratégia de desenvolvimento da agricultura do Governo do Nepal, com um investimento de 40 milhões de euros, num esforço de combate à pobreza.



não nasceram no Nepal, e a imigração nepalesa em Inglaterra é jovem e vibrante, gerindo mais de 400 organizações comunitárias.

Sabemos que há imigrações nepalesas importantes, embora subestimadas nos dados oficiais, ou pelo facto de haver muitos não-documentados, em França, na Bélgica, na Dinamarca (aprox. 2500 nepaleses em Copenhaga), na Alemanha ou em Itália<sup>212</sup>. No contexto dos países Mediterrânicos, Itália e França terão as maiores imigrações nepalesas. Em Espanha, há vários milhares de imigrantes nepaleses a residir na cidade de Barcelona - muito activos, no âmbito das organizações nepalesas no contexto europeu e, até, na promoção activa do seu país de origem, com *billboards*, para cerca de 1 milhão de turistas visitantes daquela cidade. Por outro lado, redes étnicas de recrutamento de trabalhadores, directamente na origem, para trabalho agrícola a realizar nos países do Sul da Europa, tornaram-se cada vez mais comuns, nos últimos anos. Em Portugal, o município de Lisboa identificou 1834 residentes nepaleses, no ano de 2013 (CM de Lisboa, 2013) - porém, as principais associações nepalesas têm mais de 3 mil registados na zona metropolitana, calculando esse número como inferior ao total, e apontando totais na ordem dos 8 a 10 mil nepaleses em território nacional, com as explorações agrícolas fora de Lisboa incluídas (Consulado do Nepal, 2017). O SEF emitiu, em 2017, 297 pareceres para aquisição da nacionalidade portuguesa, 289 notificações para abandono voluntário e 1124 contraordenações por permanência ilegal a cidadãos nepaleses (SEF, 2017). Na perspectiva dos cidadãos nepaleses, Portugal

---

<sup>212</sup> Na Europa, alguns dos aumentos populacionais mais importantes, resultando de processos migratórios, tiveram lugar durante a década de '90 do século XX e inícios dos anos 2000, com o saldo migratório dos 28 estados-membros da União atingindo um máximo de 1,8 milhões de pessoas, em 2003 (após esse pico, tendeu a abrandar ligeiramente). Em 2012, a população dos EU-28 cresceu em quase 900 mil pessoas, em resultado do saldo migratório (*Eurostat Regional Yearbook*, 2014). Ora, quase dois terços dos estrangeiros morando em estados-membros são, actualmente, cidadãos de países fora da EU-28, e a imigração sul-asiática para a Europa tem vindo a aumentar de forma consistente. Mas consideremos, também, que aproximadamente 194 mil cidadãos não-europeus foram deportados ou receberam ordens de saída da Europa para o seu país de origem, só no ano de 2015, tendo havido um aumento de extradições e deportações entre 2013-2015, no espaço europeu (Eurostat, 2016). Estas informações podem levar-nos a explicar as estratégias migratórias seguidas, e as rotas preferidas pelos nepaleses que migram para o continente europeu. Objectivamente, o Gráfico XXI (Anexo 3) põe em evidência a realidade destes números referidos. Verificamos, assim que, em 2015, mais de 2 milhões de cidadãos não-europeus foram "apreendidos" no espaço europeu (um aumento superior a 200% relativamente ao ano anterior). As ordens para cidadãos não-europeus abandonarem países do espaço europeu também se assemelharam, em 2015, aos níveis de 2010, e o total de deportações e ordens de saída aproximou-se das 800 mil, só nesse ano (2015). Se os grandes fluxos de refugiados originados pelas guerras na Síria, Afeganistão, Kosovo e Iraque, ou pelas crises no Magreb e África-Subsahariana terão contribuído para grande parte destas "apreensões" de cidadãos não-europeus, a verdade é que uma parte das ditas "apreensões" teve como alvo sul-asiáticos, como evidenciado no Gráfico XXII (Anexo 3) - nomeadamente, 22 mil bangladeshianos (ou 38 mil cidadãos de "nacionalidade desconhecida", entre os quais muitos nepaleses).



aparece como o 15º país estrangeiro mais amigável, atrás de potências como o Japão, Estados Unidos, China, Reino Unido, Índia e Austrália (CBS, 2016).

Resumindo, neste subponto 5.2.1 analisámos, de forma breve, a evolução da emigração no Nepal, nas últimas décadas, e examinámos os principais destinos dos emigrantes nepaleses no mundo e para países OCDE. Indicámos dados sobre novos destinos e sobre o peso relativo da emigração nepalesa para os países mediterrânicos - para Portugal, em particular. Considerámos, além disso, as regiões geográficas do Nepal que mais fornecem emigrantes, e detalhámos quais grupos étnicos, de casta, e grupos sociais mais vastos, estão mais (e menos) representados, em termos de percentagem de ausentes (emigrados) declarados, na população total do país de origem (Censos Nepalês - CBS, 2011).

### 5.2.2 A Diáspora Nepalesa no Mundo

Em seguida, abordaremos algumas questões relativas à diáspora nepalesa no mundo. A OIM e as Nações Unidas situavam o número total de imigrantes vindos da Ásia, para outros continentes, em mais de 40 milhões, em 2015 (UN DESA, 2015; OIM *World Migration Report*, 2018) - Gráficos XXIII (Anexo 3). Tal como dissémos atrás, e podemos visualizar no Mapa XXVII (Anexo 3), a diáspora nepalesa é constituída por grandes comunidades na Índia, Médio Oriente, Filipinas e Malásia, Austrália, Reino Unido e EUA, ao passo que se revela menor no Canadá, no resto da Europa e na América do Sul (OIM, 2016). Os dados do Censos nepalês de 2011 revelaram, unicamente, 1378678 pessoas ausentes da sua residência no Nepal, em razão de migração (Censos Nepalês - CBS, 2011). Na realidade, o número de nepaleses residentes no estrangeiro é de vários milhões, embora verdadeiramente incerto, porque os dados existentes, e analisáveis, não são suficientemente fiáveis, e também porque o peso da migração não-documentada nepalesa é, a nível internacional, significativo. Em 2011, o *World Bank Group* afirmava, no seu *Relatório Sobre a Migração de Larga-Escala no Nepal - Problemas, Desafios e Oportunidades*, que:

«A escala das migrações, e das remessas, no Nepal é verdadeiramente surpreendente. Quase metade de todos os lares têm, pelo menos, um emigrante ou um retornado. As estimativas do número de nepaleses migrantes variam bastante, mas aquela mais frequentemente citada dá conta de 4 milhões, incluindo trabalhadores sazonais na Índia, e os que usam canais informais - isto significa um terço de toda a população masculina activa. As remessas constituem, agora, um quarto do rendimento de todas as famílias, e quase dois terços do rendimento daqueles que recebem dinheiro do exterior. No seu relatório anual de 2009, as "remessas oficiais", medidas pelo *Nepal Rastra Bank* (NRB), totalizaram 2,7 mil milhões de dólares, ou 22% do PIB [nacional]. Este número exclui as remessas da Índia e os fluxos

informais; portanto, o influxo total de remessas poderá, facilmente, exceder os 25% do PIB.» (*World Bank Group*, 2011)

De acordo com diversas fontes, a NMS - NIDS (2009) entre elas, a Índia surge também como um ponto de passagem fundamental para os migrantes nepaleses que recorrem a canais de migração informais, por não poderem voar a partir de Catmandu sem documentação. Sabemos que o peso do contributo das remessas emigrantes foi de quase 30% do PIB nepalês, em 2017 (*World Bank*, 2018). Os dados do *Asian Development Bank* (2015) apontam para uma muito maior percentagem de população ausente, em distritos como Lamjung ou Gorkha, e uma percentagem menor de ausentes, em distritos como Bhaktapur - tendo a média nacional sido de 7,3% ausentes, em 2014.

Essa distribuição de emigrantes, através de regiões geográficas e estratos sociais distintos, seria facilitada pelas redes migrantes, pelo grande número de jovens e pelas elevadas taxas de desemprego no Nepal. Com base no trabalho de diferentes autores (Safran, 1991, 1999; Sheffer, 1986, 2002, 2003; Tölölyan, 1996; Cohen, 1997; Brubaker, 2005), distinguimos as principais características, em virtude das quais poderemos considerar que certas imigrações dispersas pelo mundo configuram uma "diáspora". Em função dos debates atrás expostos, nomeadamente no Capítulo 1, é-nos possível afirmar que as imigrações nepalesas dispersas pelo mundo constituem aquilo que, por convenção, se designa como uma diáspora. Esta afirmação é suportada pelo facto de o movimento migratório nepalês apresentar as características essenciais, que delimitam o conceito de diáspora:

- O deslocamento de pessoas ou seus antepassados, para fora de um lugar de origem;
- A conexão com esse espaço de origem, real ou imaginado;
- A relação ambivalente com a sociedade receptora;
- O surgimento e consolidação de uma consciência de identidade de grupo, em relação com o lugar de origem e com os membros de outras imigrações.

Como atrás afluído, a diáspora nepalesa no mundo remonta aos processos de recrutamento de militares nepaleses por parte de governos indianos, malaio ou britânicos. Desde presenças muito antigas na Europa (ex<sup>o</sup>: Reino Unido)<sup>213</sup>, até imigrações bastante mais recentes no Mediterrâneo (ex<sup>o</sup>: Itália, Espanha ou Portugal), a diáspora nepalesa - encarada no sentido do surgimento de uma consciência colectiva em relação com o lugar de origem, e articulada, ao redor do mundo, de forma complexa<sup>214</sup> -

<sup>213</sup> Os primeiros batalhões de Gurkhas, recrutados pelo Reino Unido, datam do século XIX, bem como a primeira missão diplomática nepalesa ao Ocidente (1850).

<sup>214</sup> Tanto nos modos de organização e estruturação hierárquica, quanto nas formas de comunicação e colaboração.

, desenvolve a sua "consciência diaspórica" através do trabalho de líderes políticos, comunitários, militares, religiosos, académicos e intelectuais. Ao mesmo tempo, constrói identidades imigrantes no destino, em relação com a cultura de partida, e em articulação com as organizações emigrantes nepalesas de cariz regional, étnico, social, religioso ou político. A diáspora organiza-se, primariamente, através dos Consulados ou Embaixadas do Nepal, mas também por via da *Non Residents Nepali Association* (NRNA)<sup>215</sup> (que possui, já, 78 delegações em países distintos), e de dezenas, ou centenas, de *loose-networks*<sup>216</sup>, grupos étnicos estruturados e organizações comunitárias, em cada país de destino. Estas últimas, surgem relacionadas com as regiões de origem no Nepal, a identidade étnica, os grupos de género, os partidos políticos nepaleses, os grupos ligados às necessidades de jovens e crianças, à língua, à religião, à saúde, ou à segurança social e direitos laborais dos emigrantes, entre outros temas. O Quadro 5.2 esclarece-nos sobre o papel da NRNA, segundo a própria organização:

Papel da NRNA – <i>Non Residents Nepali Association</i>	
<b>Fins Estratégicos:</b>	
Unir, sob uma mesma organização, os nepaleses a residir por todo o mundo, proteger e defender os seus interesses, fora e dentro do Nepal, e utilizar os seus potenciais e recursos em benefício do Nepal. Para alcançar estes fins, a associação organiza as seguintes actividades:	
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Promover e proteger os direitos e interesses dos nepaleses a residir fora do Nepal</li> <li>2. Estabelecer uma rede global, e uma plataforma comum para a Diáspora Nepalesa</li> <li>3. Atrair e facilitar o investimento de nepaleses no exterior, incluindo investimento estrangeiro directo (IED), para ajuda ao desenvolvimento social e económico do Nepal</li> <li>4. Promover o turismo e preservar a cultura e herança nepalesas, globalmente</li> <li>5. Mobilizar conhecimento, competências, capital e outros recursos, à disposição dos residentes nepaleses no exterior, para o desenvolvimento socioeconómico do Nepal</li> </ol>	
<b>Objectivos Estratégicos:</b>	

<sup>215</sup> A NRNA é uma ONG global fundada em 2003, pela convergência de vontades de diversos membros qualificados, das imigrações nepalesas espalhadas pelo mundo. Esta ONG foi fundada por razões de ajuda ao desenvolvimento, pelo interesse em obter vantagens nas trocas comerciais junto do governo nepalês (por parte de membros da diáspora nepalesa), em investir no Nepal e desenvolver as importações-exportações do país, em manter laços culturais e afectivos à origem, obter dupla cidadania, e trocar competências técnicas. A NRNA tem uma Constituição e Regulamentos, e é financiada através de donativos, em todo o mundo, e da organização de diferentes actividades. Para efeitos práticos, são considerados *Non Resident Nepalis* (NRNs) os cidadãos nepaleses vivendo fora dos países-membros da SAARC (*South Asian Association for Regional Cooperation*), ou PNOs (Pessoas de Origem Nepalesa) com nacionalidade estrangeira, que não das nações SAARC. A NRNA organiza projectos (como a *Nepal Open University*, a *Nepal Science Foundation* ou a *Nepal Library Foundation*) e mega-projectos, reuniões e conferências regionais regulares, assim como conferências globais bianuais, em Catmandu (a última destas ocorreu em Outubro de 2017).

<sup>216</sup> *Loose networks* são outros grupos mais pequenos e/ou informais, dedicados a diferentes tópicos.

1. Institucionalização e sustentabilidade financeira da NRNA
2. Continuação da Cidadania Nepalesa (CNC)
3. Promover e apoiar direitos iguais e justos, para os trabalhadores migrantes nepaleses
4. Promover e envolver-se em actividades de impacto social sustentável, no melhor interesse das comunidades alargadas no Nepal
5. Desenvolver uma rede forte de NCCs (Conselhos de Coordenação Nacionais)
6. Desenvolver conectividade e rede para a diáspora jovem
7. Identificar e promover investimentos no Nepal, que são do interesse nacional, e dar apoios sociais
8. Promover e mobilizar investimentos no Nepal
9. Fazer *lobby* junto do Governo nepalês, para políticas amigas do investimento
10. Promover o Nepal internacionalmente, através das redes da NRNA
11. Advogar, junto do Governo do Nepal, para construir boa governança e sustentabilidade na área do turismo
12. Promover NRNs (nepaleses no exterior) e investimento estrangeiro, para o desenvolvimento do turismo sustentável
13. Identificar NRNs (imigrações nepalesas no exterior), competências, conhecimento, inovação e capital
14. Desenvolver conectividade e redes de empreendedores, dentro e fora do Nepal

**Quadro 5.2 - O Papel da NRNA - Objectivos e Fins Estratégicos**  
**Elaborado pela autora, 2018, com Base em NRNA, 2016**

Examinando o quadro, é-nos dado observar que a organização NRNA declara, expressamente, como um dos seus fins específicos o estabelecimento de uma rede global, e de uma plataforma comum para a diáspora nepalesa. Ela visa, além disso, atrair investimento directo estrangeiro para o Nepal, e mobilizar capital e conhecimento, para ajudar ao desenvolvimento do país de origem. Entre os objectivos estratégicos, contam-se "assegurar a continuidade de uma cidadania Nepali", fazer *lobby* junto do governo nepalês, no sentido de promover políticas favoráveis ao investimento e práticas de turismo sustentável, "desenvolver conectividade e ligar empreendedores", ou interconectar a juventude na diáspora. O Quadro CXV (Anexo 2) revela, ademais, os princípios e o *slogan* daquela organização. Registamos que a NRNA se funda, em parte, na auto-declarada crença: *Uma Vez Nepalês, Sempre Permanecerás Nepalês*, e adopta como *slogan*: "Pelos Nepaleses, Para os Nepaleses". A organização pretende garantir a protecção e representação dos emigrantes, considerando que o interesse nacional também pode ser cumprido pela diáspora nepalesa. Para além de levar a cabo importantes missões, relacionadas com trabalho social e ajuda humanitária no ambiente de origem (Nepal), bem como atracção de turismo e investimento directo estrangeiro (para auxiliar ao desenvolvimento socioeconómico e à preservação cultural do país), a NRNA desempenha, através dos seus conselhos de coordenação nacionais, regionais e continentais, tarefas múltiplas. Essas tarefas estão relacionadas com a integração, formação de migrantes, legalização, defesa de direitos, emprego, divulgação cultural e articulação dos membros das imigrações nepalesas - mobilizando as competências, conhecimentos, capital humano e investimentos destes, no sentido de apoiar o

desenvolvimento do ambiente de partida. Os emigrantes nepaleses mais qualificados tendem a tornar-se líderes comunitários das diferentes organizações<sup>217</sup>.

Como os terremotos de 2015 (seguidos pelo bloqueio económico não-oficial indiano até Fevereiro de 2016), o fechamento de fronteiras, o agravamento da crise humanitária, as tensões étnicas com os Madhesis, ou o aumento do tráfico humano na origem (ao longo dos anos de 2015-2016), bem demonstraram, a diáspora nepalesa é, frequentemente, chamada a mitigar os efeitos sociais e políticos dos desastres naturais, e da instabilidade política no país de origem - com remessas, apoio humanitário, investimento e capital humano. Um exemplo, é o papel fundamental desempenhado pela NRNA, no rescaldo dos terremotos e réplicas de 2015 (os terremotos de Abril mataram 9 mil pessoas e feriram mais de 23 mil, segundo dados oficiais). A 12 de Maio de 2015, um segundo grande terremoto abalou o Nepal. A crise humanitária do segundo semestre de 2015 colocou 3 milhões de crianças nepalesas em risco de morte e doença (UNICEF, 2015). O poder diplomático, político e económico da diáspora nepalesa tornou-se muito mais evidente, ao fazer face a estas provações. Numerosos emigrantes nepaleses criaram estruturas de assistência social, missões, ou organizações de saúde e socorro humanitário; frequentemente, com delegações em diversos países (Gurung, 2003). Muito para além do financiamento internacional, o facto de o trabalho social e de assistência humanitária serem considerados como "obrigações" dos jovens nepaleses e das castas mais elevadas, além de valorizados socialmente por uma maioria da população, traz à tona a natureza colectivista da cultura nepalesa (Gellner, 2007; Gellner et al., 2012). Adicionalmente, houve esforços no sentido da valorização do conhecimento e competências, das conexões internacionais, e da organização de reuniões de nível regional ou continental, no sentido de mobilizar recursos pessoais e sociais, para ajudar a superar as situações de crise vividas. Isto demonstra a existência de uma consciência de identidade de grupo, em relação com o lugar de origem e com os membros de outras imigrações, em pleno funcionamento, e definidora da essência daquilo que é uma diáspora, com uma identidade política forte, tal como mencionado

---

<sup>217</sup> A NRNA constitui um exemplo disso mesmo: o seu Presidente-fundador é um imigrante nepalês na Rússia, no caso, o primeiro a obter um grau de Doutor em Ciências (Upendra Mahato, PhD pela *International Academy of Information Technology*, Minsk, Bielorrússia, presidente da Câmara de Comércio Nepal-Rússia e Cônsul Honorário do Nepal na Bielorrússia), ao passo que o anterior Presidente da NRNA era um benemérito milionário nepalês imigrante na Austrália, o Dr. Shesh Gale, CEO e fundador do *Melbourne Institute of Technology*.

por diversos autores (Parmanand, 1986; Gellner, Pfaff-Czarnecka e Whelpton, 1997; Kunreuther, 2006).

Focaremos agora, em especial, as redes migrantes da diáspora nepalesa na Europa. Desde a década de '70 do séc. XX, verificou-se uma mudança substantiva dos fluxos migratórios no espaço europeu, que deve ser levada em linha de conta, quando procuramos contextualizar a actuação das redes migrantes da diáspora nepalesa, na Europa. Os países mediterrânicos tornaram-se países de imigração e foram palco do retorno dos emigrantes dos anos '70, ocasionando mudanças sociais e políticas significativas; porém também receberam imigrações, de forma inédita - as quais articularam redes, para: estabelecer novos trajectos e corredores migratórios, obter alojamento, conseguir apoio jurídico-legal, aceder à cidadania, ao mercado de trabalho, à saúde e ao ensino, nos seus destinos. Simultaneamente, vimos crescerem as medidas restritivas à imigração ou à reunificação familiar, em países europeus como a França ou a Holanda, nomeadamente no que diz respeito aos cidadãos não-europeus (e aos indivíduos asiáticos em particular). Por fim, observou-se uma tendência para britânicos, finlandeses, holandeses, alemães, dinamarqueses, ou outros norte-europeus, migrarem, em maior número, para países seus vizinhos no espaço europeu, de forma permanente ou temporária - erguendo imigrações idiossincráticas, em busca de alterações no estilo de vida e em comunicação com os "migrantes inéditos" nessas regiões europeias, o que complexificou os tecidos sociais nesses lugares.

Resumidamente, considerámos, neste subponto 5.2.2, a escala das migrações no Nepal, o impacto das suas remessas, e a percentagem de população ausente por distritos. Analisámos os diferentes factores (recursos, qualificações, origem geográfica, grupo étnico, sexo e religião) que interferem com a escolha de um destino, bem como a evolução da atractividade do destino, em função da riqueza dos migrantes respectivos. Identificámos os 5 principais destinos dos emigrantes nepaleses, segundo diversas fontes, e por distrito de origem. Examinámos discrepâncias entre as características dos emigrantes nepaleses do sexo masculino e do sexo feminino. Ponderámos o peso dos canais informais e do tráfico humano, assim como a manipulação passada de estatísticas sobre migrações sul-asiáticas, sobretudo na Índia, devida à tentativa de afirmação de interesses particulares. Finalmente, descrevemos o papel e objectivos estratégicos assumidos por organizações específicas, na articulação da diáspora nepalesa - reafirmando as razões pelas quais consideramos que as imigrações nepalesas ao redor

do mundo constituem uma "diáspora" -, e discutimos o posicionamento das redes dessa diáspora, no contexto de acolhimento.

### 5.2.3 Modelos de Transnacionalismo e Redes Migrantes na Diáspora Nepalesa

Neste subponto, examinaremos alguns modelos de transnacionalismo e as redes migrantes associadas à diáspora nepalesa. Um desses modelos de transnacionalismo surge conectado às remessas, ao empreendedorismo e à modificação de arranjos institucionais, por meio de empresas étnicas transnacionais, ou negócios que ligam comunidades étnicas transnacionais nepalesas umas às outras. Esta trata-se, portanto, de uma forma de transnacionalismo económico - destriçável de outras fórmulas transnacionais de cariz político, ou sociocultural. Se o transnacionalismo sociocultural se sustém no envio de remessas sociais e na progressiva construção de campos sociais transnacionais, com uma troca de ideias, símbolos, práticas e significados associada; já o transnacionalismo político, proporciona a dispersão de ideologias, a intervenção na esfera pública administrativa, executiva, legislativa ou governamental (mesmo que à distância) e a pertença a partidos políticos, organizações, *think tanks* e grupos activistas, ainda que na diáspora. Adicionalmente, poderemos ponderar e reflectir sobre as formas de inserção dos emigrantes nepaleses nos mercados de trabalho dos destinos, ou ainda sobre o modo como o aparelho de estado e as elites nepalesas se transnacionalizam.

Centremo-nos, em primeiro lugar, no transnacionalismo económico da diáspora nepalesa. Vimos atrás (Gráficos 5.3-5.4) que os fluxos das remessas emigrantes são vitais para a economia nepalesa, tendo atingido, no final do ano de 2014, cerca de 35% do PIB nacional. Esta percentagem tão significativa de remessas estabelece a migração internacional como um dos sectores mais rentáveis e prósperos da economia do Nepal. Alcançando todos os estratos sociais, castas e grupos étnicos, a emigração nepalesa adquiriu as características de uma autêntica "indústria". As identidades transnacionais diaspóricas, auxiliadas pelo movimento do capital e do investimento através de fronteiras, deram origem ao investimento empreendedor da diáspora (Gillespie, Riddle, Sayre e Sturges, 1999, cit. por Riddle e Brinkerhoff, 2011: 671). Nos países de destino, as imigrações da diáspora nepalesa enfrentam ambientes sociais e contextos institucionais que são, muitas vezes, adversos, ou bastante diferentes daqueles que conheceram na origem. Com frequência, a actividade empreendedora é a única forma que o imigrante nepalês tem de assegurar o próprio emprego e dar trabalho a coétnicos, quando aspectos da integração se revelam difíceis ou problemáticos (Gurung, 2003). As remessas - anualmente, em média, 29-30% do PIB nepalês - são usadas, nomeadamente,



para aquisição de bens não produtivos ou investimento em capital humano, mas há também muitos casos em que elas são usadas com fins produtivos.

Por outro lado, os negócios étnicos, no país de destino, embora possibilitem a sobrevivência e a afirmação identitária, potenciam, às vezes, uma balcanização da imigração nepalesa em circuitos próprios, e um afastamento ou isolamento relativamente à sociedade alargada, no país de acolhimento. Mas as diásporas nepalesas que estabelecem novos empreendimentos no seu país de origem, são avaliadas por diversos pesquisadores enquanto casos de "empreendedorismo étnico internacional" (Gurung, 2000, 2003). Passaremos, pois, a descrever um desses casos de empreendedorismo étnico internacional. Compreenderemos, com facilidade, que as instituições afectam a estratégia internacional dos negócios estabelecidos, as suas operações, transacções e desempenho geral. Um aspecto a considerar é, portanto, o grau e intensidade de força institucional comparada, e as estratégias empresariais que essa força institucional favorece ou desfavorece. Riddle e Brinkerhoff (2011) utilizaram um estudo de caso do Nepal para demonstrar "como a aculturação institucional pode inspirar um empreendedor na diáspora a transformar os arranjos institucionais no seu país de origem, e gerar uma mudança dramática nas "expectativas da sociedade", a respeito dos papéis do governo, fornecedores e compradores (Riddle e Brinkerhoff, 2011: 671). No caso em apreço, os investigadores verificaram que membros da diáspora nepalesa, influenciados pela sua própria aculturação nos Estados Unidos, desenvolveram crenças, normas e comportamentos de natureza mista ou híbrida (representando tanto aspectos da cultura de origem, como da cultura de destino) e que também os familiares desses imigrantes, instituições e empresas no Nepal, haviam produzido comportamentos híbridos adicionais. As instituições híbridas resultantes (com dinâmicas transferidas novamente para a diáspora nepalesa nos EUA) seriam mais diversas, do que as inicialmente transferidas para os EUA. Riddle e Brinkerhoff propuseram o esquema evidenciado no Quadro CXXXIV (Anexo 2 - Capítulo 7) para sumarizar os seus contributos: observamos uma clara distinção, e contraste, entre os processos de aculturação de imigrantes trabalhadores-consumidores, e os mecanismos fomentados pelos empreendedores da diáspora nepalesa. Estes últimos, promovem mudanças no país de origem, não só por meio das remessas sociais e financeiras, mas também de crenças, normas e organizações (já híbridas) que transferem através da migração de retorno. A transferência de novos entendimentos para o ambiente de origem promove uma mudança de comportamentos, e a diversificação e hibridização

adicional das instituições no país de origem. Se este caso se reporta a uma "empresa étnica transnacional híbrida nepalesa" (compradores no destino recorrendo a uma plataforma *online* com ligação à origem), outros estudos exploraram o modo como os empreendedores na diáspora tiram proveito das suas redes para conectar comunidades étnicas muito diferenciadas, através de fronteiras e continentes. Está demonstrado que esses negócios étnicos, sob as formas de comércio ou investimento, podem expandir-se para lá do grupo étnico do empreendedor nepalês ou, até, ligar-se ao mercado étnico, de modos bastante diversos. Autores como Keshab Battharai (2015) expuseram a importância das questões associadas ao transnacionalismo económico para a economia do Nepal, e das emigrações nepalesas dispersas no mundo (exº: Reino Unido).

Mas, com rigor, os modelos de transnacionalismo económico são apenas uma variante das expressões de transnacionalismo, que podemos encontrar entre os emigrantes da diáspora nepalesa. Uma outra fórmula transnacional diz respeito ao transnacionalismo social e sociocultural nepalês, quer ele ocorra através do envio de remessas sociais, quer por meio da construção de campos sociais transnacionais. De modo mais concreto e particular, Sijapati (2010) examinou os campos transnacionais nepaleses entre o Nepal e os Estados Unidos - país onde, de acordo com as estimativas informais, residiriam entre 80 a 150 mil nepaleses, constituindo uma imigração relativamente pequena e jovem, quando comparada a outras imigrações nepalesas no mundo (Udas, 2004; Sharma, 2007). Se, sob o ponto de vista do transnacionalismo económico, é verdade que as remessas dos imigrantes deixam transparecer percepções e crenças próprias acerca das suas responsabilidades e das prioridades desse indivíduo, no caso dos imigrantes nepaleses nos Estados Unidos e na Europa (Adhikari, 2014), isso significa contribuir para colmatar as necessidades socioeconómicas e financeiras das famílias no país de origem, assumindo as responsabilidades enquanto filhos (nomeadamente as incumbências de filhos/filhas primogénitos). Verificou-se que nem todos os jovens nepaleses nos Estados Unidos contribuíam com remessas, particularmente aqueles que estudavam nos EUA. Muitos admitiam que as relações familiares e de suporte, no Nepal, tinham servido, antes, como "segurança simbólica e [por vezes] rede de apoio real", na sua transição para os Estados Unidos - a localização da rede de segurança pessoal no Nepal aparecia como uma das formas de "reconstituição quotidiana de laços familiares e de amizade, através do tempo e do espaço" (Sijapati, 2010: 142). Ela correspondia, portanto, à formação de campos sociais transnacionais, ligando Nepal e Estados Unidos. Outros autores (Laksamba, Gellner e

Hausner, 2012; Adhikari, 2012; Pariyar e Gellner, 2014; Bal Gopal Shrestha, 2014) referiram também a formação de campos sociais transnacionais, ligando países europeus ao Nepal.

Além de dinheiro, os emigrantes nepaleses remetem práticas sociais, ideias, significantes, significados, símbolos, rituais e identidades transnacionais, para o seu país de origem - as chamadas remessas sociais. A proliferação de associações e organizações nepalesas desempenha, neste âmbito, um papel significativo, promovendo um reforço dos laços e uma complexificação dos campos transnacionais, entre emigrantes nepaleses e cidadãos residentes no Nepal. Com um aumento do número de nepaleses a residir nos Estados Unidos, as redes sociais informais cresceram, e deram origem a *ethnoscapes* (Appadurai, 1996), que incluíram pequenos enclaves étnicos (dentro de enclaves imigrantes mais vastos), organizações formais ou informais de imigrantes, e profissões "etnicizadas". Esta expansão das redes sociais emigrantes nepalesas, para incluir enclaves onde se aglomeram diversos tipos de organizações étnicas e profissões "etnicizadas", é visível e apreensível igualmente na Europa. Mobilizando o capital social das redes imigrantes que os acolhem à chegada, os novos imigrantes nepaleses conseguem, nos EUA, transferir-se de profissões iniciais precárias, para outras que foram "etnicizadas": os chamados nichos profissionais - que variam em função da região geográfica de destino dos imigrantes. O mesmo será verificável quando analisarmos a imigração nepalesa na Europa e, adiante, a imigração nepalesa com destino a Portugal.

Em termos gerais, as organizações nepalesas nos EUA, umas informais e outras formalmente registadas como organizações educativas ou de caridade, surgem agrupadas em seis categorias (Sijapati, 2010), conforme detalha o Quadro CXXXV detalha (Anexo 2). Os objectivos destas organizações não se limitam ao destino: as suas ambições, relacionadas com o Nepal, garantem vias e estratégias pelas quais a imigração nepalesa nos Estados Unidos pode permanecer activa no seu ambiente de partida, do outro lado do mundo, onde uma parte da família e da comunidade regional-étnica dos imigrantes ainda se encontra. Estas organizações promovem festivais, convenções e conferências, reuniões, apoiam centros comunitários, desportivos, associativos, de saúde e educativos, assim como diferentes tipos de mídia étnicos e plataformas de comunicação, para troca de experiências entre imigrantes, em diferentes regiões e países. De tal modo, as organizações proporcionam aos imigrantes nepaleses

novas oportunidades de pertença, que atravessam países, continentes e fronteiras<sup>218</sup>. Para muitos imigrantes nepaleses, as redes e organizações migrantes auxiliam a obter ou reforçar determinada posição social, a estabelecer contactos e vincar afinidades, a aproveitar conjunturas para potenciar oportunidades de negócios, emprego ou estudo, e a validar um *status* desejado.

Uma outra fórmula transnacional, diz respeito aos modelos de transnacionalismo político nepalês, quer ele ocorra por via da transnacionalização do sistema político e aparelho de estado do Nepal, quer por meio de algumas práticas de instituições com uma natureza marcadamente ideológica, quer por via de políticas defendidas em organizações como *think tanks*, e iniciativas activistas de cariz transnacional. Note-se que os principais partidos políticos nepaleses estão representados na diáspora, a qual elege deputados para o Parlamento Nacional, por diferentes partidos. Assim, os partidos políticos nepaleses têm delegações em continentes e países muito distintos, e promovem reuniões frequentes das suas cúpulas, bem como processos de angariação de fundos e membros, e estabelecimento de contactos permanentes com o Nepal. O transnacionalismo político ligado aos partidos nepaleses aparece conectado a processos de nacionalismo de longa-distância, comungados por imigrações nepalesas em diferentes partes do mundo, bem como à transplantação, para um ambiente diferente (sublinhando uma valorização de características como a previsibilidade e o conservadorismo), da hierarquia social na origem (condição social e casta). Mas não só sob a batuta partidária o transnacionalismo político nepalês pode ocorrer. Tomando, de novo, um exemplo particular em mãos, Yamanaka (2003) analisou as actividades transnacionais para sobrevivência local, desenvolvidas pela imigração nepalesa no Japão. O seu exame das actividades comunitárias nepalesas, destacou o surgimento de um "activismo civil transnacional *grassroots*": imigrantes nepaleses e voluntários japoneses uniram-se, para buscar políticas e práticas humanitárias, defendendo os direitos dos trabalhadores imigrantes e dos residentes não-cidadãos. Podemos dizer que, com o advento da migração global, nos anos '80, o "transnacionalismo *from below*" veio sublinhar a importância da agência gerada por não-elites e populações imigrantes de origem humilde, em resultado das suas actividades transnacionais (Guarnizo e Smith, 1998; Portes, 1999). Essa agência permite aos migrantes questionar toda uma série de

---

<sup>218</sup> A Sherpa Kyidug ("Sherpas Unidos"), mencionada por Sijapati (2010), especificamente no caso dos EUA, é um dos exemplos de união étnica, que visa combater estereótipos e ultrapassar discriminações, fornecendo aos seus membros um sentido de pertença, ou de identificação étnica, importante e valorizado.

barreiras, encontradas nas sociedades de destino - como a marginalização, a exploração, o trabalho forçado e o racismo.

Alguns investigadores debruçaram-se sobre as actividades transnacionais da diáspora nepalesa, numa perspectiva comparativa. Gellner, Hausner e Shrestha (2014) compararam as imigrações nepalesas no Reino Unido e Bélgica, em especial, os grupos étnicos Gurung e Limbu - tendo concluído que, apesar do menor número de nepaleses residentes na Bélgica, por comparação com o Reino Unido, o número de organizações nepalesas *per capita* é maior na Bélgica, do que no Reino Unido. Estes autores propõem que, grupos mais focados nas políticas identitárias na Bélgica, resultaram num maior grau de mistura religiosa. Isto reflectiria, tanto "uma orientação política provável, prévia à imigração para a Bélgica", como uma "politização necessária do processo migratório", porque a imigração para a Bélgica dependeu mais da aprovação de asilo político, do que da procura de trabalho *per se*; logo, dependeu da assunção declarada de uma identidade política, pelos imigrantes. Já as organizações nepalesas no Reino Unido tinham, por critérios-base, a casta, o grupo étnico, a religião, a região de origem no Nepal ou a região de destino no Reino Unido (sendo, aí, a religião um marcador de diferenças relevante), mais do que a filiação política.

De facto, David Gellner, Bal Gopal Shrestha, Hausner, Adhikari<sup>219</sup> e Mitra Pariyar<sup>220</sup> estão entre os pesquisadores que compararam imigrações nepalesas residentes em diferentes países europeus, mas também imigrações nepalesas residentes na Europa, com imigrações no Sikkim, ou outras imigrações hindus nas Caraíbas. Eles descreveram diferenças importantes, entre a imigração nepalesa em Inglaterra (adesão mais rígida aos sistemas de casta, ou "ressuscitação" desses sistemas na diáspora - relacionando esta adesão, em parte, às formas de recrutamento e contratação de militares, seguidas durante longos anos, no Reino Unido) e a imigração nepalesa na Bélgica (muito maior fluidez, com unidade entre os diversos grupos). Essas diferenças foram atribuídas, não só ao tamanho das imigrações respectivas, mas também às políticas de legalização, seguidas em cada país, e aos requisitos para obter os documentos exigidos pelos governos locais - sendo possível que, obstáculos significativos à integração, pudessem acentuar um carácter patriarcal nas estruturas nepalesas respectivas, e uma obediência mais inflexível delas a sistemas de casta, herdados da origem (Gellner e Shrestha, 2011, 2013; Pariyar, 2013).

<sup>219</sup> Cf. R. Adhikari (2011) e J. Adhikari (2016).

<sup>220</sup> Cf. Pariyar (2013, 2015).

Ainda tomando por base um enfoque comparativo, ser-nos-á possível descrever com maior rigor, de futuro e à medida que as imigrações nepalesas em países distintos forem estudadas, não apenas as formas de inserção dos imigrantes nepaleses nos mercados de trabalho dos destinos, mas também os modos como as elites nepalesas se transnacionalizam, e o papel concreto que elas desempenham, nos diversos modelos de transnacionalismo adoptados pelas imigrações nepalesas.

De forma sumária, neste subponto 5.2.3 analisámos alguns modelos de transnacionalismo presentes na diáspora nepalesa, designadamente modelos de transnacionalismo económico, sociocultural e político. Ponderámos casos de transnacionalismo económico nepalês, o (muito significativo) envio de remessas para a origem, e as pesadas responsabilidades que recaem sobre os nepaleses imigrantes que são filhos mais velhos, quanto à sobrevivência económica da sua família, na origem. Nos modelos de transnacionalismo sociocultural nepalês, destacámos o papel das organizações étnicas e comunitárias nepalesas, na formação e alargamento de campos sociais transnacionais. A proliferação dessas organizações imigrantes nepalesas (de natureza educativa, política, étnica, jurídica, de género, profissionais, regionais, ou outras) leva a que se reforcem laços transnacionais, ou se atenuem os efeitos da discriminação, se validem posições sociais, e se criem oportunidades de pertença transfronteiriça, para os seus membros. Mencionámos os mecanismos envolvidos na "etnicização" de profissões e a auto-localização da rede de segurança pessoal no Nepal, verificada nos migrantes nepaleses jovens dos Estados Unidos (reconstituindo relações familiares e de amizade, através do tempo e do espaço). Quanto aos modelos de transnacionalismo político nepalês, sublinhámos tanto o papel da internacionalização dos partidos políticos nepaleses, quanto das práticas activistas *grassroots* transnacionais, organizadas pelos trabalhadores migrantes nepaleses. De um ponto de vista comparado, imigrações nepalesas em países europeus distintos, optam por modelos de transnacionalismo diferentes. Em parte, isto tem a ver com variáveis contextuais diferenciadas, nos destinos (o tamanho das imigrações, as questões políticas e burocráticas singulares, as barreiras à integração), todavia também estará relacionado com as orientações preferenciais dos indivíduos, que serão prévias à sua imigração. As redes migrantes não só facilitam as trajectórias migratórias (com informação e ajuda) e a migração em si (baixando custos e aumentando benefícios do comportamento migratório), como promovem a adaptação no destino, e mobilizam recursos de tipo diverso, muitas vezes fundamentais para o desenvolvimento de actividades e negócios

étnicos. No que diz respeito às redes migrantes nepalesas na Europa e ao capital social a elas conectado, notemos que, independentemente da pertença de casta e étnica na origem, os aspectos grupais e colectivistas sempre predominam nas migrações nepalesas e suas redes (Gellner, 2007). É assim que, embora possamos verificar a prevalência de redes de natureza étnica, geográfica ou política, articulando imigrações nepalesas num dado destino; na prática, e quando se trata de seguir o trajecto migratório desde a origem (viagem), podemos, por vezes, observar uma "solidariedade expandida". Sendo que os trajectos migratórios estabelecidos se articulam, frequentemente, com base em relações de parentesco e amizade, região de origem ou comodidades práticas, esse nem sempre é, contudo, o caso: as redes que auxiliam a migração nepalesa no seu trajecto incorporam, muitas vezes, desconhecidos ou parentes longínquos, amigos de amigos, ou membros de outro grupo étnico. Isto ocorre, igualmente, no período que antecede a emigração, fornecendo informações sobre o destino, aspectos burocráticos a ter em conta e condições de vida concretas (exº: através de fóruns *online*, onde é possível contactar emigrantes e esclarecer dúvidas).

Mas, uma vez alcançado o destino, e dependendo de aspectos contextuais particulares, a mobilização de recursos e adaptação ocorre de modos variados, em função do país europeu - mais frequentemente, ela confia no recurso a grupos de pertença coétnicos, corregionais, correligiosos ou copolíticos (Gellner et al., 2014). Estes grupos, maioritariamente ligados através de redes internacionais, a outros países europeus e à origem (tendo, com frequência, um carácter transnacional), são cruciais no apoio logístico no destino, na orientação e aconselhamento, na procura e manutenção de emprego, no suporte às famílias nepalesas, no apoio aos jovens e crianças, e na manutenção de tradições étnicas, e integração dos indivíduos na vida social local. Em cada destino, e dependendo de necessidades individuais ou colectivas próprias, desenvolver-se-ão grupos locais, que procurarão trabalhar em rede e tirar partido das articulações estabelecidas, para fornecerem os seus serviços. É mais frequente os imigrantes nepaleses trabalharem e coabitarem com coétnicos em sentido estrito, em resultado da actividade das redes migrantes no destino, mas também devido aos obstáculos à integração por eles, assiduamente, encontrados.

O capital social e recursos, envolvidos nas redes estabelecidas pelos migrantes nepaleses, permitem-lhes, por vezes, captar investimentos (ou clientes), vindos de outro país da Europa, de fora do espaço europeu ou, mesmo, interferir no seu país e região de partida, por via das redes familiares e de negócios que os ligam ao Nepal. As redes



sociais envolvidas nos processos migratórios produzem "comunidades imaginadas", concentradas em torno de aspectos como a pertença a partidos políticos, grupos étnicos e regionais, ou grupos religiosos, etários, profissionais e de género. Elas estimulam o envolvimento com diferentes serviços comunitários organizados pelas próprias comunidades nepalesas. A maioria das organizações comunitárias e étnicas nepalesas articula-se em *clusters* nacionais, regionais e continentais, promovendo encontros internacionais frequentes - por vezes, esses encontros implicam um fórum maior que tem lugar na origem, e há regressos periódicos previstos ao Nepal. As redes associadas ao nacionalismo de longa-distância também desempenham, sob este ponto de vista, um papel nas questões de pertença, organização, reivindicação de direitos e intervenção da diáspora nepalesa no país de origem, em especial através da *Non Residents Nepali Association* (NRNA).

As redes auxiliam o trajecto migratório mais comum, via Médio Oriente, com destino à Europa - alguns intermediários que oferecem contratos de trabalho na Europa também incentivam a vinda de imigrantes nepaleses através de Israel/Médio Oriente. Residindo na Europa, é comum os imigrantes nepaleses manterem e cultivarem laços em dois ou três países europeus distintos, no mínimo, integrando redes europeias de familiares e amigos (Gurung, 2003). Como o espaço europeu não é uniforme, nem nas suas políticas migratórias, nas oportunidades de acesso ao trabalho, educação ou saúde; nem do ponto de vista das condições habitacionais, de segurança social e fiscais - os emigrantes nepaleses procuram maximizar a troca de experiências, colaboração e contactos, dentro dos territórios da União. Por vezes, o equilíbrio mais vantajoso é encontrado obtendo autorização de residência num país, mas fazendo negócios com outro; estudando num país, porém trabalhando ou pagando impostos noutro; recorrendo a tratamento médico numa dada nação, contudo escolhendo habitar, ou formar família, noutra - para tudo isto, redes de suporte fortes e flexíveis, de natureza continental, são necessárias (Gurung, 2000b). Esta pesagem versátil, de benefícios e custos, resulta num "jogo de cintura" que permite ao imigrante nepalês manter-se, tanto quanto possível, dentro do espaço europeu (quando encontra obstáculos num dos estados que o compõem), com o auxílio das redes da diáspora nepalesa. Até porque, os vistos para a Europa são caros e o investimento realizado foi, na maioria dos casos, significativo (pagando a vários intermediários). Já vimos, atrás, que no Japão, e noutros países asiáticos, as redes migrantes nepalesas se tornaram especialmente activas no combate à exploração laboral - e, com efeito, as redes nepalesas funcionam nos dois polos

(contratação/exploração de nepaleses por nepaleses, ou defesa de direitos de imigrantes nepaleses, pelos próprios nepaleses): existem, nalguns países europeus, organizações nepalesas incipientes, destinadas a garantir alguma protecção relativamente a abusos dos direitos laborais dos imigrantes.

Resumidamente, neste nosso Capítulo 5, procurámos fazer um enquadramento do caso nepalês, com base em dois grandes tópicos: uma caracterização do ambiente de partida, no ponto 1 (geografia, economia, cultura, história política e sociografia do Nepal); e uma caracterização dos fluxos migratórios e da diáspora nepalesa, no ponto 2. Depois de descrevermos os atributos e particularidades do ambiente de origem, efectuámos uma breve exposição da evolução das migrações no Nepal, durante as últimas décadas. Caracterizámos a diáspora nepalesa e identificámos, dentro dela, aspectos definidores, bem como a adesão a modelos de transnacionalismo diversos e próprios, em função do destino. Enfim, equacionámos a importância, significado, tamanho, composição e utilidade das redes migrantes estabelecidas.

## Capítulo 6: Resultados – Sociografia dos Nepaleses em Portugal

Procuraremos, neste Capítulo 6, esclarecer, resumidamente, algumas questões específicas, relacionadas com o fluxo de migrantes nepaleses com destino a Portugal, e tópicos tais, como os assinalados no Quadro 6.1:

- \* Quem são os Nepaleses na Diáspora em Portugal?
- \* Quantos São, Como Vêm para Portugal? (Trajectos Migratórios)
- \* Por que Razão Vêm Para Portugal? (Razões da Migração)
- \* Explicitar Se Emigram Maioritariamente Sozinhos Ou Se Há Reunificação Familiar
- \* Pesquisar Questões de Género, Aliadas a Questões de Grupo Étnico, e Geracionais
- \* Saber Se Há Subestimação do Fluxo e, em Caso Afirmativo, Isso Sucede Porquê?
- \* Que Reconfigurações Familiares Existem?
- \* Qual o Peso das Remessas Sociais e Económicas dos Imigrantes Nepaleses em Portugal?

**Quadro 6.1 - Tópicos Específicos Relacionados Com Características Da Imigração Nepalesa Para Portugal**  
Elaborado pela autora, 2018

Tendo em conta os aspectos atrás enumerados, procuraremos responder a estes temas, começando por descrever as características da imigração nepalesa para Portugal. Especificaremos depois, mais demoradamente, os percursos e trajectos seguidos pelos imigrantes, as redes de sociabilidade envolvidas, e os resultados obtidos quanto a questões de género e ao tópico do transnacionalismo económico. Terminaremos a nossa análise com uma perspectiva comparativa, em relação a outras imigrações em Portugal, na Europa e no Mundo.

### 6.1 Características da Imigração Nepalesa Para Portugal

No ponto 6.1, vamos caracterizar, de forma genérica, a imigração nepalesa com destino a Portugal, começando por contextualizá-la.

#### 6.1.1 Origens, Motivações e Dimensão

Relembremos que a imigração nepalesa, tendo por meta a Europa, ocorre sobretudo em razão de motivações económicas, pela instabilidade política pós-Guerra Civil no Nepal, e devido aos elevados números de desemprego jovem, registados no país de origem. O *World Bank Group* (2011) estimou o número de emigrantes nepaleses em 4 milhões - estes contribuíram com uma percentagem (média) próxima dos 30% do PIB do Nepal, durante a última década (*Central Bureau of Statistics*, 2014). Calcula-se que apenas 12% do total de emigrantes saídos do Nepal sejam mulheres (CBS, 2014). Em

2013, os emigrantes do Nepal representaram um terço de todos os sul-asiáticos que entraram em Portugal (SEF, 2015).

Um levantamento do número de nepaleses a residir em Portugal e uma categorização de grupo étnico<sup>221</sup>, mas também categorizações por idade, sexo e ocupação, estão a ser realizadas, no âmbito da iniciativa autopromovida desde o ano de 2017, pelas próprias organizações e grupos da imigração nepalesa em Lisboa, coordenados pelo Consulado Geral do Nepal em Portugal. Esta iniciativa não é original na Europa, e segue de perto estratégias adoptadas pela imigração nepalesa a viver no Reino Unido<sup>222</sup>, ou noutros países europeus - com vista a facilitar uma maior visibilidade das imigrações nepalesas e, eventualmente, a reclamação de direitos legais, jurídicos e de cidadania, ou até a representação em corpos decisórios e administrativos. Na versão das organizações nepalesas, entre 10000 a 12000 nepaleses são estimados como vivendo em Portugal (NRNA - *Non Resident Nepalis Association*, Consulado do Nepal em Lisboa, outras organizações comunitárias nepalesas, 2017). Porém, de acordo com os dados fornecidos pelo SEF (2015), apenas cerca de 2500 imigrantes nepaleses estavam oficialmente registados, no ano de 2014. O mesmo SEF (2018) indicava 5080 residentes nepaleses registados no distrito de Lisboa, em 2017 (3076 homens e 2004 mulheres), e um total de 7437 a nível nacional (4718 homens e 2719 mulheres)<sup>223</sup>. Esta enorme discrepância corresponde a um hiato preocupante, entre os números fornecidos por diferentes organizações e entidades, de ambos os países - mas também representa um fosso, inquietante e real, entre o número de nepaleses que residem em Portugal e o número de imigrantes nepaleses que possuem, efectivamente, uma documentação legal e registo. Esta dissonância entre fontes distintas levanta, ainda, outras questões: como a da eventual sobrestimação da população por parte das entidades nepalesas consultadas, com fins político-administrativos, em ambos os países. Visando, por um lado, exercer pressão no Nepal para a abertura de uma Embaixada Nepalesa em Lisboa e, por outro lado, pretendendo afirmar a visibilidade da imigração nepalesa em Portugal e reclamar

<sup>221</sup> As estatísticas sobre grupos étnicos e migração, que não são instrumentos neutros, podem reflectir os pontos de vista dominantes na sociedade de acolhimento, em matéria de *insiders*-forasteiros e, possivelmente, ser contestadas. No entanto, parece-nos que uma categorização dos grupos sociais e étnicos é importante e necessária, a fim de monitorizar a implementação e desenvolvimento de políticas adequadas relacionadas com a legalização, diversidade, discriminação e igualdade de oportunidades, além de políticas de acção afirmativa (Jacobsen et al., 2010).

<sup>222</sup> Através do *Centre for Nepal Studies United Kingdom* - CNSUK, em Reading, Inglaterra.

<sup>223</sup> O número de residentes nepaleses aumentou de forma constante nos últimos seis anos nos distritos de Lisboa, Faro e Beja (e, em média, quatro vezes). Lisboa é o distrito que concentra a maioria. Além disso, os residentes do sexo masculino nepaleses prevalecem sobre as mulheres em praticamente todos os distritos de Portugal (SEF, 2018).

mais direitos, junto das autoridades portuguesas. Finalmente, tal dissonância salienta, ainda, a necessidade de estabelecermos mecanismos formais para informar e auxiliar estes imigrantes no decurso dos seus processos de legalização<sup>224</sup>.

Estima-se que terá iniciado recentemente uma maior onda de imigração nepalesa com destino a Portugal, especialmente a partir dos anos de 2009-2010. Contudo, dados oficiais portugueses indicavam, para o ano de 2013, a presença de apenas 2050 nepaleses na Região Metropolitana de Lisboa (SEF, 2014). Os números do SEF (671 contra-ordenações e processos judiciais a cidadãos nepaleses, pela sua permanência ilegal em Portugal, e 200 notificações de abandono voluntário a cidadãos nepaleses, para o ano de 2013) sugerem um movimento de imigração não-documentada e permanência ilegal importante, nos últimos anos - cuja extensão completa não poderá ser captada pelas estatísticas oficiais existentes (SEF, 2014).

Sabemos, quer através de relatos dos nossos entrevistados, quer por dados recolhidos junto de fontes dos média<sup>225</sup>, Ordem dos Advogados (2017)<sup>226</sup>, Observatório para o Tráfico de Seres Humanos-OTSH<sup>227</sup>, Polícia Judiciária, Serviço de Estrangeiros e Fronteiras-SEF (2016, 2017)<sup>228</sup>, e Comissão de Assuntos Parlamentares, Direitos, Liberdades e Garantias<sup>229</sup>, que centenas de trabalhadores nepaleses são contratados em Lisboa, ou directamente no Nepal, por empresas intermediárias (agências de recrutamento portuguesas, nepalesas, indianas, mistas ou multinacionais), atraídas pela grande quantidade de mão-de-obra nepalesa jovem desempregada, e com alguns conhecimentos da língua inglesa, que procura legalizar-se na Europa. Estas empresas começam por oferecer bons salários, um emprego com contrato, segurança social, habitação e a possibilidade de legalização na Europa, aos seus recrutados (e eventualmente também aos familiares deles). Uma vez chegados a Portugal, os trabalhadores nepaleses são, habitualmente, conduzidos até quintas, mais comumente localizadas no Sul (Beja, Odemira, Évora, Faro, Tavira, Albufeira), na Costa Leste

<sup>224</sup> A grande discrepância, entre os dados oficiais e não-oficiais, sublinha a necessidade de estabelecer um mecanismo formal, para ajudar imigrantes que podem estar a enfrentar diversos tipos de problemas (Dahal e Pereira, 2017).

<sup>225</sup> Cf. as Referências Bibliográficas (links): DN (Novembro de 2016), Observador (Março de 2016), SIC (Julho de 2016) ou Público (Abril de 2017).

<sup>226</sup> Cf. a Referência Bibliográfica (link): Ordem dos Advogados (Abril de 2017), que faz referência às Operações Pokhara (SEF), Catmandu 1 e Catmandu 2 (Polícia Judiciária).

<sup>227</sup> Cf. a Referência Bibliográfica (link): Relatório do Observatório do Tráfico de Seres Humanos - Ministério da Administração Interna (2017).

<sup>228</sup> Cf. a Referência Bibliográfica (link) para SEF (2016).

<sup>229</sup> Cf. a Referência Bibliográfica para o seu Parecer sobre o Relatório de Segurança Interna (2017, pp. 15).

(Lourinhã, Bombarral), nos campos agrícolas do Ribatejo, ou na região Norte (Porto e Vale do Douro), com o objectivo de desempenharem trabalho agrícola sazonal<sup>230</sup>. Para além desta importante via de chegada a Portugal, aqui aprofundaremos as razões para o fluxo migratório nepalês com destino ao nosso país, indicando as principais áreas de actividade destes imigrantes na capital, o tipo de redes que eles estabelecem, e fornecendo, igualmente, dados preliminares acerca do seu estatuto socioeconómico em Lisboa. Com base no nosso trabalho de campo e entrevistas, olharemos os principais obstáculos que os imigrantes nepaleses enfrentam, quanto à sua integração na sociedade portuguesa e lisboeta, ponderando os níveis de suporte existentes no destino.

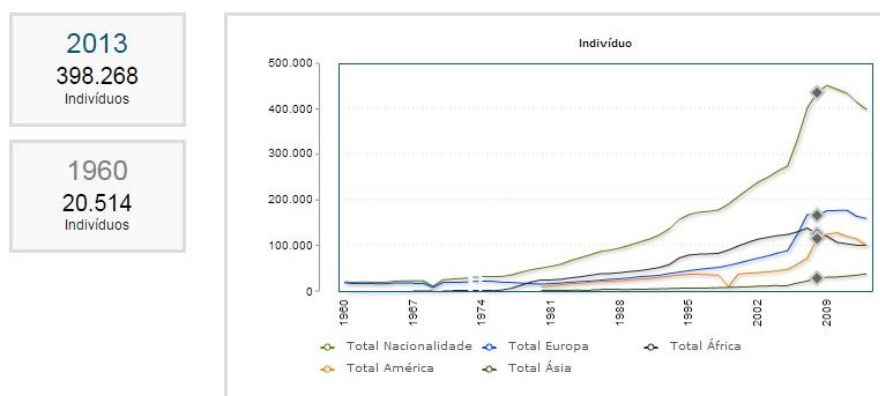
### 6.1.2 Percursos e Trajectos

Sabemos que, uma vez estabelecidas redes sólidas, os influxos migratórios tendem a aumentar: as redes ajudam a dirigir os percursos migratórios e a incrementar o movimento de pessoas (Massey, 1987; Boyd, 1989; Portes e Bach, 1985). Apesar de, por exemplo no caso dos imigrantes bangladeshianos em Lisboa, existirem trajectos de migração, há muito estabelecidos, com destino a Portugal, para os imigrantes nepaleses (e porque os influxos maiores são recentes), não encontramos um padrão tão claramente definido (excepto para o caso dos trabalhadores agrícolas sazonais, contratados directamente no Nepal). Assim, e com base nas entrevistas realizadas, podemos distinguir três grandes vias de chegada a Portugal: directamente do Nepal/Índia, a partir de países do Médio Oriente e a partir de outros países europeus. Verificamos que, no contexto da Europa, os imigrantes nepaleses tendem a recorrer a Portugal quando os seus projectos, em termos legais e profissionais, são gorados noutro país europeu - é o caso das recentes políticas de imigração, implementadas em diversos países do Norte da Europa, barrando a entrada e legalização de imigrantes sul-asiáticos (Goldin, Cameron e Balarajan, 2012; Geddes e Scholten, 2016). Excepções são aqueles casos em que os imigrantes nepaleses viajam para Portugal especificamente por razões de reunificação familiar. Finalmente, o aumento consistente de influxos, observado em Portugal, sugere que as trajectórias seguidas por estes imigrantes se tornaram mais autossustentadas

---

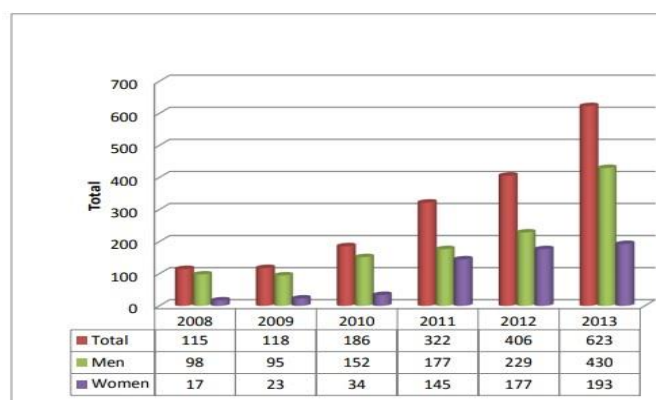
<sup>230</sup> Muitas vezes, as condições oferecidas nestas quintas não respeitam as normas legais, ou os acordos contratuais: salários muito baixos, meses de salários não-pagos, alojamento precário e ausência de saneamento básico, acomodação sobrelotada, sem acesso a água corrente, abuso verbal e físico por parte de supervisores, jornadas muito longas e sem pausas, tarefas fisicamente muito exigentes e perigosas. Assim, dezenas de imigrantes desistem, habitualmente, dos empregos no sector agrícola, durante as primeiras semanas de trabalho. E quando não há trabalho nessas explorações, algumas centenas de trabalhadores retornam temporariamente a Lisboa, para alojamento e apoio junto das suas redes de contactos nepalesas.

(Boyd, 1989; Vertovec, 2001), mas também revela quão importante é o movimento de pessoas recrutadas directamente no Nepal, para trabalharem nos campos agrícolas portugueses. Os imigrantes nepaleses em Lisboa seguem, em regra, outros percursos, tendo maioritariamente familiares e contactos, de tipos diversos, noutros países europeus, ou chegando a Portugal com objectivos de legalização na Europa e ascensão social a longo-prazo, a partir de países do Médio Oriente. O Gráfico 6.1 confirma um aumento, bastante constante, da imigração asiática com destino a Portugal e estatuto legal de residente, a partir do ano de 1995:



**Gráfico 6.1 - População Estrangeira Com Estatuto Legal de Residente Em Portugal: Total e Por Continentes (1980-2009)**  
Fontes: INE-SEF/MAI, 2015

Simultaneamente, verificamos um decréscimo da população com residência legal europeia, africana e americana, a partir do ano de 2009 (por efeito da crise financeira), enquanto a população asiática continuava a aumentar. Adicionalmente, o Gráfico 6.2 detalha o influxo de imigrantes nepaleses, por sexo, para Lisboa, entre os anos de 2008 e 2013:



**Gráfico 6.2 - Influxo de Migrantes Nepaleses para Lisboa, Por Sexo (2008-2013)**  
Fontes: SEFSTAT, 2015; Bajracharya, 2015

Registamos um aumento progressivo do influxo de migrantes nepaleses para Lisboa, entre 2008 e 2013, para ambos os sexos, embora ele seja mais expressivo no caso do sexo masculino. Esta predominância de imigrantes do sexo masculino verifica-se,



igualmente, na imigração nepalesa no Reino Unido (CNSUK, 2008; Adhikari, 2012). O Quadro 6.2 sumariza, então, alguns dados sociodemográficos a reter, sobre a imigração nepalesa residente em Lisboa:

**IMIGRAÇÃO NEPALESA - LISBOA**

- Grandes Discrepâncias Entre Tamanho Oficial do Fluxo (SEF/INE) e Dados Fornecidos Pelos Grupos Comunitários: Consulado, NRNA, Grupos Étnicos »»» Censos Próprios
- Importância da Migração Não-Documentada (Mão-de-Obra Agrícola no Sul do País-Regresso Lisboa) e do Grupo Newar
- SEF, 2014: 2.050 Ind. Só na Reg. Metrop. Lisboa (2013)
- Idade: 64.5% Entre 20-35A; Sexo: 34.6% F (Censos, 2011)
- Emprego: 67.7%; Escolaridade: 36.6% Sec. Completo
- Religião: 69.2% "Outra Religião Não-Cristã" - Também Católicos, Ortodoxos, Muçulmanos, Judeus e "Outros Cristãos (2011);
- Problema da Língua e das Crises nas Relações Pessoais: PT Refúgio Europeu; Primeiros Casamentos (Inter-Casta e Inter-Étnicos)

#### Quadro 6.2 - A Imigração Nepalesa em Lisboa

Elaborado pela autora, 2018, com Base em Dados do INE, 2011 e SEF, 2014

Além destes dados gerais, e dos trajectos e percursos acima referidos, os nossos dados empíricos revelam que os imigrantes nepaleses em Lisboa têm ligações de rede fortes, a países como a Bélgica, Alemanha e Dinamarca. Adicionalmente, o Reino Unido desempenha um papel fulcral no contexto europeu, e nas relações dos nepaleses em Lisboa, tendo uma imigração nepalesa muito mais expressiva e antiga do que Portugal<sup>231</sup>.

O Quadro 6.3 detalha, segundo a nossa perspectiva, os factores potenciadores mais relevantes, para o fluxo migratório nepalês com destino a Portugal:

**FACTORES POTENCIADORES DO FLUXO MIGRATÓRIO NEPALÊS COM DESTINO A PORTUGAL**



- Trajectos Migratórios Pré-Estabelecidos
- Fim Duma Guerra Civil de 10 Anos (1996-2006)
- Instabilidade Política no País de Origem
- Crise Económica Grave
- População Muito Jovem Encarando Elevados Níveis de Desemprego
- Políticas Migratórias Acessíveis no Destino
- Restrições Legais à Imigração - Norte da Europa
- Catástrofes Naturais (Terremotos 2015)
- Bloqueio Económico Indiano (Até Fev. 2016)

#### Quadro 6.3 - Factores Potenciadores do Fluxo Migratório Nepalês

<sup>231</sup> As associações nepalesas trabalham, no Reino Unido, pelo menos desde a década de '60 do séc. XX, e o papel dos regimentos militares Gurkhas é forte, por lá - uma vez que muitos Gurkhas se aposentaram para o Reino Unido durante esta última década, devido à concessão desse benefício pelos britânicos.

**Com Destino a Portugal**  
**Elaborado pela autora, 2018**

Em síntese, a imigração nepalesa para Portugal é um fenómeno recente, nas suas proporções actuais, assim como complexo e multideterminado. Embora registemos uma diversidade de percursos e três grandes trajectos migratórios, especificamente no contexto europeu, esta imigração, para Portugal, parece determinada por contextos legais e institucionais não-uniformes, e modos de recepção social e integração diferenciados, já que o contexto económico (com excepção do turismo em crescimento) não se revela especialmente atractivo (o grosso desta imigração ocorreu, na realidade, a contraciclo económico).

## **6.2 Caracterização Geral dos Empresários Entrevistados**

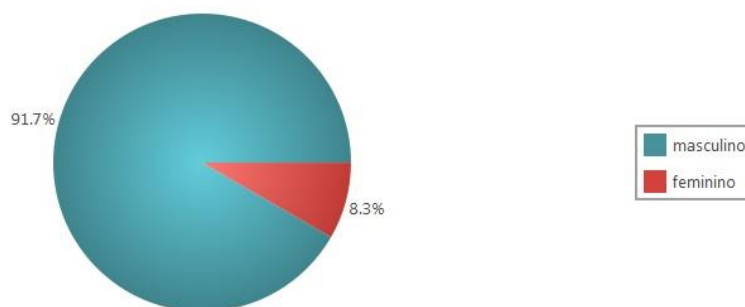
Neste subtópico, apresentamos os nossos resultados parciais, respeitantes à caracterização geral dos empresários entrevistados: nomeadamente, os seus perfis demográficos, aspectos étnico-culturais, religiosos e linguísticos, proveniências e origens geográficas, percursos migratórios, tempos de permanência em Portugal, formações e sectores de actividade, bem como o número de trabalhadores que estes empresários empregam. Especificamente, o Quadro XXV (Anexo 2) cruza dados relativos aos perfis etários, região geográfica de origem e religião professada destes indivíduos (segundo as suas auto-descrições). Adicionalmente, o Quadro XXVI (Anexo 2) especifica as características dos empresários entrevistados, em função de uma sobreposição realizada, entre as variáveis: grupo étnico, composição do agregado familiar, sector de actividade económica e número de empregados declarado. Em seguida, analisaremos, com maior detalhe, as características demográficas dos 36 empresários nepaleses entrevistados em Lisboa.

### **6.2.1 Sexo, Idade e Estado Civil**

Começaremos com os dados relativos à idade, ao sexo e ao estado civil dos empresários. A esmagadora maioria dos empresários nepaleses (91,7%) é do sexo masculino - o que contrasta com uma percentagem de mulheres de 34,6%, registada na população nepalesa em Portugal, já no Censos de 2011 (INE, 2011, 2016).

O Quadro XXVII (Anexo 2) inclui dados relativos ao sexo dos empresários, em percentagem e frequência (para um total válido de 36 empresários). A grande maioria dos indivíduos entrevistados é do sexo masculino (33, ou 91,7%), sendo apenas entrevistadas três mulheres empresárias nepalesas (8,3% do total de empresários da

nossa amostra). O Gráfico 6.3 ilustra o sexo dos empresários entrevistados, em percentagem:



**Gráfico 6.3 - Sexo dos Empresários Nepaleses Entrevistados, em Percentagem (N=36)**  
Elaborado pela autora, 2018

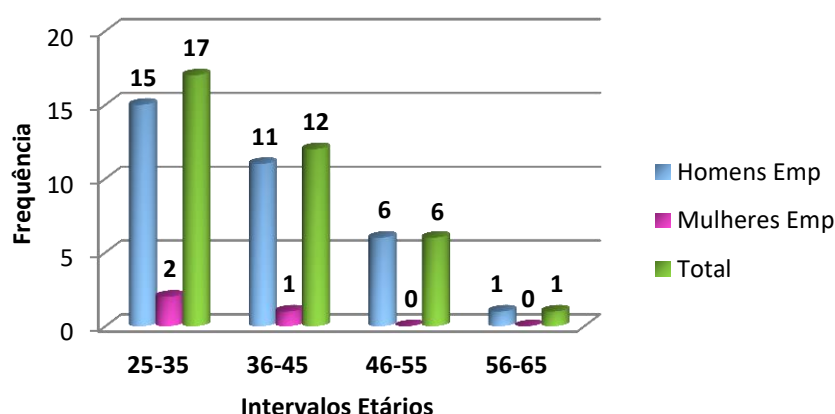
Lembremos que, ao nível do país de origem, a percentagem de mulheres na população nepalesa era de 51,5%, aquando do Censos de 2011 (Censos Nepalês - CBS, 2016). Por outro lado, metade (50%) das nossas entrevistas a trabalhadores nepaleses, em Lisboa, foram (facilmente) realizadas com mulheres. Propomos, assim, que os desequilíbrios e desigualdades de género, ainda registados na sociedade nepalesa, mesmo na diáspora e em conexão com constrangimentos contextuais relevantes na chegada, particularidades culturais/de casta/religiosas, ou ainda com dificuldades mais concretas de integração na própria imigração nepalesa de Lisboa, promoverão as disparidades aqui registadas, quanto à representatividade das mulheres empreendedoras. O acesso destas mulheres, especificamente, às profissões empresariais, aos negócios por conta própria e a cargos de liderança dentro da sua imigração (sobretudo quando dissociados do seu papel de mãe) encontra-se, portanto, parcialmente comprometido. Note-se que Gellner e Shrestha (2011, 2013) e Pariyar (2013) colocaram, previamente, a hipótese de que obstáculos significativos à integração pudessem acentuar um carácter patriarcal nas estruturas comunitárias nepalesas respectivas, e uma obediência mais inflexível delas a sistemas de casta herdados da origem - mais à frente, veremos se este parece ser o caso na imigração nepalesa de Lisboa. Do mesmo modo, no Reino Unido os homens são a esmagadora maioria dos empreendedores nepaleses (CNSUK Directory, 2015).

A idade dos empresários entrevistados varia entre os 25 anos e os 63 anos. O Quadro XXVIII (Anexo 2) pormenoriza a idade dos empresários entrevistados, em frequências e percentagens. O Quadro 6.4 detalha estatísticas descritivas:

Estatísticas descritivas	
Valor médio	37.19
Desvio padrão	8.40
Variância	70.56
Mínimo	25.00
Primeiro Quartil	31.25
Mediana	36.00
Terceiro Quartil	42.00
Máximo	63.00
Amplitude	38.00

**Quadro 6.4 - Estatísticas Descritivas Para a Idade dos Empresários Nepaleses Entrevistados (N=36)**  
Elaborado pela autora, 2018

O Gráfico XXIV (Anexo 3) apresenta a idade dos empresários nepaleses, por ordem decrescente de percentagens: percebemos, facilmente, que as frequências menores surgem para idades acima dos 40 anos. Já o Gráfico 6.4, resume os intervalos etários dos empresários entrevistados, por sexo e em frequências:



**Gráfico 6.4 - Intervalos Etários dos Empresários Nepaleses Entrevistados, Por Sexo e Em Frequências (N=36)**  
Elaborado pela autora, 2018

Através de uma análise ao Gráfico 6.4, torna-se patente que 29 (80,5%) dos empresários entrevistados têm entre 25 e 45 anos de idade, somente seis (16,6%) têm entre 46 e 55 anos de idade, e um apenas (2,7%) tem entre 56 e 65 anos de idade. 47,2% (16) do total dos empresários têm entre 25 e 35 anos de idade. Apesar da juventude patente dos empreendedores nepaleses em Lisboa, notemos que os empresários mais velhos são também aqueles que possuem negócios com maior número de trabalhadores, ou de maior dimensão. As idades jovens destes empresários poderão, adicionalmente, sugerir ligações importantes a estratégias de legalização em Portugal, no contexto europeu.

Relativamente ao estado civil dos empresários nepaleses em Lisboa, o Quadro XXIX (Anexo 2) resume frequências e percentagens obtidas, em função do sexo. Observamos

que todas as mulheres empresárias entrevistadas (três = 8,3%) são casadas, e seis (16,6%) dos empreendedores do sexo masculino entrevistados são ainda solteiros, todos esses tendo entre 25 e 37 anos de idade. Por outro lado, a esmagadora maioria, ou 27 (75%), dos empresários nepaleses do sexo masculino são casados. O Gráfico XXV (Anexo 3) apresenta-nos o estado civil dos empresários, em percentagem e em função do sexo, e o Quadro 6.5 explicita o estado civil dos empresários, em função do sexo:

<b>Sexo</b>	<b>Estado Civil</b>	
	<b>Casado/a</b>	<b>Solteiro/a</b>
<b>Masculino</b>	<b>27</b>	<b>6</b>
<b>Feminino</b>	<b>3</b>	<b>0</b>

**Quadro 6.5 - Estado Civil dos Empresários Nepaleses Entrevistados, Em Frequência e Em Função do Sexo (N=36)**  
Elaborado pela autora, 2018

Apresentando-se, relativamente ao país de origem, todos os empresários entrevistados em Lisboa, acima da média de idade para o primeiro casamento no Nepal (seja qual for o grupo social mais vasto que consideremos), então estes dados, com uma grande maioria de casados, tendem, de certo modo, a corresponder ao esperado - tomando em consideração as idades dos entrevistados em Portugal (Censos, 2011). Embora tenhamos entrevistado trabalhadoras nepalesas solteiras, e embora o fluxo de mulheres nepalesas chegando sozinhas, ou apenas com filhos, a Portugal venha crescendo, nos últimos anos; tais dados não parecem reflectir-se, por enquanto, na posse e gestão autónoma de negócios, por parte das mulheres nepalesas em Lisboa (negócios esses, que lhes permitam subsistir e prosperar no ambiente de chegada). Elas tendem, assim, a trabalhar, mais frequentemente, por conta de outrem.

### 6.2.2 Grupo Étnico

Optámos por registar a grupo étnico dos empresários nepaleses conforme a auto-classificação feita pelos próprios; sendo, no entanto, essa auto-classificação informada por um conhecimento demográfico prévio, a respeito do país de origem, e dos grupos étnicos predominantes, em cada região geográfica do Nepal. O Quadro XXX (Anexo 2) detalha a frequência e percentagem de cada grupo étnico, para estes empresários nepaleses. Verificamos que o grupo étnico predominante nos entrevistados, empresários, ou donos de negócios em Lisboa, é Kshatriya (Chhetri e Thakuri), sendo nove deles Chhetri (25%) e cinco outros Thakuri (13,8%). Um empresário Kshatriya adicional (2,8%), descreve-se apenas como "Brâmane", sem outra especificação. Aos Kshatriya, seguem-se empresários dos grupos étnicos Newar (13,9%), Sherpa (11,1%) e Khas-

Bahun (8,3%). São somente entrevistados um empresário Tharu (2,8%), um empresário Tamang (2,8%) e um empresário Sarki (2,8%).

Observamos que os Kshatriya constituem 41,7% do total dos empresários entrevistados, enquanto Tharu, Tamang, Sanyasi-Dashnami/Puri, Sudra-Dalits<sup>232</sup> e Sarki<sup>233</sup> aparecem pouco representados. Poderemos comparar estes dados em relação ao Nepal e ao Reino Unido, considerando que, nesses países, os grupos étnicos e castas com maior peso nos negócios são, respectivamente, no Reino Unido, Kshatriya (Chhetri e Thakuri), Khas-Bahun, mas também Gurung, Limbu, Magar e Rai (CNSUK *Directory*, 2015) - e, no Nepal, os Newar, Sherpa, Gurung e Marwadi (Zivetz, 1992; Dana, 2014; CBS, 2017). Assim, em Lisboa há uma mistura das tendências do Reino Unido e Nepal, ao nível dos grupos étnicos mais empreendedores. Embora alguns autores argumentem que se verifica um empreendedorismo crescente de outros grupos étnicos no Nepal, que a casta do empresário tem um peso decrescente, que não há associação grupo étnico-tipo de negócio escolhido na origem, e que a ligação grupo étnico-empresarialismo é mais evidente na diáspora nepalesa (Pant, 2015). O Gráfico XXVI (Anexo 3) resume os grupos étnicos dos empresários, por ordem decrescente de percentagens. Lembremos que, na população de origem, no Nepal, os Chhetri (grupo étnico Kshatriya de castas elevadas, tradicionalmente dedicadas a profissões administrativas e militares) representam o maior grupo étnico, com 16,6 % da população total, seguidos por Bahun (12,2%), Newars (8,1%) e Tharu (6,5%). Ao passo que os Thakuri (grupo étnico Kshatriya com castas tradicionalmente elevadas, associadas à posse de terras e à administração) são, somente, o 13º grupo étnico em tamanho, na origem (representam 1,6% da população nepalesa), e os Sherpas configuram apenas o 26º grupo étnico em tamanho, do país (correspondem a 0,42% da população total), segundo o Censos de 2011 (CBS, 2016). Por outro lado, na origem, os Tamang são o 6º grupo étnico em tamanho (5%) e os Sarki o 15º grupo étnico nacional (pouco atrás dos Thakuri), com 1,41% da população total (CBS, 2016). Há, portanto, considerando os perfis étnico-demográficos do Nepal, uma presença, acima da média, de empresários nepaleses dos grupos étnicos Thakuri e Sherpa nos entrevistados de Lisboa, enquanto os grupos étnicos Tamang e Tharu aparecem sub-representados na nossa amostra. De notar que, dos nove empresários Chhetri entrevistados em Lisboa,

<sup>232</sup> Grupo étnico e castas mais baixas de trabalhadores, artesãos e prestadores de serviços.

<sup>233</sup> Grupo étnico e castas baixas, tradicionalmente associada a sapateiros, embora já pouco se dediquem a tal profissão.

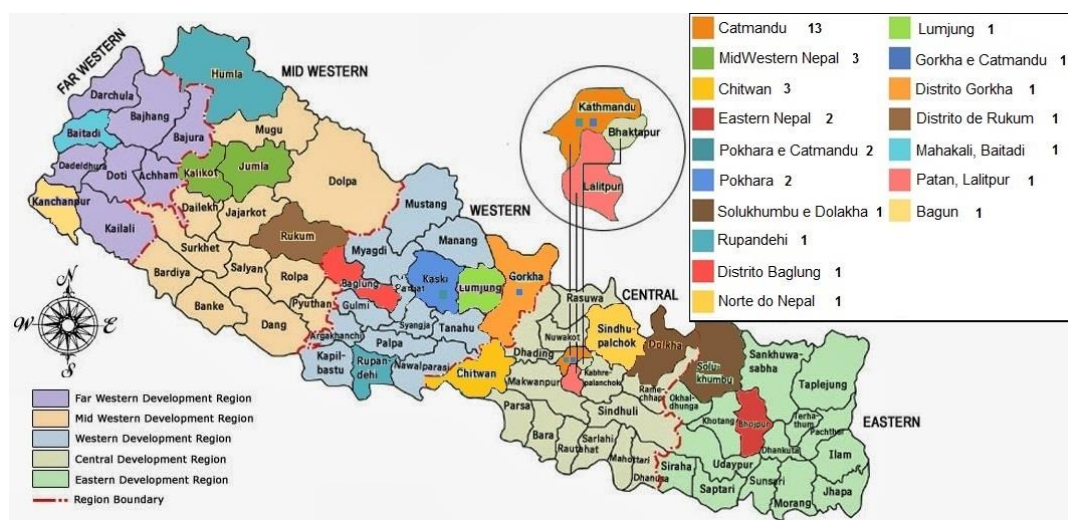
seis (16,6% do total de empresários entrevistados, e 66,6% do total de empresários Chhetri) moraram previamente no Reino Unido. Um outro empresário Chhetri, morou anteriormente na Dinamarca e, outro ainda, já morou na Noruega e Suíça. Além disso, o empresário que se descreve apenas como "Brâmane Kshatriya" morou na Bélgica. Estes números, devem fazer-nos reflectir sobre a capacidade de iniciativa empresarial em Lisboa dos jovens Chhetri, provenientes de famílias militares Gurkhas (Kshatriya ou outras), previamente emigradas para países europeus terceiros. Em geral, eles possuem bom estatuto socioeconómico, usufruindo de redes intraétnicas muito fortes, e mais antigas no contexto europeu (em especial no Reino Unido, mas também na Europa continental), e beneficiando dos recursos e suporte que tais redes lhes proporcionam. Eles têm, frequentemente, familiares com acesso a fontes de financiamento formais noutros países europeus e a recursos económicos, eventualmente transferíveis através das fronteiras europeias. Tais jovens empreendedores, muitas vezes obtendo uma educação parcialmente europeia, pelo facto de serem filhos de Gurkhas (facilitada, portanto, por leis relativas aos benefícios aplicáveis à descendência desses militares, pelo menos no Reino Unido) são, porém, mais tarde, obrigados a procurar formas de legalização e cidadania noutros países que não os países norte-europeus - de modo a poderem trabalhar, viver e permanecer na Europa.

### 6.2.3 Região e Cidade/Aldeia de Origem

Detalharemos, agora, as regiões e cidades/aldeias de origem dos 36 empresários nepaleses - procurando traçar comparações com os dados disponíveis, relativos às regiões de maior emigração no Nepal. Faremos, ainda, inferências acerca dos trajectos migratórios seguidos por estes empreendedores - já que regiões de partida diferenciadas, na origem, estão associadas a destinos específicos, na chegada.

Quanto à região de origem, a maioria dos empresários provém, especificamente, de Catmandu (13 = 36,8%), seguida pelo Oeste do Nepal (três = 8,3%) e Chitwan (três = 8,3%). O Quadro XXI (Anexo 2) detalha a região de origem dos empresários entrevistados, em frequências e percentagens. Aqueles empresários que indicam mais do que uma região de origem têm, habitualmente, interesses, negócios ou moradas em mais do que uma região (anteriormente à sua partida do Nepal). O Gráfico XXVII (Anexo 3) e o mapa na Figura 6.1 ilustram visualmente a região de origem dos empresários nepaleses de Lisboa, em frequências:





**Figura 6.1 - Região e Cidade/Aldeia de Origem dos Empresários Nepaleses, Em Frequência (N=36)**  
Elaborado pela autora, 2018

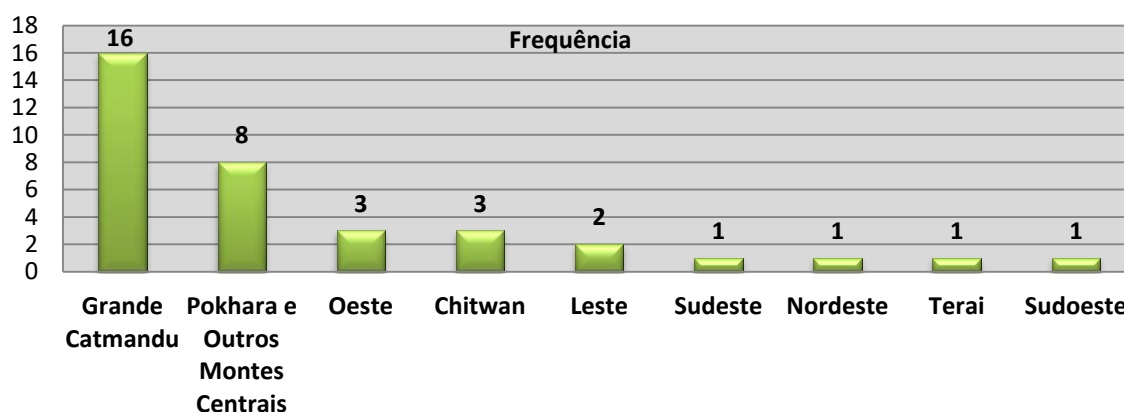
No total, 16 empresários (44,4% do total) mencionam, portanto, Catmandu como sua região de origem (três em associação a Pokhara, ou ao distrito Gorkha). Oito (22,2%) indicam as regiões *Far Western* e *Mid Western* como regiões natais, 11 (30,5%) a região *Western*, e 20 (55,5%) as regiões *Central* e *Eastern*.

Sabemos que as áreas do Nepal com maior percentagem de emigrantes são os montes da região Central do país, a zona Sudoeste e o extremo Oeste<sup>234</sup>. As castas mais baixas das regiões de montes e montanhas, e outras castas baixas indefinidas, são aquelas que se encontram mais ausentes do país, logo seguidas pelas castas altas dos montes e montanhas (sobretudo do "trapézio regional" formado pelos distritos Gorkha-Kaski-Baglung-Rupandehi). Quanto à percentagem de ausentes da população total, os grupos étnicos mais ausentes são, em termos religiosos e geográficos, budistas dos montes/montanhas, e os grupos menos ausentes do país são hindus das planícies do Sul/Terai. A percentagem de ausentes atingia, a título exemplificativo, quase 20% no distrito de Gulmi, em 2011 (Censos Nepal, 2011). Ora, a nossa amostra de empresários, só parcialmente segue esta tendência: com uma maioria proveniente das regiões de montes e montanhas, mas quase metade dos entrevistados a indicar Catmandu como sua região de origem, e 55,5% as regiões *Central* e *Eastern*. Isto prende-se com o facto de os imigrantes da capital do Nepal poderem dispor de mais recursos económicos - quer para obter vistos na Europa, quer para iniciar os seus negócios no estrangeiro. A maioria

<sup>234</sup> Cf. Dados sobre população nepalesa ausente, em cada agregado (Censos Nepal, 2011; CBS, 2016).

(27 = 75%) também pertence a castas altas dentro do respectivo grupo étnico, como vimos atrás, e declara-se hindu, em termos religiosos<sup>235</sup>.

Relativamente à cidade ou aldeia de origem, no Nepal, destes empresários, o Quadro XXXII (Anexo 2) fornece dados concretos, em percentagens e frequências, para os entrevistados. O Gráfico XXVIII (Anexo 3) revela-nos a cidade ou aldeia de origem, no Nepal, dos empresários nepaleses, em frequências. Algumas cidades/aldeias natais, de um único empresário cada, são situadas em Bagun (extremo Sudoeste do país), "Leste do Nepal", Mahendranagar (próximo a Janakpur, região Sudeste), Musikotkhalanga (a sul de Bheri, montes Centrais), Distrito Gorkha (montes e montanhas Ocidentais-Centrais), região do Monte Everest (Nordeste), Hetauda (a Sul de Catmandu, Terai), "Norte do Nepal", Damek (montes Centrais), Lumbini (montes Centrais) e Charikot (montes/montanhas a Leste de Catmandu). É possível observarmos que há uma maior diversidade e especificidade na nomeação da cidade ou aldeia de origem, por parte destes empresários, do que quando foram questionados acerca da sua região geográfica de origem, no Nepal. Alguns, são bastante específicos quanto à sua cidade ou aldeia de origem, enquanto outros se limitam a indicar o distrito de onde provêm. O Gráfico 6.5 resume, sucintamente, os dados relativos à cidade e aldeia de origem dos empresários, integrando-os em grandes regiões:



**Gráfico 6.5 - Grandes Regiões Onde se Integram as Cidades/Aldeias de Origem dos Empresários Nepaleses Entrevistados, em Frequência (N=36)**  
Elaborado pela autora, 2018

Comparando estes dados com as regiões de origem auto-declaradas pelos empresários, assinalamos aqui uma maior especificidade, com 12 empresários (33,3%, ou um terço do total) a declararem que a sua cidade ou aldeia natal se situa, de facto, nas regiões com maior emigração do Nepal (montes e montanhas Centrais, Oeste e

<sup>235</sup> Mesmo que saibamos que a maioria das práticas são mistas, incorporando rituais hindus e budistas.

Sudoeste). Ainda que eles possam mencionar Catmandu, quando questionados acerca da sua região de origem - por associarem esta pergunta à região de partida, do país. Por outro lado, 16 empresários (44,4% do total) indicam uma cidade ou aldeia natal na região da Grande Catmandu, e três (8,3% do total) provêm, em particular, da região de Chitwan. Vemos grande diversidade nas cidades ou aldeias de origem declaradas, situadas desde o extremo Sudoeste até à zona do Monte Everest (Nordeste) e Leste (é o caso dos empresários Sherpas) e ao Terai (zona de menor emigração da população nepalesa). Estes dados correspondem, de certa forma e com maior exactidão, à diversidade étnica dos empreendedores, por nós atrás demonstrada - uma vez que grupo étnicos nepaleses concretos estão ligados a regiões geográficas, de origem, bastante específicas.

#### 6.2.4 Subcasta, Religião e Grupos Linguísticos

Dedicaremos, aqui, alguma atenção à subcasta auto-declarada, religião auto-declarada e grupos linguísticos auto-declarados, pelos empresários.

A subcasta auto-declarada pela maioria dos empresários é Chhetri (nove = 25%), logo seguida por Thakuri (cinco = 13,9%), Brâmanes sem outra especificação (cinco = 13,9%), Newars (quatro = 11,1%), Sherpas (três = 8,3%) e Khas-Sapkota (dois = 5,6%). O Quadro XXXIII (Anexo 2) concretiza estes dados. As subcastas Brâmane Khas-Bahun sem outra especificação, Mingyagpa, Shrestha, Tharu, Puri (Ariano), Upreti, Pariyar e Magarati são, todas, representadas por um indivíduo apenas. O Gráfico XXIX (Anexo 3) esclarece-nos, adicionalmente, a respeito da subcasta auto-declarada pelos empresários. No total, entre auto-classificações diversas, observamos que 27 empresários (75%) declaram pertencer a subcastas elevadas, dentro do respectivo grupo étnico, mesmo entre os Newars, ou outros - o que se torna constatável pela correspondência feita, com os apelidos e história familiar, que revelam a posição social de origem. Isto parece indicar, num sentido já verificado por alguns autores quando compararam as imigrações nepalesas residentes na Europa entre si, especialmente entre o Reino Unido e a Bélgica (Pariyar, 2013; Gellner, Hausner e Shrestha, 2014; Adhikari, 2016), uma certa rigidificação dos sistemas étnico-religiosos de casta e de subcasta, transferidos da origem para o destino. Ao constatarem tal rigidificação em Inglaterra, esses autores relacionaram-na com formas de recrutamento de militares nepaleses (de há muitas décadas), com o tamanho da imigração nepalesa e com as políticas de legalização, no ambiente de chegada. A reprodução de sistemas étnico-religiosos de

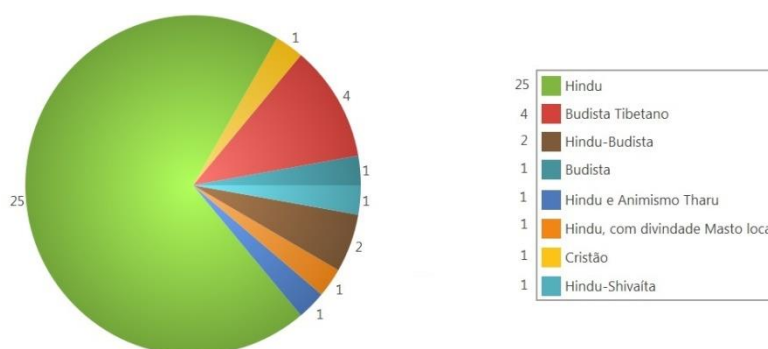
casta, por nós observada, prende-se especificamente com os líderes, chefias e empreendedores, responsáveis pelos negócios nepaleses em Lisboa.

Poderemos afirmar que os dados relativos à subcasta dos empresários seguem as grandes tendências já arroladas em termos de grupos étnicos, uma vez que a ligação casta-grupo étnico é íntima, na sociedade nepalesa - apesar de uma lei nacional ter oficialmente abolido o sistema de castas, no ano de 1962. Destacamos o facto de Thakuris, Sherpas e Newars se encontrarem especialmente sobrerrepresentados nos empresários em Lisboa, relativamente à origem - isto, enquanto Tharu, Tamang e Sarki/Magarati aparecem pouco representados. Associamos esta evidência, entre outros factores, às fortes redes transnacionais de suporte intraétnico, e a associações étnicas locais dinâmicas, em Lisboa, tanto de Sherpas, como de Thakuris e Newars, que adiante (quando compararmos estas entrevistas, aos empresários, com as dos trabalhadores) explanaremos, com maior rigor.

Finalmente, e ao contrário das lideranças ou empregadores, não constatamos rigidificação dos sistemas étnico-religiosos de casta e subcasta transferidos da origem, quando atendemos ao tópico específico do recrutamento de trabalhadores, feito em Portugal ou noutros países, por estes empresários. De facto, a maioria dos empresários nepaleses entrevistados diz "não empregar preferencialmente" (não discriminar positivamente) indivíduos do seu grupo étnico, casta ou subcasta, preferindo trabalhadores nepaleses imigrantes, de qualquer grupo étnico e casta, desde que "necessitem de trabalhar" ou "tenham qualificação/competência adequadas" às funções solicitadas. Quando a preferência surge, ela parece estar mais relacionada com a região geográfica de origem do trabalhador e as obrigações de auxílio (por parte do empresário) à "família alargada". Se alguma rigidificação dos sistemas étnico-religiosos de casta pode ser observada nas empresas nepalesas em Lisboa, ela verifica-se, pois, mais ao nível da pertença étnica e de casta dos empresários nepaleses propriamente ditos, do que ao nível das opções de recrutamento e contratação desses mesmos empreendedores.

Há grandes, e esperadas, correspondências entre o grupo étnico declarado e as práticas religiosas dos empresários nepaleses. Em relação à religião auto-declarada pelos 36 entrevistados, o Quadro XXXIV (Anexo 2) põe em destaque frequências e percentagens. De modo genérico, 69,4% (25) dos empresários entrevistados descrevem-se como hindus (incluindo alguns hindus com rituais budistas incorporados, não confessos), 11,1% (quatro) dizem-se budistas tibetanos, 5,6% (dois) hindus-budistas,

um (2,8%) hindu-animista, um (2,8%) hindu-shivaíta, um (2,8%) budista e um (2,8%) cristão. Note-se que, no país de origem, o perfil demográfico religioso era, em 2011, 81,3% de hindus ou hindus/outra religião, 9% de budistas, 4,4% de muçulmanos, 3,1% de kirat, 1,4% de cristãos e 0,7% de prakitis, bon, jainistas, siquistas ou bahais (Censos Nepal, 2011). Por outro lado, um empresário Sarki, entrevistado em Lisboa, declara-se cristão - no Nepal, apenas 2,14% dos Sarki são cristãos e, mesmo estes, possuem divindades familiares e divindades da aldeia de origem, que veneram (CBS, 2016). O Gráfico 6.6 elucida-nos quanto à religião auto-declarada pelos empresários nepaleses, em percentagens:

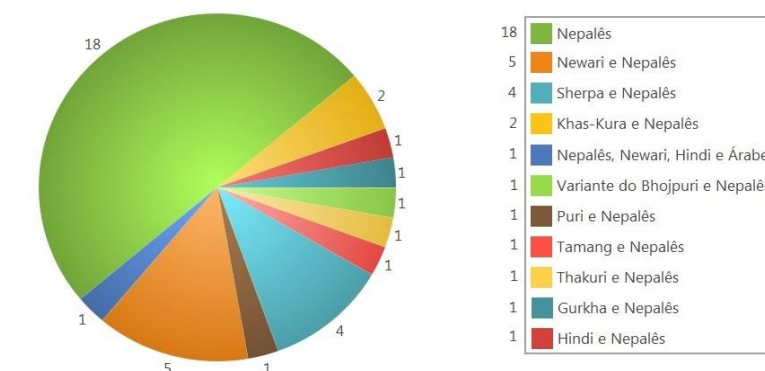


**Gráfico 6.6 - Religião Auto-Declarada Pelos Empresários Nepaleses Entrevistados, Em Frequência (N=36)**  
Elaborado pela autora, 2018

No total, se contabilizarmos os empresários que se dizem hindus (incluindo hindus com outra prática religiosa ou rituais outros incorporados, não confessos), isso perfaz 83,4% dos entrevistados. Deveremos, ainda, fazer notar que alguns dos indivíduos que se dizem apenas hindus, como é o caso de Chhetris e Newars, praticam, na realidade, ritos que integram tradições budistas também (práticas religiosas mistas). O próprio sistema de castas Newar é bicéfalo, incluindo tanto sacerdotes budistas, quanto sacerdotes hindus. Aqueles empresários que se dizem puramente budistas, hindus-budistas ou budistas tibetanos são 19,5% do total, e correspondem, invariavelmente, a empresários Sherpas, Tamang e Sanyasi-Dashnami/Puri (Arianos).

Tal como a religião, também os grupos linguísticos auto-declarados pelos empresários têm relações gerais com a pertença étnica. O Quadro XXXV (Anexo 2) fornece-nos dados sobre frequências e percentagens dos grupos linguísticos auto-declarados pelos entrevistados. Constatamos que 50% (18) dos empresários mencionam somente o Nepalês, como o seu grupo linguístico. Utilizada como factor de aglutinação nacional, a fidelidade à língua unificadora da pátria esconde, no entanto, a proficiência noutras línguas-mãe étnicas (o multilinguismo é mais regra do que excepção, no caso do

Nepal) e no Hindi, por afinidade linguística. Cinco outros empresários (13,9%) declaram-se proficientes em Newari, quatro (11,1%) em Sherpa e dois (5,6%) em Khas-Kura, além de Nepalês. Mas há, igualmente, menções às línguas Gurkha, Thakuri, Tamang, variantes do Bhojpuri, Puri, Hindi e Árabe. O Gráfico 6.7 põe em evidência os grupos linguísticos auto-declarados pelos empresários nepaleses entrevistados, em frequências:



**Gráfico 6.7 - Grupos Linguísticos Auto-Declarados Pelos Empresários Nepaleses Entrevistados, Em Frequência (N=36)**  
Elaborado pela autora, 2018

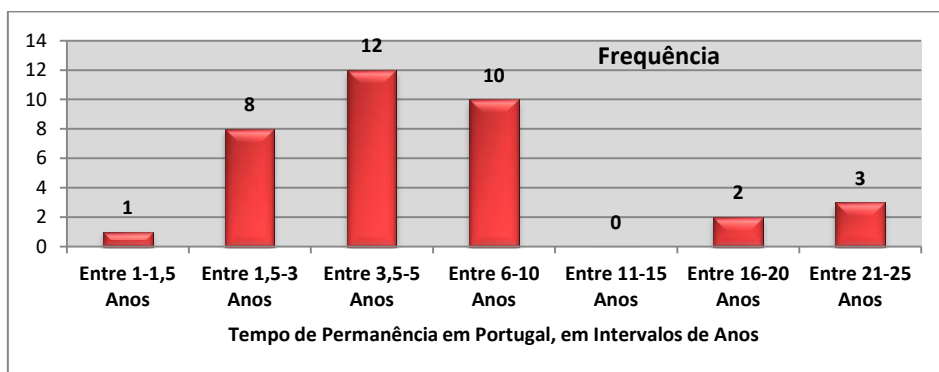
Apesar do seu carácter maioritário, deveremos considerar que alguns dos sujeitos que se dizem apenas falantes do Nepalês, terão línguas étnicas próprias, que secundarizam ao responder às entrevistas, ou que secundarizam em termos identitários. Nas imigrações nepalesas e em contextos informais (fora das associações étnicas), o nepalês é a grande língua aglutinadora, pois define uma identidade nacional em países alheios, e na relação com estrangeiros. Não obstante, a diversidade étnica e regional anotada entre os empresários permite-nos inferir mais línguas-mãe do que as declaradas. Portanto, consideraremos que estes dados, respeitantes ao grupo linguístico, se situam um pouco aquém da real diversidade linguística dos empresários. Compararemos, mais tarde, estes resultados com aqueles que obtivemos junto dos trabalhadores nepaleses em Lisboa.

#### 6.2.5 Tempo de Permanência em Portugal

Os tempos de permanência em Portugal, para os empresários nepaleses entrevistados, variam entre 1 ano e 6 meses, e 24 anos de residência no país; o que resulta numa média calculada de 6 anos e 3 meses de permanência em Portugal, para os 36 empresários. O Quadro XXXVI (Anexo 2) explicita frequências e percentagens, para o tempo de permanência dos empresários em Portugal. O Gráfico XXX (Anexo 3) ilustra o tempo de permanência em Portugal dos empresários entrevistados, em percentagens decrescentes. O Gráfico 6.8 apresenta o tempo de permanência em Portugal dos

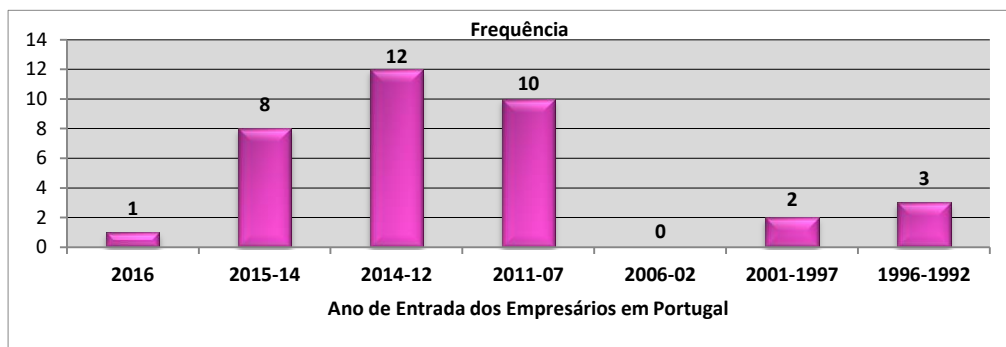


empresários entrevistados, por intervalos de anos a residir no nosso país e em frequências:



**Gráfico 6.8 - Tempo de Permanência em Portugal dos Empresários Nepaleses Entrevistados, Em Frequência e Por Intervalo de Anos (N = 36)**  
Elaborado pela autora, 2018

Deste modo, determinamos que 31 dos empresários (86,1%) permanecem em Portugal há períodos, que variam: entre 1 ano e 6 meses, e 10 anos (inclusive). Até aos 5 anos de residência em Portugal (inclusive), anotam-se 58,4% das observações. Por outro lado, cinco empresários (13,9% do total) vivem em Portugal há um período que oscila entre os 16 anos e os 25 anos. Entre os 11 anos e os 15 anos de permanência em Portugal, não são entrevistados quaisquer empresários nepaleses. O Gráfico 6.9 detalha



os anos de entrada em Portugal:

**Gráfico 6.9 - Anos de Entrada em Portugal dos Empresários Nepaleses Entrevistados, Em Frequência (N=36)**  
Elaborado pela autora, 2018

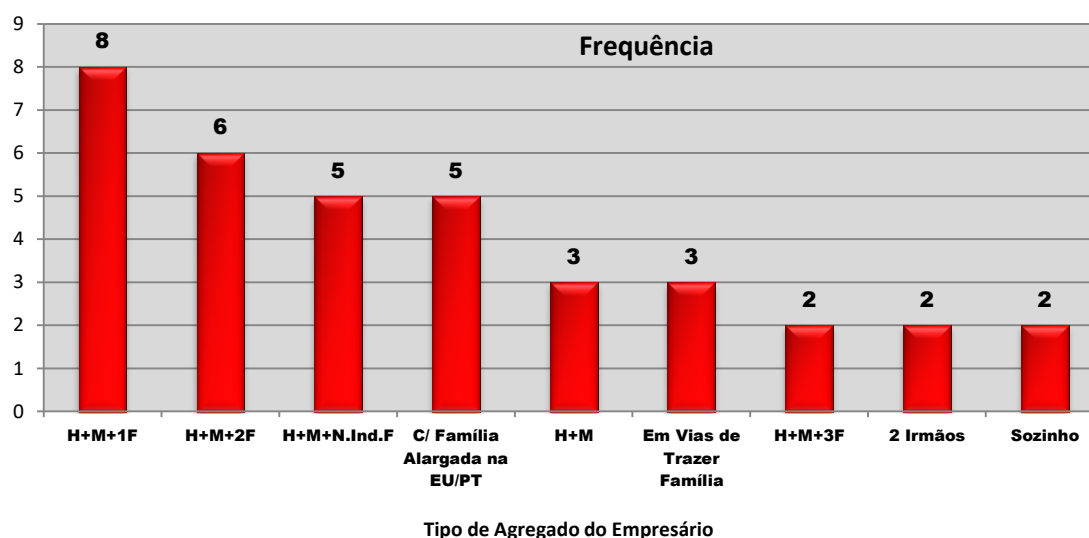
Estes tempos de permanência extremos, poderão ajudar a explicar o carácter, ora familiar, ora de maior dimensão, dos negócios respectivos. Tendo sempre presente que a maior onda de imigração nepalesa com destino a Portugal terá iniciado recentemente, especialmente a partir dos anos 2009-2010 (há menos de 10 anos, portanto).

#### 6.2.6 Composição do Agregado Familiar

Em relação às composições dos agregados familiares predominantes nos empresários, notemos que a maioria (26 = 72,2% do total) não está em Portugal



sozinho, mas com família nuclear, enquanto dez empresários (27,8%) estão sozinhos - contudo, destes, três encontram-se em vias de trazer a sua família do Nepal, e cinco outros empresários "sozinhos" têm família alargada em Portugal, ou noutros países da União Europeia. Concorrerá, aqui, o facto de a ocupação de empresário permitir, regra geral, maiores rendimentos e a possibilidade de trazer a família, o que exige um certo investimento em despesas de viagem, burocráticas e administrativas (vistos). O Quadro XXXVII (Anexo 2) explicita, com exatidão, a composição do agregado familiar dos empresários entrevistados, em frequências e percentagens. O Gráfico XXXI (Anexo 3) ilustra os dados do Quadro XXXVII, em percentagens decrescentes. Os resultados visualizados no Quadro XXXVII e Gráfico XXXI poderão ser "arrumados" conforme indicado no Gráfico 6.10, que mostra os dados obtidos para os agregados familiares dos empresários, em frequências e por tipo de agregado:

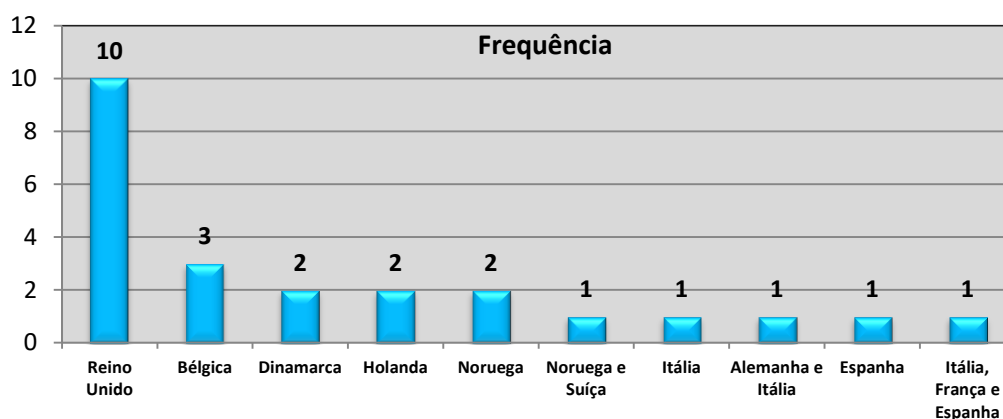


**Gráfico 6.10 - Composição do Agregado Familiar dos Empresários Nepaleses Entrevistados, Em Frequências e Por Tipo de Agregado (N=36)**  
Elaborado pela autora, 2018

Os empresários sozinhos são claramente minoritários, e dos grupos étnicos Tharu, Tamang, Sherpa, Chhetri e Thakuri - sendo que, entre estes, mais Chhetri e Tamang possuem redes na EU/PT e mais Sherpa, Chhetri e Thakuri estão em vias de trazer a sua família do Nepal. Os dois empresários sozinhos, ou sem família, são dos grupos étnicos Tharu (há 6 anos em Portugal) e Thakuri (há 2 anos em Portugal). Verificamos que 21 empresários (58,3%) formam um casal e têm um, ou mais, filhos (ou uma gravidez em curso), três empresários formam apenas um casal, e dois empresários fazem parte de um agregado constituído por dois irmãos somente. No total, são dez (27,8%) os empresários sozinhos, mesmo que a sua situação esteja prestes a mudar, ou ainda que tenham família alargada na EU/PT.

### 6.2.7 Viveu ou Trabalhou Noutros Países Europeus (ou Outros) Antes de Portugal?

Quanto às experiências europeias prévias, fora de Portugal, o Quadro XXXVIII (Anexo 2) detalha os resultados, em frequências e percentagens. O Gráfico XXXIIa (Anexo 3) ilustra ainda, por ordem decrescente e por países, as percentagens que constam do Quadro XXXVIII. O Gráfico XXXIIb (Anexo 3) e o Gráfico 6.11 evidenciam, em frequência, estes dados:



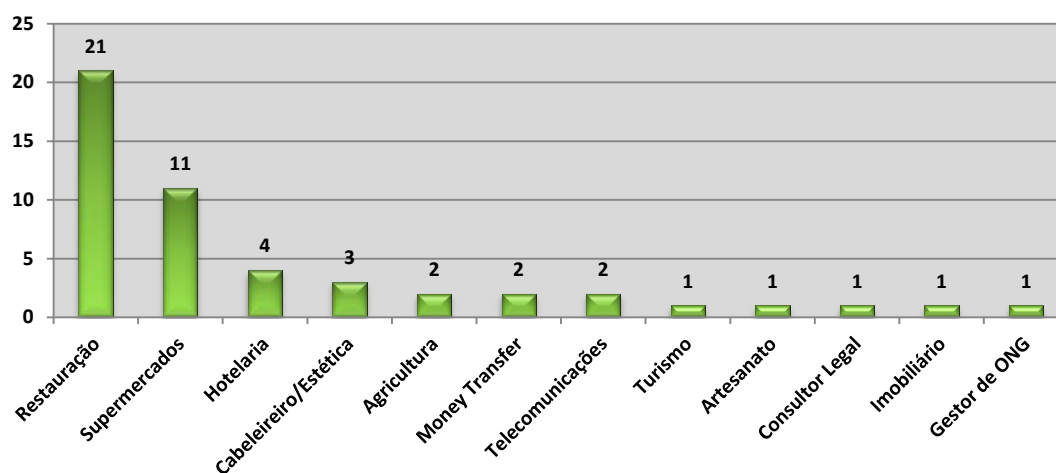
**Gráfico 6.11 - Empresários Nepaleses Entrevistados Que Viveram ou Trabalharam Noutros Países Europeus / Do Médio Oriente Antes de Portugal (24), Em Frequência (N=36)**  
Elaborado pela autora, 2018

Listamos dez empresários que já viveram ou trabalharam no Reino Unido, e três na Bélgica. Outros países mencionados são a Noruega, Holanda e Dinamarca, Alemanha, Itália, França, Espanha e Suíça. Assinala-se, apesar de um terço dos entrevistados (12 = 33,3%) afirmarem que não viveram nem trabalharam noutro país europeu antes de Portugal (enquanto dois terços dizem que sim), tendo chegado ao nosso país directamente a partir do Nepal-Índia, ou via Médio Oriente, que é possível que estes números estejam subestimados. Deveremos ter presente que alguns empresários podem não querer revelar experiências prévias no espaço europeu, por questões legais, tributárias, ou outras.

### 6.2.8 Formação e Trajectórias Profissionais

Relativamente às áreas de formação (tanto técnico-profissional, como universitária) dos 36 empresários: seis têm formação anterior em *business management* (gestão de empresas), seis empresários possuem-na em *hospitality* ou turismo, um empresário em *health management* (gestão da saúde), três empresários em informática e telecomunicações, dois empresários em direito, dois empresários em relações internacionais, e um empresário em enfermagem (destes 21, nove têm formação técnico-profissional e 12 possuem formação universitária). Se procurarmos sistematizar

os dados recolhidos no Quadro XXXIX (Anexo 2) e Gráfico XXXIII (Anexo 3), chegaremos ao Gráfico 6.12 (com a ressalva de que vários empresários detêm investimentos imobiliários, mas optam por não declarar expressamente, essa, como sendo a sua área de actuação):



**Gráfico 6.12 - Áreas de Actuação Auto-Declaradas Pelos Empresários Nepaleses Entrevistados, Em Frequência (N=36)**  
Elaborado pela autora, 2018

Vemos que predomina o sector terciário, mas dois empresários também se dedicam ao sector primário (agricultura), e outros dois ao sector quaternário (consultoria e desenvolvimento). Cumulativamente, ou não, com outras áreas de actuação, a esmagadora maioria dos entrevistados (31) considera-se empresário da restauração e/ou dos supermercados - o que coincide com os dados recolhidos em Inglaterra (CNSUK *Directory*, 2015). Apesar de vários empresários estarem ligados a ONGs, administrando-as ou não, só um empresário assume como sua área de actuação "gestor de ONG" (os restantes encaram-nas como "investimentos" - muito embora elas constituam, na realidade, formas de financiamento). O mesmo sucede para o "imobiliário". Um empresário dos supermercados e *money transfer* acumula, ainda, um negócio de artesanato étnico: porém, também não considera essa como uma área de actuação. Alguma discrepância entre as áreas de actuação *de facto* desenvolvidas pelos empresários e as áreas de actuação declaradas, revela-se mais claramente, quando os empresários explanam, com pormenores, toda a extensão dos seus negócios. Os empresários que se dedicam, em exclusivo, à restauração (concentração dos negócios, sem outros negócios acumulados), são 11 (30,6% do total). Um empresário acumula a restauração especializada (três restaurantes italianos) com a gestão de uma mercearia italiana/supermercados (o que corresponde à incorporação de uma diferenciação de

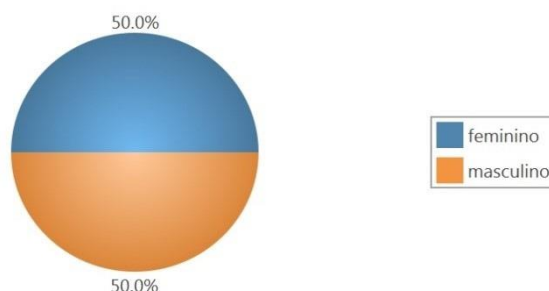
origem europeia, ligada ao trajecto e percurso migratório desse empresário). Outras áreas de actuação observadas são: agência de viagens, artesanato, consultoria ou imobiliário, destacando-se a grande diversidade de negócios específicos dinamizados, que garantem o fornecimento de bens e serviços fundamentais, a toda a imigração nepalesa em Lisboa.

### 6.3 Caracterização Geral dos Trabalhadores Entrevistados

Neste subponto, vamos realizar uma caracterização geral dos trabalhadores nepaleses entrevistados (N = 30): todos com mais de 18 anos, residindo em Lisboa há mais de um ano e, nenhum deles, exercendo profissão no sector agrícola<sup>236</sup>.

#### 6.3.1 Sexo, Idade e Estado Civil

Começaremos por analisar os dados respeitantes ao sexo, idade e estado civil dos 30 trabalhadores nepaleses. Em relação ao sexo dos trabalhadores, e como o Gráfico 6.13 demonstra, entrevistam-se 15 (50%) trabalhadores nepaleses do sexo masculino, e 15 (50%) trabalhadoras nepalesas do sexo feminino:



**Gráfico 6.13 - Sexo dos Trabalhadores Nepaleses Entrevistados, em Percentagem (N=30)**  
Elaborado pela autora, 2018

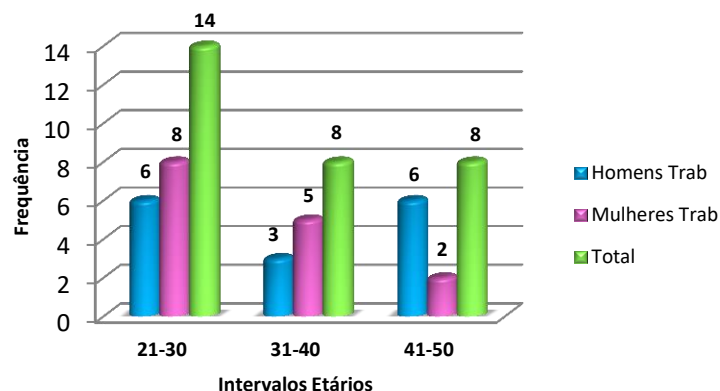
A amostra dos trabalhadores nepaleses entrevistados é, portanto, mais equilibrada, em termos de distribuição por sexo, do que a amostra de empresários nepaleses, antes analisada. Quanto à idade dos trabalhadores nepaleses entrevistados, o Quadro 6.6 detalha as estatísticas descritivas obtidas (N=30):

Estatísticas descritivas	
Valor médio	33.57
Desvio padrão	7.95
Variância	63.25
Mínimo	23.00
Primeiro Quartil	27.25
Mediana	31.00
Terceiro Quartil	40.75
Máximo	49.00
Amplitude	26.00

<sup>236</sup> Esta nota será relevante, quando analisarmos as suas áreas de actuação e o carácter contínuo ou sazonal das ocupações dos trabalhadores nepaleses.

**Quadro 6.6 - Estatísticas Descritivas Para a Idade dos Trabalhadores Nepaleses Entrevistados (N=30)**  
Elaborado pela autora, 2018

Observamos que o valor de idade médio, dos trabalhadores, é menor que para os empresários, e a sua amplitude de idades também é menor. O Gráfico 6.14 detalha a idade dos trabalhadores nepaleses entrevistados, por intervalos etários:



**Gráfico 6.14 - Intervalos Etários dos Trabalhadores Nepaleses Entrevistados, Por Frequência e Sexo (N=30)**  
Elaborado pela autora, 2018

Verificamos uma predominância de mulheres trabalhadoras nepalesas, nos intervalos etários entre os 21-30 anos e entre os 31-40 anos; enquanto os homens trabalhadores nepaleses prevalecem sobre as mulheres, em número, somente na faixa etária situada entre os 41-50 anos de idade. Há tantos homens trabalhadores nepaleses entrevistados, com idades entre os 41-50 anos, como com idades entre os 21-30 anos - mas o número de mulheres trabalhadoras tende a decrescer, com a idade. No total, quase metade dos entrevistados tem até 30 anos de idade, independentemente do seu sexo.

Analisemos, em seguida, o estado civil dos trabalhadores nepaleses, em função dos Gráficos XXXVI e XXXVII (Anexo 3), do Quadro LIX (Anexo 2) e do Quadro 6.7:

Sexo	Estado Civil			
		Casado/a	Solteiro/a	Divorciado/a
	Masculino	10	5	0
	Feminino	10	4	1

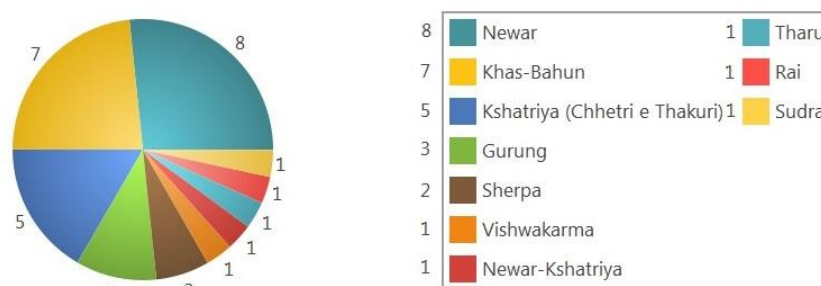
**Quadro 6.7 - Estado Civil dos Trabalhadores Nepaleses Entrevistados, Em Frequência e Em Função do Sexo (N=30)**  
Elaborado pela autora, 2018

Notamos uma maior percentagem de solteiros e divorciados entre os trabalhadores nepaleses, do que entre os empresários - nesta amostra, há também mulheres trabalhadoras solteiras e divorciadas. Pese embora o facto de alguns trabalhadores "casados" viverem separados do seu conjugue, há vários anos, ou em países muito

distantes. A separação pela emigração é uma estratégia adoptada por alguns casais, dada a melhor aceitação pelas famílias alargadas, verificada nessas circunstâncias, com um, ou ambos, os parceiros a viajarem para fora do Nepal, para pontos distintos e sem contactos futuros. Acontece também que o marido viaje para fora do Nepal e, mesmo deixando a esposa a viver com os pais dele, como é tradição que ocorra, leve uma vida independente, como se fora divorciado ou solteiro, fora do seu país.

### 6.3.2 Grupo Étnico

Em termos dos grupos étnicos dos trabalhadores entrevistados, observemos o Quadro LX (Anexo 2) e o Gráfico 6.15:

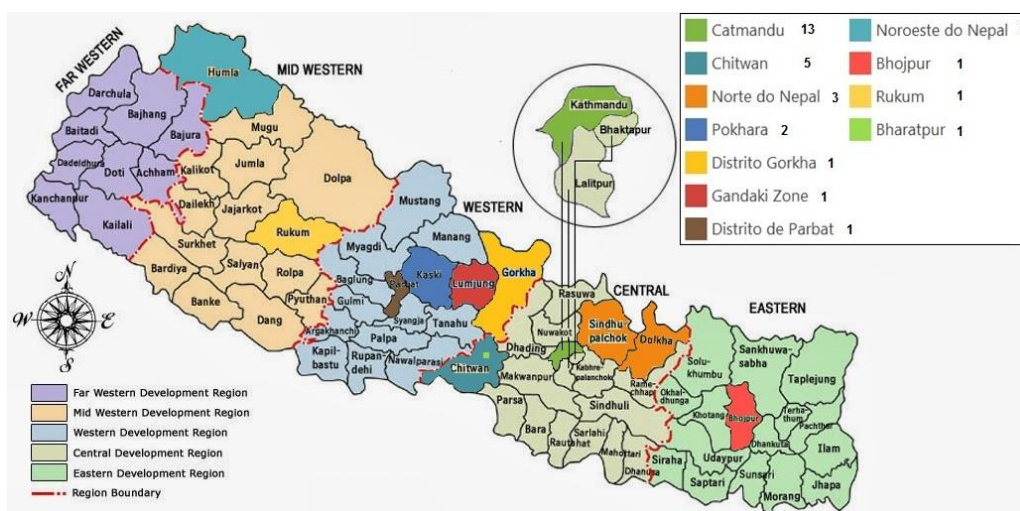


**Gráfico 6.15 - Grupo Étnico dos Trabalhadores Nepaleses Entrevistados, Em Frequência (N=36)**  
Elaborado pela autora, 2018

Existe uma predominância de trabalhadores Newars e Khas-Bahun que, juntos, representam metade (15 = 50%) do total de entrevistados. O que contrasta com os empresários, que são predominantemente Kshatriya.

### 6.3.3 Região e Cidade/Aldeia de Origem

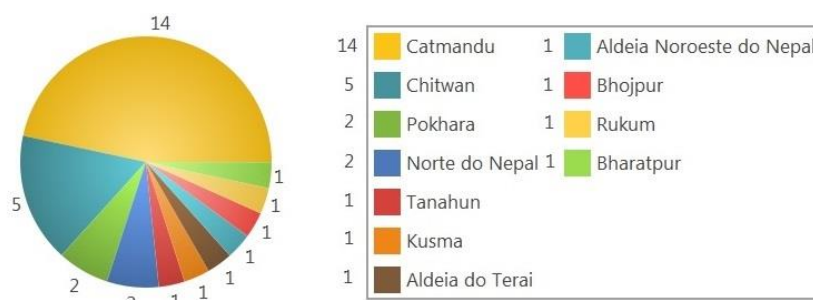
Examinaremos, neste subponto, a proveniência dos trabalhadores entrevistados, em termos de região e cidade ou aldeia de origem, no Nepal - Quadros LXI e LXII (Anexo 2).



**Figura 6.2 - Região de Origem dos Trabalhadores**

**Nepaleses Entrevistados, Em Frequência (N=30)**  
**Elaborado pela autora, 2018**

O mapa na Figura 6.2 mostra-nos que as regiões da Grande Catmandu e Chitwan estão claramente em predominância, entre os trabalhadores nepaleses, logo seguidas pelo Norte do Nepal e Pokhara. Há diferenças em relação aos empresários: muito menor dispersão territorial dos trabalhadores na origem, e concentração das suas regiões de partida na zona central do Nepal. O Gráfico 6.16 resume os dados recolhidos para a cidade ou aldeia de origem dos trabalhadores entrevistados:



**Gráfico 6.16 - Cidade/Aldeia de Origem dos Trabalhadores Nepaleses Entrevistados, Em Frequência (N=30)**  
**Elaborado pela autora, 2018**

Tal como para os empresários, Catmandu (14), Chitwan (cinco) e Pokhara (dois) são as cidades mais mencionadas pelos trabalhadores, seguidas por outras localidades (há menor diversidade nestas, do que para os empresários). Confirma-se, aqui, uma tendência para a imigração nepalesa em Lisboa (tanto de trabalhadores, como de empresários) ser proveniente da zona da grande Catmandu, ou das cidades mais turísticas do Nepal (que têm PIB mais elevado).

#### 6.3.4 Subcasta, Religião e Grupos Linguísticos

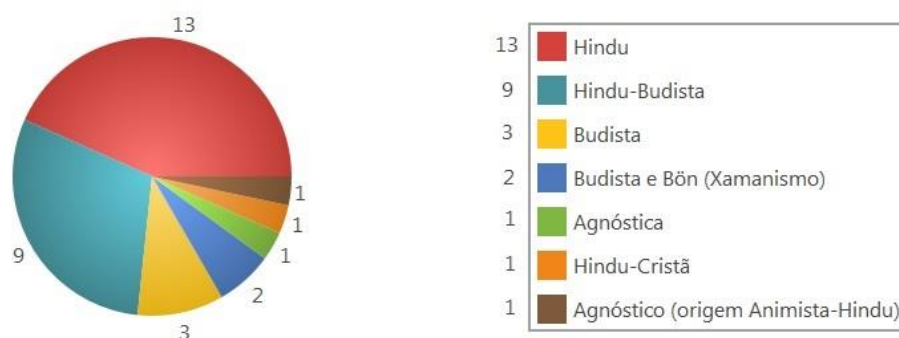
Analisemos, agora, a subcasta, religião e grupos linguísticos prevalentes, nos trabalhadores entrevistados. Relativamente à subcasta dos trabalhadores nepaleses, registemos os dados que constam do Quadro LXIII (Anexo 2) e do Gráfico 6.17:



**Gráfico 6.17 - Subcasta dos Trabalhadores Nepaleses Entrevistados, Em Frequência (N=30)**  
**Elaborado pela autora, 2018**



Há uma predominância de Shresthas (eticamente Newars, N=6), Chhetris (N=3) e Gurungs (N=3) - ao passo que, nos empresários, predominam Thakuris e Sherpas. Aquela tendência explica-se pelo maior número de imigrantes vindos da zona de Catmandu (Newars), e também pela relação das famílias pertencentes aos grupos étnicos Chhetri e Gurung com os militares Gurkhas do Reino Unido (que abrangem mais do que um grupo étnico), forçadas a viajar para a Europa do Sul em busca de legalização. Relembrando que os sistemas de castas nepaleses são maioritariamente intraétnicos, verificamos que outras subcastas, representadas na amostra de trabalhadores, pertencem ao grande grupo étnico Khas-Bahun, do qual entrevistamos sete trabalhadores. De notar que os Sherpas não têm propriamente um sistema de castas único. Quanto à religião declarada pelos trabalhadores, atentemos ao Quadro LXIV (Anexo 2) e ao Gráfico 6.18:

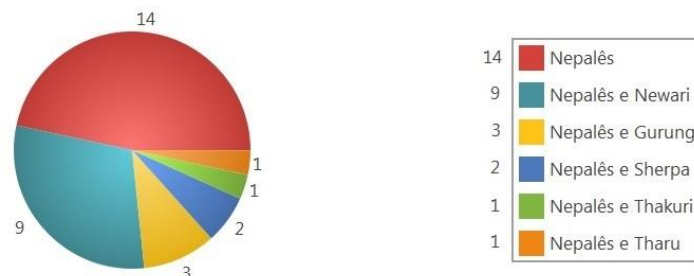


**Gráfico 6.18 - Religião dos Trabalhadores Nepaleses Entrevistados,  
Em Frequência (N=30)  
Elaborado pela autora, 2018**

Quase metade (13) dos trabalhadores entrevistados declaram-se hindus, ao passo que nove sujeitos se dizem hindus-budistas (sobretudo, os indivíduos do grupo étnico Newar) e outros cinco afirmaram ser budistas, ou budistas e bön (xamanismo). Há menos hindus e mais budistas e agnósticos, entre os trabalhadores, do que entre os empresários. Estes dados confirmam uma certa maleabilidade e intersecção de práticas religiosas, observada na diáspora nepalesa<sup>237</sup>, que acentua um hábito característico da cultura do país de origem (a mistura de práticas). Alguns dos respondentes que se declaram hindus adoptarão, também, práticas quotidianas budistas ou xamânicas. A

<sup>237</sup> Os dados, resultantes das entrevistas aos empresários nepaleses em Lisboa, confirmam uma tendência já apontada por Gellner et al. (2014) no Reino Unido, que dá conta da existência de mais práticas religiosas mistas e de diferentes variedades religiosas, nas diásporas nepalesas, relativamente ao país de origem. Gellner, Hausner e Shrestha (2014) propuseram que grupos nepaleses mais focados nas políticas identitárias, na Bélgica, resultariam num maior grau de mistura religiosa. Até certo ponto, a diversidade de grupos nepaleses focados em políticas identitárias em Lisboa (seja essa identidade associada à nacionalidade, grupo étnico ou preferência política) e os dados acerca da religião auto-declarada pelos empresários, confirmam esta proposta.

respondente hindu-cristã afirma que "em Portugal se tornou praticamente cristã", frequentando igrejas católicas e participando das cerimónias religiosas correspondentes. O Quadro LXV (Anexo 2) e o Gráfico 6.19 resumem os resultados obtidos para os grupos linguísticos dos trabalhadores:

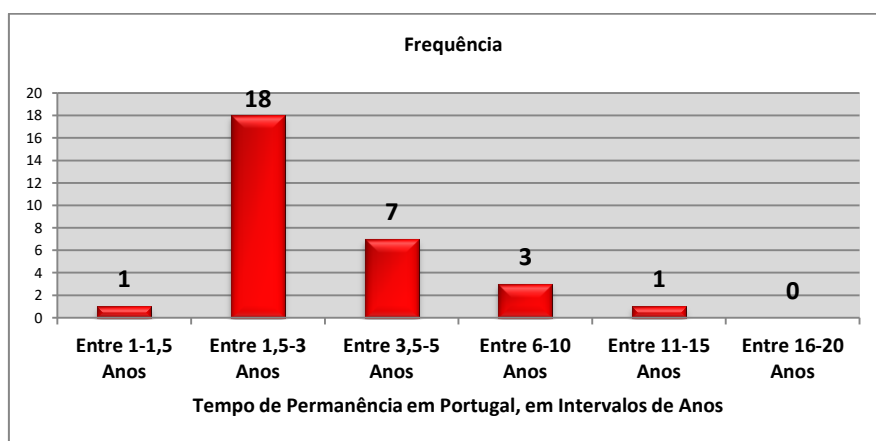


**Gráfico 6.19 - Grupo Linguístico dos Trabalhadores Nepaleses**  
Entrevistados, Em Frequência (N=30)  
Elaborado pela autora, 2018

Os dados para os grupos linguísticos, acima expostos, indicam que, pelo menos, 16 trabalhadores (53,3%) falam uma outra língua étnica, além do nepalês. Como já referido para os empresários, é provável que vários dos trabalhadores, que mencionam apenas o nepalês como sua língua-mãe (língua nacional unificadora), falem outras línguas étnicas igualmente. Há menor variedade linguística entre os trabalhadores, do que entre os empresários.

### 6.3.5 Tempo de Permanência em Portugal

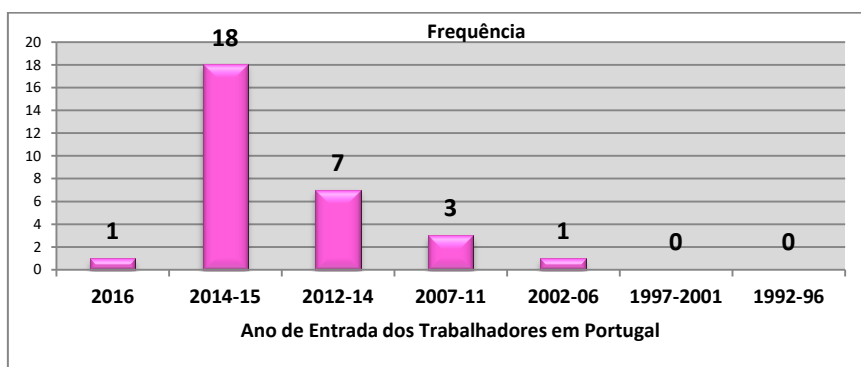
Quanto ao tempo de permanência em Portugal, dos trabalhadores entrevistados, analisemos o Quadro LXVI (Anexo 2) e o Gráfico 6.20:



**Gráfico 6.20 - Tempo de Permanência em Portugal dos Trabalhadores Nepaleses Entrevistados, Em Frequência e Por Intervalos de Anos (N=30)**  
Elaborado pela autora, 2018

Constatamos que 19 trabalhadores (63,3%) estão em Portugal há 3 anos ou menos (a imigração recente é muito significativa - mais ainda, do que no caso dos empresários), e nove há 4-6 anos. Verificamos, assim, uma discrepância em relação aos resultados obtidos para os empresários nepaleses: com mais anos de permanência, em média, em

Portugal (22 empresários moram há entre 3<sup>1/2</sup>-10 anos em Portugal; e alguns, mesmo, há 16, 18 ou 24 anos). O Gráfico 6.21 detalha anos de entrada dos trabalhadores nepaleses em Portugal:

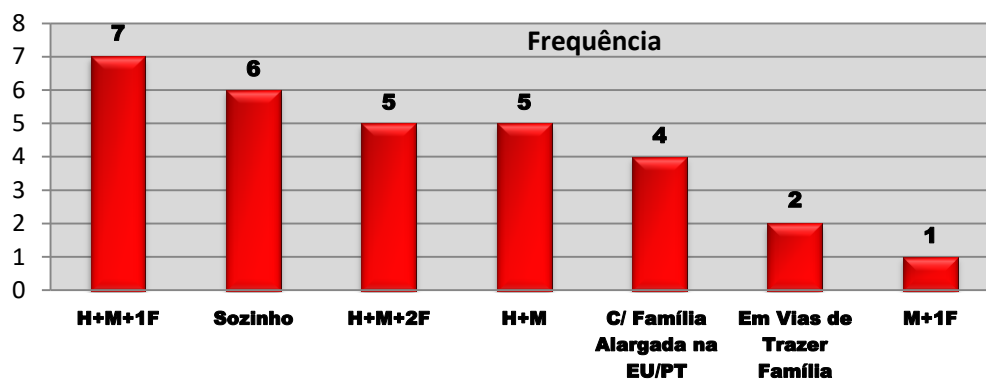


**Gráfico 6.21 - Anos de Entrada em Portugal dos Trabalhadores Nepaleses Entrevistados, Em Frequência (N=30)**  
Elaborado pela autora, 2018

Mais uma vez, confirma-se que o grosso dos trabalhadores (25) entrevistados em 2017 chegaram a Portugal entre os anos de 2012 e 2015.

#### 6.3.6 Composição do Agregado Familiar

No que diz respeito à composição dos agregados familiares dos trabalhadores, resumimos os resultados recolhidos no Quadro LXVII (Anexo 2) e no Gráfico XXXVIII (Anexo 3). Ordenando e agrupando os resultados, obtemos o Gráfico 6.22:



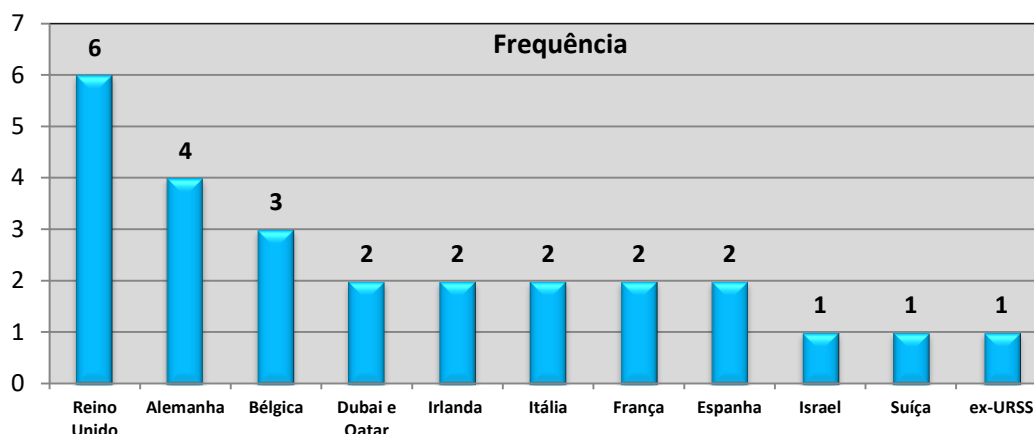
**Gráfico 6.22 - Composição Agrupada do Agregado Familiar dos Trabalhadores Nepaleses Entrevistados, Em Frequência (N=30)**  
Elaborado pela autora, 2018

Podemos constatar que 13 dos trabalhadores entrevistados fazem parte dum casal com filhos; ao passo que, cinco outros, formam um casal sem filhos, e metade dos trabalhadores sozinhos têm família alargada em Portugal/EU, ou estão em vias de trazer a sua família. No total, 18 (60%) dos trabalhadores nepaleses entrevistados estão num casal, e uma trabalhadora adicional tem uma família monoparental. No caso dos empresários, 26 formam uma família, e outros oito têm família alargada em

Portugal/EU, ou estão em vias de trazê-la. Podemos, por isso, falar em imigração em cadeia, com reunificação familiar, sustentada sobretudo nas redes familiares e étnicas.

#### 6.3.7 Viveu ou Trabalhou Noutros Países Europeus (ou Outros) Antes de Portugal

O Quadro LXVIII (Anexo 2) e o Gráfico XXXIX (Anexo 3) resumem os resultados obtidos, quando procuramos saber se os trabalhadores entrevistados viveram ou trabalharam noutro país europeu, ou do Médio Oriente, antes da sua chegada a Portugal. No Gráfico 6.23 agrupamos estes resultados, por país:



**Gráfico 6.23 - Trabalhadores Nepaleses Que Viveram ou Trabalharam Noutros Países Europeus / Do Médio Oriente Antes de Chegar a Portugal (26), Em Frequência (N = 30)**  
Elaborado pela autora, 2018

Observamos que oito trabalhadores nepaleses não viveram nem trabalharam noutro país europeu anteriormente, enquanto 22 entrevistados (73,3%) já viveram ou trabalharam noutro país europeu, antes de Portugal, e oito não (26 estiveram noutro país, se contabilizarmos também Médio Oriente e Ex-URSS). Os países mencionados incluem o Reino Unido, Alemanha, Bélgica, Itália, França, Espanha, Dubai e Qatar, Israel, Suíça e ex-União Soviética. Há mais trabalhadores, do que empresários, que passaram pelo Médio Oriente (e mais empresários, do que trabalhadores, viveram no Reino Unido). Segundo os próprios, a sua vinda para Portugal encontra-se, muitas vezes, relacionada com questões de legalização na Europa, crescentemente dificultada no norte do continente. Regista-se, portanto, um forte transnacionalismo, e verificam-se percursos migratórios complexos, nesta migração - no caso, articulando redes étnicas e familiares presentes em diferentes países europeus.

#### 6.3.8 Formação, Heterogeneidade, Trajectórias Profissionais e Trabalho Contínuo ou Sazonal

O Quadro LXXII (Anexo 2) mostra-nos, com detalhe, a grande diversidade de formações declaradas pelos trabalhadores, mas o Gráfico XLIII (Anexo 3) arruma a

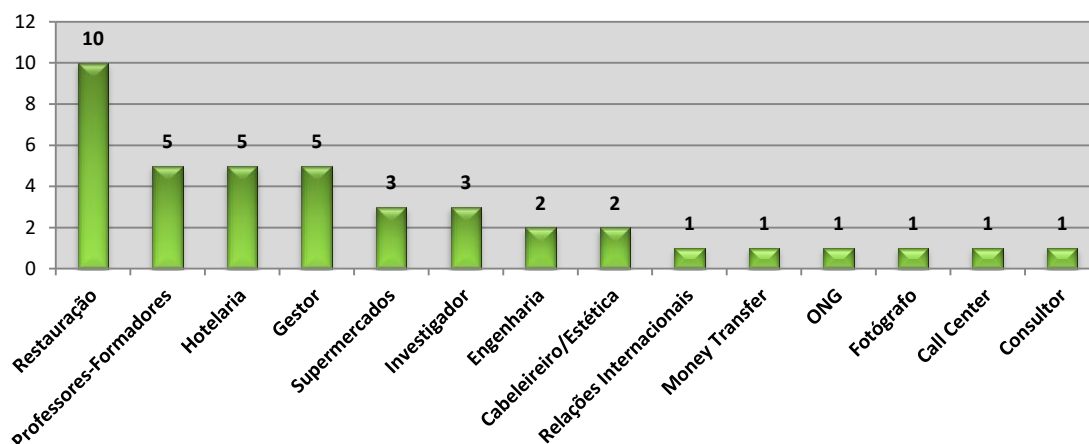
escolaridade dos trabalhadores com uma maior precisão. Resumidamente, verificamos uma predominância de cursos nas profissões técnicas (cinco trabalhadores), licenciaturas e mestrados (19), além de arrolarmos diversos indivíduos com o ensino secundário completo (três), ou incompleto (dois). Dez dos trabalhadores entrevistados (33,3%) têm formação ao nível do mestrado; existe, ainda, um entrevistado que, além de trabalhador, é estudante de doutoramento; e um outro entrevistado que, além de trabalhador e investigador/consultor, é estudante de pós-doutoramento.

Em termos de representatividade da escolaridade, para a população geral de trabalhadores nepaleses em Portugal, estes dados estarão enviesados, pela excessiva formação superior ou técnica dos trabalhadores entrevistados (com recurso ao método bola-de-neve)<sup>238</sup>. Apesar disto, os resultados confirmam tendências, como as verificadas entre os novos imigrantes bangladeshianos em Lisboa, no sentido de terem muito maiores níveis de educação do que os seus predecessores, ou de serem jovens formados que "querem conhecer o mundo", e que encaram a imigração como uma aventura (Liechty, 2003; Zharkevich, 2009), uma afirmação de coragem, estatuto e cosmopolitismo (Mapril, 2017). Os dados confirmam a imigração de classe média-alta nepalesa para a Europa, e os maiores níveis educativos dos imigrantes da zona de Catmandu, de grupo étnico Newar, que predominam entre os trabalhadores nossos entrevistados. Note-se ainda que, em diversos casos, a profissão desempenhada por estes imigrantes não se coaduna com o seu nível de formação ou especialização prévio, havendo, claramente, um desaproveitamento das suas competências, no país de destino.

O Quadro LXXI (Anexo 2) e o Gráfico XLII (Anexo 3) detalham as trajectórias profissionais dos trabalhadores: para 19 deles, este (actual) é o seu primeiro emprego em Portugal. O que se revela um pouco surpreendente, dada a natureza precária provável (por conseguinte, menor durabilidade e estabilidade) dos primeiros trabalhos no contexto de recepção. Mas, por outro lado, isso não é tão pouco óbvio: se relembrarmos que 63% dos trabalhadores entrevistados estão há 3 anos ou menos em Portugal, e que muitos deles acumulam diversas tarefas, em áreas profissionais distintas - sem, no entanto, prescindirem do primeiro trabalho no destino.

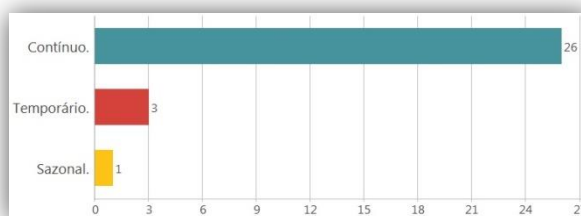
Quanto às áreas de actuação auto-declaradas pelos trabalhadores, os Quadros LXIX e LXX (Anexo 2) e os Gráficos XL e XLI (Anexo 3) fazem um apanhado descritivo dos resultados obtidos. O Gráfico 6.24 apresenta as áreas de actuação dos entrevistados:

<sup>238</sup> A representatividade das amostras de empresários e trabalhadores nepaleses é analisada com detalhe, no Capítulo 4 - Metodologia.



**Gráfico 6.24 - Áreas de Actuação Auto-Declaradas Pelos Trabalhadores Nepaleses Entrevistados, Em Frequência (N=30)**  
Elaborado pela autora, 2018

Havendo pluriactividade e acumulação de diferentes ocupações profissionais, verificamos 35 registos dedicados ao sector terciário (comércio e turismo, serviços, educação e gestão); porém, seis trabalhadores estão também no sector quaternário (consultoria, desenvolvimento, relações internacionais, investigação). Esta polivalência sublinha as dificuldades de sobrevivência dos trabalhadores nepaleses à chegada a Portugal; contudo, valoriza a sua maleabilidade e versatilidade (eles tendem a explorar competências distintas, em simultâneo). Observamos uma concentração dos trabalhadores nepaleses nas áreas da restauração (dez), educação (cinco), gestão (cinco) e hotelaria (cinco). Tal como verificado nos empresários, registamos grande diversidade, nas áreas de actuação dos trabalhadores (heterogeneidade e trajectórias profissionais diversificadas), mas não entrevistamos trabalhadores agrícolas em Lisboa<sup>239</sup>. A finalizar esta descrição geral, atentemos aos dados obtidos, sobre a natureza sazonal ou contínua do trabalho dos entrevistados, que se encontram resumidos no Gráfico 6.25:



**Gráfico 6.25 - Trabalho Contínuo ou Sazonal dos Trabalhadores Nepaleses Entrevistados, Em Frequência (N=30)**  
Elaborado pela autora, 2018

<sup>239</sup> O grosso da imigração nepalesa em Portugal trabalha na agricultura (Consulado do Nepal, 2017; NRNA, 2017).

Entre os trabalhadores, 26 declaram ter uma ocupação contínua ou não-sazonal, três afirmam ter trabalho temporário, e um declara possuir trabalho sazonal. Estes resultados explicam-se pelo facto de não considerarmos, nestas 30 entrevistas, nenhum trabalhador nepalês do sector agrícola (os quais só esporadicamente vêm a Lisboa, ou residem na capital) - que são, por definição, trabalhadores sujeitos à sazonalidade.

## **6.4 O Contexto no Destino**

### **6.4.1 Contexto Legal e Institucional e Oportunidades Estruturais**

O contexto legal e institucional, no destino, pode colocar entraves importantes à iniciativa empresarial imigrante e ao uso eficiente dos recursos, por parte de empresários imigrantes - sendo esta afirmação verdadeira, mesmo naqueles grupos imigrantes onde prevalecem a precariedade laboral e grandes contingentes de assalariados no mercado de trabalho, como é o caso dos ucranianos residentes em Portugal (Oliveira e Pires, 2010; Reis Oliveira, 2017). A teoria interactiva do empresarialismo imigrante, que prevaleceu na Europa, ponderou mais assiduamente a estrutura de oportunidades presente no destino (além da oferta e da procura). Viemos a atribuir um papel preponderante ao Estado, às estruturas institucionais e aos determinantes locais, através do modelo da contextualização mista proposto por Kloosterman e Rath (2000, 2001), que integrou contributos de Granovetter (1985) a respeito dos recursos derivados das redes sociais - embora tenha desconsiderado a influência dos empresários imigrantes no desenvolvimento do tecido urbano, e o seu próprio papel na alteração dos contextos jurídico-legais de destino. Ou seja, viemos a atribuir maior relevância ao contexto jurídico-legislativo e económico, sobre os recursos étnicos. Apesar disso, Aldrich e Waldinger (1990) contam-se entre os autores que enfatizaram aquela que era, no seu entender, a marcada semelhança de estratégias adoptadas por grupos étnicos distintos, verificada em diferentes sociedades capitalistas, ao redor do globo. Light (2004) esclareceria que as redes sociais utilizadas por empresários nativos e imigrantes não eram as mesmas, nem do mesmo tipo. Simultaneamente, autores como Vinogradov e Jørgensen (2017) têm enfatizado as diferenças existentes, nomeadamente na identificação de oportunidades internacionais, entre empreendedores nativos, ou autóctones, e empreendedores imigrantes. M. Sundararajan e B. Sundararajan (2015) operacionalizaram, até, o conceito de capital imigrante, tido como um factor-chave para diferenciar empreendedores nativos e imigrantes. Outros autores ainda, adoptaram uma perspectiva crítica, relativamente ao sobre-optimismo que, consideravam, durante demasiado tempo vigorou, nos estudos a



respeito do empresarialismo imigrante, e na agenda que subjaz a algumas dessas pesquisas (Jones et al., 2017).

O contexto legal-institucional e as oportunidades estruturais em Portugal poderão ser resumidos da seguinte forma: somente a partir do ano de 2007 o enquadramento jurídico-legal português permitiu algum incentivo ao empresarialismo imigrante; incentivo, esse, que foi revigorado em 2012. Reis Oliveira (2016: 193) notou um aumento exponencial da taxa de empreendedorismo de imigrantes asiáticos em Portugal a partir do ano de 2001, tendo documentado, detalhadamente, diversos momentos-chave, em termos de alterações legislativas portuguesas fundamentais, durante os últimos 35 anos - que vieram, progressivamente, flexibilizar as iniciativas empresariais imigrantes em território nacional. Exemplos, disso mesmo, foram as mudanças na Lei da Imigração e na Lei do Trabalho datadas de 1998, ou as novas alterações na regulamentação da entrada, saída e afastamento de estrangeiros do território nacional implementadas em 2007, bem como a diversificação do tipo de vistos atribuídos - já que o processo de legalização e a legislação aplicável condicionam os modos de inserção imigrante no mercado de trabalho do seu país de acolhimento. No entanto, poderemos afirmar que o ordenamento jurídico português levanta, ainda hoje, uma série de constrangimentos legais às iniciativas do empresarialismo imigrante (Reis Oliveira, 2004, 2005) - quer ao nível das políticas para a imigração e a integração, quer ao nível das políticas económicas para a constituição de empresas e concessão de empréstimos pelo sistema bancário português. Isto constitui um contraste com aquilo que sucede noutros países europeus, como a Holanda (Rath, 2002) ou o Reino Unido (Ram e Jones, 2008; Smallbone et al., 2003, 2009).

#### 6.4.2 Mercado de Trabalho, Recepção Social e Adaptação no Destino

Em termos do mercado de trabalho, e seguindo ainda Reis Oliveira (2004, 2005), deveremos ponderar, para qualquer imigração, e especificamente para os imigrantes nepaleses em Lisboa, factores tais como: a economia formal e informal, a procura (consumidores, novas relações económicas, diversificação de gostos, exportação) e a oferta (fornecedores e concorrentes, importação), oportunidades económicas encontradas e geradas (criação de emprego, ligações à origem e a outros países europeus, parcerias de negócio e sociedades, fluxos financeiros e investimentos, oportunidades comerciais e remessas individuais) e desvantagens económicas (níveis de emprego e desemprego, remunerações, condições de trabalho e contratuais, discriminações no acesso ao mercado de trabalho, sub ou sobrequalificação).

#### 6.4.2.1 Mercado de Trabalho Formal

A grande maioria dos trabalhadores, por nós entrevistados em Lisboa, dizem ter um trabalho contínuo e não-sazonal. Uma fatia deles (70%) tem também contrato de trabalho. O acesso ao mercado formal não está garantido, em muitas circunstâncias, sobretudo quando os imigrantes não falam português e não dominam a língua inglesa - como continua a ser o caso de muitas mulheres imigrantes nepalesas. Inclusivamente, a OMS - Organização Mundial de Saúde concluiu, no seu plano estratégico de cooperação 2013-2017, que as mulheres nepalesas emigrantes se encontram particularmente vulneráveis à exploração laboral e a doenças ocupacionais (ambas frequentemente associadas ao mercado de trabalho informal). No Reino Unido, em 2008, 23% da população nepalesa em idade activa era estudante a tempo inteiro e 3,7% estava desempregada (CNSUK, 2008), além de que as mulheres nepalesas tinham uma taxa de desemprego seis vezes superior à dos homens (Adhikari, 2012).

#### 6.4.2.2 Mercado de Trabalho Informal

A participação dos imigrantes nepaleses no mercado de trabalho informal em Portugal é significativa: quer no sector terciário, em Lisboa (restauração, hotelaria, comércio), quer no sector primário ou explorações agrícolas do Sul de Portugal (Alentejo e Algarve), Ribatejo, região Oeste, Beira Interior e Grande Porto/Vale do Douro, quer ainda, mais recentemente, no sector secundário, nas indústrias aviárias (exº: Figueira da Foz, Sintra). Uma prova disso mesmo são, além dos relatos directos feitos pelos nossos contactos, informadores e entrevistados, os casos que chegaram a tribunal nos últimos anos, envolvendo fenómenos de tráfico humano, auxílio à imigração ilegal e exploração laboral de centenas de imigrantes nepaleses, por parte de empresas de recrutamento agrícola intermediárias (de grande ou pequena dimensão<sup>240</sup>) e donos de explorações, no Ribatejo (2016-2017), em Lisboa, no Alentejo e Algarve (2014-2016)<sup>241</sup>. No Reino Unido, sabe-se que 80% da imigração nepalesa empregada trabalha nos sectores secundário e terciário, mas os níveis de trabalho informal, embora se induzam expressivos, não estão quantificados com grande precisão (Adhikari, 2012).

#### 6.4.2.3 Recepção Social e Adaptação no Destino

Ao nível da recepção social, cabe-nos analisar quer a relação da população portuguesa autóctone com a imigração nepalesa (percepções, estereótipos, preconceitos, práticas discriminatórias ou racismo quotidiano), quer a opinião pública expressa,

<sup>240</sup> Empresas de trabalho temporário ou de prestação de serviços.

<sup>241</sup> Operações Catmandu 1 e Catmandu 2 (Polícia Judiciária), e Operação Pokhara (SEF).

acerca da imigração nepalesa, nas imagens e notícias veiculadas pelos média portugueses (regionais, nacionais e *online*). Os média nacionais têm dado um destaque esporádico à imigração nepalesa para Portugal<sup>242</sup>: tanto louvando o exemplo de alguns "empresários-modelo" nepaleses (em termos da sua "integração no destino"), quanto desvelando a realidade da exploração e tráfico laboral de trabalhadores nepaleses, associada aos campos agrícolas portugueses; quanto, ainda, divulgando mensagens de "solidariedade" e imagens que perpetuam o *cliché* de um certo "exotismo" na origem (exº: após o terremoto nepalês de 2015). Já as percepções dos portugueses, e dos lisboetas em particular, em relação à imigração nepalesa, permanecem por estudar. Existem, porém, pesquisas sobre as percepções dos portugueses, a respeito de outras imigrações: quer escrutinando imagens recíprocas dos imigrantes e da população portuguesa em duas sondagens, com destaque para atitudes, estereótipos, preconceitos e discriminação, expressos por estes últimos (Lages et al., 2006)<sup>243</sup>; quer examinando as relações positivas, verificadas nos portugueses, entre percepções de indispensabilidade de determinado grupo imigrante, menor distância social, maior participação em acções colectivas que beneficiam os imigrantes, e adopção de representações identitárias mais inclusivas, dependendo de diferenças nas relações históricas com a sociedade de acolhimento (Antónios et al., 2017).

Nas nossas entrevistas com os trabalhadores nepaleses (N = 30), os tópicos da adaptação no destino são abordados questionando, em primeiro lugar, a respeito das maiores dificuldades que enfrentaram quando chegaram a Portugal: a língua é apontada como a maior dificuldade encarada, sem margem para dúvidas, seguida pela procura de emprego e pelos aspectos burocráticos e culturais - Quadro LXXXVIII (Anexo 2):

«Sem dúvida, a língua... Mas chegámos à Nazaré e, lá, todos são amigáveis, convidavam-nos para jantares e festas... Outra coisa: em Lisboa, detesto viver numa área onde se vêem tantos nepaleses... queria viver em bairros só de portugueses, embora eles não se misturem muito. Mas, em Lisboa, é mais impessoal.» (**entrevista do nº 2**); ou ainda: «Aprender a língua... porém, eu tinha a vantagem de já saber inglês fluentemente. Depois, saber como as coisas [serviços públicos, burocracia] funcionam. Para os meus filhos, foi mais difícil na escola.» (**entrevista do nº 15**).

<sup>242</sup> Cf. Referências Bibliográficas/Mídia *Online* - vide a recolha de notícias realizada, nos média portugueses, sobre a imigração nepalesa em Portugal. Note-se que mídia como os jornais de expatriados ingleses no Algarve (caso do *Portugal Resident*), a própria *Deutsche Welle* ou os média online nepaleses têm dado mais destaque à exploração laboral de trabalhadores nepaleses em Portugal, do que os média nacionais.

<sup>243</sup> Contudo, o estudo de Lages et al. (2006) analisa imagens, preconceitos e estereótipos dos portugueses somente em relação a três grandes grupos imigrantes: brasileiros, africanos e europeus de leste. Pelo que necessitaríamos de uma actualização, que considerasse imigrantes sul-asiáticos e nepaleses igualmente.

No Reino Unido, em 2008, a língua era apontada como barreira directa à adaptação da imigração nepalesa por somente 13% dos entrevistados, tal como o emprego - tendo sido a educação (30%)<sup>244</sup>, a segurança (21%)<sup>245</sup> e a saúde (19%)<sup>246</sup> as principais dificuldades, indicadas pelos imigrantes (CNSUK, 2008). Apesar disso, Laksamba et al. (2012) e Dahal (2012) identificaram a falta de fluência em inglês como uma grande barreira à integração da imigração nepalesa no Reino Unido. Procuramos saber que tipo de obstáculos lhes foram/são colocados pela língua, e como os trabalhadores nepaleses em Lisboa os ultrapassam. Respondem que a língua é fundamental no dia-a-dia, na procura de trabalho, nas repartições públicas, e também que muitos portugueses se recusam a falar inglês com eles. Procuram trabalhar com turistas, em função disso, ou aprender português com os clientes, estudam a língua *online*, com livros, ou com professores nepaleses - Quadro LXXXIX (Anexo 2):

«Para procurar trabalho e pedir informações, a língua é uma barreira. Às vezes, recusam falar inglês connosco - aí, temos dificuldades. Mesmo no supermercado, temos de falar português... a fazer compras... na segurança social.» (**entrevista do nº 3**); ou ainda: «A língua nunca é suficiente... saber inglês não chega. Ficava na loja e falava por gestos com os clientes, ou sentava-me a observar e a aprender.» (**entrevista do nº 17**)

No Reino Unido, a imigração nepalesa diz aprender sobre os sistemas burocráticos britânicos, o funcionamento dos serviços e os seus direitos e obrigações, principalmente, através das suas próprias redes informais conacionais (K. Adhikari, 2012). Sobre as formas de aconselhamento, informações e materiais de que sentem mais falta, os trabalhadores nepaleses em Lisboa apontam: informações sobre finanças, impostos e segurança social, reconhecimento de competências ou diplomas e equivalências, saúde, emprego e ofertas de trabalho, educação, aulas de português, alojamento e matrículas escolares dos filhos, ou amas necessárias para eles - Quadro XC (Anexo 2):

«O governo português devia ter aulas da língua portuguesa acessíveis a toda a gente. Deviam cuidar disso porque, assim, qualquer pessoa pode aproveitar-se de nós e tirar partido disso, enganar-nos. Deviam também ter folhetos com informações sobre assuntos de saúde, e o tipo de burocracias que é preciso tratar na Junta de Freguesia. Tive um problema no trabalho, uma alergia ao níquel que fez edemas na minha

<sup>244</sup> Relacionada com um vasto leque de problemas: encontrar escolas para os filhos e dificuldades na progressão escolar destes, nível de qualificações obtidas, competências e treinamento para emprego, mas também melhoria da sua proficiência na língua inglesa (K. Adhikari, 2012).

<sup>245</sup> Medo de ser vítima de crime violento, de ataques xenófobos, ou de confrontos entre gangues rivais, constituídos por jovens nepaleses e não-nepaleses (Casey, 2010; K. Adhikari, 2012).

<sup>246</sup> Há diversos casos reportados, de jovens nepaleses no Reino Unido, em maior risco de abuso de substâncias - tendo alguns autores indicado, inclusive, um maior risco para filhos de Gurkhas oriundos do Leste do Nepal (Subba, 2007; Casey, 2010).

cara... para ir ao centro de saúde e ao hospital [aqui], precisei de uma tradutora» (**entrevista do nº 8**); ou ainda: «Informações sobre reconhecimento de qualificações, impostos e trabalho. Os meus alunos queixam-se disso... e sobre a segurança social, ou autorização de residência.» (**entrevista do nº 15**)

No Reino Unido, só 26% da imigração nepalesa se sente não-discriminada no acesso ao mercado de trabalho (P. Adhikari, 2012)<sup>247</sup>. Em Lisboa, questionados a respeito de como decorreu o seu processo de legalização no país e a procura de trabalho, ou adesão a oportunidades de estudo, os trabalhadores nepaleses indicam problemas e dificuldades a diversos níveis: na procura de trabalho, na obtenção de contratos e números de segurança social, nos salários baixos e horários excessivos, na conciliação do trabalho com prossecução de estudos em língua inglesa, na aprendizagem da língua portuguesa e falta de aulas disponíveis, bem como nos (cada vez mais longos e incertos) meses de espera, para poderem obter uma autorização de residência, enquanto pagam impostos - Quadro XC (Anexo 2):

«(...) tentei várias entrevistas, e nada... ou os patrões não [me] davam número de segurança social. As aulas de português correram bem, mas eu queria saber a língua mais aprofundadamente. E não consegui um sítio para [me dedicar a] isso.» (**entrevista do nº 5**); ou ainda: «Foi muito tortuoso... passei fome... não encontrava trabalho de forma nenhuma e não conhecia ninguém.» (**entrevista do nº 11**)

Quem lhes indica os procedimentos burocráticos a seguir, para conseguirem autorização de residência no país, são outros nepaleses (conacionais), familiares e amigos, o CNAI e o SEF ou, nalguns casos, patrões e o Consulado Nepalês - Quadro XCI (Anexo 2):

«Não paguei a nenhum advogado, como alguns nepaleses que são burlados aqui, nos Anjos... foi com o SEF e a NRNA que me informei. E com conhecidos [que tinha] cá.» (**entrevista do nº 24**)

A respeito da sua intervenção activa na sociedade de acolhimento e dos aspectos positivos e negativos que vêm nela, os trabalhadores nepaleses não manifestam grande possibilidade, tempo ou interesse, para intervir no contexto de destino - excepto os líderes associativos e comunitários, muito motivados para intervir - Quadro XCIV (Anexo 2):

«Queremos legalização mais fácil e mais direitos para os imigrantes aqui, em especial nepaleses. Queremos dar-lhes formação profissional e aulas de português, para que possam trabalhar, é o mais importante. E ajudá-los na legalização. Tudo aquilo que pudermos fazer, fazemos.» (**entrevista do nº 4**)

Quanto aos aspectos positivos e negativos que vêm na sociedade portuguesa, os trabalhadores apontam, como aspectos negativos, principalmente os baixos salários, a

<sup>247</sup> Embora a imigração nepalesa em idade activa, no Reino Unido, preferencialmente trabalhe, mesmo em trabalhos braçais muito abaixo do seu nível de qualificação, e isto se verifique transversalmente, através dos dois sexos - em detrimento do recurso a benefícios sociais, sendo este recurso muito mais comum nas imigrações bangladeshiana ou paquistanesa do Reino Unido (Adhikari, 2012).

falta de emprego, as dificuldades levantadas pela língua, a adaptação à cultura portuguesa e a burocracia. Porém, salientam aspectos positivos, como o facto de muitos portugueses serem afáveis e curiosos, o bom clima, o crescimento do turismo ou a possibilidade de legalização no país, pelo menos passado algum tempo - Quadro XCV (Anexo 2):

«Positivos - os portugueses são hospitaleiros e gentis (dizem "desculpe" e "obrigado" o tempo todo), eu gosto disso... a legalização, aqui, é desorganizada - mas mais provável; Negativos - encontrar trabalho é muito, muito difícil... a língua e a cultura também... a adaptação. Os portugueses são reservados e nostálgicos... "não se preocupam com nada" e deviam ser mais abertos ao mundo, a outras pessoas/culturas... só se preocupam consigo próprios. Há falta de organização... o tempo que demora a obter uma autorização de residência é totalmente arbitrário.» (entrevista do n° 26)

Inquiridos sobre se têm amigos portugueses ou outros, e se convidam amigos de outras nacionalidades ou culturas para celebrar eventos, ocasiões festivas, ou para outras actividades, os trabalhadores nepaleses dizem, com poucas excepções, que sim: têm amigos portugueses, embora convidem mais do que são convidados, para casa dos portugueses - Quadro XCV e Quadro XCVI (Anexo 2):

«Sim, ex-colegas de trabalho, [colegas] actuais, patrões... e outros. Convidam-nos para jantar, ou para sair. Gosto muito da língua... eu já tinha estudado espanhol no Nepal. São como uma família. A nossa senhoria também nos convida, até para irmos de férias com ela! As pessoas dizem-me sempre "ah, o teu país é tão bonito!"... mas nunca estiveram no Nepal e, por isso, têm curiosidade, fazem muitas perguntas.» (entrevista do n° 24)

Miradouro Branco (2012) analisou a língua portuguesa e os média, nas vivências de imigrantes nepaleses em Portugal, tendo registado um uso de média *mainstream*, com vista à integração no país de acolhimento, e de média étnicos e transnacionais, para ligação ao país de origem. Esta autora diferenciou os papéis desempenhados pelos média, junto da imigração nepalesa em Portugal: a) na "formação de uma nova identidade"; b) no "ajustamento a um novo local"; c) e na "manutenção de ligações a um passado familiar e cultural" (Miradouro Branco, 2012: 20). Os resultados, por nós obtidos, numa anterior pesquisa relacionada com questões de género (detalhada no ponto 6.4)<sup>248</sup>, relativamente à integração de mulheres nepalesas em Lisboa, confirmaram um uso de média gerais para a integração em Portugal (integração cultural/integração linguística e integração interactiva), e um uso de média étnicos e transnacionais para ligações ao Nepal, mas também para conexão com outras imigrações nepalesas, presentes na Europa. Assim, parece-nos que os média étnicos

<sup>248</sup> Apresentada no âmbito da conferência internacional *Gender and Migration* - IMISCOE, IGOT, Universidade de Lisboa (Pereira, 2016a).



nepaleses desempenham um triplo papel simultâneo, para a imigração nepalesa em Lisboa: auxiliam na construção individual de uma nova identidade, na Europa (integração identificacional), enquanto encorajam a formação de uma identidade colectiva da diáspora nepalesa-europeia (integração cultural), e conectam os migrantes ao seu passado cultural, ou às suas raízes no Nepal (integração interactiva).

No Reino Unido, onde os média *mainstream* e os média étnicos servem os mesmos propósitos<sup>249</sup>, a estratégia de integração seguida pela imigração nepalesa centra-se na "entrada e permanência no mercado de trabalho", e na "procura de redes de suporte" (K. Adhikari, 2012: 162). Das informações obtidas por meio das nossas entrevistas, decorre que o processo de integração dos imigrantes nepaleses em Portugal parece mais fácil, em Lisboa e em Albufeira/Algarve (onde existem já imigrações nepalesas estabelecidas), do que noutras regiões do país, devido às estruturas de suporte que a imigração nepalesa providencia para os seus membros recém-chegados, nessas cidades. Porém, sob o nosso ponto de vista, a integração destes imigrantes é incompleta, mesmo em Lisboa. As autoridades e os funcionários públicos portugueses exigem-lhes proficiência na língua portuguesa, para que eles tenham acesso a empregos e serviços (o que se encontra mais próximo da assimilação do que da integração), quando muitas informações e serviços úteis poderiam ser prestados em inglês - isto significa que não dominar a língua portuguesa equivale a uma certa separação, ou mesmo à marginalização social destes imigrantes<sup>250</sup>. Um primeiro obstáculo importante, à integração estrutural, tem que ver com os tempos burocráticos arbitrários, para conseguir as autorizações de residência em Portugal, apesar de muitos imigrantes nepaleses terem pago entre 6 mil a 9 mil euros, pelos seus vistos para a Europa<sup>251</sup>.

<sup>249</sup> K. Adhikari (2012) registava diversos jornais semanais, canais de tv, rádios, revistas e portais *online*, que serviam, especificamente, a imigração nepalesa no Reino Unido.

<sup>250</sup> Não há cursos/vagas suficientes, nem a um preço e com horários acessíveis, de português para estrangeiros, ministrados pelas instituições portuguesas. Os imigrantes não têm informação suficiente acerca daqueles cursos que existem, e também não há apoios estatais portugueses aos professores nepaleses, que dão aulas de português à imigração nepalesa e a outros sul-asiáticos e cidadãos estrangeiros em Lisboa (muitas aulas de língua portuguesa promovidas por certas instituições, como escolas secundárias portuguesas, são também ministradas em português - tornando-se, assim, difícil acompanhá-las, para aqueles imigrantes nepaleses que dominam, no máximo, o inglês).

<sup>251</sup> Segundo os dados por nós recolhidos, alguns funcionários e intermediários da embaixada portuguesa em Nova Deli cobram quantias excessivas e ilegais pelos vistos. Já em Portugal, as autorizações de residência tanto podem ser atribuídas em apenas quatro a seis meses, como muitíssimos meses após a chegada, até três anos ou mais. Não há regras suficientemente explícitas, claramente comunicadas pelas autoridades portuguesas, quanto a isto (uma situação que parece surpreender os funcionários do Consulado Nepalês em Lisboa). Sabemos, adicionalmente, que muitos trabalhadores nepaleses, nas quintas agrícolas do Sul de Portugal, não conseguem, pela sua distância relativamente a centros urbanos e entrada ilegal no país, obter as autorizações de residência que lhes são prometidas, aquando da celebração



Muitas mulheres nepalesas em Portugal não compreendem, sequer, a língua inglesa: por essa razão, encontram-se, frequentemente, numa posição extremamente frágil (ou bastante dependente de terceiros). São as estruturas da própria imigração nepalesa e as redes de amigos, familiares, negócios e conhecimentos que levam a cabo a integração, na maior parte das vezes<sup>252</sup>. Outro grande problema, relacionado com os processos de integração estrutural, é o não-reconhecimento da formação, ou de qualificações educacionais obtidas no Nepal ou em países terceiros, em Portugal - acordos bilaterais seriam necessários, entre o Governo do Nepal e os Ministérios da Educação e da Ciência e Ensino Superior, em Portugal<sup>253</sup>, para isso poder ocorrer. Especificamente em relação à integração das mulheres imigrantes nepalesas em Lisboa (Pereira, 2016a), encontrámos antes, como principais obstáculos, os seguintes: a língua e a cultura, os conflitos nos relacionamentos e problemas no casamento decorrentes da migração, a imprevisibilidade e a burocracia envolvidas nos processos de legalização em Portugal, o não-reconhecimento de qualificações obtidas no Nepal, a solidão e "saudades de casa", a ausência de serviços de aconselhamento de maior alcance e a falta de assistentes sociais especializados, ou de profissionais de saúde formados para receber e informar nepaleses (ou outros imigrantes sul-asiáticos), em Lisboa. Além da ausência, mais concreta, de materiais informativos em inglês, nomeadamente aqueles sobre: questões de segurança social e assistência social, aulas de língua portuguesa, serviços de saúde, impostos e ofertas de trabalho, informações sobre alojamento e transportes, contratos de trabalho, ou aconselhamento legal sobre os procedimentos necessários para conseguir a autorização de residência<sup>254</sup> no nosso país.

---

dos seus contratos de trabalho (e encontrar trabalho sem documentação legal torna-se uma tarefa muito difícil - deixando-os, desse modo, ainda mais vulneráveis a redes de exploração laboral adicionais).

<sup>252</sup> Apesar de se poderem recolher alguns benefícios, em termos de ajuda mútua e negócio, quando se forma um enclave étnico onde os contratados são sobretudo coétnicos, há também a formação de fronteiras mais ou menos rígidas, não permitindo que os seus membros interajam o suficiente, com a sociedade portuguesa mais alargada - ex<sup>o</sup>: que possam ter amigos de outras origens, socializar com não-nepaleses, trabalhar para negócios e empresas não-nepalesas, seguir costumes ocidentais, ou casar com um/a português/a ou europeu/eia.

<sup>253</sup> Acordos directos, e mais específicos, com diferentes faculdades, universidades e fundações, relativos ao reconhecimento de qualificações e a programas de intercâmbio internacionais, são reclamados pela imigração nepalesa em Lisboa e pelo Consulado Nepalês em Portugal, que vêem premência nessas matérias.

<sup>254</sup> Contudo "onde há uma necessidade, aguça-se o engenho": a imigração nepalesa em Lisboa criou, por exemplo, um ou dois escritórios próprios, para fornecer aconselhamento legal e consultoria a cidadãos nepaleses, nos seus processos de legalização (de modo a rodear os múltiplos problemas reportados). Além disso, as redes comunitárias podem providenciar alojamento temporário barato. Mas não parecem existir respostas oficiais suficientes a estas necessidades, pelas autoridades portuguesas.

#### 6.4.3 Sistema Económico e Bancário, e Estado Social

O sistema económico e bancário português coloca difíceis entraves aos imigrantes nepaleses não-legalizados, em processo de legalização, ou com pouco tempo de estadia em Portugal, nomeadamente através da não-facilitação de empréstimos para fins pessoais ou empresariais. Por essa razão, a maioria dos imigrantes entrevistados (sejam empresários ou trabalhadores) preferem recorrer, inicialmente, a empréstimos informais facultados pelas suas redes (mesmo com taxas de juro elevadas) ou, alternativamente, a transferências bancárias efectuadas por familiares, incluindo aqueles familiares que tenham contraído empréstimos formais mais vantajosos, noutros países europeus<sup>255</sup>.

O estado social português é, por sua vez, pouco competitivo no contexto europeu, em termos de atractividade comparada, para imigrantes potenciais: ele fornece um suporte limitado, e quase irrisório, a estrangeiros em situações de maternidade, doença, incapacidade, desemprego ou velhice, bem como apoios bastante circunscritos e condicionais, aos níveis da habitação, educação ou saúde. Vivendo na região metropolitana de Lisboa, a maioria dos meus entrevistados não tem acesso a um médico de família, tendo colocado questões frequentes sobre saúde, apoios à maternidade e creches em Portugal, enquanto apontavam sistematicamente os estados sociais dos países norte-europeus como um factor de atractividade potencial, nesses mesmos países.

### 6.5 Redes de Sociabilidade

Analisaremos, em seguida, os resultados, por nós obtidos, respeitantes às redes de sociabilidade dos trabalhadores nepaleses. Lembremos que Uphoff (2000)<sup>256</sup> distinguiu dois aspectos do capital social: um primeiro, ligado a aspectos de natureza cognitiva; e um segundo, conectado a aspectos estruturais, que considera as relações sociais como funcionando através de estruturas familiares, organizações comunitárias, grupos profissionais, e outras redes (P. Adhikari, 2012: 124). Vamos centrar-nos, agora, neste segundo aspecto estrutural do capital social, para analisar a integração da imigração nepalesa em Lisboa, com base no *bonding* (relações internas nos grupos homogéneos), *bridging* (relações entre diferentes organizações e secções comunitárias) e *linking* (relações externas e de poder assimétrico entre diferentes grupos)<sup>257</sup>.

<sup>255</sup> Relembramos que a união bancária a nível europeu não é, ainda, uma realidade.

<sup>256</sup> Baseando-se em Bourdieu (1986), Coleman (1988) e Putnam (1993).

<sup>257</sup> De modo a facilitar uma comparação com os dados obtidos para a imigração nepalesa no Reino Unido.

### 6.5.1 Redes Comunitárias e Recursos Comunitários

Os trabalhadores nepaleses (N = 30) afirmam ter boas relações, e fortes, com outros membros da imigração nepalesa em Lisboa, assim como pertencer a associações, embora nem todos sejam activos nessas organizações - Quadro XCVII (Anexo 2):

«Conhecemo-nos e temos boas relações, no geral... excepto algumas pessoas mais conservadoras, que não gostam do trabalho que fazemos com as mulheres. Pertencço à Sociedade das Mulheres Nepalesas e à *Newa Pucha* desde o início [4 anos] ...ao meu partido [social democrata], já pertencia no Nepal. E, na NRNA, inscrevi-me entretanto [2 anos].» (entrevista do nº 27)

No Reino Unido, foram identificadas, ao menos, 303 organizações comunitárias nepalesas (CNSUK, 2011) mas, contabilizando os grupos de *bonding* informal, esse número ascende a mais de 400 - a maioria ligadas aos Gurkhas (21%), seguidas por grupos baseados no grupo étnico (18%), "região de origem" (17%) e "região de destino" (15%) (P. Adhikari, 2012: 128-129). Em Lisboa, os trabalhadores nepaleses afirmam conhecer desde três-quatro grupos, até mais de 40 grupos da imigração nepalesa, em geral com umas dezenas, ou centenas, de membros (até mais de três mil membros) cada um, e dedicados a diferentes questões: étnicas, políticas, NRNA, mulheres, jovens, mães, crianças, desporto, religião, entre outros temas - Quadro XCVII (Anexo 2):

«Há [grupos] para todos os gostos (...) são muitos grupos, perdi a conta... nos últimos anos, tem chegado muita gente (...) Hoje, quase a cada mês, eu sei de um grupo [novo]! Normalmente pequenos, os mais antigos são os maiores.» (entrevista do nº 16); ou ainda: «Há, pelo menos, 40 [grupos] com relevância e, depois, outros grupos mais informais e pequenos... a NRNA, os grupos Sherpa, Thakuri, *Newa Pucha* ou a Sociedade de Mulheres são importantes. Ou alguns partidos políticos cá presentes.» (entrevista do nº 15)

Apesar de a diversidade de grupos ser comparável à do Reino Unido (CNSUK, 2011), em Lisboa não são reportados grupos, especificamente, de Gurkhas (embora haja associações dos grupos étnicos que estão ligados aos Gurkhas). Sabemos que o contacto entre organizações facilita a troca de recursos e informações. Sobre as relações entre as diferentes organizações nepalesas em Lisboa e os seus membros (*bridging*), as respostas variam entre a ausência de problemas e não gostar do fechamento de certas organizações, algumas disputas devidas a tópicos político-partidários, dívidas de dinheiro relacionadas com empréstimos ou abuso de álcool, não apreciar o trabalho desenvolvido nas associações de mulheres nepalesas, entre outros - Quadro XCVIII (Anexo 2):

«Na Sociedade de Mulheres, é difícil... Algumas pessoas deixaram de me falar por causa do trabalho que fazemos... homens e mulheres, que têm uma mente mais fechada... encontram-me na rua e deixaram de me falar, ou viram a cara. Isso custou-me muito, agora já não ligo (...) Mas não podemos fazer nada, as

peessoas têm preconceitos e esse problema é delas, da sua cabeça ou educação. Há outros grupos, por exemplo, de partidos diferentes, que não se dão bem... mas não costuma haver tantos problemas. Só quando mexemos com assuntos de mulheres, é curioso.» (**entrevista do nº 9**); ou ainda: «Há muitas disputas... sei de casos de pessoas que andaram à pancada. Eu não estou interessada nesse ambiente, quero ficar fora... porque emprestam dinheiro uns aos outros e, quem recebe, não paga de volta... normalmente, tem a ver com isso.» (**entrevista do nº 13**)

Podemos dizer que as organizações nepalesas em Lisboa espelham a diversidade étnica e algumas tensões existentes, também dentro do Nepal. Sobre fazer negócio, praticar actividades culturais, religiosas, de lazer, ou outro tipo de actividades e tarefas, com outros nepaleses em Lisboa, os trabalhadores nepaleses descrevem idas conjuntas a festividades tradicionais, trabalho, eventos, lazer em geral, compras, desporto, negócios, festas, actividades religiosas, praia, ou concertos - Quadro XCVIII (Anexo2):

«Sim, [fazemos] isso tudo... juntamo-nos muitas vezes, ao fim-de-semana, a vida é muito comunitária. Os portugueses são mais individualistas... temos os festivais e outro tipo de celebrações. Muitas vezes, temos reuniões que acontecem num dos nossos restaurantes, o maior e mais antigo.» (**entrevista do nº 19**)

Como alguns autores notaram (Anderson, 1983; Waldinger e Fitzgerald, 2004), as redes sociais envolvidas nos processos migratórios geram uma multiplicidade de "comunidades imaginadas", organizadas em torno de princípios agregadores diferentes ou, até, conflituais. Nesse sentido, traçámos antes uma pesquisa específica (Pereira, 2016b), destinada a analisar os serviços comunitários da imigração nepalesa em Lisboa<sup>258</sup> - em especial, avaliámos as representações desses serviços em dirigentes comunitários e utentes, as formas de construção e negociação de pertenças por parte dos indivíduos no destino, assim como a gestão de expectativas na imigração nepalesa em Lisboa, em contexto de crise económica. Quanto aos resultados, então obtidos, a respeito da construção e negociação de pertenças pela imigração nepalesa em Lisboa, poderemos destacar, organizando-os em diferentes grupos (Pereira, 2016b):

---

<sup>258</sup> Apresentada no âmbito do Congresso Nacional de Sociologia (Faro, Julho de 2016). Essa pesquisa teve como principais objectivos analisar de que forma a imigração nepalesa em Lisboa organizava os seus serviços comunitários, expondo as representações que tanto dirigentes, como utentes, tinham desses serviços, e comparar essas representações com as de outros utentes no Nepal, e as de outros dirigentes nepaleses, na Europa e no Nepal. Quisámos verificar o papel das relações de longa-distância estabelecidas, e seu impacto na organização, articulação e complexificação das organizações comunitárias nepalesas. Bem como analisar o tipo de envolvimento que tinham, no Nepal, as estruturas comunitárias de Lisboa, e definir funções do nacionalismo de longa-distância e da *villageness* de longa-distância nesse processo. Com estas finalidades, comparámos dados qualitativos de 26 entrevistas não-directivas e semidirectivas, presenciais e *online*: a dirigentes e utentes de serviços comunitários nepaleses em Lisboa, a dirigentes e utentes de serviços da diáspora nepalesa a residir no Nepal, e a dirigentes de serviços comunitários nepaleses a residir noutros países da Europa (Inglaterra e Bélgica).

### Construção e Negociação de Pertinças em Lisboa: Categorias de Grupos

#### A) Organizações Políticas (Relação Diáspora-Nepal), Nacionalismo de Longa-Distância e Villageness de Longa-Distância (Política Étnica e Política de Pertença):

1. Partidos Nepaleses em Portugal e Seus Representantes Juvenis (Comunistas Marxistas-Leninistas, Comunistas Maoístas, *Congress Party*, Outros...);
2. Grupos Étnicos (exº: Newar, Sherpa, Gurung, Bahun, Chhetri) e Grupos Ligados à Região Geográfica de Origem no Nepal (com agendas políticas associadas);
3. Grupos de Ajuda ao Desenvolvimento (seu peso político e económico na origem, sua associação à juventude e à casta, à responsabilidade/estatuto social dos promotores, sua colaboração com associações/ONGs internacionais e portuguesas).

#### B) Serviços de Apoio à Cidadania:

1. Grupos de Mulheres (exº: *Nepalese Women's Society*) e Grupos de Mães (exº: *Ama Samua*);
2. Grupos Religiosos (exº: Hindus-Budistas, Budistas, Hindus, Dois Grupos Cristãos Distintos, Muçulmanos, Kirat);
3. Grupos de Mídia de Alcance Europeu Representados em Portugal (exº: jornalistas e fotógrafos de publicações como *Nepali Wave*, *Nepali Patra*, etc.);
4. Serviços Nepaleses que Facilitam o Apoio à Legalização e Tratamento de Questões Burocráticas em Portugal;
5. Grupos Nepaleses que Auto-Promovem o Ensino e a Aprendizagem da Língua Portuguesa (fundadores, professores, alunos...);
6. Serviços de Consultoria para Estudantes Nepaleses que Pretendam Estudar na Europa/Portugal;
7. Grupos de Académicos Nepaleses e Grupos de Interesses Privados Ligados à Educação;
8. Grupos de Empresários;
9. Grupos de Discussão Online para Expatriados Nepaleses;
10. Grupos Desportivos, Delegações de Grupos de Jovens e Jovens Artistas, Outros Grupos Ligados à Reprodução de Heranças Étnico-Culturais Específicas.

#### C) Questões de Saúde Comunitária:

1. Grupos Dedicados à Saúde Comunitária (exº: *Health Free Nepal London/Lisbon*);
2. Grupos Ligados à Maternidade e ao Parto (exº: parto em casa, rituais tradicionais associados, intervenção da hierarquia religiosa Hindu-Budista e escolha do nome étnico dos bebés).

#### D) Outras Formas de Organização Comunitária:

1. Grupos Dedicados às Necessidades Educativas e Tempos Livres das Crianças Nepalesas em Portugal (exº: *Pathshala Nepal*);
2. Agências de Viagens Nepalesas / Especializadas em Viagens para o Nepal;
3. Serviços de Promoção e Divulgação de Eventos Nepaleses em Portugal.

**Quadro 6.8 - Organização da Construção e Negociação De Pertinças  
Pela Imigração Nepalesa em Lisboa: Categorias de Grupos  
Elaborado pela autora, 2016**

Focámos, no Quadro 6.8, a pertença a partidos políticos, grupos étnicos e regionais, bem como o envolvimento em diferentes serviços comunitários, organizados pela própria imigração nepalesa em Lisboa. As fidelidades partidárias, ou grupais, declaradas em Portugal, associadas a um conhecimento da subcasta e grupo étnico dos imigrantes, ajudam-nos a tecer uma teia compreensiva densa, intimamente relacionada com a história contemporânea nepalesa. A imagem na Figura 6.3 mostra alguns logótipos, de dois grupos comunitários, ambos presentes na imigração nepalesa de Lisboa:



**Figura 6.3 - Logótipos de Dois Grupos Comunitários da Imigração Nepalesa em Lisboa**  
Elaborado pela autora, 2018, com base em *Health Free Nepal-Portugal*  
e *Nepalese Women's Society-Portugal*, 2017

Sumarizando os resultados obtidos, o Quadro 6.9 expõe formas distintas de construção e negociação de pertenças, pelos imigrantes nepaleses em Lisboa:

Formas de Construção e Negociação de Pertenças Pela Imigração Nepalesa em Lisboa - Síntese:	
➤ <b>Pertença a Partidos Políticos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>★ Principais Partidos e Juventudes Partidárias Estão Representados em Portugal</li> <li>★ A Diáspora Nepalesa Elege Deputados na Origem</li> <li>★ Os Entrevistados Revelavam Frequentemente a Sua Filiação Partidária (e da Família)</li> </ul>
➤ <b>Pertença a Serviços Comunitários</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>★ De Apoio à Cidadania</li> <li>★ De Saúde Comunitária</li> <li>★ Outros</li> </ul>
➤ <b>Pertença Étnica/de Casta (ou Classe) e Região Geográfica de Origem</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>★ Grupos Étnicos</li> <li>★ Grupos Baseados na Região Geográfica de Origem</li> <li>★ Novos Grupos no Destino: Identidade Transnacional e Campos Sociais Transnacionais</li> </ul>

**Quadro 6.9 - Formas de Construção e Negociação de Pertenças**  
**Pela Imigração Nepalesa em Lisboa - Síntese**  
Elaborado pela autora, 2018, com base em Pereira (2016b)

Conseguimos, portanto, "arrumar" a construção e negociação de pertenças pelos imigrantes nepaleses em Lisboa, das seguintes formas: pela pertença a partidos políticos, a diversos serviços comunitários, ou em função do grupo étnico/casta (ou classe) e região geográfica de origem, no Nepal. A formação de novos grupos no destino (ex<sup>o</sup>: étnicos), que funcionam como filiais (o mesmo sucede no Reino Unido), conecta-se com a inserção dos migrantes em campos sociais transnacionais, e com a formação de uma identidade transnacional, que analisaremos mais detalhadamente, adiante. Quanto às representações dos serviços comunitários nepaleses (por parte de dirigentes e utentes desses serviços), elas foram analisadas, no âmbito dessa nossa pesquisa sobre os serviços comunitários nepaleses (Pereira, 2016b), à luz da Teoria das



Representações Sociais (TRS)<sup>259</sup>, considerando representações individuais e representações colectivas<sup>260</sup>. Os resultados obtidos encontram-se patentes nos Quadros CXI, CXII, CXIII e CXIV (Anexo 2), sendo que, sinteticamente, eles demonstraram:

### **Representações dos Serviços Comunitários Nepaleses Nos Utentes e Dirigentes Entrevistados (N = 26) - Síntese de Resultados:**

- **UTENTES Entrevistados:** verificou-se grande diversidade de representações - já a posição individual, sobre uma eventual politização dos serviços, era variável.
  - ★ **UTENTES EM LISBOA:** todos os entrevistados tiveram contacto com (ou envolvimento) nas actividades dos serviços comunitários nepaleses - e reconheceram a sua utilidade, face à demanda, mas também face à necessidade de defender direitos legais, e às respostas insuficientes dadas pelas autoridades portuguesas. Os serviços comunitários auxiliavam a adaptação destes utentes (mas também a segregavam) e a construção de uma identidade de "nepalês europeu". Garantiam uma rede de contactos úteis (profissionais/de negócios), amizade e proximidade, relativamente às raízes étnico-culturais dos sujeitos.
  - ★ **UTENTES NO NEPAL:** enfatizaram a importância dos serviços para auxiliar a sua eventual emigração, e o estatuto sociopolítico destes grupos no país de origem.
  - ★ **12 UTENTES:** manifestaram satisfação com os serviços utilizados, mas cinco fizeram também críticas pontuais. As críticas mais comuns estavam relacionadas com falta de cobertura da totalidade da imigração nepalesa em Lisboa, com a politização dos serviços e existência de grupos sectários, bem como com a discriminação dos grupos de mulheres (pela imigração nepalesa alargada, em Lisboa).
- **DIRIGENTES Entrevistados:** mostraram-se mais insatisfeitos e pessimistas em Lisboa, do que no Nepal ou noutros países da Europa (Inglaterra e Bélgica).
  - ★ **DIRIGENTES EM LISBOA:** também sentiam menor reconhecimento do seu trabalho, quer este fosse expresso no desinteresse de alguns utentes por certas actividades levadas a cabo, quer nas atitudes desvalorizadoras das autoridades portuguesas.
  - ★ **DIRIGENTES NA EUROPA:** valorizaram muito as redes de contactos, a antiguidade das associações nepalesas na Europa e a sua ligação ao Nepal.
  - ★ **DIRIGENTES NO NEPAL:** enfatizaram as políticas de inclusão de mulheres e jovens que regem as suas iniciativas, bem como a pressão política com fins sociais, por eles exercida.

#### **Quadro 6.10 - Representações dos Serviços Comunitários Nepaleses Nos Utentes e Dirigentes Entrevistados (N = 26) – Síntese de Resultados Elaborado pela autora, 2018, com base em Pereira (2016b)**

Observamos que as representações de utentes e dirigentes variam, em função da localização dos serviços comunitários respectivos (Nepal, Lisboa, outros países europeus), sendo que os dirigentes em Lisboa mostram representações mais pessimistas do que os restantes dirigentes, e do que a generalidade dos utentes. A Figura 6.4 dissec

<sup>259</sup> Cf. Wundt e LeBon (1841-1931), Durkheim (1898), Vigotsky (1926-1934), Duveen e Lloyd (1990), Jodelet (1991-1993), Moscovici (1961-2001) e Höjjer (2011).

<sup>260</sup> Lembremos que as representações sociais são construções simbólicas da realidade, significados de objectos e eventos, compartilhados, complexos, prescritivos, mas dinâmicos, sociais na sua origem, e que variam, em função da experiência prévia e afectiva, valores e normas, posição social, contexto histórico e sociocultural, entre outros factores. As representações sociais precisam de ser transformadas em representações intra-individuais para explicarem, e se reflectirem, nas condutas e crenças dos sujeitos (Deveureux, 1961; Wagner, 1994). Elas são formadas por objectivação e ancoragem. Podem servir funções selectivas, justificadoras e/ou antecipatórias.

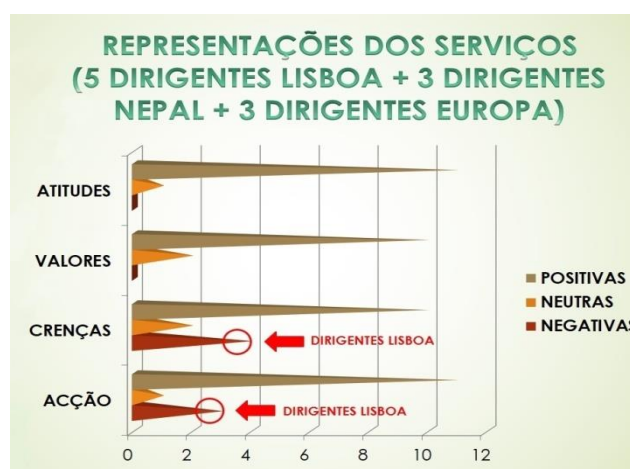


as representações dos serviços comunitários nepaleses, para os utentes (N = 15) entrevistados em Lisboa e no Nepal (em crenças, valores, atitudes e reflexos na acção):



**Figura 6.4 - Representações dos Serviços Comunitários Nepaleses nos Utentes Entrevistados em Lisboa/Presencialmente e no Nepal/Online (N = 15)**  
Elaborado pela autora, 2018, com base em Pereira (2016b)

Vemos que os utentes dos serviços comunitários nepaleses em Lisboa encaravam esses serviços como uma fonte de suporte, informação, recursos e amizade, forma de reconstrução étnico-identitária no destino, e de construção da identidade específica de "nepalês europeu" - o que vai no sentido dos autores que conceptualizaram o nascimento de novas formas de identidade, nos espaços transnacionais (Carter, 2007 e Mato, 1998). O Gráfico XLIV (Anexo 3) complementa esta informação. Já as representações dos serviços comunitários nepaleses, para os dirigentes entrevistados<sup>261</sup>, encontram-se, em contrapartida, decompostas no Gráfico XLV (Anexo 3) e Quadro CXXXII (Anexo 2), e sintetizadas no Gráfico 6.26:

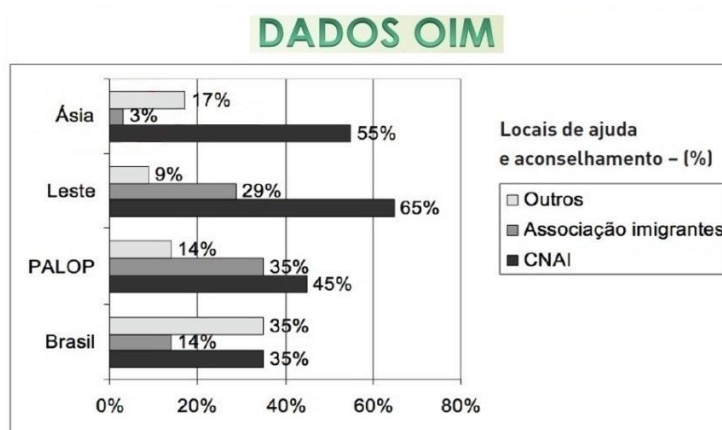


**Gráfico 6.26 - Decomposição das Representações dos Serviços Comunitários Nepaleses**

<sup>261</sup> N= 11 (Pereira, 2016b).

**Para Dirigentes Entrevistados em Lisboa/presencialmente e na Europa e Nepal/Online (N = 11)**  
**Elaborado pela autora, 2018, com base em Pereira (2016b)**

Observamos que os dirigentes em Lisboa têm mais crenças negativas e mais representações negativas, ligadas à acção dos serviços comunitários nepaleses, do que os dirigentes entrevistados noutros países da Europa, e no Nepal. Em conclusão, as estruturas comunitárias nepalesas em Lisboa são complexas e situam-se em torno de uma organização formal da diáspora e mais de trinta *loose networks*, cujo princípio agregador varia e, muitas vezes, se sobrepõe a outros: grupo étnico, região geográfica de origem, partido político nepalês, idade, sexo, religião, educação, saúde, missões humanitárias ou assistencialistas/ONGs, lazer. Os resultados, por nós obtidos, a respeito das associações imigrantes e estruturas comunitárias nepalesas, contradizem, até certo ponto, dados da OIM (2010), sobre os locais de ajuda e aconselhamento preferenciais, dos imigrantes asiáticos em Portugal (onde só 3% recorriam a associações imigrantes), conforme detalha o Gráfico 6.27:



**Gráfico 6.27 - Mapeamento das Comunidades Imigrantes e Seus Meios de Informação em Portugal**  
**Fontes: OIM, 2010; Salim, 2013**

No caso dos imigrantes nepaleses em Lisboa, em particular, parece-nos que, não obstante um recurso frequente ao CNAI, a procura de (e recurso às) associações imigrantes é muito significativa e generalizada - havendo inclusive, entre a imigração nepalesa, diversos planos para fundar associações adicionais, de apoio a imigrantes sul-asiáticos em Lisboa. As representações dos serviços comunitários nepaleses são compartilhadas por indivíduos e grupos, dentro da imigração nepalesa; porém, não são homogêneas. Os serviços asseguram a produção de discurso da imigração sobre si própria, e a defesa parcial de direitos legais e interesses, que são activamente reivindicados (conforme mostra a imagem na Figura 6.5), além de assegurarem reprodução cultural e dos sistemas de casta e étnicos, no destino.



**Figura 6.5 - Imigrantes Nepaleses Reclamando Direitos Legais, Incluindo Líderes Comunitários – 03/07/2016, Lisboa  
Elaborado pela autora, 2018**

Os dados recolhidos, sobre a proliferação e adesão a grupos e serviços nepaleses, necessitam de ser lidos à luz dos novos padrões verificados, nos fluxos migratórios, com destino a Portugal. Os contactos com outras imigrações nepalesas na diáspora revelam-se essenciais, na complexificação e articulação dos serviços prestados em Lisboa. A imigração nepalesa em Lisboa tem uma pequena, mas crescente, influência política e cobertura mediática no Nepal, que lhe permite exigir a abertura de uma Embaixada do Nepal em Portugal (com o objectivo de deixar de depender da Embaixada em Paris), propor a construção de um templo com jardins e espaço de divulgação turística do Nepal nos arredores de Lisboa ou, ainda, propor a eleição de representantes europeus da diáspora nepalesa, os quais são imigrantes residentes na cidade de Lisboa.

#### 6.5.2 Associações Étnicas, Redes Étnicas e Recursos Étnicos

Procuramos saber qual o grupo étnico e região de origem da maioria dos nepaleses na imigração de Lisboa, segundo a percepção dos trabalhadores nepaleses entrevistados: as suas respostas vão sempre no sentido de indicar os grupos étnicos Chhetri, Thakuri, Bahun, Newar e, por vezes, também os Gurung - Quadro XCVI (Anexo 2). No Reino Unido<sup>262</sup>, a população imigrante nepalesa é constituída sobretudo pelos grupos Gurung, Limbu, Magar, Bahun, Chhetri, Thakuri e Rai (CNSUK, 2008; K. Adhikari, 2012). A respeito de terem amigos de outras castas, regiões de origem e religiões na imigração nepalesa de Lisboa, bem como relações de amizade com pessoas da maioria dos grupos étnicos e subcastas (*bridging*), os nossos entrevistados afirmam, na sua esmagadora maioria, relacionar-se com outros nepaleses de diferentes grupo étnicos, castas e religiões (com raras excepções, de indivíduos que procuram mais contactos fora da

<sup>262</sup> Onde há Censos da imigração nepalesa, promovidos pela própria (e pelo CNS - *Centre for Nepal Studies*, de Reading), o que ainda não está totalmente concretizado em Portugal.

imigração nepalesa - como trabalhadores-estudantes e uma trabalhadora divorciada) - Quadro XCIX (Anexo 2):

«Claro... Nós passámos por uma guerra civil, o nosso objectivo é unir todos os nepaleses e trabalhar para algo comum. A guerra ficou para trás. Temos que saber reconhecer e apreciar as diferenças entre os grupos étnicos.» (entrevista do nº 29)

Perguntamos aos trabalhadores se casariam (ou se casariam filhos) com uma pessoa de outro grupo étnico/subcasta, ou de outra nacionalidade, como é que isso seria visto pela sua família de origem, e que importância a opinião da família de origem tem para os nossos entrevistados, hoje em dia. Ao contrário de autores como Gellner e Shrestha (2011, 2013) ou Pariyar (2013), que descreveram uma certa rigidificação dos sistemas sociais e estruturas de casta entre a diáspora nepalesa no Reino Unido, as respostas por nós obtidas vão maioritariamente (25) no sentido de flexibilizar casamentos, da liberdade de escolha individual (até para ficar solteiro e não ter filhos), e também de um certo desprendimento orgulhoso, em relação àquilo que a família de origem possa pensar (embora seja possível hipotetizar que, na prática, os sujeitos sejam mais conservadores do que em teoria). Os entrevistados, na área do casamento e dos afectos, parecem marcar uma diferença, ou até ruptura vincada, em relação às tradições de gerações precedentes (casamento por arranjo no Nepal, determinado pelos pais do casal), com uma noção bem precisa de que, certas escolhas, os distinguem claramente, pela "liberdade" que implicam; e também com uma certa idealização da Europa, como "um lugar onde se pode ser livre e decidir individualmente", ou simplesmente "fazer aquilo que se quiser" - Quadro XCIX (Anexo 2):

«Eu fugi, praticamente, com a minha namorada para Inglaterra. Não concordo que os pais decidam sobre isso [casamento], cada um é livre para fazer o que quiser... Deves fazer o que achares melhor para ti.» (entrevista do nº 24); ou ainda: «Eu até não casaria... sou solteiro e, quando voltei ao Nepal, isso era mal-visto... na Europa, é normal; lá, havia uma pressão constante para casar, mesmo os meus familiares não percebiam e perguntavam constantemente por que [razão] ainda estava solteiro, com esta idade... é muito estranho... Não me importo com o que eles pensam, a escolha é de cada um. Mas quero ser livre.» (entrevista do nº 25)

Por fim, questionamos os trabalhadores nepaleses sobre se os líderes da imigração nepalesa e das organizações em Portugal podem ser de qualquer região, grupo étnico e subcasta, religião, ou partido político - as respostas vão no sentido de dizer que sim, e enfatizam a competência necessária nos líderes comunitários, mas também reconhecem que a maioria dos líderes, são, de facto, e "tal como no Nepal": homens, hindus, com

ligações a partidos políticos, que têm negócios ou são empresários em Lisboa, e com certa capacidade económica - Quadro C (Anexo 2):

«Na minha opinião, podem. Mas as pessoas de casta alta, hindus e pertencentes a determinados partidos predominam... isso é o que se passa no Nepal, também. Nós tentamos abrir as direcções [das organizações] a outras pessoas... claro que, muitos, não têm tempo, porque estão a trabalhar muitas horas. Outros, desinteressam-se... Por exemplo, na Sociedade de Mulheres: são sempre as mesmas a fazer tudo... não temos ajuda nenhuma para organizar os eventos.» (entrevista do nº 21)

Vimos, atrás, quando examinámos os serviços comunitários da imigração nepalesa em Lisboa, que muitos grupos, tal como no Reino Unido, se organizam em torno de uma identidade e herança étnicas<sup>263</sup> - este centramento, no grupo étnico, reconstrói tendências, incluso com fins políticos, das organizações, igualmente no país de partida. Enfim, note-se que são necessárias precauções para não confundir recursos étnicos (no sentido estrito) com recursos comunitários ou familiares, especialmente para o caso de alguns grupos étnicos nepaleses<sup>264</sup>.

### 6.5.3 Redes Familiares e Recursos Familiares

Os trabalhadores nepaleses (N = 30) afirmam, durante as nossas entrevistas, que conseguem alojamento principalmente com outros nepaleses, familiares, amigos coétnicos ou corregionais (*bonding*), sendo o recurso a hotéis e *hostels*, ou o aluguer sozinho ou em casal, mais raros - Quadro LXXXVIII (Anexo 2). Moram, actualmente, sobretudo com outros nepaleses, que são seus familiares (como conjugue, filhos/as e sogros ou pais), em grupos de vários casais nepaleses partilhando um mesmo apartamento, com coétnicos, corregionais, pessoas partilhando um mesmo percurso migratório ou, ainda, com indivíduos da mesma casta. Mais raramente, moram numa *hostel*, com outros estudantes-trabalhadores de várias nacionalidades, ou com colegas - Quadro LXXXIX (Anexo 2). Quisémos saber com que frequência os trabalhadores nepaleses mantêm contactos com o Nepal, por que meios e com quem: a maioria dos

<sup>263</sup> Recordemos, a este propósito, que a celebração pública das diferenças étnicas e do orgulho étnico foi, durante muito tempo, reprimida pela monarquia nepalesa.

<sup>264</sup> Tomemos um exemplo em mãos: quando me conheceu, um jovem nepalês do grupo étnico Gurung, chegado recentemente do Reino Unido, revelava: «Vivo com o meu tio e com a minha tia. O meu tio tem um negócio e eles [os dois] têm-me ajudado muito... Conseguiram um emprego para mim, num sítio onde os meus primos já trabalharam.» (entrevista do trabalhador nº 4). Entrevistadores desavisados tenderiam a tomar estas afirmações de maneira (equivocadamente) literal. Porém, sucede que só entrevistando amigos desse jovem e visitando o seu apartamento por ocasião de um "aniversário de casamento dos tios", pude confirmar que os seus "tios" eram, na realidade, não só um casal de "tios", mas dois ou três casais, e vários primos, contudo nenhum parente de sangue: todos oriundos da mesma cidade-natal, o que parecia definir e determinar o "parentesco" que me fora previamente assegurado. Isto é, neste caso, os recursos familiares eram, na verdade, recursos étnicos e comunitários.

trabalhadores mantêm contactos com o Nepal semanalmente, sobretudo com a família (*bonding*) mas, esporadicamente, igualmente com negócios e instituições (*linking*), e usando, preferencialmente, a internet, nomeadamente as aplicações *Skype*, *Viber* e *Facebook* ou, então, o telefone e cartões de chamadas - Quadro XCI (Anexo 2). Sobre se as suas famílias vivem no Nepal, como contactam com elas e por que formas, os entrevistados dizem, maioritariamente, que têm, no Nepal, família nuclear e/ou alargada, e contactam com ela usando telefone ou internet, e aplicações gratuitas - Quadro XCII (Anexo 2):

«Sim, tenho pais e irmãs... elas estão a casar-se e eu aqui, sem poder estar lá. Excepto a minha irmã mais velha, que mora na Austrália com a família dela e tem negócios grandes... começou com um restaurante grande, agora tem vários. Tem muitos empregados e uma vida muito boa... ainda pensámos em ir para a Austrália morar com ela... mas eu tinha o sonho de vir para a Europa, e tínhamos amigos na Alemanha. Nestes anos todos, no Qatar e Dubai, fizemos muitos amigos de outras nacionalidades - gostamos disso.» (entrevista do nº 7)

Sobre se gostariam de trazer familiares para Portugal e se acompanham os acontecimentos sociais e políticos no Nepal, os entrevistados declaram, na sua maioria, que não pensam trazer ninguém; contudo, outros, desejam trazer familiares, ou já o fizeram - Quadro XCII (Anexo 2):

«A minha mulher, sim [eu quero trazê-la]. Apenas. Não é difícil trazer familiares e há muitos casos [assim]. O problema é, depois de cá estarem, terem uma vida estável, com emprego, rendimento e oportunidades de estudo.» (entrevista do nº 30)

Os trabalhadores nepaleses em Lisboa que assinalam mudanças nas relações com a família de origem, em resultado da migração, avaliam essas mudanças, maioritariamente (18), como positivas, ou muito positivas: pela independência e liberdade adquiridas, a maior maturidade e auto-confiança alcançadas, o maior respeito revelado pelos familiares (exº: "valorizam-me mais"), o acesso preferencial ao mercado de trabalho europeu, ou a maior proximidade entre netos e avós (sogros ou pais vindos *a posteriori*, para Portugal) - Quadro CVI (Anexo 2). Do lado das mudanças negativas, são referidas a perda de eventos familiares importantes, e as saudades:

«Temos muitas saudades da família. Isso é o mais difícil de aguentar, não estar lá (...) Às vezes, custa muito... mas eles apoiam-nos, se precisamos.» (entrevista do nº 1)

Embora seja realçado, pelos nossos entrevistados, o carácter, reconhecidamente "temporário", dessas mudanças negativas resultantes do processo migratório, nas suas relações familiares.



Deste modo, e além dos contributos com remessas para a família de origem, as relações familiares e de suporte no Nepal servem, para estes imigrantes, como segurança simbólica e rede de apoio real, na sua transição para Portugal, à semelhança daquilo que foi verificado por Sijapati (2010), para os jovens nepaleses imigrantes nos Estados Unidos.

#### 6.5.4 Internacionalização das Redes e Envolvimento Lisboa-Nepal

Vamos, agora, abordar alguns tópicos relativos à internacionalização das redes nepalesas e ao envolvimento Lisboa-Nepal (relações de *bridging* e *linking*). A perspectiva dos campos sociais transnacionais considera quer migrantes, quer não-migrantes - bem como interacções múltiplas, em meio a processos de globalização, aos desenvolvimentos tecnológicos e à complexificação das relações transfronteiriças<sup>265</sup>. No âmbito das nossas entrevistas com os trabalhadores nepaleses (N = 30), estes indicam que a maioria se interessa por (e acompanha) os acontecimentos sociais e políticos no Nepal, enquanto uma minoria não tem interesse e prefere acompanhar o que se passa na Europa, nomeadamente no Reino Unido, ou em Portugal - Quadro XCIII (Anexo 2):

«Sim, [acompanho] de perto. O meu irmão tem algumas ligações ao *Congress [Party]*, por via do meu pai... Acompanhamos, por causa do orfanato que gerimos lá. Concorremos a apoios... temos de saber das políticas de saúde, porque isso interfere na nossa ONG familiar e nos tratamentos que queremos disponibilizar.» (entrevista do nº 7)

Estes dados sugerem, no seguimento de Tsuda (2012), que a relação dinâmica, de envolvimento dos imigrantes nepaleses em Lisboa com os seus países de origem e destino, será sobretudo uma relação de reforço positivo<sup>266</sup>, onde o aumento de envolvimento com um país, leva a um envolvimento aumentado com outro país. Indagamos se os trabalhadores nepaleses mantêm relações com outros familiares, amigos e conhecidos na Europa, de que tipo e onde. As respostas revelam a existência de interacções complexas e de diferentes tipos de transnacionalismo (político, económico, cultural, social<sup>267</sup>), com ligação robustecida entre os níveis local, nacional, regional e global. A maioria deles tem familiares a viver na Europa, sobretudo na Alemanha, Reino Unido, Dinamarca e Bélgica, todavia há pessoas com contactos

<sup>265</sup> Cf. Glick Schiller et al. (1992), Glick Schiller, Basch e Szanton-Blanc (1995) e Levitt (2004).

<sup>266</sup> Tsuda (2012) propôs quatro modos distintos de relações origem-destino: relação linear de soma-zero, coexistência lado-a-lado, relação de reforço negativo, e relação de reforço positivo - sendo a simultaneidade uma das características que distinguiria o transnacionalismo, do nacionalismo de longa-distância.

<sup>267</sup> Portes et al. (1997) e Levitt (2001).



profissionais, académicos e políticos<sup>268</sup> noutros países europeus - Quadro XCIII (Anexo 2). Sobre saber se mantêm relações profissionais, de negócio, académicas, de amizade ou familiares, ou outro tipo de redes e contactos - no caso específico, com o Reino Unido -, os entrevistados respondem, maioritariamente, que têm contactos familiares, de negócios, redes de contactos e académicas no Reino Unido - Quadro XCIV (Anexo 2). Sijapati (2010) analisou os laços transnacionais da imigração nepalesa nos Estados Unidos, tendo descrito laços familiares e comunitários, bem como processos de transnacionalismo económico, social e político. Verificamos a existência destes diferentes tipos de transnacionalismo, também na imigração nepalesa em Lisboa - incluindo transnacionalismo *from below*, decorrente das actividades dos trabalhadores e empresários nepaleses, e transnacionalismo *from above*, no caso das actividades de organizações nepalesas e do Estado nepalês - este, nomeadamente, via Consulado do Nepal (Smith e Guarnizo, 1998). A criação de redes transfronteiriças assegura, adicionalmente, a própria sustentabilidade dos fluxos migratórios da diáspora nepalesa (Boyd, 1989).

No âmbito da nossa pesquisa prévia sobre serviços comunitários nepaleses (Pereira, 2016b), analisámos o papel do nacionalismo de longa-distância nas questões da pertença, da organização, reivindicação de direitos, e intervenção das imigrações nepalesas no país de origem, em especial, através da *Non Residents Nepali Association* (NRNA), bem como os novos modelos de transnacionalismo adoptados. Como vimos no Capítulo 5, a NRNA é uma organização-chapéu da diáspora nepalesa - cujas preocupações, crenças e compromentimentos poderão ser analisados no Quadro CXV (Anexo 2). Já o seu papel, finalidades e objectivos estratégicos estão descritos no Quadro CXVI (Anexo 2). Quanto ao papel das relações de longa-distância, e ao envolvimento Lisboa-Nepal, o Quadro 6.11 sintetiza alguns pontos-chave recolhidos:

---

<sup>268</sup> Transnacionalismo político.



**Quadro 6.11 - Papel das Relações de Longa-Distância e Envolvimento Lisboa-Nepal da Imigração Nepalesa em Lisboa**  
Elaborado pela autora, 2018

Na senda do modelo contratual dialéctico de Lacroix (2014, 2016), poderemos encarar alguns tipos de intervenção da imigração nepalesa em Lisboa, no seu país de origem, como resultantes quer de barreiras à integração no destino (Glick Schiller, 2004, 2012), e de competição com outras imigrações no mesmo destino, quer de um desejo de aumentar o estatuto, na origem (Piore, 1979; Goldring, 1998). Ou seja, no fundo, resultantes de uma reacção conservadora à emigração no Nepal, e de processos centralistas na origem, mas também como significando a integração de uma identidade multi-localizada, pelos imigrantes (Lacroix, 2016), sendo que o contexto de acolhimento levanta algumas dificuldades. O envolvimento Lisboa-Nepal revela-se particularmente forte, relacionando-se tanto com políticas de imigração no destino e de pertença na origem (Anderson, 1981, 1983), quanto com políticas de pertença no destino e de diferenciação na origem (Lacroix, 2014, 2016). Enfim, os conceitos de "nacionalismo de longa-distância" e de "villageness de longa-distância" têm um papel-chave, na compreensão das tramas de relações estabelecidas, e eles são reforçados pelas redes transnacionais. Em termos da formação de uma identidade transnacional e de campos sociais transnacionais, para os sujeitos entrevistados, cabe-nos destacar os seguintes pontos, conforme sumariza o Quadro 6.12:

### IDENTIDADE TRANSNACIONAL E CAMPOS SOCIAIS TRANSNACIONAIS

- **Papel Articulador da NRNA;**
- **Relações Com Outras Comunidades Nepalesas** na Bélgica, Holanda, Dinamarca, Alemanha e UK (Familiares, de Negócios, Redes);
- **Casos de Investidores** da Austrália ou EUA;
- **Fluxo Multi-Direccional** de Capital Social, Remessas, Pessoas, Ideias, Investimento, Contactos e Conhecimentos;
- **Modificação Arranjos Institucionais na Origem** (Riddle e Brinkerhoff, 2011).

**Quadro 6.12 - Identidade Transnacional e Campos Sociais Transnacionais da Imigração Nepalesa em Lisboa**  
Elaborado pela autora, 2018

Além do papel articulador da NRNA, sublinhamos as relações estreitas, da imigração nepalesa em Lisboa, com as imigrações nepalesas no Reino Unido, Bélgica, Holanda, Dinamarca e Alemanha (redes familiares, étnicas, de negócios, corregionais, profissionais, políticas). Detectamos, em Lisboa, parcerias com investidores nepaleses na Austrália, Estados Unidos ou Bélgica, bem como a existência de um fluxo multidireccional de capital social; de fluxos financeiros, investimentos e remessas; de pessoas, contactos, ideias e conhecimentos. Na sequência de um caso estudado por Riddle e Brinkerhoff (2011), referente à imigração nepalesa nos Estados Unidos, observamos também alguns, raros, exemplos de modificação dos arranjos institucionais no país de origem, por iniciativa de imigrantes nepaleses em Lisboa, ou em resultado das suas acções.

A finalizar, o Quadro CXXXIII (Anexo 2) detalha as razões pelas quais poderemos considerar que as imigrações nepalesas, ao redor do mundo, se articulam numa diáspora. Como critérios fundamentais a considerar (já abordados, por referência a conceitos adjacentes, no Capítulo 1), surgem a identidade grupal e o tipo de relação estabelecida com a origem, a incompleta integração no destino, a importância das remessas, ou a relação estabelecida entre imigrações com a mesma origem, a viverem em países distintos. Concluimos esta secção indicando que a diáspora nepalesa se encontra formalmente articulada. O Quadro 6.13 detalha critérios básicos a ter em conta, para podermos considerar as imigrações nepalesas como uma diáspora, indica que a construção de uma consciência diaspórica depende do trabalho de múltiplos actores, e expõe diferenças nos modos contemporâneos de conceptualizar a diáspora (mencionadas no ponto 1.4, do Capítulo 1):

<b>NOTAS CONCLUSIVAS</b>	
★ <b>Diáspora Nepalesa:</b>	Deslocamento + Conexão Com Origem + Relação Ambivalente Com Destino + Consciência de Identidade de Grupo
★ <b>Consciência Diaspórica:</b>	Trabalho de Líderes Políticos, Comunitários, Militares, Religiosos, Académicos e Intelectuais
★ <b>Duas Formas Contemporâneas</b>	<b>Diversas de Entender a Experiência Diaspórica</b>

**Quadro 6.13 - O Conceito de Diáspora e a Diáspora Nepalesa**  
Elaborado pela autora, 2018

## 6.6 Questões de Género

Durante as nossas entrevistas, os trabalhadores nepaleses (N = 30) indicam que têm, na sua maioria, amigos de ambos os sexos na sociedade portuguesa, e entre a imigração nepalesa de Lisboa (quando isso não acontece, é mais comum terem amigas do sexo feminino, apenas). As razões apontadas, para tal ocorrer, prendem-se com um certo "fechamento dos portugueses", e com a dificuldade de fazer amigos no destino, ou com "ciúmes" do respectivo conjugue (seja ele homem, ou mulher), discriminação da amizade entre mulheres e homens (sobretudo para senhoras divorciadas) ou, ainda, a necessidade cultural de se relacionar com uma mulher "sempre na presença do marido dela" - Quadro CI (Anexo 2). Embora não admitam, propriamente, dificuldades pessoais, na maioria dos casos (21), os trabalhadores reconhecem alterações nessas relações entre os sexos, que são devidas ao choque cultural, resultante da migração, e a hábitos culturais diferenciados. Chamam a atenção para as mudanças no comportamento das mulheres nepalesas imigradas na Europa, e para certas dificuldades dos homens nepaleses em lidar com, ou conviver, com tais mudanças, ou adaptar-se a elas. Algumas mulheres (10) admitem sentir-se melhor na Europa, ainda que vivam em antagonismo com parte da imigração nepalesa em Lisboa, e o papel questionador dos jovens nepaleses de ambos os sexos (em relação a convenções sociais, previamente assimiladas na origem) é reiteradamente sublinhado - Quadro CII (Anexo 2):

«Eles enfrentam alguns desafios que são... estão relacionados com adaptar-se à cultura europeia e portuguesa. Aqui, tanto um homem como uma mulher, podem ter várias relações ao longo da vida e ninguém os julga por causa disso. Ou ter filhos de vários casamentos. Ou não se casar, viver só em... união de facto.» (entrevista do nº 15)

Os trabalhadores em Lisboa afirmam, maioritariamente, não pertencer a grupos da imigração ligados a questões de género, ainda que os conheçam. Das trabalhadoras que

são activas em grupos ligados ao género, a maioria delas (oito) pertence a grupos de mulheres, todavia outras (três) fazem parte de grupos de mães. As razões da pertença e benefícios indicados prendem-se com o estabelecimento de uma rede de suporte e informação, a necessidade de deixarem os filhos com alguém (uma ama) para poderem trabalhar, o apoio legal prestado, ou eventuais empréstimos concedidos - Quadro CII (Anexo 2). As entrevistadas declaram que, somente uma minoria entre os nepaleses em Lisboa, não lida bem com o facto de alguns grupos, sobretudo os grupos de mulheres, promoverem actividades próprias - Quadro CIII (Anexo 2):

«As nossas actividades são bem-vistas por uma maioria, mas há uma minoria que não as aceita, porque tornam as mulheres mais auto-organizadas e independentes dos seus maridos.» (entrevista do nº 30)

Quanto aos seus esposos/parceiros, por regra, não assistem às reuniões desses grupos, o que é justificado com o desinteresse dos homens, ou a necessidade de garantir um espaço reservado e confidencial para as mulheres, embora existam algumas excepções: raros maridos, de líderes comunitárias, que frequentam o final daquelas sessões conjuntas - Quadro CIII (Anexo 2). As entrevistadas dizem que se auxiliam mutuamente no quotidiano, por diversas maneiras, para além do grupo e das suas reuniões formais - Quadro CIV (Anexo 2). Sobre os valores da sociedade portuguesa a respeito do namoro, divórcio, relação homens-mulheres, divisão de tarefas e trabalho das mulheres, a maioria dos trabalhadores (17) relata dificuldades de adaptação à cultura portuguesa, mas também aprovação geral da possibilidade de divórcio, e da divisão de tarefas domésticas - Quadro CIV (Anexo 2):

«Para nós, é estranho que haja tantos divórcios [em Portugal]. (...) Foi muito estranho ver, no início, como os namorados se beijam tanto na rua [em Portugal] e tão livremente, as mulheres. Nós, aqui em casa, dividimos as tarefas, eu cozinho muitas vezes... limpo. Não tenho preconceitos, nem acho que a mulher deve fazer tudo. A V. ganha mais do que eu e tem um trabalho mais estável, com mais direitos.» (entrevista do nº 7)

As vantagens e desvantagens, em relação à vida das mulheres e dos homens, no Nepal e em Portugal, mais apontadas pelos trabalhadores nepaleses, são uma maior liberdade em Portugal (19), sobretudo das mulheres (vantagem) e, por outro lado, o facto de haver mais divórcios e maior "solidão" em Portugal e na Europa (desvantagem), do que no Nepal - Quadro CV (Anexo 2):

«Vantagens - os homens não podem bater nas mulheres e elas podem trabalhar fora de casa com mais facilidade, estudar... no Nepal, há muitos casos de tráfico [de mulheres]; Desvantagens - aqui não há casamentos por acordo familiar, mas esses casamentos têm algumas vantagens... permitem que haja harmonia na família alargada, um consenso, a mesma origem. Embora eu não pense muito em casar

aqui... acho que, quando quiser casar, irei ao Nepal [acordar com a minha família o casamento].»  
(entrevista do nº 7)

Sobre diferenças de educação entre meninos e meninas, no Nepal e em Portugal, os trabalhadores enfatizam que a educação, no Nepal, difere muito entre os dois sexos, e que a liberdade das meninas para estudar é um dos factores que mais atrai os pais nepaleses, a viverem em Portugal - Quadro CV (Anexo 2):

«Tenho um filho... aqui, aceita-se melhor a diferença e os meninos são muito estimulados. As meninas fazem tudo o que eles fazem, não há tabus.» (entrevista do nº 16)

Perguntámos, por fim, se a relação com os homens e mulheres mais velhos da sua família de origem, e com a família alargada em geral, mudou (e como), desde que saíram do Nepal: metade dos trabalhadores (15) diz que sim, e outra metade (15) afirma que não. De entre os entrevistados afirmando que não, muitos referem que, grande parte da família, já se encontra emigrada, ou que cresceram e foram educados, durante períodos extensos, fora do Nepal. De entre os respondentes que declaram que sim, as mudanças mais apontadas prendem-se com: uma maior liberdade, dada pela distância (para pensar diferente, fazer separações, etc.), a vinda de sogros para Portugal, o facto de a família no Nepal "reconhecer que [eles] sabem viajar e sobreviver sozinhos", o acesso ao estatuto de adulto, e um maior sentido de responsabilidade, ou maturidade, alcançados. Mas também são mencionadas mudanças como: alguma culpa, pela sobrecarga da família do homem emigrante (encarregue de sustentar a esposa deixada no Nepal), ou o cansaço pela sobrecarga de filhas mais velhas imigrantes em Portugal (encarregues de sustentar outras irmãs mais novas que permanecem no Nepal) - Quadro CVI (Anexo 2).

Sabemos que as mulheres nepalesas viajando sozinhas, separadas ou solteiras, enfrentam condições especialmente vulneráveis, em ocupações como a agricultura ou o trabalho sazonal<sup>269</sup>. Além da OMS, também o *World Bank Group* (2011) considerou as mulheres migrantes nepalesas como mais vulneráveis a lesões e doenças laborais, ou exploração laboral. No sentido de indagar sobre as condições ocupacionais, de saúde e integração, e sobre as redes comunitárias das imigrantes nepalesas em Lisboa, pudemos desenvolver uma pesquisa específica sobre questões de género (Pereira, 2016a)<sup>270</sup>, que

<sup>269</sup> As propostas de trabalho, com legalização na Europa associada, seduzem facilmente, inclusive, mulheres nepalesas que falam apenas um inglês rudimentar.

<sup>270</sup> Apresentada no âmbito da conferência internacional *Gender and Migration* IMISCOE/IGOT - Universidade de Lisboa (2016). Os objectivos dessa pesquisa foram: 1) perguntar de que modo as necessidades de saúde das mulheres nepalesas em Lisboa interagiam com as diversas dimensões dos seus processos de integração; 2) saber de que forma factores pessoais e socioculturais, as dinâmicas de casta



integrámos no nosso trabalho de campo (correspondendo, uma fatia dessas entrevistadas, a trabalhadoras e empresárias entrevistadas, igualmente, no âmbito desta tese). Alguns dos dados recolhidos, então, com o total de 17 entrevistadas<sup>271</sup> nepalesas encontram-se transcritos nos Quadros CXVIII e CXIX (Anexo 2). De modo a tornar possíveis, e interessantes, as comparações de resultados com Bajracharya (2015) e Miradouro Branco (2012), também adoptamos a tipificação de Heckmann, embora simplificada, para classificar alguns dados, respeitantes às questões de integração de 15 mulheres nepalesas entrevistadas (exceptuando as duas líderes), conforme detalha o Quadro CXIX (Anexo 2). Enquanto a maioria das entrevistadas revela uma razoável integração estrutural, elas encaram obstáculos e dificuldades na integração cultural, e língua. Contudo, integram-se facilmente em termos de crenças culturais ou religiosas, e celebração de festivais tradicionais. A integração interactiva não é muito difícil, com relação à sociedade portuguesa; no entanto, mulheres solteiras ou sozinhas enfrentam mais desafios para se integrarem na imigração nepalesa, dominada pelos homens - exº: não se deslocam sozinhas a cafés ou restaurantes nepaleses, só o fazendo em grupo, com outras mulheres. A integração estrutural, relacionada com o emprego, é mais bem-sucedida do que a integração estrutural ligada a assuntos legais, educacionais e ao sistema de saúde. Em termos de integração identificacional, a maioria das mulheres nepalesas entrevistadas planeia permanecer emigrada, embora elas não tenham a certeza se permanecerão em Portugal ou não. Elas mantêm contactos, muito regulares, com a família no Nepal e família-amigos noutros países<sup>272</sup> - têm redes, nomeadamente, na Bélgica, França, Dinamarca, Alemanha e Reino Unido. Quanto às questões de saúde, e apesar de o sistema de saúde poder ser considerado como parte da integração estrutural, propomos que as necessidades enfrentadas pelas mulheres nepalesas, a esse nível, poderão ser discutidas como um exemplo de um domínio específico, no qual convergem

---

visíveis (interferindo com os papéis de género e casamentos), o *background* étnico e a região de origem mediavam os desafios colocados à saúde das mulheres nepalesas em Lisboa. Mais especificamente, procurámos verificar de que modo os resultados obtidos, relativamente à integração de mulheres nepalesas, se comparavam com os resultados encontrados por Bajracharya (2015) e Miradouro Branco (2012) ao estudarem a imigração nepalesa em Lisboa. Tentámos ainda observar até que ponto os desafios à saúde eram um indicador importante, ao avaliarmos a integração das mulheres nepalesas imigrantes em Portugal. Efectuámos, para isso, 15 entrevistas semi-estruturadas com mulheres nepalesas imigrantes em Lisboa há mais de dois anos e duas entrevistas em profundidade adicionais, com actores-chave (duas líderes comunitárias em Lisboa), sobre os tópicos de integração e saúde das mulheres nepalesas em Lisboa.

<sup>271</sup> As mulheres nepalesas entrevistadas nessa pesquisa tinham chegado a Portugal através do Nepal, Espanha, França, Dinamarca, Bélgica, Alemanha, Suíça, Dubai, Israel, Singapura e Reino Unido.

<sup>272</sup> Não é incomum encontrar membros da mesma família nuclear dispersos por três continentes diferentes.



a integração cultural, interactiva, estrutural e identificacional destas mulheres, determinando os resultados e o seu estado de saúde geral<sup>273</sup>. Diversas mulheres reportaram acidentes e doenças ocupacionais - exº: Verónica (28 anos) teve problemas de saúde graves, relacionados com a sua ocupação. Muitas, tinham dúvidas sobre saúde feminina e reprodutiva, ou a saúde dos seus bebés e crianças. Quanto melhor a integração estrutural e interactiva destas mulheres, melhor a sua condição de saúde geral. Por outro lado, os tipos de integração cultural e crenças religiosas medeiam quão frequentemente, e por que razões, as mulheres recorrem aos curandeiros e sacerdotes tradicionais - tanto directamente em Lisboa, como por via de contactos com as suas famílias de origem no Nepal.

A *Nepalese Women's Society-Portugal* é uma organização que fornece treino e oportunidades de formação, ligações a amas, contactos internacionais e aconselhamento, às mulheres e suas famílias (exº: vistos, alojamento); porém, também acompanha problemas relacionais (exº: casamento e divórcio)<sup>274</sup>. Há, pelo menos, três outros grupos de mulheres nepalesas em Lisboa, incluindo o *self-help group* (que fornece apoio financeiro e empréstimos, se necessário) e um grupo de mães. A nossa experiência de campo e as entrevistas feitas com mulheres nepalesas, e com as representantes da *Nepalese Women's Society* em Lisboa, revelam obstáculos importantes às iniciativas de suporte desenvolvidas pelos grupos de mulheres<sup>275</sup>. Estes dados sugerem não só que mulheres solteiras e sozinhas enfrentam dificuldades de integração na imigração nepalesa em Lisboa, como também que as mulheres liderando os grupos femininos enfrentam processos de hostilização particulares<sup>276</sup>. É possível que as barreiras à integração na sociedade portuguesa como um todo, às quais estão sujeitos os imigrantes nepaleses em Lisboa, possam, eventualmente, exacerbar a natureza patriarcal da

---

<sup>273</sup> Ao contrário de alguns homens nepaleses entrevistados anteriormente, as mulheres jovens não pareciam enfrentar problemas de saúde relacionados com adicção ao álcool, drogas ou jogo compulsivo (todos comportamentos reprimidos no Nepal) - já que as normas e prescrições comportamentais são mais rigorosas no caso das mulheres, mesmo fora do Nepal. As doenças de rins são muito frequentes na imigração nepalesa em geral, por razões hereditárias e genéticas.

<sup>274</sup> Promovia programas de boas-vindas para novas mulheres nepalesas imigrantes em Lisboa, fornecendo todas as informações básicas que desempenhavam um papel na sua integração, e servia como um importante grupo de suporte emocional e rede de amizades, para as mulheres.

<sup>275</sup> As conselheiras da *Society* são apelidadas, por uma fatia da imigração nepalesa, de "destruidoras de casamentos" e acusadas de "quebrarem lares", ou de "não respeitarem a cultura nepalesa suficientemente, uma vez que querem ajudar outras mulheres a obter um divórcio".

<sup>276</sup> Apesar de a sua atitude ser a oposta: elas fornecem um apoio emocional importante, mas são extremamente cautelosas no que diz respeito a questões relacionadas com divórcios - em parte, devido ao estigma (ainda) associado ao divórcio, na sociedade nepalesa.

estrutura comunitária, e a obediência desta a um sistema de castas que reconstrói o que existe na origem<sup>277</sup>.

No que concerne a uma comparação com os resultados obtidos por Bajracharya (2015), as integrações estrutural e identificacional também são altamente valorizadas pelas nossas entrevistadas - porém, a independência no trabalho, ou mesmo a vantagem feminina relativa, em termos de salários dentro do casal, eram frequentemente escondidas das famílias alargadas. As mulheres em Lisboa indicam a educação, a reunificação familiar (marido) e o trabalho como as principais razões para a sua migração e, curiosamente, apontam não apenas a língua mas, igualmente, os problemas nas relações íntimas (integração interactiva) como principal fonte de ansiedade, e como um grande obstáculo à sua própria integração. Muitas, consideram as tentativas dos imigrantes nepaleses (tanto de homens, como de mulheres) para adoptarem hábitos europeus como causa basilar de problemas relacionais e desentendimentos matrimoniais, uma vez que não conseguirão equilibrar um estilo de vida ocidental com certas tradições culturais nepalesas - encarados, por elas, como incompatíveis e contrastantes de formas indeléveis<sup>278</sup>. A maioria das respondentes sentem-se

<sup>277</sup> De facto, obstáculos diversos encarados pelas imigrantes nepalesas em Lisboa, e pelos grupos de mulheres imigrantes, erguem-se e surgem *de dentro* da própria comunidade: das suas redes, sistemas de casta e étnicos, relações de conhecimento e amizade, ligações ao país de origem e regras morais-sociais transportadas para (ou adoptadas) pela imigração no país de acolhimento. As dinâmicas de casta são visíveis e afectam as redes imigrantes, as relações de negócio, as escolhas ocupacionais, os níveis educativos, os papéis de género, os casamentos, a tolerância ao divórcio, ou simplesmente a forma como os viúvos reconstróem as suas vidas.

<sup>278</sup> Criticamente, esta posição da maioria das mulheres nepalesas entrevistadas poderá ser questionada: afinal, parece, segundo este ponto de vista, condenável que um(a) imigrante nepalês(a) procure encontrar um equilíbrio (descrito sempre como "impossível" e "inalcançável" - será?) entre as tradições e hábitos culturais do seu país de origem e as práticas correntes no destino: onde habita, trabalha e tem família. A tentativa de fazer esse compromisso é, portanto, desencorajada à partida - o que, no nosso entender, levanta uma série de problemas. Ou seja, esta posição deixa implícito que os indivíduos são pouco maleáveis (ou que a sua vontade individual é muito menos importante do que as práticas culturais grupais herdadas), e que a sociedade de destino tem hábitos pouco ou nada aceitáveis para a sociedade de origem e para a imigração nepalesa no destino, sendo isso imutável - o que implicaria também sociedades estáticas, inflexíveis e inalteráveis, tanto no ambiente de destino, quanto no país de origem. Como se as histórias individuais tivessem um peso quase nulo nos processos de adaptação e integração migrante. Tal posição deixa ainda transparecer que a única via "aceitável" para a "integração" aconteceria por meio das estruturas e organizações da imigração nepalesa no destino ou, então, restaria aos imigrantes enfrentar o ostracismo. Isto é, esta perspectiva corresponde a alguma rigidificação nos processos de acolhimento e nas estruturas comunitárias nepalesas em Lisboa. O acolhimento e integração, ou são feitos por meio dos "grupos oficiais" que "ressocializam" os indivíduos (incluindo os grupos de mulheres que "guiam" as nepalesas recém-chegadas), ou não são feitos de todo - e, nesse caso, os imigrantes nepaleses são deixados por sua conta, sem suporte ou validação comunitária. Este é um tipo de discurso internalizado e reproduzido pelas próprias líderes dos grupos de mulheres - a ideia de que a não-pertença ou não-participação no grupo representa uma séria desvantagem para as mulheres. Ainda que, contraditoriamente, reforçada depois, pela constatação de que as próprias líderes dos grupos de mulheres são "mal-faladas" por uma fatia da imigração nepalesa em Lisboa - reiterando, pois, o seu "estoicismo". Ora, é sabido a partir do estudo de processos grupais: estratégias que tais (sublinhando as provações que

empoderadas pela percepção de serem "mais livres e independentes" na Europa, do que no Nepal (integração identificacional); o que, teoricamente, facilitará a iniciativa individual, e atitudes mais autoconfiantes. Mas as mulheres mais religiosas e com níveis mais baixos de integração cultural e estrutural, tendem a não confiar nos médicos ou instituições portuguesas - preferindo, mesmo para condições graves e delicadas, o aconselhamento de curandeiros e astrólogos tradicionais (muito popularmente consultados no Nepal, pela generalidade da população), quer estes "pratiquem" em Lisboa, quer no país de origem<sup>279</sup>. Em conclusão, os resultados obtidos, respeitantes à integração de mulheres nepalesas em Lisboa, maioritariamente confirmam os resultados prévios de Miradouro Branco (2012) e Bajracharya (2015). Os nossos dados sugerem também que mais mulheres estão a chegar sozinhas, ou a tornar-se a principal fonte de rendimento para o seu lar em Lisboa, ou para a sua família de origem no Nepal.

## 6.7 Perspectiva Comparativa em Relação a Outras Imigrações

### 6.7.1 Imigrações Sul-Asiáticas em Portugal

Em termos de comparações úteis com outras imigrações sul-asiáticas residentes em Portugal, nomeadamente em Lisboa, os Quadros 6.14, 6.15 e 6.16 sintetizam alguns aspectos a reter, sobre estas últimas:

**COMPARAÇÕES ÚTEIS: IMIGRAÇÕES  
SUL-ASIÁTICAS EM LISBOA**

**➡ IMIGRAÇÃO INDIANA**

- Ávila e Alves (1993): 4 Grupos / Hindus, Islâmicos (Incluindo Paquistaneses), Ismaelitas e Goeses. A religião como principal elemento coesivo, matizada por raça, etnia, herança simbólico-cultural e casta/classe social;
- Centralidade das "Sociedades de Comércio" de Base Familiar;
- Associações Como Local de Culto e de Convívio, Não Reivindicavam Activamente os Seus Direitos;
- Hindus-Gujaratis em Lisboa: Bastos e Bastos (2001), Malheiros (2008), Lourenço (2010), Roxo (2010), Cachado (2012-2013), entre outros....

os líderes do grupo passam) servem apenas para aumentar o estatuto de quem "se sacrifica pelo grupo", levando esses membros a contribuir mais, e reforçando a coesão grupal em determinadas circunstâncias (Berger et al., 1985; Ball et al., 1996, 1998; Willer, 2009).

<sup>279</sup> Os dados recolhidos, relativamente à integração e saúde das mulheres imigrantes nepalesas em Portugal, indicam que a saúde das mulheres e a sua condição física/mental geral são dimensões importantes, embora frequentemente descuradas, relacionadas com a avaliação do sucesso da integração global das mulheres nepalesas.

### ➤ IMIGRAÇÃO BANGLADESHIANA

- **Mapril (2005, 2008):** identidade **Muçulmana e Bengali**, pertença étnico-linguística influi no modo como o Islão é percepcionado;
- **Grupos da Mesquita do Marlim Moniz e da Mesquita Central de Lisboa, "Reformistas" e Tradicionalistas", Além de Todos os Partidos Políticos Representados (Secularistas e Islamistas);**
- **Reforço dos discursos nacionalistas e do Estado-Nação em relação com o transnacionalismo migrante, redes políticas transnacionais, associações ligando migrantes à origem e ao destino por via de "Políticas de Homeland" e "Políticas de Imigração";**
- **Não Elegem Deputados, ao Contrário da Diáspora Nepalesa. Menor Participação das Mulheres na Vida Profissional Activa do Que no Caso Nepaiês, e Mais Restrições Sociais.**

### ➤ IMIGRAÇÃO CHINESA

- **Silva dos Santos (2011):** norma cultural da família como centro da organização social chinesa (redes sociais com famílias de até 100 elementos). Não verificou correlações significativas entre a constituição das redes e o número de anos de permanência em Portugal – portugueses nas redes: raríssimos.
- **Belo Nunes (2014):** Grupo Budista da Comunidade Chinesa em Lisboa (com ligações a Taiwan) e suas actividades educativas, religiosas e culturais, de promoção dos direitos das mulheres e jovens.

#### **Quadros 6.14, 6.15 e 6.16 - Comparações Úteis Com Outras Imigrações Sul-Asiáticas Residentes em Lisboa** Elaborado pela autora, 2018

Verificamos que, na imigração indiana em Lisboa (Ávila e Alves, 1993), predominam as sociedades de comércio de base familiar (há menos ênfase na pertença étnica do que no caso nepalês), mas as associações não reivindicam activamente direitos (ao contrário das associações nepalesas). A imigração bangladeshiana (Mapril, 2005, 2008) não elege deputados (ao contrário da nepalesa); porém, existem, no seu seio, fenómenos de transnacionalismo migrante e nacionalismo de longa-distância, comparáveis aos da imigração nepalesa. Para a imigração chinesa em Lisboa (Silva dos Santos, 2011), a família é o centro da organização social: a grupo étnico e a região de origem não têm, portanto, tanto impacto nesse caso, como no caso nepalês.

#### 6.7.2 Imigrações Nepalesas e Sul-Asiáticas na Europa

Waldinger et al. (1985, 1990, 2004) compararam grupos de imigrantes distintos, numa mesma sociedade de acolhimento, com o objectivo de elucidar a influência do contexto económico de recepção, e de aspectos macroestruturais, nas iniciativas empresariais imigrantes, à luz do seu modelo interaccionista: enfatizaram, portanto, a "estrutura de oportunidades". Criticando Waldinger, os autores Light e Gold (2000) sublinharam que apenas uma análise transversal das comunidades imigrantes, que

partilhassem uma mesma nacionalidade, em contextos distintos, possibilitaria que se esclarecessem, com rigor, os determinantes contextuais (oportunidades e constrangimentos) do empresarialismo imigrante, incluindo a influência do contexto económico no destino - o lado da procura (Reis Oliveira, 2017). Permitimo-nos, aqui, acrescentar que esta comparação transversal possibilitará, simultaneamente, determinar o peso análogo dos factores e recursos étnicos, para imigrantes pertencentes a uma mesma nacionalidade multiétnica, através de contextos de recepção diferenciados.

David Gellner e Bal Gopal Shrestha (2011, 2012, 2013)<sup>280</sup>, ou Mitra Pariyar (2013)<sup>281</sup>, estão entre os pouquíssimos investigadores que compararam imigrações nepalesas em diferentes países europeus, até à data de hoje. Eles descreveram diferenças relevantes entre a imigração nepalesa em Inglaterra (aderência mais rígida aos sistemas de casta, ou "ressuscitação" desses sistemas na diáspora) e a imigração nepalesa na Bélgica (muito maior fluidez, com unidade entre diversos grupos). Estas diferenças foram atribuídas, não apenas ao tamanho dessas imigrações, mas também às políticas de legalização seguidas em cada país, e aos requisitos para conseguir documentação, exigidos por governos locais distintos. A imigração nepalesa em Inglaterra foca-se na inserção no mercado de trabalho, mesmo em condições precárias, como estratégia de integração (K. Adhikari, 2012). Comparativamente, os sikhs em Inglaterra (Lacroix, 2016) ou a imigração hindu (tanto Gujaratis, como nepaleses) de Antuérpia (Bélgica), possuem mais recursos e melhor condição social média (Roos, 2014; Gallo, 2014). Em Itália, e apesar da rejeição, descrita por Ambrosini (2013), de políticas oficiais, para fomentar e integrar uma sociedade multiétnica, autoras como Caponio sublinharam, já em 2005, a influência das associações imigrantes (incluindo as nepalesas) e suas redes, nalgumas cidades italianas específicas. Na Dinamarca, Valentin (2015) analisou, especificamente, a educação transnacional dos estudantes nepaleses, que frequentavam estabelecimentos de ensino no país<sup>282</sup>.

### 6.7.3 Imigrações Nepalesas e Sul-Asiáticas no Mundo

Outras imigrações nepalesas no mundo foram descritas por autores como Adhikari e Holey (2015) no Golfo Pérsico; Sijapati (2010), Mishra (2011), Riddle e Brinkerhoff

<sup>280</sup> ISCA, Oxford.

<sup>281</sup> COMPAS, Oxford e MacQuarie University, Sidney, Austrália.

<sup>282</sup> Em Portugal, alguns estudantes nepaleses, do Programa de Mestrado *MFAMILY Erasmus Mundus*, no qual o ISCTE-IUL se encontra integrado, têm documentado e pesquisado, nos últimos anos, diversos aspectos relativos às dinâmicas familiares, estilos parentais, questões de género e segunda geração de imigrantes nepaleses em Portugal - sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Doutora Marias das Dores Guerreiro e da Prof.<sup>a</sup> Doutora Cláudia Pereira.

(2011), Barrie (2014) ou Shimkhada (2014) nos Estados Unidos; Kirupallini (2013) em Singapura; Chamberlain (2010) na Tailândia; ou De Maio et al. (2014) e Tinè (2017) na Austrália. Estes autores centraram-se, com poucas exceções, em questões de integração e assimilação, aspectos ligados à preservação da identidade cultural e da língua, num país estrangeiro, ou no estudo da juventude nepalesa nesses países e seus laços transnacionais, em especial a sua ligação ao Nepal. Contudo, sob o nosso ponto de vista, estudos comparativos entre as imigrações nepalesas na Europa e as imigrações nepalesas nos EUA, Canadá ou Austrália permitiriam que ponderássemos determinantes contextuais mais diversificados, encontrando semelhanças e diferenças relativamente ao empresarialismo nepalês, que se manifesta em diversos países europeus. Sendo verdade que o contexto europeu é marcado por um maior peso do Estado e um peso mais relativo do mercado do que, por exemplo, a América do Norte (Reis Oliveira, 2017), cabe-nos, no entanto, sublinhar a possibilidade de continuarmos a avaliar a importância comparada dos recursos étnicos (dada a natureza multiétnica dos migrantes que partilham uma origem nepalesa), através de contextos de recepção muito diferenciados.

## **6.8 Conclusões Relativas aos Resultados no Capítulo 6**

Finalizamos este capítulo extraindo uma série de conclusões, a partir dos nossos dados: a imigração nepalesa com destino a Portugal é, maioritariamente, recente (a partir de 2009), e as razões do influxo com destino ao nosso país são várias, incluindo aspectos ligados à legalização e ao contexto económico na origem. No destino, o contexto legal e institucional coloca uma série de obstáculos relacionados com a inserção no mercado de trabalho, com a língua-cultura, e barreiras ao empresarialismo migrante. Há fortes indícios de que uma fatia da imigração nepalesa em Portugal é absorvida pelo mercado de trabalho informal. Entre os obstáculos, no acesso dos empresários nepaleses ao financiamento formal via sistema bancário nacional, encontram-se as dificuldades de legalização e a necessidade de fiadores, ou a apresentação de planos de negócios muito detalhados, escritos em língua portuguesa. Em termos de redes de sociabilidade (comunitárias, étnicas, familiares), vimos como estas se inserem, na maioria dos casos, em campos sociais transnacionais. Muitos dos imigrantes localizam a sua rede de segurança pessoal no Nepal, onde as relações familiares e de amizade servem de segurança simbólica, durante o seu processo de transição para Portugal. Existe reconstituição quotidiana de laços familiares e de amizade, através do tempo e do espaço - tal como observado por Sijapati (2010), para os



jovens nepaleses imigrantes nos EUA. Quanto às questões de género na imigração nepalesa, indicámos os principais obstáculos à integração das mulheres nepalesas, no destino. Em termos de transnacionalismo económico na imigração nepalesa em Lisboa, apontámos aspectos gerais da indústria da migração, empresas, comércio étnico, e esforços encetados, para o desenvolvimento do país de partida. Enfim, comparando a imigração nepalesa residente em Lisboa com outras imigrações nepalesas na Europa, poderemos concluir que, a primeira, tende a adoptar uma estratégia de integração pela inserção laboral, tal como sucede em Inglaterra ou Itália - muito embora, em Portugal, haja frequentemente, como objectivo específico, a legalização no espaço europeu. No Capítulo 7, analisaremos, com maior detalhe, os resultados obtidos para trabalhadores e empresários nepaleses em Lisboa, nomeadamente no que concerne aos aspectos relacionados com as questões de economia étnica e transnacionalismo.



## Capítulo 7: Economia Étnica e Transnacionalismo Económico

### 7.1 Transnacionalismo Económico

O transnacionalismo económico surge associado a actividades, estratégias e instituições económicas de natureza transnacional, e às transformações que elas promovem, contextualizadas em campos sociais mais vastos: os fluxos financeiros, o financiamento e investimento dos empresários, bem como a amplitude de remessas dos indivíduos, o tipo e grau de empreendedorismo, as empresas étnicas transnacionais, os negócios ligando comunidades étnicas entre elas e ao Nepal, ou a ajuda ao desenvolvimento do país de origem. Seguiremos, nesta secção, a definição de actividades transnacionais de Portes, que supõe a existência de "engajamentos regulares" de cariz económico.

#### 7.1.1 Indústria da Migração

A migração internacional representa, no caso do Nepal, uma indústria fulcral: a diáspora nepalesa contribui, anualmente, com aproximadamente 30% do PIB nepalês, tendo esse valor aumentado durante o ano de 2015<sup>283</sup> (CBS, 2016). Gammeltoft-Hansen e Sorensen (2013) sublinharam a exploração crescente do desejo de migrar, a sua comercialização e capitalização, através de empresas especializadas em migração laboral. No caso nepalês, pudemos constatar a existência de tais empresas especializadas no recrutamento a partir da origem, sobretudo para o sector primário (agricultura) em Portugal - muitas vezes, envolvendo diferentes tipos de intermediários, como políticos ou líderes comunitários nepaleses, tornados empresários. Por outro lado, os grandes empreendedores nepaleses, em Portugal, beneficiam também de algumas vantagens fiscais e económicas no Nepal, onde o governo procura captar investimentos, dirigir fluxos financeiros e promover diferentes empreendimentos, dos nepaleses emigrados. A própria "indústria da migração informal" nepalesa articula-se, em Lisboa, com empresas étnicas que informam, auxiliam e promovem a legalização, o alojamento, o emprego, o transporte, ou a reunificação familiar. E também os negócios montados no Nepal podem expandir-se às migrações nepalesas na diáspora. Entre os agentes da indústria da migração contam-se, segundo Gammeltoft-Hansen e Sorensen (2013), as grandes empresas transnacionais e as pequenas empresas étnicas, as agências e

---

<sup>283</sup> Em virtude dos terremotos que se fizeram sentir no país e da crise humanitária, agravada pelo bloqueio económico não-oficial ao Nepal, imposto pela vizinha Índia (até Fevereiro de 2016) - na sequência da aprovação da nova Constituição Nepalesa de 2015.

empresas que facilitam o acesso à migração legal, os actores clandestinos, as associações imigrantes e as ONGs. Todos estes estão activos e são dinâmicos, no caso da imigração nepalesa em Portugal - desde as grandes empresas transnacionais e multinacionais que recrutam mão-de-obra, até aos actores clandestinos que se articulam em redes de tráfico humano, ou vivem paralelamente a elas, com fins de exploração laboral. Além disso, a "indústria dos fluxos financeiros e remessas", que se encontra associada à "indústria da migração", pode, nalgumas circunstâncias, facilitar imigração adicional, a partir do Nepal - muitos empresários nepaleses em Lisboa exploram, em correlação com outros negócios, casas de *money transfer*, ou de câmbios e transferências monetárias entre países, que facilitam o envio de remessas e a recepção de financiamento (tal como as ONGs familiares com delegações em diferentes países).

### 7.1.2 Empresas e Comércio Étnico

Abordaremos, em seguida, alguns tópicos de realce, ligados às empresas e comércio étnico, nomeadamente ao financiamento, ao empreendedorismo migrante (pequeno e grande), e ao comércio internacional relacionado com a migração.

#### 7.1.2.1 Financiamento

O financiamento das empresas étnicas e do comércio étnico nepalês em Portugal, dá-se por meio de estruturas intermediárias de suporte, nomeadamente, por via de um conjunto de financiadores coétnicos (pertencentes ao mesmo grupo étnico); ou, alternativamente, pertencentes à mesma região geográfica de origem, no Nepal, que os proprietários das empresas e negócios em Portugal. Com frequência, os próprios financiadores das empresas são imigrantes, em países economicamente mais desenvolvidos do que Portugal - esta via de financiamento inclui as sociedades e os empréstimos informais. Uma outra via de financiamento das empresas e negócios nepaleses em Portugal, é a utilização de poupanças pessoais e familiares, ou a venda de propriedades e prédios familiares no Nepal - pela nossa experiência de contacto com a imigração nepalesa em Lisboa, esta estratégia é, por cá, muito frequente<sup>284</sup>. Uma terceira via de financiamento de empresas nepalesas em Portugal, consiste na utilização das ONGs familiares ou coétnicas, e das redes facultadas pelas associações nepalesas, presentes no nosso país, para dirigir fluxos de capital que financiem os negócios. Uma

<sup>284</sup> Apostando na obtenção de um número de segurança social e de uma autorização de residência, em Portugal (a médio-prazo), e visando a permanência no espaço europeu, muitos nepaleses em Lisboa investem poupanças de anos, ou desfazem-se de valiosa propriedade pessoal e familiar no Nepal (por vezes, já comprada usando remessas de familiares imigrados noutros países), com o objectivo de garantir uma permanência em Portugal, por via da criação do próprio negócio ou empresa.

quarta via de financiamento são os empréstimos formais; menos correntes, mas não incomuns nas famílias estabelecidas há mais tempo, em Portugal e na Europa. E, enfim, uma quinta via de financiamento dos negócios, consiste na captação de recursos, disponibilizados por entidades e programas oficiais, nacionais ou internacionais.

#### 7.1.2.2 Empreendedorismo Migrante

Em relação ao empreendedorismo migrante, distinguiremos, em seguida, as características do pequeno empreendedorismo de base coétnica e familiar, e as particularidades do grande empreendedorismo nepalês em Lisboa.

##### 7.1.2.2.1 O Pequeno Empreendedorismo de Base Coétnica e Familiar

Segundo dados disponíveis no Reino Unido, em 2008, menos de 4% da imigração nepalesa activa no mercado de trabalho era empreendedora - embora essa percentagem tenha vindo a crescer consistentemente na última década, com o aumento da população local de imigrantes nepaleses (CNSUK, 2008; Laksamba, Dhakal e Holford-CNSUK, 2012). Já o pequeno empreendedorismo migrante, em Portugal (priorizando o estabelecimento de negócios com coétnicos e com indivíduos provenientes da mesma região geográfica de origem, no Nepal), é uma estratégia muito procurada pela imigração nepalesa em Lisboa, com vista à obtenção de um número de segurança social, e no sentido de seguir os trâmites requeridos à legalização - embora não nos seja possível, com os dados de que dispomos, quantificá-la com precisão, e proporcionalmente à totalidade da população imigrante nepalesa activa, em Lisboa. É possível, no nosso entender, que o empreendedorismo, como estratégia muito procurada em Lisboa, decorra, em parte, de obstáculos à adaptação e integração, colocados pelo contexto de chegada e pela língua portuguesa. Segundo os dirigentes da NRNA em Lisboa, existiam, na área metropolitana da capital e em 2016, uma centena de restaurantes, poucas centenas de mercearias, dez salões de beleza, assim como vários cabeleireiros e lojas de roupa nepalesas (NRNA, 2016).

Atendendo aos nossos dados, é mais frequente que os jovens nepaleses, que chegam a Lisboa, comecem por encontrar trabalho no negócio de um familiar ou coétnico<sup>285</sup> para, só mais tarde, abrirem o seu próprio negócio (com o suporte das redes familiares e comunitárias locais, ou europeias). A grande maioria dos negócios nepaleses em Lisboa

---

<sup>285</sup> Excepto se foram recrutados directamente no Nepal, para empresas agrícolas no Sul de Portugal. Nesses casos, o recrutamento ocorre por via de empresas de recrutamento intermediárias - propriedade de portugueses, nepaleses, ou de sócios com diversas nacionalidades. Registamos, ainda, vários casos de recrutamento ligado a redes de tráfico laboral.

corresponde, em todo o caso, a pequenas empresas de base familiar e coétnica: 83% dos empresários nepaleses, por nós entrevistados, têm negócios com até 15 empregados, e 28 negócios empregam seis trabalhadores, ou menos. A esmagadora maioria dos negócios nepaleses, contabilizados no Reino Unido, também tinha uma dimensão pequena ou média, e concentrava-se especificamente em Inglaterra (por detrimento do País de Gales, Escócia ou Irlanda do Norte), sendo que 45% deles dedicavam-se à restauração, 22% eram supermercados ou mini-mercados, 17% institutos educacionais, 16% tratavam de assuntos ligados à imigração e legalização, 16% eram agências de viagens, e outros 16% correspondiam a uma combinação de negócios diferentes (CNSUK, 2011; Laksamba, Dhakal e Holford-CNSUK, 2012).

#### 7.1.2.2.2 O Grande Empreendedorismo

Diferentemente do Reino Unido, os nossos dados apontam para a conclusão de que o grande empreendedorismo nepalês não só opera, em Portugal, dispersando-se pelo território (mantendo interesses e negócios no Norte e Sul de Portugal, além de Lisboa), como ocorre no sector primário (empresas agrícolas), além do sector terciário (empresas dos ramos da hotelaria, restauração e supermercados). Entrevistamos, em Lisboa, dois empresários agrícolas com 67 e 150 trabalhadores nas suas empresas, dois empresários da hotelaria com 92 e 100 empregados, além de um outro empresário da restauração, que emprega 26 trabalhadores. Entre os factores identificados, que mais contribuem para o crescimento, expansão e grande dimensão adquirida por uma (pequena) fatia dos negócios nepaleses em Lisboa, contam-se o facto de estes grandes empresários: a) estarem há mais tempo em Portugal; b) terem estatuto legal no nosso país; c) pertencerem a certos grupos étnicos, e castas nepalesas elevadas; d) desempenharem, simultaneamente, cargos de liderança comunitária e nas associações nepalesas ou, até, cargos diplomáticos; e) terem níveis educativos elevados; f) possuírem boas redes de contactos, tanto entre a imigração nepalesa em Lisboa, quanto na sociedade portuguesa alargada; g) terem redes familiares, também elas, economicamente inseridas em Portugal, e noutros países da Europa; e h) disporem de um acesso mais facilitado (ou comparativamente privilegiado) ao crédito formal: tanto em Portugal, quanto noutros países europeus. Ou seja, eles têm podido mobilizar tanto recursos étnicos, quanto de classe (Light e Gold, 2000), no desenvolvimento dos seus negócios.

#### 7.1.2.3 Comércio Internacional Relacionado com a Migração

O comércio internacional tende a implicar mais custos e factores de produção menos móveis (privilegiando, assim, normalmente, a compra e venda de bens e serviços),

enquanto os laços com países terceiros estão entre os determinantes sociais da actividade económica migrante. Relativamente às dinâmicas identificadas em Lisboa, elas demonstram que a imigração nepalesa possui redes coétnicas e familiares de comércio europeu e internacional bem estabelecidas, que envolvem quer a importação-exportação de produtos e serviços, quer a produção de bens agrícolas em Portugal, e sua posterior exportação para outros países na Europa - frequentemente, com recrutamento associado de mão-de-obra (directamente no Nepal, para áreas rurais em Portugal<sup>286</sup> ou Espanha). Podemos indicar que, de modo geral, os tipos de negócios nepaleses, em Lisboa, mais implicados no comércio internacional, são: a produção e comercialização de produtos agrícolas, a hotelaria, o imobiliário, as agências de viagens e os negócios ligados ao *money transfer* e telecomunicações, bem como a actividade *import-export* associada a supermercados e mercearias, ou a restaurantes nepaleses, italianos e "sushi" (todos explorados por empresários nepaleses). No caso dos produtos agrícolas (como framboesas, mirtilos e morangos - ou outras frutas, vegetais e malaguetas originariamente nepalesas, produzidos em Portugal e Espanha), eles são exportados pelos empresários nepaleses de Lisboa sobretudo para outros países europeus, como: Espanha, Reino Unido, Bélgica, Holanda, Alemanha, França e Dinamarca.

### 7.1.3 Desenvolvimento, Incluindo Remessas

No que concerne ao desenvolvimento do país de origem, incluindo os fluxos financeiros ou de capital, produtos, mão-de-obra e remessas, a partir de Lisboa, com destino ao Nepal, importa salientar o seguinte:

- a) os entrevistados revelam (por exemplo através da pertença a ONGs com actuação no Nepal), que o esforço de desenvolvimento da origem é transnacional, articulado e multipolarizado;
- b) 25 dos empresários entrevistados em Lisboa declaram participar directamente na ajuda ao desenvolvimento do Nepal - através de investimentos, da participação com capital em fluxos financeiros com fins produtivos, dos donativos, e das actividades de *lobbying*, usadas para captar investimento em países europeus;
- c) os trabalhadores nepaleses em Lisboa têm relações mais ambivalentes com a origem, e enviam principalmente remessas (16) e produtos (15) para o Nepal.

<sup>286</sup> Como o trabalho agrícola é sazonal, em Portugal, essas contratações implicam, com frequência, um retorno dos trabalhadores a Lisboa durante os meses mais duros do Inverno (Dezembro-Março), quando o trabalho no campo escasseia: para descanso, para tratarem de assuntos burocráticos e/ou com vista à procura de uma ocupação temporária, na cidade. De acordo com o Consulado Nepalês em Lisboa (2017), mais de metade dos nepaleses imigrantes em Portugal trabalham na agricultura.

## 7.2 Empresas Étnicas e Transnacionalismo

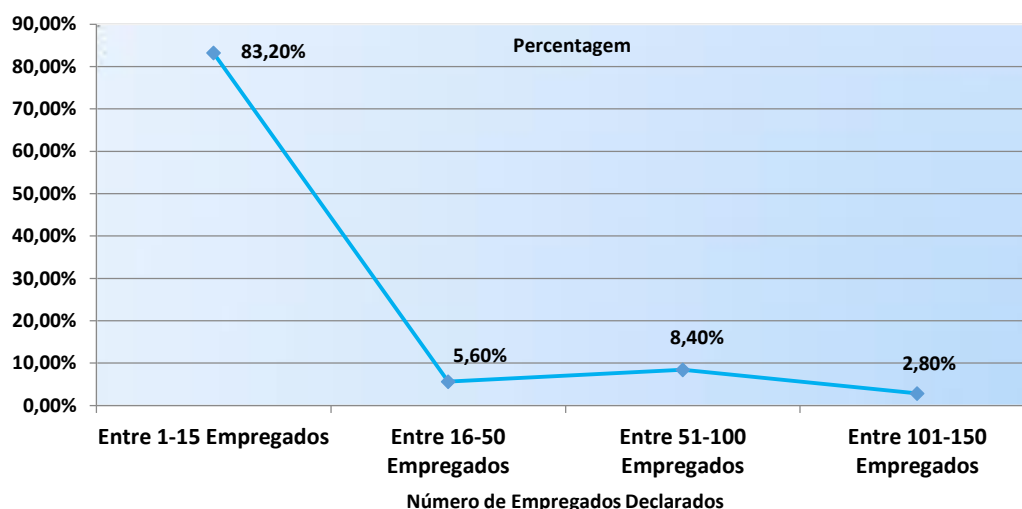
### 7.2.1 Caracterização das Empresas

#### 7.2.1.1 Heterogeneidade

O Gráfico XXXIV (Anexo 3) expõe, por ordem decrescente de percentagens, as áreas de actuação dos empresários entrevistados, incluindo múltiplas áreas de negócio. Destaca-se a polivalência e a flexibilidade destes empresários (a maioria deles tem experiência em várias áreas de negócio), mesmo daqueles com empresas de pequena dimensão, assim como algumas combinações inusitadas de sectores de actividade, pelos mesmos empresários. Ou seja, quando não há concentração dos negócios, há polivalência (ou até ambas), procurando assegurar uma diversidade de produtos e serviços (pluriactividade). Ainda que a restauração, supermercados e hotelaria possam constituir a fonte de receitas primária da maior parte dos empresários, eles prospeccionam áreas de mercado emergentes (sobretudo relacionadas com o turismo em Lisboa) e procuram, além disso, suprir as necessidades básicas da imigração nepalesa na capital, abrindo novos serviços e fornecendo bens essenciais.

#### 7.2.1.2 Número de Empregados

Quanto ao número de empregados declarados pelos empresários, ele oscila bastante: entre 150 trabalhadores e dois empregados - num total de 584 trabalhadores representados, em relação directa com os 36 empresários nepaleses. A média aritmética sem ponderação será, portanto, de 16 empregados, por cada um dos empresários entrevistados. Porém, a maioria dos negócios é de pequena dimensão, ou familiar (há 28 negócios com seis empregados ou menos). Já as empresas agrícolas empregam, respectivamente, 67 trabalhadores e 150 trabalhadores, enquanto dois empresários hoteleiros desenvolvendo negócios em diversas áreas têm, respectivamente, 92 e 100 trabalhadores, cada um. Simultaneamente, na área da restauração, um negócio inclui 20 empregados e, um outro, 26 trabalhadores - Quadro XL (Anexo 2) e Gráfico XXXV (Anexo 3). Vemos aqui, claramente, que a esmagadora maioria dos negócios tem até 20 empregados. O Gráfico 7.1 resume os dados respeitantes à percentagem de empregados, declarados pelos empresários nepaleses, em função do tamanho dos negócios respectivos:



**Gráfico 7.1 - Número de Empregados Declarados Pelos Empresários Nepaleses Entrevistados, Em Percentagem e Em Função do Tamanho dos Negócios Respectivos (N=36)**  
Elaborado pela autora, 2018

O Quadro XLI (Anexo 2) cruza a dimensão dos negócios com as áreas de actuação e sector produtivo: os empresários com negócios de maior dimensão desenvolvem múltiplas actividades no sector terciário, ou combinam o sector primário com o sector terciário. Com até 15 empregados, 83,2% destes negócios têm pequena escala ou uma natureza familiar, servindo, de acordo com os próprios entrevistados, essencialmente, propósitos de sobrevivência e legalização:

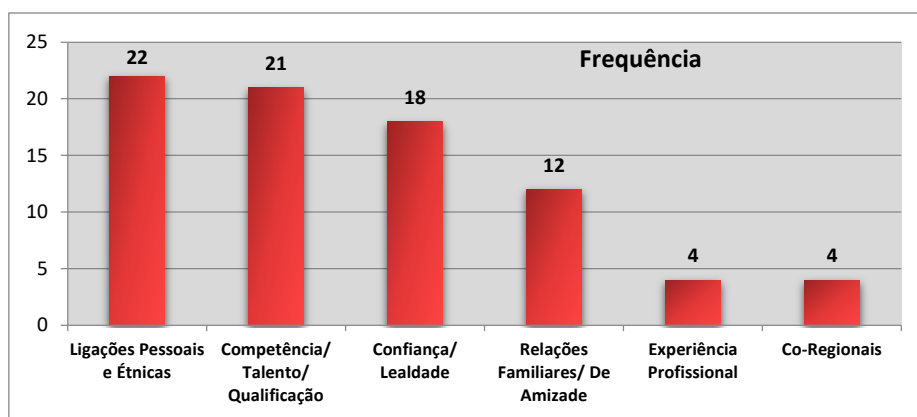
«Abrimos o negócio porque era mais fácil para obter os papéis, já sabíamos.» (entrevista do nº 22)

Isto, independentemente de as preocupações com a prestação de serviços à imigração nepalesa em Lisboa, ou com a exploração de novos nichos de negócio, também serem evidentes. Entretanto, revela-se, para nós, plausível que o número de trabalhadores de alguns negócios seja subreportado pelos empresários, nomeadamente nos sectores da restauração, hotelaria e serviços agrícolas - em virtude da contratação de trabalhadores em situação ilegal, temporários, ou por outras razões ainda (legais, tributárias, exploração de mão-de-obra ou eventual associação a tráfico de seres humanos, entre outras).

#### 7.2.1.3 Recrutamento

O Quadro XLII (Anexo 2) e o Gráfico 7.2 resumem os principais critérios de recrutamento utilizados, e apontados pelos empresários nepaleses entrevistados:





**Gráfico 7.2 - Principais Critérios de Recrutamento Declarados Pelos Empresários Nepaleses Entrevistados, Em Frequência (N=36)**  
Elaborado pela autora, 2018

Os empresários nepaleses recrutam, principalmente, com base nas suas ligações pessoais e étnicas (22), na competência/talento/qualificação (21) e na confiança/lealdade (18); mas também adoptam, como critérios, as relações familiares/de amizade (12), a experiência profissional (quatro) ou a afinidade geográfica, na origem (quatro).

Um dos empresários agrícolas recruta trabalhadores na Europa e directamente no Nepal ou Médio Oriente; o outro, apenas recruta em Portugal. As mesmas opções (duas vias diversas) de recrutamento são válidas, para o caso dos grandes empresários hoteleiros e da restauração. Observamos que 30 empresários declaram não fazer recrutamentos de trabalhadores para outras regiões fora de Lisboa, enquanto seis empresários fazem recrutamentos para localidades como o Porto, Faro, Vila Real de Santo António, Alentejo (exº: Odemira e Beja), Ribatejo, Azambuja ou Vale do Douro - Quadro XLIII (Anexo 2). Ou seja, a esmagadora maioria dos entrevistados (83,3%) concentra o destino final dos seus recrutamentos na região metropolitana de Lisboa, mas 16,7% dos empresários recrutam para regiões fora de Lisboa e, esses, fazem-no com grande dispersão territorial (caso dos empresários do sector agrícola, restauração e hotelaria). Ainda no domínio do recrutamento de trabalhadores, a maioria dos empresários (22) garante fazer o recrutamento por si próprio (recorrendo a entrevistas, períodos de experimentação, divulgando as vagas nos média sociais ou associações), e esse recrutamento é esporádico, de carácter temporário ou sazonal (o que se prenderá com a pequena dimensão, ou escala reduzida, da maior parte dos negócios em apreço) - Quadro XLIV (Anexo 2). Como descrevem dois empresários:

«Eu faço [o recrutamento], juntamente com o meu sócio. Falamos, nas instalações da *Hostel*. Só quando precisamos de mais *staff* [isso sucede]» (entrevista do nº 6); «Eu próprio faço [o recrutamento], uso a nossa página de *Facebook* também.» (entrevista do nº 21)

Por outro lado, alguns empresários delegam o recrutamento dos seus trabalhadores nos chefes e gerentes de cada um dos seus negócios (caso dos empresários acumulando mais do que um sector de actividade), em familiares (incluindo marido, filhos ou sobrinhos), nos respectivos sócios, ou numa secretária de recursos humanos (caso de uma empresa com maior dimensão). Enfim, tendo querido saber que tipo de pessoas estes empresários recrutam para as suas empresas (e porquê), obtemos as respostas sintetizadas no Quadro XLV (Anexo 2). A maioria dos empresários (25) considera, quanto ao recrutamento, que não importa o grupo étnico no sentido estrito (e, muitas vezes, também não importa o sexo, nem a idade) dos seus trabalhadores. Estes trabalhadores são maioritariamente nepaleses; mas, esporadicamente, também há empresários a empregar europeus e portugueses. Contudo, alguns empresários (21) apontam preferências no recrutamento: relacionadas com os grupos étnicos (Chhetri, Newar, Thakuri, Sherpa) e familiares, associadas à região de origem no Nepal (ex.<sup>o</sup>: do Terai), ao grau de necessidade e situação de desemprego do trabalhador; bem como predilecções ligadas à qualificação, lealdade e confiança, experiência, competência, obrigação, sexo (ex.<sup>o</sup>: "mulheres"; "do sexo masculino") ou, ainda, à faixa etária (ex.<sup>o</sup>: "jovens"). Estas diferenças têm que ver com o sector de actividade das empresas, e com o perfil pessoal dos empresários respectivos<sup>287</sup>.

Muitos empresários apontam motivos altruístas para efectuarem o recrutamento de trabalhadores dentro da imigração nepalesa: "ajudar a nossa comunidade" (30) ou "há tanta gente que precisa de trabalho..." (nove) são algumas das razões indicadas. Todavia, o emprego de coétnicos e conacionais é, obviamente, vantajoso para estes empreendedores (desde os níveis salariais mais baixos praticados, até ao número maior de horas semanais exigidas, facilidades de comunicação acrescidas, alargamento da rede de consumidores para venda de produtos étnicos, e também da rede de contactos conacionais, até afinidades culturais e linguísticas - são várias as vantagens, para os donos dos negócios). Não obstante, o recrutamento de conacionais pode esconder situações de exploração de mão-de-obra nepalesa, e subjaz à criação de enclaves étnicos - concentração de empresas étnicas interdependentes, espacialmente concentradas, que contratam principalmente coétnicos (Portes, 1999). Os empresários tendem, igualmente, a afirmar "ter mais confiança" noutros nepaleses, a enfatizar que "comunicar é mais

---

<sup>287</sup> Ex.<sup>o</sup>: "creio que é o adequado, e eu também sou jovem"; ou ainda: "que venham da minha região".

fácil e simples com eles", ou a explicar que "a maioria dos clientes também são nepaleses".

Isto vem reforçar, e confirmar, os resultados obtidos por muitos autores, a respeito da relevância dos fenómenos de *bounded solidarity* (solidariedade confinada) e *enforceable trust* (confiança exigível) nos negócios étnicos, com destaque para os trabalhos de Portes e Sensenbrenner (1993), a respeito dos determinantes sociais da actividade económica, e toda a prova empírica que os suporta. Estes pesquisadores prolongaram investigações concernentes à contextualização social da actividade económica (Granovetter, 1985) e ao conceito correlativo, mais específico, de capital social (Bourdieu, 1979; Bourdieu et al., 1991; Coleman, 1988), nos seus quatro subtipos, associados a expectativas economicamente relevantes e diferenciadas: introjecção de valor, reciprocidade das transacções, solidariedade confinada e confiança exigível.

#### 7.2.1.4 Investimentos e Financiamento

Em termos de financiamento e investimentos, 19 empresários declaram, expressamente, ter recorrido a empréstimos informais, incluindo família e amigos (enquanto outros seis pediram ajuda financeira, especificamente, a sócios e coétnicos). Dos empresários, 13 usam financiamento próprio e, pelo menos seis, revelam ter solicitado empréstimos formais em Portugal - Quadro XLVII (Anexo 2). Vemos que as estratégias de financiamento através de empréstimos informais (incluindo aqueles empréstimos feitos a familiares e amigos), e do financiamento próprio (ou uma combinação de estratégias, para financiamento inicial), predominam:

«Pedi empréstimo a familiares e amigos... No Dubai, Qatar, Portugal, Nepal, etc... cada um contribuiu com um pouco... agora tenho de pagar de volta, com taxas de juro [demasiado elevadas]. Pedi mais empréstimos para [abrir] um café [além da sua mercearia de frutas e legumes]: disseram-me que era um negócio rentável, mas é pior! Por isso, agora, nos dias em que tenho de pagar renda, não consigo dormir à noite... é uma dor de cabeça... apesar de as margens de lucro terem sido boas - agora não são, não tenho lucros, tenho de pagar salários dos empregados e contas.» (entrevista do n° 20)

Assim, dos 13 empresários que declaram "investimento próprio", é natural que uma parcela solicite, na realidade, também empréstimos informais (que são bastante comuns no Nepal). E apenas seis empresários admitem o recurso a um empréstimo formal em Portugal - o que tem conexões com as barreiras legais, ou com aquelas que são colocadas pelo sistema bancário português, no ambiente de chegada, mas também com os recursos pessoais, étnicos e comunitários dos empresários e com as (maiores ou menores) oportunidades estruturais (Reis Oliveira, 2017). Quando os empresários

precisam de financiamento, registamos um franco predomínio do recurso às vias informais: redes familiares e coétnicas e, ainda, sócios, amigos/redes de sociabilidade e redes de casta - Quadro XLVII (Anexo 2). Ocasionalmente, alguns empresários (nove) recorrem a bancos portugueses para financiamento formal (quer de negócios, quer de casa própria/familiar): estes empresários distinguem-se pela sua antiguidade em Portugal, por possuírem boas redes familiares em Lisboa, pelo seu estatuto legal e, nalguns casos, pela sua qualificação, tendo apresentado planos de negócios muito detalhados, às respectivas instituições bancárias. Uma maioria dos empresários já recorreu a empréstimos formais em Portugal e no Nepal (11), Reino Unido (sete) ou outros países (por vezes, em combinação, ou ao longo do tempo), como a Dinamarca (dois). Mas dez empresários afirmam não ter recorrido nunca a empréstimos formais em Portugal nem no Nepal, ou noutros países.

Constatamos que 17 dos empresários enviam capital, através de fluxos financeiros com fins produtivos, para Portugal ou outros países, e 19 declaram não o enviar - Quadro XLVIII (Anexo 2). Já 24 empresários, recebem capital por meio de fluxos financeiros vindos de outros, e 12 empreendedores afirmam não o receber. Uma estratégia de envio de capital com recurso a fluxos financeiros parece ocorrer a coberto de "pagamentos" remetidos para familiares, amigos, sócios e coétnicos noutros países europeus; "pagamentos", esses, que são recorrentemente mencionados pelos empresários, mas pouco detalhados (ou fracamente justificados), relativamente aos bens e serviços que pretendem pagar. Alternativamente, o envio de capital via fluxos financeiros pode dar-se a coberto dos negócios étnicos de câmbio monetário e *money transfer*, desenvolvidos por alguns empresários nepaleses em Lisboa. Aqui, parecem ocorrer um envio e recepção facilitados, mais informais, de capital via fluxos financeiros entre países europeus, entre familiares, e entre sócios de empresas. Repare-se como diversos empresários afirmam tanto enviar, quanto receber, capital por meio de fluxos financeiros para (e do) Reino Unido. Em muitas circunstâncias, eles têm uma parte da família a residir lá, trocam capital via fluxos financeiros, partilham fontes de financiamento, e estão ligados a associações étnicas. Ainda assim, metade dos empresários declaram não enviar capital via fluxos financeiros para outros, em Portugal ou noutros países europeus, e um terço dizem não o receber (segundo estes dados, haveria mais capital recebido do que enviado, pelos empresários nepaleses em Lisboa). Dentro das questões associadas aos investimentos, procurámos saber se os empresários nepaleses têm outros investimentos, em Portugal ou noutros países - bem como

determinar se têm sócios, ou coempreendedores, nesses investimentos (e, em caso afirmativo, quem são eles). Existe uma clara tendência dos empresários para possuírem, como sócios e coempreendedores noutros investimentos (em Portugal ou noutros países), familiares seus (18) - Quadro XLIX (Anexo 2). O que suporta a ideia de que os negócios mais pequenos sobrevivem graças a essas redes de carácter familiar e coétnico. Ainda que saibamos que, para alguns grupos étnicos nepaleses, a "família" pode ser expandida e incluir conhecidos de uma mesma aldeia ou região geográfica de origem. Outros empresários têm sócios coétnicos, da sua região natal (corregionais), amigos (redes de sociabilidade) e, até, sócios-investidores portugueses (os empresários que saem da rede étnica são os que estão há mais tempo em Portugal, possuem negócios de maiores dimensões, ou se especializam em produtos e serviços "não-étnicos"). Dos 36 empresários, 13 possuem outros investimentos no Nepal (que não pertencem "a familiares" apenas, mas são *de facto* seus também), três no Reino Unido e três na Holanda/Bélgica; em regra, em sociedade com familiares (e coétnicos), enquanto 26 dizem investir noutros negócios em Portugal, e 10 afirmam que não investem - Quadro XLIX (Anexo 2). Os empresários que declaram não ter outros investimentos são seis. Verificamos, aqui, que diversos empresários mencionam as ONGs como "outros investimentos, em Portugal, ou países terceiros" (na realidade, o seu capital enviado via fluxos financeiros destinados a ONGs enquadra-se, antes, na categoria "financiamentos", pelo facto de o capital enviado através desses fluxos financeiros ter finalidades sociais, e não produtivas).

A grande maioria dos empresários que investem (23), visam melhorar e expandir os seus negócios e empresas, ou obter mais lucros; mas uma parte declara, igualmente, investir para "dar uma boa educação" aos seus filhos e netos, e para ajudar a família - Quadro LI (Anexo 2). Vemos, aqui, mencionados investimentos imobiliários que, a princípio, não constam dos sectores de actividade auto-declarados por estes empresários. Os empresários mencionam, como objectivos dos seus investimentos: "ajudar outros nepaleses, ou aqueles que acabam de chegar", "ajudar outros nepaleses a aprender a língua", ajudar outros "a montar um negócio" ou, ainda, ajudar coétnicos (exº: "ajudar outros Sherpas"). Há empresários que evocam, mesmo, a responsabilidade social que, entendem, deve presidir aos seus investimentos (por questões de pertença a grupo étnico e casta, ou relacionadas com a sua posição social dentro da imigração nepalesa). Certos empresários querem "aumentar receitas", "crescer" e "ter mais clientes", ou desejam "melhorar o seu nível de vida" em Portugal. Detectamos também a

existência de uma estratégia paralela de investimento/financiamento adicional dos negócios, através da *sponsorização* regular de eventos étnicos em Lisboa - curiosamente, mencionada por alguns empresários, como "forma de investimento" da sua parte. São cobrados bilhetes para esses eventos (associados a um determinado grupo étnico, e patrocinados por um certo número de negócios étnicos e empresários em Lisboa, que se assumem como *sponsors*, até nos cartazes dos eventos distribuídos pela cidade). Estes eventos têm um carácter muito regular e, sendo frequentados por centenas ou milhares de pessoas de cada vez, permitem aos *sponsors* retirar e repartir lucros regulares (através da venda de bilhetes e bens de consumo).

#### 7.2.1.5 Parceiros e Estratégias Empresariais Imigrantes

A maior parte dos empresários valoriza, como critérios principais para estabelecer relações de negócio ou *business relations*, o "preço" (24), enquanto 19 empresários nepaleses valorizam o critério "qualidade", e 18 outros indicam a "confiança". Alguns ainda, apontam relevância aos critérios "conacionalidade" e "grupo coétnico" (exº: "redes de Sherpas" - entrevista do nº 9). Tal como verificámos para os critérios de recrutamento, também nos critérios utilizados pelos empresários nepaleses para estabelecerem relações de negócio, a "solidariedade" e, sobretudo, a "confiança" desempenham papéis-chave - o que, mais uma vez, aponta no sentido da criação de negócios étnicos e de uma economia étnica estruturada.

Observamos que a maioria dos empresários nepaleses afirmam dispor de contactos familiares, étnicos e de casta (Sherpas, Chhetri, Bahun, Thakuri, Newars, "Gurkhas") que lhes facilitam negócios, em locais tão diversos como o Reino Unido, Bélgica, Itália, Dinamarca, Alemanha, EUA, Nepal, Médio Oriente e Portugal. Outros empresários, indicam os seus contactos pessoais como relevantes no favorecimento de negócios, e contactos conacionais, amigos (redes de sociabilidade), conhecidos partilhando um mesmo trajecto migratório (conacionais com afinidade migratória); mas também contactos nas associações nepalesas, e ainda contactos indianos, chineses, portugueses e italianos, entre outros. As redes ligadas aos grupos étnicos e suas associações internacionais ganham, mais uma vez, proeminência, a par das redes familiares - desta vez, na viabilização de negócios.

O Quadro LIII (Anexo 2) demonstra que 22 empresários enviam bens de consumo e, 15 outros, enviam serviços para o Nepal, ou para outros países europeus (como Espanha, Itália, Bélgica, Holanda, Reino Unido) e Médio Oriente. Alguns empreendedores (uma minoria) enviam mão-de-obra; sete empresários, ainda, afirmam

não enviar nem mão-de-obra, nem bens de consumo, nem serviços para o Nepal, ou países terceiros. Já 19 empresários recebem bens de consumo, pelo menos dez recebem serviços e, ao menos cinco, recebem mão-de-obra - vindos de países tão distintos como o Nepal, China, Austrália, EUA, Dinamarca, Alemanha, Holanda, Bélgica, Espanha, Itália ou Reino Unido. Além disso, quatro empresários afirmam não receber mão-de-obra, bens de consumo nem serviços de outros; porém, aqueles empresários que os recebem fazem-no, frequentemente, via fornecedores portugueses, indianos e nepaleses, ou intermediários chineses e nepaleses na Europa. Existe quem receba mão-de-obra nepalesa de outros países na Europa, do Nepal ou já vivendo em Portugal, e quem receba produtos nepaleses da Bélgica, Espanha ou Reino Unido. Ressalta, neste domínio, a grande diversidade de relações de troca com outros países (internacionalização das trocas). O Quadro LIV (Anexo 2) mostra que os empresários trazem sobretudo bens de consumo (17) e mão-de-obra (nove) do Nepal, enquanto levam para o Nepal, principalmente, serviços (10) e bens de consumo (10).

Todos os empresários revelam ter parceiros ou fornecedores em Portugal e/ou na Europa, com destaque para o Reino Unido, Bélgica, Espanha, Itália, Alemanha e Dinamarca - Quadro LII (Anexo 2). Estes, são fornecedores indianos, nepaleses, portugueses, chineses, bangladeshianos, paquistaneses (relações com outras imigrações), ou parceiros na Dinamarca, Bélgica, Holanda, fazendo parte de redes familiares e étnicas. Há 11 empresários que afirmam não ter parceiros, nem fornecedores, noutras partes do mundo, que não a Europa. Já 21 dos empresários, que possuem parceiros ou fornecedores noutras partes do mundo, têm-nos no Nepal; cinco nos EUA, quatro na Austrália e, alguns outros, na China, Dubai/Médio Oriente e Tibete. Conclui-se que as redes migrantes e étnicas nepalesas, que facilitam parcerias e fornecimentos às empresas, estão muito bem estabelecidas na Europa - aquelas são, frequentemente, sólidas, mesmo a longa-distância (como é o caso das fortes relações com o país de origem, típicas das economias étnicas). Muitos negócios nepaleses têm, na verdade, um carácter internacional, ou até transnacional - aos níveis do fornecimento, recrutamento, financiamento, envio e recepção de bens de consumo, capital via fluxos financeiros, recursos e serviços.

#### 7.2.1.6 Relações com o Nepal

No que concerne às relações com o Nepal, e aos contributos para o desenvolvimento e investimentos no país de partida, procuramos caracterizar: o tipo de relações que os empresários em Lisboa mantêm com o Nepal, saber se têm investimentos no país (de



que género são esses investimentos e que tipo de capital eles utilizam), se enviam capital via fluxos financeiros com fins produtivos, sociais, políticos, ou outros, para o Nepal (ou se os recebem da origem) e, ainda, determinar se eles participam activamente na ajuda ao desenvolvimento do Nepal (e por que vias). Inquirimos se os empresários têm clientes no Nepal, ou se trabalham com empresas que os tenham, mas também se são membros de alguma ONG (e, nesse caso: com que missão, onde está ela sediada e como é financiada?). Verificamos que 19 empresários dizem não ter investimentos pessoais no Nepal (mas, desses, pelo menos dois "investem" em ajuda ao desenvolvimento - na realidade, financiamento: por ter fins mais sociais do que produtivos), e 17 afirmam ter investimentos no país de origem (mais do que os 13 que mencionam o Nepal quando lhes perguntamos, a propósito do financiamento dos negócios e investimentos, se têm investimentos noutros países) - Quadro LVI (Anexo 2). Já 22 empresários, declaram ter clientes no Nepal (através de ligações à origem, ou negócios abertos localmente), e trabalhar com empresas que têm clientes no Nepal. Os que afirmam trabalhar só com empresas que têm clientes no Nepal são 12; e os que não têm clientes no Nepal, nem trabalham com empresas que tenham clientes no Nepal, são raros. Daqui inferimos o carácter fortemente étnico dos negócios nepaleses - tanto os negócios de pequena escala, quanto os de maior dimensão:

«Sim, tenho [investimentos no Nepal], na hotelaria [e turismo] e lojas.» (**entrevista do nº 29**); «Bom, também investi numa gasolinheira lá. Investimos - a família - em alojamento... [na criação de uma Pousada].» (**entrevista do nº 30**); «Sim, recruta trabalhadores agrícolas. E trabalho também com empresas que têm clientes no Nepal... Muitas.» (**entrevista do nº 8**); «Tenho clientes lá (para o vinho português) [e trabalha com empresas que têm].» (**entrevista do nº 24**).

O Quadro LV (Anexo 2) ilustra respostas a questões ligadas ao tipo de relações que os empresários nepaleses em Lisboa mantêm com o Nepal, e ao envio e recepção de capital via fluxos financeiros, com fins produtivos, para (e do) país de origem. Destaca-se, aqui, a estratégia ligada ao uso de algumas associações nepalesas e ONGs (com fins sociais), para envio e recepção de financiamento (ou seja, para envio-recepção de capital via fluxos financeiros com fins produtivos, e não apenas sociais/políticos), mas igualmente, um recurso às lojas de câmbio e *money transfer* (estratégias usadas para contornar os obstáculos existentes à saída de capitais do Nepal). As relações de, pelo menos, 24 empresários entrevistados com o Nepal são tanto familiares<sup>288</sup>, como de negócios. Do total de 36 empresários, 11 deles confirmam também relações de grupo

<sup>288</sup> Note-se, mais uma vez, que o conceito de "família" é, para alguns grupos étnicos, bastante alargado, podendo incluir pessoas originárias da mesma região geográfica.

étnico com o Nepal (é possível que, na realidade, mais as tenham, e que este número esteja subestimado), enquanto outros empresários revelam ter relações de natureza política e diplomática, com o contexto de partida. São 15 os empresários que dizem não receber capital via fluxos financeiros, com fins produtivos, do Nepal (21 recebem-no); ao passo que, apenas cinco, afirmam não enviar capital por meio de fluxos financeiros, com fins produtivos, mesmo que pouco e esporádico, para a origem (31 enviam ou haviam enviado) - não obstante a ideia, repetida pelos pequenos empresários, de que os seus negócios servem apenas "para sobrevivência". Além da NRNA (que parece ser usada tanto para o envio, quanto para a recepção de capital via fluxos financeiros, com fins produtivos, além de sociais), outras associações étnicas, ONGs e organizações internacionais que actuam no Nepal são referidas, a propósito do envio e recepção de capital usando fluxos financeiros com fins sociais (como a Cruz Vermelha Internacional, a Missão Luterana Finlandesa de Assistência ao Nepal, grupos ligados à ONU ou ao *Rotary Club Internacional*).

No total, 18 empresários declaram ser membros de ONGs ou *Charities*<sup>289</sup> (por vezes, ONGs familiares ou étnicas, como é o caso de uma ONG Sherpa), e outros oito assumem-se "apenas" membros de diversas associações nepalesas em Lisboa, da NRNA ou, então, de associações étnicas (nacionais e internacionais) - Quadro LVII (Anexo 2). Estas ONGs e associações não estão necessariamente sediadas no Nepal. Há dez empresários que declaram não ser membros de nenhuma ONG, nem associação. As *Charities* ou ONGs indicadas pelos empresários têm, na maioria das vezes, uma fundação familiar (e coétnica); mas, nesses casos, ancoram, cada uma, ligações a múltiplos negócios das famílias alargadas, com vantagens fiscais e financeiras, distribuídas por cada um desses negócios.

Destaque para o facto de encontrarmos três *Charities*/ONGs, já com sede principal ou única em Lisboa, criadas por empresários nepaleses da imigração no nosso país - o que pode ser uma estratégia importante e vantajosa, na articulação dos seus negócios locais. Em 15 dos casos, as *Charities*/ONGs ou associações referidas têm sedes, ou delegações, em Lisboa. Encontramos 14 *Charities*, ou ONGs, com sede ou delegação no

---

<sup>289</sup> Alguns dos empresários referem-se a *Charities* em vez de ONGs - esta distinção tem, para os nossos propósitos, pouca relevância. Ela terá a ver com o facto de muitos empresários terem ligações ao Reino Unido (usam, por isso, mais o termo *Charity*), e também com a circunstância de algumas dessas organizações estarem registadas junto da *Charities Commission* no Reino Unido, com vantagens fiscais sobre as ONGs, nas obrigações contabilísticas anuais (as mesmas organizações que se designam por *Charities* no Reino Unido são, frequentemente, chamadas de ONGs noutros países). Assim sendo, consideraremos as *Charities* a par/em equivalência às ONGs, na nossa interpretação destes resultados.

Nepal, e sete delas têm delegações ou sedes no Reino Unido, mas também noutros países, como os EUA, Finlândia, Alemanha, Holanda e Bélgica. Estes dados apontam no sentido de um forte transnacionalismo. A missão da maioria das *Charities*/ONGs relaciona-se com as áreas da educação, saúde, assistência na pobreza, assistência a crianças, idosos e coétnicos no sentido lato, ou a pessoas em situações de vulnerabilidade (como mulheres vítimas de tráfico humano, ou crianças órfãs e com necessidades especiais). Outra peculiaridade encontrada, é o facto de diversos empresários dizerem "não confiar em ONGs" e, ocasionalmente, "não confiar em partidos políticos ou associações nepalesas". Isto pode dever-se à circunstância de eles terem conhecimento, e relatarem, algumas situações em que houve uso partidário, ou empresarial, da ONG ou, inclusive, desvio de fundos em benefício próprio ou de terceiros (exº: recolhas colectivas de fundos, aquando do terremoto no Nepal, em 2015). Dos empresários, 25 afirmam participar na ajuda ao desenvolvimento do Nepal, com estratégias que variam entre o envio de capital via fluxos financeiros com fins sociais e de desenvolvimento, ou políticos, o trabalho levado a cabo pelas associações étnicas e *Charities*/ONGs, o capital enviado via fluxos financeiros com fins mais produtivos (que indirectamente ajudará ao desenvolvimento da origem), os donativos a associações nepalesas em Portugal com ligações ao Nepal e, até, a sensibilização, nalguns países da Europa, para questões de desenvolvimento e ligadas à disponibilização de recursos, para o seu país-natal - Quadro LVIII (Anexo 2). Concretizando:

«Sim, através da *Charity* [familiar], ajudamos crianças em idade escolar, os seus pais, uma escola, ou construímos templos. No Nepal, dizemos que "Os Pais são como Deuses", por isso, mesmo que sejamos nós a enviar os donativos, os nossos avós ou pais é que têm o seu nome gravado nas obras realizadas, na qualidade de *benefactors*.» (entrevista do nº 3); ou ainda: «Sim... impulsionando o comércio lá, e por via de ajudas a familiares e outros (ONG). Também tenho participação política activa [ainda]. E tento, na Europa, sensibilizar as pessoas e organizações para valorizarem o desenvolvimento do Nepal.» (entrevista do nº 32)

Outros seis empresários há, que se declaram indisponíveis para ajudar, seja pela insuficiência de recursos, ou porque "agora vivem em Portugal e procuram ajudar aqui". Os restantes mencionam apenas "formas de ajuda mais pessoal", remessas e ajudas a familiares (exº: educação, estudos); mas, não propriamente, alocação de maiores recursos via fluxos financeiros, nem uma ajuda ao desenvolvimento do seu país de forma estruturada. Respondendo às questões sobre a ajuda ao desenvolvimento do Nepal, os empresários centram-se, intuitivamente, tanto em tópicos de desenvolvimento humano, caridade e coesão social, quanto em aspectos relativos ao

desenvolvimento económico, donativos e investimentos no país (por considerarem que, indirectamente, estes contribuem para o desenvolvimento do país).

## **7.3 Remessas e Transnacionalismo**

### **7.3.1 Trabalhadores Étnicos e Transnacionalismo**

Este tópico será dedicado a uma análise mais aprofundada dos dados qualitativos recolhidos, por meio das entrevistas efectuadas aos trabalhadores nepaleses. Analisaremos diversos aspectos relativos ao trabalho (para quem trabalham e quem os recrutou, com quem trabalham, condições de trabalho, desejos para o futuro), percursos e trajectos migratórios, indústria da migração e transnacionalismo.

#### **7.3.1.1 Para Quem Trabalham e Quem os Recrutou, Com Quem Trabalham**

Os entrevistados trabalham, actualmente, maioritariamente para familiares (maridos, irmãos, tios) e coétnicos (do mesmo grupo étnico, e ainda outros nepaleses); mas, em nove casos, há patrões portugueses (indivíduos ou empresas pelas quais estão contratados, ou para as quais prestam serviços variados) - Quadro LXXIII (Anexo 2). Os primeiros empregadores destes trabalhadores em Portugal variam; incluem patrões de outras nacionalidades (chineses, paquistaneses, ou uma empresa alemã em Portugal) e alguns portugueses (oito), além de familiares seus, como tios e maridos - Quadro LXXIV (Anexo 2). As mudanças ocorridas no trabalho, desde a chegada a Portugal, devem-se a mudanças de área profissional e procura de empregos mais adequados à formação de base ou, alternativamente, à oferta de melhores condições laborais e melhores salários - Quadro LXXV (Anexo 2). Os primeiros empregos destes trabalhadores em Portugal foram, maioritariamente, indicados por familiares e amigos (redes de contactos, e redes familiares e coétnicas), ou existe uma abertura de actividade por conta própria mais tardia, em conciliação com os primeiros empregos; são relatados resposta a anúncios/envio de CVs, períodos à experiência e ida a entrevistas - Quadro LXXVI (Anexo 2). Portanto, os trabalhadores declaram, maioritariamente, ter sido recrutados para os trabalhos actuais por familiares e por outras pessoas com as quais mantêm laços étnicos (no sentido estrito), ou conacionais (laços étnicos no sentido amplo). Os entrevistados já aconselharam recrutamentos, principalmente de amigos conacionais (coétnicos no sentido amplo) e, sobretudo, nos casos em que estes são recém-chegados a Portugal - Quadro LXXVII (Anexo 2). Eles afirmam que a maioria

dos seus colegas de trabalho são nepaleses, tanto homens como mulheres, e têm entre os 20-60 anos de idade, logo seguidos por portugueses. Os supervisores dos trabalhadores tendem a ser outros nepaleses (coétnicos no sentido amplo), familiares ou, então, especificamente o marido - mas há 12 casos em que são portugueses - Quadro LXXVIII (Anexo 2).

### 7.3.1.2 Condições de Trabalho

Nas respostas obtidas sobre condições salariais, existem várias referências ao "ganhar para sobreviver" e comparações dos salários em Portugal com outros países europeus (sendo, cá, "baixos"), além de menções ao facto de os trabalhadores terem de acumular muitas horas de trabalho. Quanto ao ambiente de trabalho, é descrito, maioritariamente, (24) como "bom e amigável", pese embora certas referências a ambientes *stressantes* e pequenos atritos (seis), bem como a situações de exploração e "controlo", por parte de outros conacionais - Quadro LXXIX (Anexo 2). Uma das entrevistadas, que trabalha com portuguesas, brincava:

«É muito engraçado... dizem-me sempre [as colegas e algumas clientes] que o Nepal é muito bonito... primeiro, tentam adivinhar de onde eu sou e, depois, dizem sempre: "Ah, é tão bonito!" - mesmo que nunca lá tenham ido...! Isso faz-me sentir acolhida. As minhas colegas, às vezes, brigam, competem para ter mais prémios no fim do mês e dizem muito mal umas das outras (algumas...). Eu, como não percebo [na verdade, percebe e fala português com fluência, já], encolho os ombros, não ligo... mesmo que falem mal de mim, não sei [risos]. Por esse lado, é bom... então, dou-me bem com todas e a minha chefe gosta de mim... desabafa comigo. Às vezes, diz que gostava que fossem todas assim tão pacíficas como eu.» (entrevista do nº 11)

Uma minoria de trabalhadores (três) dizem que podem sentir-se "controlados" por outros nepaleses, ou que ocorrem fenómenos de exploração laboral de imigrantes nepaleses por outros imigrantes nepaleses, em Lisboa - Quadro CX (Anexo 2). Como descrevem estes trabalhadores:

«Bem... deram-me dicas no início: os *expats*... mas não só nepaleses. Eles auxiliam-se, mas também se sufocam e controlam... eu não gosto disso. Quando me controlam, afasto-me.» (entrevista do nº 29); ou ainda: «Ajudam-nos a viver... Sem eles [outros emigrantes nepaleses] seria mais difícil, quando saímos do país. No fundo, trabalho para eles, e são os meus alunos... As empresas [nepalesas] também dão emprego a muita gente, e enviam muito dinheiro de volta para o Nepal. Por vezes, exploram um pouco os empregados, mas pronto... resolvemos isso entre nós.» (entrevista do nº 30)

Procuramos saber se os trabalhadores têm algumas regalias associadas ao trabalho: predominam algumas férias por ano (ou, em 10 casos, quase nenhuma férias por ano), mas há menos regalias sob a forma de licenças (11) ou prémios (quatro) - Quadro LXXX (Anexo 2). Perguntamos se os trabalhadores têm contrato de trabalho e número

de segurança social: 21 possuem ambas as coisas, seguidos por aqueles (nove) que têm apenas número de segurança social, mas não um contrato de trabalho (sobretudo devido à informalidade, pelo facto de trabalharem para um familiar). Um pequeno número tem contrato de bolseiro internacional, podendo fazer consultorias ou ter projectos profissionais paralelos - Quadro LXXXII (Anexo 2). Quisemos indagar que tipo de negócio, ou actividade, os trabalhadores escolheriam iniciar, caso tivessem oportunidade de investir em Portugal - e do que necessitariam, para que tal fosse possível. Os resultados indicam que a maioria deseja abrir negócios ligados à restauração (oito), hotelaria (sete) e imobiliário (seis); todavia há, igualmente, menções a empresas IT e *startups*, cabeleireiros, agências de notícias, empresas de consultoria ou escolas de línguas. Quanto àquilo que seria necessário para tal poder ocorrer, são mencionadas a necessidade de ter sócios, de investimento, de espaços físicos adequados ou de "conhecer/saber mais sobre um determinado negócio" - Quadro LXXXI (Anexo 2).

### 7.3.1.3 Percursos e Trajectos Migratórios, e Indústria da Migração

Relativamente aos percursos e trajectos migratórios seguidos pelos trabalhadores, 17 dos trabalhadores entrevistados não tinham conhecidos em Portugal/Lisboa, mas sim na Europa, antes de decidirem migrar - tendo vindo a saber, através de fóruns para *expats*, ou do passa-palavra por meio das redes migratórias estabelecidas<sup>290</sup> (no caso, de alcance europeu) que, em Portugal, seria mais provável, eventualmente, obterem uma autorização de residência ou um *red passport*<sup>291</sup>. Daqueles que têm conhecidos em Portugal, oito tinham amigos já vindos do Reino Unido, três tinham maridos vindos antes das esposas e, outros dois, tinham familiares - Quadro LXXXIII (Anexo 2). Dos trabalhadores, 15 informaram-se na internet, e 14 através de familiares e amigos, antes de virem para Portugal. Ao menos 20, dizem que vieram com propósitos de legalização e de obtenção da autorização de residência e/ou passaporte e, pelo menos em cinco casos, afirmam que vieram para reunificação familiar - Quadro LXXXIV (Anexo 2). Destes trabalhadores, 17 referem gastos de montantes que variam entre os 2 mil e os 10 mil euros, para virem até Portugal (sobretudo se vindos de outros países, fora da Europa), assim como o uso de empréstimos e doações familiares, ou poupanças:

<sup>290</sup> Cf. Massey (1988, 1989); Boyd (1989); Tilly (1990); Massey et al (1998); Guarnizo e Peter Smith (1998) e Vertovec (2001).

<sup>291</sup> Expressão que os imigrantes nepaleses em Lisboa utilizam frequentemente, para se referirem ao passaporte português, por contraste com o nepalês (o passaporte regular para cidadãos nepaleses é de cor verde, enquanto os passaportes de países da UE são vermelhos).

despendidos em vistos, viagens de avião e alojamentos. Eles declaram ter vindo, maioritariamente, por intermédio de familiares, amigos ou maridos (16), mas também por razões de continuação dos seus estudos (seis), ou a partir de um outro país europeu (13) ou, até, pelo facto de o conjugue trabalhar para um jornal nepalês-europeu, e de terem contactos político-partidários em Lisboa - Quadro LXXXV (Anexo 2). É o caso desta entrevistada:

«Viémos por intermédio dos escritórios europeus do *Nepali News*... foi uma aventura... Eu também faço parte de um partido político [nepalês]... os sociais democratas. Também tínhamos esses contactos.»  
(entrevista do nº 18)

A ideia da migração como uma "aventura" é repetida por mais trabalhadores:

«Vim nesta aventura europeia com a minha melhor amiga nepalesa. Decidimos tentar trabalhar na Europa... e ainda cá estamos! [mostra orgulho]» (entrevista do nº 22)

Há, ainda, quem tenha vindo por motivos de estudos:

«Vim após pesquisar as melhores opções, no Dubai... Candidatei-me ao curso PhD com bolsa internacional, um curso [ministrado] em inglês. E decidi vir porque fui aceite, felizmente. Fiquei muito contente... No curso, há alunos de todo o mundo. Eu sou o único nepalês, mas há mais asiáticos.»  
(entrevista do nº 15)

Ou quem tenha chegado a Portugal depois de trabalhar como *au pair*, na Suíça ou Alemanha:

«Vim para a Suíça por intermédio do casal para quem [eu] trabalhava como *au pair*. Depois vim para cá, por razões práticas.» (entrevista do nº 14)

Ou quem indique, como motivações, a sua "evolução pessoal" e razões políticas:

«(...) Eu é que quis vir. Não ia evoluir, ficando lá. A situação, nas universidades, era muito má... Sempre fechadas, por causa da conturbação política. Eu não queria que me responsabilizassem pelo que os políticos [nepaleses] faziam... não tinha a culpa.» (entrevista do nº 30)

Indagamos, ademais, se estes trabalhadores já têm auxiliado alguém a vir também, e como/quem: as respostas indicam que 19 ajudaram - principalmente familiares, conhecidos, ou outros nepaleses (alguns deles, ajudaram centenas de indivíduos) com alojamento, trabalho, ensino da língua portuguesa, e fornecendo muitas informações sobre Portugal - quer pessoalmente, quer *online*, e por telefone - Quadro LXXXVI (Anexo 2):

«Sim, muita gente! Dando emprego nos restaurantes, ensinando a língua... Pessoas de muitos grupos étnicos... jovens, mais.» (entrevista do nº 9)

Estes dados reforçam a nossa convicção de que esta imigração nepalesa é uma migração em cadeia. A respeito das formas de chegar a Portugal e trajeto(s) de migração seguido(s), obtemos resultados que revelam três vias, ou três trajectos



migratórios privilegiados: a partir do Reino Unido (por avião), a partir do Dubai (por avião), ou passando pela Alemanha e França (ou, ainda, por outros países europeus), antes de chegar a Portugal (muitas vezes, recorrendo ao autocarro)<sup>292</sup> - Quadro LXXXVI (Anexo 2). Um dos respondentes, esclarece:

«Não me identifico com a rota de Chipre e Europa do Sul... Acho que a maior parte dos nepaleses que vêm, não têm uma rota específica. Vêm com visto de estudante, visto de turista, visto para actividades culturais... Quando passam por outros países, geralmente eles são a Alemanha, França, Reino Unido, Dinamarca, onde as comunidades [nepalesas] são maiores.» (entrevista do nº 24)

Por fim, sobre planos de vida a médio-longo prazo e as suas intenções de (re)migrar futuramente para algum outro país, após a passagem por Portugal, 21 trabalhadores nepaleses respondem que "para já não", que "não sabem" ou, simplesmente, que "não". Curiosamente, a educação dos filhos é citada, quer como razão para ficar em Portugal definitivamente (sete), quer como razão para, possivelmente, sair para outro país, como o Reino Unido (três) - Quadro LXXXVII (Anexo 2):

«Depende [de] como correr aqui... agora, o nosso filho é pequeno e anda no jardim de infância aqui. Mas eu sempre fui professora de inglês no Nepal, o meu marido também era professor. Se viermos a escolher algum país, talvez [seja] o Reino Unido... sei que domino bem a língua e, para o nosso filho estudar, é bom.»<sup>293</sup> (entrevista do nº 23)

Alguns trabalhadores, vindos há mais de três-quatro anos para Portugal, têm planos e estratégias para obtenção da nacionalidade:

«Não sei... gostava de trazer o meu filho do Nepal. Talvez morar na Dinamarca ou Holanda. Mas, para já, quero ficar aqui. Aqui o clima é bom; lá, eu não me ia adaptar ao frio e escuro... gostava de receber o passaporte português, primeiro... não falta muito tempo. E a minha mulher gostava de trabalhar como enfermeira aqui [ela chegou com a filha há 1 ano, apenas]» (entrevista do nº 17); ou: «Conheço muita gente que já foi para o Norte da Europa depois de receber a autorização de residência, aqui. Voltam uma vez por ano para pagar os seus impostos... Lá, têm trabalho ilegal. Não quero isso.» (entrevista do nº 25)

Praticamente todos os trabalhadores conhecem casos de familiares, colegas ou amigos que já foram para outro país, indicando que "muitos nepaleses desejam emigrar para o Norte da Europa, quando estiverem legalizados em Portugal" - por razões ligadas

<sup>292</sup> De notar que, embora estes sejam os trajectos mais comumente mencionados em Lisboa, temos contactos com imigrantes nepaleses, quer em Lisboa, quer, sobretudo, no Sul de Portugal, que adoptaram trajectos mais arriscados: atravessando o Mediterrâneo de barco para Itália ou Grécia, a partir da Líbia, Síria ou Turquia, ou fazendo trajectos por terra, através do Iraque e da Turquia, juntamente com refugiados.

<sup>293</sup> Entretanto, esta pequena família remigrou para os arredores de Londres, onde tem familiares, e aumentou. Assim como a família de uma outra mulher trabalhadora nepalesa entrevistada, líder comunitária em Lisboa, remigrou para Londres, onde já tinha familiares - e vários outros contactos nossos [trabalhadores] na imigração nepalesa em Lisboa remigraram também, quer para o Reino Unido, quer para outros países do Norte da Europa. No caso dos empresários nepaleses, é mais frequente que façam viagens regulares à Europa e Nepal, por questões de negócios, retornando sempre a Portugal.

à oferta de trabalho, níveis salariais, educação dos seus filhos, nível de vida em geral, estado social, e também para reunificação com familiares - Quadro LXXXVII (Anexo 2):

«Sim, alguns amigos nossos mudaram-se de Portugal para outros países, desde que cá estamos: Reino Unido, Bélgica... Espanha [onde agora têm que esperar menos tempo pela legalização]. Lá, ganham melhor. Têm os serviços sociais [estado social] e mais regalias... ou têm filhos já grandes, querem que estudem noutros países, na faculdade.» **(entrevista do nº 19)**

#### 7.3.1.4 Transnacionalismo

Os trabalhadores entrevistados sublinham a necessidade de manter relações próximas com outros nepaleses, de forma a garantir a entreaajuda local (trabalho, alojamento), por um lado; e a necessidade de manter relações próximas com outros nepaleses na Europa (familiares, sócios e fornecedores dos negócios onde trabalham, etc.), de modo a garantir a sobrevivência dos empreendimentos nepaleses em Portugal, que sustentam grande parte da imigração nepalesa, por outro lado - Quadro CVII (Anexo 2):

«Muitas pessoas vão ao Nepal todos os anos; falam com os familiares, lá. A maior parte dos nepaleses [que vivem] aqui, trabalham para outros nepaleses... Se não nos ajudássemos uns aos outros, seria bem mais difícil. As empresas nepalesas fazem muitos eventos... criam ligações à Europa, trazem coisas de que [nós] precisamos [do Nepal]. São muito importantes, sim... Eu sempre trabalhei para portugueses, mas isso não acontece com a maioria das pessoas [imigrantes nepaleses em Lisboa].» **(entrevista do nº 17)**

Um jovem trabalhador e estudante de engenharia, manifesta, assim, o seu desagrado com o facto de as empresas nepalesas em Portugal não serem, na sua opinião, suficientemente inovadoras ou, pelo menos, não tanto quanto ele desejava:

«(...) Eu gostava que, aqui, houvesse mais empresas nepalesas modernas, não só as mercearias, restaurantes. Para os nepaleses que estão a estudar cá terem emprego. Acho que algumas [delas] têm uma visão antiquada... de sobrevivência imediata.» **(entrevista do nº 25)**

Indagamos se os trabalhadores participam activamente nas iniciativas de alguma organização comunitária nepalesa (exº: grupo étnico, regional, profissional, religioso, de negócios) ou partido político nepalês, que esteja espalhado pela Europa, e de que formas isso sucede. As respostas vão no sentido da participação activa em grupos étnicos (Newar, Chhetri, Gurung, Bahun, Thakuri, Sherpa), em partidos políticos (*Nepali Congress*, Maoístas, etc.), na NRNA, na Sociedade de Mulheres Nepalesas, em jornais internacionais nepaleses, e também em grupos de académicos nepaleses na diáspora e ONGs. Em nove casos, a participação, ou colaboração com organizações, restringe-se à organização de festividades tradicionais e eventos; noutros ainda (exº: trabalhadora nepalesa divorciada), existe um evitamento, mesmo dessas celebrações comunitárias

pontuais (pelo facto de se sentir discriminada, por alguns membros da imigração) - Quadro CVII (Anexo 2). Os trabalhadores declaram que a maioria desses grupos comunitários e organizações estão representados noutros países europeus (exº: Reino Unido, Irlanda, Bélgica, Holanda, Alemanha, Dinamarca, Itália, Espanha, França, Suíça, Suécia e Noruega). Os grupos fazem reuniões frequentes, em locais específicos de Lisboa; ou, no caso das reuniões internacionais (frequentadas apenas por dirigentes e líderes), numa cidade europeia, de forma rotativa - com periodicidade anual, bianual ou trianual, e com objectivos estratégicos: traçando actividades e articulações futuras, delineando orçamentos, planeando financiamentos - Quadro CVIIIa (Anexo 2).

Os trabalhadores pensam ser fundamental manter contactos noutros países e, até, uma "rede" organizada de laços: por razões de trabalho e de procura de novas oportunidades, na eventualidade de mudarem de país; por razões de "dispersão familiar"; para "abrir a mente"; de modo a facilitar negócios; por razões académicas e profissionais, entre outras - Quadro CVIIIb (Anexo 2). Este trabalhador explica:

«Na Europa, é importante [ter contactos noutros países], porque podes precisar de alguma coisa e os amigos apoiam... ou querer mudar de país, abrir negócios... o Nepal é a raiz, então tens de manter o contacto para saberes quem tu és. Pelo menos, para mim, é assim.» (entrevista do nº 6)

Aqui, nota-se uma necessidade de manter contacto com a origem, por questões identitárias. Quanto a estas relações com o Nepal, há maior ambivalência: desde os trabalhadores que "se sentem sufocar" se não contactarem regularmente a família no Nepal - descrito como "casa-mãe", "aquilo que nos une", "ligação de raiz", "a nossa origem, a cultura de base" -, até àqueles que "não morrem, se não falarem com [/para] o Nepal" (por terem a maior parte da família emigrada), ou que dizem que "já não se identificam com o país" e "já não seriam capazes de lá viver" - Quadro CVIIIb (Anexo 2).

Os trabalhadores afirmam que mandam vir produtos (20) e transferências financeiras (19) e, pontualmente, também serviços (seis) de outros países - recebidos de familiares, sócios, investidores, contactos corregionais, ou outros. Recebem-nos, nomeadamente, do Reino Unido (16), Nepal (oito) e Irlanda (dois), Alemanha (dois), Suíça (dois), Espanha (dois), Bélgica (um), França (um) - mas igualmente, nalguns casos, dos Estados Unidos (dois), Austrália (um), Rússia (um) ou Dubai (um). *Money transfer* (sete), correios ou compras *online* (oito), transferência bancária (três) e transporte pessoal (dois), por indivíduos que viajam para Portugal, são os métodos preferidos nessas trocas - Quadro CVIIIb (Anexo 2):

«[Recebemos transferências financeiras] de Inglaterra, quando necessitamos... sabemos que podemos contar com [os nossos] familiares que moram lá. Usam *money transfer*, correios.» (entrevista do nº 30)

Por outro lado, os trabalhadores revelam que enviam remessas (16) e produtos (15) ou, esporadicamente, serviços (oito) - principalmente, para o Nepal (15) -; recorrendo preferencialmente a *money transfer shops* (12), correios ou pagamentos *online* (nove), transferência bancária (um) e transporte pessoal (um). Dos trabalhadores, oito declaram, no entanto, que não ganham o suficiente, em Portugal, para poderem enviar dinheiro com destino a outro país (e, nomeadamente, para o Nepal), ou que, simplesmente, não têm essa disponibilidade (quatro) - Quadro CIX (Anexo 2):

«O que ganho não chega para enviar, para o Nepal, quase nada... infelizmente. Só para sobreviver aqui, em Portugal... Os vossos salários são muito baixos.» (entrevista do nº 7)

Estes dados coincidem com as tendências mais recentes registadas, por exemplo, junto de trabalhadores bangladeshianos em Lisboa, que também enviam menos dinheiro [remessas] para o país de origem, do que as gerações imigrantes conacionais que lhes precederam (Mapril, 2017). Os trabalhadores nepaleses revelam, na sua maioria, algum desencanto com a política e activismo no Nepal (19), além de "pouco tempo" ou "aversão a questões políticas", para poderem participar política e civicamente em Portugal (17) - ou seja, no destino. É o caso deste trabalhador:

«Não... nem aqui [participo politicamente]. Não gosto, mesmo nada, de política e desses interesses. Acho que são todos corruptos. Comecei a odiar política, por causa da história do meu país, da guerra civil. Os políticos mandam matar, mas não morrem.» (entrevista do nº 11)

Porém, alguns trabalhadores, que fazem parte de organizações comunitárias e políticas (dez), têm uma participação mais consistente, principalmente no destino: através dos respectivos partidos, da NRNA e do Consulado Nepalês em Lisboa, ou de ONGs e grupos profissionais - Quadro CIX (Anexo 2). É o caso destes dois trabalhadores:

«Em Portugal [participo]... por causa do meu trabalho. No Nepal, pouco... é participação cívica, ligada aos direitos dos nepaleses aqui. E também quando aconteceu o embargo: a comunidade internacional não foi capaz de intervir, não sabia o que se estava a passar, de facto, no terreno. Devem saber: para que possam sugerir à Índia que mude a sua política externa, quando for necessário, e não aplique pressão sobre o Nepal.» (entrevista do nº 25); ou ainda: «No Nepal, não [participo]... não quero ter nada a ver com a política no nosso país. Em Portugal, [reivindico] mais direitos e facilidade de legalização para imigrantes sul-asiáticos.» (entrevista do nº 7);

Finalmente, os trabalhadores demonstram uma clara noção da importância da diáspora nepalesa no desenvolvimento do país de origem, bem como do seu peso económico geral, e uma imagem maioritariamente positiva dela - Quadro CX (Anexo

2). Por uma série de razões: pelo investimento que garante no Nepal, pelos contactos e redes de suporte que proporciona àqueles nepaleses que viajam para o exterior, pela "abertura de mentalidades" que promove no contexto de partida, por "dar a conhecer o Nepal" no estrangeiro, pelo facto de ser, grosso-modo, "trabalhadora e não causar problemas" noutros países ou, ainda, de os emigrantes nepaleses "já terem vivido em sítios mais democráticos do que o Nepal", sendo essa experiência socialmente valorizada. É o caso dos seguintes trabalhadores:

«[Os emigrantes nepaleses e as empresas nepalesas no estrangeiro desempenham] um papel muito importante, economicamente: investem muito no Nepal, têm trabalho social, na educação, na saúde. Também dão a conhecer o Nepal ao resto do mundo, e isso é bom.» (**entrevista do nº 2**); ou: «São essenciais [os emigrantes], na maneira como se ajudam uns aos outros... e também como ganham dinheiro para as suas famílias, ou obras necessárias no Nepal. E representam muito bem o nosso país noutros países: são trabalhadores, não causam problemas.» (**entrevista do nº 13**); ou ainda: «Em termos financeiros, para o Nepal... contribuem muito. Também para a mudança de mentalidades. Viram que há modos de vida muito diferentes, experimentaram e viveram em sítios mais democráticos do que o Nepal... já têm experiência de vida!» (**entrevista do nº 15**)

Há também entrevistados que focam a importância das empresas da diáspora nepalesa, em termos de aumento da empregabilidade dos imigrantes nepaleses, dado o "racismo" e "discriminação" que estes experimentam, na Europa:

«Oh, as empresas [nepalesas] são o motor dos expatriados. Quem não vem para estudar, como eu, e precisa de um trabalho, depende delas... Porque, [você] sabe... na Europa, o racismo é muito grande, então vêem um asiático e acham que somos de uma categoria inferior... para quem tem educação é diferente mas, para o resto, é assim.» (**entrevista do nº 21**)

Quase metade dos trabalhadores (14) consideram que as instituições nepalesas valorizam o contributo dos emigrantes para o Nepal; outros (12), acham que não valorizam: as opiniões, a este respeito, dividem-se - Quadro CX (Anexo 2). Vários trabalhadores mencionam, mesmo, que a diáspora nepalesa faz expressamente pressão e *lobby*, de modo a ser mais reconhecida e respeitada no país de origem, e também com o objectivo de ter maior poder de escrutínio, como sucede nos casos destes entrevistados:

«Fazemos *lobby* para que isso aconteça... depende dos governantes, alguns sim [valorizam o contributo dos emigrantes]; outros, nem tanto.» (**entrevista do nº 22**); ou: «Valorizam e incentivam... mas deviam valorizar ainda mais... Dão incentivos aos emigrantes para investirem no país-natal... mas isso não chega. Deviam explicar melhor como usam o dinheiro que recebem.» (**entrevista do nº 3**); ou ainda: «Podiam valorizar muito mais e deixar mais remessas e investimentos entrar no país. Mas, sabe como é... há muita corrupção e eles exigem sempre "luvas" grandes, sobre qualquer investimento [dos emigrantes]. Isso faz atrasar o desenvolvimento do país... Não deviam ser permitidas "luvas", mas os grandes homens de negócios e políticos pedem-nas sempre. Eu não gosto disso e não concordo com isso...

é a corrupção. Aqui seria um escândalo; lá, as pessoas pensam que é normal. Deveria ser proibido, na minha opinião... deviam controlar melhor!» (entrevista do nº 12)

Em seguida, retiraremos algumas conclusões, e implicações teórico-práticas, a partir dos resultados obtidos.

## 7.4 Conclusões Relativas aos Resultados no Capítulo 7

Podemos afirmar que as seguintes conclusões gerais se nos apresentam, a partir dos dados atrás colectados e sistematizados:

1) Os resultados obtidos para os trabalhadores poderão ser comparados com dados recolhidos para os empresários, na medida em que:

a) A migração, tanto de trabalhadores como de empresários nepaleses, para Lisboa configura um exemplo de migração em cadeia (com propósitos de legalização no espaço europeu, neste caso), a qual se sustém e cresce, através do patrocínio e auxílio geral à vinda de migrantes adicionais, por parte dos imigrantes nepaleses instalados na cidade há mais tempo - por regra, empresários. Um determinado número de preditores (tempo de permanência em Portugal, estado civil, religião, grupo étnico e casta dos imigrantes) poderão, eventualmente, ser usados com utilidade - para antecipar a sua tendência ao patrocínio da vinda de trabalhadores imigrantes nepaleses adicionais. Poderemos falar, adicionalmente, em migração em cadeia com reunificação familiar (60% dos trabalhadores e mais de 70% dos empresários nepaleses entrevistados formam um casal, ou uma família, em Lisboa) sustentada, tanto em redes familiares, quanto em redes de grupo étnico fortes.

b) Esta imigração tende, pelo menos em Lisboa, a ter formação de nível técnico, ou superior: dois terços dos empresários nepaleses têm formação técnico-profissional ou universitária, e mais de dois terços dos trabalhadores possuem uma licenciatura, mestrado ou curso técnico (embora estes exerçam, frequentemente, profissões abaixo do seu nível de qualificação). Estes resultados: a) podem estar, parcialmente, relacionados com o uso do método bola-de-neve para escolher as amostras, bem como com a proveniência (região da grande Catmandu) de muitos imigrantes nepaleses em Lisboa e o tipo de pertença, em termos de grupo étnico e subcasta (elevada, ou condição social média-alta no Nepal), de muitos imigrantes nepaleses na Europa; b) em qualquer caso, estes resultados vêm em continuidade com a preferência, registada no Reino Unido, da imigração nepalesa pela integração no destino por via da inserção no mercado de

trabalho, mesmo que desempenhando tarefas manuais, para as quais os migrantes são sobrequalificados.

c) Esta imigração floresce no sector terciário e adopta, como estratégias, a concentração dos negócios, ou a pluriactividade<sup>294</sup>: tanto nos empresários, quanto nos trabalhadores, predominam actividades do sector terciário, pluriactividade (acumulação de diferentes áreas de actuação), heterogeneidade e trajectórias profissionais diversificadas. Tal não terá somente que ver com a polivalência desta imigração, mas também com as dificuldades de inserção económica no destino, enfrentadas quer por empresários, quer por trabalhadores. Apesar de haver dois empresários dedicados ao sector primário, não existem trabalhadores, nos sectores primário ou secundário, entrevistados em Lisboa. Dentro dos sectores terciário e quaternário, registamos mais trabalhadores do que empresários, nas áreas de actuação ligadas à educação, gestão, engenharia e investigação. Mais de 85% dos trabalhadores afirmam ter um trabalho contínuo, o que se relacionará com o facto de não terem sido entrevistados em Lisboa trabalhadores agrícolas, que estarão mais sujeitos à sazonalidade.

d) A imigração nepalesa em Lisboa está associada a estratégias de legalização no espaço europeu: sabemos, por indicações dos nossos entrevistados (sobretudo dos trabalhadores), que Portugal funciona como um "refúgio" para os imigrantes nepaleses, quando o processo de inserção económica, ou de legalização, não funciona/falha noutros países da Europa<sup>295</sup>. Esta imigração apoia-se em redes familiares e coétnicas de alcance europeu: a existência de família alargada no espaço europeu funciona, quase sempre, como uma garantia de suporte (possibilidade de fornecimento ou financiamento para os empresários nepaleses, e fonte de transferências monetárias para os trabalhadores nepaleses). Os resultados, para os trabalhadores, indiciam a actuação de redes migratórias bem estabelecidas (Boyd, 1989; Massey et al, 1998; Guarnizo e Peter Smith, 1998; Vertovec, 2001), de base étnica, que os trazem até Lisboa/Portugal, com um objectivo primordial. Quase dois terços não têm conhecidos em Portugal antes de imigrar; e oito têm amigos, já vindos do Reino Unido. Mas metade informa-se na internet sobre o país, e dois terços assumem ter vindo com propósitos de legalização

<sup>294</sup> Dez empresários têm pluriactividade: as famílias com redes de negócios em mais do que uma área de actuação são, em geral, as que, há mais tempo, estão estabelecidas em Portugal; ou aquelas que têm ligações a funções diplomáticas, e à direcção das múltiplas associações nepalesas presentes no nosso país.

<sup>295</sup> É de colocar a hipótese de que o maior número de empresários Thakuris e Sherpas, que nunca viveram na Europa antes, possa dever-se à actividade de redes intraétnicas transcontinentais mais fortes, que sabemos existirem, para ambos os grupos étnicos (Sijapati, 2010; Subedi, 2015), e que auxiliarão a migração de longa-distância, a partir da origem ou de países terceiros, com o propósito de legalização na Europa.



(há, igualmente, estratégias para obtenção da nacionalidade). A maioria imigra por intermédio de coétnicos (quer no sentido amplo, quer no sentido estrito), e dois terços auxiliaram outros coétnicos a vir também para Portugal. Dois terços dos trabalhadores, igualmente, indicam que "para já" não tencionam remigrar, mas praticamente todos eles têm familiares, amigos ou conhecidos que remigraram.

e) Mesmo que não consideremos a etnicidade, ou o grupo étnico, como "um factor explicativo *per se*", do empresarialismo imigrante (o que é já algo contraditável<sup>296</sup>), o papel das chamadas "oportunidades étnicas" não se revela, no caso dos empresários nepaleses imigrantes em Lisboa, como um factor negligenciável, tão-pouco olvidável, ou menor<sup>297</sup>. Na verdade, ainda que possamos criticar a etnicidade em excesso, por demasiado culturalista e por descurar desigualdades sociais, a íntima associação entre as variáveis grupo étnico, casta e classe social faz, no caso nepalês, com que isso não suceda necessariamente. Uma análise das "oportunidades étnicas" deverá, no nosso entender, ser considerada - a par do estudo integrado dos recursos pessoais do imigrante, das oportunidades comunitárias<sup>298</sup> e familiares, e das circunstâncias presentes no contexto de recepção (e de partida). As estratégias étnicas perderam, nalguns casos, o seu protagonismo - mas não deixam de estar presentes. No entanto, na nossa amostra, observamos uma reconstrução de sistemas de grupo étnico, de casta e subcasta (logo, de hierarquia ou condição social) herdados e transpostos da origem, especificamente entre os líderes, chefias comunitárias e empreendedores responsáveis pelos negócios nepaleses em Lisboa<sup>299</sup>.

<sup>296</sup> Dada a forte especialização de alguns grupos étnicos nepaleses, em determinadas áreas de actividade empresarial - e dada, também, a especialização profissional tradicional, associada às castas.

<sup>297</sup> Uma parte daquilo que os empresários nepaleses descrevem como "investimentos próprios ou de familiares" corresponderá, na realidade, a recursos étnicos (vimos como, para alguns grupos étnicos, a "família" corresponde a todo um conjunto de indivíduos oriundos da mesma região geográfica/cidade, frequentemente com o mesmo *background* étnico); recursos étnicos, esses, operacionalizados por via de empréstimos informais de capital, redes de solidariedade étnica, e relações de obrigação e confiança mútua (subtipos de capital social).

<sup>298</sup> As quais, neste caso, por razões utilitárias e de precisão na sistematização, e devido à importância das redes coétnicas (no sentido estrito) no empresarialismo nepalês, diferenciamos das oportunidades étnicas: por nos parecerem mais abrangentes e abertas, envolvendo outro tipo de relações e contactos mais difusos, não-coétnicos, ou seja, recursos derivados das redes sociais alargadas do empreendedor - colocamos, depois, oportunidades comunitárias, étnicas e familiares sob o grande chapéu das estratégias grupais. Isto é: ao contrário de Reis Oliveira (2016, 2017), não fazemos equivaler a expressão "comunitárias" à grande categoria "grupais" (estratégias), preferindo antes considerar as "oportunidades comunitárias" como uma subcategoria dentro daquelas.

<sup>299</sup> Na realidade, 75% dos empresários entrevistados pertencem a subcastas elevadas, dentro do seu grupo étnico (os Thakuri e Sherpa estão sobre-representados, os Tamang e Tharu encontram-se sub-representados). Ora, esta constatação tem implicações, quando perguntamos quem são os membros de uma imigração que apostam no empreendedorismo, mas também vem no sentido do fenómeno, aí mais alargado, de rigidificação de sistemas de casta e ligados aos grupos étnicos, já descrito para a imigração

Em suma, se a "etnicidade" por excesso é criticável, nós expressamos, igualmente, dúvidas sobre a atitude de encarar a grupo étnico como variável qualitativa não-interveniente, ou sobre a opção "deixar de falar do grupo étnico", em detrimento da possibilidade "separar estratégias familiares e coétnicas"<sup>300</sup>. Repare-se que os empresários nativos também adoptam estratégias familiares e pessoais, pelo que elencar somente recursos pessoais e oportunidades comunitárias "genéricas", além de estratégias contextuais (banindo, portanto, a especificação "oportunidades étnicas"<sup>301</sup>, no modelo de Reis Oliveira apresentado em 2017<sup>302</sup>), introduz algum apagamento, em duas diferenciações que se nos afiguram úteis: a) aquela que ocorre entre estratégias do empresarialismo, em geral, e estratégias do empresarialismo imigrante, em particular (que definem aquilo que estes imigrantes - ou estes empresários - têm de particular); b) e aquela que ocorre entre estratégias do empresarialismo imigrante, em geral, e estratégias (redes étnicas) do empresarialismo nepalês, em particular - a qual, aqui, nos importa concretamente.

Nesta medida, consideramos o modelo analítico proposto por Reis Oliveira em 2005 (vide Quadro CXXXVI, Anexo 2) como mais adequado, relativamente ao modelo heurístico recente da mesma autora, apresentado no ano de 2017<sup>303</sup>. Já que, no nosso caso, quando falamos de "oportunidades étnicas", não queremos necessariamente indicar conacionais, mas, mais precisamente e sobretudo, coétnicos no sentido estrito - e

---

nepalesa em Inglaterra, por autores como Pariyar (2013), Gellner et al. (2014) ou Adhikari (2016) - e associada, por eles, a factores como: as formas de recrutamento militar, o tamanho da imigração ou as políticas de legalização prosseguidas no Reino Unido. Note-se que, um número significativo dos nossos empresários, já viveu em Inglaterra, ou lá mantém laços familiares e étnicos. Pelo que, parte da rigidificação verificada nos sistemas de casta e étnicos em Lisboa (nas chefias/empresários), pode ter sido, identicamente, transposta das práticas da imigração no Reino Unido, e não apenas do Nepal, e reconstruída em Lisboa.

<sup>300</sup> Remetendo as estratégias associadas ao grupo étnico, como remetem, para questões de identidade nas imigrações respectivas e surgindo, geralmente, em função de um contexto de recepção agressivo, com o intuito de adquirir vantagem competitiva.

<sup>301</sup> "Oportunidades comunitárias" e "oportunidades étnicas" não nos parecem, no caso nepalês, a mesma coisa. Em primeiro lugar, a sociedade nepalesa e as imigrações nepalesas no mundo celebram fortemente o orgulho étnico, distinguem claramente entre grupos étnicos e reconhecem, adicionalmente, uma "Federação nepalesa das nacionalidades indígenas" (NEFIN), além de uma maioria dos cidadãos nepaleses associar os grupos étnicos à "herança legítima nepalesa" (a uma ideia de autenticidade múltipla nacional, original) e o hinduísmo/brâmanes à influência indevida da Índia e da ex-família real, de origem indiana, no Nepal (relembre-se que a monarquia nepalesa proibia a celebração das identidades étnicas dentro do Nepal e perseguia, mesmo, grupos étnicos particulares). Em segundo lugar, parece-nos que as imigrações nepalesas, pelo menos na Europa, EUA e Austrália, constituem menos uma "comunidade" homogénea e indistinta, do que uma agremiação de grupos étnicos com culturas, redes, canais de financiamento, patrocínio e estratégias próprios, que os ligam às organizações étnicas na origem, igualmente - legitimando, assim, a nossa defesa da existência de várias "economias étnicas" paralelas, ou que concorrem para um todo, dentro da imigração nepalesa em Lisboa.

<sup>302</sup> No contexto da defesa da sua tese de Doutoramento, Lisboa, ISCTE-IUL.

<sup>303</sup> Idem.

as redes étnicas nepalesas particulares, identificadas. No modelo de 2005, oportunidades estruturais interagem com recursos pessoais e oportunidades étnicas, determinando as estratégias empresariais que os imigrantes adoptam. Poder-se-á alegar que empresários com oportunidades étnicas, comunitárias/grupais e estruturais semelhantes não recorrem a estratégias empresariais idênticas - em função de diferenças registadas ao nível dos seus recursos pessoais. Contudo, observamos que, para o caso da imigração por nós estudada, não só os empreendedores nepaleses não usufruem das mesmas oportunidades étnicas, pelo simples facto de possuírem uma nacionalidade unificadora<sup>304</sup>, como também se torna patente que nem sempre empresários com os mesmos recursos pessoais, oportunidades grupais familiares e comunitárias, e oportunidades estruturais, ou sujeitos às mesmas vicissitudes contextuais, recorrem a estratégias empresariais idênticas - isto ocorre em função de diferenças constatadas, entre eles, nas oportunidades étnicas, e no acesso aos recursos étnicos (de coétnicos no sentido estrito). Note-se, ainda, que nem todos os imigrantes mobilizam os mesmos níveis de recursos pessoais, oportunidades estruturais, étnicas e comunitárias (grupais).

f) A complexa arquitectura, com preponderância étnica ou familiar, dos sistemas de financiamento dos negócios, e transferência de recursos (financeiros ou outros), entre países, dever-se-á, não apenas ao contexto constrangedor no destino mas, igualmente, a um contexto problemático na partida, que dificulta a retirada de capitais do país de origem, assim como ao funcionamento típico de certos canais étnicos particulares. Salientamos o papel desempenhado pelas *Charities*/ONGs (geralmente, de fundação familiar ou cariz étnico, mas não só, e representadas em mais do que um país) no acesso facilitado a fontes de financiamento, investimento e fornecimento, às possibilidades de haver transferências monetárias, de capital via fluxos financeiros e de remessas sociais, ou transferência de outros recursos (incluso competências e informações), entre países. Estas organizações assumem centralidade, no caso nepalês - tanto mais, considerando que existem obstáculos legais reais, à saída de capitais do Nepal. Esse papel, desempenhado pelas *Charities*/ONGs<sup>305</sup>, é complementado pelos negócios étnicos de *money transfer* locais (casas de câmbio e transferência de capital, dedicadas à agilização

<sup>304</sup> Há dezenas de grupos étnicos, com características histórico-culturais, religiosas e ocupacionais próprias, no ambiente de origem.

<sup>305</sup> No caso das *Charities*/ONGs familiares, é comum que negócios de família, múltiplos (logo, dentro do mesmo grupo étnico), em sectores de actividade distintos e sediados em diferentes países, gravitem em torno de uma mesma *Charity*/ONG (com benefícios fiscais, acesso a fontes de financiamento e a canais de transferência de capital e recursos) que, assim, beneficia toda a família alargada, nas actividades empreendedoras desenvolvidas pelos seus membros.

dos fluxos financeiros). Assim como pelas actividades (envio e recepção de capital, recursos humanos ou outros, informações e competências) das associações nepalesas em Lisboa, pela estratégia de *sponsorização* de eventos étnicos na cidade<sup>306</sup> e pelo envio/recepção de transferências bancárias sob a forma de "pagamentos" genéricos de/para familiares, amigos, sócios e coétnicos noutros países europeus (que constituem, na realidade, formas de financiamento dos negócios, ou de envio de capital via fluxos financeiros - por vezes, obtido por familiares, que pediram previamente empréstimos noutros países europeus).

g) Está pouco estudada a recepção social e as representações da opinião pública portuguesa, acerca dos empresários nepaleses e imigrantes nepaleses, em geral<sup>307</sup>. Este tópico, das imagens e representações sociais dos empresários e imigrantes nepaleses na sociedade portuguesa, bem como a detecção de eventuais processos de discriminação (exº: no acesso ao mercado de trabalho, ou ao financiamento formal em Portugal, ou no acesso a serviços públicos e informação básica) e racismo consequentes, está, portanto, por pesquisar, embora alguns dos nossos entrevistados tenham feito referência a discriminações quotidianas. Essa pesquisa específica forneceria dados comparáveis aos já obtidos, para outras imigrações no nosso país<sup>308</sup>.

h) Verificamos a existência de negócios com mais do que uma valência, e conjugação de áreas de actividade. Além disso, destaca-se a relevância do objecto de estudo no mercado de trabalho da capital - em conjunto, os empresários entrevistados disseram representar 584 trabalhadores (ou postos de trabalho) - número que pode estar subestimado, em função da existência de trabalhadores em situação de não-documentados, e temporários, não-declarados. A expansão das redes sociais imigrantes nepalesas em Lisboa, em especial em determinadas zonas da cidade, como o eixo Anjos-Martim Moniz (e, em menor grau, Alcântara; ou, mais recentemente, a Margem Sul), para incluir empresas nepalesas, organizações nepalesas formais e informais, e nichos de negócio ou profissionais (nomeadamente nas áreas da hotelaria/restauração e

<sup>306</sup> Esta estratégia fornece um contexto de socialização privilegiado, e permite a recolha de fundos muito regulares, na ordem dos milhares de euros, divididos por diversos empresários/*sponsors*, de cada vez.

<sup>307</sup> Pois a imigração nepalesa, apesar de mediaticamente exposta em Portugal, por diversas ocasiões, nos últimos anos (exº: acções solidárias relacionadas com o terremoto de 2015, processos judiciais associados com empresas agrícolas operando em quintas portuguesas), é relativamente recente no nosso país.

<sup>308</sup> A natureza das relações estabelecidas com os autóctones encontra-se, deste modo, por clarificar - embora tenhamos registado colaborações frequentes com fornecedores e clientes portugueses - e, ocasionais, com sócios-investidores portugueses, entre os empresários nepaleses em Lisboa.

supermercados), leva a que possamos falar da área Anjos-Martim Moniz<sup>309</sup> como um exemplo de desenvolvimento de uma *ethnoscape*<sup>310</sup> nepalesa, enquadrada dentro de um enclave imigrante mais vasto.

---

<sup>309</sup> Muitos dos nossos entrevistados referem-se à zona da Avenida Almirante Reis, e ruas transversais circundantes, como "sendo o mesmo do que estar no Nepal" - porque, segundo eles, "vão na rua e ouvem falar nepalês contantemente".

<sup>310</sup> Cf. Appadurai, 1996.

## Capítulo 8: Considerações Finais

Este capítulo final será dedicado a um balanço dos capítulos, indagações e resultados precedentes, incluindo uma síntese geral, conclusões gerais, vias de pesquisa ou indagação futura, e reflexões finais.

### 8.1 Síntese Geral

Resumidamente, durante a nossa pesquisa:

- a) Realizámos uma caracterização geral da imigração nepalesa com destino a Portugal;
- b) Caracterizámos os empresários nepaleses em Lisboa, por comparação com os trabalhadores nepaleses na mesma cidade;
- c) Comparámos o fenómeno do empreendedorismo imigrante nepalês em Lisboa com o empreendedorismo verificado noutras imigrações antes estudadas na capital, sul-asiáticas e não só;
- d) Esclarecemos se as actividades empreendedoras da imigração nepalesa em Lisboa poderiam enquadrar-se naquilo que habitualmente designamos por uma "economia étnica", ou até por várias "economias étnicas", simultâneas e concorrentes, e por que razões isso sucedia;
- e) Elucidámos os mecanismos envolvidos nas actividades produtivas da imigração nepalesa em Lisboa (formas de financiamento e investimentos, estratégias empreendedoras, controle do capital e sua movimentação por meio de fluxos financeiros, envio e recepção de mão-de-obra, patrocínios e apoio ao desenvolvimento do Nepal), bem como as suas relações com modos de transnacionalismo económico, social e político;
- f) Lançámos luz sobre a natureza e modos de funcionamento das redes internacionais (familiares, coétnicas, conacionais) e cadeias migratórias envolvidas na criação e sustentação dos negócios nepaleses em Lisboa, assim como no patrocínio à vinda de trabalhadores nepaleses adicionais para Lisboa e à reunificação familiar;
- g) Adicionalmente, clarificámos aspectos relativos às origens e motivações, percursos e trajectos dos migrantes que integram este fluxo, bem como ao contexto de acolhimento, redes de sociabilidade, indústria da migração, e ainda algumas questões de género na imigração nepalesa em Lisboa.

Começaremos por relembrar o objectivo central da tese e as nossas hipóteses principais, decorrentes das problematizações teóricas prévias - para depois lhes

procurarmos responder, com base nos nossos resultados. A nossa pergunta de partida visava obter uma caracterização geral da recente imigração nepalesa para Portugal (motivações, trajectos e perfis), e também definir a relevância das redes coétnicas transnacionais nepalesas no empresarialismo nepalês registado em Lisboa. Já as hipóteses de trabalho, por nós previamente colocadas (no Capítulo 4), poderão resumir-se da seguinte forma:

1) Propusémos, como factores determinantes da iniciativa empresarial e das estratégias de negócio da imigração nepalesa em Lisboa: o suporte fornecido por redes de negócios coétnicas intraeuropeias, o recurso a conacionais (no recrutamento, colaboração e financiamento dos negócios), a manutenção de ligações privilegiadas à origem e os maiores níveis educativos (e castas mais elevadas) dos empresários nepaleses. As empresas nepalesas em Lisboa teriam como supervisores, financiadores, trabalhadores, clientes e fornecedores, principalmente, outros nepaleses. Os empresários nepaleses em Lisboa recorreriam preferencialmente a formas de financiamento e investimento informais via outros coétnicos, ou ainda formais, noutros países europeus. Entre as empresas destes imigrantes em Lisboa e outros países europeus, os fluxos financeiros e as trocas de capital, produtos, serviços, mão-de-obra e outros recursos, seriam: intensos, essenciais à sobrevivência dos negócios e superiores relativamente ao Nepal;

2) Os trabalhadores nepaleses difeririam dos empresários nepaleses: nas suas características sociodemográficas (idades e sexos, estados civis, grupos étnicos predominantes, castas, trajectos migratórios, qualificações, tempos de permanência em Portugal), na tendência à remigração e no seu estatuto legal, bem como nos modos de entender e comunicar relações e conflitos (quer dentro da imigração nepalesa em Lisboa, quer com a sociedade portuguesa em geral). Os trabalhadores nepaleses em Lisboa receberiam e enviariam remessas, produtos e serviços com muita frequência - para/do Nepal e para/da Europa;

3) As redes coétnicas transnacionais teriam uma função-chave ao nível do financiamento, investimento, fornecimento e das relações de troca ou parceria, fazendo circular recursos financeiros, capital humano e mão-de-obra entre países. Elas teriam como características definidoras: a sua expansão global, a posse de recursos e de um grau de formalização/inter-relação transfronteiriça variáveis (de grupo étnico para grupo étnico nepalês), e uma articulação conacional de cariz supraétnico. Haveria reconstrução dos grupos étnicos nepaleses na imigração nepalesa em Lisboa;



4) Poderíamos falar de "economia étnica", ou de várias economias étnicas paralelas e convergentes, a propósito das actividades de negócio dos imigrantes nepaleses em Lisboa - designação justificada por factores de financiamento, fornecimento, recrutamento, funcionamento e clientela dos negócios: os empresários nepaleses empregariam principalmente outros coétnicos (nos sentidos estrito e alargado) nos seus negócios e teriam fornecedores, financiadores, investidores e clientes finais maioritariamente coétnicos. Já os trabalhadores teriam por patrões, supervisores e colegas preferencialmente outros coétnicos;

5) O transnacionalismo económico, social e político desempenharia um papel relevante no conjunto dos negócios desenvolvidos em Lisboa;

6) A imigração nepalesa em Lisboa participaria na ajuda ao desenvolvimento do Nepal, por diversas vias e com objectivos distintos. Ela partilharia com outras imigrações nepalesas no mundo essas preocupações de ajuda e um sentido de obrigação em relação à origem;

7) A imigração nepalesa em Lisboa teria pontos em comum com outras imigrações sul-asiáticas na mesma cidade, mas também algumas características próprias. Entre as diversas imigrações sul-asiáticas presentes na cidade, as formas de empresarialismo e o funcionamento das redes coétnicas transnacionais divergiriam em qualidade e intensidade;

8) Porém, a imigração nepalesa em Lisboa teria semelhanças, nomeadamente, com outras imigrações nepalesas na Europa e no mundo. Ela partilharia algumas características com outras imigrações nepalesas na Europa e estaria a elas ligada, bem como ao país de origem, por redes de natureza familiar, coétnica, associativa, de negócios, de amizade e políticas.

## 8.2 Conclusões

Com base no conjunto de hipóteses atrás enunciadas e nos resultados obtidos, poderemos retirar as seguintes conclusões:

### 8.2.1 Factores Determinantes da Iniciativa Empresarial em Lisboa

A) Realçamos a força das redes coétnicas Sherpa, Newar, Chhetri/Thakuri e Bahun que, entre outras actividades úteis e serviços, facultam empréstimos informais<sup>311</sup>. A organização e patrocínio, quase todas as semanas em Lisboa, de eventos coétnicos pagos é uma fonte adicional de financiamento, para diversos empresários.

<sup>311</sup> Nota, ainda, para as dificuldades enfrentadas por alguns empresários (exº: Sherpa) que contraíram empréstimos informais no Nepal, com juros que variavam entre os 12% e os 20%.

Complementarmente, salienta-se o carácter transnacional das redes étnicas mais antigas e bem estabelecidas na Europa, como as redes Sherpa, Chhetri, Thakuri ou Newar. Na sequência dos contributos de Shah e Menon (1999), descritos no ponto 3.2.1, poderemos caracterizar a imigração nepalesa em Lisboa (e Portugal) como uma migração em cadeia, onde os primeiros migrantes continuam a facilitar a migração dos migrantes subsequentes, por razões de legalização no espaço europeu. Mesmo que, em termos concretos, os imigrantes patrocinados por outros não consigam um trabalho que lhes permita enviar remessas para os seus familiares, o efeito de cadeia mantém-se. Alguns bons preditores do patrocínio à vinda de outros imigrantes serão o facto de o imigrante ser dono de um negócio em Lisboa/Portugal, necessitar de mão-de-obra coétnica, ser de casta alta, do sexo masculino, de religião hindu, ou pertencer a um grupo étnico indígena nepalês com redes de solidariedade particularmente fortes.

B) Para os empresários, o financiamento dos negócios e o recrutamento de trabalhadores (onde o critério principal é o facto de serem nepaleses ou conacionais mas, muitas vezes, serem também coétnicos no sentido estrito) são claramente étnicos<sup>312</sup>. Contudo, as relações com os fornecedores (de produtos, mão-de-obra ou serviços) são menos óbvias e mais abrangentes, e o tipo de clientes é ainda mais abrangente.

C) Os empresários nepaleses alimentam a manutenção de ligações diversificadas à origem: relações de negócios, políticas, de amizade, familiares, comunitárias, assistenciais.

D) A empresarialidade nepalesa não surge somente associada a estratégias de mobilidade social, mas também a estratégias de sobrevivência e a estratégias de legalização, ou de aquisição da nacionalidade - na sequência de crises pessoais e contextuais (alterações nas políticas migratórias no Norte da Europa, perda de vistos, transição dos estudos para o mercado de trabalho, períodos de desemprego). Ou seja, há reemigração de nepaleses de outros países da Europa para Portugal. Está, ainda, ligada a estratégias de reprodução de sistemas sociais/étnicos e de casta herdados da origem, ou

---

<sup>312</sup> Se o emprego de conacionais pela maioria dos empresários nepaleses entrevistados assenta amiúde em fenómenos de solidariedade, altruísmo e questões práticas de conveniência e hegemonia, ele inclui também possíveis situações de exploração laboral, trabalho escravo e, até mesmo, de tráfico humano associado (criminais). Isto é, ele ilumina questões pertinentes, relativas à necessidade de reestruturação das políticas laborais portuguesas aplicadas em nichos migrantes e sua fiscalização, já levantadas por Maria das Dores Guerreiro (2000, 2003), entre outros autores.

de países terceiros onde os indivíduos moraram - anteriormente à sua entrada em Portugal.

#### 8.2.1.1 Condição Social dos Empresários

No que respeita à condição social dos empresários, quando comparados com os resultados obtidos nas entrevistas aos trabalhadores nepaleses, os empreendedores nepaleses em Lisboa têm, em média, uma condição social mais elevada (ou, se quisermos ser rigorosos, uma posição no seu grupo étnico e de casta mais privilegiada). Eles estão sobre-representados nos corpos dirigentes dos grupos e associações comunitárias, têm qualificações mais elevadas, experiências profissionais de gestão mais frequentes, acesso a redes mais internacionalizadas e a mais recursos comunitários, étnicos e oportunidades contextuais (há diferenças de condição social nos grupos étnicos). Os grandes empresários nepaleses em Lisboa são uma minoria, e surgem ligados a postos administrativos e diplomáticos oficiais, à direcção de associações de cariz étnico, da organização-chapéu NRNA, ou chefiam delegações de partidos políticos nepaleses, chegaram há mais tempo ao nosso país e dominam a língua portuguesa. Eles diferem dos trabalhadores e dos pequenos empresários, que são forçados a adoptar estratégias empreendedoras por questões de sobrevivência. Dentro destes últimos, poderemos ainda diferenciar aqueles que obtêm grande suporte de redes co-étnicas internacionais bem estabelecidas e há mais tempo, assim como de familiares; daqueles que contam sobretudo com os seus próprios recursos pessoais para iniciar e fazer vingar os respectivos negócios.

#### 8.2.1.2 Modo de Desenvolvimento do Empreendedorismo

a) Aqui, procurámos apresentar contributos gerais para um estudo das oportunidades comunitárias, oportunidades étnicas e recursos pessoais dos empresários nepaleses em Portugal<sup>313</sup>, na sua relação com os constrangimentos e oportunidades contextuais<sup>314</sup>.

<sup>313</sup> Algumas das diferenças registadas na adesão a estratégias empreendedoras entre imigrantes nepaleses e, por exemplo, imigrantes cabo-verdianos, dever-se-ão: a disparidades nos seus recursos pessoais, à barreira inicial colocada pelo desconhecimento da língua portuguesa e dos meandros burocráticos portugueses (meio mais hostil em termos de inserção laboral, no caso dos imigrantes nepaleses), ao enquadramento legal e política de imigração diferenciada entre imigrantes PALOP e sul-asiáticos em Portugal, à estrutura de oportunidades do mercado de trabalho no destino, a diferentes representações sociais na opinião pública portuguesa a respeito dessas duas imigrações (ambas sofrerão, porém, situações diversas de discriminação no acesso ao trabalho) e, finalmente, a algumas questões culturais, particulares a cada uma delas.

<sup>314</sup> Os constrangimentos da política de imigração e do processo de legalização no destino, as discriminações no acesso ao mercado de trabalho, as dificuldades colocadas pela língua ou as situações de desemprego prolongado influenciam a inserção económica destes imigrantes no país de acolhimento, determinando, com frequência, a sua trajectória empreendedora. Contudo, não é menos verdade que certas peculiaridades do ambiente de origem (formas de centralização, leis referentes ao envio de capitais

Existem jovens empreendedores do grupo étnico Chhetri (Gurkhas), vindos maioritariamente do Reino Unido, mas também de outros países do Norte da Europa, que se financiam através de redes informais (sobretudo coétnicas e familiares), ou de empréstimos formais obtidos por familiares seus a viver no Reino Unido, ou noutros países norte-europeus<sup>315</sup>. De modo geral, há empresários nepaleses que se financiam através de familiares que têm acesso a empréstimos também na Bélgica, Holanda, Dinamarca ou Nepal - enviando o capital por meio de fluxos financeiros (muitas vezes, utilizando ONGs) para Portugal, em seguida. E também se registam algumas ligações de financiamento a Itália.

b) Ao nível das estratégias de negócio e empresariais, salientemos que a maioria dos negócios dos empresários nepaleses, por nós entrevistados em Lisboa, tem pequena

---

para o exterior e à posse de negócios dentro do próprio país de partida, incentivos e empréstimos aos empreendedores), modos de organização social, estruturas étnicas e de casta predominantes e afinidades geográficas, bem como as características contextuais e políticas migratórias dos países por onde estes imigrantes passaram anteriormente (exº: Reino Unido, Bélgica), ou as estratégias preferenciais adoptadas para financiamento e transferência de recursos entre países, também influenciam o destino empreendedor dos empresários nepaleses. As críticas abertas, feitas por muitos empreendedores nepaleses, à burocracia legal, sistema fiscal, oportunidades escassas de acesso ao crédito/financiamento formal e falta de incentivos gerais ao empreendedorismo imigrante em Portugal, mas também a sua disponibilidade para colaborar/incentivar a mudança contextual ou institucional, ressaltam a oportunidade de discutir publicamente e implementar, levando-as mais longe e articulando-as, as políticas de incentivo ao empreendedorismo imigrante já existentes no nosso país. Tanto mais que o empresariado é uma das estratégias de legalização e adaptação ou inserção económica preferencial para diversas imigrações (asiáticas e outras), e que as falhas ainda existentes nesses incentivos ao empreendedorismo imigrante acentuam situações de fragilidade e dependência. São deste tipo os casos dos empreendedores forçados a recorrer a empréstimos informais na origem (Nepal) ou no destino (usando redes coétnicas e de sociabilidade), com taxas de juro elevadíssimas, que os comprometem por muitos anos. Ou os casos dos empreendedores nepaleses burlados por advogados e contabilistas em Portugal. Ou, por fim, os casos dos empreendedores nepaleses que recorreram ao mercado negro, e a esquemas ilegais ou máfias locais, para conseguirem um número de segurança social e poderem, assim, candidatar-se a uma autorização de residência no nosso país. Por outro lado, os dados das entrevistas realizadas com os empresários nepaleses vêm confirmar as indicações de muitas pesquisas anteriores, sobre as limitações e barreiras experimentadas pelas mulheres das comunidades imigrantes no acesso ao empreendedorismo, a posições de liderança autónoma dos negócios, e à independência no mercado de trabalho do país de destino. Apesar de várias organizações nacionais e internacionais apostarem no (e fomentarem o) empreendedorismo feminino, somente três dos empresários nepaleses que entrevistámos eram mulheres. Elas geriam uma loja de artesanato étnico, um supermercado e um cabeleireiro/salão de beleza, e pertenciam ao grupo étnico Kshatriya (uma Chhetri e uma Thakuri), sendo a outra Brâmane Khas-Bahun. Isto terá que ver com assimetrias entre géneros registadas na sociedade nepalesa na origem, transpostas para o ambiente de chegada. Mas, igualmente, com obstáculos contextuais ao empreendedorismo feminino em geral, no país de recepção (lembramos que a taxa de empreendedorismo entre as mulheres portuguesas também não é elevada: 6,2% no Censos de 2011, ou três pontos percentuais abaixo da taxa de empreendedorismo nos homens portugueses). É, porém, muito comum encontrar na imigração nepalesa de Lisboa mulheres trabalhadoras, em posições de trabalho subalternas.

<sup>315</sup> Isto relaciona-se com segundas gerações que estudaram no Reino Unido ou no Norte da Europa, mas são obrigadas a partir para a Europa continental e do sul depois de obterem as suas qualificações, ou mesmo a meio do seu percurso académico - procurando legalização e trabalho. Ou seja, relaciona-se com os benefícios atribuídos aos familiares de Gurkhas (contexto institucional) e subsequentes restrições aplicadas às políticas de legalização de imigrantes não-europeus, no destino Reino Unido e noutros destinos norte-europeus, quando comparadas com as políticas de legalização, ainda relativamente flexíveis, no destino Portugal.

escala ou uma dimensão familiar, inserindo-se numa estratégia de sobrevivência e num percurso considerado como mais viável pelos próprios, para legalização no nosso país. Contudo, empresários há que acumulam áreas de negócio múltiplas, que têm maior número de trabalhadores empregados, ou que possuem profissões e cargos paralelos. É corrente, por parte dos empresários nepaleses, o recurso a estratégias de financiamento empresarial sustentadas em empréstimos informais, conseguidos por via das suas redes de sociabilidade expandidas (em Portugal, no Nepal ou em países terceiros), sejam esses contactos indivíduos coétnicos, "parentes" no sentido alargado, familiares de facto, ou amigos. Repare-se que, pelo menos nalguns dos principais grupos étnicos nepaleses, aqueles que são designados como "tios" ou "primos" podem não fazer parte da família alargada nos termos ocidentais correntes - sendo, antes, originários da mesma aldeia ou cidade, conhecidos e amigos. Neste sentido, a organização social nepalesa, por via das redes ligadas ao grupo étnico e região de origem, aproxima-se, por exemplo, da "família comunitária" observável nas imigrações da diáspora cabo-verdiana, entre muitas outras. É assim que o facto de um imigrante nepalês receber auxílio de "tios" ou "primos", não significa, necessariamente, ajuda familiar na acepção ocidental da palavra; mas, antes, ajuda das redes de sociabilidade expandidas (recursos comunitários e recursos étnicos).

#### 8.2.1.3 Estratégias de Financiamento

Se as estratégias de financiamento empresarial informal estão muito presentes na imigração nepalesa de Lisboa, e são transversais aos seus diferentes grupos étnicos, já as estratégias de financiamento formal são privilégio de castas mais elevadas, de grupos étnicos com sólidas redes internacionais e laços históricos na Europa, de empresários mais qualificados, com mais recursos pessoais, redes familiares mais consistentes, de indivíduos estabelecidos há mais tempo no destino, com uma posição social de maior responsabilidade comunitária, ou já detentores da cidadania portuguesa. Além das estratégias de financiamento dos negócios, deveremos considerar, especificamente, outras estratégias empresariais: estratégias de recrutamento laboral, estratégias de investimento e gestão em geral, estratégias de especialização e aquisição de informação e competências, estratégias de fornecimento e parcerias, estratégias de *marketing* e divulgação, estratégias competitivas, e estratégias de expansão dos negócios.

#### 8.2.1.4 Estratégias Empresariais dos Imigrantes Nepaleses em Lisboa

De um modo mais genérico, e atendendo à forma como são mobilizadas, à sua fonte e seu alvo, as estratégias empresariais dos imigrantes nepaleses em Lisboa poderão

subdividir-se em: estratégias pessoais, estratégias grupais (comunitárias, étnicas, familiares) e estratégias contextuais.

Entre os principais factores determinantes da iniciativa empresarial e das estratégias de negócio imigrantes (Kloosterman e Rath, 2001; Reis Oliveira, 2005, 2017) em Portugal poderemos, então, indicar:

1) os determinantes associados ao enquadramento político-legal e ao contexto jurídico-institucional português (exº: regulamentações da migração, cidadania e trabalho) e, dialecticamente, os determinantes ligados ao contexto político-institucional no país de origem respectivo<sup>316</sup> (exº: leis acerca da propriedade de negócios privados; repressão institucional, centralização e políticas de discriminação ou limpeza étnica; entre outros);

2) factores associados aos sistemas económico e financeiro no ambiente de chegada (exº: crises económicas, incentivos ao empreendedorismo e acesso a empréstimos formais, sistema fiscal), mas também no país de origem (exº: controle da saída de capitais, incentivos ao empreendedorismo, formas de financiamento informal disponibilizadas, que podem servir a emigração<sup>317</sup>);

3) modos de recrutamento, possibilidades de recorrer ao trabalho de conacionais e coétnicos (que são grandes, em Lisboa), e optimização do capital humano disponível, por parte dos empresários imigrantes prospectivos no destino;

4) o leque de trocas de informações e recursos múltiplos no seio das redes familiares, coétnicas e comunitárias alargadas, incluso no âmbito de relações não-profissionais com outros actores no contexto de chegada (modelo de interacções sociais dos imigrantes);

5) solidariedade, cooperação e competição no interior da(s) economia(s) étnica(s) gerada(s), e na relação desta(s) com o contexto de chegada (cooperação e competição

<sup>316</sup> Consideramos que estes determinantes são particularmente relevantes no caso da iniciativa empresarial nepalesa em Portugal: uma vez que há leis, no contexto de partida, que impedem estrangeiros de possuir, em exclusivo, um negócio privado - isso significa que as opções dos empresários de ter sócios portugueses, ou outros sócios nepaleses apenas, em Portugal, não são irrelevantes (por aquilo que comunicam das práticas habituais na origem, mas também quando se trata de expandir o negócio de Portugal à origem) e moldam formas de actuar/estratégias contextuais. Além disso, a repressão institucional, a centralização e as políticas de limpeza étnica no Nepal, que constroem as estratégias empresariais na origem, possibilitam, por outra via, a exploração de novos nichos de negócio (ou daqueles que enfrentam constrangimentos na origem) no destino, assim como reforçam a coesão de certas redes coétnicas transnacionais na diáspora, e promovem a concentração dos negócios e especialização em determinadas áreas de actividade económica, no contexto de acolhimento.

<sup>317</sup> Encontrámos, com certa frequência, empresários nepaleses que tinham contraído empréstimos informais coétnicos no Nepal, antes de emigrarem - com o objectivo expresso de montarem um negócio, aquando da sua chegada ao destino (foi o caso de vários empresários Sherpas, por exemplo). Por outro lado, os incentivos estatais ao empreendedorismo no Nepal (empréstimos formais incluídos) beneficiam os empresários nepaleses em Lisboa que mantêm negócios na origem, facilitando a circulação de capital entre uns negócios e outros, e entre contextos de partida e de recepção.



entre empresários nepaleses pertencentes a grupos familiares e étnicos semelhantes ou distintos, no mesmo ramo de negócio<sup>318</sup> - além de cooperação e competição com negócios geridos por outros imigrantes, e pelos autóctones no destino<sup>319</sup>); considerando fontes, tipos e grau de capital social: introjecção de valor, trocas de reciprocidade, solidariedade confinada e confiança exigível;

6) dispersão ou concentração do empreendedorismo coétnico num sector de actividade específico, com aquisição da correspondente vantagem competitiva, bem como linhas étnicas gerais que presidem à estratificação ocupacional de uma imigração<sup>320</sup>;

7) os modos de recepção social, representações sociais dos autóctones em relação à imigração nepalesa e fenómenos de racismo ou discriminação no acesso ao trabalho, no ambiente de chegada (exº: pelo não domínio da língua portuguesa, pelas diferenças fenotípicas, religiosas e culturais mais marcadas, entre outras<sup>321</sup>);

8) recursos pessoais do imigrante (como a sua experiência profissional prévia, agência e projectos, qualificações, capacidade de gestão ou literacia tecnológica). Os nossos empresários tinham mais qualificações, mais experiência prévia de empresarialismo e gestão e mais literacia tecnológica, do que os nossos trabalhadores: isto fez com que alguns deles produzissem planos de negócio muito detalhados, e assim pudessem obter empréstimos formais no destino;

9) as particularidades do mercado de trabalho no ambiente de chegada (níveis de desemprego, procura e oferta, segmentos primário e secundário do mercado de trabalho, na sua ligação à economia formal e informal);

10) modos de inserção económica, integração social e protecção promovidos pelas estruturas que compõem o estado social do ambiente de recepção (contexto:

<sup>318</sup> Exemplos: a competição entre restaurantes nepaleses em Lisboa pertencentes a diferentes famílias nepalesas, ou entre empresários nepaleses disputando a aquisição e/ou arrendamento de determinado bem imobiliário requestado numa zona central da cidade, seja com finalidades distintas ou com fins semelhantes.

<sup>319</sup> São exemplos: a cooperação de alguns negócios nepaleses em Lisboa com fornecedores portugueses, chineses ou indianos - além da cooperação e competição, por exemplo, de *hostels* e restaurantes nepaleses com vizinhos portugueses ou indianos. Há casos de restaurantes nepaleses que foram comprados a chineses ou portugueses, bem como de alojamentos locais nepaleses vendidos a portugueses para o mesmo fim, entre outros.

<sup>320</sup> O empresarialismo nepalês em Lisboa está concentrado na restauração, com ramificações para a hotelaria e supermercados/pequenos negócios ou lojas. Enquanto os Brâmanes em geral e o grupo étnico Newar (mas também Sherpas, Bahun, Chhetri, Takhuri e alguns Gurung) desenvolvem esses negócios, nas explorações agrícolas do Sul de Portugal predominam os grupos étnicos ligados aos militares, polícia e postos administrativos (Chhetri e Gurung) - muitos vindos de Pokhara, além de Catmandu.

<sup>321</sup> Como foi reportado por alguns dos trabalhadores entrevistados. Relembremos que a criação de redes coétnicas fechadas e solidárias, no contexto das economias étnicas, também reflecte e decorre de desafios à integração colocados por um ambiente de chegada hostil.



oportunidades políticas de recepção), nos seus sinais incentivadores da migração e do empresarialismo migrante<sup>322</sup>;

11) oportunidades estruturais de ordem diversa (de investimento e negócio, de sociedade e parceria, de legalização, mercados emergentes, sectores em crescimento - como o turismo e a conjuntura imobiliária<sup>323</sup> em Lisboa, entre outras);

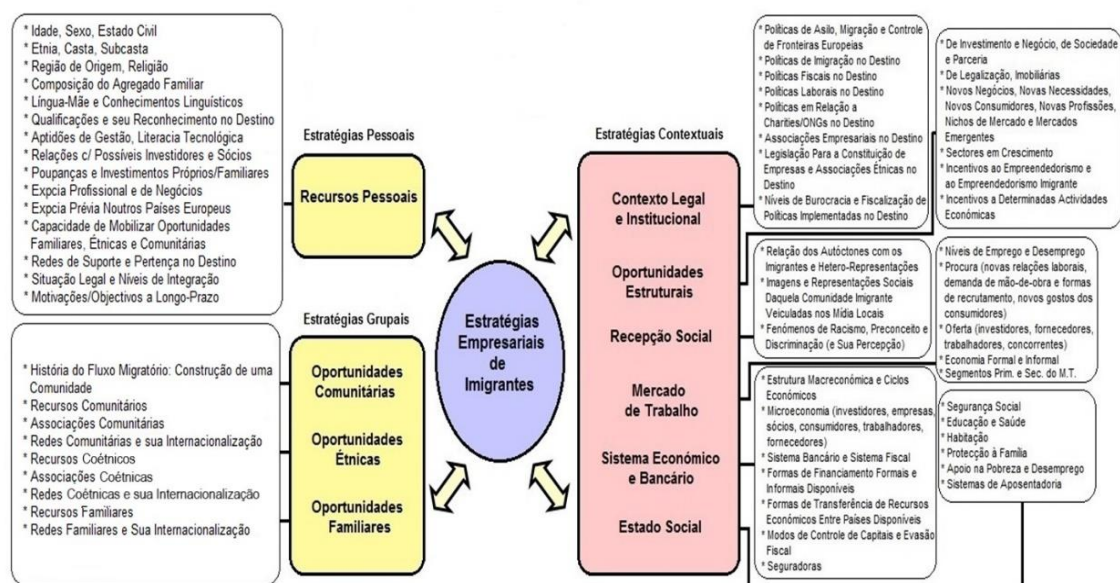
12) a pertença do imigrante a ONGs e *Charities*, sejam elas de base familiar, coétnica, comunitária alargada ou, ainda, de carácter global (recursos étnicos e estratégias grupais).

Todas as considerações acima expostas, e outros elementos particulares resultantes da nossa investigação, levam-nos a reavaliar o modelo analítico proposto por Reis Oliveira (2005) para explicar a diversidade de estratégias empresariais imigrantes. Com base nas informações obtidas junto dos empresários e trabalhadores nepaleses em Lisboa, mas também numa revisão da literatura, ponderámos um modelo analítico, nos moldes que a Figura 8.1 atesta (veja-se o Anexo 2, Capítulo 8 para uma leitura mais facilitada e minuciosa, através do Quadro CXXXVII):

---

<sup>322</sup> Tendendo, esta migração em cadeia, à reunificação familiar, os nossos entrevistados mencionam frequentemente que os países europeus com um estado social forte são mais atraentes, já que apoiam as famílias migrantes. Por outra via, os líderes da imigração nepalesa em Lisboa dispõem de canais de comunicação abertos - e realizam contactos regulares, no sentido de promover uma espécie de *lobby* pelos seus interesses - com as estruturas governativas portuguesas da actual Coligação e com a Câmara Municipal de Lisboa. Em parte, porque alguns deles são membros do PS (ou do PSD, e realizam contactos assíduos com os vereadores do BE/PS que têm a tutela das imigrações e minorias em Lisboa, vistos como instrumentais à sua causa, bem como com os presidentes das Juntas de Freguesia, além de se articularem com a Associação Solidariedade Imigrante). Mas também porque o facto de o actual primeiro-ministro português ser de origem indiana é bem conhecido e bastante celebrado, colhendo simpatia: isso é visto pela imigração nepalesa em Lisboa como um sinal de abertura às imigrações sul-asiáticas, e ao empresarialismo imigrante em particular.

<sup>323</sup> O facto de Portugal ser um país com a indústria do turismo em crescimento é recorrentemente mencionado como positivo (por trabalhadores e empresários nepaleses): não só a aposta nesse sector, no país de origem (Nepal), é também uma prioridade da diáspora nepalesa e dos filantropos no exterior (no contexto de uma visão de desenvolvimento sustentável para o país de origem), como muitos dos entrevistados e informadores em Lisboa estudaram *Hospitality* e *Hospitality Management* - no Reino Unido, em Singapura e em diferentes países europeus (estando, portanto, habilitados a trabalhar nessa área).



**Figura 8.1 - Modelo Analítico de Estratégias Empresariais de Imigrantes em Sociedades de Acolhimento, Baseado nos Dados Recolhidos Junto de Empresários e Trabalhadores Nepaleses em Lisboa**  
 Fonte: Reis Oliveira, 2005, 2017<sup>324</sup>; Adaptado pela autora, 2018

Como já referido com detalhe no ponto 7.4, propomos a consideração de três níveis de estratégias grupais: oportunidades comunitárias, étnicas<sup>325</sup> e familiares - o que nos parece especialmente adequado à análise de estratégias empresariais em grupos imigrantes que são multiétnicos<sup>326</sup>. Ao nível das estratégias contextuais, separámos o mercado de trabalho, o sistema económico e bancário, e o estado social da sociedade de acolhimento. Fomos mais exaustivos na inclusão de recursos pessoais: integrando aspectos como as aptidões de gestão e a literacia tecnológica, as qualificações reais ou reconhecidas no destino, a experiência prévia noutros países europeus e percurso migratório, relações com possíveis investidores e sócios, motivações, aspirações e objectivos de longo-prazo, ou a capacidade individual para mobilizar oportunidades familiares, étnicas e comunitárias.

Também as oportunidades comunitárias (história do fluxo migratório com construção de uma comunidade imigrante, recursos comunitários, associações comunitárias, redes comunitárias e sua internacionalização - incluindo portanto, aqui, implicitamente, na expressão "comunitárias/os", coétnicos no sentido amplo), oportunidades étnicas (recursos coétnicos no sentido estrito, associações coétnicas locais e transnacionais, redes coétnicas e sua internacionalização) e oportunidades familiares (recursos

<sup>324</sup> No contexto da defesa da sua tese de Doutoramento, Lisboa, ISCTE-IUL.

<sup>325</sup> Distinguimos, portanto, as "oportunidades étnicas" das "oportunidades comunitárias", por razões já discutidas atrás, no ponto 7.4.

<sup>326</sup> Como mencionado no ponto 7.4.

familiares, incluindo ONGs/*Charities* familiares, redes familiares e sua internacionalização) nos mereceram maior detalhe, do que no modelo de Reis Oliveira, datado do ano de 2005. Na verdade, as redes comunitárias, étnicas e familiares podem ser mais globalizadas, mais europeias, ou mais limitadas no seu alcance - ainda que densas. O posicionamento do empresário na rede respectiva pode ser mais central ou periférico, e varia em função das suas origens étnicas, geográficas e familiares, bem como do seu percurso e experiência migratória, e dos recursos pessoais que ele é capaz de oferecer e disponibilizar aos restantes membros daquela rede.

Especificámos o contexto legal e institucional para incluirmos, além de políticas de imigração, asilo e controle de fronteiras, as políticas fiscais, políticas laborais e políticas em relação a ONGs/*Charities* no destino, bem como os níveis de burocratização e fiscalização das políticas implementadas. Detalhámos uma série de oportunidades estruturais, ao nível do investimento, negócio e incentivos ao empreendedorismo, ou estímulos ao exercício de determinadas actividades - isto é, tomámos em consideração questões ligadas à tomada de iniciativa, por parte de instituições. Quanto à recepção social, considerámos heterorrepresentações pelos autóctones, imagens e representações sociais de uma dada imigração nos média locais, fenómenos de racismo, preconceito e discriminação (e sua percepção). No mercado de trabalho, incluámos níveis de emprego e desemprego, questões de procura e oferta, e os segmentos primário e secundário do mercado de trabalho, nas suas formas de comunicação com a economia formal e informal. No que diz respeito ao sistema económico e bancário, considerámos: a estrutura macroeconómica e os ciclos económicos, a microeconomia, o sistema bancário e o sistema fiscal, formas de financiamento formais e informais disponíveis, modos de controlo de capitais e formas de evasão fiscal, moldes gerais para transferência de recursos económicos entre países, e as seguradoras. Enfim, as estratégias contextuais ligadas ao estado social têm, no nosso entendimento, que ver com uma série de estruturas, garantias, seguranças e regalias, ou benefícios, que servem de incentivo aos empreendedores estrangeiros, quando estes decidem investir ou iniciar actividade por conta própria num determinado país de acolhimento - nomeadamente aos níveis da protecção à família e habitação, facilidade de acesso à educação e saúde (e sua qualidade), segurança social, apoio na pobreza e desemprego, e sistemas de aposentadoria vigentes no destino.

### 8.2.2 Diferenças entre Trabalhadores e Empresários

Os trabalhadores nepaleses diferem sociograficamente dos empresários: a idade média dos empresários é maior do que a dos trabalhadores, bem como a sua amplitude etária (maior dispersão etária verificada entre os empresários). A distribuição por sexos é mais equitativa para o caso dos trabalhadores - onde há, igualmente, mais solteiros e divorciados do que entre os empresários. Os grupos étnicos predominantes variam entre trabalhadores (Newars, Khas-Bahun, Sherpa, Gurung, Magar - ou, ainda, outros grupos étnicos associados a castas mais baixas, no país de origem) e empresários (são predominantemente Kshatryia). Estas discrepâncias entre trabalhadores e empresários, na representatividade dos grupos étnicos, estarão relacionadas com questões relativas a esses mesmos grupos, aspectos sociohistóricos e de casta - que foram transpostos da origem para a imigração em Lisboa; muitas vezes, via outras imigrações nepalesas na Europa, mais antigas, e mais ou menos rigidificadas (Pariyar et al., 2014; Gellner, Hausner e Shrestha, 2014; A. P. Adhikari, 2014<sup>327</sup>). Todavia, essas estruturas rígidas de grupo étnico e de casta, determinando ocupação e condição social, são igualmente potenciadas por meio das vicissitudes próprias que tais imigrações enfrentam nos respectivos ambientes de acolhimento (ou, no caso, em Lisboa): designadamente no que concerne à integração e adaptação em geral, emprego e mercado de trabalho, abertura das instituições locais, tipo de diálogo sociocultural estabelecido com os autóctones, e facilidades de acesso a legalização. Do mesmo modo, as regiões de origem principais diferem entre trabalhadores (concentração na zona central do Nepal) e empresários nepaleses (maior dispersão territorial). As subcastas predominantes diferem entre trabalhadores (subcastas de Newars, Chhetris e Gurungs) e empresários (subcastas de Thakuris e Sherpas). Em termos de religião, há mais hindus entre os empresários, e mais agnósticos e budistas entre os trabalhadores nepaleses<sup>328</sup>, mas as práticas religiosas diversificadas ou mistas verificam-se em ambos os grupos. A origem étnica também se

<sup>327</sup> Cf. Capítulo 5, para uma discussão mais aprofundada deste tema.

<sup>328</sup> Note-se, a este propósito, que os grupos étnicos tradicionais do Nepal (maioritariamente budistas e animistas) foram, durante longo tempo, não só impedidos de trabalhar em profissões mais reputadas, de estudar e adquirir competências, mas também de celebrar a sua identidade étnica e religiões tradicionais, pelos grupos de brâmanes hindus, vindos da Índia - incluindo, nestes últimos, a ex-família real nepalesa. Há ainda alguns atritos e ressentimentos, bem visíveis na sociedade nepalesa e nas suas imigrações, entre uma elite hindu que governa e administra o país (com grande, mesmo excessiva, dir-se-ia até corrupta e nepotista, subserviência aos interesses indianos) e os grupos étnicos originais nepaleses, que celebram as suas redes próprias, religiões, línguas e tradições culturais - incluem-se, nestes, aqueles grupos étnicos associados às profissões militares no Nepal.

reflece na diversidade linguística registada para trabalhadores e empresários nepaleses (maior, nestes últimos).

Esta migração é recente, embora os empresários tenham um tempo de permanência médio, em Portugal, maior. Dos entrevistados em 2017, o grosso dos trabalhadores entrou em Portugal entre os anos de 2012 e 2015, enquanto a maioria dos empresários entrou no nosso país entre 2007 e 2014. O maior tempo de permanência médio poderá compreender-se em função da natureza, exigência e expansão dos negócios de alguns destes empresários em diferentes áreas, bem como da pertença de alguns deles a famílias imigrantes pioneiras (no contexto da migração em cadeia), ou a corpos diplomáticos<sup>329</sup>. Os trabalhadores diferem, igualmente, dos empresários em termos do seu estatuto legal (estão há menos tempo em Portugal - esperam ainda uma autorização de residência, em muitos casos), da tendência à remigração (maior - enquanto os empresários podem ter interesses noutros países mas, na sua maioria, estão bem estabelecidos em Portugal) e dos modos de entender e comunicar relações e conflitos dentro da imigração nepalesa, e desta com a sociedade de acolhimento (os trabalhadores comunicam mais problemas e são mais críticos de ambas<sup>330</sup> - os empresários, porque muitos desempenham também a posição de líderes comunitários nepaleses, dominando perfeitamente a língua portuguesa e conhecendo bem o destino, demonstram posições mais moderadas e relativistas).

No que diz respeito à frequência das trocas dos trabalhadores nepaleses com a origem, dois terços dos trabalhadores mandam vir produtos ou transferências financeiras do Nepal, e quase todos recebem produtos, transferências financeiras ou serviços de outro país europeu (mais de metade: do Reino Unido) - recorrendo sobretudo a *money transfer shops*, correios e transferências online. Mais de metade envia produtos e remessas para o Nepal, mas não participa civicamente no Nepal e revela "aversão a

---

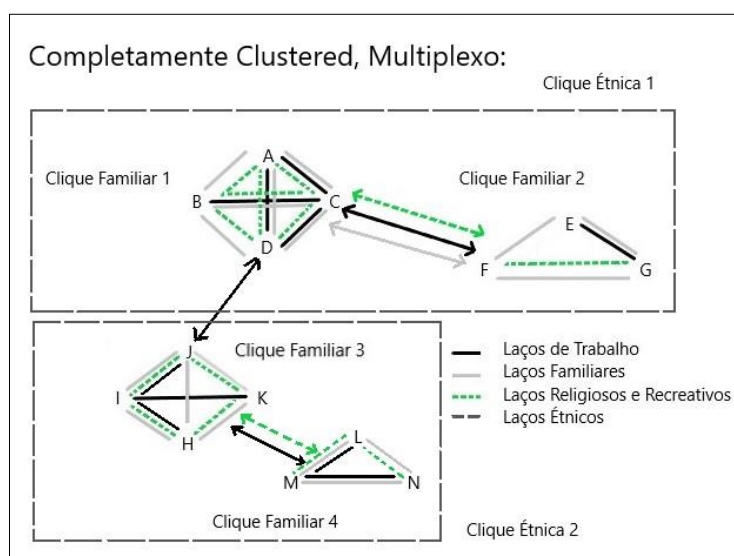
<sup>329</sup> Isso terá envolvido projectos de longo-prazo para estabelecimento das respectivas famílias no nosso país (ainda que, como se disse, a maior vaga de imigração nepalesa seja recente, com tendência a manter o seu crescimento). Implicará igualmente responsabilidades sociais especiais, ou acrescidas, para com outros nepaleses imigrantes (como o patrocínio de migrantes adicionais, ou ulteriores), em função da pertença de grupo étnico e de casta desses empresários. Pela própria natureza da actividade que exercem, envolvendo um investimento local a médio ou longo-prazo e o cumprimento de compromissos financeiros formais ou informais, com pagamento de taxas de juro elevadas, e pela sua grande necessidade e vantagem no recrutamento de outros imigrantes conacionais ou coétnicos posteriores, é natural que sejam encontrados maiores tempos de permanência em Portugal entre os empresários do que entre os trabalhadores. Por outra via, é possível hipotetizarmos que a permanência em Portugal durante mais tempo, o bom domínio da língua portuguesa e dos processos burocráticos locais, terão facilitado a via empresarial a alguns imigrantes nepaleses com mais tempo de permanência em Portugal, bem como o patrocínio e auxílio, da parte deles, à vinda de migrantes adicionais.

<sup>330</sup> Com excepção das líderes dos grupos de mulheres nepalesas que são cumulativamente empresárias - bastante críticas em relação a uma fatia da imigração nepalesa que as exclui, devido ao seu trabalho.

questões políticas", para se envolver politicamente ou fazer activismo cívico em Portugal - mas um terço é, em compensação, muito activo civicamente, sobretudo em movimentos sociais com ligações a partidos políticos que defendem os direitos imigrantes, no país de destino, ou em partidos nepaleses representados no destino. Os trabalhadores enfatizam o peso económico e social da diáspora nepalesa, da qual têm uma imagem tendencialmente positiva, no desenvolvimento do Nepal. Alguns trabalhadores focam, ainda, a importância das empresas nepalesas, para fazer face ao "racismo" e "discriminação" laboral na Europa.

### 8.2.3 Reconstrução dos Grupos Étnicos Nepaleses em Lisboa e Redes Coétnicas Transnacionais

Verificámos que existe reconstrução (ao menos parcial) dos grupos étnicos nepaleses em Lisboa. Ao nível das redes, e reinterpretando os modelos propostos por Portes (1995), as redes imigrantes nepalesas em Lisboa podem ser caracterizadas como completamente *clustered* (agregadas) e multiplexas, conforme demonstra a Figura 8.2:



**Figura 8.2 - Clustering (Agregação) e Multiplexidade nas Redes Sociais Imigrantes Nepalesas em Lisboa, Com Base em Portes (1995)**  
Revisão elaborada pela autora, 2018

Como vimos no ponto 3.1.1, cliques são subconjuntos mais densos, com solidariedade reforçada, dentro das redes sociais - nas quais, neste caso, está contextualizada a actividade económica imigrante: verificamos que os cliques familiares<sup>331</sup> podem ser agregados por laços de vários tipos, ligados aos grupos étnicos nepaleses (cliques étnicos). É comum que cada clique familiar partilhe, no seu interior, laços familiares, religiosos, recreativos e de trabalho. Entre cliques familiares são mais

<sup>331</sup> Considerando, aqui, a "família" no sentido ocidental - ligada por laços de sangue, independentemente dos "laços familiares" alargados, dependentes de corregionalidade, registados nalgumas etnias nepalesas.



frequentes os laços de trabalho e recreativos ou religiosos. Já entre cliques étnicos, que não partilham laços familiares nem religiosos ou recreativos, são mais frequentes os laços de trabalho (cooperação, fornecimento, solidariedade, trocas). Ou seja, a nossa proposta supõe que, entre cliques étnicos, os laços são mais fracos do que dentro do mesmo clique étnico (mais fortes) e do que dentro do mesmo clique familiar (onde serão mais fortes ainda)<sup>332</sup>. Em termos de fontes de capital social, sugerimos que a solidariedade confinada existe na imigração nepalesa em Lisboa mas, tanto esta como a confiança exigível (confiança no cumprimento de expectativas e na capacidade de sanção do grupo), são mais fortes dentro de cada clique étnico (do que entre cliques étnicos, ou na imigração nepalesa como um todo); e mais ainda dentro de cada clique familiar.

Em termos do papel, funções e características das redes coétnicas transnacionais no estímulo, suporte e financiamento às actividades desempenhadas pelos empresários nepaleses em Lisboa, começemos por fazer notar que, conforme expresso no ponto 7.4, continua ainda a parecer-nos que talvez o "grupo étnico" constitua a chave para perceber muito daquilo que é o empreendedorismo imigrante nepalês. Atentemos aos resultados obtidos para suportar esta ideia: a tendência dos empresários para terem como sócios preferenciais coétnicos e para recrutarem pessoas "da sua confiança ou conhecidas" (em particular, pertencentes ao mesmo grupo étnico), a importância das redes coétnicas transnacionais no fornecimento e financiamento dos negócios (como no investimento e clientela), ou a recolha de fundos e contactos via "reuniões de grupo étnico" a nível europeu - além de "eventos étnicos" locais e internacionais.

Deste modo, e no nosso entender, as redes étnicas ligadas, mais do que a uma nacionalidade, a grupos étnicos específicos desempenham, quando atendemos ao caso específico do empreendedorismo nepalês em Lisboa (onde essas redes são correntemente internacionais, e frequentemente transnacionais), um papel fundamental na organização, expansão, aquisição de competências e especialização, fornecimento e financiamento (por meio de empréstimos informais de capital, transferência de capitais e recursos entre países, entre outros) dos negócios estabelecidos. Tal pode suceder quer elas operem através das associações étnicas e da criação de uma economia interna, quer por meio das redes de solidariedade, confiança e obrigação recíproca implícitas, quer por intermédio das ocupações tradicionais esperadas, ou expectativas e especializações

---

<sup>332</sup> Cf. Portes (1995), Bossevain (1979) e Granovetter (1985).



ocupacionais para um dado grupo étnico e subcasta (exº: comerciantes de um determinado ramo<sup>333</sup>), quer ainda por via do patrocínio de eventos destinados a promover, celebrar e fortalecer uma identidade ou cultura étnica específica. Tais "eventos étnicos" permitem recolher fundos com certa regularidade, trocar experiências e impressões (exº: relativas a novas tendências registadas, concernentes aos consumidores e clientes), melhorar as práticas colectivas; ou facilitam, até, que um dado grupo étnico adquira vantagens competitivas numa certa área de negócio (Kerr e Mandorff, 2015<sup>334</sup>).

Não será a proeminência das oportunidades coétnicas relevante, por igual, para os empreendedores de todos os grupos imigrantes residentes em Lisboa - evoquemos o caso dos cabo-verdianos (Góis, 2002; Oliveira, 2006) ou indianos, para os quais as estratégias comunitárias alargadas parecem assumir maior centralidade. Contudo, recordemos, por exemplo, o número de empresários nepaleses jovens, por nós entrevistados, com ligações ao grupo étnico Chhetri-Gurkhas (grupo étnico tradicionalmente associado a ocupações militares e administrativas) que haviam residido no Reino Unido. Observamos que jovens empresários nepaleses de outros grupos étnicos, com recursos pessoais e oportunidades comunitárias, familiares e estruturais equivalentes, não adoptam as mesmas estratégias empresariais finais, nem têm acesso aos mesmos recursos coétnicos (culturais, de capital, opções de empréstimos, informações, fornecedores) que os jovens empreendedores Chhetri. Em contraposição, jovens empreendedores Chhetri chegados de outros países do Norte da Europa, ou do Nepal, parecem adoptar estratégias empresariais semelhantes e ter acesso aos mesmos recursos coétnicos, do que aqueles empreendedores Chhetri chegados do Reino Unido - o que fortalece a tese de que as oportunidades coétnicas são, neste caso, relevantes.

Grupos étnicos nepaleses diferentes também se inserem no mercado de trabalho da(s) sociedade(s) de acolhimento de modos distintos: em primeiro lugar, porque as variáveis grupo étnico e casta estão profundamente interconectadas; em segundo lugar, porque cada grupo étnico transporta já consigo a história e memória (outras sociedades de

<sup>333</sup> Caso dos supermercados e das lojas de artesanato étnico Sherpas em Lisboa, por exemplo.

<sup>334</sup> Kerr e Mandorff (2015) demonstraram que estes eventos e outras interacções sociais fora do trabalho (reuniões culturais, religiosas, familiares e entre amigos) podem beneficiar os pequenos empresários por conta própria, de formas diversas: são uma oportunidade para partilhar melhores práticas, discutir tendências recentes relacionadas com os clientes/consumidores, coordenar actividades, entre outras vantagens. Elas facilitam que um grupo étnico minoritário com interacções sociais restritas possa adquirir uma vantagem comparativa, em termos de auto-emprego, em dada área de negócio (há melhor acesso aos recursos através das redes étnicas).

acolhimento, outras imigrações da diáspora) de um trajecto migratório que lhe é característico; e, finalmente, também porque cada grupo étnico é representado, na sociedade de acolhimento, pelas associações coétnicas locais respectivas, frequentemente a par de associações coétnicas próprias, internacionais ou globais. Além disso, grupos étnicos nepaleses diferentes mobilizam recursos étnicos díspares em qualidade, têm contacto com associações coétnicas dissemelhantes entre si e reivindicam direitos legais e cidadania, na sociedade de acolhimento, com entusiasmos que são heterogéneos e aderências dos autóctones que variam em extensão<sup>335</sup>. A este propósito, recordemos um jovem Chhetri, que viveu por sete anos no Reino Unido, quando ele nos explica:

«Sabe que um *solicitor* lá [no Reino Unido] ganhou casos em tribunal em favor dos direitos dos Gurkhas, certo? Fui [para lá] por [causa d]isso... Atrizes famosas, como a Joanna Lumley, cujo pai serviu num regimento Gurkha [do exército Britânico-Indiano], e outras pessoas, também intervieram e manifestaram-se para que tivéssemos mais direitos. Por cem anos, não tivemos direito nenhum... mesmo assim, não é suficiente.» **(entrevista do empresário nº 12)**

Aqui vemos como a história e as ligações seculares de cada grupo étnico a outros povos ou nações (em parte determinadas pelas suas ocupações tradicionais, ou étnicas e de casta), podem ter certo peso diferencial na obtenção de regalias e na reivindicação de direitos legais num determinado destino (é o caso dos mesmos Gurkhas em Hong Kong ou na Malásia, onde integraram as forças policiais nacionais).

Um outro exemplo surge-nos a propósito do grupo étnico Sherpa: representando apenas 0,42% da população a viver, actualmente, no Nepal (CBS, 2016)<sup>336</sup>, ele logrou, ainda assim, monopolizar os canais de comércio transfronteiriço com o Norte da Ásia, no seu país de origem. E nutrindo relações seculares com estrangeiros e aventureiros de todo o mundo chegados ao Nepal, a quem serviram, e servem tradicionalmente de guias, os Sherpas<sup>337</sup> construíram, há décadas, sólidas, prósperas, pioneiras e solidárias redes coétnicas transnacionais. Estas redes coétnicas representaram, mesmo, numa altura em que as perseguições nacionais se acentuaram, a principal estratégia de sobrevivência e reprodução identitária e cultural dos Sherpas - fora das fronteiras do Nepal. Os seus

<sup>335</sup> Por esta razão, seria possível a alguns investigadores defender que falássemos, dentro do empreendedorismo nepalês, de "sub-empreendedorismo Chhetri", "sub-empreendedorismo Sherpa", e assim por diante - pelo menos, com objectivos meramente analíticos e comparativos, confrontando e relacionando canais coétnicos no sentido estrito, quanto ao modo como eles afectam o desenvolvimento do empreendedorismo e quanto às estratégias empresariais seguidas, mas também nas suas influências recíprocas e maiores ou menores afinidades.

<sup>336</sup> E tendo características religiosas, ou de organização social e familiar, muito próprias.

<sup>337</sup> "Muito unidos", como sempre se descrevem - união essa que advém, parcialmente, de discriminações, ataques focalizados e centralizações várias, levadas a cabo pelas autoridades nepalesas na origem.

contactos internacionais permitiram-lhes emigrar e florescer nos negócios, fazer comércio internacional de longa distância (inclusive com a venda de produtos raros e exóticos, apreciados no ocidente), bem como criar estruturas de suporte coétnico complexas, em diversos destinos (como os EUA, Canadá, Norte da Europa ou Austrália). Ou seja, se é verdade que a dependência de recursos coétnicos diminui com condições e estruturas contextuais favoráveis, ou estímulos no mercado de trabalho do país de acolhimento, não é menos verdade que essa dependência de recursos coétnicos aumenta com condições sociopolíticas agrestes e desfavoráveis no país de destino, mas igualmente no país de origem (ou, até mesmo, com tentativas históricas de apagamento étnico-identitário na origem, como foi o caso dos Sherpas).

Não nos parece, portanto, demais sublinhar a necessidade de examinarmos com alguma minúcia as condições de convivência e disputa interétnica, ou opressão político-institucional, no ambiente de partida - assim como as condições estruturais em países terceiros, pelos quais os imigrantes empreendedores e trabalhadores tenham, entretanto, passado. É fundamental esta relação profundamente dialéctica, existente entre o ambiente de origem e o ambiente de acolhimento de uma determinada imigração, mas também de um dado grupo étnico - que se repercute, ademais, nas estratégias empresariais adoptadas pelos indivíduos desse mesmo grupo étnico no destino. Os grupos étnicos nepaleses reconstroem-se no exterior (na diáspora), ao invés de se reproduzirem - a sua composição e funcionamento depende de determinantes contextuais no destino, bem como de factores que levam uns grupos a migrar mais do que outros, a partir da origem<sup>338</sup> -, o que verificamos tanto no caso dos empresários, quanto no caso dos trabalhadores.

#### 8.2.4 Economia(s) Étnica(s)

Em função dos dados atrás expostos, concebemos a possibilidade da existência de várias economias étnicas (separadas) na imigração nepalesa (Light e Gold, 2000), em estreita associação com a variável grupo étnico e as redes coétnicas transnacionais, estabelecidas livremente pelos diferentes grupos étnicos nepaleses. As redes coétnicas

---

<sup>338</sup> Não há reprodução e, mesmo que houvesse, ela seria incompleta: não só os grupos étnicos nepaleses não se reproduzem totalmente, em termos proporcionais comparados, como não se reproduzem devido à grande diversidade de grupos étnicos registada no contexto de partida. No caso dos Sherpas, por exemplo, a força e coesão deste grupo étnico nalguns destinos poderia levar alguns investigadores a defender que há reprodução: mas essa força aparece como superior à própria origem e matizada por determinantes contextuais, trajectos migratórios particulares e relações extra-grupo (comunitárias) idiossincráticas nalguns destinos específicos, sem as quais ela não floresceria, o que sustenta o nosso argumento de que há mais reconstrução do que reprodução.

configuram entidades relativamente autónomas e transnacionais, capazes de gerar, no nosso entender, várias "economias étnicas" paralelas, que convergem dentro da mesma imigração nepalesa - mas, fora dos grupos étnicos, a língua nacional e a identidade nacional são factores "supra" aglutinadores, e definidores da identidade nacional nepalesa<sup>339</sup>. Os dados obtidos com os trabalhadores confirmam a tese de formação de uma economia étnica, já que estes trabalham maioritariamente para, foram primeiramente recrutados por, e têm maioritariamente como colegas de trabalho, ou supervisores: familiares ou outras pessoas com quem mantêm laços étnicos (nomeadamente no sentido estrito - do mesmo grupo étnico -, mas também no sentido amplo - conacionais)<sup>340</sup>.

Alguns dados recolhidos que suportam a tese de que poderemos falar de uma economia étnica - ou melhor, na realidade, de várias economias étnicas -, a propósito das actividades desenvolvidas pelos empresários nepaleses em Lisboa, são:

A) A maior parte do recrutamento de trabalhadores é feito pelos próprios empresários (ou então sócios, familiares ou gerentes dos negócios) e os critérios de recrutamento assentam, sobretudo, nas ligações pessoais e coétnicas, confiança, lealdade e competência (confiança exigível), mas igualmente nas relações familiares, de amizade e corregionalidade (solidariedade confinada);

B) Também ao nível dos critérios preferidos pelos empresários para estabelecer relações de negócio prevalecem a confiança exigível e a solidariedade confinada (Portes e Sensenbrenner, 1993; Portes, 1995, 1998; Portes et al., 2002) - o que, a par de uma forte ligação registada ao ambiente de origem, e confiança revelada em conacionais com um percurso migratório idêntico, é consistente com a tese da criação de uma economia étnica - ou, mais propriamente, de diversas economias étnicas e convergentes dentro da mesma imigração, relacionadas com cada grupo étnico nepalês. Há proeminência das redes coétnicas e familiares (e suas ligações internacionais) na viabilização de negócios,

<sup>339</sup> Cf. resultados a respeito dos grupos linguísticos.

<sup>340</sup> Os trabalhadores revelam-se maioritariamente insatisfeitos com as suas condições salariais e horários de trabalho, e satisfeitos com os ambientes de trabalho (embora uns poucos mencionem atritos, situações de exploração e "controlo" por parte de outros conacionais). Um terço dos trabalhadores praticamente não tem férias, só um terço usufrui de licenças, e muito poucos obtêm prémios. Dois terços dos trabalhadores possuem tanto um contrato de trabalho, como um número de segurança social (um terço não tem nenhuma dessas coisas). Uma maioria dos trabalhadores revela que, a vir a empreender em Portugal no futuro, tenderá a escolher áreas de actividade no âmbito da estratégia de concentração dos negócios nepaleses (restauração, hotelaria, imobiliário); porém, uma minoria menciona áreas de especialização inovadoras preferenciais (empresas IT e *startups*, agências de notícias, empresas de consultoria ou escolas de línguas).

bem como predomínio de estratégias de financiamento inicial através de empréstimos informais (incluso a familiares e amigos) e de investimento próprio;

C) Regista-se um franco predomínio das vias informais (redes familiares e coétnicas), quando os empresários necessitam de financiamento adicional (estratégias de financiamento comunitárias alargadas e coétnicas) - e há mais fluxos financeiros recebidos do que enviados, pelos empresários. Apesar disso, muitos deles já recorreram também a empréstimos formais, em países distintos;

D) Existe um número significativo de empresários com investimentos no Nepal e em Portugal (e, eventualmente, em países terceiros). A grande diversidade de relações de troca de mão-de-obra, serviços e bens de consumo com outros países ilustra uma internacionalização das trocas. Todos os empresários têm parceiros e fornecedores em Portugal e/ou na Europa, além de muitos os terem também no Nepal, e alguns nos EUA, Austrália ou China (carácter transnacional dos negócios);

E) Observa-se uma clara tendência para os empresários possuírem, como seus sócios e coempreendedores nos negócios e investimentos, outros familiares, mas também coétnicos, indivíduos da mesma região geográfica de origem ou amigos (os negócios mais pequenos têm base familiar e sobrevivem graças a essas redes familiares-coétnicas).

#### 8.2.5 Transnacionalismo

Relativamente ao papel do transnacionalismo económico, político e cultural nos negócios nepaleses em Lisboa (Portes, 2001; Portes, Haller e Guarnizo, 2002; Vertovec, 2000, 2008a, 2008b): o grande leque de relações de troca (de mão-de-obra, serviços, bens de consumo) registado entre países europeus e com o país de origem; a diversidade de fornecedores pertencentes a outras imigrações ou autóctones; a transferência significativa de recursos (financeiros e outros) entre países europeus, assim como entre Portugal (destino) e o Nepal (origem) ou países terceiros; o carácter internacional das associações, redes comunitárias e redes coétnicas observadas; a existência de ONGs/*Charities* associadas a negócios de uma mesma família alargada em diferentes países; a preocupação de muitos empresários com a ajuda ao desenvolvimento do Nepal e o envio de capital via fluxos financeiros para esse efeito (com finalidades sociais e políticas); o nível da representação partidária e associativa nepalesa, alcançado em Lisboa; a organização formal das imigrações nepalesas numa diáspora sob o chapéu da NRNA, em 73 países; e ainda o *modus operandi* bem estabelecido de algumas redes coétnicas mais antigas, transversalmente através de países (por vezes, de continentes),

sustentam o nosso argumento de que as actividades económicas dos empresários nepaleses em Lisboa, e noutros destinos europeus, seguem padrões de transnacionalismo, indo, frequentemente, além da mera internacionalização<sup>341</sup>. A imigração nepalesa em Lisboa, integrando-se com outras imigrações nepalesas na Europa e no mundo, tem um peso político-económico bastante palpável, ou mesmo decisivo, no ambiente de partida<sup>342</sup> (Portes, Guarnizo e Haller, 2002). Existe, por outra via, ao nível do transnacionalismo político, um activismo transnacional *grassroots* emergente (Portes e Fernández-Kelly, 2015), entre a imigração nepalesa em Portugal, e em Lisboa, que adquire certas semelhanças com os processos já descritos por Yamanaka (2003), para a imigração nepalesa no Japão: imigrantes nepaleses em Lisboa (e em Portugal) unem-se a outros imigrantes nepaleses e não-nepaleses noutros destinos, para defender os direitos dos trabalhadores imigrantes e dos residentes não-cidadãos num dado país de acolhimento. São exemplos, disso mesmo, as manifestações e reuniões frequentes em Lisboa, juntando entidades nepalesas em Portugal com ligações internacionais a outros grupos nepaleses e não-nepaleses (exº: organizações belgas defendendo os direitos de imigrantes não-documentados) e outras, como a Associação Solidariedade Imigrante, com o intuito de fazer pedidos formais ao Parlamento Português, no sentido de agilizar e flexibilizar a legalização, ou garantir os direitos fundamentais, de trabalhadores nepaleses na hotelaria e agricultura em Portugal, bem como de outros trabalhadores imigrantes ou não-documentados. Finalmente, e além dos partidos políticos nepaleses e das ONGs nepalesas, que pensam e discutem políticas sociais, estratégia, cultura ou saúde (exº: a *Health Free Nepal Portugal*), e que estão representados em Portugal, a própria NRNA Global, igualmente representada em Portugal, tem sectores que funcionam como uma *think tank* para as políticas económicas, sociais, e políticas públicas nepalesas de um modo geral - promovendo encontros, conferências e debates regulares.

Há, por conseguinte, fortes processos de transnacionalismo nesta imigração entrevistada em Lisboa, envolvendo tanto o país de origem como outros países europeus de trânsito (dois terços dos empresários e mais de 70% dos trabalhadores nepaleses já passaram por outro país europeu, antes de chegarem a Portugal). Existem também percursos migratórios complexos e diversificados, articulando redes coétnicas e

<sup>341</sup> Para uma discussão mais aprofundada dos factores que distinguem "transnacionalismo" de outros conceitos adjacentes, veja-se o Capítulo 2.

<sup>342</sup> Lembremos que o Nepal é um dos dois países no mundo, juntamente com o Tadjiquistão, onde o PIB nacional mais depende das remessas dos emigrantes.

familiares em diferentes países europeus. São identificadas três grandes vias de chegada a Portugal: directamente do Nepal/Índia, via Médio Oriente ou a partir de um outro país europeu.

No caso específico dos trabalhadores, os dados obtidos apontam também no sentido da existência de um forte transnacionalismo económico, social, cultural e político na imigração nepalesa em Lisboa. A maioria dos trabalhadores reconhece a necessidade de manter "relações próximas" com outros nepaleses - tanto localmente, quanto na Europa<sup>343</sup>. Os imigrantes nepaleses remetem igualmente, para o seu país de origem, remessas sociais (Levitt, 1998, 2005; Levitt e Lamba-Nieves, 2011, 2013): significantes e significados, ideias, símbolos, práticas sociais e culturais, que podem ter um impacto significativo na origem - e a proliferação de organizações nepalesas reforça os laços, e complexifica os campos sociais transnacionais (Levitt e Glick Schiller, 2004; Glick Schiller e Fournon, 1999; Glick Schiller, 1999, 2017; Landolt e Goldring, 2010), existentes entre os imigrantes nepaleses em Lisboa e os cidadãos nepaleses residentes no Nepal (transnacionalismo sociocultural).

Dois terços dos trabalhadores participam activamente nas actividades das organizações comunitárias em Lisboa (estando a maior parte dessas organizações representadas também noutros países europeus). Mais de metade dos trabalhadores enviam remessas e produtos, ou serviços (menos de um terço), para o Nepal (mensalmente ou a cada par de meses - recorrendo sobretudo a *money transfer shops*, correios ou pagamentos *online*), sendo o valor dessas remessas baixo, mas geralmente em torno, ou acima, dos 200 euros - e os fins das remessas são, na esmagadora maioria dos casos, não-produtivos: o suporte a familiares directos, esposa e filhos (incluindo o pagamento de mensalidades, relativas à educação dos filhos em escolas privadas, no Nepal). Dois terços dos trabalhadores também mandam vir produtos e transferências financeiras de outros países - nomeadamente, do Reino Unido (vide ponto 7.3.1.4).

#### 8.2.6 Ajuda ao Desenvolvimento do Nepal

Os empresários e trabalhadores nepaleses entrevistados participam na ajuda ao desenvolvimento do Nepal (De Haas, 2005; Maimbo e Ratha, 2005) com objectivos distintos, e por diversas vias: nomeadamente, por meio do envio ou compra de bens, produtos e mão-de-obra, do envio de remessas e capital, dos investimentos na origem, dos donativos, do *lobbying* para captação de investimentos para o seu país de partida e

---

<sup>343</sup> A generalidade dos trabalhadores pensa ser fundamental manter contactos noutros países, e até alimentar uma "rede organizada de laços".



da actividade das suas ONGs (vide ponto 7.1.3). A generalidade dos trabalhadores em Lisboa descrevem o Nepal como "casa-mãe", "aquilo que nos une", "ligação de raiz", "a nossa origem" ou "a nossa cultura de base" (consciência diaspórica). A imigração nepalesa em Lisboa partilha com outras imigrações nepalesas essas preocupações de ajuda e um sentido de obrigação em relação à origem.

#### 8.2.7 Perspectiva Comparativa - Outras Imigrações Sul-Asiáticas em Lisboa

Relativamente a outras imigrações sul-asiáticas em Lisboa, salientemos que a imigração nepalesa tem pontos em comum com elas, mas possui igualmente características próprias: a qualidade, densidade e intensidade dos laços nas redes coétnicas internacionais ou transnacionais, bem como as formas de empresarialismo imigrante adoptadas, variam entre imigrações sul-asiáticas em Lisboa. Ávila e Alves (1993) estudaram quatro grupos na imigração indiana: hindus, islâmicos (incluindo paquistaneses), ismaelitas e goeses. A religião surgia como principal elemento coesivo, matizada por elementos como raça, grupo étnico, herança simbólico-cultural, e casta ou classe social. Verificou-se, além disso, uma centralidade das "sociedades de comércio" de base familiar na organização empresarial da imigração indiana. As associações indianas apareciam como local de culto e de convívio, e não reivindicavam activamente os seus direitos - ao contrário daquilo que sucede com a maioria das associações comunitárias nepalesas<sup>344</sup>. Ao compararmos as estratégias empreendedoras da imigração indiana em Lisboa com estes empresários nepaleses, reparamos que, a par dos negócios familiares, o financiamento e fornecimento de recursos junto de coétnicos, ou usando redes coétnicas, muitas vezes internacionais, parece mais comum no caso nepalês<sup>345</sup>.

No que toca à imigração bangladeshiana em Lisboa, Mapril (2005, 2008) sublinhou a sua identidade muçulmana e bengali, e a forma como a pertença étnico-linguística influi na sua percepção do Islão<sup>346</sup>. Comparando os dados obtidos com os nossos empresários

<sup>344</sup> Autores adicionais, que pesquisaram os hindus-gujaratis em Lisboa, incluem Bastos e Bastos (2001), Malheiros (2008), Lourenço (2010), Roxo (2010), Cachado (2012-2013), Pereira, Lourenço e Cachado (2017), entre outros.

<sup>345</sup> Por outro lado, prefigura-se-nos importante vir a detalhar os modos de transformação de certas áreas da cidade de Lisboa introduzidos pelas práticas empreendedoras da imigração nepalesa, da mesma forma que Malheiros (2008) já descreveu processos de regeneração de zonas degradadas da paisagem urbana, a introdução de novas práticas e produtos, a abertura de laços comerciais com o estrangeiro e a promoção de alterações nas regulações formais, levadas a cabo pelas imigrações de origem indiana na mesma região metropolitana.

<sup>346</sup> Identificou dois grupos com interesses e práticas distintas: um na mesquita do Martim Moniz, e outro na mesquita central de Lisboa - ou "reformistas" e "tradicionalistas". Além disso, pôde discernir todos os partidos políticos bangladeshianos representados em Lisboa (secularistas e islamistas). Este autor

nepaleses, verificamos que há paralelismos importantes ao nível dos fenómenos de transnacionalismo, das associações (coétnicas ou comunitárias alargadas) fazendo ligações à origem, promovendo a ajuda ao desenvolvimento do Bangladesh/Nepal, reforçando discursos nacionalistas e o "orgulho étnico" de cada grupo étnico. Há também simetrias, ao nível das redes políticas com preocupações de representação em Lisboa. Contudo, as diferenças culturais e religiosas fazem com que haja menor participação das mulheres bangladeshianas (sujeitas a mais restrições sociais e de casta) na vida profissional activa em Portugal, do que no caso nepalês (onde foi possível encontrar mulheres empreendedoras trabalhando por conta própria, e mães sozinhas ou solteiras). Além disso, os imigrantes bangladeshianos em Lisboa não elegem deputados no seu país de origem, ao contrário da imigração nepalesa<sup>347</sup>.

Por fim, e relativamente à imigração chinesa em Lisboa, Silva dos Santos (2011) identificou uma norma cultural que expõe a família como centro da organização social chinesa, e descreveu redes sociais com famílias constituídas por até cem elementos<sup>348</sup>. Comparando as actividades de negócio da imigração chinesa com o empreendedorismo nepalês em Lisboa, encontramos pontos de afinidade ao nível das estratégias empresariais de base familiar, mas também das estratégias empresariais coétnicas reveladas, em ambos os casos. Além do mais, parece-nos interessante explorar futuramente, com uma maior profundidade, as relações de cooperação e solidariedade estabelecidas entre estes dois grupos imigrantes, no âmbito das economias de base étnica observadas na zona do Martim Moniz.

#### 8.2.8 Perspectiva Comparativa - Outras Imigrações Nepalesas na Europa e no Mundo

Já relativamente a outras imigrações nepalesas na Europa e no mundo, a imigração nepalesa em Lisboa partilha, com estas, mais afinidades. Em particular, partilha algumas características com outras imigrações na Europa, como a rigidificação de estruturas comunitárias em função de um contexto de recepção agressivo e das políticas de legalização na sociedade de acolhimento, a reconstrução de estruturas étnicas e de

---

descreveu ainda um reforço dos discursos nacionalistas e do Estado-Nação, em relação com o transnacionalismo migrante, redes políticas transnacionais e associações ligando migrantes à origem e ao destino, por via de "políticas de *homeland*" e "políticas de imigração".

<sup>347</sup> Transnacionalismo político.

<sup>348</sup> Não verificou correlações significativas entre a constituição das redes e o número de anos de permanência em Portugal - os portugueses fazendo parte dessas redes eram, por seu turno, raríssimos. Belo Nunes (2014) deu, ainda, conta de um grupo budista da imigração chinesa em Lisboa (com ligações a Taiwan) e suas actividades educativas, religiosas e culturais, ou de promoção dos direitos das mulheres e jovens; ao passo que Lima da Costa (2006) descreveu a acção económica, cultural e política dos imigrantes chineses em Lisboa, nas suas relações com o espaço público.

género, e a reprodução de estruturas de casta no destino. As suas estratégias empreendedoras e de inserção laboral conhecem igualmente semelhanças, estando profundamente associadas a (e dependentes de) processos de transnacionalismo. Finalmente, a imigração nepalesa em Lisboa encontra-se ligada a outras imigrações nepalesas, como ao Nepal, por redes coétnicas, familiares, de amizade, associativas, políticas e de negócios.

### 8.3 Vias de Pesquisa e Indagação Futura

Sintetizamos, em seguida, as vias de pesquisa e indagação futura suscitadas por este estudo:

1) A investigação realizada prende-se com discussões mais alargadas, sobre a natureza multicultural e perfil económico (exº: zonas de turismo étnico) das cidades contemporâneas<sup>349</sup>. Concretamente, parece-nos importante vir a determinar com maior rigor as estratégias de mobilidade interna, intra e interurbana, dos empresários e trabalhadores nepaleses no nosso país<sup>350</sup>. Ou seja, perceber de que forma aqueles afectam também o efeito de dispersão geográfica da empresarialidade imigrante dentro do país e localmente<sup>351</sup>. Importaria, além disso, indagar a sua mobilidade externa e verificar se Portugal funciona como um país de trânsito, para muitos nepaleses.

2) O estudo do empresarialismo nepalês pode ajudar a elucidar relações de empresários imigrantes com fornecedores coétnicos de outras cidades europeias (complementando assim, por exemplo, pesquisas prévias sobre a imigração chinesa do Martim Moniz). Prendendo-se com a discussão sobre os empresários transnacionais (Portes, 1999), esta linha de investigação transporta-nos, primeiramente, à constatação de que alguns empreendedores desenvolvem negócios com articulações em toda a Europa, ou com ligações preferenciais a determinados países europeus (Reino Unido, Holanda, Itália, Bélgica), ao Nepal, à China, ou a financiadores coétnicos na Austrália, por exemplo<sup>352</sup>. Isto leva-nos a indagar se a dependência relativamente a *Charities*/ONGs, redes coétnicas e familiares em diversos países não é o factor que

<sup>349</sup> Ou com a necessidade de discutir o que poderá ser considerado como "local" hoje em dia: precisar fenómenos de mobilidade do capital e investimento estrangeiro permite diferenciar empreendedores imigrantes de classes sociais distintas, e aferir a centralidade do conceito "local" numa perspectiva relacional (Cf. Reis Oliveira, 2016, 2017).

<sup>350</sup> Recorrendo a mapas, quocientes de localização, entre outros.

<sup>351</sup> Lembramos a exploração e prestação de serviços no sector agrícola, ou a concentração de grupos imigrantes nepaleses em zonas turísticas como o litoral Alentejano/Rota Vicentina e a região do Algarve, com pequeno comércio, além de trabalho nas estufas.

<sup>352</sup> Alguns revelam, ainda, articulações no destino com fornecedores e parceiros que pertencem a outros grupos imigrantes (indianos, chineses, bangladeshianos, paquistaneses).

verdadeiramente subjaz ao carácter transnacional de alguns negócios nepaleses - ao invés de as primeiras terem vindo suprir necessidades dos segundos<sup>353</sup>. Se considerarmos, além disso, a nota de alguns autores (Reis Oliveira, 2017<sup>354</sup>) sobre o facto de que a noção do que é "local" difere em função da origem, somos forçados a concluir que, no caso dos empreendedores nepaleses em Lisboa, também o que é "familiar"<sup>355</sup> difere em função da origem (nacionalidade, grupo étnico, região de origem) e daquilo que é local (a região de origem surge definindo ligações familiares, para alguns grupos étnicos; mas aparece igualmente definindo pertença étnica, já que certos grupos étnicos são oriundos de regiões nepalesas específicas - neste sentido, a "família alargada" corregional corresponde, em certa medida, ao clique étnico, ou a coétnicos, de um modo geral).

3) Seria interessante percebermos, com maior profundidade, o papel dos empresários nepaleses na mobilidade socioprofissional dos imigrantes nepaleses. Ou seja, de que forma os empresários nepaleses têm (ou não) contribuído para a mobilidade social de grupo (promovendo mudanças de profissão e de condição social, mudanças na hierarquia social, incentivando empreendedorismo nepalês adicional e assegurando o emprego de outros nepaleses ou, até, algum trabalho assalariado que, no entanto, evita o desemprego) e para um aumento da taxa de empreendedorismo, entre os estrangeiros.

4) Destacamos uma outra conclusão com impacto em novas linhas de investigação: a forma como as actividades desenvolvidas por estes empresários e trabalhadores estão associadas à dinâmica económica do nosso país<sup>356</sup>. Seria relevante indagarmos que tipo

<sup>353</sup> Ou seja, se o transnacionalismo dos negócios nepaleses não é, na realidade, em parte resultante das (e incentivado pelas) próprias estratégias de financiamento e transferência de recursos (monetários ou outros) seguidas pelos empresários, em decorrência de pressões locais e contextuais existentes não apenas no destino, como também (neste caso) no país de origem.

<sup>354</sup> No âmbito da defesa da sua tese de Doutoramento, Lisboa, ISCTE-IUL.

<sup>355</sup> Recorde-se as inúmeras vezes em que os empresários e trabalhadores nepaleses de determinados grupos étnicos se referem a "familiares" quando, na realidade, querem apontar pessoas oriundas da mesma região geográfica (cidade/aldeia) que a sua - chegando, mesmo, a "residir com familiares" (tios, primos) que, de parentesco ou sangue, não o eram, de facto.

<sup>356</sup> Está demonstrado que as actividades económicas imigrantes promovem a mobilidade social de grupo e afectam positivamente o crescimento económico, em diversas cidades europeias (Waldinger et al., 1990; *EUMC Report*, 2003, cit. por Oliveira, 2006). Sabemos, adicionalmente, que o grosso da imigração nepalesa para Portugal se deu a partir dos anos de 2008-2009 - a contracção económica e no auge da crise financeira. E que o Censos de 2011 revelou uma diminuição do efeito de dispersão geográfica da empresarialidade imigrante (com concentração de empreendimentos no litoral português), bem como um aumento de 7% na taxa de empreendedorismo dos estrangeiros, enquanto essa taxa diminuía 15% entre os portugueses.

de contributos gerais eles têm dado para a recuperação económica nacional<sup>357</sup>, pós-crise financeira de 2008, e para a economia portuguesa.

5) Uma outra importante via de pesquisa futura é, parece-nos, a dimensão de género na imigração nepalesa e a forma como o processo migratório e de reunificação familiar afecta tanto a dinâmica relacional no interior dos casais imigrantes nepaleses no destino (e a sua relação com as famílias na origem), quanto os papéis de género e o acesso ao trabalho ou emancipação, por parte das mulheres imigrantes nepalesas.

6) Uma sexta via de pesquisa futura (já iniciada<sup>358</sup>) conecta-se com a inserção da imigração nepalesa em actividades ligadas à agricultura em Portugal (inserção no meio rural).

7) Enfim, uma sétima via de pesquisa a ponderar (também já parcialmente iniciada<sup>359</sup>) está relacionada com a mobilidade inter-geracional (saber o que vai acontecer às segundas e terceiras gerações de nepaleses em Portugal, como na Europa).

## 8.4 Reflexões Finais

Propomos, agora, algumas reflexões finais a respeito dos resultados obtidos, como sobre a pesquisa do empreendedorismo e trabalho imigrante nepalês em Lisboa:

- Cabe-nos, primeiramente, ressaltar uma limitação, relacionada com a amostra de trabalhadores imigrantes nepaleses por nós examinada: ela terá um problema de representatividade a nível de algumas variáveis, incluindo provavelmente a sobrequalificação dos sujeitos<sup>360</sup>. Por outro lado, ela ilustrará bastante bem novas tendências importantes, entre as imigrações sul-asiáticas para Portugal (atrás especificadas), ao nível da mudança significativa registada no perfil socioeconómico e educativo dos imigrantes. Já a amostra de empresários, não sendo representativa, ajudou-nos, todavia, a escrutinar (com maior rigor na definição de mecanismos operativos, prioridades e estratégias) por que razões poderemos falar do estabelecimento de uma (ou de várias) economias étnicas, a propósito das actividades empreendedoras dos imigrantes nepaleses em Lisboa.

<sup>357</sup> Exemplos: expansão da oferta competitiva de produtos, bens e serviços, novas estratégias de inserção económica de trabalhadores, criação e estímulo de novos mercados.

<sup>358</sup> Cf. Projecto de investigação *Imigração e Tráfico para Exploração Laboral. Nepaleses nas Estufas em Portugal*, sob coordenação da Professora Doutora Cláudia Pereira, e com financiamento do Alto-Comissariado para as Migrações - Referência: PT72017/FAMI/158).

<sup>359</sup> Em Portugal, por alunos do Programa de Mestrado *MFAMILY*, em Consórcio Internacional entre ISCTE-IUL - Instituto Universitário de Lisboa / Universidade de Gotemburgo / Universidade de Makerere / Universidade de Stavanger. Na Europa, por alguns dos investigadores referidos no Capítulo 5, ponto 6.7.2 e ponto 8.2.8.

<sup>360</sup> As amostras utilizadas são de conveniência, e não representativas.

- Através de ambas as amostras examinadas, pudemos compreender, e tornar explícito, o papel das redes coétnicas transnacionais (e também de redes conacionais e correregionais)<sup>361</sup> na solidificação e funcionamento dos negócios nepaleses em Lisboa, bem como na promoção da inserção laboral dos migrantes<sup>362</sup>. Registámos processos de transnacionalismo económico, social, cultural e político, subjacentes às actividades da imigração nepalesa<sup>363</sup>.

- A nossa investigação ajudou-nos a sublinhar a importância de estabelecermos uma comparação alargada entre diferentes grupos sul-asiáticos imigrantes em Lisboa<sup>364</sup>. Além disso, uma comparação com imigrações nepalesas e sul-asiáticas noutros países europeus ressalta modelos de integração distintos, em função dos contextos de recepção variáveis (o que também tivemos oportunidade de elucidar anteriormente)<sup>365</sup>.

- No que diz respeito às novas formas de transnacionalismo migrante económico, político e sociocultural (vide ponto 2.1.2), poderemos retirar dos resultados obtidos certas implicações<sup>366</sup>. Os migrantes transnacionais ocasionam influências recíprocas e contactos múltiplos, a uma escala sem precedentes (Glick Schiller, 1999, 2005b, 2017; Portes, Guarnizo, Landolt, 1999). Assim:

a) Registámos novas formas de transnacionalismo económico migrante<sup>367</sup>, no sentido descrito no ponto 2.1.1, e na medida em que elas conectam países nunca antes ligados, ou muito pouco, do ponto de vista económico (Nepal e Europa Mediterrânica, concretamente Portugal - muitas vezes envolvendo, também, uma triangulação com países terceiros). O que inclui:

- Novas formas de remeter capital (e importante amplitude das remessas): via *Charities* familiares, por meio de associações étnicas nepalesas, pedindo empréstimos noutros países europeus e fazendo chegar esse capital a familiares com negócios em Portugal, ou até, capital recebido para "pagamento de propinas" por estudantes nepaleses no espaço europeu, que é investido em negócios próprios na Europa;

<sup>361</sup> Cf. Capítulo 3, ponto 6.5, Capítulo 7 e Capítulo 8.

<sup>362</sup> Cf. ponto 2.2.3.3.1 e Capítulo 7.

<sup>363</sup> Cf. ponto 8.2.5. E pudemos esclarecer aspectos complementares, ligados à transposição de elementos e estruturas coétnicas e de casta através de fronteiras, às redes de sociabilidade e sua internacionalização, e ainda a questões de género laterais, mas influentes, no contexto da imigração nepalesa em Lisboa.

<sup>364</sup> Cf. ponto 8.2.7. De modo a precisar interdependências dos actores e formas de cooperação entre membros de diferentes grupos imigrantes, num mesmo ambiente de acolhimento (como atrás referido).

<sup>365</sup> Cf. ponto 8.2.8.

<sup>366</sup> Na medida em que as causas e consequências da migração ligam-se, e são moldadas, por processos sociais, económicos, políticos e culturais, nos contextos de envio e recepção.

<sup>367</sup> Cf. ponto 2.1.2, ponto 5.3.2, ponto 7.1 e ponto 8.2.5.

- Empresas étnicas transnacionais híbridas: fazendo convergir estruturas, práticas, modelos e ideias de negócio, produtos e oferta, estratégias de marketing e/ou formas de financiamento e fornecimento da origem, do destino e/ou de países terceiros, antes implicados no trajecto migratório dos indivíduos, num mesmo negócio;

- O surgimento de nichos profissionais: em especial, nas áreas da hotelaria/restauração e, para os empresários nepaleses em Lisboa, também dos supermercados<sup>368</sup>;

- Algum empreendedorismo inovador: combinando áreas de negócio muito distintas, criando novos conceitos, novos serviços para os quais há um mercado emergente ou, ainda, buscando fornecedores próprios e/ou clientes do outro lado do mundo (exº: exportando vinho português para o Nepal);

- E negócios ligando as imigrações na diáspora, tanto à procura e gosto do mercado local no país de destino, quanto ao país de origem, via clientes e fornecedores.

b) Verificámos, ainda, a existência de novas formas de transnacionalismo migrante político e sociocultural<sup>369</sup> (Guarnizo, Portes e Haller, 2003; Portes, Escobar e Walton, 2006; Portes e Fernández-Kelly, 2015): pelo envio de remessas sociais<sup>370</sup>; pela construção de campos sociais transnacionais<sup>371</sup> (Glick Schiller e Fouron, 1999; Levitt e Glick Schiller, 2004; Landolt e Goldring, 2010; Glick Schiller, 2005b, 2017); pela multiplicação de associações e organizações étnicas, partidos políticos e *think tanks*<sup>372</sup> na diáspora nepalesa e na imigração nepalesa em Lisboa; pela mistura religiosa na diáspora nepalesa e na imigração nepalesa em Lisboa<sup>373</sup>; pelo activismo transnacional *grassroots*<sup>374</sup>; e, até, pela criação de *ethnoscapes*<sup>375</sup>.

c) Finalmente, pudemos destringir formas de transnacionalismo *from above* e *from below*<sup>376</sup> (Smith e Guarnizo, 1998; Portes, Guarnizo e Landolt, 1999; Portes, 1999, 2000, 2001, 2003): actividades transnacionais encetadas pelo Estado nepalês, empresas e organizações (iniciativas oficiais) e actividades transnacionais levadas a cabo por pessoas (indivíduos ou grupos), além de haver alguma copresença de nacionalismo de

<sup>368</sup> Cf. ponto 7.4. Ou, fora de Lisboa, os serviços agrícolas, em especial nas estufas de frutos vermelhos. Noutros países europeus, como Alemanha ou Suíça, as jovens nepalesas desempenham, muitas vezes, tarefas de *au pairs*. Ou, na Polónia, é frequente encontrar trabalhadores nepaleses em aviários.

<sup>369</sup> Cf. ponto 5.2.3 e ponto 6.5.4.

<sup>370</sup> Cf. Capítulo 2, ponto 3.2.3, ponto 5.2.3, ponto 7.4 e ponto 8.2.5.

<sup>371</sup> Cf. Capítulo 2, ponto 5.2, ponto 6.5 e ponto 6.8.

<sup>372</sup> Cf. ponto 2.1, ponto 5.2.3 e ponto 8.2.5.

<sup>373</sup> Cf. ponto 5.2.3, ponto 6.2.4, ponto 6.3.4 e ponto 8.2.2.

<sup>374</sup> Cf. ponto 2.1.2, ponto 5.2.3 e ponto 8.2.5.

<sup>375</sup> Cf. ponto 2.1.2, ponto 5.2.3 e 7.4.

<sup>376</sup> Cf. ponto 2.1, Capítulo 5, ponto 6.5.4, Capítulo 7 e ponto 8.2.5.



longa-distância, *villageness* de longa-distância e "trans-Estatismo", na imigração nepalesa em Lisboa.

## Referências Bibliográficas

- AA.VV. (1991-2014), *European Bulletin of Himalayan Research (EBHR)*, N. 1-42, Paris, London, Heidelberg, CNRS, SOAS, South Asia Institute-University of Heidelberg.
- AA.VV. (2015), *Eurostat Regional Yearbook 2015*, Luxembourg, Publications Office of the European Union.
- AA.VV. (2016), *Eurostat Regional Yearbook 2016*, Luxembourg, Publications Office of the European Union.
- Adhikari, A. P. (2014), "National Development: Opportunities and Challenges for the Diaspora International Review and Example of Diaspora's Role in Nepal's Development", in *National Development: Challenges and Opportunities for the Diaspora*, 41.
- Adhikari, J. (2016), "A political-economic analysis", in *South Asia Migration Report 2017: Recruitment, Remittances and Reintegration*, 292.
- Adhikari, J. e Hobley, M. (2015), "«Everyone is leaving. Who Will Sow Our Fields?» The Livelihood Effects on Women of Male Migration from Khotang and Udaypur Districts, Nepal, to the Gulf Countries and Malaysia", in *Himalaya, the Journal of the Association for Nepal and Himalayan Studies*, Vol. 35: No. 1, Article 7, Dartmouth College, Hanover: NH, USA.
- Adhikari, K. (Ed.) (2008), *Nepalis in the United Kingdom: An Overview*, Reading, Oxford, CNSUK, Reading.
- Adhikari, K. e C. Laksamba (2012), "Counting on Us: CNSUK's Survey of Nepali in the UK - 2008", A Paper Presented at the University of Oxford, Oxford.
- Adhikari, K. P. e D. N. Gellner, D. N. (2016), "New Identity Politics and the 2012 Collapse of Nepal's Constituent Assembly: When the dominant becomes 'other'", in *Modern Asian Studies*, 50(6), pp. 2009-2040.
- Adhikari, L. B., U. P. Gautam, B. P. Koirala, M. Bhattarai, T. Kandel, R. M. Gupta e R. Hoste-Colomer (2015), "The aftershock sequence of the 2015 April 25 Gorkha–Nepal earthquake", in *Geophysical Supplements to the Monthly Notices of the Royal Astronomical Society*, 203(3), pp. 2119-2124.
- Adhikari, P. (2012), "The plight of the forgotten ones: Civil war and forced migration", in *International Studies Quarterly*, 56(3), pp. 590-606.

- Adhikari, R. (2011), *From aspirations to “dream-trap”: nurse education in Nepal and Nepali nurse migration to the UK*, University of Edinburgh.
- \_\_\_\_\_ (2013), "Empowered Wives and Frustrated Husbands: Nursing, Gender and Migrant Nepali in the UK", in *International Migration* 51 (6), pp. 168-179.
- Adhikari, S. (2017), "International higher education's scholar-practitioners: Bridging research and practice", in *Journal of International Students*, 7(2), 429.
- Adida, C. L. (2006), "Beyond the Immigrant Ethnic Economy: A Network Theory of Socio-Economic Wellbeing", Paper for the Society for Comparative Research Graduate Student, Retreat, Stanford University.
- Ahmed, S. (Ed.) (2003), *Uprootings/Regroundings. Questions of Home and Migration*, New York, Berg Publishers.
- Albuquerque, R. (2008), *Associativismo, Capital Social e Mobilidade. Contributos para o Estudo da Participação Associativa de Descendentes de Imigrantes Africanos Lusófonos em Portugal*, Lisboa, Universidade Aberta. [tese de doutoramento]
- Aldrich, H. E. e R. Waldinger (1990), "Ethnicity and entrepreneurship", in *Annual review of sociology*, 16(1), pp. 111-135.
- Ambrosini, M. (2009), *Migrazioni e Società* (curatore, con E. Abbatecola), Milano, Angeli.
- \_\_\_\_\_ (2011a), *Sociologia delle Migrazione*, 2nd edition, Il Mulino.
- \_\_\_\_\_ (2011b), "Irregular Immigration Control in Italy and Greece: Strong Fencing and Weak Gate-keeping serving the Labour Market" (with A.Triandafyllidou), in *European Journal of Migration and Law*, 13, pp. 251–273.
- \_\_\_\_\_ (2013), "We are against a multi-ethnic society’: policies of exclusion at the urban level in Italy", in *Journal of Ethnic and Racial Studies*, volume 36 - issue 1, pp. 136-155.
- \_\_\_\_\_ (2014), "Migration and Transnational Commitment: Some Evidence from the Italian Case", in *Journal of Ethnic and Migration Studies*, vol. 40, n. 4, pp. 619-637.
- Anderson, B. (1983, 1991), *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*, London, Verso.

- \_\_\_\_\_ (1993), "Imagining 'East Timor'", in *Arena Magazine (Fitzroy, Vic)*, (4), 23.
- \_\_\_\_\_ (2001), *Reproductive labour and migration*, University of Oxford, Transnational Communities Programme.
- \_\_\_\_\_ (2010), "Migration, immigration controls and the fashioning of precarious workers", in *Work, Employment and Society*, 24(2), pp. 300-317.
- Anderson, B. & Rogaly, B. (2005), *Forced Labour and Migration to the UK*, Trades Union Congress.
- Anderson, W. e R. Lee (eds) (2005), *Displacements and Diasporas: Asians in the Americas*, New Brunswick, New Jersey, London, Rutgers University Press.
- Anthias, F. (1998), "Evaluating Diaspora: Beyond Ethnicity", in *Sociology*, 32(3).
- \_\_\_\_\_ (2002), "Where Do I Belong?: Narrating Collective Identity and Translocational Positionality.", in *Ethnicities* 2.4, London, Sage Publishing, pp. 491-514.
- \_\_\_\_\_ (2006), "Belongings in a globalising and unequal world: rethinking translocation", in *Situated Politics of Belonging*, Edited by: Yuval-Davis, N., Kannabiran, K. and Vieten, U. 17–31, London, Sage.
- Antónios, R., R. Guerra, S. L. Gaertner e M. Deegan (2017), "Percepções dos portugueses sobre os imigrantes: Indispensabilidade, acção colectiva e distância social.", in *Análise Psicológica*, 35(1), pp. 25-36.
- Appadurai, A. (1995), "The Production of Locality", in R. Fardon (Ed.), *Counterworks*, London, Routledge, pp. 204-25.
- \_\_\_\_\_ (1996), *Modernity At Large: Cultural Dimensions of Globalization*, Minneapolis, University of Minnesota Press.
- Arango, J. (2004), "Inmigración, Cambio Demográfico y Cambio Social", in *Información Comercial Española, ICE: Revista de Economía*, Nº 815, pp. 31-44.
- \_\_\_\_\_ (2007), "Las Migraciones Internacionales en un Mundo Globalizado", in *Vanguardia Dossier*, Nº 22, pp. 6-15.
- Arend, S., C. M. Rial e J. Pedro (Eds) (2011), *Diásporas, Mobilidades e Migrações*, Florianópolis: SC, Editora Mulheres.
- Armstrong, J. (1976), "Mobilized and Proletarian Diasporas", in *American Political Science Review*, 70 (2), pp. 393-408.
- Arora, V. (2005), "Being Nepali in Sikkim", in *Contemporary India*, 24(1), pp. 54-64.

- \_\_\_\_\_ (2007), "Assertive Identities, Indigeneity, and the Politics of Recognition as a Tribe: The Bhutias, the Lepchas and the Limbus of Sikkim", in *Sociological Bulletin* 56(2), pp. 195-220.
- Aryal, I. R. e T. P. Dhungyal (1975), "A new history of Nepal.", in *Voice of Nepal*, Catmandu.
- Augé, M. (2002), *In the metro*, Univ. of Minnesota Press.
- Averitt, R. T. (1968), *The dual economy: The dynamics of American industry structure*, WW Norton.
- Ávila, P. & Alves, M. (1993), "Da Índia a Portugal-trajectórias sociais e estratégias colectivas dos comerciantes indianos", Repositório ISCTE-IUL/Celta.
- Axel, B. (1996), "Time and Threat: Questioning the Production of the Diaspora as an Object of Study", in *History and Anthropology* 9:4, pp. 415–443.
- Baganha, M. (Ed) (1997), *Immigration in Southern Europe*, Oeiras, Celta Editora.
- \_\_\_\_\_ (1998), "Immigrant involvement in the informal economy: the Portuguese case", *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 24 (2), pp. 367-385.  
DOI : 10.1080/1369183X.1998.9976638
- \_\_\_\_\_ (Ed.). (2002), *Os movimentos migratórios externos e a sua incidência no mercado de trabalho em Portugal*.
- \_\_\_\_\_ (2005), "Políticas de imigração: a regulação dos fluxos", in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 73, pp. 29-44.
- Baganha, M. I., J. Ferrão e J. M. Malheiros (1999), "Os imigrantes e o mercado de trabalho: o caso português", in *Análise Social*, pp. 147-173.
- Baganha, M. I., Góis, P., & Marques, J. C. (2006), *Bibliografia sobre a Imigração em Portugal*, Edição digital.
- Baganha, M. I. e J. S. Ribeiro (2007), "Imigração qualificada no sector da saúde – as oportunidades do mercado laboral português", *Migrações*, 1 (número temático “Imigração e Saúde”), pp. 53-78.
- Bajracharya, B. R., S. R. Sharma e S. R. Bakshi (Eds.) (1993), *Cultural History of Nepal*, South Asia Books.
- Bajracharya, M. (2015), "Nepalese women migrants in Portugal and their experience with socio-cultural integration", Research Paper para *Erasmus Mundus - Masters in Social Work With Families and Children*, ISCTE-IUL, Lisboa.

- Bajracharya, M. e A. Michaels (2017), "Religious Approaches to Heritage Restoration in Post-Earthquake Kathmandu.", in *Material Religion*, 13(3), pp. 379-381.
- Ball, Sheryl, Eckel e Catherine (1996), "Buying Status.", in *Psychology and Marketing* 13, pp. 381-405.
- \_\_\_\_\_ (1998), "The Economic Value of Status.", in *Journal of Socio-Economics* 27, pp. 495-514.
- Ballard, R. (Ed) (1994), *Desh Pardesh: The South Asian Presence in Britain*, London, Hurst & Company.
- Banks, J. (2006), *Race, Culture, and Education: The Selected Works of James A. Banks*, London, New York, Routledge.
- Baral, L. S. (2012), *Autocratic Monarchy: Politics in Panchayat Nepal*, Pratyoush Onta and Lokranjan Parajuli (eds.), Kathmandu, Martin Chautari.
- Barrie, Megan (2014), "Nepali Youth in America: A Contemporary Look at Cultural Identity, Community, and Ties to "Home"", *Undergraduate Honors Theses*, Paper 39, University of Colorado Boulder, CU Scholar.
- Basch, L., N. Glick Schiller e C. Szanton Blanc (1994a), *Nations Unbound: Transnational projects, Postcolonial predicaments, and Deterritorialized nation-states*, New York, Routledge.
- \_\_\_\_\_ (1994b), "Transnational projects: A new perspective", in *Nations unbound: Transnational projects, postcolonial predicaments, and deterritorialized nation-states*, Routledge, pp. 1-20.
- \_\_\_\_\_ (1995a), "From immigrant to transmigrant: Theorizing transnational migration", in *Anthropological quarterly*, pp. 48-63.
- \_\_\_\_\_ (1995b), "Transnationalism, nation-states, and culture", in *Current Anthropology*, 36(4), pp. 683-686.
- Bastos, J. G. P. (2006), "«Nós dizemos que eles são como nós precisamos que eles sejam, para nos vermos como nos vemos». Vicissitudes identitárias nas relações inter-étnicas", in *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, 18, Lisboa, UNL, pp. 73-102.
- Bastos, S. P. (2006), "Kumar Queria Ser Mais... Mas Ainda não Regressou do Fundo do Mar: Algumas Reflexões sobre o Trabalho Sincrético na Diáspora Hindu Lusófona", Working Papers, 2, Lisboa, CEMME-UNL.

- Bastos, S. P. e J. G. Pereira Bastos (2006), "Filhos Diferentes de Deuses Diferentes. Manejos da Religião em Processos de Inserção Social Diferenciada: Uma Abordagem Estrutural Dinâmica", colecção *Estudos do OI*, 17, Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.
- Basu, A. & Altinay, E. (2002), "The interaction between culture and entrepreneurship in London's immigrant businesses", in *International Small Business Journal*, 20(4), pp. 371-393.
- Basu, M. e M. Shrestha (2012), "Nepal bans women aged under 30 working in Gulf States", *CNN*, 10th of August 2012.
- Bauböck, R. et al. (2006), "Migrants' Citizenship: Legal Status, Rights and Political Participation", in R. Penninx et al. (eds.), *The Dynamics of International Migration and Settlement in Europe – a State of Art*, Amsterdam, AUP (Imiscoe Joint Studies), pp. 65-98.
- Bauböck, R., Kraler, A., Martiniello, M. & Perchinig, B. (2006), "Migrants' citizenship: legal status, rights and political participation", in *The Dynamics of International Migration and Settlement in Europe*, 65.
- Bauböck, R. e T. Faist (Eds.) (2010), *Diaspora and Transnationalism: Concepts, Theories and Methods*, IMISCOE Research, Amsterdam, Amsterdam University Press.
- Beck, U. (2000), "The cosmopolitan perspective: sociology of the second age of modernity", in *The British Journal of Sociology*, 51(1), pp. 79-105.
- Beck, U., & Grande, E. (2010), "Varieties of second modernity: The cosmopolitan turn in social and political theory and research", in *The British journal of sociology*, 61(3), pp. 409-443.
- Beijer, G. (1966), *La main-d'oeuvre rurale nationale: son adaptation à l'industrie*, Société centrale d'hypothèques et de logement - Division de planification des politiques. Division de l'information et des services techniques, Ministère des Forêts, Canada.
- \_\_\_\_\_. (1969), "Modern Patterns of International Migratory Movements", in *Migration - Volume 2, Sociological Studies*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Belo Nunes, T. (2014), *Dimensões de socialização implicadas na vida religiosa da comunidade chinesa do Templo Fo Guang Shan de Lisboa* (Doctoral dissertation), Univ. Católica Portuguesa.



- Beltramone, A. (1962), "Sur la mesure des migrations intérieures au moyen des données fournies par les recensements", in *Population*, 17<sup>e</sup> année, n°4, Paris, Institut National D'Études Démographiques, pp. 703-724.
- \_\_\_\_\_ (1975) "Définition logique des flux migratoires intérieurs", in *Migrations Intérieures - Méthodes D'Observation et D'Analyse*, Colloque de Cahen, 2-4 Avril 1973, Paris, Centre National de La Recherche Scientifique, pp. 528-529
- Benesch, K. e J. Fabre (2004), *African Diasporas in the New and Old Worlds: Consciousness and Imagination*, Amsterdam, New York, Rodopi.
- Bennett, L. (1983), *Dangerous Wives and Sacred Sisters: Social and Symbolic Roles of High-Caste Women in Nepal*, New York, Columbia University Press.
- Berg, B. L. (1998), *Qualitative Research Methods for the Social Sciences*, 3rd edition, Allyn and Bacon, Needham Heights: MA.
- Berger, J., M. H. Fisek, R. Z. Norman e D.G. Wagner (1985), "Formation of Reward Expectations in Status Situations", in *Status Rewards and Influence*, edited by Berger, J. and M. Zelditch. San Francisco, CA: Jossey-Bass, pp. 215-61.
- Betts, A. (2011), "Introduction: Global Migration Governance", in *Global Migration Governance*, ed. A. Betts, Oxford, Oxford University Press.
- \_\_\_\_\_ (2013a), "The migration industry in global migration governance", in *The migration industry and the commercialization of international migration* Routledge, pp. 63-81.
- \_\_\_\_\_ (2013b), *Survival migration: Failed governance and the crisis of displacement*, Cornell University Press.
- Bhabha, Homi K. (1996), "Culture's in-between", in *Questions of cultural identity*, 1, pp. 53-60.
- \_\_\_\_\_ (2004), *The Location of Culture*, Abingdon: Routledge.
- \_\_\_\_\_ (2004), "Looking back, moving forward: Notes on vernacular cosmopolitanism, in *The Location of Culture*, ix-xxv.
- Bhattachan, Krishna (1998), "Nepalese Perceptions of European Donors -Approaches To Poverty Reduction in Nepal", in *South Asian Survey*, September 1998; vol. 5, 2, pp. 199-229.

- Bhattachan, K. B. (2000), "Possible Ethnic Revolution or Insurgency in a Predatory Unitary Hindu State, Nepal.", in *Domestic Conflict and Crisis of Governability in Nepal*, Catmandu: CNAS, pp. 135-162.
- Bhattarai, Keshab (2006), "Consequences of April 2006 Revolutionary Changes in Nepal: Continuation Nepalese Dilemma", in *Indian Journal of Economics and Business*, 5:2, December pp. 315-321.
- \_\_\_\_\_ (2007, 2008), *Models of Economic and Political Growth in Nepal*, Serials Publications, New Delhi. ISBN 978-81-8387-109-9
- \_\_\_\_\_ (2011a), "Empty Core in a Coalition: Why No Constitution in Nepal?", in *Indian Journal of Economics and Business*, 10:1, pp. 119-126.
- \_\_\_\_\_ (2011b), "Constitution and Economic Models for the Federal Republic of Nepal", in *Economic Journal of Nepal*, 33:1, pp. 1-15.
- \_\_\_\_\_ (2011c), "Brain Gain (Drain), Immigration and Global Network: Nepalese Students in the UK", in *Journal of Economic Policy in Emerging Economies*, Vol. 4, No. 4, Hull, Hull University Business School.
- \_\_\_\_\_ (2013), "Coalition for Constitution and economic growth in Nepal", in *International Journal of Global Studies (IJGS)*, 1:1, February, pp. 1-4.
- Bhattarai, Krishna P. (2008), *Nepal*, Ed. Gritzner, C., South Dakota State University, New York: Chelsea House Publishers. ISBN 9781438105239
- Bhattarai, M., L. B. Adhikari, U. P. Gautam, A. Laurendeau, C. Labonne, R. Hoste-Colomer e B. Hernandez (2015), "Overview of the large 25 April 2015 Gorkha, Nepal, earthquake from accelerometric perspectives.", in *Seismological Research Letters*, 86(6), pp. 1540-1548.
- Bhattarai, P. (2005), *Migration of Nepalese Youth for Foreign Employment: Problems and Prospects*, Kathmandu, Youth Action Nepal.
- Bhawuk, D. e A. Udas, (1996), "Entrepreneurship and Collectivism: A Study of Nepalese Entrepreneurs", in J. Pandey, D. Sinha, D. P.S. Bhawuk (Eds), *Asian Contributions to Cross-Cultural Psychology*, Sage Publications, London, pp. 307-317.
- Bian, Y. (1997), "Bringing strong ties back in: Indirect ties, network bridges, and job searches in China", in *American Sociological Review*, pp. 366-385.
- Birke, D. (2009), "The economics of networks: a survey of the empirical literature.", in *Journal of Economic Surveys*, 23(4), pp. 762-793.

- Black, R., Natali, C., & Skinner, J. (2006), *Migration and Inequality*, World Bank.
- Boissevain, J. (1962), "Maltese village politics and their relation to national politics.", in *Journal of Commonwealth & Comparative Politics*, 1(3), pp. 211-222.
- \_\_\_\_\_ (1968), "The place of non-groups in the social sciences.", in *Man*, 3(4), pp. 542-556.
- \_\_\_\_\_ (1979), "Network analysis: a reappraisal.", in *Current Anthropology*, 20(2), pp. 392-394.
- \_\_\_\_\_ (2001), "Contesting Maltese Landscapes.", in *Journal of Mediterranean studies*, 11(2), pp. 277-296.
- Bonacich, E. (1973), "A theory of middleman minorities", in *American Sociological Review*, pp. 583-594.
- Bonacich, E. & Modell, J. (1980), *The economic basis of ethnic solidarity: Small business in the Japanese American community*, Univ. of California Press.
- Bourdieu, P. (1983), *Campo del poder y campo intelectual*, Ed. Montessor.
- \_\_\_\_\_ (1991), *Language and symbolic power*, Harvard University Press.
- Bourdieu, P., Chamboredon, J. C. & Passeron, J. C. (1991), *The craft of sociology: Epistemological preliminaries*, Walter de Gruyter.
- Bosco, F. J. (2001), "Place, space, networks, and the sustainability of collective action: the Madres de Plaza de Mayo", in *Global Networks*, 1(4), pp. 307-329.
- Boswell, C. (2008), "The political functions of expert knowledge: Knowledge and legitimization in European Union immigration policy", in *Journal of European Public Policy*, 15(4), pp. 471-488.
- Bouillier, V. (1992), "The King and his Yogi. Prithvi Narayan Shah, Bhagavantnath and the Unification of Nepal in the 18th Century.", in JP Neelsen, *Gender, Caste and Power in South Asia: Social Status and Mobility in Transitional Society*, Delhi, Manohar, pp. 3-21.
- Boyd, M. (1989), "Family and personal networks in international migration: recent developments and new agendas", in *International Migration Review*, 23(3), pp. 638-670.
- Brah, Avtar (1996), *Cartographies of Diaspora - Contesting Identities*, London and New York, Routledge.
- Branco, I. M. (2012), "A Língua Portuguesa e os Media nas Vivências de Imigrantes Nepaleses em Portugal", in *Revista Comunicando*, v.1, n.1, Lisboa, FCSH-UNL.

- \_\_\_\_\_ (2015), *A importância dos média e da língua de acolhimento na integração de imigrantes. Estudos de caso: a comunidade nepalesa de Portugal e a comunidade portuguesa em Macau*, Tese de Doutoramento, Lisboa, FCSH-UNL.
- Brazier, J. E. e A. Mannur (Eds) (2003), *Theorizing Diaspora*, Malden, Oxford, New York, Melbourne, Blackwell Publishing.
- Brettel, C. (2000), "Theorizing Migration in Anthropology: The Social Construction of Networks, Identities, Communities and Globalscapes", in eds. C. Brettel and J. Hollifield, *Migration Theory: Talking Across Disciplines*, London, Routledge.
- \_\_\_\_\_ (Ed.) (2007), *Constructing borders/crossing boundaries: race, ethnicity, and immigration*, Lexington Books.
- Brettel, C. e J. Hollifield (Eds) (2000, 2008), *Migration Theory: Talking Across Disciplines*, London, Routledge.
- Brinkhaus, H. (1991), "The Descent of the Nepalese Malla Dynasty as Reflected by Local Chroniclers", in *Journal of the American Oriental Society*, pp. 118-122.
- Brubaker, R. (2002), "Ethnicity Without Groups", in *Arch. Europ. Sociol.*, XLIII, pp. 163-169.
- \_\_\_\_\_ (2005), "The 'diaspora' diaspora", in *Ethnic and Racial Studies*, Volume 28, n. 1, pp. 1-19.
- \_\_\_\_\_ (2009), "*Ethnicity, Race, and Nationalism*", in *The Annual Review of Sociology*, 35, pp. 21-42.
- Bruneau, M. (1995), "Lieux de mémoire, hauts lieux et diaspora: Sanda et Soumela dans la diaspora grecque pontique", in *L'Espace géographique*, pp. 124-134.
- \_\_\_\_\_ (2004), *Diasporas et Espaces Transnationaux*, Collection Villes-Géographie, Paris, Anthropos.
- Brunet (1975), "Pour une nouvelle définition de la migration" (seguido de "Débat sur les définitions des migrations"), in AAVV, *Migrations Intérieures - Méthodes d'Observation et d'Analyse*, IVe Colloque National de Démographie du centre national de la recherche scientifique, Caen, 2-4 avril 1973 - Actes - N° 993, Paris, Éditions du CNRS.
- Bryman (2015), *Social Research Methods*, Oxford University Press, Oxford.

- Budal, A. (2018), *Paperless reality: transnational parenthood and undocumented Nepalese in Portugal* (Masters dissertation).
- Burawoy, M. (2004), "Public sociologies: Contradictions, dilemmas, and possibilities", in *Social Forces*, 82(4), pp. 1603-1618.
- Burba, T. L. (2017), *The Transnational Guqin Revival in Flushing*, New York.
- Burghart, R. (1984), "The formation of the concept of nation-state in Nepal.", in *The Journal of Asian Studies*, 44(1), pp. 101-125.
- \_\_\_\_\_ (1994), "The political culture of panchayat democracy.", in *Nepal in the Nineties: Versions of the Past, Visions of the Future*, pp. 1-13.
- \_\_\_\_\_ (1996), *The category Hindu in the political discourse of Nepal*, Oxford University Press, Delhi, pp. 261-277.
- Butler, K. (2001), "Defining Diaspora, Refining a Discourse", in *Diaspora: A Journal of Transnational Studies*, Volume 10, Number 2, Fall 2001, pp. 189-219.
- Cabecinhas, R. e L. Amâncio (2004), "Dominação e exclusão: a natureza nas representações sociais acerca de grupos minoritários", in *Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção*, Actas do Vº Congresso Português de Sociologia, Lisboa, Associação Portuguesa de Sociologia, edição electrónica (www.aps.pt).
- Cameron, D. (1998), "Performing gender identity", in *Language and gender: a reader*, Malden, MA: Blackwell.
- Cameron, M. (1998), *On the Edge of the Auspicious: Gender and Caste in Nepal*, Urbana, University of Illinois Press.
- \_\_\_\_\_ (2007), "Considering Dalits and Political Identity in Imagining a New Nepal", in *Himalaya*, vol. 27, n.1-2, pp. 13-16.
- Campbell, B. (1995), "Dismembering the Body Politic: Contestations of Legitimacy in Tamang Celebrations of Dasain", in *Kailash*, 17(3-4), pp. 133-46.
- Cannadine, D. e S. Price (Eds.) (1992), *Rituals of royalty: power and ceremonial in traditional societies*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Caplan, L. (1995), *Warrior Gentlemen: Gurkhas in the Western Imagination*, Providence and Oxford, Berghahn Books.
- Caponio, T. (2007), "Policy Networks and Immigrants' Associations in Italy: The Cases of Milan, Bologna and Naples", in *Journal of Ethnic and Migration Studies*, volume 31, pp. 931-950.

- Carpiano, R. M. (2007), "Neighborhood social capital and adult health: an empirical test of a Bourdieu-based model.", in *Health & Place*, 13(3), pp. 639-655.
- Carreiro, M. J. (2007), "Dinâmicas Transnacionais Protagonizadas por Associações de Migrantes Guineenses em Portugal", CIES e-working paper, 26, Lisboa, CIES-ISCTE. [working paper científico]
- Carter, T. F. (2007), "Family networks, state interventions and the experience of Cuban transnational sport migration", in *International Review for the Sociology of Sport*, 42(4), pp. 371-389.
- Carter, S., S. Anderson e E. Shaw (2000), "Women's business ownership: A review of the academic, popular and internet literature with a UK policy focus.", in *ARPENT: Annual review of progress in entrepreneurship*, 1, 66.
- Carvalhais, I. (2003), *The Dynamics of Political Integration of Non-National Residents in Portugal*, Warwick, University of Warwick. [tese de doutoramento]
- Casaca, S. e J. Peixoto (2010), "Flessibilità e segmentazione del mercato del lavoro in Portogallo: genere e immigrazione", *Sociologia del Lavoro*, 117, pp. 116-133.
- Casaca, S. e S. Damião (2011), "Gender and well-being in the labour market: gender (in)equality in the labour market and the southern European welfare states", em Elisabetta Addis, Paloma de Villota, Florence Degavre, e John Eriksen (orgs.), *Gender and Well-Being. The Role of Institutions*, Farnham, Ashgate, pp. 183-199.
- Casey, M., & Hampshire, N. H. S. (2010), *Health needs assessment of the Nepali community in Rushmoor*, Hampshire: NHS.  
(Retrieved from: <http://documents.hants.gov.uk/public-health/NepaliHealthNeedsAssessment2010.pdf>)
- Castles, S. (1998), "Globalization and migration: Some pressing contradictions", in *International Social Science Journal*, 50(156), pp. 179-186.
- \_\_\_\_\_ (2000), *Ethnicity and globalization*, Sage.
- \_\_\_\_\_ (2014), "International migration at a crossroads", in *Citizenship Studies*, 18(2), pp. 190-207.
- \_\_\_\_\_ (2015), "Migration, Precarious Work, and Rights", in *Migration, Precarity, and Global Governance: Challenges and Opportunities for Labour*, 46.

- \_\_\_\_\_ (2017a), "Understanding global migration and diversity: A case study of South Korea", in *Critical Reflections on Migration, 'Race' and Multiculturalism*, Routledge, pp. 27-45.
- \_\_\_\_\_ (2017b), "Migration policies are problematic—because they are about migration", in *Ethnic and Racial Studies*, 40(9), pp. 1538-1543.
- Castles, S., & Davidson, A. (2000), *Citizenship and migration: Globalization and the politics of belonging*, Psychology Press.
- Castles, S. e M. Miller (2003, 2009), *The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World*, 3rd ed., New York, Guilford Press.
- Castles, S., De Haas, H., & Miller, M. J. (2013), *The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World*, Macmillan International Higher Education.
- CBS (2014a) *Population Monograph of Nepal Census 2011: Population Dynamics, Social Demography, Economic Demography*, Volumes I-III, Kathmandu, Central Bureau of Statistics.
- \_\_\_\_\_ (2014b) *National Population and Housing Census: Housing Characteristics, Dead and Absentee Population 2011*, Government of Nepal, Kathmandu, National Planning Commission & CBS.
- \_\_\_\_\_ (2014c), *Nepal - Population Monograph*, vols 1, 2 and 3, Catmandu, CBS.
- (Retirado de:  
[http://cbs.gov.np/sectoral\\_statistics/population/populationmonographnepa\\_2014](http://cbs.gov.np/sectoral_statistics/population/populationmonographnepa_2014);  
<http://cbs.gov.np/image/data/Population/Population%20Monograph%20of%20Nepal%202014/Population%20Monograph%20V02.pdf>;  
e:  
<http://cbs.gov.np/image/data/Population/Population%20Monograph%20of%20Nepal%202014/Population%20Monograph%20V03.pdf>)
- CBS (2016), *Statistical Pocket Book of Nepal*, Catmandu, CBS.
- (Retirado de:  
<http://cbs.gov.np/image/data/2017/Statistical%20Pocket%20Book%202016.pdf>)



- Cebula, J. e J. Clark (2011), "Migration, Economic Freedom and Personal Freedom: An Empirical Analysis", in *The Journal of Private Enterprise*, 27 (1), pp. 43-62.
- Centre for Nepal Studies (2012), *A Glimpse of the Nepali Population in the UK*, CNS-UK, Reading. (Acedido em 2018: <http://www.cnsuk.org.uk/details/a-glimpse-of-the-nepali-population-in-the-uk> )
- Chalmers, R. (2003), "'We Nepalis': Language, Literature and the Formation of a Nepali Public Sphere in India, 1914-1940", Thesis (PhD), SOAS, University of London.
- Chamberlain, W. (2010)., *Language maintenance in a displaced people group: A sociolinguistic study of the Nepali speech community in Chiang Mai, Thailand*, Chiang Mai, Thailand, Payap University: MA thesis.
- Chaney, E. M. (1979), "The world economy and contemporary migration", in *International Migration Review*, vol. 13(2).
- Chariandy, D. (2006), "Postcolonial Diasporas", in *Postcolonial Text*, Vol. 2, Nº 1.
- Chautari, M. (2007), "The World Upside-Down: Nepalese Migrants in Northern India", in *European Bulletin of Himalayan Research* 31, Paris, London, Heidelberg, CNRS, SOAS, HU, pp.173-173.
- Child, J. & Tse, K. (2001), "China's transition and its implications for international business", in *Journal of international business studies*, 32(1), pp. 5-21.
- Chua, J. H., Chang, E. P., Memili, E., Chrisman, J. J. & Kellermanns, F. W. (2009), "Family social capital, venture preparedness, and start-up decisions: A study of Hispanic entrepreneurs in New England", in *Family Business Review*, 22(3), pp. 279-292.
- Chun, A. (1989), "Pariah Capitalism and the Overseas Chinese of Southeast Asia: Problems in the Definition of the Problem", in *Ethnic and Racial Studies* 12, pp. 233-56.
- Clark, G. L., e K. P. Ballard (1980), "Modelling Out-Migration From Depressed Regions: The Significance of Origin and Destination Characteristics", in *Environment and Planning* 12, pp. 799-812.
- Clark, G. e M. Gertler (1983), "Migration and Capital", in *Annals of the Association of American Geographers*, Vol. 73, No. 1, March 1083, pp.18-34.

- Clarke, C., C. Peach e S. Vertovec (Eds) (1990), *South Asians Overseas: Migration and Ethnicity*, Cambridge, New York and Melbourne, Cambridge University Press.
- Clifford, J. (1994), "Diasporas", in *Current Anthropology* 9.3, pp. 302–338.
- CNSUK (2011), *Directory 2011 of Nepali (Individuals, Businesses and Organisations) in the UK*, Reading: Centre for Nepal Studies, UK.
- Cobban, A. (1969), *The Nation State and National Self-Determination*, New York, Crowell.
- Cohen, A. A. (1979), *The Natural and the Supernatural Jew*, 2nd rev. ed, New York, Behrman.
- Cohen, R. (1996), "Diasporas and the nation-state: from victims to challengers", in *International affairs*, 72(3), pp. 507-520.
- \_\_\_\_\_ (1997, 1998), *Global Diasporas: An Introduction*, London & Seattle, UCL Press & University of Washington Press, pp. 228. Reprinted 1998, 1999, 2000. Reprinted 2001, 2008, Palgrave.
- \_\_\_\_\_ (2006), *Migration and its Enemies: Global Capital, Migrant Labour and the Nation State*, Aldershot, Ashgate, pp. 252.
- \_\_\_\_\_ (2008), *Global Diasporas: An Introduction*, Routledge.
- Coleman, J. S. (1988), "Free riders and zealots: The role of social networks", in *Sociological Theory*, 6(1), 52-57.
- \_\_\_\_\_ (2000), "Social capital in the creation of human capital.", in *Knowledge and social capital*, pp. 17-41.
- Colombo, Enzo, L. Domaneschi e C. Marchetti (2011), "Citizenship and multiple belonging. Representations of inclusion, identification and participation among children of immigrants in Italy", in *Journal of Modern Italian Studies* Vol. 16, Iss. 3.
- Connor, W. (1986), "The Impact of Homelands Upon Diasporas", in G. Sheffer (ed.) *Modern Diasporas in International Politics*, London, Croom Helm, pp. 16-45
- \_\_\_\_\_ (1994), *Ethnonationalism: The Quest for Understanding*, Princeton, New Jersey: Princeton University Press.
- \_\_\_\_\_ (2004), "The Timelessness of Nations", in *Nations and Nationalism*, nr. 10 (1/2), pp. 35-47.

- Conversi, D. (ed.) (2002), *Ethnonationalism in the Contemporary World: Walker Connor and the Study of Nationalism*, London, Routledge.
- Cornejo, M. (2008), "Political Exile and the Construction of Identity: A Life Stories Approach", in *Journal of Community & Applied Social Psychology*, Vol. 18, Nº 4, pp. 333-348.
- Costa, F. L. (2004), "Turismo étnico, cidades e identidades: espaços multiculturais na cidade de Lisboa", in *APS, VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, Coimbra: Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra (p. 26).
- Coutinho, C. P. (2014), *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática* (2ª edição), Edições Almedina, Coimbra.
- Cox, T. (1990), "Land rights and ethnic conflict in Nepal.", in *Economic and Political Weekly*, pp. 1318-1320.
- Crepeau, F. et al. (Eds.) (2006), *Forced Migration and Global Processes: A View from Forced Migration Studies*, Lanham, Lexington/Rowman and Littlefield.
- Cresswell, T. (1996, 2005), "Moral Geographies", in *Cultural geography: a critical dictionary of key concepts*, pp. 128-134.
- Christiansen, F., & Hedetoft, U. R. (2004), *The Politics of Multiple Belonging: Nationalism and Ethnicity in Europe and East Asia*, London: Ashgate.
- Dahal, S. e A. Pereira (2017), "Many Struggles - Most Nepali migrant workers in Portugal don't have legal papers or are working in precarious jobs", in *My Republica*, January 17, Nepali Republic Media Ltd., Catmandu (Disponível em: <http://www.myrepublica.com/news/13196/>)
- Dahinden, J. & Fischer, C. (2018), "Using pragmatism to approach 'diaspora', its meanings and political implications", in *Routledge Handbook of Diaspora Studies*, Routledge, pp. 293-301.
- Daily, C. M. e D. R. Dalton (1994a), "Bankruptcy and corporate governance: The impact of board composition and structure.", in *Academy of Management journal*, 37(6), pp. 1603-1617.
- (1994b), "Corporate governance in the small firm: Prescriptions for CEOs and directors.", in *Journal of Small Business Strategy*, 5(1), pp. 57-68.

- Dalhammar, T. (2004), *Voices of entrepreneurship and small business: immigrant enterprises in Kista, Stockholm*, Doctoral dissertation, Kungliga Tekniska högskolan, Sweden.
- Dana, L.P. (2007), *Handbook of research on ethnic minority entrepreneurship: A co-evolutionary view on resource management*, Edward Elgar Publishing.
- (2014), *Asian Models Of Entrepreneurship - From the Indian Union and Nepal to the Japanese Archipelago: Context, Policy and Practice*.
- Danforth, L. M. (2000), "How Can a Woman Give Birth to One Greek and One Macedonian?" The Construction of National Identity among Immigrants to Australia from Northern Greece", in *Macedonia: The politics of identity and difference*, pp. 85-103.
- Dangol, A. (2015), "Parenting among Nepalese families in Lisbon and its effect on child integration", Research Paper for *MFamily Erasmus Mundus - Masters in Social Work With Families and Children*, ISCTE-IUL, Lisboa.
- Day G. e A. Thompson (2004), *Theorizing Nationalism*, New York, Palgrave Macmillan.
- De Certeau, M. (1999), *The Certeau Reader*, Blackwell Readers.
- De Haas, H. (2005), "International migration, remittances and development: myths and facts", in *Third World Quarterly*, 26(8), pp. 1269-1284.
- (2010a), "Migration and development: A theoretical perspective", in *International migration review*, 44(1), pp. 227-264.
- (2010b), "The internal dynamics of migration processes: A theoretical inquiry", in *Journal of ethnic and migration studies*, 36(10), pp. 1587-1617.
- (2012), "The migration and development pendulum: A critical view on research and policy. ", in *International Migration*, 50(3), pp. 8-25.
- De Haas, R. & Van Lelyveld, I. (2010), "Internal capital markets and lending by multinational bank subsidiaries." in *Journal of Financial Intermediation*, 19(1), pp. 1-25.
- De Maio, J., M. Silbert, R. Jenkinson e D. Smart (2014), "Building a new life in Australia: introducing the longitudinal study of humanitarian migrants.", in *Family Matters*, (94), 5.
- Dekker, R. & Engbersen, G. (2012), *How social media transform migrant networks and facilitate migration*, Working Paper

- (Retrieved from: <http://www.godfriedengbersen.com/wp-content/uploads/Working-Paper-IMI-Dekker-Engbersen.pdf>)
- Delph-Janiurek, T. (1999), "Sounding Gender(ed): Vocal Performances in English University Teaching Spaces.", in *Gender, Place and Culture* 6(2): pp. 137-53.
- Denzin, N. e Lincoln, Y. (Eds) (1994), *Handbook of Qualitative Research*, Sage Publications, New Delhi, London, Newbury Park: CA.
- Department of Foreign Employment (2014), *Labour Migration for Employment: A Status Report for Nepal: 2013/14*, Kathmandu, Government of Nepal.
- Des Chene, M. (1991), *Relics of Empire: A Cultural History of the Gurkhas 1815-1987*, Thesis (PhD), Stanford University.
- Dhakal, P. (2008), *Nepalese Diaspora: Possibilities and Opportunities*, First presented in Non-Resident Nepalis Association of Canada (NRN-Canada) convention in 2008 August 23, in Toronto, Canada and published in Saugat, Volume 4, August 2008 a NCCS and NRN-Canada Publication.
- Dixon, D., Murray, J. & Gelatt, J. (2006), "America's emigrants: US retirement migration to Mexico and Panama", in *Migration Policy Institute* publications.
- Dominguez, V. (1995), *Transnationalism, Nation-State Building and Culture*, Symposium 117, NY: Wenner-Gren Foundation.
- Donnan, H. e T. M. Wilson (Eds.) (1998), *Border identities: nation and state at international frontiers*, Cambridge University Press.
- Drori, I., B. Honig e M. Wright (2009), "Transnational entrepreneurship: An emergent field of study", in *Entrepreneurship Theory and Practice*, 33(5), pp. 1001-1022.
- Drrportal.gov.np (2015), "Incident Report of Earthquake 2015", in *Nepal Disaster Risk Reduction Portal*. (Retirado em 2015-05-28)
- Dufoix, S. (2008), *Diasporas*, Translated by William Rodarmor, Berkeley, University of California Press.
- Duveen, G., Barbara, L., Lloyd, B. & Gerard, D. (Eds.) (1990), *Social representations and the development of knowledge*, Cambridge University Press.
- Dyer, L. M. e C. A. Ross (2000), "Ethnic enterprises and their clientele. ", in *Journal of Small Business Management*, 38(2), 48.

- \_\_\_\_\_ (2007a), "Ethnic Business owners and their advisors: the effects of common ethnicity.", in *Handbook of Research on Ethnic Minority Entrepreneurship. A Co-evolutionary View on Resource Management*, Cheltenham, pp. 117-131.
- \_\_\_\_\_ (2007b), "Advising the small business client.", in *International Small Business Journal*, 25(2), pp. 130-151.
- Eaton, M. (2017), "International Population Mobility, Immigration and Labour Market Change in Portugal.", in *Contemporary Portugal* (pp. 105-132). Routledge.
- Ebaugh e Chafetz (2002), "Introdução", in *Religion Across Borders*, pp. 1-2.
- Edensor, T. (2002), *National Identity, Popular Culture and Everyday Life*, Oxford, Berg.
- Edwards, B. H. (2001), "The Uses of Diaspora", in *Social Text* 66, Vol. 19, No. 1, Spring 2001, Duke University Press.
- Edwards, B. (2003), *The Practice of Diaspora: Literature, Transition and the Rise of Black Internationalism*, Cambridge Massachusetts, Harvard University Press, 2003, 13.
- Eisenstadt, S. (1954), *The Absorption of Immigrants: a Comparative Study Based Mainly in the Jewish Community in Palestine and the State of Israel*, London, RKP - Routledge & Kegan Paul.
- Eley, G. e R. G. Suny (Eds.) (1996), *Becoming National*, New York, Oxford University Press.
- ElHajji, M. e C. Escudero (2016), "Webdiáspora: migrações, TICs e memória coletiva.", in *Revista Observatório*, 2(5), pp. 334-363.
- Ember, M., C. Ember e I. Skoggard (2004), *Encyclopedia of Diasporas: Immigrant and Refugee Cultures Around the World. Volume I: Overviews and Topics; Volume II: Diaspora Communities*, Yale, Yale University & Springer.
- Emirbayer, M., & Goodwin, J. (1994), "Network analysis, culture, and the problem of agency", in *American Journal of Sociology*, 99(6), pp. 1411-1454.
- Entzinger, H. e R.L. Biezeveld (2003), *Benchmarking in Immigrant Integration*, Erasmus University, Rotterdam (for the European Commission).
- Epstein, G. S., & Gang, I. N. (2009), "Ethnicity, assimilation, and harassment in the labor market", in *Ethnicity and Labor Market Outcomes*, Emerald Group Publishing Limited, pp. 67-88.

- Evans, J. & Mannur, A. (2003), *Theorizing Diaspora: A Reader*, Blackwell Publishing.
- Evertson, C. M., Green, J. L., & Wittrock, M. E. (1986), *Handbook of research on teaching*, NY: Macmillan.
- Fabricant, C. (1998), "Riding the waves of (post) colonial migrancy: are we all really in the same boat? ", in *Diaspora: A Journal of Transnational Studies*, 7(1), pp. 25-51.
- Fairchild, H. P. (1949), "Public Opinion on Immigration", in *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 262, pp. 185-192.
- Faist, T. (2000), *The Volume and Dynamics of International Migration and Transnational Social Spaces*, Oxford, Clarendon Press.
- Falzon, M. (2003), "Bombay, Our Cultural Heart: Rethinking the Relation Between Homeland and Diaspora", in *Ethnic and Racial Studies*, Vol. 26, Issue 4, pp. 662-683.
- Faustino, H. C., Peixoto, J., & Baptista, P. (2009), *As características da imigração em Portugal e os seus efeitos no comércio bilateral*, Lisboa, ACIDI, IP.
- Fennema, M. e J. Tillie (1999), "Political participation and political trust in Amsterdam: civic communities and ethnic networks.", in *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 25(4), pp. 703-726.
- Fernández, M. (2008), "Diáspora: la complejidad de un término.", in *Revista Venezolana de Análisis de Coyuntura*, Vol. 14, Nº 2, pp. 305-326.
- Ferreira, E. D. S., Rato, H., Geada, F., & Rodrigues, S. (2000), *Economia e imigrantes. Contribuição dos imigrantes para economia portuguesa*. Oeiras: Celta.
- (2004), *Viagens de Ulisses: efeitos da imigração na economia portuguesa* (Vol. 7), Lisboa, ACIDI, IP.
- Figueiredo, S., Martins, M. M. A. D. O., & Silva, C. F. D. (2018), "Psychological Distress of Immigrant Population in Host School Systems and the Critical Period for Second Language Development: A Review.", in *Clinical and Experimental Psychology*, 4, 192.
- Flam, H. (2008), "On institutional and agentic discrimination: migrants and national labour markets", in *Identity, belonging and migration*, 17, 173.
- Folmar, S. (2008), "Identity Politics Among Dalits in Nepal", in *Himalaya: Special Issue on Dalits in Nepal*, vol. xxvii, n. 1-2, pp. 41-53.



- Folmar, S., M. Cameron e M. Pariyar (2015), "Digging for Dalit: Social Justice and Inclusive Anthropology of Nepal", in *Cultural Anthropology Online*, October 2015.
- Foner, N. (2000), "Beyond the Melting Pot Three Decades Later: Recent Immigrants and New York's New Ethnic Mixture", in *International Migration Review*, 34(1), pp. 255-262.
- Fortier, A. M. (2002), "Queer diaspora", in *Handbook of lesbian and gay studies*, pp. 183-197.
- Foster, R. (1991), "Making National Cultures in the Global Ecumene", in *Annu. Rev. Anthropol.* 20, pp. 235–60.
- (1995), *Nation Making: Emergent Identities in Postcolonial Melanesia*, Ann Arbor, University Mich. Press.
- Fox, J. e C. Miller-Idriss (2008), "Everyday Nationhood", in *Ethnicities*, 8, pp. 536–63.
- Fredrickson, G. M. (1981), *White Supremacy: A Comparative Study in American and South African History*, New York, Oxford Univ. Press.
- Freeman, G. P. e Ögelman, N. (2000), "State regulatory regimes and immigrants' informal economic activity", in *Immigrant Businesses*, UK: Palgrave Macmillan, pp. 107-123.
- Fregetto, E. (2004), "Immigrant and ethnic entrepreneurship: a U.S. perspective.", in H.P. Welsch (ed.), *Entrepreneurship: The Way Ahead*, New York: Routledge, pp. 253-68.
- Fricke, T. E. (1986), *Himalayan Households: Tamang Demography and Domestic Processes*, Ann Arbor, MI, UMI Research Press.
- Friedland, R. (2001), "Religious Nationalism and the Problem of Collective Representation", in *Annu. Rev. Sociology*, 27, pp. 125-52.
- Friedland, R. e R. D. Hecht (1998), "The Bodies of Nations: a Comparative Study of Religious Violence in Jerusalem and Ayodhya", in *Hist. Relig.* 38(2), pp. 101-49.
- Fussell, E. (2012), "Space, Time, and Volition: Dimensions of Migration Theory", in *The Oxford Handbook of the Politics of International Migration*, New York, Oxford University Press.

- Gallo, E. (2016), "Buddhist, Hindu, Kirati, or Something Else? Nepali Strategies of Religious Belonging in the UK and Belgium.", in *Migration and Religion in Europe*, Routledge, pp. 145-168.
- Gammeltoft-Hansen, T., & Sorensen, N. N. (Eds.) (2013), *The migration industry and the commercialization of international migration*, Routledge.
- Gans, H. J. (1979), "Symbolic ethnicity: The future of ethnic groups and cultures in America", in *Ethnic and racial studies*, 2(1), pp. 1-20.
- Garcia, J.L., Graça, J.C., Jerónimo, H.M. & Marques, R. (2014), "Portuguese Sociology: A non-cesurial perspective", in Sokratis Koniordos e Alexandros-Andreas Kyrtis (eds.), *Routledge Handbook of European Sociology*, Oxon and New York: Routledge, pp. 357-375.
- Garip, F. e A. L. Asad (2015), "Migrant Networks", in *Emerging Trends in the Social and Behavioral Sciences*.
- \_\_\_\_\_ (2016), "Network effects in Mexico–US migration: disentangling the underlying social mechanisms.", in *American Behavioral Scientist*, 60(10), pp. 1168-1193.
- Geddes, A., e P. Scholten (2016), *The politics of migration and immigration in Europe*, London, Sage.
- Gellner, E. (1983), *Nations and Nationalism*, Ithaca, New York, Cornell University Press.
- Gellner, D.N. (1986), "Language, Caste, Religion and Territory: Newar Identity Ancient and Modern", in *European Journal of Sociology*, 27(1), pp. 102-48.
- \_\_\_\_\_ (1991), "Hinduism, Tribalism, and the Position of Women: The Problem of Newar Identity", in *Man* (N.S.), 26 (1), pp. 105-25. Republished as ch. 13 in D.N. Gellner 2001 *The Anthropology of Buddhism and Hinduism: Weberian Themes*, Delhi, OUP.
- \_\_\_\_\_ (1997), "Introduction" in D.N. Gellner and D. Quigley (eds), *Contested Hierarchies: A Collaborative Ethnography of Caste among the Newars of the Kathmandu Valley, Nepal*, Oxford, Clarendon, pp. 1-37.
- \_\_\_\_\_ (1999), "Religion, Politics, and Ritual: Remarks on Geertz and Bloch", in *Social Anthropology*, 7 (2), pp. 135-53. Republished as ch. 4 in D.N. Gellner, 2001, *The Anthropology of Buddhism and Hinduism: Weberian Themes*, Delhi, OUP.

- \_\_\_\_\_ (2002), "Introduction: Transformations of the Nepalese state", in *Resistance and the State: Nepalese Experience*, New Delhi: DK Publishers and Distributors.
- \_\_\_\_\_ (2007), "Caste, ethnicity and inequality in Nepal.", in *Economic and Political Weekly*, pp. 1823-1828.
- \_\_\_\_\_ (2011), "Belonging, Indigeneity, Rites, and Rights: The Newar Case", in J. Pfaff Czarnecka and G. Toffin (eds), *The Politics of Belonging in the Himalayas: Local Attachments and Boundary Dynamics*, Delhi, Sage, pp. 45-76.
- \_\_\_\_\_ (2014a), "Warriors, Workers, Traders, and Peasants: The Nepali/Gorkhali Diaspora since the Nineteenth Century", in D. Washbrook and J. Chatterjee (eds), *Routledge Handbook of South Asian Diasporas*, London, Routledge.
- \_\_\_\_\_ (2014b), "Rights and a Sense of Belonging: Two Contrasting Nepali Diaspora Communities", in G. Toffin and J. Pfaff-Czarnecka (Eds), *Facing Globalization in the Himalayas: Belonging and the Politics of the Self*, Delhi: Sage, pp. 134-158.
- \_\_\_\_\_ (2015), "Rituals of Democracy and Development in Nepal", in *Governance, Conflict and Development in South Asia: Perspectives from India, Nepal and Sri Lanka*, 6, 99.
- Gellner, David N., J. Pfaff-Czarnecka and J. Whelpton (eds) (1997), *Nationalism and Ethnicity in a Hindu Kingdom: the Politics of Culture in Contemporary Nepal.*, Amsterdam, Harwood.
- Gellner, D. N., J. Pfaff-Czarnecka, e J. Whelpton (2012), *Nationalism and ethnicity in a Hindu Kingdom: The politics and culture of contemporary Nepal*, London, Routledge.
- Gellner, D. N., Hausner, S. L., Day, A., Vincent, G., & Cotter, C. R. (2013), "Multiple versus unitary belonging: How Nepalis in Britain deal with "religion"", in *Social Identities between the Sacred and the Secular*, 75-88.
- Gellner, D. N., S. L. Hausner e B. G. Shrestha (2014), "Buddhist, Hindu, Kirati, or Something Else? Nepali Strategies of Religious Belonging in UK and Belgium", in E. Gallo (Ed), *Migration and Religion in Europe: Comparative Perspectives on South Asian Experiences*, Farnham & Burlington: Ashgate, pp. 131-153

- Gellner, D. N., S. L. Hausner e C. Letizia (Eds) (2016), *Religion, Secularism and Ethnicity in Contemporary Nepal*, Oxford University Press, Delhi.
- Gellner, D. N. e S. L. Hausner (Eds) (2018), *Global Nepalis: Religion, Culture and Community in a New and Old Diaspora*, new edition, Oxford University Press, Oxford.
- Gillespie, K., Riddle, L., Sayre, E., & Sturges, D. (1999), "Diaspora interest in homeland investment", in *Journal of International Business Studies*, 30(3), pp. 623-634.
- Gilroy, P. (1993), *The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness*, Harvard University Press.
- \_\_\_\_\_ (2000), *Against Race: Imagining Political Culture Beyond the Color Line*, Cambridge: MA, Belknap Press of Harvard University Press.
- Glick Schiller, N. (1999), "Citizens in transnational nation-states.", in *Globalisation and the Asia-Pacific*, 193.
- \_\_\_\_\_ (2005a), "Long-Distance Nationalism", in ed. F. von Benda-Beckmann, K. von Benda-Beckmann and A. Griffiths, *Mobile People, Mobile Law: Expanding Legal Relations in a Contracting World*, Aldershot/Burlington, Ashgate, pp. 27-49.
- Glick Schiller, N. (2005b), "Transnational social fields and imperialism: bringing a theory of power to transnational studies.", in *Anthropological theory*, 5(4), pp. 439-461.
- \_\_\_\_\_ (2009), *A global perspective on transnational migration: Theorizing migration without methodological nationalism*, Centre on Migration, Policy and Society.
- \_\_\_\_\_ (2017), "Transborder citizenship: an outcome of legal pluralism within transnational social fields.", in *Mobile people, mobile law*, Routledge, pp. 39-6.
- \_\_\_\_\_ (2012), "A Comparative Relative Perspective on the Relationships Between Migrants and Cities", in *Urban Geography*, 6, pp. 1-24.
- Glick Schiller, N. Basch e C. Blanc (1992), "Transnationalism: A new analytic framework for understanding migration", in *Annals of the New York Academy of Sciences*, 645(1), pp. 1-24.
- \_\_\_\_\_ (1995a), "From immigrant to transmigrant: Theorizing transnational migration", in *Anthropological quarterly*, pp. 48-63.

- \_\_\_\_\_ (1995b), "Transnationalism, Nation-States and Culture", in *Current Anthropology*, Vol. 36, No. 4, Chicago, University of Chicago Press, pp. 683-686.
- \_\_\_\_\_ (2005), *Blood and belonging: long-distance nationalism and the world beyond*, Chicago and London: University of Chicago Press, pp. 289-312.
- Glick Schiller, N. e G. E. Fouron (1990), "'Everywhere we go, We are in danger': Ti Manno and the emergence of a Haitian transnational identity", in *American Ethnologist*, 17(2), pp. 329-347.
- \_\_\_\_\_ (1999), "Terrains of blood and nation: Haitian transnational social fields.", in *Ethnic and Racial Studies*, 22(2), pp. 340-366.
- \_\_\_\_\_ (2001), *Georges Woke Up Laughing: Long-Distance Nationalism and the Search for Home*, Durham, Duke University Press.
- Glick Schiller, N., T. Darieva e S. Gruner-Domic (2011), "Defining Cosmopolitan Sociability in a Transnational Age. An introduction", in *Ethnic and Racial Studies*, Vol. 34, nº 3, London, Routledge, pp. 399-418.
- Góis, P. (2002), "Do 'trabalhador-convidado' ao subempregado. A inserção dos (i) migrantes caboverdianos num mercado local de trabalho: a Área Metropolitana de Lisboa", in *Passados Recentes, Futuros Próximos*, Actas do IV Congresso Português de Sociologia, Lisboa, Associação Portuguesa de Sociologia (edição em CD-ROM).[actas de encontro científico][E. 34].
- Góis, P. e J. C. Marques (2007), *Estudo prospetivo sobre imigrantes qualificados em Portugal*, Lisboa, ACIDI, IP.
- Gold, S. J. (2000), "Transnational communities: Examining migration in a globally integrated world. ", in *Rethinking Globalization (s)*, London, Palgrave Macmillan, pp. 73-90.
- \_\_\_\_\_ (2005), "Migrant networks: A summary and critique of relational approaches to international migration.", in *The Blackwell companion to social inequalities*, pp. 257-285.
- Gold, S. J. e I. Light (2000), "Ethnic economies and social policy.", in *Research in social movements, conflicts and change*, Emerald Group Publishing Limited, pp. 165-191.

- Goldin, I., G. Cameron e M. Balarajan, M. (2012), *Exceptional people: How migration shaped our world and will define our future*, Princeton University Press, Princeton.
- Goldring, L. (1998), "The Power of Status in Transnational Social Fields.", in *Transnationalism from Below*, 6, pp. 165-195.
- (2003), "Gender, status, and the state in transnational spaces.", in *Gender and US immigration: Contemporary trends*, pp. 341-359.
- Goldring, L., C. Berinstein e J.K. Bernhard (2009), "Institutionalizing precarious migratory status in Canada.", in *Citizenship studies*, 13(3), pp. 239-265.
- Goulbourne, H. (2002), *Caribbean transnational experience*, UK: Pluto Press.
- Graça, J. C. (2005), "Afinal, o que é mesmo a Nova Sociologia Económica? ", in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (73), pp. 111-129.
- \_\_\_\_\_ (2006), "A divisória economia-sociologia: o custo de Parsons enquanto empresário social académico." (Retirado de: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/996/1/wp200607.pdf>)
- \_\_\_\_\_ (2008), "The Economics—Sociology Divide: The Cost of Parsons as an Academic Social Entrepreneur'. ", in *Journal of Classical Sociology*, 8(4), pp. 467-490.
- \_\_\_\_\_ (2012), "Acerca da instabilidade da condição da sociologia económica", in *Análise social*, (202), pp. 4-27.
- Graça, J. C., Marques, R., & Lopes, J. C. (2012), "Beliefs, values and attitudes of Portuguese population and their relationship with human and social capital", in *International Journal of Latest Trends in Finance and Economic Sciences*, 1(4).
- Graça, J. C., Lopes, J. C., & Niza, C. (2015), "Economic values, beliefs and behaviors: A regional approach. ", in *Análise Social*, pp. 74-102.
- Graner, E. e G. Gurung (2003), "Arab ko lahure: Looking at Nepali labour migrants to Arabian countries.", in *Contributions to Nepalese Studies*, 30(2), pp. 295-325.
- Granovetter, M. (1973), "The strength of weak ties", in *The American Journal of Sociology*, 78 (6), Chicago, The University of Chicago Press, pp. 1360-80.
- \_\_\_\_\_ (1977), "The strength of weak ties.", in *Social Networks*, pp. 347-367.

- \_\_\_\_\_ (1983), "The strength of weak ties: A network theory revisited.", in *Sociological theory*, pp. 201-233.
- \_\_\_\_\_ (1985), "Economic action and social structure: The problem of embeddedness.", in *American Journal of Sociology*, 91(3), pp. 481-510.
- \_\_\_\_\_ (1995), "The Economic Sociology of Firms and Entrepreneurs.", in *The Economic Sociology of Immigration: Essays on Networks, Ethnicity and Entrepreneurship* (edited by Alejandro Portes), New York: Russell Sage publication, pp. 128-165.
- \_\_\_\_\_ (2000), *The economic sociology of firms and entrepreneurs*.
- \_\_\_\_\_ (2005), "The impact of social structure on economic outcomes.", in *Journal of economic perspectives*, 19(1), pp. 33-50.
- \_\_\_\_\_ (2018), *The sociology of economic life*, Routledge.
- Grawitz, M. (1993), *Méthodes des Sciences Sociales*, 9e édition, Éditions Dalloz, Paris.
- Gregson, J. (2002), *Massacre at the Palace: The Doomed Royal Dynasty of Nepal*, Miramax Books.
- Gualandi, A., J. P. Avouac, J. Galetzka, J. F. Genrich, G. Blewitt, L. B. Adhikari e J. Liu-Zeng (2017), "Pre-and post-seismic deformation related to the 2015, Mw7. 8 Gorkha earthquake, Nepal.", in *Tectonophysics*, 714, pp. 90-106.
- Guarnizo, L. E. (1994), "Los Dominicanyorks: The making of a binational society", in *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 533(1), pp. 70-86.
- \_\_\_\_\_ (1996), "'Going Home': Class, Gender, and Household Transformation Among Dominican Return Migrants", in *Center for Migration Studies special issues*, 13(4), pp. 13-60.
- \_\_\_\_\_ (1997), "The emergence of a transnational social formation and the mirage of return migration among Dominican transmigrants", in *Identities Global Studies in Culture and Power*, 4(2), pp. 281-322.
- \_\_\_\_\_ (2001), "On the political participation of transnational migrants: old practices and new trends", in *E pluribus unum*, pp. 213-263.
- \_\_\_\_\_ (2004), "Aspectos Económicos Del Viver Transnacional", in *Colombia Internacional*, (59), pp. 12-47.
- \_\_\_\_\_ (2006), "El Estado y la migración global colombiana", in *Migración y desarrollo*, (6).



- \_\_\_\_\_ (2008), *Londres Latina. La presencia colombiana en la capital británica*, México: Universidad Autónoma de Zacatecas, Miguel Ángel Porrúa.
- Guarnizo, L. E., Sánchez, A. I., & Roach, E. M. (1999a), "Mistrust, fragmented solidarity, and transnational migration: Colombians in New York City and Los Angeles", in *Ethnic and racial studies*, 22(2), pp. 367-396.
- Guarnizo, L. E., & Díaz, L. M. (1999b), "Transnational Migration: a view from Colombia", in *Ethnic and Racial Studies*, 22(2), pp. 397-421.
- Guarnizo, L. E., & Díaz, L. M. (2003a), "La migración internacional: una perspectiva colombiana", in Alejandro Portes, Luis Guarnizo y Patricia Landolt (eds), *La globalización desde abajo: transnacionalismo inmigrante y desarrollo. La experiencia de Estados Unidos y América Latina*, México, Miguel Ángel Porrúa, pp. 277-308.
- Guarnizo, L. E., Portes, A. & Landolt, P. (2003), *La globalización desde abajo: transnacionalismo inmigrante y desarrollo: la experiencia de Estados Unidos y América Latina*, Flacso México.
- Guarnizo, L. E. & Sorensen, N. N. (2007a), "La vida de la familia transnacional a través del Atlántico: la experiencia de la población colombiana y dominicana migrante en Europa", in *Puntos de Vista: Cuadernos del Observatorio de las Migraciones y la Convivencia Intercultural de la Ciudad de Madrid (oMci)*, (9), pp. 7-28.
- Guarnizo, L. E. & Delgado Wise, R. (2007b), *Migration and Development: Lessons from the Mexican Experience*, Migration Policy Institute.
- Guarnizo, L. E. e M. P. Smith (2017), "The Locations of Transnationalism", in *Transnationalism from Below*, Routledge, pp. 3-34.
- Guerreiro, M. D. D. (1996), "Famílias na Actividade Empresarial: Empresas Familiares em Portugal. ", Oeiras, Celta Editora.
- \_\_\_\_\_ (2000), *Employment, family and community activities: a new balance for women and men*, European Foundation for the Improvement of Living and Working Conditions. (Disponível em: <http://www.eurofound.europa.eu/pubdocs/2000/112/en/1/ef00112en.pdf>)
- \_\_\_\_\_ (2003), "Pessoas sós: múltiplas realidades", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 43, pp. 31-49.
- Guerreiro, M. D. D., Pegado, E., Rodrigues, N., & Saleiro, S. (2000), "Relações sócio-laborais em micro e pequenas empresas. ", in *Estudos e Análises*, 34.

- Guerreiro, M. D. D. e I. Pereira, (2006), "Responsabilidade social das empresas, igualdade e conciliação trabalho-família", in *Experiências do prémio igualdade é qualidade*, Lisboa.
- Guba, E. e Lincoln, Y. (1994), "Competing Paradigms in Qualitative Research", in *Handbook of Qualitative Research*, Denzin, N. and Lincoln, Y. (eds), Sage Publications, New Delhi, London, Newbury Park: CA, pp. 105-117.
- Gulati, R. (1995), "Social Structure and Alliance Formation Patterns: A Longitudinal Analysis.", in *Administrative Science Quarterly*, 40(4), pp. 619-652. doi:10.2307/2393756
- Gurung G. (2000a), *Vulnerability of Migrant Workers*, Kathmandu, Nepal Institute of Development Studies.
- (2000b), "Patterns in Foreign Employment and Vulnerability of Migrant Workers.", in *Kathmandu: Nepal Institute of Development Studies*. <http://www.childtrafficking.com/Docs/gurungnids2000vulnerabi.pdf> (Acedido em 6 de Outubro de 2016).
- (2003), "Foreign employment and remittance economy of Nepal.", in *Translating Development: The case of Nepal*, pp. 268-281.
- Gurung, H. B. (2001), *Nepal, social demography and expressions*, New Era.
- Gutschow, N., A. Michaels, C. Ramble e E. Steinkellner (2003), "Sacred landscape of the Himalaya.", in *Vienna: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften*.
- Gutschow, N. e A. Michaels (2005), *Handling death: the dynamics of death and ancestor rituals among the Newars of Bhaktapur, Nepal* (Vol. 3), Otto Harrassowitz Verlag.
- Gutschow, N. e D. N. Gellner (1997), *The Nepalese caitya: 1500 years of Buddhist votive architecture in the Kathmandu Valley* (Vol. 1), Edition Axel Menges.
- Hachhethu, K. (2007), "Legitimacy crisis of Nepali monarchy.", in *Economic and Political Weekly*, pp. 1828-1833.
- Hachhethu, K e D. N. Gellner (2010), "Nepal: trajectories of democracy and restructuring of the state", in *Routledge Handbook of South Asian Politics*. Routledge, 131-146.
- Hague, D. (1958), "Summary Record of the Debate", in ed. Brindley Thomas, *Economics of international Migration, international economic*

- association conference*, volumes, re-printed 1986, London Tokyo New York, Macmillan, Yushodo Co. & Stockton Press.
- Halfacree, K. e P. Boyle (1993), "The challenge facing migration research: the case for a biographical approach", in *Progress in Human Geography*, Vol. 17 (3), pp. 333-348.
- Hall, C. (1995), *Transnationalism, Nation-State Building and Culture*, Symposium 117, NY: Wenner-Gren Foundation.
- Hall, S. (1990), "Cultural Identity and Diaspora", in J. Rutherford (ed.), *Identity, Community, Culture, Difference*, London, Lawrence and Wishart, pp. 222-237.
- \_\_\_\_\_ (1996), "Who Needs Identity?", in ed. Stuart Hall and Paul Du Guy, *Questions of Cultural Identity*, London, Sage, pp. 1-17.
- \_\_\_\_\_ (2003), "Cultural studies and the centre: some problematics and problems", in *Culture, Media, Language*, Routledge, pp. 12-45.
- Hamilton, F. B. (1971), *An Account of the Kingdom of Nepal*, New Delhi: Manjusri Publishing.
- Hanagan, M. (1998), "Irish transnational social movements, deterritorialized migrants, and the state system: the last one hundred and forty years", in *Mobilization: An International Quarterly*, 3(1), pp. 107-126.
- Hangen, Susan (2005), "Boycotting Dashain: History, Memory and Ethnic Politics in Nepal", in *Studies in Nepali History and Society*, vol. 10, n. 1, pp. 105-133.
- \_\_\_\_\_ (2009), *The Rise of Ethnic Politics in Nepal: Democracy in the Margins*, Routledge.
- Hansen, T. B. (2001), "Bridging the Gulf: Global horizons, mobility and local identity among Muslims in Mumbai", in *Community, Empire and Migration*, Palgrave Macmillan, London, pp. 261-285.
- Harrison, F. (1988), "Introduction: An African Diaspora Perspective for Urban Anthropology", in *Urban Anthropology* 7.2-3, pp. 111-141.
- Harvey, D. (2008), "The Right to the City", in *New Left Review* 53, September-October 2008.
- Hasrat, B. J. (Ed.) (1970), *History of Nepal: As Told By Its Own And Contemporary Chroniclers.*, Hoshiarpur: local stockists, VV Research Institute Book Agency.

- Hayes, M. (2015), "Moving south: The economic motives and structural context of North America's emigrants in Cuenca, Ecuador", in *Mobilities*, 10(2), pp. 267-284.
- Heberle, R. (1956a), "Tipos de Migração", in *R.E.M.P.*, Boletim 4, 1, pp. 2-6.
- \_\_\_\_\_ (1956b), "A note on Riesman's The lonely crowd", in *American Journal of Sociology*, 62(1), pp. 34-36.
- Helmke, J. (2011), *Remittance-Led Development: Re-Building Old Dependencies or a Powerful Source of Human Development? A View On Latin America*, Kassel, Kassel University Press.
- Helmrich, S. (1992), "Kinship, Nation and Paul Gilroy's Concept of Diaspora", in *Diaspora* 2 (2), pp. 243-249.
- Helweg, A. W. (1979, 1986), *Sikhs in England*, NY: Oxford University Press.
- Hill, R. A. e R. I. Dunbar (2003), "Social network size in humans.", in *Human nature*, 14(1), pp. 53-72.
- Hiller, H. e T. Franz (2004), "New Ties, Old Ties and Lost Ties: The Use of The Internet in Diaspora", in *New Media & Society* 6, Number 6, pp. 731-752.
- Hillery, G. (1958), "Toward a Conceptualization of Demography", in *Social Forces*, 37(1), pp. 45-51. doi:10.2307/2573778
- Hines, P. & Zokaei, K. (2007), "Achieving consumer focus in supply chains", in *International Journal of Physical Distribution & Logistics Management*, 37(3), pp. 223-247.
- Hobsbawm, E. (1990), *Nations and Nationalism Since 1780*, Cambridge, UK: Cambridge Univ. Press.
- Hoeller, C. (1999), "Don't Mess with Mister In-Between': Interview with Homi K. Bhabha", *Translocation\_new media/art*. [Online access]
- Hofstede, G. (2001), *Culture's consequences: Comparing values, behaviors, institutions and organizations across nations*, Thousand Oaks, CA, Sage.
- Honneth, A. (1987), "Critical theory", in *Social theory today*, pp. 347-382.
- Hubert, H. e M. Mauss 1964 (1898), *Sacrifice: Its Nature and Function*, tr. W.D. Halls, Chicago, University of Chicago Press.
- Hussain, Y. e P. Bagguley (2005), "Citizenship, ethnicity and identity: British Pakistanis after 2001 "Riots"", in *Sociology*, 39(3), pp. 407-25.

- Hutt, M. (1997), "Being Nepali without Nepal: reflections on a South Asian diaspora", in eds J. Pfaff-Czarnecka and J. Whelpton, *Nationalism and Ethnicity in a Hindu Kingdom. The Politics of Culture in Contemporary Nepal*, Amsterdam, Harwood Academic Publishers, pp. 101-144.
- \_\_\_\_\_ (2004), *Himalayan people's war: Nepal's Maoist rebellion*, Indiana University Press, Indiana.
- Ibrahim, F., H. Ohnishi e D. Sandhu, (1997), "Asian American Identity Development: A Culture Specific Model for South Asian Americans", in *Journal of Multicultural Counselling & Development*, 25, pp. 34-50.
- Instituto Nacional de Estatística - INE (2011), *Census 2011: Data Concerning Nepalese Nationality*, information given by request in 2014, Lisboa, INE.
- Isaac, J. (1958), "Great Britain", in ed. Brindley Thomas *Economics of International Migration* (1958), International Economic Association Conference volumes, re-printed 1986, London Tokyo New York, Macmillan, Yushodo Co. & Stockton Press.
- Ishii, H., David Gellner and Katsuo Nawa (2007), "Introduction", in Ishii, Gellner and Nawa (eds), *Nepalis Inside and Outside Nepal*, New Delhi, Manohar, pp. 1-14.
- Itzigsohn, J. e S. Giorguli-Saucedo (2005), "Incorporation, transnationalism, and gender: Immigrant incorporation and transnational participation as gendered processes.", in *International Migration Review*, 39(4), pp. 895-920.
- Jackson, D. e A. Passarelli (2007, 2008), *Mapping Migration Mapping Churches' Responses*, Brussels, Churches Commission for Migrants in Europe.
- Jackson, D. (2011), "Europe and the migrant experience: Transforming integration", in *Transformation*, 28(1), pp. 14-28.
- Jackson, J. A. (Ed) (1968, 1969), *Migration - Sociological Studies No. 2*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Jackson, J. (1986), *Aspects of Modern Sociology - Migration*, London and New York, Longman Group.
- Jacobson, C. K. (1995), *American families: Issues in race and ethnicity*, Garland Publishing.
- Jansen, C. (Ed) (1969, 1970), *Readings in the Sociology of Migration*, Oxford, London, New York, Toronto, Sidney, Pergamon Press.

- Johnson, A. G. (1995), *The Blackwell Dictionary of Sociology: a User's Guide to Sociological Language*, Blackwell Publishers, Oxford, Cambridge: MA.
- Jones, T., Barrett, G. & McEvoy, D. (2000), "Market potential as a decisive influence on the performance of ethnic minority business", in *Immigrant businesses* (pp. 37-53), London: Palgrave Macmillan.
- Jones, T., Ram, M., Edwards, P., Meardi, G., Doldor, S., Kispeter, E. & Villares-Varela, M. (2017), *Non-compliance and the National Living Wage: Case Study Evidence from Ethnic Minority and Migrant-Owned Businesses*, Presentation to the Low Pay Commission Research Workshop, April 2017.
- K. C., Fatta B. (2003), "Entrepreneurship and Economic Development", in *Mirmire*, Vol. 32, No. 212, Catmandu, Nepal Rastra Bank, Bankers' Club.
- \_\_\_\_\_ (2004), *Enterpreneurs In Nepal: An Empirical Study*, Nepal Commerce Campus, Tribhuvan University, Kathmandu. (Disponível em: <http://epfnepal.com.np>)
- Kaizeler, M. J., Faustino, H. C., & Marques, R. (2014), "The determinants of lottery sales in Portugal. ", in *Journal of gambling studies*, 30(3), pp. 729-736.
- Kansakar, V. (1979), *Effectiveness of Planned Resettlement Programme in Nepal*, Vol. I Text, Kathmandu, CEDA.
- \_\_\_\_\_ (1984), "Indo-Nepal Migration: Problems and Prospects", Contribution to *Nepalese Studies*, Vol. 11, No. 2, Kathmandu, CNAS, pp. 49-70.
- \_\_\_\_\_ (1997), "Nepal-India Relations: Aspects of Environment", in J. Kumar (Ed), *India-Nepal Co-Operation: Broadening Measures*, Calcutta, K P Bagchi & Company.
- \_\_\_\_\_ (2001) "Nepal India Open Border: Nature, Pattern and Socio-Cultural Implications," in *India and Nepal: Aspects of Interdependent Relations*, Ramakant and B. Upreti (Ed.s), Delhi, Kalinga Publications, pp. 1-14.
- Karim, K. H. e A. Al-Rawi (Eds.) (2018), *Diaspora and Media in Europe: Migration, Identity, and Integration*, Springer.
- Kastoryano, R. (2000), "Settlement, transnational communities and citizenship", in *International Social Science Journal*, 52(165), pp. 307-312.
- Kearney, M., & Nagengast, C. (1989), *Anthropological perspectives on transnational communities in rural California* (No. 3), California Institute for Rural Studies.

- Kennedy, J. (1986), *A Nation of Immigrants*, 1958 - Rev. ed., 1964, New York, Harper & Row.
- Kerr, W. R. e M. Mandorff (2015), *Social networks, ethnicity, and entrepreneurship* (No. w21597), National Bureau of Economic Research.
- Kerr, S. P. & Kerr, W. R. (2016), *Immigrant entrepreneurship* (No. w22385), National Bureau of Economic Research.
- Kharel, Sambriddhi (2007), "The Struggle for Full Citizenship for Dalits in Nepal: Approaches and Strategies of Dalit Activists", in *Himalaya, the Journal of the Association for Nepal and Himalayan Studies*, Vol. 27, No. 1, Article 7, Hanover: NH, Dartmouth College.
- Kim, H. (2003), "Ethnic enclave economy in Urban China: the Korean immigrants in Yanbian.", in *Ethnic & Racial Studies*, 26(5), pp. 802-828.
- King, C. e N. Melvin (eds) (1998, 1999), *Nation Abroad: Diaspora Politics and International Relations in the Former Soviet Union*, Boulder, Westview Press.
- King, R (2002), "Towards a new map of European migration", in *International Journal of Population Geography*, 8(2), pp. 89-106.
- \_\_\_\_\_ (2012), "Geography and migration studies: Retrospect and prospect", in *Population, space and place*, 18(2), pp. 134-153.
- \_\_\_\_\_ (2013), "Theories and Typologies of Migration: An Overview and a Primer", in *Willy Brandt Series of Working Papers in International Migration and Ethnic Relations* 3/12, MIM, Malmö, Malmö University.
- Kirkland, J. (1981), "Maintenance of Armenian Identity and Ethnicity in Australia", in *Ethnic Groups* 4:4, pp. 255-94.
- Kiruppalini, H. (2013), "From Sentries to Skilled Migrants: The transitory residence of the Nepali community in Singapore.", in *The Political Economy of South Asian Diaspora*, UK: Palgrave Macmillan, pp. 59-80.
- Kitching, J., D. Smallbone e R. Athayde (2009), "Ethnic diasporas and business competitiveness: Minority-owned enterprises in London.", in *Journal of ethnic and migration studies*, 35(4), pp. 689-705.
- Kloosterman, R. e J. Rath (2000), "Outsiders' business: a critical review of research on immigrant entrepreneurship", in *International Migration Review*, 34(3), pp. 657-681.



- \_\_\_\_\_ (2001), "Immigrant entrepreneurs in advanced economies: mixed embeddedness further explored", in *Journal of ethnic and migration studies*, 27(2), 189-201.
- \_\_\_\_\_ (2003), *Immigrant entrepreneurs: Venturing abroad in the age of globalization*, Berg/University of New York Press.
- Kofman, E., A. Phizacklea, P. Raghuram, & R. Sales, (2000), *Gender and International Migration in Europe: Employment, Welfare, and Politics*, New York, Routledge.
- Koinova, M. (2011), "Diasporas and Secessionist Conflicts: The Mobilization of the Armenian, Albanian and Chechen Diasporas", in *Ethnic and Racial Studies*, 34, 2, pp. 333-356.
- Koketsu, K., H. Miyake, Y. Guo, H. Kobayashi, T. Masuda, S. Davuluri, M. Bhattarai, L. Bijaya Adhikari e S. N. Sapkota (2016), "Widespread ground motion distribution caused by rupture directivity during the 2015 Gorkha, Nepal earthquake.", in *Scientific reports* 6: 28536.
- Kokot, W., K. Tölölyan e C. Alfonso (eds) (2004), *Diaspora, Identity and Religion: New Directions in Theory and Research*, London and New York, Routledge.
- Korom, F. (1994), "Memory, Innovation and Emergent Ethnicity: The Creolization of an Indo-Trinidadian Performance", in *Diaspora* 3, pp. 135-56.
- Koser, K. (1997), "Social networks and the asylum cycle: The case of Iranians in the Netherlands", in *International migration review*, 31(3), pp. 591-611.
- Krackhardt, D. (1994), "Social network research in the field, data collection problems and suggestions", in *National Meeting of the Academy of Management*, Dallas, TX, August (Vol. 1).
- Krackhardt, D., Nohria, N., & Eccles, B. (2003), "The strength of strong ties.", in *Networks in the knowledge economy*, 82.
- Krathwohl, D. R. (1998, 2004), *Methods of Educational and Social Science Research - An Integrated Approach*, 2nd edition, Waveland Press, Long Grove, Illinois.
- Krauskopff, G. e M. Lecomte-Tilouine (eds) (1996), *Célébrer le pouvoir: Dasain, une fête royale au Népal*, Paris, CNRS/Maison des Sciences de l'Homme.
- Krippendorff, K. (1980), *Content analysis*, California: Sage Publications, 7, pp. 1-84.

- Krissman, F. (2005), "Sin Coyote Ni Patrón: Why the "Migrant Network" Fails to Explain International Migration.", in *The International Migration Review*, 39(1), pp. 4-44.
- Kritz, M., C. Keely e S. Tomasi (eds) (1983), *Global Trends in Migration: Theory and Research on International Population Movements*, New York, Center for Migration Studies.
- Kumar, S. (1962), "The Nepalese Monarchy from 1769 to 1951.", in *International Studies*, 4(1), pp. 46-73.
- Kunreuther, L. (2006), "Technologies of the voice: FM radio, telephone, and the Nepali diaspora in Kathmandu", in *Cultural Anthropology*, 21(3), pp. 323-353.
- Kwok, C. C. & Tadesse, S. (2006), "National culture and financial systems", in *Journal of International business studies*, 37(2), pp. 227-247.
- Lacroix, T. (2016), *Hometown Transnationalism - Long-Distance Villageness Among Indian Punjabis and North African Berbers*, UK, Pallgrave MacMillan.
- \_\_\_\_\_ (2018), "Unravelling the conceptual link between transnationalism and diaspora: The example of hometown networks", in *Routledge Handbook of Diaspora Studies*, Routledge, pp. 173-180.
- Lages, M., V. Policarpo, J. C. L. Marques, P. L. Matos e J. H. C. António (2006), *Os Imigrantes e a População Portuguesa: Imagens Recíprocas*, Lisboa: ACIME.
- Laitin, D. (1995), "Marginality: A Microperspective", in *Rationality and Society*, Vol. 7, Nº 1.
- Laksamba, C. (2005), "The Maoist-led Revolution in Nepal: A Conflict or War?: An Analysis", A Paper Presented in a *Talk Programme Organised by Nepali Samaj*, London.
- \_\_\_\_\_ (2006), "Lifelong Learning in Nepal: A Socio-Political Study", A Paper Presented at the University of Surrey, Surrey.
- \_\_\_\_\_ (2007), "Globalisation, Knowledge Economy and Lifelong Learning in Nepal", A Paper Presented at *CNSUK/Yakthung Chumlung's Joint Talk Programme*, Kathmandu.
- \_\_\_\_\_ (2011), "To Create a Nepali Ethnic Category in the UK: Fill in the Census Form 2011", in *Europeko Nepali Patra Weekly Online*, Issue 247, pp. 6.

- Laksamba, C. K., Adhikari, K. P., Dhakal, L. P., & Gellner, D. (2013), *British Gurkha Pension Policies and Ex-Gurkha Campaigns: A Review*, Centre for Nepal Studies UK (CNSUK).
- Laksamba, C., D. Gellner e S. Hausner (2012), *Shrines and Identities in the UK's Nepali Diaspora*, A Paper Presented at the University of Oxford, Oxford.
- Landolt, P. (2001), "Salvadoran economic transnationalism: Embedded strategies for household maintenance, immigrant incorporation, and entrepreneurial expansion", in *Global Networks*, 1(3), pp. 217-242.
- Landolt, P., Autler, L. & Baires, S. (1999, "From hermano lejano to hermano mayor: The dialectics of Salvadoran transnationalism", in *Ethnic and racial studies*, 22(2), pp. 290-315.
- Landolt, P. Bernhard, J. K. & Goldring, L. (2009), "Transnationalizing Families: Canadian Immigration Policy and the Spatial Fragmentation of Care-giving among Latin American Newcomers", in *International Migration*, 47(2), pp. 3-31.
- Landolt, P. & Goldring, L. (2009), "Immigrant political socialization as bridging and boundary work: mapping the multi-layered incorporation of Latin American immigrants in Toronto", in *Ethnic and Racial Studies*, 32(7), pp. 1226-1247.
- \_\_\_\_\_ (2010), "Political cultures and transnational social fields: Chileans, Colombians and Canadian activists in Toronto", in *Global Networks*, 10(4), pp. 443-466.
- \_\_\_\_\_ (2013a), "Caught in the Work–Citizenship Matrix: the Lasting Effects of Precarious Legal Status on Work for Toronto Immigrants", in *Migration, work and citizenship in the new global order*, Routledge, pp. 85-102.
- \_\_\_\_\_ (2013b), "The conditionality of legal status and rights: Conceptualizing precarious non-citizenship in Canada. ", in *Producing and negotiating non-citizenship: Precarious legal status in Canada*, pp. 3-27.
- Laumann, E. O., & Knoke, D. (1986), "Social network theory", in *Approaches to social theory*, pp. 83-109.
- Lee, E. (1966), "A Theory of Migration", in *Demography*, 3:1.
- Lee, J. e L. Lee (2002), *Crossing the Divide: Asian American Families and the Child Welfare System*, New York, The Coalition for Asian American Children and Families.

- Leenders, R. T. A. e S. M. Gabbay (Eds.) (2013), *Corporate social capital and liability*, Springer Science & Business Media.
- Lessard-Hébert, M., G. Goyette e G. Boutin (1990), *Recherche Qualitative: Fondements et Pratiques*, Éditions Agence D'Arc Inc, Montréal, Québec.
- Lévi, S. (1905), *Le Népal: Étude Historique d'un Royaume Hindou*, Ed. Leroux, E., Paris, Annales du Musée Guimet - Bibliothèque d'Études.
- Levin, D. Z., & Cross, R. (2004), "The strength of weak ties you can trust: The mediating role of trust in effective knowledge transfer.", in *Management science*, 50(11), pp. 1477-1490.
- Levitt, P. (1998), "Social remittances: Migration driven local-level forms of cultural diffusion", in *International Migration Review*, 32(4), pp. 926-948.
- \_\_\_\_\_ (2001a), *The Transnational Villagers*, Univ. California Press.
- \_\_\_\_\_ (2001b), "Transnational migration: taking stock and future directions", in *Global Networks*, 1(3), pp. 195-216.
- \_\_\_\_\_ (2004), "Transnational migrants: When 'home' means more than one country", in *Migration Information Source*, 1.
- \_\_\_\_\_ (2005), *Social Retmittances: Culture as a Development Tool*, Inter-American Development Bank.
- \_\_\_\_\_ (2014), "Keeping feet in both worlds: transnational practices and immigrant incorporation in the United States", in *Toward assimilation and citizenship: Immigrants in liberal nation-states*, Palgrave Macmillan, London, pp. 177-194.
- Levitt, P. e B. N. Jaworsky, B. N. (2007), "Transnational migration studies: Past developments and future trends", in *Annu. Rev. Sociol.*, 33, pp. 129-156.
- Levitt, P. e D. Lamba-Nieves (2011), "Social remittances revisited", in *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 37(1), pp. 1-22.
- \_\_\_\_\_ (2013), "Rethinking social remittances and the migration-development nexus from the perspective of time", in *Migration Letters*, 10(1), pp. 11-22.
- Levitt, P. e N. G. Schiller (2004), "Conceptualizing simultaneity: A transnational social field perspective on society.", in *International Migration Review*, 38(3), pp. 1002-1039. (campos sociais transnacionais)
- Levitt, P. e N. Nyberg-Sørensen (2004), "Global Migration Perspectives", in *Global Migration Perspectives*, IOM.

- Levitt, P., P. Boccagni e J. M. Lafleur (2016), "Transnational politics as cultural circulation: Toward a conceptual understanding of migrant political participation on the move", in *Mobilities*, 11(3), pp. 444-463.
- Levy, R. (2008), "'Third spaces' are interesting places: Applying 'third space theory' to nursery-aged children's constructions of themselves as readers", in *Journal of Early Childhood Literacy*. 8 (1), pp. 43-66.
- Levy, R. (with K. Rajopadhyaya) (1990), *Mesocosm: Hinduism and the Organization of a Traditional Newar City in Nepal*, Berkeley, University of California Press.
- Lewis, T. e N. Bajracharya (2015), "Newar Buddhist Homa Ritual Traditions.", in *Homa Variations: The Study of Ritual Change Across the Longue Durée*, 291.
- Liechty, M. (2003), *Suitably modern: Making middle-class culture in a new consumer society*, Princeton University Press.
- Light, I. (1972), *Ethnic Enterprise in America: Business and Welfare among Chinese, Japanese, and Blacks*, Berkeley Univ. Press.
- \_\_\_\_\_ (2004), "Social capital's unique accessibility", in *Journal of the American planning Association*, 70(2), pp. 145-151.
- Light, I., Bhachu, P., & Karageorgis, S. (1993), "Migration networks and immigrant entrepreneurship", in *Immigration and entrepreneurship: Culture, capital, and ethnic networks*, pp. 25-50.
- Light, I. H. e P. Bhachu (Eds.) (1993), *Immigration and entrepreneurship: culture, capital, and ethnic networks*, Transaction Publishers.
- Light, I., Sabagh, G., Bozorgmehr, M., & Der-Martirosian, C. (1994), "Beyond the ethnic enclave economy", in *Social Problems*, 41(1), pp. 65-80.
- Light, I. e S. Gold (2000), *Ethnic economies*, UK: Emerald Group Publishing Limited.
- Light, I. e P. Bhachu (2004), "Immigration and Entrepreneurship: Culture", in *Capital, Network*, Piscataway, NJ: Transaction Publishers.
- Lima-Neves, T. (2010), *Informal Networks and Economic Development: Cape Verdean Women and Transnationalism*, [Thesis], Atlanta University.
- Lindberg, J. (1930), *The background of Swedish emigration to the United States: an economic and sociological study in the dynamics of migration*, University of Minnesota Press.

- Lipton, M. (1977), "Why poor people stay poor. A study of urban bias in world development. Migration from rural areas of poor countries: the impact on rural productivity and income distribution", in *World Development*, 8, Temple Smith, London, pp. 1-24.
- Logan, J. R., Alba, R. D., & McNulty, T. L. (1994), "Ethnic economies in metropolitan regions: Miami and beyond", in *Social forces*, 72(3), pp. 691-724.
- Lohani, S. C. (1989), "The birth of Rana feudalism in Nepal.", in *Ancient Nepal*, 8, 49.
- Lopes, D. S. e R. Marques (2011), "How credit institutions look at society: economics, sociology, and the problem of social reflexivity reconsidered.", in *European Societies*, 13(4), pp. 509-533.
- Lopes, J. C., Graça, J. C., & Correia, R. G. (2015), "Effects of economic education on social and political values, beliefs and attitudes: Results from a survey in Portugal. ", in *Procedia Economics and Finance*, 30, pp. 468-475.
- Loureiro, S. M. C., Miranda, F. J., & Breazeale, M. (2014), "Who Needs Delight? The Greater Impact of Value, Trust and Satisfaction in Utilitarian, Frequent-Use Retail. ", in *Journal of Service Management*, 25(1), pp. 101-124.
- Lourenço, I. (2011), "Religion and Gender: The Hindu Diaspora in Portugal.", in *South Asian Diaspora* 3 (1), pp. 37-51.
- Lourenço, I. e R. D. Cachado (2012), "Hindu Transnational Families: Transformation and Continuity in Diaspora Families", in *Journal of Comparative Family Studies* 43 (1), pp. 53-70.
- Lowry, I. (1966), *Migration and Metropolitan Growth*, San Francisco, Chandler.
- MacDonald, J. S. e L. D. MacDonald (1964), "Chain migration ethnic neighborhood formation and social networks.", in *The Milbank Memorial Fund Quarterly*, 42(1), pp. 82-97.
- Machado, F. L. (1993), "Etnicidade em Portugal: o grau zero da politização", in *Emigração/Imigração em Portugal*, pp. 407-414.
- \_\_\_\_\_ (2002), *Contrastes e continuidades: migração, etnicidade e integração dos guineenses em Portugal*, Celta Editora.
- \_\_\_\_\_ (2017), "Meio século de investigação sociológica em Portugal: uma interpretação empiricamente ilustrada", in *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 19.
- Maimbo, S. M. & Ratha, D. (Eds.) (2005), *Remittances: Development impact and future prospects*, The World Bank.

- Malangam (1968), *Some Guidelines Toward a General Theory of Migration*, Paper presented at the Second World Congress of Rural Sociology, p. 5.
- Malheiros, J. (2002), "Ethni-cities: Residential Patterns in the Northern European and Mediterranean Metropolises – Implications for Policy Design", in *International Journal of Population Geography*, 8, Malden: MA, Wiley & Sons, pp. 107-134.
- \_\_\_\_\_ (2008), "Comunidades de origem indiana na Área Metropolitana de Lisboa–iniciativas empresariais e estratégias sociais criativas na cidade", in *Migrações*, 3, pp. 139-164.
- Malheiros, J., Padilla, B., & Rodrigues, F. (2010), *Mulheres imigrantes empreendedoras*, Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- 'Malla', S. Shrestha (2005), "Nanyadeva, His Ancestors and their Abhijana", in *Ancient Nepal - Journal of the Department of Archaeology*, nº 159, June 2005, Kathmandu, Tribhuvan University.
- Malla, B. e M. S. Rosenbaum (2017), "Understanding Nepalese Labor Migration to Gulf Countries.", in *Journal of Poverty*, 21(5), pp. 411-433.
- Mapril, J. (2001), *Os chineses no Martim Moniz: oportunidades e redes sociais*. Lisboa, SociNova-Working Papers, Lisboa, FSCH - Universidade Nova de Lisboa.
- \_\_\_\_\_ (2005), "«Bangla masjid»: Islão e bengalidade entre os bangladeshianos em Lisboa. ", in *Análise Social*, (173), pp. 851-873.
- \_\_\_\_\_ (2008), "A "Modernidade" do sacrifício Qurban, Lugares e circuitos transnacionais entre bangladeshis em Lisboa". [Tese de Doutoramento], Univ. Lisboa.
- \_\_\_\_\_ (2010), "Banglapara: imigração, negócios e (in) formalidades em Lisboa. ", in *Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, 14(2), pp. 243-263.
- \_\_\_\_\_ (2011), "The patron and the madman: migration, success and the (in) visibility of failure among Bangladeshis in Portugal.", in *Social Anthropology*, 19(3), pp. 288-296.
- \_\_\_\_\_ (2014), "The dreams of middle class: Consumption, life-course and migration between Bangladesh and Portugal.", in *Modern Asian Studies*, 48(3), pp. 693-719.



- \_\_\_\_\_ (2017), *Imigrantes e Saúde*, Encontros ISCTE com os profissionais de saúde da Grande Lisboa, Lisboa, ISCTE-IUL.
- Marienstras, R. (1985), "Sur la notion de la diaspora", in G. Chaliand (ed.): *Les Minorités à L'Âge de L'État-Nation*, Paris, Fayard, pp. 215-26.
- Mário Serra Truzzi, O., & Sacomano Neto, M. (2007), "Economia e empreendedorismo étnico: balanço histórico da experiência paulista", in *Revista de administração de empresas*, 47(2), pp. 1-12.
- Marques, R., Graça, J. C. & Peixoto, J. (1996), "Economia e Sociologia: a velha promessa revisitada.", in *JM Carvalho Ferreira et al*, pp. 1-27.
- Marques, M. M., Mapril, J. & Dias, N. (2003), *Migrants' associations and their elites. Building a new field of interest representation.*, SociNova Working Papers, Lisboa, FCSH-UNL.
- Marsden, P. V. (1991), *Sociological Methodology - Volume 21*, Published by Basil Blackwell, Oxford UK & Cambridge USA, for the American Sociological Association.
- Marshall, G. (Ed) (1994), *The Concise Oxford Dictionary of Sociology*, Oxford & New York, Oxford University Press.
- Martin, P. (2017), *Merchants of Labor: Recruiters and International Labor Migration*, Oxford, Oxford University Press.
- Martiniello, M. e J. Rath (2012), *An Introduction to International Migration Studies*, IMISCOE, Amsterdam, Amsterdam University Press.
- Massey, D. S. (1987), "The ethnosurvey in theory and practice", in *International Migration Review*, 21(4), pp. 1498-1522.
- \_\_\_\_\_ (1988), "Economic development and international migration in comparative perspective. ", in *The Population and Development Review*, pp. 383-413.
- Massey, D. S., L. Goldring e J. Durand (1994), "Continuities in transnational migration: An analysis of nineteen Mexican communities.", in *American Journal of Sociology*, 99(6), pp. 1492-1533.
- Massey, S., J. Arango, G. Hugo, A. Kouaouci, A. Pelegrino e G. Edward Taylor (1998), *Worlds in Motion: Understanding International Migration at the End of the Millenium*, New York, Oxford University Press.

- Mato, D. (1997), "On global and local agents and the social making of transnational identities and related agendas in "Latin" America", in *Identities Global Studies in Culture and Power*, 4(2), pp. 167-212.
- \_\_\_\_\_ (1998), "On the making of transnational identities in the age of globalization: The US Latina/o-‘Latin’American case", in *Cultural Studies*, 12(4), pp. 598-620.
- Matthews, J. (2002), "Deconstructing the Visual: The Diasporic Hybridity of Asian and Eurasian Female Images", in *Intersections: Gender, History and Culture in the Australian Context*, 8.
- \_\_\_\_\_ (2007), "Eurasian Persuasions: Mixed Race, Performativity and Cosmopolitanism", in *Journal of Intercultural Studies*, 28:1, pp. 41-54.
- Mau, S., Verwiebe, R., Seidel, N., & Kathmann, T. (2010), "Skilled German migrants and their motives for migration within Europe", in *Journal of International Migration and Integration/Revue de l'integration et de la migration internationale*, 11(3), pp. 273-293.
- McKenzie, D. e H. Rapoport (2007), "Network effects and the dynamics of migration and inequality: theory and evidence from Mexico.", in *Journal of Development Economics*, 84(1), pp. 1-24.
- Medam, A. (1993), "Diaspora/Diasporas", in *Archétype et Typologie, Revue Européene des Migrations Internationales*, Vol. 9, N° 1.
- Messerschmidt, D. A. (1982), "The Thakali of Nepal: historical continuity and socio-cultural change.", in *Ethnohistory*, pp. 265-280.
- Michaels, A. (2005), *The price of purity: the religious judge in 19th century Nepal* (Vol. 6), Comitato Corpus iuris sanscriticum et fontes iuris Asiae meridiana et centralis.
- Michaels, A., Gutschow, N. e Bajracharya, M. (2015), *Nepalika-Bhupa-Vamsavali: History of the Kings of Nepal – A Buddhist Chronicle*, 3 vols, Kathmandu, Himal Books.
- Middleton, T. e S. Shneiderman (2008), "Reservations, Federalism and the Politics of Recognition in Nepal", in *Economic and Political Weekly* 43(19), pp. 39-45.
- Miles, W. e G. Sheffer (1998), "Francophonie and Zionism: A Comparative Study in Transnationalism and Trans-Statism.", in *Diaspora: A Journal of*

- Transnational Studies*, Number 7, Toronto, University of Toronto Press, pp. 119-48.
- Miller, D. C. (1991), *Handbook of Research Design and Social Measurement - Fifth Edition*, New Delhi, London, Newbury Park: CA, Sage Publications.
- Mills, C. W. (1999), "The Racial Polity", in S. Babbitt and S. Campbell (eds), *Racism and Philosophy*, Ithaca, Cornell University Press, pp. 13-31.
- Minder, R. (2014), "Despite High Unemployment, Portugal Looks Far Afield for Workers.", in *The New York Times*, NY.
- Mishra, P. B. (2011), "Nepalese migrants in the United States of America: Perspectives on their exodus, assimilation pattern and commitment to Nepal.", in *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 37(9), pp. 1527-1537.
- Mishra, R. (2004), "India's role in Nepal's Maoist Insurgency.", in *Asian Survey*, 44(5), pp. 627-646.
- Mishra, T. Nanda (2004), "Evolution of Buddhism and Archaeological Excavations in Lumbini", in *Ancient Nepal - Journal of the Department of Archaeology*, n° 155, June 2004, Kathmandu, Tribhuvan University.
- Mishra, V. (1996), "The Diasporic Imaginary: Theorizing the Indian Diaspora", in *Textual Practice* 10, pp. 421-47.
- Moran, A. (2010), "Crossing the Sutlej River: An examination of early British rule in the West Himalayas", in *European Bulletin of Himalayan Research* 37, pp. 7-26.
- Morawska, E. (2001), "Structuring migration: the case of Polish income-seeking travelers to the West", in *Theory and society*, 30(1), pp. 47-80.
- \_\_\_\_\_ (2016), "Chapter Two: The Economic Adaptation of Past and Present Immigrants: Lessons from a Comparative-Historical Approach", in Yurdakul (ed), *Citizenship and Immigrant Incorporation: Comparative Perspectives on North America and Western Europe*, 29, Palgrave Macmillan.
- Morrill, C. (1989), "The management of managers: Disputing in an executive hierarchy.", in *Sociological Forum*, Vol. 4, No. 3, Kluwer Academic Publishers-Plenum Publishers, pp. 387-407.
- \_\_\_\_\_ (1991), "Conflict management, honor, and organizational change.", in *American Journal of Sociology*, 97(3), pp. 585-621.

- \_\_\_\_\_ (1992), "The private ordering of professional relations.", in *Hidden Conflict in Organizations*, pp. 92-116.
- \_\_\_\_\_ (1998), "Honor and conflict management in corporate life.", in Smith, Philip (Hg.): *The New American Cultural Sociology*, Cambridge, pp. 230-259.
- Morrill, C. e G. A. Fine (1997), "Ethnographic contributions to organizational sociology.", in *Sociological Methods & Research*, 25(4), pp. 424-451.
- Moscovici, S. (1981), "On social representations", in *Social Cognition: Perspectives on everyday understanding*, 8(12), pp. 181-209.
- Mudambi, R., & Navarra, P. (2002), "Institutions and international business: a theoretical overview", in *International Business Review*, 11(6), pp. 635-646.
- Musgrove, F. (1963), *The Migratory Elite*, London, Heinemann.
- Nações Unidas-Departamento de Assuntos Económicos e Sociais/Desa (2018), *Migration Profiles – Nepal*, UNICEF, 2012 (Retirado, em Março de 2018, de: <https://esa.un.org/migmgmprofiles/indicators/files/Nepal.pdf>)
- Nakane, C. (1966), "A Plural Society in Sikkim: A Study of the Interrelations of Lepchas, Bhotias and Nepalís", in C. von Fürer-Haimendorf (ed.), *Caste and Kin in Nepal, India and Ceylon: Anthropological Studies in Hindu-Buddhist Contact Zones*, New Delhi, Sterling, pp. 213- 63.
- Nazridod, S. (2017), *‘Voices’ of left behind children in Tajikistan* (Masters dissertation), Lisboa, ISCTE-IUL.
- Nepal Disaster Risk Reduction Portal (2015), *Incident Report of Earthquake 2015*, National Seismological Centre do Departamento de Minas e Geologia, Catmandu, Ministério da Indústria do Governo do Nepal.
- Nepalnews.com (2008), "Nepal Becomes a Federal Democratic Republic", in *Nepalnews.com*, Kathmandu, 28 May 2008. (Retirado em 2014-04-08)
- NepalPortugal.com (2015), *Notícias da Comunidade Nepalesa em Portugal*, Lisboa.
- Nestorowicz, J. (2012), "Immigrant self-employment: Definitions, concepts and methods. ", in *Central and Eastern European Migration Review*, 1(1), pp. 37-55.
- NIDS (2010), *Nepal Migration Year Book 2010*, Kathmandu, Lalitpur, Nepal Institute of Development Studies, National Centre of Competence in Research, North-South.

- Nohria, N. (1992), "Information and search in the creation of new business ventures: The case of the 128 venture group", in *Networks and organizations: Structure, Form, and Action*, Boston: Harvard Business School Press.
- NRNA.org.np (2015), *Non-Resident Nepali Association Portugal*, Catmandu e Lisboa.
- Nunes, J. A. (1995), "Borders, Margins and Migrants: on Paradigm Shifts, heterogeneity and culture wars", in *Cost A2 seminars - Immigration in Southern Europe* 11-12, November 1994, Coimbra: CES.
- OECD (2015-2018), *Permanent immigrant inflows* (indicator). doi: 10.1787/304546b6-en (Acedido desde 18 Novembro 2015, até Setembro 2018)
- OECD (2015-2018), *OECD International Migration Statistics*, (Disponível em: [http://www.oecd-ilibrary.org/social-issues-migration-health/data/oecd-international-migration-statistics\\_mig-data-en](http://www.oecd-ilibrary.org/social-issues-migration-health/data/oecd-international-migration-statistics_mig-data-en) ISSN: 2074-420X)
- Okamura J. (1981), "Situational Ethnicity", in *Ethn. and Racial Studies* 4(4), pp. 452-465.
- Oliveira, C. R. (2004), *Estratégias empresariais de imigrantes em Portugal* (Vol. 10), Lisboa, ACIDI, IP.
- \_\_\_\_\_ (2005), *Empresários de origem imigrante: estratégias de inserção económica em Portugal*, Lisboa, ACIDI, IP.
- \_\_\_\_\_ (2006), "Empresários de origem cabo-verdiana em Portugal: estratégias de mobilidade ou situações de sobrevivência material temporária?", in *Oficina do CES* (Vol. 243), Coimbra: Centro de Estudos Sociais, pp. 1-31.
- \_\_\_\_\_ (2007), "Understanding the diversity of immigrant entrepreneurial strategies", in *Handbook of Research on Ethnic Minority Entrepreneurship*, Cheltenham/Northampton: Edward Elgar, pp. 61-82.
- \_\_\_\_\_ (2008), "Determinantes das estratégias empresariais de imigrantes em Portugal", in *Migrações*, 3, Lisboa, pp. 109-138.
- \_\_\_\_\_ (2016, 2017), *Diver-Cidades Empresariais em Portugal: Estratégias de Imigrantes em Mercados Locais*, [Defesa de Dissertação de Doutoramento em 2017, para ISCTE-IUL/Departamento de Sociologia], Lisboa (Disponível em: <https://repositorio.iscteul.pt/bitstream/10071/13642/1/PhD%20Catarina%20Reis%20Oliveira%202016.pdf>)

- Oliveira, C. R. & Rath, J. (2008), "Immigrant Entrepreneurship, Special issue", in *Migrações Journal*, 3, pp. 1-287.
- Oliveira, C. R. (coord) e N. Gomes (2017), *Indicadores de Integração de Imigrantes – Relatório Estatístico Anual 2017*, 1ª ed. (Imigração em Números – Relatórios Anuais 2), Lisboa, Observatório das Migrações/ACM.
- Oliveira, C. R., Peixoto, J., & Góis, P. (2017), "A nova crise dos refugiados na Europa: o modelo de repulsão-atração revisitado e os desafios para as políticas migratórias. ", in *Revista Brasileira de Estudos de População*, 34(1), pp. 73-98. (Retirado de: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-30982017000100073&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-30982017000100073&script=sci_arttext&tlng=pt))
- Oliveira, N. (2017), "Os imigrantes de que não se fala. Participação política e cívica de cidadãos comunitários não nacionais em Portugal.", in *Migrações: Revista do Observatório da Imigração*, (14), Lisboa, pp. 54-78.
- Olsson, E. (2009), "From Exile to post-exile: the diasporisation of the Swedish Chileans in historical contexts", in *Social Identities: Journal for the Study of Race, Nation and Culture*, Vol. 15, Nº 5, pp. 659-676.
- Olwig, K. F., & Sørensen, N. N. (2002), "Mobile livelihoods", in *Work and Migration: Life and livelihoods in a globalizing world*, pp. 1-19.
- Olzak, S. (1983), "Contemporary Ethnic Mobilization", in *Annu. Rev. Sociology*, 9, pp. 355–374.
- Omi, M. e H. Winant (1994), *Racial Formation in the United States: From the 1960s to the 1990s*, New York, Routledge.
- Onta, P. (1996), "Creating a brave Nepali nation in British India: The rhetoric of Jāti improvement, rediscovery of Bhanubhakta and the writing of bīr history.", in *Studies in Nepali History and Society*, 1(1), pp. 37-76.
- Ortner, S. B. (1978), *Sherpas through their rituals* (Vol. 2), Cambridge University Press.
- Osella, F. e K. Gardner (Ed.) (2004), *Migration, Modernity and Social Transformation in South Asia*, New Delhi, Thousand Oaks, London, Sage Publications.
- Pant, S. K. (2015), "Caste/Ethnicity and Entrepreneurship in Nepalese Society", in *PYC Nepal Journal of Management* (ISSN 2091-0258), Kathmandu, Tribhuvan University Press.
- \_\_\_\_\_ (2016), "Role of The Family in Entrepreneurship Development in Nepali Society.", in *Journal of Nepalese Business Studies*, 9(1), pp. 37-47.

- Parmanand. (1986), "The Indian Community in Nepal and the Nepalese Community in India: The Problem of National Integration", in *Asian Survey*, pp. 1005-1019.
- Parreñas, R. e L. C. Siu (2007), *Asian Diasporas: New Formations, New Conceptions*, Stanford: CA, Stanford University Press.
- Paryiar, M. (2011), "Caste(s) in Bone: The Perpetuation of Social Hierarchy Among Nepalis in Britain", Working Paper WP-11-85, COMPAS, Oxford.
- (2016), *Overseas caste among military migrants: the migration and settlement of Nepalese Gurkhas in Britain*, [PhD Thesis], MacQuarie Univ., Australia.
- Pariyar, M., Bal Gopal Shrestha e D. N. Gellner (2014), "Rights and a Sense of Belonging: Two Contrasting Nepali Diaspora Communities", in J. Pfaff-Czarnecka and G. Toffin (eds), *Facing Globalization in the Himalayas: Belonging and the Politics of the Self*, Delhi, Sage, pp. 134-58.
- Pattie, S. (1994), "At Home in Diaspora: Armenians in America", in *Diaspora* 3, pp. 185-98.
- Paul, A. (2018), "Unequal networks: comparing the pre-migration overseas networks of Indonesian and Filipino migrant domestic workers", in *Global Networks*, Medford: MA & Chichester, United Kingdom, Global Networks Partnership & John Wiley & Sons Ltd.
- Peixoto, J. (1998), *As migrações dos quadros altamente qualificados em Portugal. Fluxos migratórios inter-regionais e internacionais e mobilidade intra-organizacional*, [Tese de Doutoramento], Lisboa, Univ. de Lisboa.
- (2004), *As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro-sociológicas*. (Retirado de: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/2037/1/wp200411.pdf>)
- (2007), "Dinâmicas e regimes migratórios: o caso das migrações internacionais em Portugal", in *Análise Social*, (183), pp. 445-469.
- (2008), "Imigração e mercado de trabalho em Portugal: investigação e tendências recentes", in *Revista Migrações-Número Temático Imigração e Mercado de Trabalho*, 2, pp. 19-46.
- Peixoto, J. e R. Marques (2001), "Economic sociology in Portugal.", in *Economic Sociology: European Electronic Newsletter*, 3(1), pp. 24-30.



- Peixoto, J., Soares, A. G., Costa, P. M., Murteira, S., Pereira, S., & Sabino, C. (2005), *O tráfico de migrantes em Portugal: perspectivas sociológicas, jurídicas e políticas* (Vol. 12), Observatório da Imigração, Lisboa, ACIME.
- Peixoto, J., Marçalo, C., & Tolentino, N. (2011), *Imigrantes e segurança social em Portugal* (Vol. 49), Observatório da Imigração, Lisboa, ACIDI, IP.
- Penninx, R. (2013), *Research on migration and integration in Europe: Achievements and lessons*, Amsterdam: AmsterdamVossiuspers UvA9789056297268.
- Penninx, R., M. Berger e K. Kraal (Ed.) (2006), *The Dynamics of International Migration and Settlement in Europe – A State of the Art*, Amsterdam, Amsterdam University Press.
- Penninx, R., Zincone, G., & Borkert, M. (Eds.), (2011), *Migration Policymaking in Europe: The dynamics of actors and contexts in past and present*, Amsterdam: Amsterdam University Press.
- Penninx, R. & Scholten, P. (2016), "The multilevel governance of migration and integration", in *Integration processes and policies in Europe*, Springer, Cham, pp. 91-108.
- Penninx, R. & Garcés-Mascareñas, B. (2016), "Integration processes and policies in Europe", in *Contexts, Levels and Actors*.
- Pereira, A. (2016a), "Nepalese Women Immigrants in Portugal", in *Artigos e Comunicações Para Workshop Gender and Migration*, IGOT/IMISCOE, Universidade de Lisboa.
- (2016b), "Organizações Comunitárias da Imigração Nepalesa em Lisboa", in *Comunicações ao Congresso*, Congresso Nacional de Sociologia – 2016, Faro, Universidade do Algarve.
- (2016c), "O Novo Fluxo Imigrante Nepalês com Destino a Portugal", *Comunicação ao Congresso e Artigo*, in *Actas*, Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia – 2016, Universidade de Coimbra.
- Pereira, A. e S. Dahal (2017), "Many Struggles: Most Nepali Migrant Workers in Portugal Don't Have Legal Papers or Are Working in Precarious Jobs", in *My Republica*, Nepal Republic Media Ltd., Catmandu.
- Pereira, A., C. Pereira, J. Meshelemiah, A. Budal e S. Dahal (2019), " "Leaving Paradise to Fight for a Better Life": An Examination of Labour Trafficking Among Nepali Agriculture Workers in Portugal", *Artigo*

para *Journal of Ethnic and Migration Studies*, Brighton, UK: University of Sussex.

- Pereira, C. (2014), "A cor da pele e as castas de Goa, antes e depois do Último Olhar de Manú Miranda de Orlando da Costa" [Skin colour and castes of Goa, previous and after to 'Last Glance of Manú Miranda', by Orlando da Costa], in Machado e Braga (Eds) *Goa Portuguesa e Pós-Colonial. Literatura, Cultura e Sociedade*, Act 27 Alteridades, Cruzamentos, Transferências, Lisboa: Húmus.
- Pereira, C. (2017), "Religious dances and tourism: perceptions of the “tribal” as the repository of the traditional in Goa, India.", in *Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, 21(1), pp. 125-152.
- Pereira, C., Lourenço, I., & Cachado, R. (2017), "Introduction: representations of India at home and abroad. ", in *Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, 21(1), pp. 99-106.
- Peretz, M. (1994), "Diaspora but not Exile: American Jewry and the Triumph of Zionism", in *Annual State of World Jewry Series*, New York.
- Perkmann, M. e N. Sum (2002), *Globalization, Regionalization and Cross-Border Regions*, Basingstoke, Palgrave.
- Pestana, M. H. e J. N. Gageiro (1998), *Análise de Dados para Ciências Sociais - a Complementaridade do SPSS*, Lisboa: Edições Sílabo.
- Petech, L. (1984), *Mediaeval History of Nepal (c. 750-1480)*(Vol. 54), Roma, Instituto italiano per il Medio ed Estremo Oriente.
- Peter Smith, M. (1992), "Postmodernism, urban ethnography, and the new social space of ethnic identity", in *Theory and society*, 21(4), pp. 493-531.
- \_\_\_\_\_ (1994), "Can you imagine? Transnational migration and the globalization of grassroots politics", in *Social Text*, (39), pp. 15-33.
- \_\_\_\_\_ (2001), *Transnational Urbanism: Locating Globalization*, Oxford, Malden: MA, Melbourne, Berlin, Blackwell Publishing.
- \_\_\_\_\_ (2003), "Transnationalism, the state, and the extraterritorial citizen", in *Politics & Society*, 31(4), pp. 467-502.
- \_\_\_\_\_ (2005), "Transnational Urbanism Revisited", in *Journal of Ethnic and Migration Studies*, vol. 31, nº 2, Brighton, Sussex Centre for Migration Research.

- Peter Smith, M. e L. Guarnizo (Eds.) (1998a), *Transnationalism from Below: Comparative Urban and Community Research*, Vol. 6, New Brunswick and London, Transaction Publishers.
- Peter Smith, M. e R. Feagin (1998b), "Cities and the new international division of labor: an overview", in *The New Urban Paradigm: Critical Perspectives on the City*, pp. 25-58.
- Peter Smith, M. e A. Favell, A. (Eds.) (2006), *The Human Face of Global Mobility: International Highly Skilled Migration In Europe, North America And The Asia-Pacific* (Vol. 8), Transaction Publishers.
- Peter Smith, M., A. Favell, A. e M. Feldblum (2007), "The human face of global mobility: A research agenda", in *Society*, 44(2), pp. 15-25.
- Peter Smith, M. e L. Guarnizo (2009), "Global mobility, shifting borders and urban citizenship", in *Tijdschrift voor economische en sociale geografie*, 100(5), pp. 610-622.
- Petersen, W. (1958, 1959), "A General Typology of Migration" in *American Sociological Review*, June, 23 (3), pp. 256-266.
- \_\_\_\_\_ (1970), "A General Typology of Migration", in *Readings in the Sociology of Migration*, ed. Jansen, C., London, New York, Paris, Australia, Pergamon Press.
- Pfaff-Czarnecka, J. (1996), "A Battle of Meanings: Commemorating the Goddess Durga's Victory over the Demon Mahisha as a Political Act", in *Kailash*, 18(3-4): pp. 57-92.
- Pfaff-Czarnecka, J. e G. Toffin (2011), "Introduction: Belonging and Multiple Attachments in Multiple Himalayan Societies", in J. Pfaff-Czarnecka and G. Toffin (eds), *The Politics of Belonging in the Himalayas: Local Attachments and Boundary Dynamics*, Delhi, Sage, pp. xi-xxxviii.
- Phillips, D. (2010), "Minority ethnic segregation, integration and citizenship: A European perspective", in *Journal of Ethnic and Migration studies*, 36(2), pp. 209-225.
- Piché, V. e C. Dutreuilh (2013), "Contemporary Migration Theories as Reflected in Their Founding Texts", in *Population - English Edition*, Institut National D'Études Démographiques. doi: 10.1353
- Pinto, J. Madureira e V. Borges Pereira (orgs.) (2008), *Desigualdades, Desregulação e Riscos nas Sociedades Contemporâneas*, Porto, Edições Afrontamento.

- Piore, M. (1979), *Birds of Passage: Migrant Labor and Industrial Society*, New York, Cambridge University Press.
- Pires, R. P. (2002), "Mudanças na Imigração-Uma Análise Sobre a População Estrangeira em Portugal 1998–2001", in *Sociologia, Problemas e Práticas*, (39), pp. 151-166.
- Pires, R. P., Machado, F. L., Peixoto, J., & Vaz, M. J. (2010), *Portugal: Atlas das migrações internacionais*, Lisboa: Tinta da China.
- Pires, R. P. et al. (2015), *Remessas 2015*, Observatório da Emigração, Lisboa, ISCTE-IUL.
- Pires, R. P., C. Pereira, J. Azevedo, I. Vidigal and C. Moura Veiga (2017), *Emigração Portuguesa. Relatório Estatístico 2017 [Portuguese Emigration. Statistical Report 2017]*, Lisboa: Observatório da Emigração e Rede Migra, CIES-IUL, ISCTE-IUL, and DGACCP. doi:10.15847/CIESOEMRE042017.
- Pires, R. P. e C. Pereira (2018), "Migrações, Qualificações e Desigualdades Sociais", in Carmo, R. M., Sebastião, João, Azevedo, J., Martins, SC & Costa, AF (2018), *Desigualdades Sociais. Portugal e a Europa.*, Lisboa: Mundos Sociais.
- Pizam, A. & Mansfeld, Y. (2006), "Toward a theory of tourism security", in *Tourism, Security and Safety*, Routledge, pp. 15-41.
- Pizarro, G. (2002), "Special Rapporteur of the Commission on Human rights", in A/57/292, *Human Rights of Migrants*, Note by the Secretary-General, NY, UN.
- Porter, M. E. (1990, 1998), *The Competitive Advantage of Nations*, New York, Free Press.
- Portes, A. (1995), "Economic sociology and the sociology of immigration: a conceptual overview", in *The Economic Sociology of Immigration. Essays on Networks, Ethnicity and Entrepreneurship*, Nova Iorque, Russell Sage Foundation, pp. 1-41.
- \_\_\_\_\_ (Ed.) (1995), *The economic sociology of immigration: Essays on Networks, Ethnicity, and Entrepreneurship*, NY, Russell Sage Foundation.
- \_\_\_\_\_ (Ed.) (1996), *The new second generation*, NY, Russell Sage Foundation.

- \_\_\_\_\_ (1997), "Immigration theory for a new century: Some problems and opportunities.", in *International migration review*, pp. 799-825.
- \_\_\_\_\_ (1999), "La mondialisation par le bas [L'émergence des communautés transnationales].", in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 129(1), pp. 15-25.
- \_\_\_\_\_ (2000a), "The Two Meanings of Social Capital.", in *Sociological Forum*, 15(1), pp. 1-12.
- \_\_\_\_\_ (2000b), "Globalization from below: the rise of transnational communities", in *The ends of globalization: Bringing society back in*, pp. 253-70.
- \_\_\_\_\_ (2001), "Introduction: the debates and significance of immigrant transnationalism", in *Global networks*, 1(3), pp. 181-194.
- \_\_\_\_\_ (2003), "Conclusion: Theoretical convergencies and empirical evidence in the study of immigrant transnationalism.", in *International migration review*, 37(3), pp. 874-892.
- \_\_\_\_\_ (2004), "Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo imigrante", in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (69), pp. 73-93.
- \_\_\_\_\_ (2007), "Migration, Development, and Segmented Assimilation: A conceptual review of the evidence", in *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 610(1), pp. 73-97.
- \_\_\_\_\_ (2010), *Economic Sociology: A Systematic Inquiry*, Princeton and Oxford, Princeton University Press.
- \_\_\_\_\_ (2010), "Migration and social change: Some conceptual reflections.", in *Journal of ethnic and migration studies*, 36(10), pp. 1537-1563.
- \_\_\_\_\_ (2014), "Downsides of social capital.", in *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 111(52), pp. 18407-18408.
- \_\_\_\_\_ (2018), "Book review: The Cross-Border Connection: Immigrants, Emigrants, and their Homelands, by Roger Waldinger (2015)", in *International Journal of Comparative Sociology*, Vol 59, Issue 1, pp. 69-71.
- Portes, A. e R. Mozo (1985), "The Political Adaptation Process of Cubans and Other Ethnic Minorities in the United States", in *International Migration Review* 19, pp. 35-63.

- Portes, A. e R. L. Bach, R. L. (1985), *Latin journey: Cuban and Mexican immigrants in the United States*, Univ. of California Press.
- Portes, A. e J. Böröcz (1989), "Contemporary immigration: Theoretical perspectives on its determinants and modes of incorporation.", in *International migration review*, 23(3), pp. 606-630.
- Portes, A. e J. Sensenbrenner (1993), "Embeddedness and immigration: notes on the social determinants of economic action", in *American Journal of Sociology*, Vol. 98, Nº 6, pp. 1320-1350.
- Portes, A. e A. Stepick (1993), *City on the edge: The transformation of Miami*, University of California Press.
- Portes, A. e M. Zhou (1993), "The new second generation: Segmented assimilation and its variants.", in *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 530(1), pp. 74-96.
- \_\_\_\_\_ (2012), "The new second generation: Segmented assimilation and its variants", in *The New Immigration*, Routledge, pp. 99-116.
- Portes, A., C. Dore-Cabral e P. Landolt (Eds.) (1997), *The urban Caribbean: transition to the new global economy*, JHU Press.
- Portes, A., L. E. Guarnizo e P. Landolt (1999), "The study of transnationalism: pitfalls and promise of an emergent research field", in *Ethnic and Racial Studies*, 22(2), pp. 217-237.
- Portes, A., L. E. Guarnizo e J. W. Haller (2002), "Transnational Entrepreneurs: An alternative form of immigrant economic adaptation", in *American sociological review*, pp. 278-298.
- Portes, R. e H. Rey (2005), "The determinants of cross-border equity flows. ", in *Journal of international Economics*, 65(2), pp. 269-296.
- Portes, A. e R. G. Rumbaut (2006), *Immigrant America: a Portrait*, University of California Press.
- Portes, A., C. Escobar e A. Walton (2006), "Immigrant Transnational Organizations and Development: A Comparative Study", in *International Migration Review*, New York, CMSNY.
- Portes, A. e J. DeWind (Eds.) (2007), *Rethinking migration: New theoretical and empirical perspectives*, New York and Oxford, Berghahn Books.
- Portes, A. e W. Haller (2010), "The Informal Economy", in *The Handbook of Economic Sociology*, 403.

- Portes, A. e J. Walton (2013), *Labor, Class and the International System*, Elsevier.
- Portes, A. e P. Fernández-Kelly (Eds.) (2015), *The State and the Grassroots: Immigrant Transnational Organizations in Four Continents*, Berghahn Books.
- Portes, A. e A. Puhrmann (2015), "A bifurcated enclave: The economic evolution of the Cuban and Cuban American population of metropolitan Miami.", in *Cuban Studies*, pp. 40-63.
- Portes, A., R. A. Gomez, R. Aparicio e W. Haller (2016), *Spanish Legacies: The coming of age of the second generation*, University of California Press.
- Portes, A. e B. Lagae (2017), "Immigration, Social Change and Reactive Ethnicity in the Second Generation", in Spencer Salas and Pedro Portes (Eds), *US Latinization: Education and the New Latino South*, Albany, State University of New York Press, pp. 251-272.
- Portes, A., A. C. Armony, R. G. Rumbaut, E. Porter, G. Porter, H. Popper e S. Pollock (2018), *The Global Edge: Miami in the Twenty-first Century*, University of California Press.
- Pradhan, K. (1982), *Pahilo Pahar* [First Watch], Darjeeling, Shyam Prakashan.
- \_\_\_\_\_ (2005), *Darjeelingmā Nepālījāti ra Janajātiya Cinārikā Nayā Adānharu* (M.C. Regmi Lecture 2004), Lalitpur, Social Science Baha.
- Pradhan, R., & Visweswaran, K. (2011), "Ethnicity, caste and a pluralist society.", in *Perspectives on modern South Asia: A reader in culture, history, and representation*, 100.
- Prasad, I. (1996), *The Life and Times of Maharaja Juddha Shumsher Jung Bahadur Rana of Nepal.*, APH Publishing.
- Prognon, N. (2006), "La diáspora chilena en Francia: de la acogida a la integración (1973 a 1994)", in José Del Pozo (coord.), *Exiliados, Emigrados y Retornados: Chilenos En América y Europa, 1973-2004*, Santiago, Ril, pp. 63-83.
- Proshansky, H. (1978), "The city and self-identity", in *Journal of Environment and Behavior*, Vol. 10, London, Sage Publications, pp. 57-83.
- Proshansky, H., A. Fabian e R. Kaminoff (1983), "Place-Identity: Physical World Socialization of the Self", in *Journal of Environmental Psychology*, Vol. 3, New York, Elsevier, pp. 57-83.
- Putnam, R. D. (2000), *Bowling alone: America's declining social capital*, in *Culture and politics*, Palgrave Macmillan, New York, pp. 223-234.



- Quigley, D. (1993), *The Interpretation of Caste*, Oxford, Clarendon Press.
- Quivy, R. e L. Van Campenhoudt (1998), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva.
- Radhakrishnan, R. (1996), *Diasporic Mediations: Between Home and Location*, Minneapolis, University of Minnesota Press.
- Rai, A. (1995), "India On-Line: Electronic Bulletin-Boards and the Construction of a Diasporic Hindu Identity.", in *Diaspora* 4, pp. 31–58.
- Rai, B. (2009), *Gorkhas: The Warrior Race*, New Delhi, Kalpaz Publications.
- Rai, R., & Reeves, P. (Eds.) (2008), *The South Asian diaspora: transnational networks and changing identities*, Routledge.
- Ram, M. e T. Jones (2008), "Ethnic-minority businesses in the UK: a review of research and policy developments.", in *Environment and Planning C: Government and Policy*, 26(2), pp. 352-374.
- Ramirez, P. (1993), "Drama, Devotion and Politics: The Dasain Festival in Argha Kingdom", in G. Toffin (ed.), *Nepal, Past and Present*. Paris: Editions du CNRS, pp. 47-59.
- Rana, P. S. (1998a), *Jung Bahadur Rana: the story of his rise and glory*, Kathmandu: Book Faith India.
- (1998b), "The history of Nepal.", in *Contemporary Nepal*, New Delhi, India: Vikas Publishing House Pvt. Ltd.
- Rapley, J. (1996), *Understanding Development: Theory and Practice in the Third World*, Boulder. CO: Rienner, pp. 44-47.
- Rapport, N. and A. Dawson (Ed.) (1998), *Migrants of Identity: Perceptions of Home in a World of Movement*, Oxford, New York, Berg.
- Rath, J. (Ed.). (2000), *Immigrant businesses: The economic, political and social environment.*, Springer.
- (2002), *Needle games. A discussion of mixed embeddedness*.
- Rath, J. e R. Kloosterman (2000), "Outsiders' business: A critical review of research on immigrant entrepreneurship", in *International Migration Review*, pp. 657-681.
- Ravenstein, E. G. (1885), "The Laws of Migration", in *Journal of the Statistical Society of London*, Vol. 48. No. 2, pp. 167-235.

- Razin, E. e A. Langlois (2016), "Location and entrepreneurship among new immigrants in Israel and Canada. ", in *Geography Research Forum* (Vol. 12, pp. 16-36).
- Rechner, P. L. e D. R. Dalton (1989), "The impact of CEO as board chairperson on corporate performance: evidence vs. rhetoric.", in *The Academy of Management Executive*, 3(2), pp. 141-143.
- (1991), "CEO duality and organizational performance: A longitudinal analysis.", in *Strategic Management Journal*, 12(2), pp. 155-160.
- Regmi, D. R. (1952), *Ancient and Medieval Nepal*, Prem Printing Press.
- (1969), *Ancient Nepal*, Firma KL Mukhopadhyay.
- Ribeiro, J. S. (2014), Fonseca, Maria Lucinda; Góis, Pedro; Marques, José Carlos; Peixoto, João (orgs.)(2013), "Migrações na Europa e em Portugal. Ensaio de homenagem a Maria Ioannis Baganha. ", in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (105), pp. 189-192.
- Riddle, L. e J. Brinkerhoff (2011), "Diaspora Entrepreneurs as Institutional Change Agents: The Case of Thamel.com", in *International Business Review*, 20, pp. 670-680.
- Riddle, L., G. Hrivnak e T. Nielsen (2010), "Transnational diaspora entrepreneurship in emerging markets: Bridging institutional divides", in *Journal of International Management*, 16, pp. 398-411.
- Roberts, S. G., R. Wilson, P. Fedurek e R. I. M. Dunbar (2008), "Individual differences and personal social network size and structure", in *Personality and individual differences*, 44 (4), pp. 954-964.
- Robertson, R. (1992), *Globalization: Social Theory and Global Culture*, London, Sage.
- Rojas, V., LeBlanc, H. P. & Sunil, T. S. (2014), "US retirement migration to Mexico: Understanding issues of adaptation, networking, and social integration", in *Journal of International Migration and Integration*, 15(2), pp. 257-273.
- Roos, H. (2014), "The Mobility of Religion: Settling Jainism and Hinduism in the Belgian Public Sphere", in *Migration and Religion in Europe: Comparative Perspectives on South Asian Experiences*, 77.
- Rosa, M. J. V., Marques, M. M., Oliveira, C., Oliveira, N., & Araújo, F. (2000), *Imigrantes Internacionais: dos factos ao conceito*, Lisboa: Socinova.

- Rosa, M. J. V., de Seabra, H. M., & Santos, T. (2005), "*Contributos dos imigrantes na demografia portuguesa: o papel das populações de nacionalidade estrangeira*" (Vol. 4), Lisboa, ACIDI, IP.
- Rubin, M., Watt, S. E., & Ramelli, M. (2011, 2012), "Immigrants' social integration as a function of approach–avoidance orientation and problem-solving style", in *International Journal of Intercultural Relations*, 36(4), pp. 498-505.
- Safran, W. (1985), "The Mitterrand Regime and Its Policies of Ethnocultural Accommodation", in *Comparative Politics* 18, pp. 41-63.
- (1991), "Diasporas in Modern Societies: Myths of Homeland and Return", in *Diaspora: A Journal of Transnational Studies*, Volume 1, Number 1, Spring 1991, pp. 83-99.
- Sagant, P. (1976), *Le Paysan Limbu: Sa Maison et ses Champs*, Mouton.
- (1996), *The Dozing Shaman: The Limbus of Eastern Nepal*, Delhi, Oxford University Press.
- Sam, D. L., & Berry, J. W. (2010), "Acculturation: When individuals and groups of different cultural backgrounds meet", in *Perspectives on Psychological Science*, 5(4), pp. 472-481.
- San Juan, E. (1994), "Configuring the Filipino Diaspora in the US", *Diaspora* 3, pp. 117-34.
- Santos, L. (2014), *Empreendedorismo Feminino em Portugal*, Dissertação de Mestrado - Ramo Gestão de Empresas, Instituto Politécnico do Porto.
- Sassen, S. (1988), *The Mobility of Capital and Labor: A Study in International Investment and Labor Flow*, Cambridge, Cambridge University Press.
- (1998), *Globalization and its Discontents: Essays on the New Mobility of People and Money*, New York, The New Press.
- (2002), *Global networks, linked cities*, Psychology Press.
- (2007), *A Sociology of Globalization*, New York, W.W. Norton.
- Scheffer, G. (1986), *A New Field of Study: Modern Diaspora in International Politics*, [w:] Modern Diaspora in International Politics, London, red. Tense.
- (2002), "A nation and its diaspora: A re-examination of Israeli-Jewish Diaspora relations", in *Diaspora: A Journal of Transnational Studies*, 11(3), pp. 331-358.

- Schnapper, D. (1991), "A Host Country of Immigrants that Does Not Know Itself", in *Diaspora* 1, pp. 353-364.
- Scott, J. W. (2009), *The politics of the veil*, Princeton University Press.
- Secretariat, C. A. e S. Durbar (2015), "Constitution of Nepal 2015.", in *Kathmandu: Constituent Assembly Secretariat*, Catmandu, Assembleia Constituinte.
- Seddon, D., G. Gurung e J. Adhikari (1998), "Foreign labour migration and the remittance economy of Nepal" in *Himalaya*, the Journal of the Association for Nepal and Himalayan Studies, 18(2), 7.
- Seddon, D., G. Adhikari e G. Ganesh (2002), "Foreign Labour Migration and the Remittance Economy of Nepal", in *Critical Asian Studies*, vol. 34, n. 1, pp. 19-40.
- Seismonepal.gov.np (2015), "Aftershocks of Gorkha Earthquake", in *National Seismological Centre*, Nepal. (Retirado em 2015-06-11)
- Seibert, S. E., Kraimer, M. L., & Liden, R. C. (2001), "A social capital theory of career success", in *Academy of management journal*, 44(2), pp. 219-237.
- Senior, C. (1968, 1969), "Notes on the Study of Migration", in ed. J. A. Jackson, *Migration*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Sever, A. (1993), *Nepal Under the Ranas*, South Asia Books.
- (1996), *Aspects of modern Nepalese history*, Vikas Pub. House.
- Shain, Y. (1994), "Ethnic Diasporas and US Foreign Policy", in *Political Science Quarterly* 109, pp. 811–841.
- (1995), "Multicultural Foreign Policy", in *Foreign Policy*, September 1995, pp. 69–87.
- Shah, N. M. e I. Menon (1999), "Chain migration through the social network: experience of labour migrants in Kuwait.", in *International migration*, 37(2), pp. 361-382.
- Shah, S. (2008), "Civil society in uncivil places: soft state and regime change in Nepal.", in *Policy Studies*, (48), I.
- Shaha, Rishikesh (1992), *Ancient and Medieval Nepal*, New Delhi, Manohar Publications ISBN 81-85425-69-8.
- (1992), *Ancient and Medieval Nepal*, Kathmandu, Ratna Pustak Bhandar. ISBN 9788185425696.
- (2003), *Modern Nepal: a Political History, 1769-1955*, Manohar Publishers.

- Shakya, Mallika (2010) "Capitalism and Ethnicity facing a Rising Wave of Communism in Nepal", in *Himalaya, the Journal of the Association for Nepal and Himalayan Studies*, Vol. 28, No. 1, Article 4, Hanover:NH, Dartmouth College.
- Sharma, G. N. (1990), "The impact of education during the Rana period in Nepal.", in *Himalaya, the Journal of the Association for Nepal and Himalayan Studies*, 10(2), 6.
- Sharma, J. R. (2013), "Marginal but modern: Young Nepali labour migrants in India", in *Young*, 21(4), pp. 347-362.
- Sharma, P. (1989), "Nepali Culture and Society: Reflections on Some Historical Currents", in K. Malla (ed.), *Nepal: Perspective on Continuity and Change*, Kathmandu, Research Centre for Nepal and Asian Studies, Tribhuvan University.
- Sharma, P. R. (1978), "Nepal: Hindu-tribal interface.", in *Contributions to Nepalese Studies*, 6(1), pp. 1-14.
- Shaw, A. (1988), *A Pakistani community in Britain*, Blackwell.
- Sheffer, G. (1986), *Modern Diasporas in International Politics*, New York, St. Martin's Press.
- \_\_\_\_\_ (1993), "Ethnic Diasporas: A Threat to their Hosts?", in ed. Myron Weiner, *International Migration and Security*, Boulder, CO, Westview Press, pp. 263-85.
- \_\_\_\_\_ (2002), "A Nation and Its Diaspora: A Re-examination of Israeli—Jewish Diaspora Relations", in *Diaspora: A Journal of Transnational Studies*, Volume 11, Number 3, Winter 2002, pp. 331-358.
- \_\_\_\_\_ (2003), *Diaspora Politics: At Home Abroad*, Cambridge, Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_ (2006), "Transnationalism and Ethnonational Diasporism", in *Diaspora: A Journal of Transnational Studies*, Volume 15, Number 1, Spring 2006, pp. 121-145.
- Shepperson, G. (1966), "The African Abroad or the African Diaspora", in *African Forum: A Quarterly Journal of Contemporary Affairs*, 2, pp. 76-93.
- Shih, J. (2002), "Ethnic Identity, Bounded Solidarity, and the Formation of immigrant Networks of care", in *Berkeley Collection of Working and Occasional Papers*, 54.

- Shneiderman, S. (2009), "Ethnic (P)reservations: Comparing Thangmi Ethnic Activism in Nepal and India", in D.N. Gellner (ed.), *Ethnic Activism and Civil Society in South Asia*, Delhi, Sage, pp. 115-41.
- Shneiderman, S. and M. Turin (2006), "Seeking the Tribe: Ethno-Politics in Sikkim and Darjeeling", in *Himal Southasian*, (Mar-Apr) 19(2), pp. 54-8 (Disponível em: [www.himalmag.com/2006](http://www.himalmag.com/2006)).
- Shimkhada, D. (2014), "Nepali Hindus in southern California", in *Contemporary Hinduism*, Routledge, pp. 42-54.
- Shrestha, Bal Gopal (1991), "The question of sovereignty in the Constitution of Nepal 1990" (in Newar), in *Malah* 12(19), pp. 13-16.
- \_\_\_\_\_ (2005), "Ritual and Identity in the Diaspora: the Newars in Sikkim", in *Bulletin of Tibetology*, 41(1), pp. 25-54.
- \_\_\_\_\_ (2007a), "The interim Constitution; the Madhesi turmoil", in *eKantipur* (1 February).
- \_\_\_\_\_ (2007b), "Castes among the Newars: The Debate between Colin Rosser and Declan Quigley on the Status of Shrestha", in *European Bulletin of Himalayan Research* 31, pp. 10-29.
- \_\_\_\_\_ (2007c), "Ethnic Nationalism in Nepal and the Newars", in M. Lawoti (ed.) *Contentious Politics and Democratization in Nepal*, Los Angeles, Sage, pp. 199-225.
- \_\_\_\_\_ (2011a), "Maintenance of Language and Literature: the Case of the Newars in Nepal", in *Newah Vijnana*, 7, pp. 4-13.
- \_\_\_\_\_ (2011b), "Reinvention of Religion and Rituals in the Diaspora: The Temple of Svayambhu Bhimakali and its Founder Priest Suryavir Tuladhar in Sikkim, India.", in *Buddhist Himalaya: Studies in Religion, History and Culture*, Volume II, Balikci-Denjongpa, Anna and Alex McKay (eds.), Gangtok: Namgyal Institute of Tibetology, pp. 207-222.
- \_\_\_\_\_ (2013), "Global Newars and the World Newah Organization", in *Bukhanpau WNO Newsletter*, 2(1): 2.
- \_\_\_\_\_ (2014a), "Culture and Identity in the Diaspora: The Newars in Sikkim.", in *Marg: A Magazine of Arts*, Volume 64, Number 4, pp. 24-35.
- \_\_\_\_\_ (2014b), "Buddhist, Hindu, Kiranti, or Something Else? Nepali Strategies of Religious Belonging in the UK and Belgium", in Ester Gallo (ed.) *Migration and Religion in Europe: Comparative Perspectives*

- on *South Asian Experiences*, Surrey, Ashgate Publishing Limited, (with David Gellner and Sondra Hausner), pp. 131-154.
- \_\_\_\_\_ (2014c), "Rights and a Sense of Belonging: Two Contrasting Nepali Diaspora Communities", in G. Toffin and J. Pfaff-Czarnecka (eds) *Facing Globalization in the Himalayas: Belonging and Politics of the Self*, Delhi, Sage Publications, Midea Series: Governance, Conflict and Civic Action, Volume 5, (with David Gellner and Mitra Pariyar), pp. 134–158.
- \_\_\_\_\_ (2015a) "To Use or Not to Use: Nepal Samvat, the National Era of Nepal", in *Himalaya, the Journal of the Association for Nepal and Himalayan Studies*: Vol. 35: No. 1, Article 14, Hanover: NH, Dartmouth College.
- \_\_\_\_\_ (2015b), *The Newars of Sikkim: Reinventing Language, Culture and Identity in the Diaspora*, Kathmandu, Vajra Books.
- Shreshtha, K. (1984), *Monarchy in Nepal: Tribhuvan Era: Imprisonment to Glory.*, Popular Prakashan.
- Shrestha, Nanda (1989), "Frontier Settlement and Landlessness among Hill Migrants in Nepal Terai", in *Annals of the Association of American Geographers*, Vol. 79, No. 3, Sep., 1989, pp. 370-389.
- \_\_\_\_\_ (1990), *Landlessness and Migration in Nepal*, Boulder - Colorado, Westview Press.
- Shrestha, Nanda R. (2002), *Nepal and Bangladesh*, Santa Barbara - CA, ABC-CLIO. ISBN 9781576072851
- Shrestha, Sukra S. (2006), "The Points of Milestones to the West of Kathmandu", in *Ancient Nepal - Journal of the Department of Archaeology*, n° 160, May 2006, Kathmandu, Tribhuvan University.
- Shukla, D. (2006), "India-Nepal Relations: Problems and Prospects", in *The Indian Journal of Political Science*, Vol. 67, No. 2, April- June, 2006, pp. 355-374.
- Shuval, J. T. (2003), "The dynamics of Diaspora: Theoretical implications of ambiguous concepts", in Rainer Münz and Rainer Ohliger, *Diasporas and Ethnic Migrants: Germany, Israel and Russia in Comparative Perspective*, London, Frank Cass.



- Sicakkan, H. G., & Lithman, Y. (2005), "Politics of identity, modes of belonging and citizenship: An overview of conceptual and theoretical challenges", in *Changing the basis of citizenship in the modern state: Political theory and the politics of diversity*, pp. 1-36.
- Sijapati, B. (2009-2010), "Nepali Transmigrants: An Examination of Transnational Ties Among Nepali Immigrants in the United States", in *European Bulletin of Himalayan Research* 35-36, Paris, London, Heidelberg, CNRS, SOAS, South Asia Institute, pp. 139-153 (Disponível em: [http://himalaya.socanth.cam.ac.uk/collections/journals/ebhr/pdf/EBHR\\_35&36\\_10.pdf](http://himalaya.socanth.cam.ac.uk/collections/journals/ebhr/pdf/EBHR_35&36_10.pdf))
- Silva dos Santos, T. (2011), *A comunidade chinesa em Portugal: factores de risco, factores protectores e rede social*, [Dissertação de Mestrado], FPCE, Univ. Lisboa.
- Simkhada, P, E. Van Teijlingen, M. Gurung e S. P. Wasti (2018), "A survey of health problems of Nepalese female migrants workers in the Middle-East and Malaysia", in *BCM International Health and Human Rights*, BCM Series, 18 (1), 4.
- Simmel, G. (1908), *Soziologie. Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung*, Berlim, Duncker e Humblot Editores, pp. 509-512, [trad. por Mauro P. Koury in *RBSE*, Vol. 4, nº 12, Dezembro de 2005].
- \_\_\_\_\_ (1950), *The sociology of Georg Simmel* (KH Wolff, Trans.), Glencoe, IL: The Free Press. (Original work published in 1908).
- Sjaastad, L. A. (1962), "Costs and Returns of Human Migration", in *Journal of Political Economy*, Vol. 70, No. 5, pp. 80-93.
- Skinner, E. P. (1982), "The Dialectic Between Diasporas and Homelands", in Ed. Joseph E. Harris, *Global Dimensions of the African Diaspora*, Washington, Howard UP, pp. 17-45.
- Sklair, L. (1995), Social movements and global capitalism, *Sociology*, 29(3), pp. 495-512.
- \_\_\_\_\_ (2001), *The transnational capitalist class* (Vol. 306), Oxford: Blackwell.
- Smallbone, D., M. Ram, D. Deakins e R. B. Aldock (2003), "Access to finance by ethnic minority businesses in the UK.", in *International Small Business Journal*, 21(3), pp. 291-314.

- Smart, A. (1993), "Gifts, bribes, and guanxi: A reconsideration of Bourdieu's social capital.", in *Cultural anthropology*, 8(3), pp. 388-408.
- Smith, A. D. (1971), *Theories of Nationalism*, New York, Harper.
- \_\_\_\_\_ (1986), *The Ethnic Origins of Nations*, Oxford, Basil Blackwell.
- \_\_\_\_\_ (1993), "The Ethnic Sources of Nationalism", in *Survival*, Number 35, pp. 48-62.
- \_\_\_\_\_ (2000), *The Nation in History: Historiographical Debates About Ethnicity and Nationalism*, The Menahem Stern Jerusalem Lectures, Brandeis University Press/Historical Society of Israel, Hanover, University Press of New England.
- Smith, C. (1982), *The Palestinians*, Rept. 24, 4th ed., London, Minority Rights Group.
- Smith, G. (1999), "Transnational Politics and the Politics of the Russian Diaspora", in *Ethnic and Racial Studies*, Vol. 22, N° 3, May, pp. 500-523.
- Smith, M. P., & Guarnizo, L. E. (Eds.) (1998), *Transnationalism from below* (Vol. 6), Transaction Publishers.
- Sökefeld, M. (2006), "Mobilizing in transnational space: a social movement approach to the formation of diaspora", in *Global Networks*, Vol. 6, Issue 3, pp. 265-284.
- Sørensen, N. N. (2014), New Landscapes of Migration? Transnational Migration between Latin America, the US and Europe, in *Occasional Paper*, (23), pp. 97-126.
- Soysal, Y. (2000), "Citizenship and Identity: Living in Diasporas in Post-War Europe?", in *Ethnic and Racial Studies*, Volume 23, n. 1, pp. 1-15.
- Spengler, J. (1958), "Effects Produced in Receiving Countries by Pre-1939 Immigration", in ed. Brindley Thomas, *Economics of International Migration* (1958), International Economic Association Conference volumes, re-printed 1986, London, Macmillan, Yushodo Co. & Stockton Press.
- Steinmann, B. (2003), "National Hegemonies, Local Allegiances: Historiography and Ethnography of a Buddhist Kingdom", in *European Bulletin of Himalayan Research*, 25/26, pp. 145-67.
- Stiller, L. F. (1973), *The rise of the house of Gorkha: a study in the unification of Nepal, 1768-1816*, Mañjuśrī Pub. House.

- \_\_\_\_\_ (1993), *Nepal: growth of a nation*, Human Resources Development Research Center.
- Strüder, I. R. (2003), *Do Concepts of Ethnic Economies Explain Existing Minority Enterprises?: The Turkish Speaking Economies in London*, London School of Economics and Political Science, Department of Geography & Environment.
- \_\_\_\_\_ "Self-employed Turkish-speaking women in London: opportunities and constraints within and beyond the ethnic economy", in *The international journal of entrepreneurship and innovation*, 4(3), pp. 185-195.
- Subba, T. B. (1992), *Caste, Ethnicity, State and Development: A Case Study of Gorkhaland Movement*, Delhi, Har-Anand and Vikas.
- Subedi, T. (2015), "International migration and development.", in *International Migration and Development in South Asia*, 96, 184.
- Sulyman, A. (2014), *Theories of Identity Formation among Immigrants: Examples from People with an Iraqi Kurdish Background in Sweden*, Linköping University.
- Sundararajan, M. e B. Sundararajan (2015), "Immigrant capital and entrepreneurial opportunities.", in *Entrepreneurial Business and Economics Review*, 3 (3), 29.
- Sunam, R. (2014), "Marginalised Dalits in International Labour Migration: Reconfiguring Economic and Social Relations in Nepal", in *Journal of Ethnic and Migration Studies*, Vol. 40, Issue 12, London, Routledge.
- Suresh, D. (2015), *Political Transformation in Nepal* Working Paper - SSRN Papers, September 25. (Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=2665633> ou: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.2665633>)
- Szanton Blanc, C., L. Basch, e N. G. Schiller (1992), *Towards a Transnational Perspective on Migration: Race, Class, Ethnicity, and Nationalism Reconsidered*, New York, New York Academy of Sciences.
- Tamang, S. (2000), "Legalizing state patriarchy in Nepal.", in *Studies in Nepali History and Society*, 5(1), pp. 127-156.
- Taylor, R. C. (1969), "Migration and Motivation", in ed. J. A. Jackson, *Migration*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Thapa, N. B. (2001), *A Short History of Nepal*, Ratna Pustak Bhandar.

- Thapar, R. (2003), *Cultural Pasts: Essays in Early Indian History*, New Delhi, Oxford, India Paperbacks.
- Thieme, S. e U. Müller-Böker (2004), "Financial Self-Help Associations among Far West Nepalese Labor Migrants in Delhi, India", in *Asian and Pacific Migration Journal*, September 2004; vol. 13, 3: pp. 339-361.
- Tilly, C. (2005), *Trust and rule*, Cambridge University Press.
- \_\_\_\_\_ (2007), "Trust Networks in Transnational Migration", in *Sociological Forum*, Volume 22, Issue 1, pp. 3-24.
- \_\_\_\_\_ (2012), Coercion, Capital, and European States [1990], in *Contemporary Sociological Theory*, 251.
- Tinë, P. (2017), "Cultural Interaction and Integration in the Context of Immigration: The Case Study of the Nepali-speaking Bhutanese in Adelaide", in *Journal of Identity and Migration Studies*, 11(2), pp. 23-154.
- Todaro, M. (1969), "A Model of Labor Migration and Urban Unemployment in Less Developed Countries", in *The American Economic Review*, Vol. 59, No. 1, pp. 138-148.
- Toffin, G. (2010), "How to Combine Citizenship and Diversity? France, India and Nepal", in *European Bulletin of Himalayan Research* 37, pp. 27-55.
- Tölölyan, K. (1980), *Spurki Mech [In Diaspora]*, Paris, Haratch Press.
- \_\_\_\_\_ (1991a), "The Nation-State and Its Others: In Lieu of a Preface", in *Diaspora* 1, pp. 3-7.
- \_\_\_\_\_ (1991b), "Exile Government in the Armenian Polity", in ed. Yossi Shain, *Governments-in-Exile in Contemporary World Politics*, New York, Routledge, pp. 166-87.
- \_\_\_\_\_ (1992), "Terrorism in Modern Armenian Political Culture", in ed. Leonard Weinberg, *Political Parties and Terrorist Groups*, UK, Frank Cass, pp. 8-22.
- \_\_\_\_\_ (1996a), "A Note from the Editor", in *Diaspora* 4: i.
- \_\_\_\_\_ (1996b), "Rethinking Diaspora(s): Stateless Power in the Transnational Moment", in *Diaspora: A Journal of Transnational Studies*, Volume 5, Number 1, Spring 1996, Toronto, University of Toronto Press, pp. 3-36.
- Thomas, B. (Ed.) (1958), *Economics of international migration*, Springer.
- Tracogna, J. (1998), "Business Immigration: Opportunities for Local Economic Development", in *EcDev Journal*, 1998 Issue.

- Tsuda, T. (2012), "Whatever happened to simultaneity? Transnational migration theory and dual engagement in sending and receiving countries. ", in *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 38(4), pp. 631-649.
- Tuckman, B. W. (2012), *Manual de Investigação em Educação. Metodologia para Conceber e Realizar o Processo de Investigação Científica*. (4ª edição), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Udas, K. (2004), *Organisational change and barriers for change*, in OECD/CERI E-Learning Case Studies in Post-Secondary Education and Training Consortium, Paris.
- United Nations (1998), *Report of the Working Group of Intergovernmental Experts on the Human Rights of Migrants*, New York, UN.
- UN - UNDAF (2015), *United Nations Development Assistance Framework for Nepal 2013-2017 - Migrant Workers*, New York, United Nations. (Retirado de: [http://un.org.np/oneun/undaf/migrant\\_workers](http://un.org.np/oneun/undaf/migrant_workers))
- Uphoff, N. (2000), "Understanding social capital: learning from the analysis and experience of participation", in *Social capital: A multifaceted perspective*, pp. 215-249.
- Urry, J. (2007), *Mobilities*, London, Polity.
- Uzzi, B. (1996), "The sources and consequences of embeddedness for the economic performance of organizations: The network effect.", in *American sociological review*, Vol. 61, No. 4 (Aug., 1996), pp. 674-698.
- Vaidya, Tulasī Rāma, T. Mānandhara, e S. Lal Joshi (1993), *Social History of Nepal*, Anmol Publications PVT. LTD.
- Vaisey, S. e O. Lizardo (2010), "Can cultural worldviews influence network composition?", in *Social Forces*, 88 (4), pp. 1595-1618.
- Vajrachayra, G. (1985), "An Interpretation of Two Similar Nepalese Paintings In the Light of Nepalese Cultural History.", ed. by Niels Gutschow and Axel Michaels, *Heritages of the Kathmandu Valley*, in *Proceedings of an International Conference in Lubeck*, pp. 29-42.
- Valentin, K. (2015), "Transnational education and the remaking of social identity: Nepalese student migration to Denmark.", in *Identities*, 22(3), pp. 318-332.
- Valentine, G., & Skelton, T. (2007), "The right to be heard: Citizenship and language", in *Political Geography*, 26(2), pp. 121-140.

- Valentine, G., Sporton, D., & Bang Nielsen, K. (2008), "Language use on the move: Sites of encounter, identities and belonging", in *Transactions of the Institute of British Geographers*, 33(3), pp. 376-387.
- Van Hear, N. (1998), *New Diasporas: The Mass Exodus, Dispersal and Regrouping of Migrant Communities*, London, UCL Press.
- \_\_\_\_\_ (2009), "The Rise of Refugee Diasporas", in *Current History*, 108(717).
- Van Oorschot, W. (2008), "Solidarity towards immigrants in European welfare states.", in *International Journal of Social Welfare*, 17(1), pp. 3-14.
- Vandenhelsken, M. (2011), "The Enactment of Tribal Unity at the Periphery of India: The Political Role of a New Form of the Panglhapsol Buddhist Ritual in Sikkim", in *European Bulletin of Himalayan Research*, 38, pp. 81-118.
- Vaughan, L. J. (1991), "Cosmopolitanism, Ethnicity and American Identity: Randolph Bourne's "Trans-National America" ", in *Journal of American Studies*, 25(3), pp. 443-459.
- Vertovec, S. (1997), "Three meanings of "diaspora," exemplified among South Asian religions", in *Diaspora: A Journal of Transnational Studies* 6: 3, pp. 277-299.
- \_\_\_\_\_ (1999), "Conceiving and researching transnationalism", in *Ethnic and racial studies*, 22(2), pp. 447-462.
- \_\_\_\_\_ (2000), *The Hindu Diaspora: Comparative Patterns*, London and New York, Routledge.
- \_\_\_\_\_ (2001), "Transnationalism and identity", in *Journal of Ethnic and Migration studies*, 27(4), pp. 573-582.
- \_\_\_\_\_ (2004), "Cheap calls: the social glue of migrant transnationalism", in *Global Networks*, 4 (2), Oxford, Global Networks Partnership & John Wiley & Sons Ltd, pp. 216–24.
- \_\_\_\_\_ (2006), *The Emergence of Super-Diversity in Britain*, Working Paper n° 25, COMPAS, Oxford University.
- \_\_\_\_\_ (2008a), *Transnationalism*, London, Routledge.
- \_\_\_\_\_ (2008b), "Migrant Transnationalism and Modes of Transformation", in eds. A. Portes and J. DeWind, *Rethinking Migration – New Theoretical and Empirical Perspectives*, New York, Berghan Books, pp. 149-180.
- \_\_\_\_\_ (2009), *Transnationalism*, Routledge.

- \_\_\_\_\_ (2017), "Talking around super-diversity", in *Ethnic and Racial Studies*, pp. 1-15.
- Vertovec, S. e R. Cohen (1999), *Migration, Diasporas and Transnationalism*, Cheltenham/Northampton.
- \_\_\_\_\_ (Eds.) (2003), *Conceiving Cosmopolitanism: Theory, context and practice*, Oxford University Press on Demand.
- Vertovec, S. e S. Wessendorf (2004), "Migration and Cultural, Religious and Linguistic Diversity in Europe: an Overview of Issues and Trends", Working Paper n°1, IMISCOE, AUP.
- Vinogradov, E. e E. J. B. Jørgensen (2017), "Differences in international opportunity identification between native and immigrant entrepreneurs.", in *Journal of International Entrepreneurship*, pp. 1-22.
- Vishwakarma, H. (2002), "Dalits of Nepal: Their movement now and then.", in *Dalits of Nepal: Issues and Challenge*, pp. 19-42.
- Wacquant L. (1997), "For an Analytic of Racial Domination", in *Polit. Power Soc. Theory*, 11, pp. 221–34.
- \_\_\_\_\_ (2008), *Urban Outcasts: A Comparative Sociology of Advanced Marginality*, Malden: MA, Polity.
- Wade P. (1997), *Race and Ethnicity in Latin America*, Sterling, VA, Pluto.
- Wake, C. (1980), *Vikas: Evolution in Nepal*, Kathmandu, Centre for Nepal and Asian Studies, Tribhuvan University.
- Waldinger, R. (1989), "Structural opportunity or ethnic advantage? Immigrant business development in New York", in *International Migration Review*, pp. 48-72.
- \_\_\_\_\_ "Immigration and urban change", in *Annual Review of Sociology*, 15(1), pp. 211-232.
- \_\_\_\_\_ (1993), "The ethnic enclave debate revisited", in *International journal of urban and regional research*, 17(3), pp. 444-452.
- \_\_\_\_\_ (1995), "The 'other side' of embeddedness: A case-study of the interplay of economy and ethnicity", in *Ethnic and racial studies*, 18(3), pp. 555-580.
- Waldinger, R. & Fitzgerald, D. (2004), "Transnationalism in question", in *American Journal of Sociology*, 109(5), pp. 1177-1195.



- Waldinger, R., R. Ward e H. Aldrich (1985), "Ethnic Businesses and Occupational Mobility in Advanced Societies", in *Sociology*, Vol. 19, No. 4, pp. 586-597.
- (1990), *Ethnic Entrepreneurs: Immigrant business in industrial societies* (Vol. 1), Sage Publications.
- Wallerstein, I. (1974), "The rise and future demise of the world capitalist system: Concepts for comparative analysis", in *Comparative studies in society and history*, 16(4), pp. 387-415.
- (1979), *The Capitalist World Economy*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Wasserman, S. & Faust, K. (1994), *Social network analysis: Methods and applications* (Vol. 8), Cambridge University Press.
- Weber, M. (1922), *Comunidades étnicas.*, Economia e Sociedade, 1.
- Weiner, M. (1991), "Peoples and States in a New Ethnic Order?", in *Third World Quarterly* 13, pp. 317-33.
- Westwood, S., & Bhachu, P. (2004), *Enterprising women: ethnicity, economy and gender relations*, Routledge.
- Whelpton, J. (1983), *Jang Bahadur in Europe: the First Nepalese Mission to the West*, Kathmandu, Sahayogi Press [tradução de uma obra escrita por um dos membros da comitiva de Jung Bahadur à Europa].
- (2005), *A History of Nepal*, Cambridge University Press, Cambridge.
- White, M. (ed) (2016), *International Handbook of Migration and Population Distribution*, Dordrecht, Heidelberg, New York, London, Springer.
- Wilce, J. M. (2000), "The poetics of "madness": Shifting codes and styles in the linguistic construction of identity in Matlab, Bangladesh", in *Cultural Anthropology*, 15(1), pp. 3-34.
- Willer, R. (2009), "Groups reward individual sacrifice: The status solution to the collective action problem.", in *American Sociological Review*, 74(1), pp. 23-43.
- Williams, N. (1988), "Role making among married Mexican American women: Issues of class and ethnicity", in *The Journal of applied behavioral science*, 24(2), pp. 203-217.

- Williams, N. E., Thornton, A., & Young-DeMarco, L. C. (2014), "Migrant values and beliefs: How are they different and how do they change?" in *Journal of ethnic and migration studies*, 40(5), pp. 796-813.
- Wilson, K. L. e A. Portes (1980), "Immigrant enclaves: An analysis of the labor market experiences of Cubans in Miami.", in *American Journal of Sociology*, 86(2), pp. 295-319.
- Wilson, M. S. e M. A. Dalton (1998), *International Success: Selecting, Developing, and Supporting Expatriate Managers: Selecting, Developing, and Supporting Expatriate Managers*, Center for Creative Leadership.
- Wiltshire, R., Basch, L., Wiltshire, W., & Toney, J. (1990), *Caribbean transnational migrant networks: Implications for donor societies*, Ottawa, Canada: International Development Research Centre.
- Winch, P. (1990), *The Idea of a Social Science and its Relation to Philosophy* (second edition), London.
- Winland, D. (1995), "We are Now an Actual Nation: The Impact of National Independence on the Creation Diaspora in Canada", in *Diaspora* 4, pp. 3-30.
- Wimmer, A. e N. Glick Schiller (2002), "Methodological Nationalism and Beyond: Nation-State Building, Migration and the Social Sciences", in *Global Networks* 2, (4), Malden: MA, Chichester, John Wiley & Sons, pp. 301-334.
- \_\_\_\_\_ (2003), "Methodological nationalism, the social sciences, and the study of migration: an essay in historical epistemology", in *International migration review*, 37(3), pp. 576-610.
- Wong, M. G. & Hirschman, C. (1979), *The New Asian Immigrants*, NY.
- Woolcock, M. e D. Narayan (2000), "Social capital: Implications for development theory, research, and policy.", in *The world bank research observer*, 15(2), pp. 225-249.
- World Bank Group (2002), *World Development Indicators*, International Economics Dept., Development Data Group, World Bank.
- \_\_\_\_\_ (2011), "Large-scale migration and remittance in Nepal: issues, challenges, and opportunities", in *South Asia Region: Poverty reduction and economic management sector unit*, World Bank.

- World Migration Report (2010), *The Future of Migration: Building Capacities for Change*, Geneva, IOM.
- Yadav, P. (2016), *Social Transformation in Post-Conflict Nepal: A Gender Perspective*, Routledge, London.
- Yamanaka, K. (2003), "Transnational activities for local survival: A community of Nepalese visa-overstayers in Japan", in *Kroeber Anthropological Society Papers*, pp. 146-167.
- Yelvington, K. (2001), "The anthropology of Afro-Latin America and the Caribbean: Diasporic dimensions", in *Annual Review of Anthropology* 30, pp. 227-260.
- Zapalska, A. M., & Edwards, W. (2001), "Chinese entrepreneurship in a cultural and economic perspective", in *Journal of small business management*, 39(3), pp. 286-292.
- Zelinsky, W. (1971), "The Hypothesis of the Mobility in Transition", in *Geographical Review*, 61, pp. 219-249.
- \_\_\_\_\_ (1983), "The Impasse in Migration Theory: a Sketch Map for Potential Escapees", in Morrisson, PA, ed. (1983) *Population Movements: Their Forms and Their Functions in Urbanization and Development*, Liège, Belgium, Ordina Editions, pp. 19-46.
- \_\_\_\_\_ (1998), "Heterolocalism: An Alternative Model of the Sociospatial Behavior of Immigrant Ethnic Communities", in *International Journal of Population Geography*, 4:4, pp. 1-18.
- \_\_\_\_\_ (2001), "The world and its identity crisis", in eds. K. Till, S. Hoelscher, and P. Adams, *Textures of Place*, Minneapolis: University of Minnesota Press, pp. 129-149.
- Zenner, W. P. (1991), *Minorities in the middle: A cross-cultural analysis*, SUNY Press.
- Zharkevich, I. (2009), "A new way of being young in Nepal: The idea of Maoist youth and dreams of a new man.", in *Studies in Nepali History and Society*, 14(1), pp. 67-105.
- Zhou, M. & Logan, J. R. (1989), "Returns on human capital in ethnic enclaves: New York City's Chinatown", *American sociological review*, pp. 809-820.
- Zhou, M. & Portes, A. (1992), "Gaining the upper hand: Economic mobility among immigrant and domestic minorities", in *Ethnic and racial studies*, 15(4), pp. 491-522.

- Zivetz, L. (1992), *Private enterprise and the state in modern Nepal*, Madras: Oxford University Press.
- Zolberg, A. (1981), "International Migration in Political Perspective", in eds. Mary Kritz, C. Keely and S. Tomasi, *Global Trends in Migration: Theory and Research in International Population Movements*, Center for Migration Studies.
- \_\_\_\_\_ (1983), "Contemporary transnational migrations in historical perspective: patterns and dilemmas", in *U.S. immigration and refugee policy: global and domestic issues*, Edited by Mary M. Kritz. Lexington, Mass., Lexington Books, pp. 15-51.
- \_\_\_\_\_ (1999), "Matters of State: Theorizing Immigration Policy", in *The Handbook of International Migration: The American Experience*, ed. Charles Hirschman, P. Kasinitz e J. DeWind, New York, Russell Sage Foundation.
- Zubrzycki, J. (1981), "Migration in Australasia and the South Pacific", in *Global Trends in Migration: Theory and Research in International Population Movements*, ed. Mary Kritz, C. Keely and S. Tomasi, New York, Center for Migration Studies, pp. 158-180.

## Mídia Online:

Aarthik Abhiyan Daily: <http://www.abhiyan.com.np/>

Agence France Presse: <https://www.afp.com/en>

Asian Development Bank: [www.adb.org/](http://www.adb.org/)

Bigul News: <https://bigulnews.com/>

Brigade of Gurkhas - The British Army: <https://www.army.mod.uk/who-we-are/corps-regiments-and-units/brigade-of-gurkhas/>

Britain-Nepal Academic Council (2018): <http://bnac.ac.uk/publications/>

Britain-Nepal Chamber of Commerce: <https://nepal-trade.org.uk/>

Cbs - Central Bureau of Statistics, Nepal (publications 2009-2018): [www.cbs.gov.np/](http://www.cbs.gov.np/)

- Ceias - Centre D'Études de L'Inde et de L'Asie du Sud, EHESS:  
<https://www.ehess.fr/fr/centre-d%C3%A9tudes-linde-et-lasie-sud-ceias>
- Center for Comparative Immigration Studies, UC San Diego: <https://ccis.ucsd.edu/>
- Central Bureau of Statistics of Nepal (CBS): <http://www.cbs.gov.np/>
- Centre for Migration and Development, Princeton: <https://cmd.princeton.edu/>
- Centre for Nepal Studies, UK (CNSUK): <http://www.cnsuk.org.uk/>
- Centre of South Asian Studies, Cambridge: <http://www.s-asian.cam.ac.uk/>
- Centro de Estudos Sobre a Mudança Económica/ISCTE: [www.dinamiacet.iscte-iul.pt](http://www.dinamiacet.iscte-iul.pt)
- Ceslam - Enumerating Migration in Nepal:  
<https://www.ceslam.org/files/Eumerating%20Migration%20in%20Nepal.pdf>
- Chitawan Online News Service: <http://www.chitawan.com/>
- Cia World Factbook: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/>
- Comissão de Assuntos Parlamentares, Direitos , Liberdades e Garantias - Parecer sobre o Relatório de Segurança Interna (2017, pp. 15), disponível em:  
[app.parlamento.pt/webutils/docs/doc.pdf?path=6148523063446f764c324679626d56304c334e706447567a4c31684a53556c4d5a5763765130394e4c7a464451554e45544563765247396a6457316c626e52766330567564476c6b5957526c6330563464475679626d467a4c32466c4f5746694d6a4a684c545931596d4d744e444d324e7931684d7a67324c5467334d4746685a4445794e6a41775a6935775a47593d&fich=ae9ab22a-65bc-4367-a386-870aad12600f.pdf&Inline=true](http://app.parlamento.pt/webutils/docs/doc.pdf?path=6148523063446f764c324679626d56304c334e706447567a4c31684a53556c4d5a5763765130394e4c7a464451554e45544563765247396a6457316c626e52766330567564476c6b5957526c6330563464475679626d467a4c32466c4f5746694d6a4a684c545931596d4d744e444d324e7931684d7a67324c5467334d4746685a4445794e6a41775a6935775a47593d&fich=ae9ab22a-65bc-4367-a386-870aad12600f.pdf&Inline=true)
- Compas Oxford - Centre on Migration, Policy and Society:  
<https://www.compas.ox.ac.uk/>
- Consulado do Nepal em Barcelona: <http://www.consuladodenepal.org/>
- Consulado do Nepal em Lisboa: <http://www.consuladodonepal.pt/?lang=pt>
- Country Economy Analysis - Nepal (2017): <https://countryeconomy.com/hdi/nepal>
- Cslm or Ceslam - *Center for the Study of Labour and Mobility*, Catmandu:  
<https://www.ceslam.org/>
- Daily News Nepal: <https://dailynewsnepal.com/>
- Deutsche Welle (2018): <https://www.dw.com/en/illegal-immigrants-provide-cheap-labor-in-portugals-agricultural-sector/a-43039465>
- Digital Himalaya [Journals of Himalayan Studies]:  
<http://www.digitalhimalaya.com/collections/journals/>
- Dn (Novembro de 2016): <https://www.dn.pt/sociedade/interior/nepaleses-vitimas-de-escravidao-ja-trabalham-e-estudam-engenharia-5496041.html>
- Embassy of Nepal in Belgium: <https://be.nepalembassy.gov.np/>

Embassy of Nepal in London (also accredited to Ireland and Malta):  
<https://uk.nepalembassy.gov.np/>

Embassy of Nepal in Paris: <http://www.nepalembassyparis.gov.np/en/index.php>

Embassy of Nepal in Rome: <http://embassyrome.com/nepalese/>

Embassy of Nepal in Washington: <https://us.nepalembassy.gov.np/>

Ess - European Social Survey: [www.europeansocialsurvey.org](http://www.europeansocialsurvey.org)

Ethnicity, Race and Migration Program, Yale: <https://erm.yale.edu/>

European Agenda on Migration: [https://ec.europa.eu/home-affairs/what-we-do/policies/european-agenda-migration\\_en](https://ec.europa.eu/home-affairs/what-we-do/policies/european-agenda-migration_en)

European Bulletin of Himalayan Research - EBHR (2014-2018):  
<http://himalaya.socanth.cam.ac.uk/collections/journals/ebhr/pdf/>  
 (exemplo de número acessível em:  
[http://himalaya.socanth.cam.ac.uk/collections/journals/ebhr/pdf/EBHR\\_37.pdf#page=27](http://himalaya.socanth.cam.ac.uk/collections/journals/ebhr/pdf/EBHR_37.pdf#page=27))

European Commission - Migration Priority:  
[https://ec.europa.eu/commission/priorities/migration\\_en](https://ec.europa.eu/commission/priorities/migration_en)

Eurostat: <https://ec.europa.eu/eurostat>

Fmi: [www.imf.org/](http://www.imf.org/)

Free Health Nepal: <https://www.facebook.com/Free-Health-Nepal-905296396203400/>

Friedrich Ebert Foundation Office, Lalitpur, Nepal: <https://www.facebook.com/FESNP>  
 e <http://www.nepaldemocracy.org/>

Gurkha International Group: <http://www.gurkha.com.hk/contact-us>

Hello Khabar News: <http://hellokhabar.com/>

[Http://ceemr.uw.edu.pl/vol-1-no-1-december-2012/articles/immigrant-self-employment-definitions-concepts-and-methods](http://ceemr.uw.edu.pl/vol-1-no-1-december-2012/articles/immigrant-self-employment-definitions-concepts-and-methods)

[Http://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:524818/FULLTEXT01.pdf](http://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:524818/FULLTEXT01.pdf)

[Http://www.nber.org/chapters/c13502.pdf](http://www.nber.org/chapters/c13502.pdf)

[Http://www.un.org/esa/population/migration/turin/Turin\\_Statements/RATH.pdf](http://www.un.org/esa/population/migration/turin/Turin_Statements/RATH.pdf)

Icc - International Chamber of Commerce: <https://www.iccwbo.org>

Iids - Institute for Integrated Development Studies: [www.iids.org.np/](http://www.iids.org.np/)

Indexmundi - <https://www.indexmundi.com/>

Ine - Instituto Nacional de Estatística:  
[https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine\\_main&xpid=INE](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_main&xpid=INE)

Image Channel Nepal: <http://imagechannel.com.np/>

Immigration and Integration Project, Stanford:  
<https://tec.fsi.stanford.edu/research/immigration-and-integration-project>

Immigration Policy Lab, Stanford/Zurich: <https://immigrationlab.org/>

Institut des Migrations: [icmigrations.fr/](http://icmigrations.fr/)  
Isca Oxford - Institute of Social and Cultural Anthropology: <https://www.isca.ox.ac.uk/>  
Jagran News: <https://www.jagran.com/>  
Kantipur National Daily: <https://www.kantipurdaily.com/>  
Maiti Nepal, founded by Anuradha Koirala: <https://www.facebook.com/Nepalmaiti/>  
Ministry of Finance - Nepal: <http://mof.gov.np/en/introduction-61.html>  
Ministry of Foreign Affairs - Nepal: <https://mofa.gov.np/>  
Ministry of Home Affairs - Nepal: <http://moha.gov.np/>  
Ministry of Industry, Commerce and Supplies - Nepal: <http://www.moi.gov.np/>  
Mpi - Migration Policy Institute: <https://www.migrationpolicy.org/>  
My Republica News Portal: <https://myrepublica.nagariknetwork.com/>  
NdTv Nepal: <https://www.ndtv.com/>  
Nepal-Britain Chamber of Commerce and Industry: <http://www.nbcci.org.np/>  
Nepal Journals Online [service providing access to Nepalese published research]:  
<https://www.nepjol.info/>  
Nepal News: <http://www.nepalnews.com/>  
Nepal Public Health Foundation: <https://www.facebook.com/nphfoundation/>  
Nepal Rastra Bank - Central Bank of Nepal: <https://www.nrb.org.np/>  
Nepalese Expatriates in Italy: <http://www.expats.com/en/network/nepalese/in/23-italy/>  
Nepalese Living in Denmark:  
[https://www.facebook.com/groups/607020296028064/?ref=br\\_rs](https://www.facebook.com/groups/607020296028064/?ref=br_rs)  
Nepalese Society in Portugal: <https://www.facebook.com/groups/244933485527463/>  
Nepalese Students Community, Belgium:  
<https://www.facebook.com/nepalesestudentsbelgium/>  
Nepalese Women's Society UK: <https://www.facebook.com/Nepalese-Womens-Society-826497694093104/>  
Nepali Patra: <http://www.nepalipatra.com/>  
Nepali Students in Norway: <https://www.facebook.com/groups/nepalistsudentsnorway/>  
Nepali Times: <https://www.nepalitimes.com/>  
Nepali Wave News - Lisbon: <https://www.facebook.com/anita.shrestha.5439>  
Nepali Wave News - London: <https://www.facebook.com/nepali.wave>  
Netmaps: [www.netmaps.es/](http://www.netmaps.es/)  
Nids: <http://www.nids.org.np/>  
Nrna Global: <https://www.nrna.org/>  
Nrna Italy: <https://nrnaitaly.com/for-nepali-by-nepali/>  
Nrna Portugal: <https://pt.nrna.org/>



Nrna UK: <https://uk.nrna.org/>

Nrna US: <https://us.nrna.org>

Observador (Março de 2016): [observador.pt/especiais/imigracao-ilegal-ha-lojas-indianos-serem-exploradas-grupos-criminosos/](http://observador.pt/especiais/imigracao-ilegal-ha-lojas-indianos-serem-exploradas-grupos-criminosos/)

Ocde - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico:  
<http://www.oecd.org/>

Oim - Organização Internacional para as Migrações: <https://www.iom.int/>

Oim - World Migration Report 2018: <http://www.iom.int/wmr/world-migration-report-2018>

Oms - Organização Mundial de Saúde (2018),  
[apps.who.int/iris/bitstream/10665/161133/1/B4946.pdf](http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/161133/1/B4946.pdf) (2013), e vários outros documentos produzidos pela OMS (nas referências bibliográficas)

Onu: [www.un.org/en/](http://www.un.org/en/)

Ordem dos Advogados (Abril de 2017), onde há referência às Operações Pokhara, Catmandu 1 e Catmandu 2:  
<https://portal.oa.pt/comunicacao/imprensa/2017/04/05/vitimas-de-traffic-de-pessoas-quadruplicam/>

Oxford Dictionaries: <https://en.oxforddictionaries.com/>

Pew Research Centre - Nepalese in the U.S. Fact Sheets:  
<http://www.pewsocialtrends.org/fact-sheet/asian-americans-nepalese-in-the-u-s/>

Pj: <https://www.policiajudiciaria.pt/>

Pokhara News: <https://pokharanews.com/>

Pordata: <https://www.pordata.pt/>

Portugal Resident: <http://portugalresident.com/>

Pramod Dhakal/investigador e Open University of Nepal/Canadá:  
<http://cffn.ca/2000/03/pramod-dhakal/> e <http://cffn.ca/oun/>

Público (Abril de 2017): <https://www.publico.pt/2017/04/05/sociedade/noticia/pelo-menos-15-portugueses-sentamse-no-banco-dos-reus-acusados-de-traffic-1767699>; ou  
<https://www.publico.pt/2017/04/05/sociedade/noticia/vitimas-de-traffic-de-seres-humanos-quadruplicou-e-e-o-maior-numero-de-sempre-1767650>

Relatório do Observatório do Tráfico de Seres Humanos - Ministério da Administração Interna (2017):  
[file:///C:/Users/User/Downloads/OTSH\\_relatorio\\_anual\\_TSH\\_2016\\_versao%20final\\_31%20marco\\_2017.pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/OTSH_relatorio_anual_TSH_2016_versao%20final_31%20marco_2017.pdf)

Revista Análise Social: <http://analisesocial.ics.ul.pt/>

Revista Migrações/ACM: <https://www.om.acm.gov.pt/publicacoes-om/revista-migracoes>

Saarc - *South Asian Association for Regional Cooperation*: <http://www.saarc-sec.org/>  
Saarc Group on Statistics: <http://www.saarcstat.org/content/welcome-saarcstat>  
Samadan News: <http://www.samadhannews.com/>  
Sef - Serviço de Estrangeiros e Fronteiras: <https://www.sef.pt/pt/Pages/homepage.aspx>  
Sef (2016): [https://www.sef.pt/portal/v10/PT/asp/noticias/Noticias\\_Detalhe.aspx?id\\_linha=7032](https://www.sef.pt/portal/v10/PT/asp/noticias/Noticias_Detalhe.aspx?id_linha=7032)  
Sgmai - Secretaria Geral do Ministério da Administração Interna, Portugal:  
<https://www.sg.mai.gov.pt/Paginas/default.aspx>  
Sic (Julho de 2016): <http://sicnoticias.sapo.pt/pais/2016-07-06-Nepaleses-resgatados-de-propriedade-agricola-podem-ficar-em-Portugal>  
SociNova: [cesnova.fcsh.unl.pt](http://cesnova.fcsh.unl.pt)  
Socius: <http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/publicacoes/index.shtml>  
South Asia Research Cluster (Sarc), Wolfson College, Oxford:  
<https://www.wolfson.ox.ac.uk/clusters/south-asia>  
South Asian Studies - School of Interdisciplinary Area Studies, Oxford:  
<http://www.southasia.ox.ac.uk/>  
Suresh Devare - Political Science (2018):  
<https://scholar.google.co.in/citations?user=T0B1tNEAAAAJ&hl=en>  
The Asia Foundation - Nepalese Migration: A Status Report:  
<https://asiafoundation.org/2018/06/06/nepalese-labor-migration-a-status-report/>  
The Gorkha Post: <http://www.gorkhapost.com/>  
The Gurkha Brigade Association:  
<https://www.facebook.com/TheGurkhaBrigadeAssociation/>  
The Himalayan Times: <https://thehimalayantimes.com/>  
The Kathmandu Post: <http://kathmandupost.ekantipur.com/>  
The Official Portal of the Government of Nepal: <https://www.nepal.gov.np/>  
The Rising Nepal: <http://therisingnepal.org.np/>  
Trabalhadores Nepaleses em Portugal - Tráfico de Seres Humanos - Condenação:  
<https://www.youtube.com/watch?v=N5NfZ7Ez2YM> (Setembro de 2017)  
Unesco - Institute of Statistics: <http://uis.unesco.org/>  
Unicef: <https://www.unicef.org/>  
United States Department of Homeland Security: <https://www.dhs.gov/>  
United States Geological Survey (2016-108): <https://www.usgs.gov/> e  
<https://twitter.com/USGS>  
UK Government Statistics: <https://www.gov.uk/government/statistics>  
UK Home Office: <https://www.gov.uk/government/organisations/home-office>  
UK Office for National Statistics: <https://www.ons.gov.uk/>

UK Visas and Immigration - Part of UK Home Office:

<https://www.gov.uk/government/organisations/uk-visas-and-immigration>

UN Women: [www.unwomen.org/](http://www.unwomen.org/)

Wave Magazine Nepal: <https://wavemag.com.np/>

Wenner-Gren Foundation: <http://www.wennergren.org/about>

World Bank Group: [www.worldbank.org/](http://www.worldbank.org/)

World Population Review: [worldpopulationreview.com/](http://worldpopulationreview.com/)

Wto - World Trade Organization: <https://www.wto.org/>